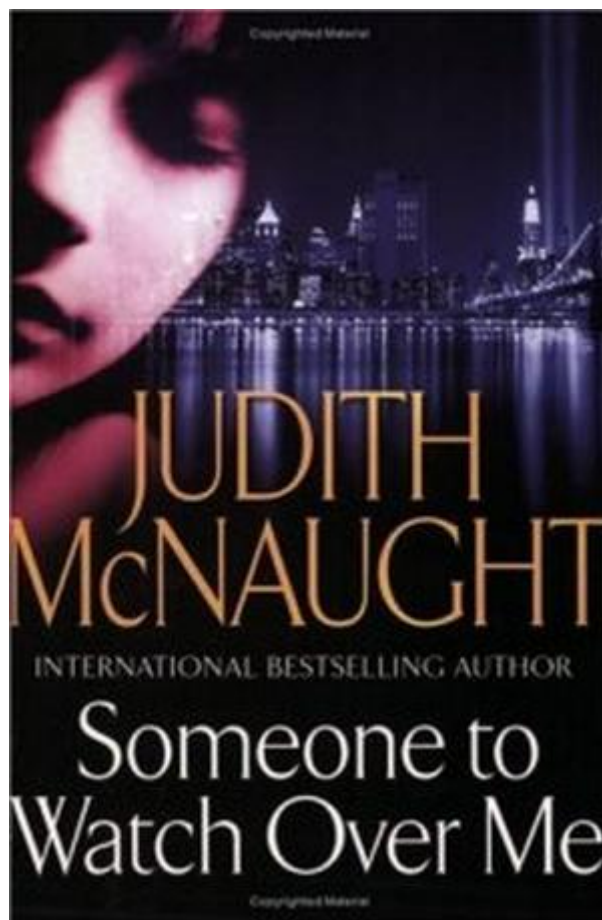


Alguém que cuide de mim

Alguém Que cuide de mim
Judith McNaught
Someone to watch over me



A bem-sucedida atriz Leigh Kendall vai para norte de Nova York para encontrar seu marido para ver o local para construir sua casa dos sonhos. Enquanto dirigia na noite de inverno, uma tempestade de neve repentina faz com que perca o controle do carro.

Quando ela acorda no hospital, gravemente ferida, a polícia informa que seu marido havia desaparecido misteriosamente e Leigh, embora, obviamente perturbada, se torna o foco de suas suspeitas. Quanto mais descobre sobre o marido e os seus negócios, menos que ela percebe que sabia sobre Logan Manning. Agora, Leigh está caminhando cada vez mais profundo em um território desconhecido ... onde amigos e inimigos são impossíveis de distinguir, e onde a verdade se torna a arma mais terrível de todos.

Situação: Traduzido Por fãs
Tradução e Revisão: Lilith&amigos
(relação no final)



Capítulo 1

— Senhora Kendall, pode me ouvir? Sou o doutor Metcalf e você está no Hospital Bom Samaritano, em Mountainside. Agora vamos tirá-la da ambulância e levá-la a sala de emergência.

Tremendo incontrolavelmente, Leigh Kendall reagiu a insistente voz masculina que a chamava de volta a consciência, mas não conseguia reunir forças necessárias para abrir os olhos.

— Pode me ouvir, senhora Kendall?

Com esforço, ela finalmente conseguiu abrir os olhos. O médico que falava estava inclinado sobre ela, examinando sua cabeça, e ao lado dele uma enfermeira segurava uma bolsa plástica com soro fisiológico.

— Vamos tirá-la da ambulância —repetiu enquanto iluminava as pupilas com o feixe de uma pequena lanterna.

— Preciso... dizer... ao meu marido que estou aqui —conseguiu balbuciar Leigh com um fio de voz.

Ele assentiu e apertou sua mão para tranquilizá-la.

— A polícia Estadual cuidará disso. Enquanto isso, você tem uma grande quantidade de fãs no Bom Samaritano, incluindo eu, e nós vamos cuidar muito bem de você.

Vozes e imagens começaram a flutuar para Leigh de todas direções quando a maca foi retirada da ambulância. Luzes vermelhas e azuis pulsavam freneticamente contra o céu cinzento do amanhecer. Pessoas de uniforme passaram na frente de seu campo visual: policiais do estado de Nova Iorque, paramédicos, médicos, enfermeiras.

Quando as portas abriram, o corredor voou junto a ela e muitas caras a rodearam e a encheram de perguntas.

Leigh tratou de se concentrar, mas suas vozes se transformaram em um murmúrio incompreensível e as feições dessas pessoas deslizavam de seus rostos e se dissolviam na mesma escuridão que já tinha devorado o resto do quarto.

Quande Leigh voltou a despertar estava escuro lá fora e caía uma neve suave. Enquanto se esforçava para livrar-se dos efeitos das drogas que lhe injetavam no soro acima de sua cabeça, observou como que por entre névoas o que parecia ser um quarto de hospital repleto por uma incrível quantidade de flores.

Sentada em uma cadeira perto do pé da cama, rodeada por uma cesta enorme de orquídeas brancas e um grande vaso de brilhantes rosas amarelas, uma enfermeira de cabelos grisalhos estava lendo um exemplar do New York Post com imagem de Leigh na primeira página.

Leigh girou a cabeça, tanto quanto o colar no pescoço permitia, em busca de algum sinal de Logan, mas por enquanto, ela estava sozinha com a enfermeira. Experimentalmente, ela moveu o pernas e mexeu os dedos dos pés, e ficou aliviada

ao encontrá-los ainda ligado ao resto dela, em razoável bom estado de funcionamento. Seus braços estavam enfaixados e a cabeça estava envolta em algo apertado, mas enquanto ela não se movia, seu desconforto parece ser limitado a uma dor generalizada por todo o corpo, uma acentuada dor em suas costelas, e uma garganta tão seca que sentia como se estivesse cheia de serragem.

Estava viva, e isso por si só era um milagre. O fato de que também estivesse inteira e relativamente ilesa encheu Leigh com uma sensação de gratidão e de alegria, que era quase euforia. Engoliu e se obrigou a sussurrar com a garganta ressecada: — Posso tomar um pouco de água?

A enfermeira levantou a vista e em seguida seu rosto se iluminou com um sorriso profissional.

— Está acordada! — Exclamou enquanto rapidamente fechava o jornal, dobrando-o ao meio, e colocando-o virado para baixo sob sua cadeira.

A etiqueta com o nome no uniforme da enfermeira identificou-a como "Ann Mackey, Enfermeira Particular", notou Leigh enquanto observou a enfermeira despejando água de um jarro de plástico rosa na bandeja ao lado da cama.

— Deveria ter um canudo. Vou pegar um.

— Por favor, não se incomode. Estou com muita sede.

Quando a enfermeira começou a aproximar o copo de sua boca, Leigh o tirou.

— Eu posso segurar. — Garantiu ela e depois se surpreendeu com a quantidade de esforço ela teve fazer apenas para levantar o braço enfaixado e sustentar o copo com firmeza. Quando finalmente o entregou vazio à enfermeira, o braço tremia e o peito doía muitíssimo. Perguntando-se se não teria um problema mais sério do que tinha acreditado, Leigh deixou cair a cabeça sobre o travesseiro e reuniu força suficiente para perguntar: — Quais são as minhas reais condições?

A enfermeira Mackey parecia ansiosa por compartilhar com ela seus conhecimentos, mas vacilou.

— Deveria perguntar isso ao doutor Metcalf.

— Farei isso, mas eu gostaria de ouvir agora, dos lábios de minha enfermeira particular. Não contarei a ninguém que você disse alguma coisa.

Era todo o estímulo que ela necessitava.

— Quando a trouxeram, você se encontrava em estado de choque — disse — Tinha contusão, hipotermia, costelas quebradas e a suspeita de lesões nas vértebras cervicais e tecidos adjacentes, ou seja, um golpe bárbaro em termos leigos. Tem várias feridas no couro cabeludo e também ferimentos nos braços, pernas e torso, mas muito poucos na face e tampouco são lesões profundas, o qual é uma bênção. Também tem machucados e arranhões em todo...

Sorrindo tanto quanto era permitido por seus lábios inchados, Leigh levantou uma mão para deter essa ladainha de lesões.

— Tenho algum problema que exija cirurgia?

Surpreendida pela atitude animada de Leigh, a enfermeira respondeu:

— Não, não fará nenhuma operação — respondeu e deu tapinhas leves no ombro de Leigh.

— E fisioterapia?

—Não acredito. Mas estará muito dolorida durante várias semanas e suas costelas vão doer. Os cortes e as queimaduras irão requerer muita atenção, e será preciso ocupar-se da recuperação e as cicatrizes...

Leigh interrompeu com um sorriso esta nova enxurrada de deprimentes detalhes médicos.

—Terei muito cuidado —disse e passou ao único outro tema que lhe passava na mente: —.Onde está meu marido?

A enfermeira Mackey vacilou e depois voltou a lhe dar palmadinhas nas costas.

— Vou procurar saber —prometeu e foi embora, deixando a Leigh uma impressão de que Logan estava em algum lugar próximo.

Esgotada apenas por ter feito algo simples como beber água e falar, Leigh fechou os olhos e tentou juntar o que aconteceu desde o dia anterior, na manhã em que Logan se despediu dela com um beijo...

Estava tão entusiasmado quando ele deixou o Departamento de ambos situado em Upper East Side, tão ansioso por ela acompanhá-lo até as montanhas e passar a noite lá com ele. Por mais de um ano ele havia procurado o lugar perfeito para o refúgio deles na montanha, um lugar isolado que complementaria a ampla casa de pedra que ele tinha desenhado para ambos. Encontrar o lugar adequado era complicado pelo fato de Logan já ter terminado os desenhos, de modo que o lugar devia adaptar-se a esses planos. Na quinta-feira finalmente encontrou uma propriedade que satisfazia todas suas expectativas, e estava tão impaciente para que ela a visse que insistiu que ambos passassem a noite de domingo — a primeira noite disponível para ambos— na cabana que existia nesse terreno.

— A cabana não foi utilizada em muitos anos, mas eu a limparei e a porei em condições enquanto espero sua chegada — prometeu, com um entusiasmo enternecedor pelo fato de ser uma tarefa que sempre tinha evitado. — Não tem eletricidade nem calefação, mas acenderei um bom fogo na lareira e dormiremos nos sacos de dormir frente a esse fogo. Nós vamos ter jantar a luz de velas. Na parte da manhã iremos ver o nascer do sol sobre a copa das árvores. Nossas árvores. Vai ser muito romântico, você vai ver.

O plano de seu marido enchia Leigh de um temor quase divertido. Ela era a protagonista de uma peça de teatro nova que estrara na Broadway na noite anterior, e só tinha dormido por quatro horas. Antes que ela pudesse ir para as montanhas, devia atuar na sessão matinê de domingo, seguido por uma viagem de carro por três horas para uma cabana de pedra inabitável e fria, para que ela pudesse dormir no chão... e então levantar ao amanhecer no dia seguinte.

— Não posso esperar — mentiu convincentemente, mas o que na realidade desejava era voltar a dormir. Eram apenas oito da manhã. Poderia dormir até as dez.

Logan não tinha dormido mais que ela, mas já estava vestido e impaciente

para ir para a cabana.

— Não é um lugar fácil de encontrar, assim desenhei um mapa detalhado com muitas referências para que não se perca — ele disse e pôs uma parte do papel sobre a mesa de cabeceira — Já carreguei o automóvel. Eu acho que tenho tudo que preciso. — ele continuou, inclinando-se sobre ela na cama e pressionando um rápido beijo no rosto — plantas da casa, estacas, corda, uma travessa, sacos de dormir. Eu ainda sinto que estou esquecendo alguma coisa...

— A vassoura, um esfregão e um balde? — Brincou Leigh ainda sonolenta enquanto girava para ficar de bruços na cama — Esfregão? Detergente?

— Desmancha-prazeres — ele brincou e esfregou o pescoço com o nariz, onde sabia que ela tinha cócegas.

Leigh começou a rir, tomou o travesseiro que tinha detrás da cabeça e seguiu ditando a lista de compras para seu marido:

— Desinfetante... armadilhas para ratos..

— Você parece uma mimada, mimada estrela da Broadway — ele riu e tampou-lhe a cara com o travesseiro para que não pudesse continuar com a lista de compras — Onde está seu senso de aventura?

—Ele para em um Hotel Holiday Inn — ela disse com um riso abafado.

— Você gostava de acampar. Você foi a única que me ensinou tudo referente a acampamentos. Você ainda sugeriu irmos acampar na nossa lua de mel!

— Porque não tínhamos dinheiro para ir a um Holiday Inn.

Com uma gargalhada, tirou o travesseiro da cabeça e começou a despenteá-la.

—Faça a viagem diretamente do teatro. Não se atrase. — levantou-se e se dirigiu a porta da suíte. — Eu sei que estou esquecendo de alguma coisa...

— Água potável, velas, uma cafeteira? — entoou Leigh com tom brincalhão. — Comida para o jantar? Uma pera para meu café da manhã?

— Chega de peras. Você está viciada — brincou ele por cima do ombro. — De agora em diante seu café da manhã será flocos de trigo e ameixas.

—Sádico — murmurou ela contra o travesseiro. Um momento depois ouviu o ruído da porta que se fechava detrás de seu marido e se deitou de costas e sorriu enquanto olhava pelas janelas do quarto que davam para o Central Park. O entusiasmo de Logan por essa propriedade nas montanhas era contagioso, mas o que mais importava a Leigh era vê-lo tão animado e alegre. Os dois eram tão jovens e tão pobres quando se casaram, treze anos antes, que trabalhar duro era uma necessidade que logo se tornou em hábito. No dia de seu casamento, o capital de ambos era de oitocentos dólares, somados ao recente diploma de arquiteto obtido por Logan, as relações sociais da mãe dele e o talento de atuação de Leigh, ainda não posto a prova; isso e a profunda fé que cada um tinha no outro.

Somente com essas ferramentas tinham construído uma vida maravilhosa juntos, mas durante os últimos meses estiveram tão concentrados em seus respectivos trabalhos que a vida sexual de ambos era quase inexistente. Ela estava imersa na loucura da estreia de uma nova peça teatral e Logan, nas intermináveis complexidades de seu último e mais importante e arriscado projeto.

Enquanto seguia recostada, observando as nuvens que começavam a cobrir esse céu de novembro, Leigh decidiu que adorava a perspectiva de passar a noite em frente a um fogo aceso, sem outra atividade possível que fazer amor com seu marido. Os dois queriam ter um filho, e de repente ela percebeu que inclusive era o momento perfeito para ficar grávida. Imaginava entre sonhos o que seria essa noite quando Hilda entrou no dormitório vestindo seu casaco e levando a bandeja com o café da manhã.

— O senhor Manning me disse que estava acordada, assim que lhe trouxe o café da manhã antes de ir — explicou. Aguardou que Leigh levantasse da cama e então lhe entregou a bandeja que continha seu café da manhã ritual: queijo cottage, uma pera e café.

— Já ordenei tudo depois da festa. Deseja que faça algo mais antes de ir ?

— Não, nada. Desfrute de seu dia livre. Pensa em dormir na casa de sua irmã em Nova Jersey esta noite?

Hilda assentiu.

— Minha irmã comentou que teve muito boa sorte ultimamente no Harrah's. Me ocorreu que podíamos ir ali juntas.

Leigh reprimiu um sorriso porque, sabia que Hilda não tinha nenhuma debilidade humana... salvo as máquinas caça-niqueis do Atlantic City.

— Nós não vamos estar aqui até amanhã bem tarde. — disse Leigh quando um pensamento ocorreu — Eu terei que ir diretamente ao teatro e o senhor Manning deve participar de um jantar que durará até muito tarde. Não há realmente necessidade de você estar aqui amanhã a noite. Por que não passa os dois dias com sua irmã e prova a sorte nas máquinas caça-niqueis de outros cassinos?

A ideia de dois dias livres seguidos gerou em Hilda um conflito interior que refletiu em seu rosto e que fez com que Leigh reprimisse outro sorriso. Na Guerra contra a Sujeira e a Desordem, Hilda Brunner era um general militante e incansável que partia para a batalha cotidiana armada com um aspirador, todo o tipo de produtos de limpeza e uma expressão decidida que pressagiava um certo ataque contra toda partícula estranha. Para Hilda, ter dois dias livres seguidos equivalia a um retiro voluntário, e isso era algo praticamente impensável. Por outro lado, se aceitava a sugestão de Leigh poderia passar dois dias completos com sua irmã em frente as máquinas caça-niqueis. Passeou a vista por esse dormitório imaculado — que era seu campo de batalha pessoal — para tratar de avaliar de antemão a gravidade do dano que poderia apresentar se ela estivesse ausente dois dias completos.

— Eu gostaria de pensar sobre isso.

— É obvio — disse Leigh, tentando manter-se séria. — Hilda — chamou quando a alemã se encaminhava para a porta.

— Sim, senhora Manning?

— Você é um verdadeiro tesouro.

* * *

Leigh acreditava que poderia abandonar o teatro às quatro da tarde, mas o diretor e o autor da obra quiseram fazer algumas pequenas mudanças em duas de

suas cenas depois de assistir o desempenho da sessão vespertina, e logo mantiveram uma discussão interminável com respeito a quais seriam essas mudanças, para o qual provaram primeiro uma variação e logo outra. Como resultado, eram mais das seis da tarde quando Leigh finalmente conseguiu empreender a viagem para as montanhas.

A névoa em algumas áreas e uma neve suave fizeram que demorasse mais tempo em sair da cidade. Leigh tentou duas vezes falar com Logan por seu telefone celular para avisar que chegaria mais tarde, mas sem dúvida ele tinha deixado seu telefone em algum lugar onde não podia ouvi-lo ou a cabana estava fora do alcance de seu serviço celular.

Assim deixou mensagens na secretária eletrônica.

Quando finalmente chegou às montanhas nevava forte e o vento aumentava. O sedan Mercedes de Leigh era pesado e funcionava bem, mas conduzi-lo nessas circunstâncias era perigoso, pois a visibilidade era pouca e ela só podia ver pouco mais de quatro metros a frente do capô de seu automóvel. Por momentos era impossível ver os enormes placas de sinalização e muito menos descobrir os pequenos pontos de referência que Logan havia colocado em seu mapa. Os restaurantes e as estações de serviço que normalmente estariam abertos às dez da noite encontravam-se fechados, e suas áreas de estacionamento estavam vazias. Em duas oportunidades Leigh voltou, convencida de que passara por cima um ponto de referência ou um caminho. Mas não havendo nenhum lugar para parar e pedir indicações, não teve outra alternativa senão continuar dirigindo e ficar bem alerta.

Quando já devia encontrar-se a poucos quilômetros da cabana, virou por um atalho sem sinalização, com uma cerca que o cruzava e acendeu a luz interior do automóvel para estudar uma vez mais as indicações de Logan. Estava quase certa de ter passado por cima de um desvio localizado a três quilômetros atrás, que Logan descrevera "*sessenta metros ao sul de uma curva pronunciada do caminho, justo depois de um pequeno celeiro vermelho*". Com um manto de neve de pelo menos quinze centímetros que cobria tudo, o que parecera um pequeno celeiro bem poderia ter sido um enorme abrigo negro, um galpão baixo ou uma pilha de vacas congeladas, mas decidiu que devia retroceder e descobrir se era assim.

Acionou a caixa de marchas do Mercedes e fez um cauteloso giro em U.

Quando encontrou a curva pronunciada que estava procurando reduziu ainda mais a marcha e tratou de descobrir um caminho de entrada de cascalho, mas a área era muito aberta e o terreno, muito íngreme para que alguém tivesse construído ali um atalho. Acabava de levantar o pé do pedal do freio e começava a acelerar quando o feixe de um par de faróis largos brotou da escuridão atrás dela ao girar na curva e com aterradora velocidade cobriu a distância que o separava dela. Nesse caminho coberto de neve Leigh não podia mudar rápido a marcha e o outro condutor tampouco parecia poder reduzi-la. Girou para o lado contrário para evitar o choque traseiro, perdendo o controle do veículo e batendo na porta lateral de Leigh.

A lembrança do que ocorreu a seguir foi horrível: a explosão dos airbags, o

ruído do metal torcendo, quebrando os vidros quando a Mercedes capotou caindo num barranco escarpado. O automóvel bateu contra o tronco de várias árvores e depois contra umas rochas em uma prolongada série de pequenas explosões quando mais de duas toneladas de aço destroçado detiveram sua queda.

Preso ao seu cinto de segurança, Leigh ficou pendurada de cabeça para abaixo como um morcego, enquanto uma luz começava a explodir em volta dela. Luz intensa. Luz colorida. Cor amarela, alaranjada e vermelha. Fogo!

Um terror interno aguçou seus sentidos. Encontrou a fivela do cinto de segurança, acionou-a e caiu com força sobre o teto do automóvel capotado e, entre gemidos, tratou de sair pelo buraco que havia sido o vidro da janela de passageiro. Sangue, pegajoso e úmido, cobria-lhe os braços e as pernas e gotejava em seus olhos. Seu casaco era muito grosso para permitir sua passagem pela abertura e se esforçava para sair quando o que segurava a queda do veículo cedeu. Leigh descobriu que gritava quando o automóvel em chamas caiu para frente, rodou e depois pareceu voar pelos ares antes de iniciar uma queda vertical que terminou em um golpe ensurdecedor de água gelada.

Deitada na cama do hospital e com os olhos fechados, Leigh reviveu essa queda e seu coração acelerou. Momentos depois de chocar contra a água, o automóvel iniciou um veloz mergulho vertical para o fundo, e aterrorizada, ela tratou de golpear contra qualquer superfície que seus punhos alcançasse localizou um buraco por cima dela, uma abertura grande e com os pulmões que pareciam estar a ponto de explodir, abriu um caminho e lutou com a pouca força que tinha para chegar à superfície. Parecia que transcorria uma eternidade antes que uma rajada de vento gelado golpeasse seu rosto e ela pudesse aspirar.

Tentou de nadar, mas tinha a sensação de que uma faca lhe cravava no peito com cada respiração, e suas braçadas eram muito fracas e pouco coordenadas para lhe permitir avançar. Continuou nadando na água gelada, mas sentiu que o corpo começava a congelar e nem o pânico que sentia, nem sua decisão lhe proporcionavam suficiente força e coordenação para nadar. Sua cabeça já deslizava por debaixo da superfície da água quando sua mão bateu com algo duro e áspero: o tronco de uma árvore caída e parcialmente submersa. Agarrou-se a ele com todas suas forças e tratou de usá-lo como uma balsa, até que percebeu que essa "balsa" estava parada. Propôs-se a subir no tronco, com uma mão depois outra, e a água começou a retroceder até seus ombros, depois à cintura e finalmente a seus joelhos.

Tremendo e chorando de alegria, espiou por entre a cortina densa de neve mesclada com vento em busca do caminho que o Mercedes devia ter aberto por entre as árvores depois de cair pelo barranco. Não o achou. Não havia nenhuma saliência nenhum caminho. Só um frio que a impregnava até os ossos e afiados ramos que a esbofetearam e a arranharam quando tentou subir pelo barranco em uma parede que não conseguia ver seu fim, para uma estrada que tampouco era seguro que estivesse ali. Tinha uma vaga lembrança de ter alcançado finalmente a parte superior da colina e de ter se deitado sobre algo chato e molhado, mas tudo o que aconteceu depois estava envolto em uma neblina total. Foi um total borrão.

Tudo, exceto uma estranha luz cegante e um homem irritado que a xingava.

* * *

Uma insistente voz masculina fez a Leigh voltar abruptamente para o presente que vinha de um lado de sua cama de hospital.

— Senhorita Kendall? Senhorita Kendall, lamento despertá-la, mas estivemos esperando para falar com você.

Leigh abriu os olhos e viu um homem e uma mulher que tinham no braço grossos blusões de inverno. O homem teria pouco mais de quarenta anos, era baixo e corpulento, e tinha cabelo negro e tez morena. A mulher era notavelmente mais jovem, um pouco mais alta e muito bonita, com cabelo negro e comprido preso em um rabo-de-cavalo.

—Sou o detetive Shrader, do departamento de Polícia da Cidade de Nova Iorque, —disse o homem— e esta é a detetive Littleton. Precisamos fazer algumas perguntas.

Leigh supôs que queriam lhe fazer perguntas sobre o acidente, mas se sentia muito fraca para descrevê-lo duas vezes: uma vez para eles e outra para Logan.

— Poderiam esperar até que meu marido volte ?

— Voltar de onde? —perguntou o detetive Shrader.

— De onde está neste momento.

— E você sabe aonde ele se encontra?

—Não, mas a enfermeira foi buscá-lo.

Os detetives Shrader e Littleton trocaram um olhar.

— Deram instruções a sua enfermeira que nos avisassem quando você recuperasse a consciência. —explicou Shrader. Depois, disse sem rodeios: — Senhorita Kendall, quando foi a última vez que viu seu marido?

Uma inquietante premonição encheu Leigh de medo .

—Ontem, pela manhã, antes que ele partisse para as montanhas. Eu planejava me juntar a ele assim que terminasse minha sessão vespertina, mas não cheguei a cabana —adicionou sem necessidade.

—Ontem foi segunda-feira. Hoje é terça-feira de noite. —disse Shrader com certa cautela—. Você deu entrada no hospital às seis da manhã de ontem.

O medo fez com que Leigh esquecesse seu corpo dolorido.

— Onde está meu marido? —Perguntou enquanto levantava, apoiava-se nos cotovelos e ofegava pela intensa dor que sentia nas costelas—. Por que não está aqui? Qual é o problema? O que aconteceu?

—Provavelmente nada. —se apressou a dizer a detetive Littleton.— Na realidade, o mais provável é que esteja preocupadíssimo, perguntando-se onde estará você. O problema é que não pudemos entrar em contato com ele para informar do que aconteceu com você.

—Faz tempo que estão tentando?

—Desde ontem na primeira hora da manhã, quando a polícia rodoviária do estado de Nova Iorque solicitou nossa assistência. —respondeu Shrader.—

Imediatamente enviamos um de nossos agentes ao Departamento que vocês têm em Upper East Side, mas não havia ninguém ali.

Fez uma pequena pausa, para ter certeza que ela seguia sua explicação. Depois continuou:

—O agente falou com o porteiro do edifício e se inteirou que vocês têm uma empregada chamada Hilda Brunner, e pediu ao porteiro que a avisasse assim que ela retornasse.

Leigh teve a sensação que o quarto começava a girar.

— Alguém falou já com Hilda?

—Sim. —Shrader extraiu uma caderneta do bolso de sua camisa de flanela e consultou suas notas. —O porteiro viu a senhorita Brunner entrar no edifício às quatorze e vinte dessa tarde. Ele notificou ao agente Perkins, que então retornou ao edifício às quatorze e quarenta e falou com ela. Infelizmente, a senhorita Brunner não sabia com exatidão aonde você e seu marido planejavam passar a noite de domingo. O agente Perkins pediu então a senhorita Brunner que revisasse as mensagens que havia na secretária eletrônica telefônica, coisa que ela fez.

Dezessete mensagens se acumularam entre sábado às treze e quatorze e na segunda-feira às quatorze e quarenta e cinco, mas nenhum era de seu marido.

Fechou sua caderneta.

—Até o momento, temo que não pudemos fazer muito mais que isso. Entretanto, — adicionou em seguida— tanto o prefeito como o capitão Holland querem que você saiba que o Departamento de Polícia de Nova Iorque vai ajudá-la em tudo o que esteja a nosso alcance. Por isso estamos aqui.

Leigh se recostou nos travesseiros e tratou de digerir o que parecia ser uma situação aterrorantemente estranha.

—Vocês não conhecem meu marido. Se acreditasse que eu estava desaparecida, não perderia tempo em chamar a polícia. Chamaria a polícia estadual, o governador e a todos os Departamentos de polícia em um raio de duzentos e cinquenta quilômetros. Sairia ele mesmo para me buscar. Alguma coisa aconteceu, algo terrível para...

— Está fazendo muitas hipóteses. — interrompeu com firmeza a detetive Littleton. — Talvez foi impossível usar um telefone ou sair para procurá-la. A nevasca inutilizou o serviço telefônico e elétrico em um raio de cento e sessenta quilômetros, e ainda não se restabeleceu em muitas áreas. Caiu cerca de quarenta e cinco centímetros de neve, que ainda não começou a derreter. Em alguns lugares os bancos de neve alcançam dois metros e meio de altura, e os limpadores de neve só puderam limpar as rotas principais. Os caminhos laterais e os privados estão em sua maior parte intransitáveis.

—A cabana não tem eletricidade nem serviço telefônico, mas sem dúvida Logan levou seu telefone celular. — disse Leigh, cada vez mais frenética.— Sempre o leva consigo, mas ele não tentou telefonar-me nem de aconselhar-me que ficasse em casa, embora soubesse que eu me veria obrigada a conduzir o automóvel em meio de uma forte nevasca. É muito estranho que não tenha feito, que não tenha tentado telefonar.

—O mais provável é que não tenha podido usar seu telefone celular. —disse a detetive Littleton com um sorriso tranquilizador.— O meu não funciona muito bem aqui. Você disse que a cabana não tem eletricidade, de modo que se o telefone celular de seu marido funcionava, é possível que decidisse deixá-lo em um carregador dentro de seu automóvel, em lugar de entrar na cabana. Não esqueça que a nevasca veio muito de repente. Se o seu marido estava tirando uma soneca, ou fazendo alguma coisa, quando começou a nevar, pode ter sido tarde demais para chegar ao seu carro e ao telefone quando ele finalmente percebeu que havia um problema. As nevascas são incríveis.

—Talvez esteja certo. —disse Leigh, agarrando com todas suas forças a plausível teoria de que Logan estava bem mas, impossibilitado de usar seu celular ou de tirar seu jipe de debaixo da neve.

Shrader tirou uma lapiseira do bolso e voltou a abrir sua caderneta.

—Se você nos disser onde está essa cabana, iremos lá dar uma olhada.

Leigh olhou para os dois detetives cada vez mais alarmada.

—Eu não sei aonde fica. Logan me desenhou um mapa para que eu pudesse encontrá-la. Não tem uma direção precisa.

—De acordo. Aonde está esse mapa?

—Em meu carro.

— E onde está seu carro?

—No fundo de um lago ou uma represa, perto do lugar aonde me encontraram. Um momento... eu posso desenhar outro mapa —adicionou rapidamente e estendeu o braço para pegar a caderneta do detetive Shrader.

A fraqueza e a tensão fizeram com que a mão de Leigh tremesse ao desenhar primeiro um mapa e logo outro.

—Acredito que o segundo é o correto. —disse— Logan escreveu notas no mapa que ele desenhou.—adicionou ao virar a página e escrever essas indicações para os detetives.

— Que tipos de indicações?

—Pontos de referência para me ajudar a comprovar que estava aproximando da saída da rodovia. Quando terminou, entregou a caderneta a Shrader, mas falou com Littleton.

—Talvez não estive muito exata nas distâncias. Quero dizer, não estou segura se o mapa de meu marido dizia que devia seguir avançando mil e trezentos metros depois de passar por uma velha estação de serviço e então dobrar à direita ou se eram, ao contrário, novecentos e cinquenta metros. Como compreenderá, estava nevando —disse Leigh enquanto as lágrimas lhe fechavam a voz— e eu não pude localizar alguns dos pontos de referência.

—Nós os encontraremos, senhorita Kendall. —disse Shrader em forma automática, fechou a caderneta e a pôs no bolso.— Enquanto isso, o prefeito, o chefe de polícia e nosso capitão enviam seus respeitos.

Leigh desviou o rosto para ocultar as lágrimas que começavam a brotar de seus olhos.

—Detetive Shrader, agradeceria-lhe muito que me chamasse de senhora

Manning. Kendall é meu nome artístico.

* * *

Nem Shrader nem Littleton falaram até que entraram no elevador e as portas se fecharam.

—Aposto que Manning saiu para procurá-la no meio da nevasca —disse Shrader —Se o fez, já se transformou num picolé.

Samantha Littleton pensou que havia outras explicações possíveis e menos funestas para a ausência de Logan Manning, mas que não valia a pena expor a seu parceiro. Shrader estava de mau humor há dois dias, desde que Holland o tirou dos casos de homicídio em que estava trabalhando e enviou ele e Sam as montanhas. Ela não culpava Shrader por estar furioso e sentir-se insultado por ter transformado no que ele considerava algo assim como "*babá de celebridades*". Shrader era um detetive de homicídios tenaz, responsável e trabalhador em excesso, e possuía uma marca notável quanto a resolver os casos que lhe atribuíam. Ela, em troca, era novata em Homicídios e, na realidade, só a tinham transferido para a Delegacia de polícia Dezoito duas semanas antes, momento em que foi transitoriamente atribuída a Shrader até que seu parceiro habitual retornasse de uma licença por enfermidade. Sam entendia e até compartilhava a urgência de Shrader com respeito aos casos que estavam empilhando na Dezoito, mas se vangloriava de sua própria habilidade para enfrentar frustrações sem as descarregar nos outros. Os deslantes masculinos de irritabilidade e indignação, como os que Shrader vinha tendo há dois dias, eram divertidos, adolescentes e em ocasiões um pouco irritantes, e, às vezes, as três coisas juntas.

Ela havia escolhido uma carreira em um campo dominado por homens machistas, muitos dos quais não gostavam da intromissão de mulheres no que foi seu domínio exclusivo. Mas, a diferença de outras mulheres que pertenciam as forças da ordem, Sam não se sentia obrigada a tentar que seus colegas varões a aceitassem, nem demonstrar que era capaz de competir com eles em seu próprio nível. Ela já sabia que podia fazê-lo.

Tinha crescido junto a seis irmãos briguentos e aos dez anos compreendeu que quando um deles a empurrava, era inútil dar um empurrão mais forte. Era muito mais fácil, e muitíssimo mais satisfatório, simplesmente dar um passo ao lado e, depois, adiantar um pé.

Adulta, tinha convertido essa tática em uma estratégia mental que era inclusive mais fácil executar porque a maioria dos homens ficavam tão desarmados com seu rosto bonito e sua voz suave, que bobamente a tomavam por uma mulher doce, vistosa e fácil de dominar. O fato que os homens a subestimassem, sobre tudo a princípio, não a preocupava absolutamente. Era divertido e lhe proporcionava uma vantagem.

Apesar de tudo isso, Sam realmente gostava dos homens e respeitava a maioria. Mas também os entendia, e isso permitia permanecer serena frente a suas fraquezas e manias. Era pouco o que podiam dizer para escandalizá-la ou zangá-la. Ela tinha sobrevivido a vida com seis irmãos mais velhos. Já tinha ouvido e visto tudo.

Alguém que cuide de mim

— Maldição! —Gritou de repente Shrader e golpeou a parede do elevador com a mão para dar mais ênfase a suas palavras.

Sam seguiu fechando o blusão. Não perguntou o que acontecia. Era um homem que acabava de lançar uma imprecisão e de golpear um objeto inanimado. Era evidente que a seguir seria impelido a explicar o inexplicável. Coisa que, certamente, fez.

—Teremos que subir de novo. Esqueci lhe pedir uma descrição do automóvel de seu marido.

—É um jipe Cherokee branco, novinho em folha, registrado em nome de Urbanizações Manning — disse Sam enquanto tirava as luvas dos bolsos—. Chamei o Departamento de Trânsito há um momento, se por acaso a senhora Manning não estivesse em condições de falar muito quando recuperasse a consciência.

— Chamou o Departamento de Trânsito por seu celular? —Burlou Shrader.— O telefone que não funciona aqui em cima, nas montanhas?

—O mesmo. —reconheceu Sam com um sorriso quando a porta do elevador abria. —A senhora Manning necessitava de alguma explicação pela ausência de seu marido, e isso foi o mais tranquilizador que me ocorreu nesse momento.

O lobby do Hospital Bom Samaritano se encontrava deserto, salvo por dois homens da manutenção que estavam lustrando o piso de mármore. Shrader levantou a voz para ser ouvido por cima das máquinas ruidosas.

—Se for abrandar e a pôr pano quentes cada vez que fala com a família de uma vítima, juro que você não durará nem dois meses nos Homicídios, Littleton.

—Eu já cumpri faz duas semanas. —foi a resposta jovial dela.

—Se não a tivessem transferido para Homicídios, eu estaria de volta na Dezoito, fazendo meu trabalho em vez de estar perdendo tempo aqui em cima.

—É possível, mas se não tivessem me transferido, nunca teria a oportunidade de trabalhar com alguém como você. —Shrader lançou-lhe um olhar receoso e tentou detectar nela algum indício de sarcasmo, mas o sorriso de Sam era simplesmente cordial.

—Logan Manning nem sequer enche os requisitos necessários para ser considerado uma pessoa desaparecida. É, mais uma pessoa extraviada.

— E você acha que é culpa minha que o capitão Holland nos tenha enviado aqui?

—Exatamente. —disse ele, empurrou com o ombro a porta de saída e a força de uma rajada de vento ártico esteve a ponto de jogá-los para trás. —Os Manning são VIP. O prefeito e o chefe de polícia Trumanti são amigos pessoais deles, assim Holland decidiu que era melhor enviar alguém que tivesse um pouco de "tato e toque social" para tratar com a senhora Manning.

Sam tomou como uma brincadeira.

— E ele acredita que eu tenho isso?

—Isso foi o que disse.

—Então, por que a mandou também ?

—Apenas para o caso de haver algum trabalho real que precisava ser feito.— Shrader esperou que Sam lhe devolvesse o insulto e, quando ela não o fez, sentiu-

se um imbecil mal-humorado. Para rebater essa maldade, decidiu zombar de si mesmo. —E também porque ele pensa que eu tenho um grande traseiro.

— Também disse-lhe isso?

—Não, mas notei que me olhava isso com insistência.

Sam não pôde reprimir a risada. Shrader sabia que seu aspecto distava muito de ser atrativo; de fato, intimidava os desconhecidos. Embora só media pouco mais de um metro sessenta e cinco, tinha ombros que eram desproporcionalmente grandes para sua baixa estatura, e a isto se somavam seu pescoço grosso, sua cabeça quadrada com mandíbulas fortes e olhos de cor bastante escura de olhar penetrante. Quando ficava carrancudo, a Sam recordava um rottweiler zangado. E quando não estava de mau humor, continuava parecendo um rottweiler. Em privado, ela o tinha apelidado "*Triturador*".

Enquanto isso, no segundo andar do hospital, um jovem médico se encontrava parado ao pé da cama de Leigh, lendo sua folha de controle de parâmetros vitais. Depois, saiu em silêncio e fechou a porta a suas costas. A morfina adicional que ordenou já estava fluindo dentro das veias de Leigh e aliviava os dores que ela sentia em todo o corpo. Ela procurava refúgio da tortura que acoitava sua mente pensando na última noite que tinha passado com Logan, quando tudo parecia tão perfeito e o futuro, tão brilhante. Sábado de noite. Seu aniversário. E a estreia da nova peça de teatro de Jason Solomon. Logan tinha oferecido depois uma grande festa para celebrar os dois acontecimentos...

Capítulo 2

— Bravo! Bravo!

Seis saídas de cena e os aplausos seguiam sendo ensurdecadores. Todo o elenco se encontrava alinhado no palco, saudando um por vez, mas quando Leigh deu um passo adiante os aplausos aumentaram em um notável acréscimo. As luzes do teatro estavam acesas e Leigh podia ver Logan na primeira fila, de pé e aplaudindo com um entusiasmo cheio de orgulho. Ela sorriu e fez com a mão o sinal de triunfo.

Quando caiu o pano de fundo, Leigh se dirigiu ao camarim, onde Jason se encontrava de pé, resplandecente pelo êxito de sua obra.

— Somos um verdadeiro êxito, Jason! —Disse ela e o abraçou.

Jason gostaria de seguir saudando do palco toda a noite, até que o último espectador abandonasse sua poltrona.

—Não. — disse Leigh com um sorriso— Nós dois já saudamos o suficiente.

Puxou a mão, uma criatura feliz de trinta e cinco anos, brilhante, insegura, sensível, egoísta, leal e temperamental.

—Oh, vamos, Leigh. —insistiu ele com tom lisonjeador.—Uma saudação mais. Merecemos isso.

Enquanto isso, os espectadores começaram a gritar:

—Autor! Autor!

Alguém que cuide de mim

—O sorriso de Jason se alargou.
— Vê! Eles realmente querem de novo.
—Escuta esses aplausos. —disse Jason e lhe deu outro puxão na mão. —
Vamos.

—Estava eufórico e Leigh o olhou com uma mistura de compreensão maternal e admiração temerosa. Jason Solomon podia às vezes deslumbrá-la com seu intelecto, feri-la com sua insensibilidade e reconfortá-la com sua doçura. Os que não o conheciam o consideravam um excêntrico encantador. Para quem o conhecia melhor, era uma pessoa brilhante e exasperantemente egocêntrica. Para Leigh, que o conhecia bem e tinha muito carinho por ele, apresentava uma dicotomia total.

Incapaz de resistir mais, Leigh se abrandou, mas deu um passo atrás.

—Vá você. —disse.— Eu ficarei aqui.

Mas, em vez de soltar sua mão, Jason a segurou com mais força e a arrastou para o palco. Ela perdeu o equilíbrio quando emergiram dos camarins e sua surpreendida resistência foi evidente para o público, o que lhe pareceu maravilhoso esse imprevisto desconcerto deles. Contribuiu para que os dois nomes mais importantes da Broadway mostrassem uma faceta humana que os fez mais queridos, e aos aplausos calorosos se adicionaram risadas.

Jason teria tentado convencer Leigh que sair para saudar uma vez mais ainda, mas desta vez soltou sua mão e, rindo, deu meia volta.

—Não esqueça do velho ditado. —olhando por cima do ombro— Sempre terá que deixá-los querendo mais.

—Isso não é mais que um clichê. —retrucou ele, indignado.

—Mas verdadeiro.

Ele vacilou um momento e depois a seguiu para o camarim por um corredor repleto de membros do elenco e técnicos, que tentavam felicitar-se e agradecer uns aos outros. Jason e Leigh parou várias vezes para participar dessas felicitações e abraços.

—Eu disse que 28 sempre foi meu dia de sorte.

—E tinha razão. —respondeu Leigh. Jason insistia em estreitar todas suas obras nessa data, inclusive no final de semana, embora, na Broadway as peças de teatro nunca estreavam aos sábados.

—Tenho vontade de tomar uma taça de champanha. —anunciou Jason quando já se aproximavam do camarim de Leigh.

—Eu também, mas primeiro tenho que trocar de roupa e tirar esta maquiagem. Espera-nos uma festa e eu gostaria de chegar a ela antes da meia-noite.

Um crítico teatral estava felicitando o diretor da obra, e Jason o olhou um momento com atenção.

—A ninguém importará se chegarmos tarde.

—Jason, — recordou Leigh com uma paciência divertida— eu sou a convidada de honra. Parece-me certo que eu chegue antes da festa ter terminado.

—Suponho que sim. —conveio ele e desviou a vista do crítico. Seguiu-a ao

Alguém que cuide de mim

camarim repleto de flores, onde uma assistente a aguardava para ajudá-la a tirar a saia e a blusa de algodão barato que usou no último ato.

— Quem te mandou estas? — Perguntou Jason ao aproximar-se de uma cesta gigantesca com enormes orquídeas brancas.— Devem custar uma fortuna

Leigh olhou para o ramo imenso.

—Não sei.

—Tem um cartão. —disse Jason e o pegou — Quer que eu leia?

— Eu poderia impedi-lo ? —Brincou Leigh. A curiosidade de Jason era já legendária. Atrás do biombo, Leigh tirou a roupa e colocou um robe; depois se aproximou da penteadeira e se sentou em frente ao grande espelho com luzes.

Com o envelope aberto na mão, Jason olhou a imagem de Leigh no espelho e lhe dedicou um sorriso malicioso.

—Pelo visto, conseguiu um pretendente cheio da grana. Vamos conta-me, querida. Quem é? Sabe que pode confiar-me seus segredos mais sórdidos.

Esta última frase fez Leigh rir.

—Você nunca guardou um segredo em toda sua vida, sórdido ou de qualquer tipo. — disse ao reflexo de Jason no espelho.

—É verdade, mas me diga quem é ele de qualquer maneira.

— O que diz o cartão?

Em vez de dizer Jason entregou para que ela pudesse ler. *"me ame"*, dizia. O breve gesto de confusão que apareceu no rosto de Leigh se converteu em um sorriso quando ela deixou o cartão sobre o penteadeira e começou a tirar a maquiagem.

—É de Logan. —disse a Jason.

— Por que haveria seu marido de enviar orquídeas por valor de mil dólares, com um cartão pedindo que o ame?

Antes de responder, Leigh terminou de passar o hidratante em todo o rosto e começou a tirar com toalhas de papel.

—Quando Logan disse ao florista o que devia escrever no cartão sem dúvida esqueceu de assinar.

Uma garrafa de Dom Pérignon esfriava em um balde e Jason a viu.

— Como é possível que Logan esquecesse uma coisa assim. — perguntou enquanto levantava a garrafa de seu ninho congelado e começava a tirar o papel prateado do pescoço.

—Acredito que eu tenho a culpa disso. —reconheceu ela e lançou-lhe um olhar afligido—. O projeto Crescent Plaza o tem esgotado durante meses e eu pedi a ele que relaxasse um pouco. Assim Logan está tentando ser mais brincalhão e espontâneo por mim.

Jason lançou uma gargalhada zombadora.

— Logan espontâneo e brincalhão? Não pode está falando sério. —Serviu a champanhe em duas taças aflautadas e pôs o envelope na mesa da penteadeira para Leigh e depois se instalou no pequeno sofá que estava a esquerda, apoiou as pernas na mesa baixa e cruzou os pés nos tornozelos. —Se por acaso não notou, para seu marido, um restaurante cinco estrelas não é mais que uma sala de reuniões mau

iluminada e com talheres. Ele acha que uma maleta é um acessório indispensável da moda, e menospreza seus tacos de golfe.

—Deixe de criticar Logan. —disse ela— É um brilhante homem de negócios.

—É um brilhante chato. — retrucou Jason, obviamente desfrutando dessa pouca oportunidade de brincar a respeito de alguém que admirava e inclusive invejava— Se procurava espontaneidade e caráter brincalhão em um homem, deveria ter uma aventura comigo em vez de tentar encontrar esses traços nesse fornecedor de orquídeas. — Ela lançou-lhe um olhar divertido, carinhoso e ignorou a sua referência a as orquídeas.

—Mas você é gay, Jason.

—Bom, sim. —disse ele com uma careta— Eu suponho que poderia ser um impedimento para o nosso caso.

— Como está Eric? —Perguntou Leigh, mudando deliberadamente de assunto. Eric era o parceiro de Jason a seis meses; quase um recorde de duração no que concernia a Jason. — Esta noite não o vi.

—Estava ali. —disse Jason com tom indiferente. Ele mudou o peso do corpo para um lado e outro e ficou observando seus sapatos negros de verniz. —Eric também se tornou alguém bastante aborrecido, se quiser que eu diga a verdade.

—Parece que se aborrece com muita facilidade. —disse Leigh com voz cúmplice.

—Tem razão.

—Se quer saber minha opinião...

—Que, é obvio, eu não quero. —a interrompeu Jason.

—E que, obviamente, eu vou dar de qualquer maneira, se você quer minha opinião, talvez você deve tentar encontrar alguém que não se pareça tanto com você que se resulte previsível e aborrecido. Para variar, tenta sair com alguém que menospreze seus tacos de golfe.

— Alguém tão encantado que faça que eu passar por cima suas características aborrecidas? Pois me parece que conheço alguém assim!

Ele estava se mostrando tão agradável que Leigh o olhou receosa antes de jogar um lenço de papel no cesto e começar a colocar sua maquiagem habitual.

— Ah, sim?

—Certamente que sim. —respondeu Jason com um sorriso travesso. — Tem cabelo grosso e castanho com áreas mais claras pelo sol do verão, olhos bonitos e um físico estupendo. Para meu gosto, seu aspecto é muito de "jovem", mas tem trinta e cinco anos, uma boa idade para mim. Pertence a uma antiga família aristocrática de Nova Iorque que ficou sem dinheiro muito antes que ele nascesse, de modo que tocou a ele recuperar a fortuna da família, coisa que conseguiu fazer sem ajuda...

Leigh compreendeu que Jason estava descrevendo Logan e começou a rir com vontade.

—Está completamente louco.

A pouca concentração mental de Jason fez que passasse do assunto romântico ao dos negócios sem nenhuma pausa no meio.

— Que noite! —exclamou com um suspiro e apoiou a cabeça no respaldo do sofá—. Tive razão em trocar sua fala na última cena do segundo ato. Notou a forma em que reagiu o público? Todos riam como loucos até que perceberam o estava por fazer e terminaram chorando. Em apenas um par de linhas, passaram do regozijo as lágrimas. Isso, minha querida , é escrever como um gênio e também, certamente uma atuação brilhante. — Fez uma pausa para beber um gole de champanha e, depois de um momento de silêncio pensativo, adicionou: —Amanhã, depois de ver a sessão vespertina, talvez queira mudar um pouco o diálogo entre seu personagem e Jane no terceiro ato. Ainda não decidi.

Leigh não disse nada; rapidamente aplicou o resto da maquiagem, escovou o cabelo e desapareceu atrás do biombo para colocar o vestido que havia levado para o teatro. Fora do camarim, o nível de ruído tinha aumentado quando os atores, os membros da equipe técnica e pessoas com suficiente influencia para obter permissões para entrar nessa área começaram a abandonar o teatro pela porta de atrás, rindo e falando enquanto se dirigiam para celebrar o triunfo dessa noite com suas amigas e sua família. Geralmente Jason e ela fariam o mesmo, mas nesse dia Leigh completava trinta e cinco anos e Logan estava decidido que esse fato não ocupasse o segundo lugar com respeito a estréia da peça de teatro.

Emergiu detrás do biombo usando um vestido de seda vermelho enganosamente simples, com braceletes estreitos com miçangas, sapatos de salto combinando e uma bolsa de noite dourada Judith Leiber, pendurada nos dedos com uma corrente estreita.

— Vermelho? —Perguntou Jason e sorriu ao ficar lentamente de pé— Nunca antes a vi usar uma roupa dessa cor.

—Logan me pediu especificamente que esta noite usasse alguma coisa vermelha para a festa.

— Ah, sim? Por que?

—Provavelmente porque é brincalhão. —disse Leigh presunçosamente. Mas de repente sua expressão denotou incerteza. — Estou bem com este traje?

Jason passeou a vista por seu cabelo castanho acobreado que chegava aos ombros, seus enormes olhos cor agua-marina e maçãs do rosto altos; depois baixou o olhar para sua cintura estreita e suas pernas longas. Chegou à conclusão que era bonita mas por certo não espantosa e nem sequer linda. E, entretanto, em um salão cheio de mulheres , Leigh Kendall teria se sobressaído e atraído a atenção assim que se movesse ou falasse. Em uma tentativa para definir sua forte presença no palco, os críticos a comparavam com uma Katharine Hepburn jovem ou uma Ethel Barrymore também jovem, mas Jason sabia que estavam enganados. No palco, tinha o resplendor incomparável de Hepburn e a profundidade legendária de Barrymore, mas tinha também algo mais, algo imensamente mais atraente e próprio: um carisma que hipnotizava e que era igualmente forte ali, no camarim, esperando sua opinião com respeito a seu traje, que quando estava em cena. Era a atriz mais serena e cooperadora que tinha conhecido e, entretanto, existia um mistério ao redor dela, uma barreira, que não era permitido a ninguém cruzar. Leigh levava muito a sério seu trabalho, mas não levava a sério a si mesmo e, por momentos, sua

humildade e senso de humor o faziam sentir um reverendo egoísta temperamental.

— Estou começando pensar que era melhor ter trazido jeans e camiseta. — brincou ela para recordar que estava esperando sua opinião.

—Tudo bem, —disse ele— aqui vai a verdade nua e crua: embora você não seja tão linda como seu marido, é notavelmente atraente por ser mulher.

—No improvável caso de que sua intenção fosse me elogiar. —disse Leigh rindo; abriu a porta do armário e pegou seu casaco—, muitíssimo obrigada.

Jason ficou realmente surpreso pela falta de perspectiva de Leigh.

—É claro que foi um elogio, Leigh, mas, por que se importa tanto com seu aspecto neste momento? O importante é que faz uma hora convenceu a quatrocentas pessoas que na realidade é uma mulher cega de trinta anos que, sem saber, tem a chave para resolver um assassinato atroz. Teve cada um desses espectadores cravados em sua poltrona e aterrorizados. —Jason levantou as mãos, indignado. —Por Deus, por que razão uma mulher capaz de fazer uma coisa assim se importa como fica um vestido de noite?

Leigh abriu a boca para responder, mas em troca sorriu e sacudiu a cabeça.

—É algo próprio de nós, as garotas. —disse secamente e consultou seu relógio.

—Bem. —Jason abriu a porta do camarim e afastou-se em um gesto exagerado de galanteria.—Depois de você. —disse, ofereceu-lhe o braço e ela pegou, mas quando caminhavam pelo corredor para o hall posterior, ele ficou sério. —Quando chegarmos a festa vou perguntar a Logan se ele enviou-lhe essas orquídeas.

—Preferiria que nem você nem Logan se preocupassem esta noite com isso. —disse Leigh, procurando tratar o assunto como algo corriqueiro—. Mesmo que não tenha sido Logan quem mandou, não tem importância. Tomamos precauções: agora tenho um chofer que é também meu guarda-costas. Matt e Meredith Farrell emprestaram-me por seis meses enquanto eles estão de viagem. Quando se encontram em Chicago ele é também como um membro da família. Estou muito bem protegida.

Apesar dessas palavras tranquilizadoras, Leigh não pôde evitar sentir certa inquietação com respeito às orquídeas. Recentemente tinha recebido alguns presentes anônimos, todos eles caros e, alguns, com evidentes alusões de ordem sexual, como uma cintas-liga e um sutiã de encaixe negro da Neiman Marcus e uma camisola transparente e extremamente sedutora da Bergdorf Goodman. Os pequenos cartões brancos que acompanhavam esses presentes levavam mensagens curtas e enigmáticas como "*Ponha isto para mim*" e "*Quero vê-la usando isto*".

Ela recebeu um telefonema em casa um dia após o primeiro presente ser entregue no teatro :

— Leigh, está usando meu presente? —Perguntava uma voz suave e lisonjeira na secretária eletrônica.

Na semana anterior, Leigh foi ao Saks, onde comprou um roupão para Logan e um pequeno alfinete esmaltado para ela, que colocou depois em um bolso de seu casaco. Quando estava a ponto de cruzar a esquina das ruas Cinco e Cinquenta e

Um, junto a uma multidão de outros pedestres, a mão de um homem se materializou detrás dela com uma pequena bolsa do Saks.

—Você deixou cair isso. —disse com tom educado. Sobressaltada, Leigh automaticamente pegou a sacola e jogou-a na maior , que continha o roupão para Logan, mas quando virou a cabeça para agradecer ao gesto sem dúvida ele se ficou atrás e misturado com a multidão ou era o homem que viu caminhando depressa pela rua, com o sobretudo levantado até as orelhas e a cabeça inclinada contra o vento.

Quando chegou em casa com as compras, Leigh comprovou que sua pequena bolsa do Saks com o alfinete continuava no bolso do casaco, aonde ela colocou. A que o homem entregou-lhe na rua continha um anel estreito de prata, parecido com uma aliança de casamento. O cartão dizia: *"Você é minha"*.

Apesar de tudo isso, ela estava segura que as orquídeas que estavam em seu camarim foram enviadas por Logan. Ele sabia que eram suas flores preferidas.

* * *

No beco de atrás do teatro, o novo chofer-guarda-costas de Leigh estava de pé junto a porta aberta de uma limusine.

— A peça foi todo um sucesso, senhora Manning, e esteve estupenda!

—Obrigada, Joe.

Jason se instalou nesse luxuoso automóvel e assentiu com satisfação.

—Todo mundo deveria ter seu próprio chofer-guarda-costas.

—Talvez não pense o mesmo dentro de um momento. — advertiu Leigh com um sorriso compungido no momento em que o chofer se sentava atrás do volante e arrancava o veículo. De repente o automóvel se lançou para frente a toda velocidade, jogando-os contra seus assentos e se misturou ao tráfico.

— Maniaco! —Gritou Jason e se agarrou ao braço da porta com uma mão e com a outra o pulso de Leigh.

Capítulo 3

O apartamento de Leigh e Logan ocupava todo o vigésimo quarto andar. Tinha um elevador privado cujo lobby funcionava como um " hall de entrada" exterior de seu apartamento, e Leigh introduziu sua chave na fechadura do elevador para que as portas abrissem em seu andar.

Assim que as portas se abriram, o barulho de uma grande festa em pleno apogeu os recebeu desde a porta principal do apartamento.

—Parece uma grande festa. —comentou Jason enquanto tirava o casaco e o entregava a empregada de Leigh, que apareceu no vestíbulo exterior para pegá-los.

—Feliz aniversário, senhora Manning. —disse Hilda.

—Obrigada, Hilda.

Alguém que cuide de mim

Juntos, Jason e Leigh entraram no hall elevado de mármore que oferecia uma visão perfeita do salão repleto de pessoas animadas e elegantemente vestidas, que riam, bebiam e comiam canapés das bandejas que um batalhão de garçons de smoking passavam entre os convidados. Jason em seguida localizou pessoas conhecidas e desceu pelos degraus, mas Leigh permaneceu aonde estava, maravilhada de repente pela beleza do espetáculo que viam seus olhos, uma prova do êxito e a prosperidade que Logan e ela conseguiram juntos, cada um em sua carreira. Alguém a viu e deu início a um exultante coro de *Feliz aniversário!*

Logan apareceu a seu lado com uma taça que a pôs na mão e um beijo que depositou na boca.

—Esteve fantástica esta noite. Feliz aniversário, meu amor. —disse. E enquanto os convidados observavam, ele colocou a mão em um bolso do smoking e extraiu um pacote pequeno da Tiffany amarrado com uma fita de seda — Vamos abra-o —insistiu.

Leigh o olhou e vacilou.

— Agora? —Geralmente, Logan preferia privacidade para os momentos sentimentais, mas nessa noite exibia uma atitude quase adolescente.

—Sim, agora. —disse e seus olhos sorriram nos dela— Absolutamente, agora.

Leigh supôs que não se tratava de um anel nem de brincos, a julgar pelo tamanho e a forma do estojo de couro creme que encontrou no interior do pacote azul. Dentro havia uma gargantilha espetacular de rubis e diamantes em forma de coração. Entendeu então por que ele quis que usasse um vestido vermelho.

—É magnífica. —disse Leigh, muito emocionada ao pensar no dinheiro que ele tinha gasto nesse presente. Por muito dinheiro que Logan ganhasse, sempre se sentia culpado se chegasse a gastá-lo em alguma coisa que não representasse um bom investimento ou, pelo menos, pudesse deduzir-se dos impostos.

—Eu vou ajudá-la a colocá-la. —disse isso e pegou a gargantilha de seu estojo— Vire-se. — Quando terminou, ele a fez virar novamente para que os convidados pudessem contemplar a magnífica gargantilha que luzia. Isto gerou aplausos e gritos de aprovação.

—Obrigada. —disse Leigh em voz baixa e com um brilho especial nos olhos.

Ele colocou o braço nos ombros de sua esposa, rindo, comentou:

—Espero um agradecimento especial mais tarde, quando estivermos sozinhos. Essa quinquilharia me custou duzentos e cinquenta mil dólares.

Surpreendida e divertida, Leigh sussurrou em seu ouvido:

—Não estou segura de saber como expressar um agradecimento por um quarto de milhão de dólares.

—Não será fácil, mas tenho algumas sugestões e recomendações que farei mais tarde esta noite.

—Agradeceria muito por isso. — brincou ela, o olhar fixo na expressão sexy e cheia de afeto de seu marido.

Ele suspirou, colocou a mão sob seu cotovelo e juntos baixaram os degraus de mármore para o living.

—Infelizmente, antes que possamos atender esse assunto tão importante,

ficam algumas horas de sociabilidade obrigatória. —No degrau inferior, parou um momento e olhou em todas direções. —Está aqui alguém que quero que conheça.

Enquanto abriam caminho pelo salão saudando seus convidados, para Leigh foi uma surpresa notar a diferença abismal e quase cômica que existia entre os amigos e os conhecidos de negócios de Logan e os dela. A maior parte das amizades de Logan eram integrantes das famílias mais antigas e influentes de Nova Iorque; eram banqueiros e filantropos, juizes e senadores, todos pertencentes a famílias enriquecidas.

Seus trajes eram caros mas conservadores, e sua conduta era impecável, com suas esposas que harmonizavam a perfeição com eles.

Em comparação com essas pessoas, os amigos de Leigh pareciam absolutamente extravagantes; eram pintores, atores, músicos e escritores, para quem "*adaptar-se ao meio*" equivalia a ser ignorado e isso era desprezível para eles. Os dois grupos não se evitavam, mas tampouco se juntavam. Enquanto Theta Berenson, a amiga de Leigh, expunha sobre os méritos de uma nova exposição de arte a seu grupo, as plumas amarelas de seu chapéu roçavam todo o tempo a orelha do banqueiro especializado em investimentos que se encontrava atrás dela. O banqueiro, que era amigo de Logan afastou as plumas com aborrecimento enquanto continuava falando de uma nova estratégia para investimentos com Sheila Winters, uma terapeuta muito famosa. Leigh e Logan tiveram várias sessões com Sheila um ano antes, para suavizar conflitos próprios de sua relação, e nesse tempo ela se tornou em uma querida amiga de ambos. Quando em determinado momento virou a cabeça e viu Leigh, soprou-lhe um beijo e a saudou com a mão.

Embora Logan e Leigh paravam com frequência para conversar com seus convidados, Logan não permitiu que sua mulher permanecesse muito tempo junto a eles. Procurava a pessoa que queria lhe apresentar.

—Ali está. —disse finalmente e em seguida começou a guiar Leigh para um homem alto e de cabelo escuro que se encontrava completamente sozinho de pé no extremo mais afastado do living, observando um quadro a óleo pendurado na parede. Sua expressão aborrecida e distante demonstrava as claras que não sentia nenhum interesse por essa obra de arte nem pela festa.

Leigh o reconheceu em seguida, mas sua presença em sua casa era algo tão inverossímil que não podia acreditar o que viam seus olhos. Parou em seco e olhou para Logan com uma expressão de horror e incredulidade.

— Esse homem não pode ser quem acredito que é!

— Quem supõe que é?

—Michael Valente.

—E você está certa. —Ele a impeliu a adiantar-se, mas Leigh parecia cravada no chão, olhando estupefata para Valente. —Ele quer conhecê-la, Leigh. É um grande admirador seu.

— Quem o deixou entrar em minha casa?

—Eu o convidei. — explicou pacientemente Logan—.Eu não o mencionei porque o negócio ainda não está firme, mas Valente pensa investir a totalidade de seu capital empresário no projeto Crescent Plaza. Tive várias reuniões com ele.

Tem uma habilidade especial para gerar negócios extremamente lucrativos.

—E para evitar a perseguição depois. — retrucou Leigh. — Logan, ele é um criminoso!

—Só foi declarado culpado uma vez. —disse Logan, rindo pela reação indignada de sua esposa—. Agora é um respeitável multimilionário com antecedentes incríveis de converter projetos comerciais arriscados, como o do Crescent Plaza, em um triunfo ressonante que faz ganhar fortunas a quem participa neles.

— É um criminoso!

—Isso foi a muito tempo, e o mais provável é que tenha sido uma acusação falsa.

— Não foi! Li que ele se declarou culpado.

Ao invés de ficar irritado, Logan a olhou com expressão de admiração divertida.

— Como você faz isso?

— Fazer o quê?

—Conservar os mesmos valores maravilhosos e rígidos que tinha quando nos conhecemos.

—Isso de rígidos não me soa nada bem.

—Em você, —disse ele em voz baixa— "*rígido*" é algo maravilhoso.

Leigh quase não o ouviu enquanto olhava em volta do salão. Viu o juiz Maxwell e o senador Hollenbeck de pé contra a parede que havia atrás do bufê... fisicamente tão longe como podiam do lugar aonde se encontrava Valente.

—Logan, não há nesta casa ninguém perto de Michael Valente. Procuraram estar o mais longe possível dele.

—Maxwell não é nenhum santo, e na casa de Hollenbeck não há suficientes armários para guardar todos seus segredos. —disse Logan enfaticamente, mas ao olhar em todas direções chegou a mesma conclusão que Leigh. — Provavelmente não foi prudente convidar Valente.

— O que o levou a fazer?

—Foi um impulso. Esta tarde liguei para ele para falar de alguns detalhes contratuais do Crescent Plaza e mencionei que sua peça de teatro estreava esta noite e que depois ofereceríamos uma festa. Sabia que as entradas para a estréia estavam esgotadas, assim em troca o convidei para a festa. Tinha tantas coisas na cabeça que não parei para considerar que sua presença aqui poderia ser desagradável, especialmente para Sanders e Murray. Será que você me faria um favor, querida?

—Sim, é claro. —respondeu Leigh, aliviada que Logan pelo menos reconhecesse que existia um problema.

—Eu já falei esta noite com Valente. Se não se importa se apresentar a ele, eu tentarei aplacar a sensibilidade ofendida de Sanders e Murray. Valente bebe Glenlivet, sem gelo nem água. Procura que lhe sirvam uma taça e converse um momento com ele. É tudo o que tem que fazer.

— E depois, o quê? Deixo-o sozinho? A quem posso apresentá-lo?

O áspero senso de humor de Logan fez com que seus olhos brilhassem ao escrutinar o salão em busca de possíveis candidatos.

—É fácil. Apresente a seu amiga Claire Straight, ela sempre está impaciente para falar de seu divórcio com quem está disposto a escutá-la. Jason e Eric já parecem a ponto de estrangulá-la. —Nesse momento Claire, Jason e Eric levantaram o olhar, e Logan e Leigh os saudaram com a mão. —Claire —chamou Logan—, não esqueça de dizer a Jason sobre seu advogado e como a traiu. Pergunte se não deveria processá-lo por negligência.

—Você é um homem malvado. —disse Leigh com uma risadinha.

—Por isso você me ama. —explicou Logan— É uma pena que Valente não seja gay. — brincou— Se fosse, poderíamos apresentá-lo a Jason. E, assim, Jason terminaria com um amante e um produtor permanente para todas suas peças de teatro. É obvio, isso deixaria Eric com ciúmes e acentuaria suas tendências suicidas mais do que o habitual, assim, pensando melhor, parece-me que não seria tão boa ideia. —Retomou sua revisão dos convidados até que o chapéu com plumas amarelas de Theta captou sua atenção. —Suponho que poderíamos apresentar-lhe Theta. Ela é feia como o demônio, mas Valente possui uma fabulosa coleção de arte e ela é pintora... pelo menos supõe que é.

—Sua última tela foi vendida por cento setenta e cinco mil dólares. Nisso não há nada de "*suposto*".

—Leigh, pintou-a com os cotovelos e um esfregão.

—Ela não fez isso.

Logan estava se divertindo, e ocultou levando a taça a boca.

—Sim, ela fez, querida. Ela me contou isso. — de repente seu olhar posou em uma loira atraente que estava de pé junto ao mesmo grupo. —O problema de Valente acaba de ser resolvido. Vamos apresentá-lo a Sybil Haywood. Ela pode adivinhar seu futuro...

—Sybil é astróloga, não adivinha. —disse Leigh com firmeza.

— Qual é a diferença?

—Depende de quem pergunta. —respondeu Leigh, um pouco irritada pela forma em que Logan caçoava de seus amigos e de Sybil em particular. Leigh fez uma pausa para saudar com a cabeça e sorrir para dois casais próximos. Depois, adicionou: — Sybil tem muitos clientes famosos, entre eles Nancy Reagan. Independentemente se você acredita em astrologia ou não, Sybil é uma profissional muito responsável respeitada em seu campo de ação e seus clientes, do mesmo modo que você é com os seus.

Logan em seguida se arrependeu de sua atitude.

—Tenho certeza que é assim. E obrigado por não dizer que meus amigos e eu somos mortalmente aborrecidos e que nossas conversas são previsíveis e tediosas. Agora bem, parece que Sybil nos tirará Valente das mãos como um favor especial e estará algum tempo junto a ele esta noite?

— Ela fará se eu pedir. —disse Leigh e decidiu que o plano era viável.

Satisfeito de ter obtido um acordo, Logan apertou os ombros de Leigh com o braço.

—Não fique longe de mim por muito tempo. Esta é a sua grande noite, mas eu gostaria de ser uma parte dela tanto quanto puder.

Era uma declaração tão claramente sentimental que em seguida Leigh o perdoou por fazer piadas de seus amigos e inclusive por convidar Valente para a festa. Enquanto Logan dava-lhe um beijo fugaz na face, Leigh olhou em direção ao lugar aonde estava Valente e descobriu que ele já não contemplava a tela. Tinha virado-se e os olhava diretamente. Com certo desgosto se perguntou quanto da discussão ele tinha ouvido e teria adivinhado que ele era a causa. Leigh decidiu que para isso não precisava de muita imaginação por parte dele. Suspeitou que cada vez que Valente conseguia misturar-se em reuniões sociais de gente respeitável, o mais provável era que a proprietária de casa reagisse com o mesmo desgosto e aborrecimento que ela sentia nesse momento.

Capítulo 4

Escondendo a expressão de desgosto do rosto, Leigh avançou por entre os convidados até chegar ao grupo de Sybil Haywood.

—Sybil, preciso que me faça um favor. —disse e levou a astróloga a parte—. Tenho um desagradável problema social...

— Eu não tenho dúvida.—disse Sybil com sorriso de suficiência—. Os virginianos são muito difíceis de tratar, especialmente quando Plutão e Marte estão...

—Não, não. Não é um problema astrológico. Preciso de alguém em quem confio para cuidar de um homem em particular...

—Que é de Virgem. —afirmou Sybil com decisão.

Leigh adorava Sybil, mas nesse momento a fixação de sua amiga com a astrologia a deixava louca.

—Sybil, por favor. Não tenho ideia qual é seu signo astrológico. Se tirá-lo das minhas mãos e conversar com ele por alguns minutos, você pode perguntar a ele seu...

—Valente é de Virgem. —a interrompeu Sybil com tom paciente.

Leigh piscou.

— Como você sabia?

— Eu sei porque, quando o Senado o estava investigando em setembro, Valente foi convidado a dar seu nome completo e data de nascimento. O Times me publicou seu testemunho e o repórter comentou que Valente estava testemunhando no dia em que fazia quarenta e dois anos. Isso me disse que era de Virgem.

—Não, eu quis dizer como você sabia que Valente era o meu "desagradável problema social".

—Oh, isso.—disse Sybil e riu enquanto percorria o olhar pelos convidados tinha perto—. Ele se faz notar no meio dessa multidão de políticos, banqueiros e

empresários importantes.. Aqui não há nenhum outro delinquente com quem ele poderia conversar... Bom, provavelmente haja muitos, mas ainda não os pescaram e enviaram para a prisão como a ele.

— Você pode estar certo.—disse Leigh com ar ausente— Primeiro vou me apresentar e você pode pegar uma bebida e levá-la dentro de alguns minutos para eu sair com certa elegância?

Sybil sorriu.

— Você está me pedindo para conversar com um homem alto, anti-social e não muito bonito, que tem um passado negro, um presente questionável e uma fortuna de quinze bilhões de dólares, provavelmente ilegal?

—Sim, mais ou menos isso. —reconheceu Leigh, aflita.

— O que supõe que devo levar para ele beber? Sangue?

—Glenlivet. —disse Leigh e deu-lhe um rápido abraço— Sem gelo, água ou sangue..

Observou Sybil aproximar-se de um dos bares, relutantemente, Leigh colocou um sorriso no rosto e se dirigiu para Valente. Ele a observou com uma gelada curiosidade enquanto ela se aproximava, e sua expressão era tão desagradável que Leigh duvidou que fosse um "admirador" ou sequer que tivesse desejos de conhecê-la. Quando esteve tão perto para lhe estender a mão, notou que ele tinha uma estatura de pelo menos um metro noventa; ombros extremamente largos e musculosos, cabelo negro e grosso, e olhos cor âmbar de olhar duro e penetrante.

Leigh estendeu-lhe a mão.

— Senhor Valente?

—Sim.

—Sou Leigh Manning.

Ele sorriu apenas, com um estranho sorriso especulativo que não chegou aos olhos. Sem deixar de fitá-la, tomou a mão com muita força e durante muito tempo.

— Como está, senhora Manning? —Disse com uma esplêndida voz de barítono muito mais educada do que Leigh esperava.

Ela exerceu suficiente pressão para lhe indicar que desejava que soltasse sua mão e ele o fez, mas sem deixar de olhá-la, enquanto dizia:

—Esta noite eu realmente gostei de seu desempenho.

— Eu estou surpresa que tenha assistido a peça.—disse Leigh sem muita reflexão. Baseando-se no que sabia sobre ele, Valente não parecia ser o tipo de pessoa com sensibilidade suficiente para desfrutar de uma peça de teatro dramática e cheia de sutilezas.

— Talvez me imaginava, embebedando-se em um bar?

Isso estava muito perto da verdade para que Leigh ficasse exposta, e não gostou nada.

— O que eu quis dizer foi que era quase impossível conseguir ingressos para a noite de estreia.

O sorriso dele de repente abrangeu também seus olhos e esquentou um pouco seu olhar.

—Não foi isso o que quis dizer, mas me fascina que tenha dito.

Alguém que cuide de mim

Leigh agarrou o primeiro tema de interesse comum que passavam por sua cabeça. Com um grande sorriso, disse:

—Pelo que entendi você está contemplando a possibilidade de participar de uma espécie de empreendimento com meu marido.

— Você não aprova, é claro.—disse ele secamente.

Leigh sentiu que estava sendo manobrada para uma série de cantos bastante desconfortável.

— O que o faz pensar isso?

— Eu estive observando poucos minutos atrás, quando Logan disse que eu estava aqui e qual foi o motivo.

Apesar da vergonhosa história deste homem, ele era um convidado em sua casa, e Leigh se mortificou por ter permitido que seus sentimentos negativos por ele fossem tão óbvios. Baseando-se no velho adágio de que a melhor defesa é o ataque, disse educadamente, mas com firmeza:

— Você é um convidado em minha casa e eu sou uma atriz, senhor Valente. Se eu tivesse sentimentos negativos sobre um dos meus convidados, incluindo você, jamais saberia porque eu jamais permitiria que percebessem.

—Isso me tranquiliza muito. —disse ele.

—Como vê, estava completamente enganado. — disse Leigh, satisfeita com sua estratégia.

— Isto significa então que *não* desaprova que seu marido tenha negócios comigo?

—Eu não disse isso.

Ela se surpreendeu que ele sorrisse com sua resposta evasiva; foi um sorriso lento, estranhamente sedutor e significativo, que fez com que os olhos seus brilhassem sob suas pálpebras pesadas. Talvez os outros não tivesse percebido as nuances dessa atitude, mas a carreira de Leigh foi baseada em sutilezas de expressão e, em seguida, ela percebeu o perigo que espreitava atrás desse sorriso. Era o sorriso perigosamente sedutor de um predador implacável, um predador que queria que ela sentisse seu poder, sua atitude de desafio da ordem social, e que ficasse seduzida pelo que ele representava. Em vez disso, Leigh sentiu rejeição. Ela desviou o olhar e apontou para o quadro pendurado na parede, uma tela que, em circunstâncias normais, Logan não teria permitido que estivesse sequer em um armário.

—Mais cedo notei que admirava esta pintura.

—Na realidade o que admirava era a moldura, não a pintura.

— Ela pertence ao início do século XVII. Estava no estúdio do avô de Logan.

—Não pode referir-se a essa pintura. —disse ele com desdém.

— Eu estava me referindo a moldura . A pintura—disse ela com uma pitada de divertida vingança— foi pintada pela avó de meu marido.

Valente olhou o quadro de esguelha o quadro e, depois para ela.

—Poderia ter me poupado desse papelão.

Ele estava certo, mas a chegada de Sybil a salvou de ter que responder.

— Aqui há alguém que quero que você conheça.—disse, quase com muita

veemência e os apresentou— Sybil é uma famosa astróloga. —acrescentou Leigh, e em seguida notou, com irritação, o olhar zombador dele.

Destemido e sem se preocupar com a reação, Sybil sorriu e estendeu a mão direita, mas ele não pôde estreitar porque nessa mão ela trazia um copo.

—Estava desejando conhecê-lo. —disse ela.

— Ah, sim? Por quê?

— Eu ainda não tenho certeza.—respondeu Sybil e aproximou mais a mão —Isto é para você. Scotch. Sem gelo e sem água. É exatamente como você gosta.

Ele a olhou com receio e com relutância, pegou o copo.

— Supõe-se que devo acreditar que você sabe o que bebo porque é astróloga?

— Acreditaria se lhe dissesse que é assim?

—Não.

— Nesse caso, a verdade é que sei o que você gosta de beber, porque a proprietária da casa me disse e me pediu que trouxesse.

O olhar de Valente perdeu um pouco de sua frieza ao olhar para Leigh.

— Muito gentil de sua parte.—disse ele.

—Absolutamente. — disse Leigh e olhou por cima do ombro, desejando poder ir de uma vez. Sybil lhe deu a desculpa que precisava.

— Logan me pediu para dizer-lhe que precisa de você para que intervenha em uma espécie de debate a respeito da obra que estreou esta noite.

—Nesse caso, será melhor ir ver o que acontece. —Sorriu para Sybil, evitou apertar a mão de Valente e ao invés disso, ela inclinou a cabeça educadamente.— Foi um prazer tê-lo conhecido —mentiu. Ao afastar-se, ouviu Sybil dizer:

— Vamos encontrar um lugar para sentar, Sr. Valente, e diga-me tudo sobre você. Ou se preferir, eu posso dizer-lhe tudo sobre você.

* * *

Quando o último convidado partiu já era mais de quatro da manhã. Leigh apagou as luzes e os dois cruzaram juntos o living escurecido, Logan, com o braço em torno da cintura da esposa.

— Como se sente ao ser chamada de "a atriz mais bem dotada e talentosa que temos visto nos palcos da Broadway nos últimos cinquenta anos?" —perguntou ele com ternura.

—Maravilhosamente bem. —A excitação de Leigh foi aumentando até que entraram no quarto, mas ao ver a cama com dossel e com seu acolchoado de duvet, seu corpo pareceu perder toda a força. Ela começou a bocejar antes de entrar no vestiário e estava na cama antes de Logan sair do chuveiro.

Sentiu o colchão movendo-se apenas quando ele se deitou, e a única coisa que ela teve forças de fazer foi sorrir quando ele a beijou no rosto e sussurrou em tom de brincadeira:

— É assim que você agradece a um homem o presente de uma fabulosa gargantilha de rubis e diamantes?

Leigh aconchegou-se contra ele e sorriu, meio adormecida.

—Sim. —murmurou.

Ele riu baixinho.

— Acho que vou ter que esperar até hoje à noite, nas montanhas, para você expressar sua gratidão corretamente.

Leigh teve a sensação de mal ter transcorrido cinco minutos quando despertou e viu Logan já vestido e impaciente para partir para as montanhas.

Isso foi no domingo pela manhã.

Agora era a noite de terça-feira.

E Logan estava perdido em alguma parte no meio da neve... provavelmente esperando que ela fizesse alguma coisa para resgatá-lo.

Capítulo 5

Às dez e meia da quarta-feira pela manhã a ansiedade de Leigh atingiu um nível quase insuportável. A detetive Littleton havia telefonado três horas mais cedo para dizer que, embora o mapa desenhado por Leigh não fosse de muita utilidade na noite anterior, ela e o detetive Shrader já estavam de novo na estrada, seguindo-o para as montanhas.

Prometeu voltar a comunicar-se com ela assim que tivessem alguma novidade.

Todas as outras chamadas que chegaram eram, obviamente, foram retidas pelo sistema de telefonia do hospital, porque em algum momento durante a noite alguém colocou uma pilha de mensagens em sua mesa de cabeceira. Sem nada para ocupar seu tempo, Leigh releu essas mensagens que mal que tinha folheado mais cedo.

Jason havia ligado seis vezes; a penúltima mensagem era frenética e seca: *"A central Telefônica do hospital está retendo suas mensagens e não pode receber visitas. diga a seus médicos que me deixem subir para vê-la. Eu poderia estar aí dentro de três horas. ... Ligue-me, Leigh. Ligue-me primeiro. Ligue para mim. Ligue para mim "*. Evidentemente ele havia ligado novamente assim que desligou, porque a hora que figurava na mensagem seguinte era de dois minutos mais tarde. Desta vez ele queria tranquilizá-la com respeito a peça: *"Jane a está substituindo bem, mas não está a sua altura. Tente não se preocupar muito com o trabalho "*. Leigh não tinha nem sequer pensado na peça nem em sua suplente, e sua única reação a mensagem de Jason foi uma sensação de espanto com o fato dele pensar que ela estaria preocupada com algo relacionado a peça teatral nesse momento.

Além das mensagens de Jason, havia dezenas de telegramas e telefonemas de colegas e amigos de Logan e dela. Hilda havia ligado, mas não deixou uma mensagem longa, só: *"Fique boa"*. Tanto sua publicitária como a secretária de Leigh ligaram pedindo instruções assim que ela se sentisse em condições.

Leigh seguiu folheando as mensagens e preocupação demonstrada por todas essas pessoas representava um conforto para ela ... até que recebeu a mensagem

de Miguel Valente que dizia: "*Penso muito em você. Ligue-me neste número se eu puder ajudá-la em alguma coisa*". De repente a mensagem pareceu ser muito pessoal, muito pretensiosa e totalmente inadequada, mas compreendeu que sua reação se apoiava mais na rejeição que sentia em relação a ele do que no conteúdo da mensagem.

Cansada de continuar suportando essa inatividade, Leigh soltou as mensagens, afastou a mesa aonde estava a bandeja de café da manhã que nem sequer tinha provado e pegou o telefone. A operadora da central Telefônica do hospital parecia muito surpresa quando ela se identificou.

—Lamento tê-la sobrecarregado com tantas ligações. —Leigh começou a dizer.

—Não é nenhum problema, senhora Manning. Para isso estamos aqui.

—Obrigada. A razão pela qual estou ligando.—explicou Leigh— é que queria ter certeza de que não está retendo ligações do Departamento de Polícia ou de meu marido.

—Não, não, certamente que não. Passaríamos em seguida as ligações da polícia, e aqui todos sabemos que seu marido está desaparecido. Nunca reteríamos sua chamado. Seu médico e os dois detetives da polícia de Nova Iorque nos deram instruções muito detalhadas a respeito desse assunto. Devemos passar as chamadas de qualquer pessoa que afirme ter informação de seu marido, mas reter as mensagens de todas as outras pessoas, exceto dos repórteres. Estes devemos transferi-los para o escritório de nosso administrador.

—Obrigada. —disse Leigh com grande decepção— Lamento causar-lhe tantos problemas.

—Rezei muito por você e por seu marido. —disse a operadora.

A sinceridade e simplicidade dessas palavras quase a fizeram chorar.

—Continue rezando.—conseguiu dizer, com a voz tomada pelo medo e gratidão.

—Eu rezarei, prometo.

—Preciso fazer algumas ligações de longa distância. —disse Leigh com voz trêmula—. Como posso fazer deste telefone?

— Tem um cartão Telefônica de crédito?

Os cartões de crédito de Leigh, sua carteira e sua agenda eletrônica ficaram na carteira dentro do carro, mas ela sabia de cor o número da Telefônica porque a usava com frequência.

—Sim, tenho uma.

—Então tudo o que tem que fazer é digita o nove para ter linha e use seu cartão de maneira habitual. —Apesar do que os detetives haviam dito, Leigh tentou comunicar-se com Logan por seu telefone celular. Quando ele não respondeu, ligou para Hilda para ver se tinha alguma novidade, mas a empregada apenas repetiu o que havia dito aos detetives.

Leigh estava a ponto de ligar para Jason quando uma enfermeira entrou no quarto e a interrompeu.

— Como se sente esta manhã, senhora Manning?

—Muito bem. —mentiu Leigh enquanto a enfermeira revisava os cateteres e recipientes conectados a seu corpo.

— Não esteve usando a dose de morfina? —Perguntou com expressão de confusa e censura.

— Eu não preciso. Me sinto ótima. —Na realidade, cada centímetro do corpo, das pontas dos pés ao cabelo, doía ou pulsava, e era óbvio que a enfermeira sabia. Olhou para Leigh com a testa franzida e descrença, até que Leigh finalmente desistiu e disse: —Não quero receber morfina porque esta manhã preciso estar alerta e bem atenta.

— Para o seu corpo se curar ele precisa estar livre de dor, descansar e se sentir confortável.—argumentou a enfermeira.

—Receberei-a mais tarde. —prometeu Leigh.

—Também tem que comer. —ordenou e empurrou para a cama a mesa com o café da manhã de Leigh.

Assim que a mulher se foi, Leigh afastou a bandeja e pegou o telefone. Acordou Jason.

— Leigh? —Balbuciou ele com voz de sono — Leigh! Santo Deus! —murmurou à medida que despertava— Mas que diabos está acontecendo? Como você está? Você já teve notícias de Logan? Ele está bem?

— Não sei nada sobre Logan. —respondeu Leigh— Eu estou bem. Um pouco dolorida e machucada, isso é tudo. — Ela parecia sentir o quanto Jason lutou contra sua premente necessidade de perguntar quando ela poderia voltar ao trabalho. — Eu preciso que me faça um favor.

— O que você quiser.

—É possível que queira contratar alguém por minha própria conta para ajudar a localizar Logan. A quem devo ligar? Detetives particulares? Você conhece algum?

—Querida, não posso acreditar que tenha alguma dúvida a respeito. Como acha que peguei Jeremy me traindo? Como você acha que evitei pagar o charlatão que dizia ...?

— Poderia me dar o nome e o número de telefone? —Interrompeu-o Leigh.

Quando Leigh conseguiu pegar uma caneta da gaveta da mesa ao lado de sua cama e escreveu o número do telefone na parte de trás de um telegrama, estava tão dolorida que quase não podia pensar. Pendurou o tubo, recostou-se contra os travesseiros e concentrada na respiração sem intensificar a dor nas costelas. Seguiu assim quando a enfermeira que esteve ali um momento antes voltou e viu que na bandeja o café da manhã permanecia intacto.

— Você realmente tem que comer, a Sra. Manning. Não comeu nada em dias.

A enfermeira particular de Leigh foi muito mais fácil de lidar, mas ela foi para casa dormir e não voltaria até a noite.

— Eu vou, mas não agora ...

— Eu insisto, —a contradisse a enfermeira e moveu a mesa portátil até se localizá-la sobre as pernas de Leigh. Tirou as tampas de plástico dos pratos. — O que você quer primeiro? —Perguntou com tom cordial.—Compota de maçã, o germe de trigo com leite desnatado ou ovo poché*?

* Poché vem da palavra francesa “Pocher” que significa cozinhar um alimento por imersão num líquido, seja

Alguém que cuide de mim

— Eu não conseguiria engolir nenhuma dessas coisas.

Relutantemente, a enfermeira olhou para a pequena lista que havia junto à bandeja.

— Isto é o que você pediu na noite passada.

—Eu devia estar delirando.

A enfermeira cedeu um pouco, mas estava determinada a não deixar que ninguém a impedisse de atingir seu objetivo.

— Eu posso mandar alguém ao refeitório. O que você costuma comer no café da manhã?

Essa pergunta simples fez com que Leigh tivesse saudades de sua antiga vida, sua rotina segura e bonita, que sentiu os olhos cheios de lágrimas.

— Eu costumo comer frutas. Uma pera ... e café.

—Isso eu posso conseguir —disse a enfermeira, já mais animada—, e não terei que enviar alguém ao refeitório do subsolo.

Ela acabava de sair do quarto quando os detetives Shrader e Littleton entraram.

Leigh se ergueu na cama.

— Encontraram a cabana?

— Não, senhora. Sinto muito. Nós não temos nada novo para contar, mas algumas perguntas a fazer—disse Shrader. Ele acenou com a cabeça a bandeja de café da manhã. —Se estava prestes a comer, vá em frente. Nós podemos esperar.

— A enfermeira foi buscar-me uma coisa diferente. —disse Leigh.

Dito e feito, a enfermeira chegou empurrando um carrinho com uma cesta gigante forrada em cetim dourado, repleto de peras e fitas também douradas.

—Esta cesta estava na sala das enfermeiras. Uma voluntária a subiu e disse que era para você. Estas não são somente peras, são obras de arte! —Exclamou com entusiasmo, pegou uma pera enorme e brilhante de seu ninho dourado e a levantou para que a admirassem. Observou a cesta de todos os ângulos. — Parece não ter cartão. Ele deve ter caído. Vou ver se posso encontrá-lo —disse ao entregar a pêra a Leigh—. Agora a deixarei sozinha com suas visitas.

A pera que tinha na mão a fez lembrar de sua última conversa sobre o café da manhã com Logan, e seus olhos se encheram de lágrimas. Cobriu a pera com as mãos e passou a pontas dos dedos sobre sua pele suave enquanto pensava na pele de Logan, em seu sorriso; em seguida a levou para o coração, onde armazenava todas as suas outras lembranças de Logan, seguro e vivo. Duas lágrimas escorriam de seus cílios.

— Senhora Manning?

Mortificada, Leigh afastou as lágrimas.

— Desculpe ... É que meu marido sempre brinca comigo porque ele diz que eu sou viciada em peras. Faz anos que quase todos os dias como uma no café da manhã.

— Acho que muitas pessoas sabem, não?

— Não é nenhum segredo.—disse Leigh e afastou a pera—. Muitas vezes ele

fazia brincadeiras a respeito em público. Sem dúvida essas peras foram enviadas por minha empregada ou minha secretária ou, mais provavelmente, o mercado que me que me envia quando estou em casa. — Ela apontou para duas cadeiras de vinil marrom.. —Por favor, sentem-se.

Littleton aproximou as cadeiras da cama de Leigh enquanto Shrader explicava a situação.

—Seu mapa não nos foi tão útil como esperávamos. As indicações eram um pouco contraditórias, os pontos de referência faltavam ou estavam ocultos pelos bancos de neve. Estamos checando com todos os agentes imobiliários da área, mas até o momento nenhum deles sabe nada da casa e a propriedade que você descreveu.

De repente algo passou pela cabeça de Leigh, uma solução tão óbvia que não entendia como eles não a tinham pensado.

—Eu sei que estava perto da cabana quando aconteceu o acidente. Quem quer que tenha me encontrado no caminho tem que saber com exatidão aonde era isso! Falaram com essa pessoa?

—Não, ainda não falamos... —reconheceu Shrader.

— Por que não? —perguntou Leigh—. Por que ir de um lugar a outro nas montanhas, tentando seguir o meu mapa, quando tudo o que tem de fazer é falar com quem me resgatou?

—Não podemos falar com ele porque não sabemos quem é.

A cabeça de Leigh começou a doer de raiva e frustração que sentia.

—Não pode ser difícil de localizá-lo. Por favor, perguntem aos condutores da ambulância que me trouxeram até aqui. Eles têm que tê-lo visto e falado com ele.

— Tente se acalmar.— disse Shrader.— Entendo que esteja perturbada. Permita-me que lhe diga quem a resgatou.

Intuindo que a situação era mais complexa do que acreditava um momento antes, Leigh tentou fazer o que lhe pedia.

—Tudo bem, estou calma. Por favor diga-me.

— O homem que a encontrou na noite de domingo desceu a montanha e a levou a um pequeno motel nos arredores de Habsburgo, chamado Venture Inn. Despertou o gerente noturno do motel e pediu que ligasse para a emergência. Depois o convenceu de que você estaria melhor em um quarto com calefação e cobertor até que a ambulância chegasse. Depois que os dois homens a transportaram para um quarto, o indivíduo que a resgatou disse ao gerente que ia até o carro buscar seus pertences. Mas nunca voltou. Quando o gerente do motel saiu para procurá-lo um momento depois, seu veículo tinha desaparecido.

A fúria de Leigh foi desvanecendo e a deixou vazia e abatida. Fechou os olhos e se recostou contra os travesseiros.

—É uma loucura. Por que alguém faria uma coisa assim?

— Há várias explicações possíveis. A mais provável é que ele fosse a mesma pessoa que se chocou com você e a tirou da estrada. Depois sentiu-se culpado assim voltou para ver se podia encontrá-la. Quando a encontrou começou a preocupá-lo a ideia de ser responsabilizado pelo acidente, assim primeiro se assegurou que você estivesse em boas mãos no motel e depois sumiu na fumaça,

antes da chegada da polícia e ambulância. Fosse ou não a pessoa que causou o acidente, definitivamente tinha uma boa razão para não querer falar com a polícia.

“O gerente do motel nos disse que o homem conduzia um sedan quatro portas preto ou marrom escuro, pensava que era um Lincoln, algo velho e em péssimo estado. O gerente tem mais de setenta anos e não notou mais nenhum detalhe porque estava ocupado tentando removê-la do veículo. Lembra-se um pouco mais do condutor e aceitou trabalhar amanhã na cidade com um de nossos desenhistas. Com sorte, obterão um retrato decente que poderemos usar se seu marido ainda não tiver aparecido.

—Entendo. — Leigh murmurou e se virou. Mas a única coisa que na realidade via era a expressão feliz de Logan quando lhe deu um beijo de despedida no domingo pela manhã. Ele estava lá fora em alguma parte, ferido ou sepultado na neve, ou ambas as coisas. Essas eram as únicas alternativas que Leigh estava disposta a considerar. A ideia de que Logan já estava além de qualquer possibilidade de ajuda ou resgate era horrível demais para sequer pensar.

A detetive Littleton falou pela primeira vez, e seu tom era hesitante.

—Há uma coisa mais que queríamos lhe perguntar... —Leigh piscou para conter as lágrimas que queimavam os olhos, e se obrigou a olhar para aquela moça morena. —Esta manhã o agente Borowski voltou ao serviço após seus dias de licença, e nos informou que você denunciou em setembro que alguém a seguia. O agente Borowski foi quem tomou a denúncia e lhe pareceu que nós devíamos estar inteirados desse fato. Será que esse problema persiste?

O coração de Leigh começou a bater forte e um terror que reverberou por todo o corpo, e o medo fez tremer sua voz, uma vez que era quase inaudível.

— Vocês acham que um perseguidor pode ter se chocado comigo e me tirado da estrada e pode ter feito alguma coisa para o meu marido?

— Não, de jeito nenhum.—disse a detetive Littleton com um sorriso caloroso e confiante.—. Só estou tentando ajudar. Agora as estradas principais foram limpas. O serviço telefônico e elétrico se restabeleceu, exceto em algumas áreas isoladas, que ainda estão trabalhando. Sem dúvida, seu marido aparecerá a qualquer momento. Pensamos que gostaria que nós soubéssemos tudo o que é possível averiguar a respeito da identidade dessa pessoa que a perseguia enquanto estamos trabalhando com você. Se você não desejar que nós...

—Agradeceria-lhes muito que fizessem isso.—disse Leigh, agarrando-se a explicação da detetive Littleton, porque queria acreditar nela.

— O que pode nos dizer do homem que a perseguia?

Leigh descreveu os acontecimentos que a deixou preocupada.

—Você disse que enviou-lhe orquídeas —comentou Littleton quando Leigh terminou sua descrição—. Revisou os cartões que vinham com todas estas flores?

—Não.

Littleton se levantou e foi primeiro para as orquídeas brancas.

—Enviadas por Stephen Rosenberg. —disse, lendo o cartão.

—É um dos patrocinadores da peça de teatro. — informou Leigh.

Um por um, Littleton leu as mensagens e nomes que figuravam nos outros

cartões. Quando estava na metade apontou com a cabeça a pilha de mensagens telefônicas e telegramas que havia na mesa de cabeceira de Leigh.

— Leu esses com atenção?

—A maioria. —respondeu Leigh.

— O que acha do detetive Shrader os revise enquanto eu continuo com estes?

Leigh concordou, mas Shrader não parecia muito animado com a missão de começar a trabalhar com a pilha de papéis. Quando o nome do último ramo era um que Leigh também reconheceu, Littleton pegou seu casaco e Shrader também se levantou e tratou de finalizar sua tarefa de pé. Estava lendo uma das últimas mensagens quando em sua atitude teve uma mudança súbita e desagradável. Olhou para Leigh e a escrutinou como se a visse sob uma nova luz, nada atraente.

— Devo presumir, então, que Michael Valente é um bom amigo?

A expressão em seu rosto e no de Littleton fez com que Leigh sentisse suja.

—Não, não é. —afirmou Leigh enfaticamente— Eu o conheci no sábado a noite em uma festa que celebrava a estreia da peça de teatro. — Ela não quis dizer mais para não falar que a festa foi realizada na sua própria casa e, em especial, não queria que eles soubessem que Logan estava em negociações com Valente. Não queria dizer nada que fizesse com que esses detetives pensassem que Logan era outra coisa senão um irrepreensível homem de negócios e um marido amoroso que tinha desaparecido.

O que era verdade.

Os dois detetives pareceram aceitar sua explicação.

—Suponho que, por ser uma grande estrela, se aproxima de você muita gente estranha e desagradável.

—Isso vem com meu trabalho. —disse Leigh tentando adotar um tom de brincadeira, mas fracassando por completo.

—Agora a deixaremos descansar. —disse ele— Você tem os números de nossos telefones celulares, se você precisar entrar em contato conosco. Tentaremos seguir as indicações de seu mapa novamente. Normalmente, é fácil localizar a cena de um acidente como o seu, mas há tanta neve acumulada nos lados da estrada que é difícil encontrar os pontos de referência que procuramos.

—Me liguem se encontrarem alguma coisa... por pequena que seja —suplicou Leigh.

—Faremos isso. —prometeu Shrader. Reprimiu sua irritação quando Littleton parou na sala das enfermeiras e perguntou a respeito do cartão que faltava na cesta com as peras. Ele continuou se segurando enquanto a enfermeira olhou e não conseguia encontrá-lo, mas quando os dois chegaram ao setor dos elevadores, ele virou seu mau humor de Sam.

— O que você fez foi imperdoável! Assustou essa pobre mulher com essa merda de perseguidor. Ela acreditou nas razões que lhe deu para fazer essas perguntas. Sabia exatamente o que estava pensando.

—Ela não é nenhuma tola. Muito em breve teria se recordado dessa pessoa, e então sim, ficaria aterrorizada com a possibilidade que fosse ele o responsável pelo acontecido — respondeu Sam—. É melhor que saiba que nós já pensamos e

estamos seguindo essa linha de investigação.

— Seguindo qual linha de investigação? —Zombou Shrader—. O homem que a persegue está ainda na etapa romântica de dar-lhe presentes, e o mais provável é que permaneça assim até que alguém chame sua atenção. Em segundo lugar, os perseguidores não são espontâneos, fantasiam com o momento em que deixarão de esconder-se. Planejam sua estratégia e fantasiam, e não gostam que nada os desvie desses planos. Eles não decidem tomar a iniciativa em meio a uma inesperada tempestade de neve, a menos que também pudessem planejar isso, o qual é impossível.

A chegada do elevador o distraiu e quando Sam viu que estava vazio, tratou de explicar seu raciocínio.

— Você não acha estranho que o marido tenha desaparecido na mesma noite em que ela quase perdeu a vida ... e é misteriosamente resgatada? São muitas coincidências.

— Está sugerindo que um perseguidor está por trás de tudo isso? Quantos homens você acha que a perseguem?

Sam não prestou atenção a seu sarcasmo.

—Acredito que ele pode tê-la seguido quando viu que seu automóvel capotar, e permaneceu ali para resgatá-la. —Ao dizer em voz alta, Sam desejou não ter aberto a boca, porque mesmo para ela parecia loucura.

— Essa é sua teoria? —zombou Shrader— Um perseguidor que se torna um cavaleiro de armadura brilhante?—Sem aguardar uma resposta, continuou: — Agora, deixe-me expor a minha teoria. Manning foi apanhado pela tempestade de neve e por qualquer motivo não pode sair. A senhora Manning perdeu o controle de seu veículo na mesma tempestade e capotou . E esta é a razão porque eu gosto de minha teoria: A mesma coisa aconteceu com centenas de pessoas durante a tempestade no domingo! Por isso eu não gosto de sua teoria: é improvável. Na verdade, é absurda. Mais do que isso: é uma merda.

Em vez de se sentir ofendida com o resumo preciso do seu parceiro, Sam olhou para ele por um momento e então riu.

—Tem razão, mas por favor não suavize suas opiniões por mim.

Shrader era um homem e, por conseguinte, dizer que "*tinha razão*" era ao mesmo tempo um elogio —coisa que imediatamente o pôs de bom humor— e significava pô-lo em uma posição de privilégio.

— Você deveria ter falado comigo de sua teoria antes de dizer a senhora Manning —assinalou, mas com tom mais agradável.

—Me ocorreu só quando chegamos aqui. —reconheceu Sam enquanto as portas do elevador se abriam no térreo—. Foram as peras que me levaram a pensar nessa direção. Representam estar a par dos hábitos da senhora Manning —possuir informação "*de dentro*"— e não havia um cartão. Além disso, vi a forma em que ela reagiu ante a essas peras...

— Ela deu-lhe a razão por que reagiu dessa maneira.

Estavam no meio do lobby, quando Sam decidiu fazer um desvio que Shrader supôs equivocadamente que era para o banheiro feminino.

Alguém que cuide de mim

— Nos encontramos no carro.— disse ela.

— Problemas de próstata? —Brincou ele— Já fez uma parada quando estávamos em cima.

Sam foi até a recepção, onde vários arranjos florais aguardavam para serem levados aos quartos dos pacientes. Mostrou seu distintivo a uma voluntária idosa e cabelo matizado de azul e cujo crachá dizia que se tratava da senhora Novotny.

— Esta manhã trouxeram aqui uma cesta com peras? —Perguntou Sam.

—Ah, sim. —respondeu a voluntária— Lembro-me que ficamos maravilhados com o tamanho das bonitas peras .

— Por acaso não viu o caminhão ou o automóvel que a trouxe?

—Na realidade, eu notei. Era um automóvel negro —como o que conduzem as estrelas de cinema—. Sei porque dois adolescentes estavam sentados ali nesse momento, admirando-o. Um dos garotos comentou que devia custar pelo menos trezentos mil dólares!

— Mencionaram que tipo de automóvel era?

—Sim. Disseram que era um... — Ela parou por um instante, muito concentrada, e então seu rosto se iluminou.. — Disseram que era um Bentley! Também posso descrever o homem que o conduzia: usava um traje negro e uma boina negra com viseira. Ele trouxe as peras aqui e as colocou sobre minha mesa. Disse que eram para a senhora Leigh Manning e pediu-me que por favor me ocupasse para que ela as recebesse o mais rapidamente possível. Eu disse que faria isso.

Sam sentiu que era uma tola rematada por obcecar-se com o que claramente era uma cesta de frutas inofensiva e cara entregue pelo condutor de um Bentley. Shrader tinha toda a razão do mundo.

— Muito obrigada, Sra. Novotny. Você foi muito útil para mim— disse ela automaticamente, porque estava convencida que era importante fazer que os cidadãos que tinham uma atitude de cooperação sentissem que sua contribuição foi valiosa. Era uma maneira de dizer "*obrigado por aceitar participar*".

A senhora Novotny se sentiu tão lisonjeada que tentou ser ainda mais útil

—Se quer saber algo mais sobre o homem que conduzia esse automóvel, poderia perguntar a pessoa que enviou as peras, detetive.

—Não sabemos quem as enviou. —disse Sam por cima do ombro— Não tinha nenhum cartão.

— O envelope caiu.

Algo na forma em disse fez com que Sam freasse em seco e virasse a cabeça.

A senhora Novotny estava segurando um envelope quadrado.

— Eu pensei enviá-lo até a Sra. Manning com um voluntário, mas todos estiveram muito ocupado por causa da tempestade de neve. Muitas pessoas caíram, tiveram acidente de carro ou sofreram um enfarte de tanto lidar com a neve.

Sam agradeceu profusamente, pegou o envelope, e cruzou o lobby. Abriu-o , não porque esperasse descobrir algo significativo no interior, mas sim porque já se indispôs com Shrader e perturbou a senhora Manning sobre a cesta de frutas. Ela tirou uma pequena folha de papel dobrada do envelope e leu a mensagem escrita a mão. Então ela parou no meio do caminho e voltou a lê-la duas vezes mais.

Shrader havia tirado o automóvel do estacionamento e o tinha junto ao meio fio, em frente as portas do hospital. Pequenas nuvens de vapor brotavam do cano de escapamento e uma camada fina de gelo se formou no pára-brisa. Ele a estava retirando com seu cartão de crédito, uma tarefa nada simples com os limpador de pára-brisas funcionando a toda velocidade e seus dedos nus. Sam esperou no automóvel até que ele entrou e começou a soprar as mãos geladas e a esfregá-las e só então lhe passou a nota dobrada.

— O que é isso? — Perguntou ele entre um sopro e outro em seus dedos.

— A nota que chegou com as peras para a senhora Manning.

— E porque você está dando para mim?

— Porque você está com frio, — respondeu ela — e eu acho que isso vai eletrizá-lo ...

Era evidente que Shrader pensava que tal coisa era improvável, e ele demonstrou a opinião ignorando a nota e continuando a esfregar as mãos. Quando terminou, colocou o Ford em marcha, olhou no espelho retrovisor, e afastou-se do meio-fio. Finalmente, ele pegou a nota, abriu-a com indiferença com o polegar e, quando chegaram a um semáforo em vermelho, finalmente se dignou a olhar de esguelha seu conteúdo.

— Puta merda! — ele puxou o freio com tanta força que o cinto de segurança de Sam travou e o automóvel patinou sobre a rua coberta de gelo. Leu de novo a mensagem e depois lentamente levantou sua cabeça grande escura e a olhou, seus olhos castanhos brilhantes pela surpresa e a antecipação: um rottweiler feliz ao qual acabava de lhe dar uma picanha bem suculenta. Ele balançou a cabeça como se quisesse esclarecer as ideias.

— Temos que chamar o capitão Holland. — disse e levou o veículo para o meio fio. Rindo entre dentes, marcou os números em seu telefone celular. — Que golpe de sorte, Littleton! Se Logan Manning não aparecer logo são e salvo, acaba de dar ao NYPD* um caso que vai fazer de você uma heroína e Holland, no próximo chefe de polícia. E Trumanti poderá morrer sendo um homem feliz. — No telefone, ele vociferou: — Fala Shrader. Preciso falar com o capitão. — Escutou um momento e então disse: — Diga a ele que é uma emergência. Aguardarei na linha.

Afastou o telefone da orelha o tempo suficiente para pressionar o botão mudo, em seguida anunciou:

— Se você já não fosse o anjo loiro de Holland, seria de agora em diante.

Sam reprimiu uma onda de alarme.

— O que quer dizer com isso, eu sou seu 'anjo'?

Shrader lhe dirigiu um olhar um pouco envergonhada.

— Esqueça que eu disse isso. O que acontece entre Holland e você não é da minha conta. É bem claro agora, que você tem mais do que apenas a aparência. Você tem um tremendo instinto, você tem tenacidade, você tem capacidade! Isso é o que importa.

— O que me importa neste momento é que você deu a entender que o capitão

* Departamento de Polícia de New York

Holland tem algum tipo de parcialidade comigo e eu quero saber por que você acha isso.

— Diabos, todo mundo na Dezoito pensa assim!

— Oh, que pena, me faz sentir muito melhor. — disse ela com ironia— Agora responda a minha pergunta ou eu vou te mostrar 'tenacidade' como você nunca...

A pessoa que estava do outro lado da linha disse algo e Shrader levantou uma mão para silenciar Sam.

— Sim, seguirei aguardando. — disse. Depois olhou para Sam, aferiu o grau de determinação em sua expressão facial, e decidiu que acreditava em sua ameaça. — Considere a evidência — disse, depois de pressionar o botão mudo novamente—. Você é uma detetive novata, mas queria trabalhar em Homicídios na Delegacia de polícia Dezoito e atribuíram a Homicídios. Temos milhares de casos, mas Holland escolhe um especial para que você começar. Você precisa de um parceiro permanente, mas Holland não vai atribuir-lhe qualquer pessoa. Ele quer escolher seu parceiro pessoalmente...

Sam apelou para a única explicação, embora fraca, que lhe ocorreu nesse momento.

— Holland se ocupa neste momento de todas as atribuições, já que o posto do tenente Unger ainda está em aberto.

— Sim, mas Holland não atribuiu-lhe um parceiro porque quer estar seguro que seja alguém agradável, alguém compatível com você.

— Então, como escolheu você?

Shrader sorriu ante o sarcasmo de Sam.

— Porque ele sabe que eu vou cuidar de você.

— Ele lhe disse para olhar por mim? — Perguntou Sam, atônita e desgostosa.

— Sim, exatamente com essas palavras.

Sam digeriu esse fato por um momento; depois, encolheu de ombros em um fingido desinteresse.

— Bem, se isso é tudo o que precisa para que todos pensem que há algo estranho acontecendo, então vocês são um punhado de velhas fofoqueiras.

— Dá um tempo, Littleton. Dê uma olhada em si mesmo: você não é exatamente a policial feminina típica. Não diz palavrões, não se zanga, é muito decorosa e feminina e não se parece com uma policial.

— Você ainda não me ouviu dizer palavrões — Sam o corrigiu—, e ainda não me viu ficar com raiva. E o que há de errado com a minha aparência?

— Nada. Basta perguntar a Holland e alguns dos outros caras na Dezoito: todos acham que você é esplêndida. É claro, as detetives da Dezoito são muito mais velha que você e vinte e cinco quilos mais gordas, então eles não têm muito para comparar.

Sam balançou a cabeça com desgosto e escondeu seu alívio, mas o que ele disse a seguir a enfureceu e terminou a trégua momentânea.

— Desde que você quer saber toda a verdade — disse ele—, segundo os rumores do Departamento, você tem amigos em lugares importantes ou algo assim.

— Isso é tão típico, — disse Sam conseguindo olhar com desprezo divertido.—

Cada vez que uma mulher começa a ter sucesso em uma profissão dominada por homens, vocês preferem atribuir seu sucesso a qualquer coisa, exceto sua capacidade.

—Bom, você tem muito disso —disse Shrader e a surpreendeu. Mas calou de repente quando finalmente Holland atendeu a ligação e, evidentemente, começou por repreender severamente Shrader por ter ficado tanto tempo na linha e assim aumentar a conta de seu celular.

—Sim, capitão, já sei... provavelmente cinco minutos. Sim, capitão, mas a detetive Littieton descobriu algo que me pareceu que você gostaria de saber imediatamente.

Desde que Shrader era o detetive sênior no caso, e também "*estava responsável por ela*", Sam esperava que ele conferiria algum tipo de crédito por sua descoberta, ou pelo menos reivindicaria a satisfação de informar pessoalmente a Holland, mas para sua surpresa, Shrader passou o telefone para ela com uma piscadela.

—Holland diz que é melhor que a informação seja boa.

Quando Sam desligou, não tinha a menor dúvida que o capitão Thomas Holland pensava que sua informação justificava o telefonema oneroso.

Na verdade, Holland acreditou que justificava o emprego pleno e imediato de todo o pessoal disponível e os recursos do NYPD.

— Bem? —Perguntou Shrader com um sorriso cúmplice—. O que Holland disse? Sam entregou o telefone de volta para ele e resumiu a conversa.

—Basicamente, que a Sra. Manning vai conseguir mais ajuda da polícia de Nova York na busca de seu marido do que ela jamais imaginou.

—Ou quis. —Shrader disse categoricamente. Ele olhou para o hospital em direção do terceiro andar e sacudiu a cabeça. — Essa mulher é uma boa atriz dos infernos! Ela me enganou completamente.

Automaticamente, Sam seguiu seu olhar.

—A mim também. —admitiu ela, franzindo a testa.

—Coragem. —ele aconselhou quando se afastavam dali — Você fez de Holland um homem feliz e com certeza neste momento ela está falando ao telefone com Trumanti e o tornando também em um homem feliz. Esta noite, Trumanti fará o mesmo com o prefeito. O maior problema para todos nós —disse— será manter em segredo o que sabemos. Se os Federais chegarem a se inteirar, tentarão encontrar uma forma de participar do caso. Durante anos tentaram capturar Valente por uma dúzia de encargos, mas nunca conseguiram. Eles não gostarão nada que NYPD tenha êxito aonde eles falharam.

— Não é um pouco cedo para tanta euforia? —Perguntou Sam—. Se Logan Manning aparecer com vida, então, não haverá nenhum caso.

—É verdade, mas algo me diz que isso não acontecerá. É hora de almoçar. —acrescentou depois de uma olhada no relógio no painel—. Eu lhe devo uma desculpa por detonar sua teoria mais cedo. Vou comprar-lhe um hambúrguer para o almoço.

Esse oferecimento extraordinário fez com que Sam tivesse uma reação tardia. Shrader era tão pão duro que na Dezoito todos faziam brincadeiras sobre isso.

Nos poucos dias que eles já estavam juntos as montanhas, ele já havia pago várias xícaras de café e lanches nas máquinas vendedoras do hospital. Em vista disso, e sua atitude anterior sobre sua "teoria", Sam decidiu vingar-se de uma forma que o torturaria.

—Você deve-me um bife para o jantar.

—Sem chance.

—Eu conheço o lugar perfeito. Mas, primeiro, o capitão Holland quer que façamos alguns telefonemas para as autoridades locais.

Capítulo 6

Incapaz de suportar a ideia de comer ou receber mais reprimendas sobre o assunto por parte de sua enfermeira, Leigh escondeu duas torradas e a pera na gaveta da mesa de cabeceira; depois se recostou no travesseiro e ficou pensando no que os detetives haviam dito e feito. Depois de alguns minutos tomou uma decisão e ligou para sua secretária. Brenna atendeu o telefone no apartamento de Leigh na Quinta Avenida no primeiro toque.

— Há alguma notícia do senhor Manning? —Perguntou Brenna assim que Leigh terminou de tranquilizá-la a respeito de seu próprio estado.

—Não, ainda não. —respondeu Leigh, tentando não soar tão desanimada como se sentia —Preciso de alguns números de telefone. Não estão no computador, eles estão numa pequena agenda que há na gaveta da direita da escrivaninha do meu quarto.

—Tudo bem. Que números? —Perguntou Brenna e Leigh imaginou a loira eficiente com uma lapiseira na mão, sempre pronta para responder a qualquer pedido dela.

—Preciso o da linha direta do prefeito Edelman em seu escritório e o da casa. Também preciso do número do escritório e o particular de William Trumanti. Ele vai estar com o nome ou por "chefe de polícia". Aguardarei até que os encontre. — Brenna estava de volta na linha tão rápido que Leigh soube que deveria ter corrido na ida e volta do quarto.

— Há alguma coisa mais que eu possa fazer? —perguntou Brenna.

—Não no momento.

—Courtney Maitland esteve aqui várias vezes. —disse Brenna—. Está absolutamente convencida que está morta e que as autoridades estão escondendo.

Em circunstâncias normais, a mera menção da adolescente sem papas na língua que vivia no edifício de Leigh a teria feito sorrir, mas hoje não.

—Diga Courtney que a última coisa que ela e eu conversamos foi sobre como ela se sente sobre a nova esposa de seu pai. Isso deveria convencê-la de que estou viva e conversando.

—Eu ligarei para ela agora mesmo. —disse Brenna—.Conseguí uma enfermeira

particular assim que soube de seu acidente. Já se apresentou por aí?

—Sim, obrigada. Eu a deixei ir, esta manhã, mas eu deveria tê-la conservado por mais um dia.

— Porque ainda não se sente bem?

— O quê? —Leigh já estava concentrada na ligações que queria fazer.

Não, porque ela era mais fácil para intimidar do que a enfermeira do hospital.

O prefeito Edelman estava indo para uma reunião quando Leigh ligou, mas sua secretária avisou que Leigh o procurava e ele atendeu em seguida a ligação.

— Leigh, eu estou tão triste com o que aconteceu. Como você está?

— Estou muito bem, prefeito. —respondeu Leigh, lutando por manter um tom de voz sereno—. Mas ainda não há notícias de Logan.

— Já sei. Pedimos ajuda a polícia do estado e estão fazendo tudo o que está a seu alcance, mas ele estão com as mãos cheias —Fez uma pausa e disse, com afeto — Há alguma outra coisa que eu possa fazer?

— Sei que isso é uma imposição, que nem sequer é da responsabilidade do novo Departamento de Polícia da Cidade de Nova Iorque, mas só há dois detetives aqui procurando Logan, e o tempo esta passando. Seria possível que viesse mais gente para ajudar nas buscas? Eu ficarei feliz de reembolsar a cidade pela mão de obra extra, ou todas as despesas envolvidas, o custo não é problema.

— Não se trata inteiramente de uma questão de custos. Existem algumas questões de jurisdição do ponto de vista do NYPD. O comissário de polícia Trumanti não pode enviar uma "patrulha" a Catskills sem ser convidado pelas autoridades locais.

Para Leigh, soava como pura burocracia, a etiqueta da aplicação da lei e ela não tinha tempo para isso.

— Lá fora a temperatura é de quase oito graus negativos, prefeito, e meu marido está em algum lugar lá fora, perdido. O FBI tem jurisdição em todas as partes. Estou pensando em chamá-los.

— Certamente você pode tentar—disse ele, mas pelo seu tom, Leigh soube que ele não acreditava que existisse alguma possibilidade de conseguir que o FBI se envolvesse na busca

—Entendi que há muita gente desaparecida nessa nevasca, Leigh, mas acreditam que ele está a salvo e simplesmente não consegue chegar aos caminhos principais ou utilizar o telefone. Porque não liga para Bill Trumanti e peça que a deixe a par da situação?

—Era precisamente o que pensava em fazer depois de falar com você. Muito obrigada, prefeito —disse Leigh, mas na realidade não se sentia muito agradecida. Estava frenética e precisava algo mais que preocupação e desculpas. Precisava de ajuda ou, pelo menos, sugestões a respeito de como conseguir mais ajuda.

Comissário Trumanti não estavam disponível quando ela ligou, mas ele retornou a ligação meia hora mais tarde. Para enorme surpresa e alívio de Leigh, Trumanti ofereceu muito mais que meras sugestões, estava disposto a proporcionar o apoio completo e os recursos do NYPD para ajudar a encontrar Logan.

—As questões jurisdicionais mencionadas pelo prefeito estão se resolvendo

neste preciso momento. —disse. Ele parou por um momento e pôs a mão sobre o telefone, falou algumas palavras incompreensíveis para quem estava lá, então voltou para sua conversa com Leigh. — Acabam de me informar que os detetives do capitão Holland que estão no local contactaram as autarquias locais e todos eles concordaram em deixar o NYPD participar nos seus esforços de busca e salvamento. Na verdade, sua atitude é "quanta mais ajuda, melhor". Como você sabe, Leigh, foi um inferno de nevasca e todos os serviços e as autoridades locais estão trabalhando sem descanso há vinte e quatro horas tentando ajudar seus habitantes.

Para Leigh o alívio foi tal que teve vontade de chorar.

—Segundo o prognóstico meteorológico. —continuou ele—, muito em breve o tempo melhorará. Acabo de autorizar o uso de helicópteros do NYPD para começar procurando a cabana logo que as nuvens se limpem um pouco e a visibilidade melhore a um nível de maior segurança. Há uma área muito grande para cobrir, assim não espere resultados muito rapidamente, enquanto isso, você tem dois excelentes detetives do capitão Holland aí neste momento, que irão seguir qualquer pista que aparecer.

—Realmente, não sei como agradecer. —disse Leigh comovida.

Ela e Logan conheciam socialmente o chefe de polícia Trumanti e sua esposa, mas não tanto como conheciam o prefeito, e este não ofereceu quase nenhuma ajuda. Em vista disso, Leigh havia esperado menos ajuda e não mais do que isso da parte do comissário Trumanti. Entretanto, ele estava se tornando um forte aliado, um verdadeiro presente de Deus. Leigh decidiu perguntar se acreditava que ela deveria contatar também o FBI.

—Comentei com o prefeito Edelman que estava pensando na possibilidade de pedir ajuda ao FBI... —começou a dizer.

A reação de Trumanti foi tão negativa que Leigh se perguntou se ele tinha tomado como um insulto para o NYPD e para ele pessoalmente.

—Estaria perdendo seu tempo, senhora Manning. —ele a interrompeu e sua atitude se tornou fria e formal — A menos que haja algo que você não tenha dito aos nossos detetives, não existe a menor prova, nem sequer um ínfimo detalhe, que apontasse para um crime de qualquer natureza em relação ao seu desaparecimento de seu marido, e muito menos um delito federal que justificaria recorrer ao FBI.

—Um homem esteve me seguindo... —começou a dizer Leigh.

—Que entendi, limitou suas atividades a uma área geográfica que está inteiramente sob a jurisdição do NYPD. A lei federal não foi violada. Na verdade, não acredito que o NYPD pudesse acusá-lo de um delito, o que seria incômodo para você neste momento.

Cada vez que Trumanti enfatizava a palavra "federal", Leigh tinha a sensação de estar sendo severamente repreendida, e nada menos que pela pessoa cuja ajuda e fidelidade ela mais precisava.

—Entendo. Eu só estava tentando pensar em maneiras de ajudar na investigação. —disse ela com deliberada humildade. Ela teria se arrastado até Trumanti de joelhos se com isso conseguisse assegurar sua ajuda para encontrar

Logan.

— Existe alguma coisa que você poderia sugerir que eu poderia fazer?

Seu tom de voz tornou-se muito mais agradável.

— Sim — respondeu — Quero que você descanse o mais possível e cuide-se, para quando encontrarmos Logan ele não nos jogue a culpa de tê-la preocupado.

— Eu tentarei. — prometeu Leigh — É possível que eu vá para casa amanhã.

— Você está bem o suficiente para deixar o hospital? — Perguntou ele, surpreso.

Leigh evitou esta questão, mas confessou outra verdade:

— Os hospitais fazem-me sentir impotente e deprimida.

Ele riu.

— A mim também. Detesto esses lugares. E não começo a me sentir bem até que volto para casa.

Tardamente, Leigh lembrou que Trumanti travava uma longa batalha contra um câncer de próstata, uma luta que, segundo os rumores, estava perdendo. Ela tentou pensar em algo adequado para dizer e teve que se contentar com um:

— Obrigada por tudo. Você está sendo extremamente gentil.

Capítulo 7

— Eu quero ir para casa amanhã. — disse Leigh ao seu médico quando ele entrou para vê-la para vê-la às cinco da tarde.

Ele estudou o formulário de controle de seus sinais vitais e sua expressão era tão implacável como a dela.

— Isso não é possível!

— Mas hoje me levantei várias vezes e esta tarde caminhei pelo corredor. Tenho certeza que já não preciso deste colarinho ortopédico. Eu estou bem, insisti Leigh.

— Não está bem. Teve uma contusão muito séria, tem costelas fraturadas e ainda não sabemos se ainda precisa desse colarinho.

— Já quase não tenho dores.

— Isso é porque estamos administrando analgésicos muito fortes. Você já olhou seu corpo debaixo dessa bata de hospital? — Perguntou ele.

— Sim.

— Você já viu seu rosto num espelho?

— Sim.

— Como descreveria o que viu?

— Tenho o aspecto de alguém que sofreu um acidente.

— O que parece é uma berinjela vivente. — Quando viu que sua expressão permaneceu teimosamente determinada, ele mudou de tática.

— Lá abaixo há uma quantidade de repórteres e fotógrafos esperando poder vê-la. Suponho que não deseja que ninguém a veja com esse aspecto, não é? Você tem

uma imagem pública a preservar.

Leigh não estava com disposição para um sermão sobre a importância de sua imagem pública. Já era quarta-feira e, se o clima não melhorasse, os helicópteros não seriam capazes de iniciar a busca no dia seguinte. Ela queria que a polícia acelerasse a busca localizando o lugar onde seu carro caiu no barranco. Não podia suportar outro dia de impotente inatividade e repouso forçado. Doía-lhe todo o corpo, mas sua mente estava clara e que ela precisava ser capaz de agir.

O médico confundiu seu silêncio com assentimento.

—Você sabe bem que quero só o melhor para sua saúde. Você simplesmente, não se encontra bem para ter alta.

—Suponhamos que eu não fosse uma atriz famosa, mas uma humilde operária. — propôs Leigh— Tenho que manter minha família e não tenho dinheiro para cobrir o que o meu plano social de saúde não pagará. Se isso fosse assim, Dr. Zapata, quando você me daria alta?

As sobrancelhas grisalhas do médico se juntaram.

— Teria sido ontem? —Sugeriu ela.

— Não. —respondeu ele.

—Então, quando? —Insistiu ela.

—Esta manhã. —disse ele— Obteve o que queria, senhora Manning.

Leigh instantaneamente sentiu-se como uma bruxa.

—Lamento. Fui um pouco grosseira.

— Infelizmente, seus argumentos foram contundentes. Assinarei os papéis da alta depois de passar para vê-la pela manhã... desde que concorde ir em uma ambulância .

Assim que ele saiu, Leigh tentou falar com Brenna ao telefone, mas sua secretária já tinha ido para casa. Com uma hora sem nada que fazer, Leigh desceu dolorosamente da cama, sentou-se na cadeira e começou a folhear as revistas e jornais que pediu mais cedo a um voluntário que empurrava um carrinho com material de leitura. Leigh procurava recuperar suas forças.

Às seis e meia, ela colocou os jornais de lado, voltou para seu leito, e ligou para Brenna em seu número de casa.

— Eu tenho que te pedir um favor. — disse ela — É um pouco fora do comum...

—Não importa. —interrompeu em seguida Brenna — Apenas me diga como eu posso ajudar...

—Pela manhã vão me dar alta. Poderia trazer-me roupa limpa?

— Claro que sim. Alguma outra coisa?

—Sim, alugue um quatro por quatro e traga aqui. Estaciona-o em qualquer parte perto do hospital e depois pegue um táxi pelo resto do caminho. Sou obrigada para sair do hospital em uma ambulância, —explicou Leigh— mas não penso em permanecer muito tempo nela. Abandonaremos a ambulância quando chegarmos ao veículo alugado.

—E, depois, o quê? —Perguntou Brenna com desgosto — Quero dizer, se precisa de uma ambulância para sair do hospital, não deveria ficar nela durante a viagem de volta a cidade?

Alguém que cuide de mim

—Não vamos voltar diretamente para a cidade. A polícia não pode seguir o mapa que desenhei, mas eu acredito ser capaz de encontrar o lugar onde meu automóvel saiu da estrada. A cabana em que eu me encontraria com meu marido tem que estar muito perto desse lugar.

— Eu entendo—disse Brenna—, mas eu estou realmente preocupada com você, e...

— Brenna, por favor! Eu preciso de sua ajuda — a voz de Leigh se quebrou pela exaustão e medo, e quando Brenna ouviu, capitulou em seguida

— Eu vou cuidar de tudo. —ela prometeu com veemência — Antes que desligue, — ela acrescentou — há algo que eu quero dizer. Espero que você não leve a mal.

Leigh recostou a cabeça contra os travesseiros e se preparou para ouvir algo que não desejava ouvir... algo que, em sua experiência, estava acostumada a vir sempre depois de uma frase que começava com espero que não leve a mal.

— Do que se trata?

—Não faz muito tempo que trabalho para você e eu sei que você tem centenas de amigos a quem poderia recorrer, por isso estou muito satisfeita ... bem, lisonjeada ... por você está contando comigo... quando você tem tantas outras pessoas ...

—Brenna, —disse Leigh com um sorriso cansado— lamento decepcioná-la mas tenho centenas de conhecidos que não posso confiar, e apenas alguns poucos amigos verdadeiros que posso confiar completamente. Dois deles estão do outro lado do globo, e um se perdeu nas montanhas. Os outros são amizades casuais, conhecidos e pessoas que eu nunca sequer conheci, já estão sendo assediados pela mídia. Os jornais estão cheios de informações erradas, especulação e insinuações descabeladas, e obtêm esse material de minhas supostas amizades e conhecidos próximos.

Brenna permaneceu em silêncio, sem dúvida tentando encontrar outra explicação, mas não havia.

—Isso é muito triste. — disse ela baixinho.

Também era a menor das preocupações de Leigh.

—Não dê importância. Essa é simplesmente o modo de vida para pessoas como eu.

—Obrigada por confiar em mim, isso era tudo o que eu queria dizer.

Leigh fechou os olhos.

—Obrigada por ser... por ser como é.

Quando Brenna desligou, Leigh reuniu o que restava de suas forças e fez o último telefonema da noite. Foi para sua assessora, Trish Lefkowitz. Deu a Trish um relatório rápido e nada dramático da situação. E uma vez ofereceu palavras de simpatia e encorajamento, Trish foi diretamente ao assunto.

—Sente-se em condições de me dar instruções a respeito de como quer que eu atue com a imprensa? Até agora estive evitando-os.

—Precisamente por isso que estou ligando. Vou ter alta amanhã pela manhã, mas não irei diretamente para casa e não quero que os repórteres me sigam. Brenna e eu iremos às montanhas procurar o lugar aonde sofri o acidente.

—É uma loucura. Não pode estar ainda em condições de...

—Se conseguir encontrar esse lugar, isso ajudará a reduzir a área da busca.

— Homens! —Explodiu Trish. A longa lista de relações insatisfatórias da publicitária fazia com que detestasse os homens. — O mais provável é que Logan esteja acampando em alguma cabana acolhedora bloqueada pela neve, com a esposa de um fazendeiro assando bolachas, enquanto todos estão loucos de preocupação e você tenta resgatá-lo.

—Espero que você tenha razão —disse Leigh.

Trish suspirou.

— Eu também, agora, deixe-me pensar, como posso distrair a mídia para que você possa escapar do hospital...

Enquanto aguardava, Leigh imaginou a publicitária puxando seu cabelo negro e comprido para trás da orelha e em seguida, lentamente torcendo o extremo de uma mecha enquanto avaliava a situação. Em épocas mais felizes, Leigh havia lhe advertido em tom de brincadeira que algum dia essa mecha terminaria por cair.

—Muito bem, esta é a melhor forma. Vou ligar para o porta-voz do hospital, que é o Dr. Jerry-alguma coisa. Vou pedir-lhe para notificar os membros da imprensa que rondam pelo hospital que você está sendo liberada pela manhã e vai deixar o hospital de ambulância para voltar para casa. Depois farei os acertos necessários para que uma ambulância vazia abandone o hospital e, com sorte, eles a seguirão até a cidade de Nova Iorque. O que você acha?

— Parece uma boa ideia. Só mais uma coisa, informa aos meios de comunicação que eu darei uma entrevista a imprensa em casa amanhã de noite.

— Você está brincando! Sente-se capaz de fazer uma coisa assim?

—Não, mas preciso da ajuda e cooperação deles. Um desenhista da polícia está realizando um esboço do homem que me encontrou depois do meu acidente. Poderemos entregar esse desenho, se estiver pronto. Eu também quero tentar pôr um fim aos rumores que li em dois jornais de hoje que o desaparecimento de Logan é apenas o resultado de algum tipo de briga conjugal. O NYPD se ofereceu para participar ativamente na busca, mas artigos jornalísticos como esses farão que pareça, bom, que a polícia está fazendo papel de bobo.

— Eu entendo. Posso perguntar que aspecto tem?

—Meu aspecto está perfeitamente bem.

— Não há hematomas em seu rosto, ou algo assim? Estou pensando em câmeras.

— Eu preciso de um fórum público, não importa que aspecto tenho.

O silêncio de Trish no outro extremo da linha pontuou seu desacordo com essa afirmação, mas ela intuiu que era inútil discutir.

—Vejo você amanhã à noite —disse ela.

Capítulo 8

As ligações esgotaram Leigh, mas também manteve sua mente ocupada. Quando apagou as luzes e fechou os olhos, entretanto, sua imaginação capturou e atormentou-a com os horrores do que poderiam ter acontecido com Logan. Ela o viu amarrado a uma cadeira, sendo torturado por algum perseguidor demente... Viu-o morto e congelado dentro de seu carro... com os lábios azuis, os olhos vidrados e o olhar fixo.

Incapaz de suportar a agonia dessas imagens, tentou extrair força e esperança das lembranças do passado. Lembrou-se de seu casamento simples na frente de um aborrecido juiz de paz. Leigh tinha usado seu melhor vestido e uma flor no cabelo. Logan estava de pé ao lado dela. Parecia elegante e seguro de si, apesar de usar um traje surrado e de que as fortunas combinadas de ambos mal somavam oitocentos dólares.

A avó de Leigh não pode pagar uma passagem de avião para assistir o casamento, e a mãe de Logan era tão contra ao casamento que eles só contaram a ela no dia seguinte. Mas, apesar de tudo isso, apesar da virtual pobreza de ambos, apesar da ausência de amigos e família e apesar do futuro incerto que os esperava, eles foram infinitamente felizes e otimistas nesse dia. Eles acreditavam um no outro. Eles acreditavam na força do amor. Durante os vários anos que seguiram, isso era tudo o que tinham: um ao outro e um imenso amor.

Imagens de Logan desfilaram pela mente de Leigh como slides em um projetor... Logan quando se conheceram, jovem, muito magro, mas arrojado, mundano e mais sábio do que se podia esperar para sua idade. No primeiro encontro, ele a levou a um concerto. Era a primeira vez que ela assistia um, e durante uma pausa na música, ela aplaudiu muito cedo, acreditando que a peça tinha terminado. O casal sentado na fila na frente virou a cabeça e lhe lançou um olhar tão depreciativo que aumentou sua mortificação, Logan não permitiu que as coisas ficassem assim. No intervalo, inclinou-se para frente e falou com esse casal de pessoas mais velhas. Com sua forma de falar educada e sedutora, disse-lhes: — *"Não é maravilhoso o momento em que nos apresentam pela primeira vez algo que amamos? Recordam o bem que se sentiram nesse instante?"*

O casal virou a cabeça, e sua expressão de desaprovação e desagrado mudou para sorrisos, que dirigiram a Leigh.

—A princípio eu não gostava das sinfonias. — confidenciou o homem— Meus pais tinham entradas para a temporada e me arrastaram a várias apresentações. Confesso que levou um tempo tomar gosto pela música clássica. — O casal passou o intervalo com Leigh e Logan e insistiram em convidá-los para uma taça de champanhe para celebrar o primeiro concerto de Leigh.

Muito em breve Leigh descobriu que Logan tinha uma maneira especial de tratar às pessoas esnobes, emproadas e críticas, uma maneira que as desarmava e as transformava em amigos e admiradores. A mãe de Logan dizia com frequência que *"não existe nenhum substituto para as boas maneiras"*, e Logan as tinha em abundância; era uma atitude natural e nada afetada.

Para o segundo encontro, Logan sugeriu a Leigh que escolhesse como queria passar a noite. Ela decidiu que gostaria de ir ao teatro para ver uma obra pouco

conhecida, escrita por um jovem dramaturgo chamado Jason Solomon. Logan fechou os olhos e cochilou durante o terceiro ato.

Como Leigh estudava arte dramática na Universidade de Nova Iorque, pôde conseguir passes para ir aos camarins.

— O que vocês acharam da peça? — Perguntou-lhes Jason Solomon quando Leigh terminou as apresentações.

— Eu adorei — disse Leigh, em parte por cortesia e em parte devido ao amor que sentia por tudo o que tivesse a ver com o teatro. Na realidade, pareceu-lhe que a obra em si era excelente, mas que a interpretação era razoável e a iluminação e a direção deixavam muito a desejar.

Satisfeito, Jason olhou para Logan esperando mais elogios.

— E você, o que achou?

— Eu não sei muito sobre o teatro. — respondeu Logan — Leigh é a perita nesse campo. Estuda arte dramática na Universidade de Nova Iorque. Se minha mãe tivesse aqui esta noite, poderia ter perguntado a opinião dela. Seria muito mais válida que a minha.

Sentindo-se insultado pela falta de entusiasmo de Logan, Jason levantou o queixo e o olhou com desdém.

—E você pensa que a opinião de sua mãe teria peso porque ela é... o quê? Uma dramaturga bem-sucedida? Uma crítica teatral?

— Não. Porque entre seu círculo de amigos há vários mecenas das artes.

Leigh não percebeu naquele momento, mas Logan estava dando a entender a Jason a leve possibilidade de um apoio financeiro. O que Leigh soube foi que de repente Jason mudou de atitude e, apesar de seu ressentimento, tentou ser lisonjeiro com Logan.

—Traga sua mãe para ver minha peça. —disse— Me avise quando pensam em vir e me encarregarei que tenham assentos na primeira fila. — Quando saíram do teatro, Leigh perguntou:

— Realmente acredita que sua mãe gostaria dessa peça?

Sorrindo, Logan passou um braço pelos seus ombros. Era a primeira vez que a tocava de uma maneira pessoal.

— Acredito que minha mãe não pisaria neste teatro a menos que a cidade de Nova York estivesse incendiando e este fosse o único edifício a prova de fogo.

— Então por que insinuou isso a Jason Solomon?

— Porque você é uma atriz talentosa e ele é um dramaturgo que precisa urgentemente de gente que saiba atuar. Pareceu-me que você poderia vir de novo ao teatro na próxima semana, se a peça não sair de cartaz, e oferecer seus serviços em caráter voluntário.

Entusiasmada por seus elogios e distraída pelo roçar de sua mão, Leigh, no entanto, sentiu compelida a apontar uma verdade:

— Você não tem como saber se na realidade atuo bem ou não.

— Sim eu sei. Sua companheira de quarto comentou comigo que você tem muito talento. Na realidade, ela disse que você é algum tipo de prodígio e toda a classe a inveja .

— Embora tudo isso fosse verdade, e não é, Jason Solomon não me contrataria. Eu não tenho experiência profissional.

Logan riu.

— Pelo aspecto deste lugar e a qualidade das interpretações, ele não pode se dar ao luxo de contratar ninguém que tenha experiência profissional. E, além disso, eu mencionei que se oferecesse em '*caráter de voluntário*', ou seja, sem cobrar. Depois disso, terá seus créditos.

Não era tão simples e tampouco esse era o método adequado, mas Leigh já estava se apaixonando por Logan Manning, e portanto essa noite não queria discutir com ele a respeito de nenhum assunto.

Uma vez fora do teatro, ele chamou um táxi e, enquanto o condutor estava absorto com o tráfego do centro da cidade, Logan voltou a passar um braço ao redor de seus ombros, aproximou-a e deu-lhe seu primeiro beijo. Foi um beijo maravilhoso, cheio da mesma e profunda excitação que Leigh estava sentindo, um beijo perito que a deixou não só atordoada e excitada, mas também com plena consciência de que nesse terreno, como em todos os outros, Logan Manning tinha muito mais experiência de mundo do que ela.

Ele a acompanhou ao deprimente edifício da rua Great Jones, aonde ela dividia um apartamento de um quarto no quinto andar. Na porta do apartamento, ele voltou a beijá-la, um beijo mais prolongado e mais profundo desta vez. Quando a soltou, Leigh se sentia tão eufórica que soube que demoraria horas para poder conciliar o sono. Ficou encostada na porta do apartamento, escutando Logan descer pelas escadas para o nível da rua, só então abriu a porta e, como em um sonho, desceu pela mesma escada pela qual ele tinha descido.

Logan não a tinha levado para comer depois do teatro, uma omissão cujo motivo ela se perguntaria mais tarde, mas nesse momento a única coisa que sabia com certeza, era que se sentia delirantemente feliz e espantosamente faminta. A mercearia da esquina estava a apenas alguns metros e permanecia aberta a noite toda, e para ali se dirigiu Leigh.

O Mercado Angelini era um lugar estreito mas muito profundo, com pisos de linóleo muito velhos, péssima iluminação e um aroma penetrante de carne em conserva e pickles kosher que emanavam de uma vitrine de comidas prontas para levar, que ocupava a totalidade da parede esquerda. A parede direita estava coberta de prateleiras, do piso ao teto, que continham latas e caixas de mantimentos. No centro, havia cestos de madeira com produtos frescos e caixas com refrigerantes, deixando apenas um estreito corredor em ambos os lados para chegar aos frigoríficos e freezers no fundo da loja. Apesar do aspecto nada atrativo, as massas italianas e as carnes do setor de comidas caseiras prontas eram um aprimoramento, como também eram as pizzas caseiras congeladas.

Leigh pegou a última pizza de camarões que havia no freezer, colocou-a no forno de microondas da loja, e depois se aproximou das cestas do centro em busca de pêras.

— Encontrou sua pizza de camarões? — Perguntou a senhora Angelini de trás da caixa registradora no expositor de comidas prontas.

— Sim, e estou esquentando-a. Era a última que restava —disse Leigh ao localizar a gaveta de madeira com as pêras—. Sempre encontro a última... suponho que sou uma pessoa de sorte — acrescentou ela, mas pensava em Logan, não na pizza.

— Não é tão sortuda. —disse a senhora Angelini— Eu só preparo uma pizza de camarões por vez. Eu faço isso por você. Você é a única que as pede.

Leigh levantou o olhar com uma pêra em cada mão.

— Sério? Que gentil de sua parte, senhora Angelini.

— Não se incomode em procurar entre essas pêras; temos melhores no fundo. Falco as trará. —Levantou a voz e chamou Falco em italiano.

Um momento depois, Falco emergiu do depósito com um avental manchado sobre a camisa e jeans, e carregando uma pequena sacola. Passou junto a Leigh sem olhá-la sequer e entregou a sacola a sua mãe, da qual ela tirou duas enormes pêras.

— Estas são para você —disse a senhora Angelini a Leigh— São as melhores de todas.

Leigh tirou a pizza quente do forno microondas, deslizou-a para o prato de papelão e cobriu-a com seu envoltório plástico original; então se encaminhou para a caixa registradora, onde admirou as pêras tão preciosas que pareciam lustradas.

— Você é sempre tão bondosa comigo, senhora Angelini —disse com um sorriso, tentando transmitir um pouco de calor e alegria a essa mulher tão sofrida. Angelo, o filho mais velho da senhora Angelini, foi morto em uma briga de gangues muito antes de Leigh mudar para essa vizinhança. Dominick o filho mais novo, era um rapaz agradável e sociável que estava acostumado a ajudar todo o tempo no mercado até que, um dia, desapareceu. A senhora Angelini dizia sempre que Dominick estava no colégio, mas a companheira de quarto de Leigh — uma novaiorquina — contou-lhe que, nessa vizinhança "*no colégio*" significava "*em Spofford*", o Centro de Detenção de Jovens de Nova Iorque, ou em uma das prisões estatais.

Pouco depois que Dominick se foi "*para o colégio*", Falco começou a trabalhar com sua mãe, mas a única coisa que Falco Angelini tinha em comum com seu comunicativo irmão menor era ter estado preso; e não precisamente em Spofford. A julgar pelo que a companheira de quarto de Leigh tinha ouvido dizer, certo dia, no mercado era que Falco tinha passado vários anos no presídio de Attica por ter matado alguém.

Mesmo que Leigh não soubesse, Falco sempre a teria feito sentir-se extremamente desconfortável. Silencioso e ameaçador e com mais de um metro oitenta de estatura, Falco se movia pelo local como um imenso espectro próximo a receber sua condenação, com uma expressão fria e distante e com ombros tão largos que pareciam abranger esses corredores tão estreitos. Em gritante contraste com suas espessas sobranceiras e barba negras, sua pele exibia uma palidez espectral que a companheira de quarto de Leigh dizia que se devia a tantos anos de cárcere. Sua voz — nas raras ocasiões em que falava — era áspera e brusca. Produzia em Leigh tanta inquietação que ela evitava tanto quanto possível olhá-lo, mas havia vezes em que o pegava observando-a e isso a deixava ainda mais

desconfortável.

Entretanto, a senhora Angelini parecia não perceber absolutamente as feições ferozes e a atitude intimidatória de Falco. Dava-lhe ordens como um sargento e se referia a ele de forma carinhosa e possessiva como "*meu Falco*", "*meu caro*" e "*meu sobrinho*". Leigh supôs que, posto que ela já tinha perdido dois de seus filhos, era natural que a senhora Angelini entesourasse o único que restava, apesar de seus evidentes problemas de caráter e sua falta de sociabilidade.

Como se a senhora Angelini soubesse o que Leigh estava pensando, sorriu-lhe tristemente, sem levar em conta a mudança de Leigh.

— Se Deus tivesse me dado uma opção — confessou e moveu a cabeça para a frente do negócio, onde Falco repunha latas nas prateleiras —, acredito que teria pedido filhas. As filhas são mais fáceis de criar.

— Não acredito que muitas mães concordam com você. — brincou Leigh, sentindo-se um pouco desconfortável. Estava embaraçada com o assunto. Sentia pena pela tristeza da senhora Angelini e estava eternamente desconcertada pela presença de Falco Angelini. Leigh pegou suas compras, educadamente se despediu da senhora Angelini e depois se despediu de Falco com voz temerosa, não porque não desejasse falar com ele mas sim porque tinha um pouco de medo de desprezá-lo e, por conseguinte, ofendê-lo. Leigh era oriunda de uma pequena cidade tranquila de Ohio e não tinha nenhuma experiência com os ex-presidiários, mas lhe pareceu que ofender deliberadamente um ex-condenado, sobretudo alguém que esteve detido por matar uma pessoa, era provavelmente um erro imprudente, inclusive perigoso.

Preocupavam-na estes pensamentos quando saiu do mercado e começou a descer pela rua, assim foi uma surpresa total para ela que dois jovens de aspecto ameaçador se materializassem das sombras e impedissem seu caminho.

— Ora, ora, olhem o que saiu do mercado. — um deles disse e colocou a mão no bolso da jaqueta — E você parece gostosa a ponto de cortar e comer.

Uma faca! Ele tinha uma faca! Leigh ficou petrificada como um cervo hipnotizado pelos faróis de um automóvel que se aproxima. Seu único pensamento idiota foi que não devia permitir que a matassem nesse momento, justo quando acabava de encontrar Logan. De repente, Falco Angelini irrompeu do mercado, atrás dela, e começou a caçar o rapazinho que segurava a longa e fina lâmina, incitando-o.

—Vejo uma faca? — Ele zombou — Você sabe como usá-la, estúpido? — Falco abriu bem os braços e convidou o suposto atacante de Leigh a atacá-lo. — Não ficará famoso por apunhalar uma garota. Tente atacar um homem adulto. Apunhale a mim. Vamos, idiota, tente!

Como hipnotizada, Leigh viu que o segundo rapaz tirava uma faca do bolso no momento em que o primeiro se lançava sobre Falco. Angelini se esquivou, tomou o braço de seu atacante e o jogou por cima do ombro com um ruído de ossos quebrados que enviou o juvenzinho pelo beco, gritando de dor. O segundo atacante era mais hábil e menos apressado que seu companheiro, e com horror Leigh viu que

rodeava Angelini disfarçadamente, e sua faca brilhou sob a luz da rua. De repente a folha afiada se projetou para o alto, Angelini recuou, o rapaz mais velho gritou de dor e caiu de joelhos, segurando sua virilha.

— Filho da puta! — Gemeu e fulminou Angelini com o olhar, enquanto tentava virar de lado e levantar-se.

Enquanto ele tratava de ficar de pé, Falco pegou bruscamente o braço de Leigh e a arrastou para trás, em direção ao interior do mercado. Ela permaneceu ali, paralisada, até que os dois rapaz desapareceram por um beco.

— Nós-nós teríamos que chamar à polícia. — gaguejou ela.

Angelini encarou-a com a testa franzida e tirou o avental que ele estava vestindo.

— Por quê?

— Bom, porque poderíamos reconhecê-los nas fotografias do arquivo policial. Não estou segura de poder fazer isso sozinha, mas entre os dois possivelmente poderíamos identificá-los.

— Para mim todos os valentões são iguais. — disse ele e encolheu os ombros — Não diferencio um de outro.

Desapontada, Leigh se inclinou para frente e olhou apreensivo na direção do seu prédio.

— Eu não vejo nenhum sinal deles. Eles provavelmente já estão a um quilômetro daqui. — Olhou com desconforto para Angelini, tentando ocultar o medo de caminhar sozinha para sua casa. — Obrigada por vir me salvar — disse e, quando ele não respondeu, saiu pela porta do mercado.

Para seu enorme alívio, ele saiu também.

— Eu vou a acompanharei até sua casa. — disse. Esperou um momento que ela reagisse e confundiu seu silêncio nervoso com rejeição. — Talvez você prefira ir sozinha — disse ele, afastando-se.

Completamente acovardada, Leigh o segurou pelo braço para trazê-lo para perto dela.

— Não, espere! Sim, eu gostaria que me acompanhasse! É só que não queria lhe causar mais problemas, Falco.

Seu gesto involuntário pareceu diverti-lo, ou talvez fosse o que ela disse que o divertiu.

— Você não me causou nenhum problema.

— Além de fazer que quase o matassem lá fora.

— Eu não estava em nenhum perigo de ser morto por aqueles... — Fosse qual fosse o palavrão que tivesse pensado, calou e reprimiu-se.

Encorajada pela comunicação que tinham estabelecido, Leigh disse:

— Realmente acredito que deveríamos chamar a polícia.

— Faça como quiser, mas deixe-me de fora. Não tenho tempo para gastar com os policiais.

— Como espera que a polícia nos proteja se os cidadãos não cooperam? Entre outras coisas, é dever de cada cidadão...

Ele lançou a ela um olhar tão cheio de desprezo que Leigh desejou que a

terra a engolisse.

— De que planeta você é?

— Eu sou de Ohio — respondeu Leigh, tão atônita que foi impossível formular uma resposta melhor.

— Isso explica tudo. — disse ele sem rodeios, mas pela segunda vez nos últimos minutos, Leigh pareceu perceber um toque de diversão em sua voz.

Ele caminhou com ela para seu edifício, subiu os quatro lances de escada até a porta do apartamento e deixou-a ali.

* * *

O fato de ter escapado por pouco de violência naquela noite pôs fim de maneira definitiva as viagens noturnas e solitárias de Leigh ao Mercado Angelini, mas ela continuou indo durante o dia para comprar suas provisões. Em sua visita seguinte, contou a senhora Angelini sua experiência com o perigo, mas em vez de sentir-se orgulhosa pela atitude de Falco, a pobre mulher se sentiu transtornada.

— Desde que ele era um garotinho, ele sempre busca problemas e os problemas buscam por ele.

Um pouco desconcertada, Leigh passeou a vista pelo local em busca de seu salvador e o localizou no interior do depósito, no fundo do mercado, empilhando caixas.

— Eu queria agradecê-lo corretamente.—anunciou e se aproximou dele. Ele enrijeceu, como se assustado, então virou-se lentamente e olhou para ela, as sobrancelhas negras unidas em um gesto impaciente de severidade, o resto de sua face oculta por uma espessa barba negra.

— Por quê?— Limitou-se a perguntar.

De algum jeito, pareceu-lhe mais distante e impávido que nunca, seu corpo mais alto e mais compacto que antes, mas Leigh estava decidida a não permitir que nada disso a perturbasse. Ex-presidiário ou não, ele havia arriscado sua vida para salvar a dela, depois, a tinha acompanhado até sua casa para se certificar de que chegou em segurança. Leigh pensou que isso era autêntica nobreza, e quando essa palavra brotou em sua mente, seus lábios a pronunciaram.

— Por ser tão nobre — explicou.

— Nobre? — Ele repetiu ironicamente, - É isso o que você acha que eu sou?

Apesar da decisão de Leigh de manter-se equilibrada e não permitir que a impedissem de expressar sua gratidão, deu um pequeno e cauteloso passo adiante antes de afirmar enfaticamente:

— Sim, isso é o que acredito.

— Quando a deixaram sair do jardim de infância? Ontem?

Frustrada, Leigh levantou uma mão para que Falco não continuasse zombando dela.

— Estou decidida. Não trate de me fazer mudar de idéia, porque não poderá. Tome — ela disse, estendendo a outra mão. - Isto é para você.

Ele olhou para a caixa embrulhada para presente que ela oferecia como se

contivesse veneno para ratos.

— O que é isso?

— Uma lembrança da ocasião. Abra mais tarde e descubra você mesmo. — Quando ele se negou a pegá-la, ela o rodeou e o pôs no degrau inferior de uma velha escada de madeira, ao lado de alguns livros didáticos.

— Esses livros são seus? O que você está estudando?

— Direito —respondeu ele sarcasticamente, e Leigh reprimiu a risada por medo que a risada desse a entender que ela sabia que ele esteve preso. E, infelizmente, ele notou.

— Se terminou de se divertir, — disse secamente — tenho trabalho para fazer.

— Eu não tencionava... —disse ela enquanto retrocedia— Lamento tê-lo interrompido. Bom, então...

— Vai embora?—Sugeriu ele.

Ela nunca soube se ele abriu o presente que ela lhe dera. Mas tinha a sensação que se o tinha aberto, não gostou da pequena figura em estanho de um cavalheiro com armadura que ela havia encontrado em um antiquário local. Falco nunca lhe disse nada depois disso, mas pelo menos quando a via a saudava com a cabeça e reconhecia sua presença. Se ela falava primeiro, ele respondia, e Leigh sempre sorria e o saudava.

Algumas semanas depois que Falco assustou seus atacantes, Leigh e Logan foram ao Mercado Angelini tarde da noite para comprar lanches noturnos. Leigh apresentou Logan a senhora Angelini; depois viu Falco e também apresentou os dois homens. Depois disso, a senhora Angelini sempre perguntava a Leigh como estava seu "*jovem homem*". Falco nunca se referiu a Logan por nome nem por descrição, e não passou muito tempo antes que desaparecesse por completo. A senhora Angelini disse que Falco havia "*voltado para o colégio*".

* * *

Deitada na cama do hospital, Leigh pensou em tudo isso porque a noite em que quase foi atacada foi a experiência mais mais aterrorizante de sua vida até agora, que Logan tinha desaparecido. Naquele tempo, como agora, ela experimentou a mesma sensação de impotência terrível, a sensação de que ela deveria ter estado mais preparada, deveria ter sido capaz de antecipar isso e assim proteger Logan e a si mesma.

Capítulo 9

O médico de Leigh, sua enfermeira e o administrador do hospital a escoltaram em sua cadeira de rodas para uma ambulância estacionada na entrada

posterior do hospital. Brenna a aguardava ali, com um casaco pesado e um gorro vermelho de lã.

— Segurança diz que a costa está livre. —disse a Leigh.

O guarda de segurança que estava de pé junto a ela assentiu.

— A maioria dos repórteres se foi quando souberam que você teria alta esta manhã — disse a Leigh com um sorriso —. Mas dois deles ficaram, com a esperança de poder vê-la. Deram-me dez dólares para que os avisasse o momento de sua partida, assim que eu indiquei a ambulância vazia que você pediu; então eles pularam em seus carros e foram atrás dela. Suponho que a esta altura estarão cerca de cem quilômetros daqui.

Leigh pediu a Brenna que desse vinte dólares a mais ao guarda, por sua cooperação. Dois paramédicos tentaram ajudá-la a levantar-se da cadeira de rodas, mas ela os afastou com um gesto.

— Eu posso fazer isso sozinha.—insistiu ela e com uma careta de dor foi levantando lentamente até ficar de pé. A única coisa que tinha feito essa manhã foi assinar autógrafos para o pessoal de seu andar, tomar banho e vestir-se, mas já se sentia fraca e trêmula. Entretanto, mentalmente estava alerta e decidida. A perspectiva de refazer seu caminho e encontrar Logan nas próximas horas a entusiasmava e a enchia de esperanças.

Brenna entrou na ambulância atrás dela, e o veículo começou a se mover lentamente pelo caminho de entrada.

— Onde está o nosso carro?—Perguntou Leigh.

— Cerca de três quilômetros abaixo da estrada, no American Legion Hall. Já pedi ao condutor da ambulância para me levar até lá para que eu possa pegar meu carro. Ele sabe onde fica.

Pouco depois, a ambulância reduziu a marcha e entrou numa área de estacionamento tão cheia de buracos que sacudiram o veículo e fizeram com que Leigh apertasse os dentes pela dor.

— Sente-se bem? —Perguntou Brenna, preocupada.

Lentamente, Leigh soltou o ar e assentiu.

— No hospital me receitaram alguns analgésicos para que tomasse, mas não quero usá-los porque me deixam um pouco atordoada. E neste momento preciso estar completamente concentrada e lúcida. Será que pode ajudar-me? —Perguntou Leigh quando o veículo parou.

Um dos paramédicos desceu e se dirigiu a parte posterior da ambulância para ajudar Brenna a descer. Abriu as portas, viu as duas mulheres de pé e deu um passo atrás sem deixar de olhar para elas.

— Eu prometi deixar o hospital em uma ambulância — explicou Leigh ao jovem—, e isso é exatamente o que fizemos. Entretanto, não prometi permanecer na ambulância durante todo o trajeto até Manhattan.

— Não posso permitir que você faça isto, senhorita Kendall!

Leigh sorriu e estendeu a mão para ele como que pedindo ajuda.

— Parece-me que não tem outra opção.

— Mas...

— Se me obrigar a descer daqui de um salto... — advertiu-o com tom superficial — o mais provável é que o impacto me mate. — Deu um passo adiante e então, sem poder fazer outra coisa, o paramédico levantou os braços para ajudá-la. O chofer da ambulância rodeou o veículo para ver o que estava provocando a demora, e Leigh levantou uma mão para deter sua reação.

— Não tem sentido discutir agora — disse a ele.

Ajudaram-na a subir no Chevrolet Blazer prateado que Brenna tinha alugado.

— Minha secretária tem os nomes de vocês — disse Leigh com um sorriso de gratidão— Ela se ocupará para que recebam quatro entradas para a apresentação de Blind Spot* no próximo sábado à noite.

Normalmente, a promessa de entradas para uma apresentação de teatro da Broadway com a lotação esgotada fazia que até o mais cansado nova-iorquino se sentisse extremamente feliz, assim foi compreensível que Leigh se surpreendesse quando viu que os homens pareciam um pouco decepcionados.

— Se não for inconveniente, — disse o chofer depois de trocar um olhar com seu companheiro — nós preferiríamos esperar até você estar estrelando a peça novamente, senhorita Kendall.

Eram tão jovens e sua profissão os obrigava a ser testemunhas de tanto sofrimento e horror, que Leigh teve que reprimir o impulso de acariciar-lhes a face.

— Então, farei os acertos necessários. — prometeu — Brenna os chamará quando... quando tudo voltar para seu ritmo normal —concluiu. *Normal...*

Leigh se agarrou com veemência a esse conceito; era algo que desejava com todas as suas forças, algo pelo qual rezava enquanto Brenna ligava o motor da Blazer.

Capítulo 10

Os bancos de neve se empilhavam até a altura do capô da Blazer e, em algumas áreas, até seu teto, forrava a principais rodovias e estradas secundárias deixando-as tão estreitas que com frequência era difícil a passagem de dois carros que avançavam em direção contrária.

Durante a primeira hora, nada pareceu particularmente familiar a Leigh salvo alguns pontos de referência que ela percebeu pouco depois de chegar as montanhas, lugares que já eram familiares por suas viagens anteriores a Catskills. Entretanto, quanto mais se internavam nas montanhas, mais desconhecido parecia o panorama e menos segura se sentia com respeito as indicações que Logan lhe dera. Três horas depois de começar a busca, Brenna insistiu que parassem para almoçar e entrou no estacionamento de um McDonald's.

— Algo pareceu-lhe familiar desde que passamos o posto de gasolina? —

* Nome da peça de teatro em que Leigh é a estrela

Perguntou enquanto esperavam o pedido pelo guichê para automóveis.

—Naquela noite foi como se tivesse estado dirigindo por um túnel e com os olhos vendados. —disse Leigh, desolada— A visibilidade era tão ruim que eu só podia ver alguns metros além meus faróis. — levou as mãos as têmporas e começou a massageá-las com os dedos para tentar eliminar a tensão e a ansiedade que a fazia se sentir como se a cabeça fosse explodir. —Eu deveria ter prestado mais atenção as indicações de Logan, mas estava totalmente concentrada em manter o carro na estrada. E as instruções de Logan não eram como as que normalmente se dá a alguém. Ele estava tão animado com nosso "*esconderijo nas montanhas*", que o mapa e as indicações que me deu eram mais como uma caça ao tesouro ...

Leigh calou um momento para não repetir uma vez mais a explicação a Brenna.

— Ainda assim, eu deveria me lembrar se devia dobrar à direita seiscentos e seis metros ou seis quilômetros depois do semáforo de Ridgemore. Quando na terça-feira escrevi as indicações para os detetives, pareceu-me que recordava tudo o que era importante. Mas agora não tenho tanta certeza disso nem de nenhuma outra coisa.

—Você tem que parar de se censurar. — advertiu Brenna.

Leigh não podia, mas pelo menos tentou não fazê-lo em voz alta, por causa de Brenna.

Após mais duas horas de busca e de retroceder cada vez que Leigh acreditava ter reconhecido alguma, tudo começou a parecer familiar. Desesperada, começou a explorar em forma sistemática as estradas secundárias e as privadas, em busca da cabana descrita por Logan. Estava decidida a investigar cada atalho coberto de mato ou com rastros profundos que poderia ter sido um caminho de entrada muito tempo antes, mas a neve impossibilitava.

Várias vezes estiveram a ponto de ficar encalhadas, mas Brenna tinha uma habilidade surpreendente para conduzir essa pesada caminhonete quatro por quatro, uma habilidade que ela disse ter adquirido por ter passado sua infância na fazenda de seus pais. A destreza de Brenna para manobrar a Blazer por entre os bancos de neve e a mudança que se operou no clima dessa tarde foram os únicos dois eventos positivos de um dia devastador em todos os sentidos. Pouco depois que pararam para almoçar, o sol saiu. No espaço de uma hora, as pesadas nuvens se abriram, o céu ficou de um azul brilhante, a temperatura subiu um pouco e a neve começou a derreter.

Além de trazer para Leigh algumas roupas para vestir, Brenna também colocou na mala algumas outras coisas que encontrou no apartamento. Os óculos de sol foram muito úteis porque eles esconderam as lágrimas que começaram a acumular nos olhos de Leigh e cada vez com mais frequência escorriam pelo rosto à medida que a tarde avançava.

—Se quer chegar a tempo para sua conferência de imprensa desta noite, — disse Brenna —precisamos dar a volta e voltar para a cidade em breve.

Leigh a ouviu, mas nesse momento mas ela estava esticando o pescoço para observar bem uma pista na qual havia um declive íngreme.

—Por favor, diminua a velocidade —disse com entusiasmo, e Brenna pisou no freio, desacelerando da Blazer para um rastreamento—. Lá embaixo há uma casa. Consigo ver o telhado. —Ao fundo de um atalho escarpado, Leigh viu com dificuldade um casarão antigo com um telhado verde, mas Logan havia dito que a única moradia da propriedade era uma pequena cabana de três cômodos com teto de ardósia cinza. —Não, não é essa —disse Leigh, desolada. Em meio a sua frustração e decepção, Leigh sentiu uma fúria tremenda. —Eu não vi sinal dos helicópteros que Comissário Trumanti ficou de enviar hoje. O que ele está esperando? A chegada do verão?

—O céu poderia estar cheio de helicópteros, — assinalou Brenna com suavidade— mas se estivessem além da próxima montanha ou do outro lado da próxima curva, o mais provável é que não poderíamos vê-los.

— Tem certeza que seu celular está ligado? —Perguntou Leigh.

Brenna reprimiu o desejo de dizer que já tiveram essa mesma conversa várias vezes no dia.

—Totalmente segura. Eu verifiquei novamente quando paramos para usar o banheiro.

—Eu gostaria de ligar para o detetive Shrader e a detetive Littleton. Esta manhã deixei-lhes mensagens na secretária eletrônica com o número de seu celular, mas talvez eles não os receberam.

—Meu celular está na minha bolsa no banco de trás. — enquanto dizia, Brenna tentou estender o braço direito entre as duas poltronas da frente, mas não pôde alcançar a bolsa. —Terei que parar o veículo —disse, enquanto olhava pelo espelho retrovisor.

—Não , eu a alcançarei. —disse Leigh— Continue dirigindo. — Leigh respirou fundo, preparando-se para a dor em suas costelas, e lentamente, sem jeito, conseguiu girar o corpo e tentar alcançar a bolsa. A bolsa de Brenna era do tamanho de uma bolsa grande daquela que se levam na cabine de um avião com bagagem de mão,mas o telefone estava na parte superior. A mão de Leigh sacudiu quando apertou as pequenas teclas e colocou o telefone ao ouvido.

O detetive Shrader respondeu em seguida.

— Você já teve alguma notícia meu marido? —Perguntou ela sem nenhum preâmbulo.

—Não. Se tivéssemos, teríamos ligado para o número que nos deixou esta manhã na secretária eletrônica. Onde você está agora?

— Nas montanhas, tentando encontrar o caminho que tomei no domingo.

— Teve alguma sorte?

Demorou alguns segundos antes de Leigh reconhecer a verdade em voz alta.

— Eu não tenho ideia de onde estava, ou onde eu deveria estar.

Ao invés de comentar sobre isso, Shrader disse:

— Na mensagem que nos deixou esta manhã, você mencionou que estava planejando oferecer uma conferência de imprensa esta noite em seu apartamento, Isso continua em pé?

Quando Leigh respondeu que sim, ele disse que o desenhista da polícia

tinha um esboço pronto do homem que a tinha resgatado e que entregaria a mídia durante a conferência.

— A detetive Littleton e eu poderíamos estar ali esta noite e levar o desenho.— disse Shrader— Acredito que seria conveniente que houvesse representantes do NYPD presente ...

—Eu não tinha pensado nisso. —admitiu Leigh, mas ela decidiu declinar— Eu realmente agradeço sua disposição para dirigir de volta para a cidade esta noite, mas eu preferiria que ficassem nas montanhas procurando meu marido.

—A detetive Littleton e eu podemos ir a cidade esta noite e voltar aqui na primeira hora da manhã para retomar a busca. Não temos inconveniente em trabalhar horas extras.

—Nesse caso, obrigada, sim eu gostaria que estivessem na conferência de imprensa. Mais uma coisa, —disse Leigh com rapidez— o Comissário Trumanti disse que ia mandar helicópteros para na busca, mas eu não vi nenhum hoje.

—Dois estiveram no ar desde o meio-dia e mais chegarão amanhã, mas até que a neve derreta os helicópteros não podem cobrir tanto terreno como você acredita. O problema é que todos os tetos cobertos de neve têm o mesmo aspecto do ar, e isso os obriga a voar baixo e lentamente.

—Eu não havia pensado nisso. —disse Leigh, mas não pôde evitar um certo tom de abatimento na voz. A natureza também parecia ter-lhe declarado guerra no domingo.

—Se por acaso não teve oportunidade de ouvir os últimos boletins meteorológicos, a previsão é que o sol continue brilhando durante um ou dois dias. Temos uma equipe buscando a estrada com sinais de que um veículo derrapou, e amanhã chegarão mais homens para apoiá-los. Se a neve continuar derretendo como hoje, poderíamos encontrar rapidamente esse lugar. E quando o encontrarmos, os helicópteros poderão limitar a busca da cabana. Tente não se preocupar. —concluiu ele— Seu marido estava planejando ficar em uma velha casa sem energia e sem telefone. Se a estrada de lá é intransitável, então com certeza ele acendeu um bom fogo na lareira e está esperando que nós resolvamos como tirá-lo dali.

Leigh pensou que essa não seria absolutamente a atitude de Logan. Ele teria caminhado através da neve até a estrada principal na manhã seguinte, embora fosse só porque se sentia preocupado com Leigh.

—Provavelmente tenha razão. —ela mentiu.

—Seria melhor você começar a voltar para a cidade agora, —disse Shrader— se você pretende estar lá quando começar a conferência de imprensa, não temos muito tempo.

Totalmente deprimida, Leigh apertou a tecla vermelha no telefone celular de Brenna.

—Detetive Shrader disse que precisamos começar a voltar em seguida. —comentou, o olhar perdido nas montanhas cobertas de neve e pontuadas por pinheiros muito altos. Em alguma parte dessas montanhas, ela havia perdido seu carro e seu marido, e quase sua própria vida. Ela sentia como se estivesse

perigosamente perto de perder o juízo.

— Você está bem? — Brenna perguntou suavemente.

— Sim, estou bem. — mentiu Leigh — Tudo vai ficar bem. — acrescentou ela, tentando convencer a si mesma. — Logan esta perfeitamente seguro. Vamos rir disto algum dia.

* * *

Um quilômetro e meio atrás delas, em um Ford sem identificação, Shrader olhou para Sam Littleton.

— Ela vai dar meia volta e retornar para sua casa. — Um momento depois, a Blazer prateada os passou avançando em direção contrária e voltando para a cidade. Pelo espelho retrovisor, Shrader observou a Blazer até que ela virou uma curva, então ele fez meia volta e conduziu o veículo a uma marcha lenta, sem seguir já o outro veículo.

— Considerando o número de vezes que elas passaram por nós na estrada hoje, — disse com um sorriso presumido — é surpreendente que não tenham nos visto.

— Essa Blazer é um dos poucos veículos limpos em Catskills. — murmurou Sam enquanto estudava o mapa que Leigh Manning tinha-lhes dado na terça-feira de noite. — O resto de nós parecemos todos iguais: sujos. — Com um suspiro, dobrou o mapa e o colocou dentro um saco plástico para provas. — Esta manhã ela parece ter tentado seguir as mesmas indicações que nos deu no hospital. Em seguida, ao meio-dia, ela começou a retroceder e a riscar círculos maiores.

— Sim, e depois disso começou a exibir uma atitude mais turística. Supôs que hoje poderíamos segui-la, de modo que decidiu nos enganar. A propósito, você me deve vinte e cinco centavos.

Ele estendeu a mão, e Sam olhou para sua palma aberta e, em seguida, em seu presunçoso perfil.

— Por que motivo?

— Porque eu disse que segui-la não nos levaria a nenhuma parte, mas você opinava que poderia nos render alguma coisa interessante.

— Me chame de desconfiado, mas quando vejo que uma mulher muito ferida, supostamente frenética, mulher sair de uma ambulância em um estacionamento deserto e depois subir em um veículo que se dirige ao norte em vez do sul, é natural que isso tenha despertado meu interesse.

— Onde estão meus vinte e cinco centavos? — Insistiu ele.

— Eu vou deduzir dos sete dólares e quarenta e três centavos que você me deve pelos M & M's e Coca-Cola que consumiu nesta viagem.

— O quê? — Exclamou ele dando-lhe seu olhar de cão feroz —. Eu não te devo sete e quarenta e três, Littleton. Devo seis e quarenta e três.

Sam sorriu para ele.

— Certo, tem razão. E não se esqueça isso.

Capítulo 11

Trish Lefkowitz estava esperando no saguão externo do apartamento quando Leigh e Brenna finalmente saíram do elevador, cinco minutos depois da hora fixada para a conferência de imprensa.

— Meu Deus! — Gritou a publicitária e correu segurar o braço de Leigh. — Você parece positivamente terrível. O que, de certa forma, é perfeito — acrescentou sempre colocando as relações públicas acima de todo o resto — Só de olhar para você, esses repórteres morrerão por ajudá-la.

Leigh quase não a ouviu. Ela estava olhando para o vestíbulo elegante de mármore negro, com suas mesas douradas e suas cadeiras Luis XIV estofadas em seda. Tudo estava exatamente igual como ela tinha deixado no domingo, exceto que agora faltava Logan em sua vida. Portanto, nada era o mesmo.

Uma porta oculta no extremo esquerdo do vestíbulo, usada para entregas conduzia diretamente a cozinha. Brenna, Trish e Leigh utilizaram essa porta para entrar no apartamento. Hilda levava copos em uma bandeja e esteve a ponto de deixá-la cair ao ver o rosto arroxado de Leigh e seu aspecto desalinhado.

— Oh, senhora Manning... — exclamou — Meu Deus...

— Eu estou bem, Hilda. Eu só preciso me pentear. — declarou Leigh enquanto com cuidado tirava os braços do casaco que Brenna havia levado. A julgar pelo barulho procedente do living, Leigh concluiu que havia muitos integrantes da imprensa.

— Um pouco de batom não faria mal. — disse Trish e procurou o espelho e os cosméticos que havia levado a cozinha com esse propósito.

— Só quero escovar o cabelo. — disse Leigh distraidamente, alisando as rugas da calça preta e blusa que usava — Muito bem, estou pronta. — disse depois de passar a escova no cabelo.

Escoltada por Trish de um lado e Brenna do outro, Leigh entrou no living.

Apenas seis noites antes, estava cheio de gente que ria e que se encontrava ali para celebrar com ela uma das noites mais maravilhosas de sua vida. Agora, a sala estava cheia de desconhecidos que veio bisbilhotar, observar, registrar e depois relatar ao público os detalhes mais horripilantes do pesadelo que ela estava vivendo. Todos eles desconhecidos exceto os detetives Shrader e Littleton, que acabavam de chegar.

— Como se sente, senhorita Kendall? — Perguntou um jornalista.

— Nos deem um momento para que nos instalemos. — disse Trish a todos.

Ela tinha colocado uma cadeira para Leigh em frente a lareira, e Leigh desabou nela, não porque ela era fisicamente incapaz permanecer de pé mas sim

porque todo seu corpo começava a estremecer. De algum jeito, a presença dos repórteres e fotógrafos em sua casa fazia com que o desaparecimento de Logan parecesse ainda mais macabro e muito mais ... real. Ela olhou para eles e, relutantemente começou a entrevista dizendo:

—Obrigada por terem vindo ...

Suas palavras desencadeou uma saraivada de flashes cegadores e perguntas:

— Teve notícias de seu marido?

— Há algum fundamento no rumor de que foi sequestrado?

— A polícia sabe quem a tirou da estrada?

— Como se sente, senhorita Kendall?

— É verdade que vocês dois estavam discutindo o divórcio?

— Que medidas a polícia está tomando ?

— Têm algum suspeito?

— Quem a encontrou na noite do acidente?

— Em sua opinião, o que aconteceu foi um acidente ou foi deliberado.

— Quando pensa voltar a interpretar seu papel em *Blind Spot*?

Leigh levantou a mão para parar as perguntas.

—Por favor, apenas escutem o que eu tenho a dizer: vou dizer-lhes tudo o que sei, o mais rapidamente possível. —Na sala reinou um silêncio total, exceto pelo zumbido das câmeras de vídeo. Ela lhes disse por que conduzia o automóvel para as montanhas no domingo de noite e deu-lhes os detalhes do acidente. —Como sabem, a polícia não pôde identificar o homem que me encontrou, mas têm um esboço dessa pessoa realizado por um desenhista da polícia, e entregarão a cada um de vocês uma cópia.

— Por que a polícia não pôde encontrar ainda seu automóvel?

— Vou deixá-los explicarem isso a vocês. —disse Leigh com voz fraca quando foi invadida por uma onda de tontura. Ela tentou se concentrar em Shrader e viu-o assentir como que dizendo que ele se ocuparia das perguntas a respeito à investigação policial. —Convidei-os a vir aqui não só para responder a suas perguntas, —continuou Leigh— mas também porque necessito da ajuda de vocês. Por favor, ponham esse desenho em frente ao público. Sem dúvida, alguém reconhecerá esse homem. Ele sabe aonde ocorreu o acidente e aonde quer que seja, é perto do local aonde eu deveria encontrar com meu marido.... —Leigh fez outra pausa.

Sentia-se muito estranha, tinha a pele muito úmida, e enviou um pedido silencioso de ajuda a detetive Littleton, que se encontrava de pé do outro lado, uma expressão que para Leigh pareceu uma mistura de curiosidade e vigilância. — Por favor, dê a estas pessoas a informação que vocês possuem sobre o carro de Logan e qualquer outro dado que necessitem para poder nos ajudar, sim?

—Certamente que sim, senhora Manning. —disse em seguida a detetive Littleton, e colheu vários olhares de admiração por parte dos homens que havia no aposento.

Dali em diante, os detetives Littleton e Shrader se encarregaram de tudo

e durante os dez minutos seguintes responderam perguntas. Leigh escutou até que tudo terminou, mas até o final se agarrou com força aos braços da cadeira e tentou manter-se serena enquanto a sala começou a diminuir e a girar. Levou uma mão trêmula a testa justo no momento em que um repórter de um dos jornais de se dirigiu a ela.

—Senhorita Kendall, você poderia pensar em nenhuma razão para que seu marido não quisesse ser encontrado? Problemas de negócios, ou...?

Leigh o fulminou com o olhar e tentou de manter seu rosto em foco.

—Isso é ridículo.

— E o que me diz dos rumores de que o casamento de vocês não era tão idílico como gostavam que o público acreditasse? Que, na realidade, ele estava envolvido com outra mulher?

Leigh reuniu todas suas forças e olhou para ele.

—Meu marido é um homem maravilhoso e um marido fiel e amável. —Com calma dignidade, ela acrescentou: —Não posso acreditar que você se proponha manchar sua reputação ou deliberadamente ferir-me e humilhar-me, neste momento, ao comentar sobre o que são nada mais que rumores desagradáveis e infundados.

Trish Lefkowitz decidiu que era hora de pôr um fim a conferência de imprensa.

— Muito bem, —ela anunciou— isto é tudo por esta noite. Muito obrigada por vir. Neste momento, a senhorita Kendall precisa descansar.

Vários repórteres tentaram fazer uma pergunta mais, mas com firmeza Trish agradavelmente os cortou.

— Basta de perguntas por esta noite. Eu entrarei em contato com vocês para pô-los em dia cada vez que tivermos alguma coisa a dizer. —Dizendo isso, ela foi para a porta da frente do apartamento e abriu-a e permaneceu ali enquanto os jornalistas guardavam seus gravadores, notas e câmaras, e saíram.

Com a mão sobre o respaldo da cadeira como ponto de apoio, Leigh conseguiu se levantar e agradecer a cada um deles individualmente, mas quando Trish finalmente fechou a porta atrás do último, voltou a desabar na cadeira.

Shrader estava em seu celular, então Leigh falou a Littleton.

—Obrigada por estar aqui e por... por tudo. Gostaria de um chá ou um café?
—Acrescentou.—. Eu tomarei uma xícara com vocês.

—Muito obrigada, um café seria ótimo. —respondeu a detetive Littleton, e Leigh ficou maravilhada de como essa bela morena parecia descansada e fresca. Ela olhou em torno do salão em busca de Hilda e a viu de pé de um lado, inspecionando os danos sofridos por seu living perfeito.

—Hilda, poderia nos trazer a todos um café?

Shrader fechou seu telefone celular.

—Esqueça o café para nós. —disse a Hilda— O que queremos são nossos casacos em vez disso. —Olhou para Leigh com uma expressão intensa e cheia de energia. —Parece que um policial estadual localizou o lugar do seu acidente. Esta noite estava dando uma multa de infração a um motorista por violar o limite de

velocidade quando por acaso notou ao lado da estrada uma série de galhos de árvores quebrados. Nos lados do caminho havia muita neve e isso impediu de ver rastros de automóvel ou inspecionar o possível dano no *guardrail*^{*}, mas ele sabe que lá abaixo, no fundo, há uma velha pedreira.

Ele parou de colocar o casaco pesado que Hilda estava segurando.

—Neste momento temos já um par de unidades do NYPD no local. — acrescentou—, e eu vou providenciar mais na primeira hora da manhã. Littleton e eu dormiremos por algumas horas e estaremos lá quando as coisas comecem a acontecer. Chamaremos assim que soubermos de alguma coisa.

Leigh não estava interessado em recuperar seu carro, ela estava interessada em recuperar seu marido.

—Se esse for o lugar aonde sofri o acidente, então a cabana não deve ficar longe. Não entendo por que tudo tem que esperar até manhã.

—Porque está muito escuro para fazer alguma coisa mais esta noite. — apontou Shrader com paciência.— O policial estadual tentou descer o barranco, utilizando o sua lanterna, mas era muito profundo e o piso estava muito traiçoeiro, sobre tudo de noite. Assim que houver um pouco mais de luz, seremos capazes de dizer muito rapidamente se ele encontrou o lugar certo. E se for assim, nossas equipes começarão a pentear a área circundante por ar e terra.

—Mas estamos perdendo tanto tempo se esperarmos pela manhã. —insistiu Leigh e retorceu as mãos.

—Umas poucas horas não vai fazer muita diferença se o seu marido encontrou abrigo da tempestade.

— E se não for assim? —Argumentou Leigh.

A resposta de Shrader fez com que ela desejasse não ter perguntado.

—Nesse caso, —respondeu ele com naturalidade — depois de cinco dias, umas poucas horas mais não farão diferença. —Olhou com impaciência para a detetive Littleton, que lentamente vestia a jaqueta, seu olhar fixo em Leigh.

—Se a polícia estatal encontrou o lugar aonde você saiu da estrada, — adicionou Shrader a caminho da porta, seguido por Littleton— então o mapa que você nos deu no hospital era completamente incorreto. O lugar encontrado esta noite pelo policial se encontra pelo menos a mais de trinta quilômetros de onde suas indicações nos enviaram. Por outro lado, pode ser que não seja o lugar que procuramos, assim não tenha esperanças elevadas.

Littleton subiu os degraus do vestíbulo calçando as luvas; depois parou junto a porta da frente e se voltou para dizer a Leigh:

—A melhor coisa que você pode fazer agora, Sra. Manning, é ir para a cama e ficar lá até ter notícias nossas pela manhã. Esta noite em várias ocasiões, pareceu-me estar a ponto de desabar.

—É verdade. —disse Trish tão logo a porta se fechou atrás dos dois detetives— Brenna e eu vamos para casa agora. —anunciou, já se encaminhando

* Uma mureta ou rail de proteção que geralmente aparece nas margens de pistas de automobilismo e em muitas estradas públicas.

para o armário, —e você vai comer alguma coisa e ir direto para a cama. Brenna me disse que você não tocou na comida hoje.

—É assim. —confirmou Brenna. Depois virou-se para Hilda e deixou Leigh aos cuidados da fiel empregada—. Ela não comeu, Hilda, e tampouco tomou os analgésicos. Eles estão em sua bolsa.

—Eu cuidarei dela. —prometeu Hilda.

Ela acompanhou Brenna e Trish a porta e depois se aproximou de Leigh, que de novo estava instalada em sua cadeira.

—Eu fiz jantar para mais cedo, e eu vou trazê-lo para você em uma bandeja, junto com o medicamento, quando você estiver deitada. Aqui, deixe-me ajudá-la, Sra. Manning.

— Obrigada, Hilda. —disse Leigh, muito exausta e fraca para protestar.

Ela se levantou e avançou lentamente atrás da enérgica empregada.

—Primeiro arrumarei a cama. —disse Hilda por cima do ombro.

Arrumar a cama requeria tirar primeiro os elaborados almofadões que cobriam quase a metade do colchão e ocultavam bastante a cabeceira. Normalmente, Hilda convertia o fato de tirar os travesseiros em uma procissão cerimonial que divertia e fascinava Leigh. Primeiro, enchia os braços com os que tinham franjas e os punha no armário da roupa branca, a seguir os que tinham borlas, seguido por logo, os adornados com galões, galões ou cordões. Pela manhã, toda essa procissão cerimoniosa voltava a iniciar-se, só que em ordem inversa. Entretanto, essa noite Hilda quebrou a tradição em uma forma que fez com que Leigh compreendesse o quanto a empregada estava penalizada por sua situação.

—Vou tirar os almofadões do caminho. —anunciou Hilda, depois se inclinou sobre a cama, pôs as mãos na pilha e com um único movimento enviou a maioria ao chão do lado oposto. Ocupou-se dos poucos que restava apoiando o joelho no colchão e jogando-os no piso; depois se endireitou e jogou para trás o acolchoado de plumas.

—Eu vou esquentar o seu jantar, enquanto você se prepara para a cama. —disse ela.

Leigh assentiu, encaminhando-se ao closet.

Muito esgotada para contemplar a possibilidade de tomar um banho, Leigh tirou a calça e o suéter. Estava por vestir a camisola quando Hilda passou em frente a porta aberta levando os travesseiros que usavam na cama de noite. A empregada parou em seco e deixou escapar um gemido angustiante ao ver o corpo machucado de Leigh.

— Oh, não! Oh, senhora Manning! Pobrezinha... deveria estar no hospital!

—Estou cheia de hematomas, isso é tudo. —disse Leigh. Sentia-se tão comovida com a expressão angustiada de Hilda que esteve a ponto de abraçá-la; depois mudou de ideia por medo que as costelas machucadas doessem muito. Cautelosamente, Leigh levantou os braços e começou a deslizar a camisola pela cabeça. Quando pôde ver de novo, Hilda já tinha desaparecido. Aliviada por não ter que disfarçar o quanto era difícil e doloroso o simples ato de caminhar, Leigh segurou as costelas com o braço direito e foi mancando desajeitadamente pelo

quarto para a cama.

Só no leito que sempre tinha compartilhado com Logan, observou esse ambiente dolorosamente familiar e recordou da última vez que ele estava ali com ela. Fechou os olhos e o visualizou de pé junto a cama, exatamente como no domingo pela manhã, sua voz zombadora enquanto lhe dava um beijo de despedida no rosto. *"Já carreguei o automóvel. Acredito que tenho tudo o que necessito: os planos da casa, estacas, corda, uma travessa, sacos de dormir. Ainda tenho a sensação que estou esquecendo de alguma coisa..."*

"Uma vassoura, uma bucha e um balde?... Desinfetante? Armadilhas para ratos?"

Ele acariciou seu pescoço para lhe fazer cócegas, e ela tapou a cabeça com o travesseiro para impedir-lhe, mas Leigh continuou zombando dele e cantarolando outros artigos de necessidade básica.

"Saia do teatro assim que terminar. Não demore", disse ele enquanto se encaminhava para a porta.

Mas Leigh continuou provocando-o e cantarolando outros artigos de necessidade básica.

"Água potável... comida para o jantar..."

A lembrança dessa manhã feliz e aprazível fez com que Leigh perdesse o controle férreo que tinha sobre suas emoções, e as lágrimas começaram a brotar em torrentes quentes pelo seu rosto.

—Oh, meu amor. —soluçou e apoiou o rosto nos travesseiros— Onde quer que se encontre, espero que esteja são e salvo para mim. Por favor, por favor mantenha-se são e salvo.

Ela nunca soube se Hilda levou ou não a bandeja com o jantar, mas em algum momento durante a noite, pareceu-lhe sentir que alguém a cobria com as cobertas e as alisava e lhe tirava o cabelo do rosto. Desejava que fosse Logan, precisava que fosse Logan, assim que se convenceu que foi... por um momento muito breve. Depois de tudo, simular coisas era o que melhor sabia fazer de melhor.

Capítulo 12

O som da campainha do telefone sobressaltou e acordou Leigh às oito da manhã seguinte. Em outra parte da casa, Hilda atendeu no segundo toque e Leigh olhou fixamente para a luz vermelha brilhando sobre o telefone ao lado de sua cama.

Todos os telefones do apartamento tinha três diferentes linhas: uma principal, uma linha privada de Leigh e a linha privada de Logan, e essa chamada entrou pela linha principal. Como a polícia tinha seu número de telefone privado, Leigh soube que não se tratava deles, mesmo assim ela se apegava a esperança de que alguém estava ligando com notícias de Logan. Rezando para que a pequena luz começasse a

piscar, indicando que Hilda tinha colocado a chamada em espera e se dirigia para ela, Leigh aguardou, com o olhar fixo nessa luz. Um momento depois a luz se apagou e ela levantou-se da cama, frustrada e com crescente tensão.

No momento em que terminou de tomar banho e lavar os cabelos, o telefone estava tocava sem parar e cada chamado crispava seus nervos um pouco mais. O rosto que olhou para ela no espelho na penteadeira estava pálido, machucado, e assombrado. Era seu rosto e, ao mesmo tempo, não era; era outro rosto que lhe era familiar, mas também completamente alheio, assim como sua vida hoje, e todos os dias desde que ela o primeiro que despertou no hospital.

Os pontos em seu couro cabeludo e da rigidez nos braços faziam com que o simples ato de usar o secador de cabelo se tornasse um desafio desconfortável que parecia demorar uma eternidade. Em seu armário, ela pegou o primeiro suéter que encontrou na prateleira mais próxima, um marrom; em seguida, ela hesitou. A prateleira ao lado, havia um vermelho-cereja. Logan havia pedido que ela usasse algo vermelho para a festa no sábado à noite, porque ele tinha comprador rubis, que naturalmente também eram vermelhos. Leigh decidiu usar vermelho nesse dia. Talvez se ela fizesse isso, as suas vidas de alguma forma recomeçaria ali aonde havia parado sábado à noite. Talvez se vestisse algo alegre e brilhante, sua sorte mudaria. Ela vestiu o suéter vermelho e calças de lã que combinava com ele.

Às oito e quarenta e cinco, quando Leigh deixou o quarto, o telefone estava tocando quase sem parar. Normalmente, a visão de seu living, com seus pisos de parqué polido, as altas colunatas de mármore e a maravilhosa vista do Central Park levantava o ânimo de Leigh, mas nessa manhã era só um espaço mais que se encontrava vazio e estranho pelo desaparecimento de um de seus proprietários. Leigh ouviu a voz de Brenna vindo da cozinha, na outra extremidade do apartamento, então ela foi até lá.

A cozinha era um ambiente amplo e agradável, com uma ilha no centro e uma larga janela. As paredes de tijolo e a lareira em forma de arco a faziam parecer um lugar acolhedor e rústico, apesar do tamanho comercial dos aparelhos de aço inoxidável que cobriam as paredes. Brenna estava de pé perto da geladeira, falando ao telefone e escrevendo em um bloco de notas; Hilda estava no fogão, mexendo algo em uma caçarola. Ela viu Leigh na porta e parou para para lhe servir uma xícara de café.

— Eu estou preparando seu café da manhã —disse ela.

Quando Brenna terminou de falar, Leigh fez-lhe gestos que se sentasse à mesa junto a ela. De olho no bloco de notas na mão de Brenna, ela perguntou:

— De que novidades tenho que me inteirar?

Brenna começou a revisar as páginas repletas de notas perfeitamente escrita.

—Sybil Haywood mandou dizer que ela está trabalhando em seu mapa e que muito em breve terá elementos que lhe servirão de guia. Courtney Maitland quer vir a vê-la assim que estiver em condições de "*suportar receber visitas*". O senador Hollenbeck ligou para dizer que está a sua disposição para o que precisar. O juiz Maxwell ligou para dizer... —Leigh deixou de prestar atenção enquanto Brenna recitava a longa lista de mensagens de pessoas bem-intencionadas, mas voltou a

escutar com cuidado quando a lista chegou ao fim e Brenna disse: —A doutora Winters ligou ontem e novamente esta manhã muito cedo. Pediu-me que dissesse que não deixa de pensar em você e que gostaria de vir vê-la para ajudá-la a "*manter a vigília*" sempre que quiser estar acompanhada. Também mandou fazer uma receita por telefone e quer que comece a tomar esse medicamento imediatamente.

— Que tipo de receita?

Brenna hesitou e depois disse firmemente:

— Ela disse que é um ansiolítico. Disse que sabe que você não vai gostar da ideia, mas vai ajudá-la a pensar com clareza e a manter a calma, em um momento em que o que mais precisa são essas duas coisas.

—Eu estou tranquila. —disse Leigh.

Brenna não estava tão convencida a respeito e seu olhar se posou nas mãos de Leigh sobre a mesa. Elas estavam entrelaçadas e apertadas com tanta força que as juntas dos dedos estavam brancas. Leigh apressou em soltou-las.

Brenna continuou:

— Eu enviei Joe O'Hara a farmácia para pegar a receita.

Leigh demorou um instante para compreender que Joe O'Hara era seu novo chofer guarda-costas. No caos dos últimos dias não só havia esquecido seu nome mas também também que Matt e Meredith Farrell tinham insistido em emprestar O'Hara antes de partirem em um cruzeiro pelo mundo. Ele se alojava no departamento deles de Nova Iorque, mas supunha que devia conduzir Leigh a todos os lugares na limusine dos Farrell e protegê-la da proximidade de seu perseguidor.

—É bom avisá-la,— Brenna acrescentou com um suspiro— que ele está bastante chateado porque não pedimos para que ele dirigisse a Blazer ontem .

Leigh levantou as mãos na admissão da verdade embaraçosa.

—Essa teria sido uma muito boa ideia. Só que eu, bom, esqueci que ele existia.

—Se quer saber minha opinião. —anunciou Hilda, zangada— Esse homem não conhece seu lugar! Supõe que ele deve conduzi-la quando você o deseja, não quando ele decide que deveria. — Ela bateu uma caçarola para enfatizar a sua opinião. —Afinal, ele é apenas um motorista.

Leigh se forçou a concentrar-se sobre o assunto em questão antes que se transformasse em mais desarmonia em sua vida já carente de toda harmonia.

— Eu entendo o que você está dizendo, Hilda, mas ele não está acostumado a ser "*apenas um motorista*". Ele trabalhou para os Farrell por anos, que pensam nele como um membro muito leal a sua família. Pediram-lhe que cuidasse de mim enquanto durasse sua ausência, e ele provavelmente vai levar isso muito a sério, principalmente, agora quando as coisas estão tão confusas. — Ela estava prestes a dizer mais quando a porta de serviço que conectava a cozinha com hall do elevador e Leigh levantou-se, sufocando um grito de choque nervoso.

— Desculpe, acho que eu deveria ter batido.— disse Joe O'Hara, caminhando para a cozinha vestindo um casaco preto pesado com a gola levantada sobre as orelhas.

O'Hara,era um homem corpulento e de ombros largos e uma estatura de cerca

de um metro oitenta, tinha o andar lento de um urso e uma cara quase feia que parecia ter recebido muitos golpes no boxe ou em brigas de ruas. Sua aparência não assustou Hilda, no entanto. Ela olhou para ele por cima do ombro e espetou:

— Não pense em entrar na minha cozinha sem primeiro limpar os pés!

Um flash de aborrecimento fez com que o chofer tivesse um aspecto quase ameaçador quando lançou um olhar feroz para a mulher zangada que estava no outro extremo da cozinha e, depois, contemplou seus próprios sapatos brilhantes. Encolhendo de ombros, decidiu esquecer o assunto, ele pendurou o casaco no armário e se aproximou da mesa da cozinha carregando uma pequena sacola branca da farmácia local em seu punho sólido.

— Senhora Manning. — disse com uma voz grave com um tom de decisão — Eu sei que você não me conhece, e provavelmente não quer um estranho em um momento como este, mas tanto seu marido como Matt Farrell me pediram que cuidasse da senhora e que me assegurasse de que sempre estivesse a salvo de qualquer perigo.

Leigh teve que inclinar a cabeça para trás para poder olhá-lo, e desde que esse movimento causava-lhe dor no pescoço, acenou-lhe para que se sentasse ao lado de Brenna.

— Quando você entrou agora a pouco, apenas me assustou. Não porque não queria você aqui. — declarou.

— Não precisa se desculpar. — disse ele e sentando em uma cadeira que parecia pequena demais para ele. — Mas devo lhe dizer que se tivesse me permitido conduzi-la até as montanhas no domingo passado, em vez de ir sozinha, talvez não estivesse aqui agora apertando os dentes para que ninguém notasse a dor intensa que está sentindo.

— Obrigada por tornar meu esforço desnecessário. — respondeu Leigh, não completamente segura se gostava dele ou não. Ele ignorou sua reprimenda.

— Ontem, você deveria ter me chamado e permitido que eu conduzisse o automóvel. É insensato que duas mulheres sozinhas andem dirigindo pelas montanhas em meio da neve. Poderiam ter ficado presas!

— Bom, é evidente que isso não aconteceu. — destacou Brenna.

— Sim, sorte para vocês. Mas se tivesse acontecido, o que você teria feito? Sair do carro e tentar algum automóvel pelo caminho, pedindo ajuda, enquanto a senhora Manning permanecia sozinha no veículo, dolorida e doente e tentando permanecer aquecida depois que ficaram sem combustível?

— Elas saíram perfeitamente bem, — informou Hilda com brutalidade enquanto mexia o conteúdo da panela no fogão.

Leigh observou esse intercâmbio acalorado e nada cordial entre seus três empregados como se ocorresse a uma grande distancia, pois todo seu ser estava concentrado no telefone e no relógio da parede oposta. Quando a linha privada de Logan, de repente iluminou e começou a tocar, ela empurrou Brenna de volta para sua cadeira e correu para o telefone, esquecida de seus ferimentos.

— Olá. — disse, quase sem fôlego.

A voz masculina do outro lado era profunda e desconhecida.

— Senhora Manning?

— Sim, quem fala?

— Michael Valente.

Leigh caiu contra a parede, sem conseguir esconder sua decepção.

— Sim, Sr. Valente?

— Sinto muito incomodá-la. Pelo som de sua voz, eu suponho que ainda não tem notícias de Logan.

— Não, absolutamente nenhuma.

— Sinto muito. — disse ele novamente. Ele hesitou um momento e então disse:

— Eu sei que este não é um bom momento, mas Logan tem alguns documentos que eu preciso. Tinha-os em sua casa quando me ligou sábado à tarde. Estou apenas alguns quarteirões de distância. Seria possível passar em sua casa para buscá-los?

— Eu não tenho ideia de onde estão. — disse Leigh, não gostando da ideia de alguém mexendo nas coisas de Logan quando ele não estava presente.

— São planos e um prospecto de um outro projeto meu que Logan me pediu emprestado.

De modo que os documentos eram deles, não de Logan. Ele estava sendo cortês, mas bem claro. Leigh engoliu seu ressentimento e decepção que a ligação não fosse de Logan ou a respeito dele.

— Entendo. Então venha e pegue-os — disse.

— Muito obrigado. Eu estarei lá em vinte minutos.

Com esforço, Leigh se separou da parede, desligou o telefone, e olhou para os ocupantes da cozinha. Poucos instantes atrás, eles só eram empregados que pareciam discutir por nada, mas quando olhou agora, seus rostos que exibiam ansiedade, compreensão e preocupação por ela, seu coração interneceu. Eles realmente se importava com ela, pois eles queriam ajudá-la no que estivesse a seu alcance. Leigh tinha centenas de conhecidos, mas sabia que não podia contar com sua discrição nem com seu silêncio. Ela sabia por experiência própria que Hilda e Brenna eram completamente confiáveis, e ela teve a sensação que Joe O'Hara provavelmente também era. Nesse momento, essas três pessoas eram seus aliados e seus amigos mais próximos: sua família.

Ela deu-lhes um sorriso fraco, mas a decepção sofrida pela ligação fez com que seu rosto ficasse ainda mais pálido, e Brenna notou. Abriu a sacola da farmácia, retirou o frasco e o aproximou de Leigh.

— Leigh, a doutora Winters insistiu que tomasse este medicamento.

Com suavidade, mas também com firmeza, Leigh afastou o frasco.

— Eu não gosto de drogas que afetam minha mente. Eu não preciso delas. Mais tarde, se eu sentir que me fará bem, tomarei. Eu prometo.

Satisfeito porque o problema com o medicamento parecia estar resolvido, O'Hara abordou o assunto que mais o preocupava.

— Se você tiver um quarto vago que eu poderia usar, eu acho que seria uma boa ideia se eu ficasse aqui até as coisas acalmarem. — O apartamento de Leigh tinha dezesseis quartos, que incluíam duas pequenas suítes cuja finalidade era ser utilizadas como "quarto de empregado" e uma das quais Hilda ocupava. A outra

estava vazia, mas Leigh sentiu a repentina e quase supersticiosa necessidade de deixar tudo exatamente como estava antes que Logan desaparecesse. Enquanto tudo permanecesse o mesmo, sua ausência seria apenas temporária; mas fazer uma mudança... bom, isso talvez implicaria que seria permanente.

—É muito amável de sua parte, mas eu não estou sozinha. Hilda vive aqui.

A resposta de O'Hara fez com que Hilda girasse e o olhasse com fúria.

—Estou seguro que Hilda é capaz de preparar uma omelete ou eliminar o pó de um tapete, —zombou ele— mas até que seu marido retorne, realmente, acredito que você precisa de um homem aqui para enfrentar os problemas com as pessoas. O lobby está repleto de jornalistas, você tem fãs alinhados na calçada, e você tem um perseguidor que agora sabe que seu marido está fora do caminho. Não há como dizer quando alguém vai pagar o seu porteiro ou encontrar outra maneira de deslocar-se até aqui, mais cedo ou tarde, isso vai acontecer. — Sentindo que Leigh titubeava, ele rapidamente jogou o seu trunfo: — Tenho certeza que seu marido esperaria que eu ficasse aqui e protegesse as mulheres da casa.—disse enfaticamente e, para surpresa de Leigh, ele lançou um olhar benevolente pelo aposento, que englobava a indignada e auto-suficiente Hilda e a descontente e independente Brenna na categoria de "*mulheres da casa*" que ele sentia obrigado a proteger.

Em algum lugar em sua mente frenética, Leigh notou que O'Hara possuía um surpreendente talento para a diplomacia e para uma astuta persuasão, porque ganhou a batalha assim que fez que seus desejos fossem os desejos de Logan.

— Você provavelmente está certo, Sr. O'Hara. Muito obrigada.

— De nada. E, por favor, me chame de Joe. —recordou ele— É assim como me chama Meredith, quero dizer, a senhora Farrell.

Leigh assentiu e desviou sua atenção para Hilda, que estava colocando duas tigelas na frente dela.

— O que é isso?—Perguntou Leigh, olhando para uma tigela contendo uma substância branca e espessa que parecia massa crua. Ao lado dela em uma tigela menor continha umas coisas redondas marrons que revolveram seu estômago.

— São creme de trigo e ameixas. —disse Hilda— Eu ouvi o Sr. Manning dizer que era isso que começaria a comer no café da manhã. Quando Leigh continuou olhando-a com cara de quem não entendia, Hilda adicionou:

— Eu o ouvi dizer no domingo de manhã, pouco antes de partir para aquele lugar nas montanhas onde você deveria encontrá-lo.

Essa lembrança uma vez doce e dolorosa percorreu o corpo de Leigh. *Basta de pêras*, brincou Logan. *Você está viciada. A partir de agora, é creme de Trigo e ameixas secas para você.* As lágrimas turvaram a visão de Leigh, que sem perceber o que estava fazendo, colocou os braços sobre a mesa e rodeou as duas tigela com as mãos, para tentar proteger assim essa lembrança feliz. Sua cabeça caiu para frente, e seu ombros começaram a tremer com um desamparado pranto que, para vergonha dela e alarmou as pessoas na cozinha. Tentando recuperar o controle e compreender o que acabava de acontecer, ela virou o rosto e secou as lágrimas com a mão direita. Com a esquerda estendeu o braço para Brenna e abriu a palma.

Brenna entendeu o significado do gesto e colocou uma das pílulas prescritas por Sheila Winters.

— Sinto muito.—disse aos outros três. Eles olharam para ela com tão intensa, simpatia que Leigh teve que piscar para conter um novo acesso de lágrimas.

—Eu vou preparar seu café da manhã habitual. —Anunciou Hilda, confiando, como era seu costume, que as questões domésticas conseguiriam recuperar o equilíbrio em um mundo desequilibrado e desordenado.

— Eu acho que vou comer isso hoje.—disse Leigh enquanto Brenna se levantava para atender o telefone que entrava pela linha principal.

Capítulo 13

Com seu olhar fixo no relógio da cozinha, Leigh se obrigou a comer parte do café da manhã enquanto tentava avaliar quanto tempo levaria para Shrader e Littleton determinar se o policial estadual tinha encontrado o local de seu acidente.

No escritório de Brenna na sala ao lado, o telefone continuava a tocar incessantemente, e cada vez que Brenna atendia uma chamada, Leigh ficava tensa, esperando ... Quando Brenna finalmente apareceu na cozinha com um telefone sem fio na mão, Leigh saltou da mesa e quase derrubou a cadeira, mas Brenna se apressou a sacudir a cabeça e explicar:

— É Meredith Farrell. Acabam de ouvir sobre o acidente e tudo mais. Eu pensei que você poderia querer falar com ela.

Leigh assentiu e pegou o telefone. A comunicação por satélite do navio era bastante deficiente e existia a leve demora que fazia com que as pessoas falasse ao mesmo tempo ou parar e esperar desnecessariamente para ver se a outra pessoa concluiu a conversa. Meredith se ofereceu a cancelar a viagem de ambos e a tomar um voo para Nova Iorque, e Matt Farrell ofereceu os serviços de uma grande empresa de investigação, que era uma de suas propriedades. Leigh recusou as duas ofertas e agradeceu-lhes sinceramente. Estava segura que a proposta dos Farrell de cancelar a viagem foi uma cortesia que sabia que ela recusaria, mas ela ficou surpresa e comovida mesmo assim.

Após esse telefonema, Leigh foi para o living e se sentou em frente a seu escritório esperando que acontecesse alguma coisa. Um momento depois Brenna se aproximou para lhe dar a notícia que ela não queria ouvir.

—Horace do lobby acaba de interfonar para informar que o Sr.Valente está aqui. Eu disse a Horace para mandá-lo subir. Você quer ir para o quarto e deixar-me lidar com ele?

Leigh sentia muita vontade de fazer exatamente isso, mas ela não queria que

ninguém tocasse em nada no estúdio de Logan a menos que ela estivesse lá.

—Não, eu cuido disso. — disse Leigh quando a campainha anunciou a chegada do visitante indesejado em sua porta.

Brenna o deixou entrar e automaticamente se ofereceu para levar o casaco. Para decepção de Leigh, ele o tirou e o entregou, o que evidentemente significava que se propunha ficar mais tempo do que levaria para encontrar os papéis e ir embora. Leigh não tinha qualquer intenção de receber de Michael Valente numa visita social, mas quando ele entrou no vestíbulo e atravessou o living em direção a ela, foi um pouco difícil de acreditar que esse homem alto, atlético, impecavelmente elegante, caminhando em sua direção era um criminoso. Vestido com um impecável traje azul escuro, camisa branca e gravata de seda azul e dourada, ele parecia um banqueiro de Wall Street. Mas, isso não queria dizer nada.

A medida que foi se aproximando, ele submeteu Leigh ao mesmo tipo de intenso escrutínio daquela noite na festa, e ela achou igualmente desagradável e abertamente pessoal. Ela manteve-se rígida até que ele terminou de inspecionar todas as características do seu rosto de perto, mas ela ignorou as mãos quando ele as estendeu para ela e disse baixinho:

— Como você está levando as coisas?

—Tão bem como se pode esperar— disse Leigh educadamente, mas de forma impessoal. Ele deslizou suas mãos rejeitadas nos bolsos da calça, com um sorriso estranho escondido no canto da boca, e não disse absolutamente nada, o que fez Leigh sentir-se torpe, grosseira e desconfortável. Nesse estado de incerteza momentânea, sentiu-se compelida a dizer algo:

— Eu me sinto melhor do que pareço.

— Tenho certeza que sim—disse ele com um esboço de sorriso—. Eu vi os rostos que parecia pior do que o seu, mas seus proprietários não estava respirando.

Leigh supôs que ele provavelmente já tinha visto muitas pessoas mortas, pelo menos, um dos quais ele tinha matado, e ela virou-se abruptamente para estúdio de Logan.

—Não estou segura do que exatamente você procura, mas...

— Leigh! —Exclamou Brenna correndo para Leigh pelo living, enquanto Hilda e Joe O'Hara se instalavam junto a porta da cozinha. —O detetive Shrader está no telefone e diz que é importante.

Leigh agarrou o telefone mais próximo, que estava sobre uma mesinha auxiliar junto ao sofá do living.

— Detetive Shrader?

— Sra. Manning, estamos bastante seguros que nós encontramos o local onde você saiu da estrada. Há algumas rochas grandes perto da parte superior de um barranco que apresentam raspões recentes de pintura negra, e pelo barranco se vê um caminho de galhos quebrados para baixo. No fundo, há um pequeno clareira e acabamos de comprovar que debaixo da neve e do gelo há água. Também detectamos uma grande massa de metal na água e mandamos pedir caminhões com guinchos...

— E o meu marido!? — Leigh explodiu—. Ele tem que estar em algum lugar perto

dali!

—Temos equipes de busca que se dirigem para a área, começarão a revisar em círculos...

—Vou para lá. Onde vocês estão ?

— Olha, porque você não fica perto do telefone. Levará várias horas...

— Eu quero estar lá!

Michael Valente tocou sua manga.

—Eu tenho um helicóptero...

O momentâneo aborrecimento que Leigh sentiu por sua interrupção foi substituída por uma gratidão instantânea.

—Detetive Shrader, — disse ela ao telefone— eu tenho oportunidade de ir de helicóptero. Diga-me onde você está... —Enquanto falava, Leigh olhou em todas direções em busca de papel e caneta. Valente pegou o telefone com uma mão e com a outra tirou uma caneta do bolso.

—Eu receberei as indicações. — disse ele — Vá e prepare-se para sair.

Enquanto corria para o quarto, ela ouviu-o dizer ao telefone:

— Exatamente aonde você está, detetive?

Leigh demorou vários dolorosos minutos para calçar as botas e, quando ela emergiu carregando o casaco e luvas, Valente já estava de pé no saguão com seu casaco, ladeado por Brenna e Hilda. Ele franziu a testa ao vê-la caminhar para ele, então ele pegou o casaco dela.

— Fique quieta e deixe-me fazer todo o trabalho. — disse e foi deslizando cada braço dentro da manga, em vez de simplesmente segurar o casaco atrás dela.

O procedimento levou apenas alguns momentos, mas a Leigh pareceu muito mais tempo. Ela já estava do lado de fora da porta com ele, quando ela disse por cima do ombro para Brenna e Hilda:

— Ligarei assim que souber de algo.

— Não se esqueça. —recomendou Brenna.

No elevador, Leigh sentiu os olhos de Michael Valente sobre ela, mas estava tão agradecida que foi capaz de ignorar seu escrutínio e conseguiu dar-lhe um leve sorriso ao dizer:

— Muito obrigada pelo que você está fazendo.

Ele tirou a importância com um gesto.

— Dois repórteres estavam na porta do edifício. —disse ele em troca. — Assim pedi a sua secretária que ligasse para meu chofer e dissesse que levasse meu carro para a entrada de serviço.

—Aonde ele está? — Ela perguntou como eles saíram do elevador.

—Siga-me. —Os elevadores estavam bloqueados da vista das pessoas que caminhavam pela rua por um autêntico bosque de árvores envasadas no lobby, e Leigh cuidadosamente se manteve detrás delas, ao dobrar à direita para a parte de atrás do edifício. Emergiram em um beco bloqueado por duas limusines pretas idênticas com seus respectivos choferes de pé junto a porta do passageiro aberta.

O automóvel de Valente era o que estava mais atrás. Seu chofer era um homem prolixo, de pouco mais de trinta anos, com o aspecto de um agente secreto que

deveria estar conduzindo o veículo de um dignatário. Joe O'Hara, com seu corpo volumoso e rosto amassado de boxeador profissional, parecia mais o chofer de um ex-presidiário. Valente começou guiar Leigh em direção ao seu próprio carro, mas O'Hara lhe cortou o passo.

—Eu sou o chofer da senhora Manning. —informou a Valente.

— Eu tenho meu próprio carro e motorista. — disse Valente secamente, e começou a a rodeá-lo.

— Então você pode levar seu carro e mostrar o caminho, mas a senhora Manning viajará comigo.

No seu tom de confronto e atitude, o motorista de Valente, de repente, deu um passo adiante e interveio:

— Existe um problema aqui, o Sr. Valente?

— Haverá. —o advertiu O'Hara com voz surpreendentemente ameaçadora.

—Afasté-se. — Valente disse em uma voz baixa e explosiva.

— Por favor! —Exclamou Leigh—. Estamos perdendo tempo. — Ela olhou para Michael Valente, com os olhos suplicantes. Sua vida tornou-se um mar escuro, perigoso e desconhecido no qual ela devia navegar, e nesse momento O'Hara era a única pessoa levemente familiar nele. Preferia tê-lo perto. —Meu marido deu a O'Hara a missão de me proteger e me acompanhar. Eu gostaria de deixá-lo fazer isso.

Para sua surpresa e alívio, Valente capitulou imediatamente, mas o olhar que ele deu a O'Hara foi distintamente desagradável.

— Entre no carro e conduza. —se limitou a dizer, enquanto segurava a porta aberta para Leigh.

Capítulo 14

Sentada junto ao piloto de Valente, usando fones de ouvido grossos e acolchoados para amortecer o rugido dos rotores, Leigh esquadrihava a cena abaixo ansiosamente. A polícia estatal tinha bloqueado a estrada da montanha; homens pulavam por toda a encosta íngreme coberto de neve e caminhões com guindastes se apoiavam no acostamento. Patrulheiros do Departamento de Polícia de Nova Iorque e a polícia estatal alinhavam-se em ambos os lados da rodovia, e vários helicópteros policiais voavam em círculos lentamente sobre as colinas próximas, sem dúvida procurando a cabana que Leigh acreditava que estava perto do lugar de seu acidente.

A voz de Valente ressonou pelos fones, calma e estranhamente reconfortante.

— Encontraram alguma coisa na água lá embaixo, e eles já tem os guinchos conectado a ele. — Para o piloto, ele disse:— Desça na estrada, atrás dos caminhões-guincho.

— Vai ser um pouco difícil, senhor Valente. Há um espaço um pouco mais

amplo oitocentos metros atrás, onde as árvores não estão tão perto da estrada.

— A senhora Manning não pode caminhar essa distância. Nos baixe atrás dos caminhões— ordenou Valente.

Ocorreu a Leigh que se o helicóptero caísse por causa disso, ele ficaria pendurado na copa das árvores; nenhum deles seria capaz de andar para lugar algum por muito tempo, mas precaução não era uma prioridade dela naquele momento.

Os rotores do helicóptero seguiam espalhando neve em um redemoinho branco quando Valente se aproximou de Leigh e a ajudou a descer. Os olhos dele se estreitaram quando ela se inclinou para frente e ele segurou sua cintura.

— O quão mal estão suas costelas?

— Não muito mal —mentiu Leigh, tentando recuperar o fôlego—. São pequenas fraturas. — Com O'Hara a sua esquerda e Valente a sua direita, Leigh procurou com o olhar os dois detetives da cidade de Nova Iorque. A detetive Littleton estava de pé na estrada, com um fone apertado contra a orelha, uma mão apertando a outra e seu rabo-de-cavalo ondeando ao vento. Shrader estava no acostamento da estrada, do outro lado dos caminhões guincho, falando com um agente da polícia de Nova Iorque. Ele viu Leigh, terminou a conversa e se encaminhou para ela.

— Bom dia, senhora Manning —disse cortesmente. Mas depois, ao reconhecer Valente, sua expressão se tornou claramente hostil.

— Algum de seus helicópteros encontraram sinais da cabana? —Perguntou Leigh.

— Não —respondeu Shrader secamente, seu olhar fixos no rosto de Michael Valente. Quando ele finalmente voltou sua atenção para Leigh, olhou-a com um desprezo tão glacial que ela teve a sensação que tinha cometido um crime somente por estar na companhia de Valente.

— Estão certos de terem encontrado meu carro? —Perguntou ela
Ele olhou em seguida para Valente.

— Neste momento — ele informou com tom sarcástico—, não estou certo de nada. — Sem uma palavra mais, girou sobre os calcanhares e se dirigiu aos caminhões guincho, mas primeiro parou para dizer algo ao agente com quem esteve falando antes. O agente assentiu e foi para onde estava o helicóptero de Valente.

Desalentada pela atitude de Shrader, Leigh permaneceu onde estava, parcialmente defendida do vento por Joe O'Hara e Valente, enquanto as gruas de ambos os caminhões desciam suas correntes, detinham-se e logo voltavam a mover-se de forma abrupta enquanto lentamente arrastavam o peso morto de um objeto que ainda não podia ser visto por entre as árvores e o içavam pela encosta. Leigh pensou em aproximar-se do limite da estrada para poder ver o que ela sabia que seria seu carro, mas ficou onde estava, relutante em aproximar-se de Shrader pelo mau humor que tinha exibido. Observou os helicópteros dando buscas nas cadeias da montanha a sua direita; depois olhou para a esquerda e viu o agente de polícia em plena conversação com o piloto do helicóptero de Valente. O piloto procurava livros e documentos no interior do helicóptero e depois os mostrava.

Alguém que cuide de mim

— O que ele está fazendo? — Perguntou a Valente apontando para o agente. Valente olhou na direção que ela apontava.

— Ele está chateando meu piloto. — respondeu ele de maneira direta.

Com base em sua atitude, Leigh assumiu que ser chateado pela polícia devia ser uma rotina para ele.

— Ah — disse ela indevidamente.

— Senhora Manning... — Shrader fez gestos a Leigh para que o seguisse. — Esse é o seu veículo?

Com uma inexplicável sensação de medo, Leigh avançou lentamente para o limite da encosta e olhou para baixo em direção aos restos de metal retorcidos que uma vez foram seu automóvel. Nada restava de seu desenho nem de sua pintura negra reluzente; o Mercedes estava totalmente queimado em algumas partes e convertido em uma forma que nada tinha a ver com o original.

— Sim. — respondeu ele — Esse é meu automóvel.

Valente se aproximou dela e olhou para baixo:

— Por Deus! — Disse em voz baixa.

Leigh afastou a vista desse veículo que estivera a ponto de converter-se em seu túmulo temporário e a centrou nos helicópteros que procuravam no horizonte.

— Quanto tempo acredita que levará para que encontrem o lugar aonde eu deveria encontrar meu marido?

— É difícil dizer. Poderia ser um minuto, horas ou inclusive mais.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, um dos policiais gritou para Shrader que ele tinha um chamado pelo rádio e ele deu as costas a ela e se afastou. Rezando para que o chamado estivesse relacionado com notícias de Logan, Leigh observou Shrader dirigir-se para um carro patrulha, colocar o braço pelo guichê aberto e pegar o radiotransmissor policial.

Ele escutou por um momento, então ele virou-se bruscamente e olhou para o horizonte para o horizonte em direção nordeste. Leigh seguiu o olhar dele. Um dos helicópteros tinha estreitado os círculos e baixava cada vez mais em espiral.

— Encontraram alguma coisa! — Gritou ela, apertando o braço de Valente em sua excitação. — Olhe, lá longe, o helicóptero mais distante —. Está voando baixo, e os outros helicópteros estão se aproximando. Encontraram Logan. Acredito que encontraram Logan!

Shrader terminou de falar pelo radiotransmissor e jogou-o no banco da frente do carro; depois andou em direção a Leigh.

— Um de nossos pilotos acredita ter encontrado a cabana. É uma pequena cabana de pedra com teto de telha cinza claro. Também parece divisar um poço de pedra perto da cabana. Seu marido mencionou a existência de um poço?

— Sim. — exclamou Leigh — Sim, mencionou. Tinha esquecido completamente!

— Muito bem, então. — disse ele. Girou para dizer a Littleton: — Vamos! — gritou-lhe. Dirigiu-se para o carro e Littleton caminhou também para o veículo na direção oposta e se sentou na poltrona do condutor.

Leigh tentou correr atrás dele e mal passou do terceiro passo ao ser assaltada pela dor em suas costelas.

— Espere. — gritou a Shrader e segurou as costelas com a mão — Eu quero ir com vocês.

Shrader deu meia volta e franziu o sobrecenho pela demora que isso implicaria, como se tivesse esquecido que ela tinha um forte interesse pessoal na busca.

— Seria melhor que aguardasse aqui.

— Eu quero ir com vocês. — repetiu Leigh com fúria.

Ele olhou em todas direções, viu o agente que momentos antes esteve "chateando" o piloto de Valente e fez-lhe gestos que se aproximasse. Após uma breve conversa, Shrader continuou em direção a seu próprio carro, e o policial se aproximou de Leigh. A etiqueta com o nome na sua jaqueta dizia: "*Agente Damon Harwell*".

— O detetive Shrader disse que você pode vir comigo. — disse Harwell e depois dirigiu um olhar mordaz para Valente.

— Você já não tem nada que fazer aqui, Valente. Saque esse pássaro do caminho antes que eu o apreenda.

Leigh se sentiu um pouco incômoda com a forma em que Harwell tratava o homem que bondosamente a levou até ali, mas toda sua concentração estava fixa em Logan. Logan estava perto. Ele estava próximo..

O'Hara, em troca, estava perto de Leigh.

— Eu irei com a senhora Manning. — advertiu ao policial — Sou seu guarda-costas.

— Está bem. — disse Harwell, deu de ombros e se virou.

Leigh tinha uma terrível pressa em partir, mas quando voltou a cabeça para agradecer a Valente e despedir-se dele, comprovou que tinha permanecido imune às ameaças de Harwell. Suas seguintes palavras o confirmaram.

— Gostaria que eu a acompanhasse? — Perguntou com muita calma.

A última coisa que Leigh queria era submetê-lo a mais humilhações ou a problemas com a polícia.

— Estarei bem. — disse — Muito obrigada por tudo.

Sem prestar atenção a sua gratidão nem a sua afirmação de que estaria bem ele seguiu olhando-a intensamente e repetiu a pergunta.

— Gostaria que eu a acompanhasse?

O certo era que Leigh teria gostado de levar todo um exército com ela; quanto maior fosse a quantidade de homens capazes de encontrar Logan e tirá-lo dali, melhor. Olhou com certo desconforto para Harwell, que já tinha subido no carro patrulha e ligado o motor.

— Não me parece uma boa ideia. — afirmou.

— Pois me parece que sim. — disse ele, adivinhando a razão da resistência dela e sem lhe prestar atenção.

Leigh decidiu que ele tinha razão e, enquanto se instalava no assento posterior do automóvel do agente Harwell, disse, com o tom mais cortês que pôde:

— Agente Harwell, o chefe Trumanti me assegurou que eu teria a cooperação total de todos os integrantes do NYPD. E o senhor Valente vem comigo.

Harwell não disse nada até que já estavam a caminho; então fez soar a sirene e olhou para Valente pelo espelho retrovisor:

— Você deve se sentir muito à vontade aí atrás, Valente. — disse com um sorriso malévolo. — Só que geralmente viaja algemado, não é?

Muito horrorizada para dissimular sua reação, Leigh olhou para Valente, que muito tranquilo estava falando pelo celular com seu piloto para lhe dar instruções, mas seu olhar estava fixo na nuca de Harwell, e a expressão de seu rosto era letal.

Capítulo 15

Um após outro, os veículos da polícia procedentes do lugar do acidente de Leigh passaram junto a eles, com as luzes acesas e sirenes ligadas, a caminho da cabana. Leigh se inclinou para frente e com indignação perguntou a Harwell:

— O detetive Shrader dizer-lhe para ir lentamente, ou você está fazendo isso só para ser desagradável?

— São ordens do detetive Shrader, senhora. — foi a resposta de Harwell, mas Leigh viu seu sorriso presumido pelo espelho retrovisor e soube que ele desfrutava com sua frustração, provavelmente porque ela o forçou a levar também Michael Valente.

— Por que ele iria dar-lhe uma ordem como essa?

— Eu não saberia dizer.

— Dê um palpite? — O'Hara saltou.

— Tudo bem. Meu palpite é que o detetive Shrader não sabe o que vai encontrar, ou se ele vai encontrar alguma coisa, e quer ter um pouco de tempo para observar tudo e avaliar a cena. Os familiares e os civis sempre causam transtorno. — Enquanto falava, acionou a seta indicadora de conversão.

— É aqui.

Um quilômetro e meio depois do desvio, deteve o veículo na metade de um estreito caminho na montanha repleto de automóveis policiais, incluindo alguns das comunidades próximas. Agora a cabana estava à vista, mas um atalho estreito e muito escarpado conduzia a ela da estrada, por entre as árvores, e depois desaparecia em uma curva.

Harwell saiu do carro

— Você fica aqui! — ordenou a ela, gritando para ser ouvido por cima do rugido de um helicóptero que sobrevoava o lugar e da sirene de uma ambulância que se aproximava. — Eu informarei você sobre o que encontraram.

Os policiais que avançavam por entre a neve, que chegava a cintura, tinham criado com seus corpos um tipo de passagem, e Leigh permaneceu em pé ladeada por O'Hara e Valente, observando como Harwell descia por esse canal profundo e escorregadio. Mais agentes de polícia chegaram e avançaram pela neve, mas nenhum reapareceu depois de dobrar pela curva abaixo.

Leigh contou cada segundo, aguardando que alguém subisse e lhe dissesse

alguma coisa e quando ninguém o fez, começou a ter a sensação que ia explodir em milhões de pedaços.

Junto a ela, Valente tinha o olhar fixo para baixo e franzia o sobrecenho, depois amaldiçoou entre dentes e perguntou a Leigh:

— O quão grave são suas lesões?

— O que?

— Refiro-me a suas costelas. —esclareceu— Acredita poder suportar a dor se eu erguê-la e a carregar nos braços?

— Sim! —Exclamou Leigh— Mas não acredito que você...

Antes que ela pudesse terminar a frase, Valente pôs um braço atrás de seus joelhos, curvou o outro ao redor de seus ombros e a levantou. Ele olhou para O'Hara e apontou para o caminho íngreme.

— Você desce primeiro e eu pisarei em seus rastros. Se eu começar a escorregar, tente me segurar.

O plano funcionou e alguns minutos mais tarde Leigh finalmente pôde ver a totalidade da cena. A pitoresca cabana de pedra se encontrava em uma clareira no final do atalho, tal como Logan a havia descrito. Cinquenta metros além da cabana, o terreno descia quase verticalmente, e uma horda de policiais lentamente tentava descer por entre as árvores. Outro policial se encontrava estacionado no alpendre da cabana e olhava para o interior através de uma porta aberta. Virou-se, surpreso, Valente desceu Leigh atrás dele.

— Ninguém pode entrar. —informou a Leigh —São ordens do detetive.

— Sou a senhora Manning. —alegou Leigh— Quero saber se meu marido está lá dentro! — Estava decidida a entrar à força, mas a detetive Littleton apareceu junto à porta e respondeu sua pergunta.

— Não há ninguém aqui, Sra. Manning. Sinto muito. —adicionou— Minha intenção era dizer-lhe pessoalmente, assim que finalizássemos uma busca preliminar na área.

Desolada, Leigh se deixou cair contra o batente da porta.

— Este deve ser o lugar errado...

— Não acredito. Dentro há algumas coisas que podem pertencer a seu marido. Eu gostaria que me dissesse se identificar alguma. — Ao dar um passo para dentro para permitir que Leigh entrasse, olhou para Valente e disse, com tom cortante:

— Você terá que esperar aqui fora, senhor.

No interior dessa pequena cabana vazia fazia um frio glacial, parecia mais o interior de um freezer e quase havia a mesma escuridão. A umidade havia permeado os pisos e as paredes de pedra, e a única luz que havia entrava por uma pequena janela suja, a direita de Leigh, que piscou e tentou adaptar a vista a essa obscuridade do interior depois de suportar a intensa claridade de fora.

À esquerda, duas portas se abriam do cômodo principal para uma cozinha e um banheiro respectivamente, e em frente a Leigh, uma terceira porta, em um canto, conduzia a um quarto que ela supôs que era um dormitório. À direita, junto a essa porta, e ocupando quase toda a parede que estava em frente, havia uma

lareira com pedras enegrecidas por décadas de fuligem acumulada. Apoiada no piso em frente a ela, Leigh viu um saco de dormir verde escuro, ainda amarrado como um cilindro perfeito. Correu para ele e se inclinou para vê-lo melhor; então olhou por sobre o ombro para Littleton e Shrader, que estavam de pé junto a ela.

— Isto parece com um dos nossos!

— Está segura que é de vocês? — Perguntou Shrader.

Para Leigh, todos os sacos de dormir eram parecidos e na realidade ela não via esse há anos.

— Acredito que sim, mas não estou cem por cento segura.

— Você e seu marido têm mais de um saco de dormir?

— Sim, temos dois. São idênticos.

Em busca de algo mais identificável, Leigh se levantou e caminhou até o quarto vazio, então ela olhou para o banheiro, que também estava vazio. Sem ter consciência do quão atentamente a observavam, a seguir entrou na cozinha. Uma enorme e antiga pia de louça com pés de aço estava apoiada contra a parede mais longínqua, e debaixo dela havia um saco de papel aberto. espalhado sobre a mesa, havia coisas que Logan tinha comprado para esse dia. Leigh sentiu um nó na garganta ao ver as caixas dos biscoitinhos favoritos de Logan, um pacote aberto de queijo e um sanduíche ainda envolto em papel plástico. Além das garrafas de água que Leigh havia pedido, Logan também tinha levado uma garrafa de champanhe e outra de Chardonnay. Porque queria celebrar a ocasião com ela nessa noite...

Empilhados no parapeito da janela, sobre a pia, havia um cilindro de toalhas de papel, uma garrafa de detergente líquido, uma caixa de fósforos de madeira e uma lata de inseticida. Uma vassoura nova estava apoiada contra a parede, perto da porta de trás, e ainda tinha a etiqueta com o preço.

Tudo o que Leigh via recordava intensamente Logan e a conversa que tinham mantido na manhã em que ele partiu, mas até que se aproximou da pia e a olhou mais de perto, ela tinha se apegado a débil esperança que esse fosse o lugar equivocado, que Logan estivesse são e salvo em alguma outra cabana. Duas taças de cristal Baccarat para vinho roubaram essa última fantasia consoladora.

Olhou para Shrader e Littleton com os olhos cheios de angústia.

— As taças são nossas. — Movida por uma necessidade premente e repentina de procurar Logan e resgatá-lo ela mesma, passou junto aos dois detetives e retornou ao quarto. Estava a ponto de abrir a porta do guarda-roupas, quando Shrader gritou:

— Não toque em nada, senhora Manning!

Leigh colocou a mão para trás.

— Olharam no roupeiro? Talvez Logan esteja...

— Seu marido não está ali dentro — assegurou a detetive Littleton.

— Não, é obvio que não — disse Leigh, mas começou a murmurar coisas e a falar sem cessar para não ter que pensar no impensável.— Por que teria Logan que esconder-se em um roupeiro? Entretanto, é óbvio que esteve aqui, e ele... — Calou quando lhe ocorreu algo que lhe deu uma esperança momentânea. — Mas seu automóvel não está aqui. Deve ter ido a algum outro lugar.....

Shrader demoliu cruelmente toda essa lógica e essa esperança.

— Seu marido dirigia um jipe branco, não é assim? — Quando Leigh assentiu, ele deu de ombros e disse, como uma questão simples: — Pois bem, quando eu paro ali na porta e olho para fora, a única coisa que vejo é uma série de colinas brancas. Um jipe branco, coberto de neve, poderia ter o mesmo aspecto.

Isso era a última coisa que Leigh queria ouvir. Abraçou o corpo com os braços e se concentrou em não perder o controle de suas emoções. Uma vez na sala, aproximou-se da janela e viu os policiais inspecionando a encosta arborizada. Compreendeu que na realidade não estavam procurando Logan ali. Logan tinha desaparecido fazia quase seis dias. O que procuravam era seu corpo. Seu próprio corpo começou a tremer com tanta intensidade que teve que segurar o batente da janela para não cair no chão.

— Fazia tanto frio na noite da tempestade de neve. — sussurrou — Tinha lenha para acender a lareira? Não vi nenhuma lenha. Espero que ele não estivesse com frio...

— Há suficiente lenha empilhada do outro lado da porta da cozinha — tratou de tranquilizá-la a detetive Littleton. Mas Leigh não se tranquilizou. Acabava de compreender as implicações da advertência de Shrader.

— Por que não quer que eu toque em nada? — Perguntou em voz baixa.

— Uma vez que não temos ideia do que aconteceu a seu marido, — respondeu Shrader — estamos seguindo o procedimento padrão...

Foi Michael Valente que perdeu o controle e sua cólera teve como alvo Shrader quando passou junto ao surpreso agente encostado no alpendre.

— Você é um sádico ou um imbecil! — Disse ao entrar na casa e aproximar-se de Leigh

— Ouça-me. — disse a ela — Esse idiota sabe tão pouco quanto você sobre o que aconteceu a Logan. Existe a possibilidade que esteja preso em alguma outra parte, esperando que alguém o ajude a sair. Talvez tenha se ferido e não possa caminhar por sua conta. Qualquer que seja a razão, o melhor que você pode fazer agora é permitir que eu a leve de volta para sua casa. Deixe que a polícia faça o que acredita que deve fazer aqui.

Surpreendentemente, a detetive Littleton apoiou essa ideia.

— Ele tem razão, senhora Manning. O melhor seria que se fosse agora mesmo. Temos que rastrear uma área muito ampla e ligaremos tão logo encontrarmos uma pista do que aconteceu aqui.

Leigh a olhou, morta de medo que Valente tivesse alienado tão completamente que eles nunca lhe diria nada.

— Você promete que vai ligar, não importa o quê?

— Eu prometo.

— Mesmo que seja só para me dizer que não têm novidades?

— Até nesse caso. —conveio Littleton— Eu vou te ligar hoje à noite.— aproximou-se da porta e aguardou que Leigh e Valente saíssem na varanda, então ela acenou para um dos policiais ali— O agente Tierney os levará até o helicóptero. Apenas digam a ele aonde está o helicóptero.

Alguém que cuide de mim

Quando eles se foram, Sam Littleton chamou por gestos outro agente do NYPD que se encontrava perto, sacudindo a neve das pernas.

— Consiga alguns rolos de fita da cena do crime e comece a bloquear a área desde aquele ponto... —Apontou o final do atalho visível da casa.

— Não quer cercar também acima, no caminho?

— Não, só despertaria a curiosidade das pessoas e atrairia sua atenção, mas quero um agente a postos lá em cima vinte e quatro horas do dia, até que uma Unidade de Perícia tenha estado aqui e verificado tudo. Ninguém desce aqui sem permissão do detetive Shrader ou minha.

— Entendido. —respondeu o policial e começou a virar-se para cumprir as ordens.

— Uma coisa mais: pergunte a um dos departamentos locais se nos podem emprestar um gerador. Vamos precisar de luzes e calefação aqui embaixo.

— Alguma outra coisa?

Sam lhe dedicou um sorriso sedutor.

— Já que me perguntou isso, dois cafés seriam uma ótima idéia.

— Verei o que posso fazer.

* * *

Shrader falava por telefone com Holland a fim de fazer os acertos necessários para que enviassem uma unidade de perícia o mais cedo possível a cabana. Quando terminou, lançou a Sam uma expressão de fúria que, no rosto de Shrader, parecia tanto a sua cara de felicidade que Sam não soube bem se estava divertido ou zangado.

— Valente me chamou de imbecil! — Exclamou, e Sam compreendeu então que na realidade estava encantada.

—Assim é. —disse ela— e você foi.

—Talvez, mas, sabe o que descobri? — Sam colocou as mãos nos bolsos e sorriu.

— Que ele também pensa que é um idiota sádico?

— Além disso.

Sam inclinou a cabeça para o lado.

—Dou-me por vencida. Que outra coisa você descobriu?

— Os federais chamam Valente de o Homem de Gelo, mas eu descobri que ele tem um ponto fraco, brando e sensível: a senhora de Logan Manning. Os nossos vão comprovar que isso é algo muito interessante. — Se agachou em frente a lareira e tirou uma caneta do bolso. — Não entendo como ela chegou a ser uma atriz de teatro.

— Não crê que ela saiba atuar? —Perguntou Sam surpreendida.

Shrader se pôs-se a rir.

— Demônios, sim, é claro que sabe atuar! Deu-nos uma interpretação digna de um Oscar no hospital, e voltou a fazê-lo aqui. O problema é não parece recordar

suas falas. No hospital, na quarta-feira pela manhã, adotou uma atitude virtuosa e indignada quando lhe perguntei sobre a mensagem telefônica de Valente. Hoje, dois dias mais tarde, apresenta-se no helicóptero particular de Valente e ele a carrega até aqui nos braços.

Uma vez que já tinham esgotado esse tema durante o caminho desde o local do acidente, Sam não disse nada.

— Para poder ser um bom mentiroso é preciso ter uma boa memória. — declarou Shrader ao mover as cinzas com o atizador — Isto me parece cinza comum de madeira, provavelmente de carvalho. O problema com a senhora Manning, —continuou— é que não só tem memória ruim mas também também uma falta total de senso de direção. Estava a vinte quilômetros daqui quando seu automóvel capotou, e se dirigia ao sul, não ao norte. Isso significa... o quê? —Olhou para Sam por cima do ombro e levantou as sobrancelhas, esperando que ela respondesse essa pergunta.

— Isto é uma adivinhação? —Perguntou ela, divertida— Significa que pareceria que ela estava no caminho de volta a sua casa, não para aqui, quando caiu pelo aterro.

— Correto. Agora bem, o que a incomoda neste lugar? Alguma coisa especial?

Sam percebeu que esse era o primeiro caso que tinham iniciado juntos, e de que Shrader realmente tratava de averiguar até que ponto ela era observadora.

— São várias as coisas que chamam a atenção. Em primeiro lugar, alguém limpou muito bem o piso recentemente, que é a razão pela qual você não se incomodou em proibir as pessoas que entrassem. Você já sabia que a Unidade de Perícia Criminal não poderia obter nenhum rastro neste piso de pedra, não só porque foi limpo mas sim porque é muito irregular."

— Bom. Que mais?

— Deixou que Valente entrasse aqui, com a esperança impossível que a Unidade de Perícia pudesse levantar um rastro parcial de seus sapatos e que coincidissem com algum outro rastro do piso de pedra daqui de dentro.

— Então eu sou um sonhador.

— A propósito, se por acaso não o notou, a senhora Manning deixou pelo menos um rastro parcial naquela janela.

Ele ficou em pé, sacudiu as mãos para tirar a poeira e colocou a caneta no bolso

— Sim. Ela pôs a mão sobre a moldura da janela, não no vidro. Eu a estava olhando.

— Acredito que deslizou a mão sobre o vidro quando virou-se.
Shrader entrecerrou os olhos.

— Se você está certa, faça uma nota disto.

— Farei isto —Sam girou e se dirigiu a cozinha.

— Vai dizer alguma a Tierney? Ele permitiu que Valente o ultrapassasse e entrasse aqui.

— Pode apostar seu doce traseiro que direi. Desculpe, sem nenhuma intenção pessoal, inapropriada ou ofensivamente sexual.

Sam pensava nas taças que havia na pia da cozinha. Essas taças a intrigavam tanto quanto a Shrader desconcertava esse único saco de dormir, e o disse em voz alta.

— O que é que a preocupa nessas taças? —Perguntou ele.

— Por que estavam na pia? As garrafas de água não estavam abertas, como tampouco a de champanhe nem a de Chardonnay. De modo que se as taças não tinham sido usadas, por que estavam na pia?

— Ele provavelmente imaginou que estaria mais segura ali, menos chances que se quebrassem.

Sam não discutiu.

Capítulo 16

O breve júbilo que lhe causou pensar que tinha encontrado Logan, seguido pela frustrante realidade de encontrar somente uma cabana deserta, tinha esgotado a força mental e física de Leigh de modo quase total. Recostada em um sofá do living, enrolada em uma manta, assistia o noticiário da CBS, falava da descoberta da cabana realizada nesse dia... *"A polícia cercou a área e estão fazendo uma profunda investigação"*, informou Dana Tyler, uma das âncoras do noticiário *"Nesse ínterim, as possibilidades de encontrar Logan Manning com vida são cada vez mais escassas. Jeff Case, nosso repórter, esteve esta tarde no One Pólice Plaza, onde William Trumanti, comissário do NYPD, disse estas palavras relativas à investigação..."*

Leigh escutou com a esperança de inteirar-se de algo novo, mas Trumanti se limitou a dizer que estavam seguindo várias pistas e que a possibilidade de sequestro foi descartada porque não se pediu nenhum resgate. Pistas, pensou com desalento. Não tinham nenhuma pista. Shrader e Littleton precisavam de pistas como todos os outros. O chefe Trumanti terminou seu breve comentário mas os repórteres não tinham esgotado suas perguntas.

— É verdade que Leigh Kendall voou esta manhã até o local em um helicóptero?

—Sim.

— E que o helicóptero em questão pertence a Michael Valente, que a acompanhou neste voo?

À menção do nome de Valente, a expressão do Comissário Trumanti endureceu.

— Isso entendi.

— Que papel tem Valente em tudo isto?

— Ainda não sabemos. —respondeu Trumanti, mas tanto suas palavras como seu tom pareciam implicar que aonde Valente estivesse envolvido, sempre havia algo sinistro que precisava ser investigado.

Leigh ficou momentaneamente indignada pela injustiça desse comentário,

mas sua capacidade de irritação já havia se esgotado ao ler os rumores sem fundamento e as especulações sensacionalistas publicadas nos jornais. Essa manhã, o **New York Times** tinha publicado um artigo junto com uma fotografia de Logan e ela em uma reunião para arrecadar recursos para uma instituição de caridade, com um título que dizia: "*O desaparecimento de Manning: tragédia, traição ou drama?*"

O artigo incluía comentários de "*uma fonte oficial*" que sugeria a possibilidade que o desaparecimento de Logan não era mais que uma manobra publicitária.

O **Post** tinha averiguado a existência de alguém que perseguia Leigh e lançava a hipótese de "*sequestro por parte de um perseguidor*". Para promover o interesse nessa teoria e lhe dar crédito, o **Post** incluía um "perfil" detalhado do perseguidor de Leigh criado por algum perito em perseguidores de celebridades.

O **National Enquirer** tinha outra teoria, que ocupava a primeira página de sua última edição como se fosse um fato e não uma ficção inventada por eles:

"O CASAMENTO MANNING-KENDALL EM PROBLEMAS ANTES DO DESAPARECIMENTO DE MANNING."

Segundo as "*fontes não reveladas*" do **Enquirer**, Leigh esteve planejando iniciar um processo de divórcio porque "*estava farta das mil infidelidades de Logan*". No mesmo artigo, citavam-se as palavras de um "*amigo próximo ao casal*", que afirmava que Logan se negou a renunciar a mulher com a qual estava tendo uma aventura.

O **Star** favorecia essa teoria, mas afirmava que o amante secreto de Logan era um homem, não uma mulher, e que os dois foram vistos de mãos dadas em Belize.

Até essa manhã, pelo menos, a mídia se viu obrigada a limitar suas especulações e suas calúnias apenas a Logan e Leigh, mas agora tinham material abundante centrado em Michael Valente, e estavam fazendo um festim com ele. As fotografias de Valente ocupavam as primeiras páginas dos jornais da noite, junto com as de Logan e dela. Os artigos sobre Valente se centravam em seus desonrosos antecedentes e em enfrentamentos passados com o sistema judicial, mas também se referiam a suas relações com mulheres. Segundo um artigo, ele esteve envolvido com a filha do chefe de uma das máfias nova-iorquinas antes de embarcar em relações muito secretas com "*mulheres da sociedade anônimas e casadas*".

A única reação de Leigh a tudo isso foi uma vaga sensação de culpa pelo fato de que ele tivesse sido arrastado a uma situação desagradável meramente por ter cometido um ato impulsivo de bondade, com o fim de ajudar a uma praticamente desconhecida. Uma prova a mais que nenhum ato de bondade ficava impune.

Leigh empunhou o controle remoto e desligou o televisor, pegou então a grande fotografia emoldurada que colocou mais cedo sobre a mesa de centro para poder vê-la.

O rosto atraente de Logan lhe sorriu da cobertura de um veleiro de treze metros de comprimento, navio que tinha alugado no último verão por um fim de semana para celebrar o aniversário de ambos. Leigh estava na frente dele, junto ao

leme, pronta para sua primeira lição de navegação. Uma vela estava desdobrada, ele tinha as mãos sobre o leme junto as dela e a brisa os despenteava. Na fotografia, os dois sorriam porque Logan tinha convencido alguém que passava por ali a tirar a fotografia e, embora parecesse que estavam navegando, o certo era que o navio ainda estava amarrado ao cais.

Com ternura, Leigh deslizou um dedo sobre a imagem desse rosto amado e recordou como sua pele se sentia com seu toque. Ele não havia se barbeado naquele fim de semana, e, agora, sob seu dedo, ela quase podia sentir a curva de sua mandíbula e a textura áspera de sua pele com essa barba de dois dias. Em sua memória, parecia ouvir sua risada naquele feliz dia de verão, quando ele estava parado atrás dela, junto ao leme. "*Aonde vamos, capitã?*", tinha perguntado a ela enquanto lhe dava um beijo na nuca.

Leigh fechou os olhos para conter as lágrimas quentes que ali se amontoavam e apertou a foto contra seu coração.

— Em qualquer lugar onde você estiver, meu amor. — sussurrou.

Capítulo 17

Hilda estava sobre uma escada, tirando o pó do alto do batente das portas, quando o telefone tocou, às onze e quinze da manhã do sábado, de modo que foi Joe O'Hara quem atendeu da cozinha a ligação da doutora Sheila Winters. Reconheceu seu nome em seguida, em parte porque ela tinha enviado por telefone uma receita para Leigh Manning alguns dias antes, mas também porque Brenna se referiu a ela várias vezes como uma amiga próxima dos Manning.

— Queria falar com a senhora Manning. — disse a doutora Winters.

O'Hara titubeou e logo, a contra gosto, recitou a desculpa que tinham instruído tanto ele como Hilda e Brenna para dizerem a qualquer um que chamasse com um pedido similar.

— Sinto muito, doutora Winters, mas a senhora Manning hoje não está recebendo telefonemas. Está descansando.

As pessoas — exceto os jornalistas — sempre aceitavam essa desculpa e estavam acostumados a deixar mensagens corteses, mas isso não aconteceu neste caso. Como se tivesse percebido a hesitação de O'Hara ao dar essa desculpa, ela começou a conversar com ele.

— Com quem estou falando?

— Sou Joe O'Hara, o chofer da senhora Manning.

— Imaginei que seria você! Também é um guarda-costas, não é?

— Se for necessário, sim.

— Leigh e Logan me contaram quão felizes estavam por tê-lo durante alguns meses. E, tal como estão as coisas neste momento, alegre-me de maneira especial que você esteja aí. — Esteve tão afetuosa e parecia tão autenticamente preocupada, que Joe instintivamente gostou dela e confiou nela. — Leigh realmente

está descansando? —Perguntou abruptamente a doutora Winters.

Joe se virou um pouco para trás e olhou para o living, aonde o alvo dessa conversa observava uma fotografia emoldurada de seu marido em um veleiro e sua expressão era tão tensa e desesperançada que era comovedora.

— Não está descansando, não é? —Adivinhou a doutora Winters pela hesitação de Joe.

— Não.

— Eu gostaria de ir vê-la esta manhã. Parece-lhe uma boa idéia?

— Talvez sim. —respondeu ele.

Recordou então que Brenna havia dito que tomara tivessem permitido a doutora Winters vir no dia anterior, e isso reafirmou sua resposta.

— Sim, — disse—acredito que sim.

— Como poderíamos fazê-lo?

Joe aproximou mais o telefone e baixou a voz.

— Bom, se você me dissesse que viria esta manhã de visita e que não aceitaria um não como resposta quando chegasse aqui, então eu teria que dizer a senhora Manning, e não acredito que ela esteja neste momento em condições de entrar em uma discussão.

— Entendo. — disse a doutora Winters com um sorriso na voz. Depois se tornou muito séria e friamente profissional. — Fala a doutora Winters, — o informou como se não tivessem estado falando antes— e o aviso que irei dentro de alguns minutos visitar a senhora Manning. Por favor, diga a ela que não tolerarei que ninguém se oponha a minha visita.

— Muito bem, senhora. Darei-lhe essa mensagem. — disse O'Hara. Estava pendurando o aparelho quando a voz áspera de Hilda o fez virar-se pela surpresa.

— Com quem falava?

— Com a doutora Winters. Insistiu em vir e assegurou que nada a faria mudar de ideia.

Hilda lançou-lhe um olhar cheio de fúria e desdém.

— É claro, e esta flanela de limpeza que tenho é na realidade uma marionete.

O'Hara se enfureceu.

— Está-me chamando de mentiroso?

— Estou chamando-o de intrometido! —Retrucou-lhe ela, mas o rodeou e avançou pelo hall de trás para o tanque sem ameaçar expô-lo e arruinar os planos.

* * *

O'Hara entrou no living e pigarreou.

— Lamento incomodá-la, senhora Manning. — mentiu.

A mulher, que estava no sofá, apressou-se a secar as lágrimas das faces antes de virar a cabeça e olhá-lo.

— Sim, Joe?—Disse e tratou inutilmente de sorrir um pouco e de parecer tranquila.

— A doutora Winters acabou de ligar. Disse que virá dentro de alguns

minutos...

— Não disse a ela que eu não recebia ninguém e que estava descansando?

— Sim, disse. Mas ela me respondeu que não toleraria que ninguém a impedisse.

Por um momento, Leigh se sentiu surpreendida; depois, zangada e, finalmente, resignada.

— Típico de Sheila. — disse com um suspiro. E, quando o notou preocupado acrescentou: — Não se preocupe. Eu deveria ter falado com ela há dias, é uma amiga muito querida.

— Fará-lhe muito bem falar com uma boa amiga. — predisse Joe.

Leigh não acreditava que nada poderia lhe fazer muito bem, mas Sheila era a única pessoa com a qual ela podia ser completamente sincera. Entre outras coisas, Sheila Winters tinha conhecido as dificuldades que Logan e ela enfrentavam em sua relação, e os tinha ajudado a contorná-las.

Nos primeiros anos do casamento de ambos, era Leigh que ganhava quase todo o dinheiro, enquanto Logan contribuía por pertencer a alta sociedade e com um forte desejo de vê-la triunfar, que era mais intenso inclusive que o de Leigh mesma. Depois de lançar mão de todas as conexões sociais de sua família para que Leigh entrasse em contato com gente influente no teatro da Broadway, Logan se dedicou incansavelmente a recuperar a fortuna da família Manning, que foi dilapidada por seu avô ao longo de toda uma vida com dívidas de jogo e aventuras comerciais descabidas.

O amor pelo jogo era um traço típico da família Manning, mas, com exceção do avô de Logan, os homens que levavam esse sobrenome possuíam também um julgamento sensato com respeito aos negócios. O tataravô de Logan, Cyrus Manning, resguardou um pequeno e cômodo império na indústria de elaboração de conservas e investiu todo seu dinheiro em um negócio arriscado na indústria têxtil, seguido por outro inclusive mais arriscado em uma petroleira. Igual a ele, Logan sempre estava disposto a apostar na seguinte e mais importante aventura comercial. E, também igual ao velho Cyrus, as apostas de Logan Manning quase sempre pagavam bons dividendos.

Quando ele e Leigh celebraram o décimo primeiro aniversário de casamento, Logan tinha conseguido triunfar além de qualquer expectativa, e a carreira teatral de Leigh a tinha convertido em uma estrela internacional. Ela desejava tomar mais tempo livre entre uma obra e a seguinte, e reduzir suas aparições em cena, mas Logan não podia entender sua lógica, não importava quão bem andassem seus negócios, sempre sentia a necessidade de expandir-se, de reuplicar esse dinheiro em outra aventura comercial, com frequência mais temerária. Não podia parar e não estava disposto a baixar seu ritmo. Essa necessidade de triunfar trazia a ele um enorme custo pessoal, e o preço que devia pagar Logan, eram dias de dezesseis horas de trabalho, meses sem sequer curtas férias e semanas sem fazer amor.

Quando um de seus negócios menores não saiu bem, pouco depois do décimo primeiro aniversário de casamento, Logan ficou tão estressado por esse fracasso que Leigh finalmente insistiu que procurassem ajuda profissional. A terapeuta que

ela escolheu foi a doutora Sheila Winters, uma atraente loira de trinta e sete anos que tinha colhido uma excelente clientela em seu consultório de Park Avenue ao especializar-se no tratamento de pessoas muito exigentes e também muito estressadas, incluindo vários conhecidos de Logan e Leigh.

Para satisfação de Leigh, Sheila Winters estava a altura de sua reputação de profissional; inteligente, perceptiva, com senso de humor e rápidas soluções criativas de acordo com a idiossincrasia especial de seus ilustres clientes.

Ao cabo de apenas umas poucas sessões, disse-lhes que deviam tirar um fim de semana de férias, como uma cura parcial e prática para a incapacidade de Logan de relaxar.

— Logan, você é uma dessas pessoas que necessitam uma mudança total de cenário a fim de poder tirar o trabalho da cabeça. — disse a psiquiatra — Mas se estiver a pouca distância de seu escritório na cidade, Leigh terá muita dificuldade em afastá-lo. Uma casa na praia de Long Island significaria uma mudança de ambiente, mas fica muito perto da cidade e facilitaria muito para que Logan passasse seus dias no clube de praia ou no campo de golfe falando de negócios com as mesmas pessoas que vê em Manhattan durante a semana. — depois de pensar um momento, disse aos dois: — Se eu fosse vocês, pensaria em algum lugar ao norte... talvez nas montanhas.

Desde a princípio foi evidente que Sheila realmente gostava e admirava Logan e que de algum jeito compreendia e compartilhava seu desejo constante de ter êxito, de modo que para Leigh não foi nenhuma surpresa que a psiquiatra recomendasse que Leigh assumisse a maior parte da responsabilidade de tomar a iniciativa no romance de ambos.

— Acenda algumas velas, ponha música suave e leve-o a ducha assim que voltar para casa. — disse a Leigh com um sorriso.—Ele é inteligente e entenderá em seguida. Logan não tem problemas sexuais, além de um excesso de trabalho.

Virou a cabeça e olhou para Logan com severidade.

— Durante as primeiras semanas, Leigh estará encarregada de lembrá-lo que na vida há mais coisas para desfrutar que o trabalho, mas dependerá de você aproveitar as oportunidades de intimidade que ela oferecer. Entendo que obter um grande êxito financeiro requer uma enorme dedicação e uma férrea vontade de tomar a classe de riscos capazes de ocupar todos seus pensamentos. Inclusive admiro muitos dos sacrifícios que você esteve disposto a fazer para triunfar, mas é um grave engano colocar seu casamento em perigo para obter suas metas financeiras. — O senso de humor que a fazia particularmente popular com seus clientes de repente reluziu. — Sabe, Logan, os homens que negligenciam suas esposas porque estão muito ocupados ganhando dinheiro, em geral terminam sem esposa... e com apenas a metade do dinheiro.

À diferença de alguns terapeutas que se negavam a atender em separado os membros de um casal, Sheila preferia dar a seus pacientes alguns minutos com ela individualmente, antes ou depois de cada sessão. Na sessão seguinte, quando Leigh estava a sós com ela, Sheila a surpreendeu ao revelar algumas coisas sobre si mesma:

— É possível que eu pareça um pouco mais tolerante com a necessidade imperiosa que sente Logan de triunfar, e talvez o seja. — disse — Se assim é, é porque eu tenho antecedentes semelhantes. De acordo com o que você me disse, Leigh, você cresceu em uma família que nunca havia suficiente dinheiro, mas seus companheiros de colégio não estavam em melhores condições que você. Como resultado, não cresceu com um profundo senso de vergonha e inferioridade por não estar à altura de seus pares. Logan e eu sim, crescemos assim. Nós dois pertencemos a famílias antigas e respeitadas de Nova Iorque, ambos fomos enviados aos colégios particulares "*corretos*", mas depois do colégio voltávamos para casa para uma vida que, no melhor dos casos, era apenas decorosa, e todo mundo sabia. Não podíamos sair de férias com nossos companheiros de classe, não podíamos nos vestir como eles nem nos parecer de maneira nenhuma com eles.

— Psicologicamente, nós dois teríamos nos saído muitíssimo melhor estudando em escolas públicas se nos tivessem permitido nos acotovelar com meninos comuns pertencentes a famílias comuns como a sua.

A sessão tinha terminado e as duas ficaram de pé. Leigh lhe sorriu com afeto e impulsivamente a abraçou.

— Você nunca poderia ter sido uma pessoa "*comum*", Sheila.

— Obrigada. Que lindo cumprimento vindo dos lábios de uma mulher extraordinária como você. — Virou a cabeça e olhou para a agenda, que estava aberta sobre o escritório. — Não é necessário que você volte para ver-me, mas se pudesse convencer Logan que viesse algumas vezes mais, eu gostaria de tentar aliviar parte da vergonha que ele esteve arrastando desde sua infância.

— Insistirei com ele para que faça isso. — prometeu Leigh.

Tinha custado a Logan dois anos para desenhar a cabana de fim de semana de seus sonhos e, depois, encontrar o lugar perfeito para ela, mas Leigh não se importou absolutamente. As horas intermináveis que tinham passado falando, planejando e revisando os projetos os tinham unido muito mais. Os fins de semana passados em busca do lugar perfeito significaram uma preciosa mudança para ambos, que era em realidade o que Sheila queria.

Durante esse tempo, algo mais tinha acontecido: os êxitos de Logan incrementaram. Vários anos antes, ele tinha ramificado sua atividade dedicada à arquitetura residencial para incluir urbanização ou construções comerciais mas a maior parte de seu dinheiro procedia sempre de inteligentes investimentos nos negócios de outras pessoas. De repente, os clientes formavam fila em sua porta. Tinha agregado seis arquitetos aos quatro que já empregava para que pudessem ocupar-se dos trabalhos de rotina que ele não gostava. Duplicou, triplicou seus preços, e de todos os modos seus clientes voltavam por mais, com gigantescos cheques nas mãos. Logan dizia que era porque finalmente tinha aprendido a não obcecar-se tanto e permitir que as coisas viessem a ele.

Isso pareceu sensato para Leigh.

Embora ela não voltasse a encontrar profissionalmente com Sheila, Leigh a via com frequência em eventos sociais e em reuniões de comitês de associações de beneficência. Depois de uma reunião particularmente frustrante, as duas

decidiram jantar juntas e terminaram rindo e conversando durante horas. A partir desse encontro nasceu entre ambas uma forte amizade, que incluía muitas confidências compartilhadas, não só por parte de Leigh, mas também também de Sheila.

Capítulo 18

Joe O'Hara estava certo: Leigh se sentiu melhor minutos depois que Sheila sentou-se junto a ela. Vestido um elegante terno de lã negra e com seu cabelo loiro penteado em um presos em um coque elegante, Sheila era como uma rajada de ar fresco e tonificante.

Prática, compassiva e sábia, Sheila escutou com atenção enquanto Leigh lhe contava tudo o que aconteceu desde domingo pela manhã. Leigh conseguiu fazer isso sem desmoronar, mas quando chegou ao final, - e chegou o momento de entrar no tema mais óbvio -de repente teve a sensação que um punho fechava suas cordas vocais e um oceano de lágrimas acumulava-se em seus olhos. O problema de ter desabafado com Sheila consistia que agora era praticamente impossível evitar enfrentar a realidade. Em meio de um silêncio angustiante, Leigh ficou olhando indefesa, a expressão compreensiva de seu amiga; depois se apressou em desviar o rosto e tentou se concentrar em outra coisa.

A porta aberta que dava para uma ampla sala com revestimento de madeira escura e paredes cobertas de prateleiras com livros atraiu seu olhar. Logan estava acostumado a usar essa sala como seu escritório. Agora, as luzes estava apagadas, de modo que estava escura e vazia.

Sua própria vida era também escura e vazia. Também nela se apagou a luz.

Logan já não estava. E não voltaria.

Ela engoliu convulsivamente, e as palavras saíram como um sussurro, arrancadas de sua alma.

— Ele se foi, Sheila. Ele não voltará.

— Por que você diz isso?

Leigh lentamente virou a cabeça e olhou diretamente para a amiga nos olhos.

— Faz uma semana que ele foi. Eu sei que se ele ainda estivesse vivo, ele teria encontrado uma maneira que me inteirasse disso. Você o conhece.

— Sim, eu o conheço.—disse Sheila com firmeza.— Também sei que é um homem sensato e com muitos recursos. Estava vivo e bem no domingo, e hoje é sábado pela manhã. Isso significa que esteve ausente cinco dias inteiros, não uma semana. Um homem pode viver muito mais que cinco dias em piores condições em uma tempestade de neve.

A esperança se acendeu como um foguete em Leigh. Sheila viu a mudança em suas feições e sorriu.

— Você estaria pensando da mesma maneira que eu se não fosse pelo seu

acidente. Você não só teve um duplo trauma mental, teve uma traumas físicos severos. Temos que reconstruir suas forças. Começamos por fazer algumas caminhadas curtas juntas. As segundas-feiras eu não vejo pacientes. Nesse tempo já estará em condições de fazer um pouco de exercício, não é verdade?

Na realidade, Leigh não estava realmente interessado em fazer qualquer coisa que não envolvesse encontrar Logan, mas sabia que Sheila estava certa. Ela precisava fazer exercício para recompor suas forças e recuperar a energia.

— Uma caminhada muito curta e muito lenta. —determinou.

— Graças a Deus. —disse Sheila entre risadas e colocou a xícara sobre o pires. Da última vez que fizemos exercícios juntas, depois eu não podia nem cruzar as pernas sem gemer de dor. Meus pacientes começaram a me dar conselhos sobre exercício. Assim, além de me sentir mortificada, tive medo que eles esperassem um desconto em meus honorários!

Leigh conseguiu esboçar um sorriso e Sheila consultou seu relógio; assim rapidamente pegou sua bolsa e se levantou.

— Dentro de quinze minutos tenho um paciente que chega atrasado em todos os locais. Espero que não tenha curado disso ainda. —inclinou-se e beijou Leigh na face. — Eu passei-lhe um tranquilizante. Está tomando?

— Tomei uma dessas pilulas.

— Tome como eu indiquei na receita. —disse Sheila com firmeza.— Elas vão ajudá-la. Não nublará seus pensamentos; simplesmente lhe permitirá pensar com mais normalidade.

— Não há nada de "*normal*" nas coisas que estão acontecendo. — observou Leigh então ela cedeu , porque era mais fácil.—Está bem, começarei a tomar.

— Ótimo... E, por favor, fale com Jason. Ligou-me ontem duas vezes. Está enlouquecido porque não a viu ainda e não sabe quando irá se reintegrar ao teatro.

Essa informação fez com que Leigh se sentisse ao mesmo tempo culpada e injustamente pressionada.

— Não falo com ele desde que saí do hospital, mas ele me deixa mensagens todos os dias. Disse que Jane Sebring está fazendo um trabalho excelente interpretando meu personagem.

Ante a menção da bonita co-estrela e substituta de Leigh, Sheila fez uma careta de desgosto e irritação.

—Deve estar desolada porque não morreu no acidente. Detesto pensar que ela esteja se beneficiando com sua desgraça.

Leigh ficou olhando-a boquiaberta. Não era próprio de Sheila fazer afirmações como essa: era terapeuta e, por consequência, sempre procurava explicações para as atitudes das pessoas, em lugar de condená-las por sentimentos.

—Não me faça falar dessa mulher... —Sheila voltou a consultar seu relógio. —Chegarei tarde; tenho que correr. Já sabe como se comunicar comigo de dia ou de noite.

O telefone estava tocando regularmente enquanto Sheila estava lá. Quando a psiquiatra se foi, Hilda levou a Leigh a lista das mensagens que anotou, e ela as folheou. Entre as chamadas havia duas que Leigh sentiu que devia responder: um era de Michael Valente e a outra de Jason.

A mulher que atendeu o número de Valente tinha uma atitude muito desagradável. Além de se mostrar friamente formal, era desnecessariamente inquisitiva e notavelmente desconfiada com respeito as respostas que Leigh dava a suas perguntas. Não só insistiu em saber qual o assunto da ligação de Leigh, mas também insistiu que lhe desse seu número de telefone e endereço, e depois, abruptamente, pôs a chamada em espera e assim a deixou. Desde que o nome de Leigh tinha aparecido nas notícias durante quase uma semana e a relacionava com Valente desde o dia anterior, parecia um pouco difícil acreditar que qualquer dessas perguntas eram realmente necessárias. Se a mulher era sua empregada, então tinha recebido ordens férreas de filtrar todas as ligações sem nenhuma exceção. Se a mulher era sua amiga "*de cama*", então sem dúvida sentia muito ciúmes e insegurança com respeito a toda mulher que ligasse. Em qualquer um dos dois casos, Leigh compreendeu que Michael Valente devia ser um homem muito difícil de contatar.

Deixaram-na em espera durante tanto tempo que já estava se sentindo cansada e exasperada; estava a ponto de desligar quando ele finalmente atendeu.

— Leigh?

Por alguma razão, o sistema nervoso de Leigh reagiu com uma sacudida ante o som de sua voz e o uso familiar de seu primeiro nome. Havia nisso algo muito... perturbador.

— Sim, eu estou aqui. Eu sinto muito, eu estava distraída.

— Obrigado por aguentar a inquisição e esperar que eu respondesse sua ligação.— disse— Minha secretaria acreditou que você fosse outra repórter que teve uma ideia de um novo estratagema para me trazer ao telefone. Quando eu liguei mais cedo para você, sem dúvida estava preocupado com alguma outra coisa ou teria lhe dado o número de minha linha particular, que é o que farei agora mesmo. Você já teve alguma palavra sobre Logan?

— Não, nenhuma. —ela disse, e se perguntou se ele sempre sofria perseguição dos meios de comunicação, ou que Deus não permita, sua situação era o resultado de sua bondade para com ela. Leigh tinha a terrível sensação que era por este último.

— Leigh?

Ela suspirou.

— Sinto muito. Você deve ter a sensação que está falando com um telefone mudo. Espero que o assédio que sofre por parte da imprensa seja algo habitual e não minha culpa. —Tão logo disse, compreendeu que sua esperança era absurda e, pior ainda, que acabava de referir-se grosseiramente a sua desagradável reputação com a lei e os meios de comunicação. Ela apoiou a testa na mão e fechou os olhos. — Sinto muito.— sussurrou com um fio de voz.— Não foi minha intenção

que soasse assim.

— Você não tem nada que pedir desculpa.—disse ele, mas seu tom tornou-se frio e enérgico.— Fiquei me perguntando se eu poderia passar um momento amanhã pelo escritório de Logan para recolher os documentos que necessito. Com o problema de ontem, esqueci de pegá-los.

"No problema de ontem" ele tinha cancelado seus próprios compromissos, localizado o seu piloto, suportado a discussão com O'Hara, emprestado seu helicóptero, permanecido com ela em meio aquele frio polar, tolerou ser humilhado pela polícia e a tinha descido em seus braços por um barranco escorregadio e com neve até a cabana. Em seu debilitado estado emocional, Leigh não parecia poder perdoar sua falta de gratidão nem passar por cima da reação de Valente.

—Realmente... sinto muitíssimo. —repetiu, com lágrimas nos olhos.

— Por quê? —Perguntou ele secamente.— Por ler a respeito de mim nos jornais? Ou por acreditar no que lê?

Leigh levantou a cabeça, franziu a sobrancelha e algo a incomodou em algum canto da mente. Algo que a afligiu.

— Por tudo. —respondeu com ar ausente.

— Que hora seria mais conveniente que eu passasse por sua casa amanhã?

— Isso não importa. Eu estarei em casa todo o dia a menos que tenha notícias de Logan. Quando desligou, Leigh ficou um momento olhando o telefone e tentando localizar a causa de sua inquietação. Algo em sua voz. Era algo com respeito a voz de Valente. Vozes sem rosto ... Uma voz de homem, agradável nesse momento, mas associados em sua mente com mal-estar depois, com o perigo ... *Desculpe-me, você deixou cair isso ...*

Leigh livrou-se da lembrança daquele homem no exterior da Saks. Esse homem não era Valente. Não poderia ter sido Valente. Era uma ideia louca... e uma prova que estava a ponto de um colapso mental e físico.

Decidiu responder a ligação de Jason e se sentiu feliz com sua familiar energia frenética e com sua autêntica preocupação.

— Você pode continuar dizendo que está bem, —proclamou ele no final da conversa— mas eu quero vê-la com meus próprios olhos querida. A que hora quer que eu vá amanhã?

—Jason, realmente não sou uma boa companhia.

—Mas eu sim sempre sou e vou compartilhar com você manhã. Digamos ao meio dia?

Leigh se resignou que ele fosse vê-la, quisesse ela ou não, mas também compreendeu que seria uma alegria vê-lo. Estava morrendo de solidão.

—Ao meio-dia me parece perfeito. —aceitou.

Capítulo 19

Localizado na Rua East Setenta e Dois, na Upper East Side, a Delegacia Dezoito

tinha a localização mais elegante que qualquer uma das outras vinte e três de Manhattan.

Na tentativa de garantir que o exterior não destoasse do bairro luxuoso, o edifício tinha um par de portas pesadas e adornadas, ladeado por ambos os lados por antigos lampiões a gás. Mas dentro, o lugar era pouco atraente e estava cheio de gente, como qualquer outra delegacia de polícia do departamento de Polícia de Nova Iorque.

Shrader já estava esperando em frente ao gabinete do capitão Holland, quando Sam chegou no sábado ao meio dia. Ele parecia cansado, despenteado e mal-humorado.

—Maldição, — ele disse com um bocejo— eu estava esperando para obter um ou dois dias enquanto a Unidade de Cena do Crime re-examinava a cabana. Foi ótimo dormir ontem à noite em minha própria cama. A que hora Holland ligou para você esta manhã para dizer que viesse?

—Um pouco antes das oito. —respondeu Sam.

—Esse homem nunca dorme. Está sempre aqui. Vive para seu trabalho —disse Shrader.

Na opinião do Sam, o mais provável era que Thomas Holland vivesse para o trabalho seguinte. Todos sabiam que haveria uma vaga para o cargo de comissário substituto,

E o boato era que Thomas Holland era um forte candidato.

—Steve Womack volta a trabalhar na segunda-feira —adicionou Shrader com outro bocejo. —Ele diz que seu ombro curou-se bem após a cirurgia, e ele não pode ficar mais um dia em casa.

A notícia que o companheiro habitual de Shrader retornava significava que Sam seria atribuída a outra pessoa, e a alma afundou-se ao pensar que ficaria fora da investigação do caso Manning.

— Suponho então que essa é a razão pela qual estou aqui... —disse ela em voz alta—. O capitão Holland quer r um relatório verbal de nós dois e depois ele vai transferir-me..

Shrader sorriu.

— É melhor você colocar uma carinha feliz, Littleton, ou eu vou começar a pensar que vai sentir saudades de mim.

Sam não confirmou nem negou.

—Vou sentir falta de estar no caso Manning. — disse em troca.— Supondo que exista um caso.

A porta do escritório de Holland abriu-se de repente e o capitão fez gesto para que entrassem.

—Obrigado por vir em um dia livre. —disse e fechou a porta atrás deles.— Tenho que assinar uns papéis e depois falaremos. Sentem-se. — acrescentou ele, apontando para as duas cadeiras na frente de sua mesa enquanto a rodeava e pegava uma caneta.

Como capitão da Delegacia de polícia Dezoito, Holland tinha um escritório situado no fundo de um corredor comprido, um pouco afastado do caos geral, e era

mais amplo que os outros escritórios espalhados nos quatro cantos lotados desse velho edifício. Possuía, além disso, alguns toques pessoais estranhamente bonitos, como os antigos suportes de livros de couro que havia sobre sua escrivaninha, e o globo terrestre sobre um vistoso pé de bronze, estava no canto junto as janelas. As peças não pareciam caras, mas Sam sabia que eram, e conferiam a esse escritório um toque sutil de elegância. A finalidade era que fossem apreciadas pelos poucos visitantes com suficiente bom gosto para dar valor e ignoradas por aqueles que careciam de refinamento. Igualmente a roupa cara que usava, mas que deliberadamente não parecia, o escritório de Thomas Holland possuía a mesma distinção sutil do elegante homem que o ocupava.

Como seus tios e seu avô, ele tinha feito a aplicação da lei sua carreira, mas diferente deles, ele tinha um doutorado, um fundo fiduciário e a esperança de chegar a ser comissário de polícia. Aos quarenta e um anos, não só tinha um dossiê impecável como policial, mas inclusive um melhor como administrador, mas possuía também o aspecto refinado e o verniz educado que o prefeito Edelman precisava para melhorar a imagem pública do Departamento de Polícia de Nova Iorque.

Ele assinou o último papel, afastou a caneta e olhou para Shrader.

—Houve novidades na investigação do caso Manning. —disse bruscamente, e houve algo em seu tom que deu a Sam a impressão que essas novidades não não o agradavam.— O chefe Trumanti quer que trabalhe no caso uma equipe de quatro investigadores, e escolheu a dedo o chefe dessa equipe. Você e Womack estarão nessa equipe.

— Quem é o chefe? —Perguntou em seguida Shrader.

—Seu nome é McCord. Trumanti queria transferir a investigação ao quartel central, mas este é o nosso caso, e potencialmente é uma bomba. Convenci Trumanti de que nós podemos manter um controle maior em relação aos vazamentos, se a investigação continuar em nossas mãos. Ele nunca pôde encarcerar Valente, mas nós capturaremos esse filho da puta e o meteremos na prisão. Graças a imprensa, o FBI já sabe que está envolvido neste caso, e busca a oportunidade de participar da investigação, mas isso não acontecerá. O único ponto em que Trumanti e eu concordamos é que queremos que isto se mantenha em segredo enquanto descobrimos exatamente o quanto Valente está envolvido. Ninguém, e quero dizer ninguém, —ênfaticamente, finalmente olhando a Sam— fala com a imprensa ou com qualquer outra pessoa que não esteja diretamente envolvida na investigação. Entendido?

Sam assentiu.

—Entendido. —disse Shrader.

— Qualquer coisa que precisarem, —continuou Holland— é só me pedir e a terão: horas extra, mão de obra adicional, ordens de aplainamento, o que seja. O escritório do promotor não conseguirá o que nós não possamos obter por nossos próprios meios. — Levantou-se, terminando a reunião. —McCord utilizará o escritório vago do tenente Unger durante a investigação. Neste momento se encontra ali e quer conhecê-los às doze quarenta e cinco.. Sam, recomendei que McCord a nomeie o quarto membro da equipe. Se existir um caso é graças a você;

entretanto, a decisão final depende dele. Alguma pergunta?

Shrader falou antes que Sam tivesse tempo de agradecer.

— McCord? — repetiu ele — Não esta se referindo a Mitchell McCord, capitão? Holland assentiu.

— O mesmo.

— Obrigado, capitão Holland. — disse Sam.

Shrader saiu do escritório, mas Holland fez gestos a Sam que ficasse um momento. Esperou que Shrader não pudesse ouvi-lo; depois baixou a voz e disse, com um sorriso.

— Bom trabalho encontrar essa nota que Valente escreveu para a senhora Manning. Seu pai vai ficar muito orgulhoso de você.

— Eu não falei com meu padrasto sobre nada disso. — disse ela, recordando lhe sutilmente qual era sua relação presente com aquele homem —. Ele e minha mãe estão muito ocupados nesta época do ano, e eu estive um pouco preocupada.

— Eu entendo. — disse ele. Depois a despediu com um rápido movimento de assentimento com a cabeça e um fugaz sorriso. — Feche a porta assim que sair. Sam assim o fez.

Tom Holland decidiu falar com o padrasto de Sam. Pegou o telefone e disse ao empregado que estava fora de seu escritório:

— Veja se você pode localizar o senador Hollenbeck.

Capítulo 20

Como era de prever, Shrader estava zangado por não ser o chefe da equipe de investigação do caso Manning, mas o que surpreendeu Sam foi que tampouco o entusiasmava a perspectiva de trabalhar junto a Mitchell McCord.

— Esse cara é uma lenda — disse a Sam enquanto introduzia uma moeda em uma máquina de venda automática na cantina, no terceiro andar.

— Por quê?

— Um monte de razões, algumas das quais ninguém conhece.

— Muito informativo — disse Sam com um sorriso.

Desafiado a fundamentar sua afirmação de que McCord era realmente uma lenda. Shrader contribuiu com alguns detalhes:

— Há dez anos, quando integrava a Brigada de Casos Importantes, trabalhou no sequestro Silkman. Joey Silkman era o menino que foi enterrado vivo durante quatro dias em uma caixa de madeira, recorda?

Sam assentiu.

— A equipe de McCord apanhou um dos sequestradores quando ele tentava recolher o dinheiro do resgate, mas o sujeito não quis falar. Passaram dois dias, depois três, e então McCord fez com que o entregassem em custódia e o levou para dar uma volta de carro e ter uma conversa particular com ele. E de repente, o

sujeito desembucha tudo e leva McCord ao lugar do enterro. Os dois desenterraram juntos o menino.

— Você está sugerindo que McCord tirou a informação a golpes?

—Não. O cara não tinha nenhuma marca no corpo. Declarou-se culpado, conseguiu que o juiz levasse em conta sua ajuda no resgate e foi condenado a vinte e cinco anos. A seus dois companheiros pegaram prisão perpétua. —Shrader aguardou a reação de Sam enquanto rasgava a parte superior de seu pacote de M&M.

— Parece impressionante, —disse ela e depositou suas moedas em uma das máquinas de refrigerantes— mas não é o suficiente para fazer dele uma lenda.

—Há muito mais, mas terei que pensar um pouco. Oh, sim, McCord encabeçou a Equipe de Negociação de Reféns quando quatro psicopatas se apoderaram de um acampamento do verão para crianças e ameaçaram matar uma criança a cada hora.

— E ele resgatou todos sem usar sua arma nem levantar a voz? —Brincou Sam.

—Não. A primeira criança recebeu um tiro na cabeça enquanto a equipe de McCord estava chegando a cena e ficando em posição.

Sam ficou séria.

— Então o que aconteceu?

—Como eu disse, seu pessoal ainda estavam chegando, de modo que ninguém viu tudo exatamente como aconteceu. os fatos. Houve muitos relatórios contraditórios por parte das testemunhas. Basicamente, McCord perdeu a paciência. Resolutamente, entrou na clareira aonde estavam as crianças, estendeu os braços e disse como *"por que perder tempo com crianças de doze anos quando podem matar a um policial?"*. Então ele disse aos sequestradores que ele havia dado ordens a seus homens para abrir fogo em sessenta segundos. Disse-lhes que, já estavam matando as crianças, não havia nenhum espaço para negociação.

Apesar de seu cepticismo original, Sam estava cativada.

— E então o que aconteceu?

— McCord disse para as crianças se jogassem ao chão para que pudesse começar o tiroteio. Essa é uma versão. Outra versão é que McCord gritou para as crianças: *"Corpo na terra!"*.

— E?

—Os psicopatas gritaram para que as crianças ficassem de pé.

— E? E?

—Sem dúvida as crianças pensaram que McCord estava mais louco e era mais perigoso que seus sequestradores, porque todos terminaram feitos uma pilha no chão, e os atiradores da polícia abriram fogo. Quando a fumaça se dissipou, havia quatro sequestradores mortos. Foi quando ele foi promovido a sargento. Não... o promoveram quando resolveu um caso de suborno e extorsão no qual estavam envolvidos funcionários importantes. Alguns anos atrás, passou a trabalhar no Departamento de Controle do Crime Organizado, e ali também bateu todas as marcas; depois o transferiram de volta ao Comando Borough e também o promoveram a tenente.

Ele tem cerca de quarenta anos, e todo mundo imaginou que chegaria a capitão

em mais uns dois anos, então talvez chefe dos detetives, mas não é isso o que aconteceu.

— O que aconteceu então? —Perguntou Sam e consultou seu relógio. Ainda restavam quinze minutos livres antes de se apresentar ante McCord.

—Nada. Há um ano disse que decidi aposentar-se quando fizesse vinte anos de trabalho, que se cumprem agora. O mês passado ouvi dizer que já estava aposentado, mas que possivelmente tinha muito tempo de férias acumulado e decidiu usá-las. —Shrader fez um gesto em direção as mesas de metal vazias espalhadas ao redor. —É melhor ficarmos aqui sentados em vez de estar parados junto a porta de McCord como um par de servos a espera de uma audiência com o papa...

Normalmente a cantina estava cheia de gente a essa hora do dia, mas era óbvio que todos que estavam de plantão nesse sábado tinham comido mais cedo, porque as superfícies das mesas redondas estavam cheias de pratos com restos de comida. Sam procurou a mesa que tivesse menos pratos de papel, guardanapo amassado e substâncias pegajosas em cima, mas Shrader não tinha tantos escrúpulos. Sentou-se na mesa mais próxima e balançou alguns M & M's mais em sua palma.

— O que você está fazendo?

— Estou a procura de algo para limpar esta cadeira. —respondeu ela sem pensar sequer

Shrader soltou uma gargalhada.

—Littleton, como você vai ser capaz de revirar o lixo em busca de provas?

— Estou planejando usar luvas, como todo mundo faz. — informou ela ao sentar-se.

Shrader generosamente estendeu a mão com uma série de coloridos M&M na mão.

—Toma alguns.

Eles tinham bom aspecto.

—Será que você não tocou em nada com essa mão além do respaldo da cadeira?

—Você não quer que eu responda isso.

Sam olhou para ele em um silêncio desaprovador enquanto um leve sorriso lhe desenhava no canto da boca. O silêncio tinha como finalidade desalentar comentários dessa natureza no futuro; o sorriso era um reconhecimento que, desta vez, ela inadvertidamente, lhe deu uma abertura irresistível para dizer exatamente isso.

Shrader entendeu a sutileza que se ocultava detrás desses dois gestos e decidiu lhe dar de presente mais anedotas das façanhas de McCord na aplicação da lei.

Quando finalmente se levantaram, Sam estava impaciente por conhecer esse homem que, claramente, possuía o instinto de um clarividente, o intelecto de um cientista especializado de naves espaciais e a persistência de um pit bull.

— Espere um segundo.—disse Shrader quando passaram em frente ao banheiro a caminho do escritório do McCord.— Quero entrar ali.

Enquanto ela esperava Shrader, vários homens e mulheres passaram por ela pelo hall, policiais e empregados e detetives que ela tinha visto antes na delegacia de polícia, mas em vez de zombar dela como tinham feito antes, quase todos a saudaram com uma inclinação de cabeça ou murmuraram uma saudação. Uma mudança estava operando na atitude geral das pessoas para com ela, e Sam percebeu que era porque Shrader se ocupou de estar seguro que Holland, —e vários dos policiais de Catskills— soubessem que ela tinha conseguido encontrar por conta própria pistas as importantes no caso Manning.

Apesar de seu físico corpulento e seu aspecto feroz que em um primeiro momento ele tinham lhe recordado a um rottweiler e a tinham feito pensar nele como "*tritador*", ela tinha a sensação que havia um traço de bondade em Shrader que ele ocultava atrás de uma máscara de brutalidade. Quando ele finalmente saiu do banheiro, Sam esqueceu tudo isso e reprimiu um sorriso. Ele tinha molhado o cabelo negro curto com um pouco de água, colocou a camisa dentro da calça e endireitada a gravata.

—Está muito elegante. —brincou ela.— McCord vai ficar deslumbrado quando o vir.

Sam tinha pouca expectativa de realmente gostar de Mitchell McCord, mas agora estava duplamente impaciente para conhecer o homem que poderia realmente fazer Shrader autoconsciente sobre sua aparência. Em Catskills, Shrader tinha usado a mesma camisa três dias e calças durante uma semana.

Embora ele tivesse falado apenas do heroísmo e conquistas de McCord, ela se perguntava se Shrader tinha parado para "*se arrumar um pouco*" nesse momento porque também sabia que McCord tinha fama de dar muita importância ao aspecto exterior de uma pessoa. A julgar pela rápida ascensão obtida por McCord na pirâmide do departamento central de polícia, Sam supôs que ele não era apenas talentoso, mas também politicamente astuto, provavelmente, arrogante e, possivelmente, se vestia muito bem.

Capítulo 21

A área principal do terceiro andar era a sala do esquadrão, um ambiente amplo repleto de mesas metálicas e arquivos do mesmo material, utilizados as vinte e quatro horas do dia por três turnos diferentes de detetives, incluindo Shrader e Sam. Sempre havia gente trabalhando ali, e nesse sábado à tarde não era uma exceção. Vários detetives estavam preenchendo relatórios e falavam por telefone, dois detetives da divisão de roubos ouviam um grupo de turistas indignados que tinham presenciado um assalto, e uma mulher com uma criança gemendo em seu colo estava preenchendo uma queixa contra o marido.

O escritório do ex-Tenente Unger estava no lado mais distante do andar, em frente a sala geral. McCord não estava no escritório quando Sam e Shrader chegaram, mas as luzes estavam acesas e as transformações que ocorreram lá

deixaram claro que o escritório estava definitivamente sob nova direção. Como qualquer espaço desocupado em um edifício superlotado, o antigo escritório de Unger foi rapidamente utilizado para uma variedade de usos diferentes e não autorizados, incluindo uma cantina auxiliar, uma área de reuniões, um armário de armazenamento, e um depósito de móveis quebrados. Mas tudo isso mudou abruptamente.

Já não estavam ali as fotos do prefeito, do governador e do comissário de polícia, que Sam tinha visto pendurados na parede, atrás da mesa; desapareceram as placas, as menções, os certificados e comendas que antes cobriam o resto da parede. Também desapareceu o velho quadro de notícias do lado esquerdo da sala, junto com os avisos, recortes e anúncios fixados a ele. O empoeirado quadro-negro do lado direito da sala era o único adorno sobrevivente em uma das paredes, mas, agora ele estava limpo, imaculadamente limpo. A bandeja de Madeira anexada à parte inferior já não tinha borrachas velhas empoeiradas e pedaços de giz usado; em vez disso, havia uma caixa única, fresca de giz e um apagador novo posicionado no centro do tabuleiro impecável.

A única mobília da sala era uma mesa de metal, de frente para a porta, um armário atrás dela, e duas cadeiras de visitas em frente a ela, além de uma mesa estreita com duas cadeiras contra a parede do lado esquerdo.

— Parece que McCord gosta de manter as coisas um pouco mais organizadas do que Unger. — sussurrou Shrader enquanto ocupavam as duas cadeiras que havia diante da mesa.

Sam achava que era um eufemismo selvagem. Os móveis de metal não só foram limpos e reposicionados, na verdade foram centrados e alinhados perfeitamente com as paredes. O armário atrás da mesa McCord estava vazio, exceto por dois monitores de computação: um deles era um laptop que obviamente pertencia a ele, o outro um volumoso monitor certamente pertencia ao departamento. A laptop estava localizado diretamente atrás da cadeira de McCord, a tela azul escuro iluminada por duas palavras branca intermitente: " *Digite a senha* ". O monitor do computador maior foi deslocado para a esquerda e desligado. Quatro pilhas cuidadosamente etiquetadas de pastas estavam sobre a mesa: uma pilha em cada canto, uma etiqueta de cada cor por pilha. No centro da mesa, diretamente na frente da cadeira giratória agora vazia, havia um bloco de papel amarelo novo e um lápis amarelo recém afiado. Sob o bloco de papel havia duas pastas encobertas, que por acidente ou intencionalmente, as etiquetas estavam parcialmente visíveis.

Sam não teria ficado tão fascinado com toda essa arrumação se McCord tivesse tentando criar um ambiente mais personalizado para si mesmo, durante uma investigação que podia durar semanas ou até mesmo meses. Mas nada disso se via ali. Não havia nenhuma só fotografia de uma esposa, uma noiva ou uma criança; nenhuma caneca pessoal para café, nem um peso de papel, nem lembrança de qualquer espécie estava em evidência em qualquer lugar. Nem mesmo a placa de identificação que todo policial levava consigo e colocava na mesa que tivesse nesse momento.

Apesar das histórias que acabara ouvir sobre a coragem viril e as façanhas de

McCord, Sam decidiu que o herói de Shrader possuía ou uma nervura afetada e suscetível, ou uma neurose. Estava a ponto de comentar isso com Shrader quando leu o nome que estava escrito na etiqueta de uma das pastas sob o bloco de papel e compreendeu que McCord requisitou os dossiês pessoal deles dois.

— Shrader, seu primeiro nome é... Malcolm?

— Eu tenho cara de Malcolm? — Respondeu ele, indignado, mas Sam era capaz de detectar uma negativa movida pela vergonha.

— É um nome como outro qualquer. Por que negar isso? Você é Malcolm Shrader.

— Nesse caso, — Mitchell McCord a interrompeu enquanto caminhava rapidamente para a mesa — você deve ser Samantha Littleton.

A surpresa, e não o protocolo, fez com que Sam ficasse de pé de um salto junto com o Shrader para trocar apertos de mão.

— E se eu estiver certo até agora.—acrescentou McCord secamente—, então o meu nome deve ser McCord. — Em um movimento rápido, ele acenou para que eles se sentassem, sentou-se também, e estendeu a mão para seu telefone. —Tenho que fazer um breve ligação e então nós vamos começar a trabalhar.

Aliviada em ter alguns momentos para tranquilizar-se, Sam observou o rosto cheio de cicatrizes de Mitchell McCord e as arestas de suas feições, que pareciam esculpidas a machadadas, e em seguida descartou sua teoria de afetado, mas não encontrou as palavras adequadas para classificá-lo. Nada nele parecia se encaixar exatamente com a impressão geral que ele deu. Era alto e se movia com a agilidade de um homem em excelente estado físico, mas ele era mais magro do que ele deveria ser. Ele estava no meados dos anos quarenta, mas seu cabelo era grisalho e foi cortado em um estilo que lembrava um pouco George Clooney. Vestia-se bem, especialmente para um detetive; suas calças marrons feitas sob medida, cinto de couro bege e sua camisa polo era impecável, mas o casaco de tweed marrom que ele usava também era muito grande, sobre tudo nos ombros.

Nada disso importava, é claro. Sam sabia que não podia dizer muito sobre um homem por maneira de vestir; mas esse cara era um assunto completamente distinto e, em certo sentido, igualmente enigmático. Ele ostentava um profundo bronzeado de inverno, uma indicação que ele possuía não só o dinheiro, mas também o temperamento necessário para passar semanas em países tropicais deitado tomando sol em alguma praia. Obviamente, ele possuía ambas as coisas, mas não havia absolutamente nada de ocioso nem de hedonista nesse rosto rude com essa cicatriz de seis centímetros que cruzava a face direita e a cicatriz mais grossa que cortava a sobrancelha desse mesmo lado. Além das cicatrizes, também tinha sulcos profundos ao lado da boca, vinco na testa e sulcos duplos entre as duas sobrancelhas.

O rosto de Mitchell McCord não era jovem ou bonito. Na verdade, estava longe de ser bonito. Mas possuía tanto caráter e tinha gravado tanta experiência que era, sem dúvida alguma, o rosto mais carismático e sedutor que tinha visto em um homem.

Quando seu pensamento seguinte foi o de pesar por não ter lavado a cabeça nem ter colocado uma roupa mais atraente do que uma camiseta e jeans, Sam

franziu a testa,
com desgosto e se controlou.

McCord desligou o telefone depois de um momento e dirigiu seus comentários a Shrader, não a Sam, o que era apropriado dado a hierarquia e a maior experiência de Shrader.

— Muito bem, me coloque em dia com rapidez. Dê-me um relatório minuto a minuto, golpe por golpe, de tudo o que aconteceu até agora. — Olhou para Sam. — Se ele se saltar alguma coisa, diga em seguida, não espere e não oculte nenhum detalhe, por menor que seja.

Sem outra palavra, ele pegou tomou o bloco de papel amarelo e o lápis da mesa, girou sua cadeira ao lado, apoiou o tornozelo em um joelho, e colocou o bloco de papel sobre os joelhos. Começou a tomar notas tão logo Shrader começou a falar.

Sam fez várias anotações mentais, mas tinham a ver com o rosto e a linguagem corporal de McCord, e com o fato que seus mocassins marrons eram polidos e brilhantes. Após isso, dedicou sua atenção totalmente para o assunto em mãos e, no processo, ela conseguiu esquecer como estranhamente atraente McCord lhe parecia. Ela teve sucesso, que quando ele olhou de soslaio para ela e disparou sua primeira pergunta a ela respondeu-lhe com calma e concisão.

—No hospital, — ele perguntou a ela:— você acreditou em Leigh Manning, quando ela disse que não conhecia Valente, que ela o conheceu pela primeira vez em uma festa na noite anterior?

—Sim.

—Nesse momento, você também estava convencida que sua preocupação com o seu marido era genuína?

—Sim — disse Sam novamente, e acenou com a cabeça para dar ênfase.

— Em retrospectiva, agora que você sabe que ela estava mentindo, você pode pensar em qualquer pequena coisa que ela tenha feito ou dito que a teria posto em descoberto... se você tivesse estado mais atenta?

—Não...

Ele percebeu sua hesitação e insistiu.

—Não "o quê"?

—Não — disse Sam, e com relutância, acrescentou: — e eu não estou certa que ela está mentindo sobre seu medo de que tivesse acontecido algo a seu marido. A primeira noite que a vi no hospital, ela estava medicada e se sentia confusa e desorientada, mas queria ver seu marido e parecia convencida que ele podia estar perto, em algum outro lugar do hospital. Na manhã seguinte, ela já não estava desorientada, mas ela parecia desesperada, e ela também parecia estar lutando para manter seu pânico sob controle. Ela não parecia estar tentando fazer teatro para nós, ela parecia estar fazendo exatamente o oposto.

—Sério? —disse ele, mas era óbvio que sua atitude era condescendente, e Sam notou.

Depois de fazer muitas mais pergunta a Shrader e nenhuma outra a ela, finalmente McCord chegou ao final de seu questionário e pôs o bloco de papel sobre a mesa. Abriu com chave uma gaveta da mesa e tirou o envelope de provas

que Harwell tinha assinado nas montanhas e entregue ao capitão Holland, seguindo as instruções de Shrader. McCord retirou o saco plástico transparente que havia dentro e que continha a nota manuscrita de Valente. Sorrindo, a fez girar entre os dedos e logo leu em voz alta o que dizia:

— "*No sábado a noite foi mais difícil do que eu imaginei que seria fingir que não nos conhecíamos*".

Sem deixar de sorrir, olhou para Sam.

— Você pensou que a pessoa que supostamente a perseguia foi quem enviou a cesta com as pêras, e por isso andou à caça desta nota, não é?

— Sim.

— Por que as pêras a incomodaram?

— Porque a senhora Manning mencionou que sempre as come no café da manhã e que seu marido fazia brincadeiras a respeito. A cesta com as pêras era um presente elaborado e caro, e eu assumi que quem as enviou tinha que ter conhecimento de seus hábitos pessoais.

— Ocorreu-lhe que o marido pudesse tê-las enviado? Ele tinha desaparecido de forma misteriosa e de repente aparecem as pêras sem um cartão. Poderia ter sido uma comunicação privada entre os dois. Será que você considerou isso?

— Não, nesse momento não. Se eu não tivesse encontrado a nota de Valente, eu não teria me perguntando sobre isso, se e quando, Logan Manning não aparecer vivo.

— Ele não vai aparecer com vida. Valente se assegurará disso. Infelizmente, esta nota para Leigh Manning não é prova irrefutável de uma conspiração de assassinato. Ele negará tê-la escrito; conseguiremos peritos calígrafos que testemunhem que o fez; então seus advogados conseguirão calígrafos que refutarão os nossos. Os jurados não consideraram análise de caligrafia como uma ciência legítima, e peritos em caligrafia geralmente são testemunhas pouco convincentes. No referente ao papel em que foi escrito a nota, os advogados de Valente alegarão que alguém com uma impressora de duzentos dólares poderia tê-la escrito, incluindo algum inimigo que queria incriminá-lo.

Contente por ter a oportunidade de contribuir com algo de valor para a discussão, Sam disse:

— O nome de Valente não está impresso nesse papel. Está gravado. Isso significa que uma impressora profissional em algum lugar fez o trabalho.

— No que o nota?

— Vire-o e passar o dedo levemente sobre a parte traseira dela, há um ligeiro recuo por trás de cada letra do seu nome.

— Você está certa. — Ela não poderia dizer se McCord ficou impressionado com essa informação que, na realidade, era algo bem conhecido pelas mulheres que tinham escolhido papel para cartas ou convites em alguma papelaria, mas não sentiu a necessidade de mencionar esse fato. Tinha a forte sensação que ele se sentia um pouco ambivalente sobre deixá-la permanecer em sua equipe.

— Tudo bem, nós sabemos que com um pouco de esforço deveríamos poder provar que ela esteve tendo uma aventura com Valente, e também sabemos que o

acidente ocorreu quando ela estava dirigindo de volta para a cidade, não para as montanhas.— Ele olhou para ela com firmeza, e Sam começou a desejar que ele não o fizesse, particularmente quando ele fez a pergunta seguinte.

— Qual é sua opinião sobre o modo que estamos reunindo as provas a até este momento?

Sam se perguntou se ele a estava testando ao fazer uma pergunta trapaceira, porque, até esse momento, não havia provas.

—Quais provas? —Respondeu, cautelosamente.

—Apoiando-se no que você viu e ouviu até agora, — esclareceu ele impaciente— qual é sua teoria?

— Eu não tenho uma teoria. Não há fatos para sustentar qualquer teoria. Sabemos que a senhora Manning e Valente se conheciam antes da última semana e que queriam manter em segredo. Além disso, todos nós sabemos que a Sra. Manning queria chegar a cabana, o mais rapidamente possível na semana passada, e ela estava disposta a ser vista com Valente, a fim de conseguir. Estamos tentando processá-los por adultério? Porque se for assim, não poderíamos fazer com o que nós...

O olhar que McCord lançou fez com que Sam sentisse que foi reprovada no teste, — um teste que esperava passar — e ela parou no meio da frase, completamente confusa. Ele pegou o bloco de papel, voltou a fazer girar a cadeira e apoiou o bloco de papel sobre os joelhos.

—Está me dizendo que na última semana não viu nem ouviu nada que a faz você suspeitar?

— Claro que eu tenho suspeitas.

— Então, vamos ouvir a sua opinião.

— Eu não tenho uma opinião formada que valha a pena divulgar.— Sam disse teimosamente.

— Os americanos têm uma opinião sobre tudo, detetive.— disse ele, impaciente — Não importa que essa opinião não esteja bem informada, seja parcial ou interessada, sentem a compulsão não só de compartilhá-la mas também de tentar convencer aos outros. É um passatempo nacional. É uma obsessão nacional. Agora, — disse com severidade — você deveria ser uma detetive. Por definição, o que significa que você é atento e intuitiva. Prove para mim. Dê-me algumas observações, se você não pode me dar opiniões.

— Sobre o quê?

— Sobre qualquer coisa! Sobre mim, por exemplo.

Os seis irmãos mais velhos do Sam passaram a maior parte de suas vidas tentando incitá-la, ela se tornou impermeável a agressividade masculina. Mas nesse preciso momento não estava tão insensível. Neste momento o seu sistema de defesa estava sob um cerco inesperado e a única coisa que podia fazer era negar a única satisfação que os homens mais queriam em um momento como esse: a satisfação de saber que tinham conseguido enfurecê-la. Por essa razão, ela arregalou os olhos e sorriu calorosamente para ele quando ele vociferou:

—Se você tiver ao menos consciência de que estou aqui, detetive, vamos ouvir a

sua observações sobre mim.

— Sim, senhor, é claro. Sua estatura é de aproximadamente um metro oitenta; seu peso, cerca de setenta e sete quilos; e sua idade, por volta dos quarenta.

Ela fez uma pausa, esperando que ele afrouxasse e sabendo que não o faria.

— É melhor que você pode fazer? — ele zombou.

— Não, senhor. Não é. Você fez limpar cada um destes móveis, não simplesmente que tirassem o pó, o que significa que você é extraordinariamente exigente ou simplesmente neurótico.

— Ou poderia significar que eu não gosto de baratas nas gavetas de minha mesa.

— Você não encontrou baratas em sua mesa. A cantina está do outro lado neste piso e se houvesse baratas, no terceiro andar, é ali onde estariam. Mas não estão possivelmente porque todo este andar foi dedetizado menos de duas semanas atrás. Sei porque sou alérgica a essas substâncias químicas.

— Continue.

— Você não tolera a confusão e tem uma obsessão com a ordem. Neste escritório, os móveis estão centrados com precisão em relação as paredes; as pastas que tem sobre a mesa estão dispostas de maneira simétrica. Se tivesse que adivinhar, diria que provavelmente você é viciado no controle, e isso geralmente é sintomático em um homem que não se sente capaz de controlar sua própria vida, de modo que tenta controlar cada detalhe a sua volta. Devo parar?

— Não, por favor continue.

— Você está usando sapatos marrons, calça marrom e um cinto marrom. Seu rosto está bronzeado, o que o faz parecer saudável, mas você perdeu muito peso recentemente possivelmente devido uma doença que exigiu que você tomasse tempo o bastante para obter esse bronzeado.

— O que a faz pensar que eu perdi peso?

— Porque o casaco que você está vestindo é muito grande para você, especialmente nos ombros...

— Que poderia significar que eu fiquei na casa da minha irmã na noite passada e pedi emprestado este casaco do meu cunhado, quando percebi que tinha que vir aqui hoje.

— Você jamais usaria a roupa de outra pessoa; nem sequer gosta de usar o escritório de outra pessoa. — Fez uma pausa e perguntou com mansidão convincente: — Que tal até agora?

Ele olhou o bloco de papel e sua cicatriz aprofundou o suficiente para dar a Sam a impressão que ele podia estar sorrindo.

— Nada mal. Continue.

— Em vez de enfrentar as pessoas na sua mesa, você senta-se lateralmente em sua cadeira. Isso poderia significar que você está consciente sobre suas cicatrizes, o que duvido. Isso também pode significar que você tem um problema de audição, e que esse problema diminui quando posiciona o ouvido bom para quem quer que esteja falando, mas não me parece plausível. É possível que você sente dessa forma porque você tem algum tipo de problema nas costas, ou porque lhe permite concentrar-se melhor. Pessoas com Distúrbio do Déficit de Atenção, por

vezes, fazer isso.

— E você tem uma opinião a respeito de qual dessas teorias sobre o modo como me sento pode ser correta?

— Não vale a pena dar uma. — disse Sam teimosamente, mas com uma expressão inocente e conturbada.

— Dê-me de qualquer maneira.

Graciosamente, ela inclinou a cabeça, rendendo-se a seu posto e seu direito de dar ordens.

— Eu acho que você se sinta desta maneira para que possa manter o bloco de papel fora da vista e que ninguém veja o que está escrevendo. Eu também acho que pode ter sido uma necessidade por algum motivo, no passado, mas que agora você faz mais por uma questão de hábito.

— De que cor são as minhas meias?

— São marrons.

— Qual a cor dos meus olhos?

— Eu não tenho ideia. — mentiu Sam — Sinto muito. — Ele tinha os olhos azuis aço, mas ela já tinha ganho o torneio, jogo, set e partida. Ela não ia deixá-lo marcar um ponto para o seu ego em tempo suplementar!

No entanto, sua confiança começou a desvanecer-se um pouco enquanto ela esperava que ele terminasse de escrever algo em seu bloco de papel amarelo: uma avaliação de suas observações, uma avaliação dela, uma nota. Instintivamente sabia que ele pretendia fazer exatamente isso: sabia com a mesma segurança com que sabia que depois que ele escrevesse sua avaliação e sua decisão sobre mantê-la ou não em sua equipe, arrancaria a folha do bloco de papel e a colocaria na pasta perto de seu cotovelo e que levava o nome dela. O que ela não entendia era por que continuava sentado ali, com o lápis na mão e demorando tanto em decidir-se.

Observou seu perfil inescrutável e desejou veementemente que escrevesse algo. Ela estava olhando para ele com tanta atenção que ela realmente viu o músculo no canto da sua boca se movia antes que o movimento insinuasse um sorriso e ele finalmente começou a escrever no bloco de papel.

Pela expressão de McCord, Sam soube que ela permaneceria na equipe! Agora ela queria mais do que qualquer coisa saber o que ele estava escrevendo.

— Curiosa?— ele perguntou sem olhar.

— Claro.

— Você acha que tem a chance de ler o que estou escrevendo sobre você aqui?

— Mais ou menos mesma chance que tenho de ganhar na loteria.

O sorriso dele se aprofundou.

— Você está certa. — Ele virou a página e escreveu mais outras anotações na folha seguinte. De repente arrancou as duas folhas e girou sua cadeira para a frente. Ele colocou a primeira página na pasta com o nome de Sam e a segunda, na gaveta superior da mesa.

— Tudo bem, vamos começar.—disse McCord abruptamente— Há quatro pilhas de pastas na minha mesa. A pilha com as etiquetas azul nas pastas contém todas as informações que temos agora de Logan Manning. A segunda pilha com a etiquetas

verdes cobre tudo sobre Leigh Manning. A pilha com as etiquetas amarelas pertence a seus amigos, conhecidos e associados. E as que das etiquetas vermelhas contêm a ponta do iceberg com respeito a Valente. Estou tendo todos os seus arquivos copiados e enviados para cá, mas vai demorar alguns dias. Calculo que a próxima semana essa mesa estará coberta com arquivos sobre Valente.

— Cada um de nós pegará uma pilha e lerá cada folha de papel que houver na pasta. Os documentos que há nas pastas são fotocópias, que podem levar para sua casa. Quando tiverem terminado de revisar as pastas de sua pilha, comecem com outra. Por volta do fim da semana que vem quero que cada um de nós esteja perfeitamente familiarizado com cada documento de cada pasta dessas pilhas. Ah, e outra coisa: estas pilhas são parciais, ainda estamos procurando informação de cada um, salvo os de Valente. Nós já sabemos tudo o que há para saber sobre ele. Alguma pergunta? — perguntou e olhou para Shrader e depois para Sam.

— Eu tenho uma pergunta. — disse Sam quando se levantou e estendeu a mão para a braçada de arquivos sobre Logan Manning.— Havia duas palavras rabiscadas na parte inferior da nota de Valente, escritas no que suponho é italiano. Eles não fazem sentido para Shrader e pra mim. Queríamos verificar. Posso ter uma cópia da nota?

— Não. A ninguém está permitido olhar essa nota ou saber sequer o que diz até que estejamos prontos para mostrá-la. A última vez que o FBI tentou capturar Valente houve tantos vazamentos que seus advogados apresentavam propostas para suprimir a apresentação, para que se eliminassem elementos de prova em um julgamento penal por ter sido obtidos ilicitamente, enquanto FBI ainda tentava imaginar que provas tinham e o que poderia significar isso. Nunca terá que subestimar Valente, —advertiu McCord— e tampouco subestimar sua influência e suas conexões. Suas conexões chegam até o topo. E essa é a razão —disse— de por que estamos mantendo este caso aqui, na Dezoito, no degrau inferior da escada da justiça. Valente não procurará nada aqui, e confiamos que não poderá conseguir nada facilmente.

Quando ele terminou, olhou para Shrader e Sam.

— O que está incomodando vocês?

— Em vez de fazer uma cópia da nota, eu poderia escrever as duas palavras?

McCord se inclinou sobre a mesa, e escreveu as duas palavras em seu bloco de papel amarelo, arrancou a folha e a entregou.

—Já as passamos pelo sistema. "*Falco*" apareceu como um aliás que ele usou antes. É um apelido habitual entre os italianos. Ainda estamos verificando as associações relacionadas com a outra palavra. —Olhou para Shrader—Algum comentário ou pergunta, Malcolm?

—Sim, um. —respondeu Shrader com aspecto feroz— Eu apreciaria se você nunca voltasse a me chamar assim, tenente.

—Então não o farei.

—Eu detesto esse nome.

—A minha mãe gostava. Era seu sobrenome de solteira.

— Eu odeio de qualquer maneira.—anunciou Shrader e pegou sua pilha de pastas.

Assim que transpuseram a porta e McCord não podia ouvi-los, Shrader olhou para ela e sacudiu sua cabeça grande.

—Você sim que tem muita sorte, Littleton. Eu juro que quando você lhe disse que era um monstro neurótico obcecado com a ordem, comecei a transpirar como louco.

Sam achou comovente que Shrader se preocupasse com ela. Seu pensamento seguinte foi que ela deveria ter agradecido McCord para deixá-la ficar na equipe. Por onde o olhasse, era para ela a oportunidade de sua vida. Na realidade, ela era uma neófita que não deveria ter recebido essa oportunidade. Por outro lado, — ela lembrou a si mesma— se ela não tivesse encontrado a nota de Valente, não existiria nenhuma "equipe". Deixou cair as pastas sobre sua mesa, pediu a Shrader que ficasse de olho por um momento e retornou ao escritório do tenente.

McCord estava recostado na cadeira, lendo um arquivo com uma etiqueta vermelha, com um bloco de papel junto ao cotovelo e um lápis na mão, preparado para tomar notas. Parecia rude e fascinante também quando lia. Ela bateu educadamente no batente da porta, e quando ele olhou para cima, ela disse:

— Eu só queria agradecer a você por ter fé suficiente em mim para me deixar trabalhar neste caso.

Ele a olhou fixamente e com a expressão divertida.

— Não me agradeça, agradeça as baratas.

Sam hesitou, sustentou seu olhar, tentando não rir.

— Há alguma barata em particular a quem deveria agradecer.

McCord voltou sua atenção para a pasta do arquivo e virou uma página..

—A que encontrei na gaveta de minha mesa é suficientemente grande para conduzir um Volvo. Suas primas vivem na cantina.

Capítulo 22

— Eu não posso acreditar que você manteve seus amigos longe por tanto tempo!
— Jason repreendeu Leigh assim que Hilda o deixou entrar na tarde do domingo. A energia e o entusiasmo que ele transmitia fizeram com que Leigh se sentisse ao mesmo tempo animada e exausta, mas ela mal podia esconder seu descontentamento quando ele virou-se para entregar a Hilda seu casaco e ela percebeu que não estava sozinho. Atrás de Jason estava Jane Sebring.

Corado pelo frio e com uma impaciência de adolescente por vê-la, Jason deixou Jane no saguão e correu para dar um beijo no rosto de Leigh.

—Eu não pude evitar que viesse. —ele sussurrou— Ela insistiu e se meteu no táxi comigo, mas não ficará muito tempo. Tem que estar de volta no teatro para a matinê, mas estou livre a tarde toda! —Ele endireitou-se e examinou o rosto de Leigh, enquanto o seu rosto revelava um nada dissimulado horror. — Quanto tempo

passará antes que volte a ser a de antes?

—Não muito. —respondeu Leigh estremecendo quando ele se acomodou perto dela no sofá, mas sua atenção estava em Jane, que havia parado em um espelho para inspecionar seu rosto impecável.

Igual aos Barrymore, quatro gerações sucessivas da família Sebring se tornaram lendas do teatro. Jane era a primeira integrante dessa família ilustre em ser considerada uma beleza extraordinária; ela foi também o primeiro membro de sua família ser atacada pelos críticos de teatro em seu primeiro papel na Broadway.

Na realidade, ela simplesmente estreou num papel principal que era muito difícil para uma atriz inexperiente de vinte e um anos, mas lhe deram essa oportunidade porque era uma Sebring. E, porque era uma Sebring, os críticos tinham exigido que estivesse a altura das interpretações estupendas oferecidas por suas mais experientes, mas menos bonitas antepassadas famosas.

Duas semanas depois da estreia da obra, ela a abandonou e foi para Hollywood. Lá, os contatos de sua família, abriram as portas para ela, e a seu deslumbrante rosto hipnotizaram as câmaras. Com uma boa direção e uma boa montagem, suas interpretações foram melhorando, juntamente com seus papéis que lhe deram, e sua carreira culminou com um Oscar da Academia de Melhor Atriz Coadjuvante no ano passado. O Oscar deu a Jane a possibilidade de atuar em filmes importantes, algo jamais obtido por seus antepassados em suas carreiras no cinema, mas isso não foi suficiente. Aparentemente, ainda ferida por sua humilhação há muito tempo na Broadway, ela recusou duas oportunidades no cinema e uma fortuna em dinheiro a fim de atuar em Blind Spot.

— Pobrezinha! —Exclamou Jane ao aproximar seu rosto do de Leigh e soprar um beijo no ar; depois se endireitou e fez seu próprio inventário das contusões e as feridas do rosto de Leigh. — Você teve que suportar tantas coisas desde a noite da estreia...

Esperando poder evitar perguntas desagradáveis a respeito dos detalhes da odisséia que teve que passar, Leigh apelou para a formalidades ao perguntar se Hilda podia lhes trazer algo para beber.

— Eu tomarei o de sempre. —disse Jason olhando por cima do ombro para Hilda, que ele sabia por experiência que estava pairando por perto, pronta para trazer as bebidas.

— Vodca Martini, — esclareceu — com duas azeitonas.

— Jane?

— Eu não bebo álcool. — lembrou Jane, e sua expressão suavemente foi de censura por Leigh ter deixado de lembrar que Jane não ingerir bebidas alcoólicas. Embora as gerações passadas da família Sebring se destacaram tanto por seus vícios como por seu talento, Jane Sebring não possuía a predileção deles pelos excessos. Não bebia nem fumava, detestava as drogas e era fanática por ginástica e o bom estado físico. —Tomarei água mineral, se tiver.

—Temos. —disse Leigh.

— Eu prefiro Weltzenholder.—acrescentou Jane— É engarrafado nos Alpes.

Eles só exportam mil caixas por ano aos Estados Unidos. Eu estou acostumada a comprar cem cada vez.

— Sinto muito, mas as outras novecentas caixas foram para mais alguém que não nós.—disse Leigh— O que mais você gostaria?

—Pellegrino estaria bem.

Leigh assentiu e olhou para Hilda.

— Eu gostaria de um chá, Hilda. Obrigada.

Jason ficou olhando para Hilda para se assegurar que não pudesse ouvir quando fizesse uma pergunta a Leigh, mas Hilda era totalmente confiável. Jane era a estranha que aumentaria e repetiria a suas amizades, desconhecidos e repórteres tudo o que ali ouvisse. Leigh teve vontade de estrangular a Jason por para trazê-la a sua casa.

—Que novidades tem a respeito de Logan? —Ele perguntou a Leigh assim que Hilda transpôs a porta e desapareceu.

—Nenhuma. Você sabe tanto quanto eu.

Ele parecia genuinamente chocado.

— Querida, isso é inacreditável, impossível! O que poderia ter acontecido com ele?

Ele morreu ... Eu sei que ... Leigh esticou todo o corpo em uma tentativa de bloquear essa terrível ladainha que martelava no seu cérebro.

— Eu não sei.

— Há alguma coisa que eu posso fazer?

Leigh abanou a cabeça..

—A polícia está fazendo todo o possível. Comissário Trumanti enviou helicópteros, viaturas, e os detetives para as montanhas para procurar por ele.

— E você? Como você está se sentindo? Realmente?

—Estou tensa e dolorida e tenho um aspecto espantoso, mas isso é a única coisa que está errada. Exceto fato de que meu marido está mo... desapareceu. — se corrigiu ela, lutando para se recuperar de outra onda de desânimo e tristeza.

Jason ficou em silêncio, olhando desamparado e desesperado e completamente empático, mas só por um momento. Sua expressão mudou quase imediatamente e ele abordou um tópico que afetaram o seu próprio bem-estar pessoal e, portanto, era de máxima importância para ele.

—Não acha que te ajudaria voltar a trabalhar logo?

—Fisicamente, o mais provável é que estaria pronta para voltar na próxima semana...

—Fantástico! Essa é minha garota! É incrível. Eu sabia que podia contar com você!

—Mas não mentalmente. —o interrompeu Leigh com veemência — Eu não consigo pensar em nada exceto em Logan. Eu não seria mesmo capaz de recordar as minhas falas..

— Eles voltam para você no momento em que pisar no palco.

—Talvez.—disse Leigh e olhou para Jane— Mas não fica nenhuma pinga de emoção para colocar nas palavras. Você entende, não é, Jane?

—Perfeitamente. —respondeu Jane— Eu tentei explicar a Jason como você poderia estar se sentindo agora, mas você sabe como a peça é importante para ele...—Para surpresa de Leigh, a atriz realmente parecia aborrecida quando ela acrescentou, bruscamente: — Jason não importaria se você estivesse conectada a um respirador se pudessem desconectar o tempo suficiente para que dissesse suas falas.

— Isso não é totalmente verdade.—disse Jason, ferido— Eu modificaria suas cenas para que pudesse dizer suas falas deitada. — Ele fez uma pausa longa o suficiente para pegar o copo de martíni da bandeja que Hilda oferecia. — Eu sou um egoísta bastardo.— declarou com um sorriso impenitente— Mas você tem que admitir,— acrescentou com uma piscadela para Leigh— que sou um bastardo egoísta brilhante.

Leigh assumiu que ele estava fazendo uma tentativa idiota de se diverti-la e distrai-la, e ela conseguiu dar-lhe um sorriso.

Ao não receber nenhuma resposta verbal de Leigh para incentivar sua atitude zombadora Jason deixou de falar de si mesmo e comentou as críticas fabulosas que a obra recebeu, o sucesso de bilheteria que foi, os problemas de iluminação, e continuou com uma descrição irada de sua mais recente briga com o diretor da peça. Leigh o deixou falar, mas em nenhum momento registrou suas palavras. Reclinada contra o braço do sofá, ela via o movimento de sua boca, e olhou automaticamente para a Jane quando a outra mulher falou, mas tinha pouca idéia do que estavam dizendo e menos interesse ainda

Quando Jane finalmente se levantou para sair, e Leigh percebeu que ia ter que tolerar Jason sozinho quase lamentou a partida iminente da atriz.

— Robert e Lincoln pediu-me para que lhe transmitisse seu carinho. —disse Jane.

Em nenhum momento Leigh sequer tinha pensado nos outros atores de Blind Spot.

—Por favor, envie-lhes um carinho de minha parte. A mulher de Robert já teve seu bebê?

— Sim, é uma menina.

Em um esforço para apressar a saída de Jane, Jason se encaminhou ao lugar aonde Hilda tinha pendurado os casacos de ambos. Tirou o de Jane do cabide e o sustentou como um matador agitando sua capa.

— Jane, você vai se atrasar para a matinê!— Ele sacudiu o casaco para dar ênfase. — Querida, coloca de uma vez seu famoso traseiro no casaco e vá.

— Ele sempre foi tão detestável?—Perguntou Jane a Leigh quando apertou sua mão para despedir-se.

Surpreendida pelo tom de animosidade genuína na voz de Jane, Leigh disse:

— Ele está sob muita tensão no momento. Não leve isso pessoalmente. Ele tem uma peça com dois papéis femininos fortes e só uma atriz para interpretá-los .

Em vez de responder a isso, Jane hesitou, olhou para Jason, e então disse, desajeitadamente.

— Na verdade, eu vim aqui hoje porque houve algo que eu queria

para dizer a você, cara a cara. Eu quero que saiba que estou profundamente triste com o seu acidente. Eu não vou fingir que não estava morrendo de vontade de interpretar o seu papel desde que li *Blind Spot*, mas queria ganhá-lo por meus próprios méritos, não por te suprir, nem por causa de uma tragédia.

Para surpresa de Leigh, acreditou. Jane era uma pessoa notoriamente ambiciosa e egocêntrica, mas nesse momento não transmitia sua habitual e sedutora auto-confiança. Parecia tensa e um pouco cansada e, na realidade, fez uma careta quando olhou o rosto de Leigh.

— Pelo menos você não vai precisar de cirurgia.

— Não, e tenho certeza que você vai ter muitos papéis principais, se decidir ficar em Nova York em vez de voltar para Hollywood.

Foi só depois que Jane partiu que Leigh percebeu que ela tinha usado a palavra "Tragédia" para descrever o desaparecimento de Logan.

—Agora. —disse Jason com entusiasmo assim que fechou a porta trás de Jane— Agora podemos conversar, conversar e conversar.

Honestamente, Leigh não sabia como faria para suportar outros dois minutos das brincadeiras incessantes de Jason e muito menos outra hora. Não sabia como era possível que Jason supusera que lhe interessava tudo o que estava dizendo e tampouco sabia como faria para concentrar-se nesse relato. O anúncio de Hilda ofereceu-lhe uma solução inesperada

—Courtney Maitland quer subir para vê-la. — disse ela da porta da cozinha—Ela é muito insistente. Ela diz que vai roubar uma chave do elevador para chegar até aqui e armará uma tenda no hall de entrada, se você não deixá-la entrar por alguns minutos.

Na verdade, Leigh sorriu com a muito provável possibilidade que Courtney fosse capaz fosse de fazer isso. Por outro lado, se Courtney entrasse, conseguiria desviar parte da conversa de Jason.

—Diga-lhe que suba, Hilda.

—Quem é Courtney Maitland? — Perguntou Jason. Não parecia nada feliz com a perspectiva de ter que compartilhar com outra pessoa a companhia de Leigh.

—É uma adolescente que se hospeda com uma família, em meu edifício, enquanto faz um curso especial. Eu a conheci há várias semanas atrás no lobby.

—Detesto crianças em geral, —foi a resposta de Jason— e os adolescentes em particular.

—Esta adolescente "*em particular*" tem o coeficiente intelectual de gênio e me parece maravilhosa.

Capítulo 23

Jason estava na cozinha, mostrando a Hilda como preparar o que ele queria comer para o almoço, quando Courtney Maitland chegou, então Joe O'Hara foi

abrir-lhe a porta.

— Eu vou dizer a Courtney que sua visita seja breve. — comentou a Leigh.

— Não, não faça isso. Eu gostaria que ela ficasse por um tempo.

— Mas não vou permitir que a convença a jogar cartas com ela— disse enquanto abria a porta— porque ela trapaceia.

— Não é verdade. — respondeu Courtney, entrando no hall.

Por cima do ombro, Leigh sorriu para esse expoente na última moda que era essa criatura de dezesseis anos. Alta, magra e sem peito, usava o cabelo escuro com um permanente penteado em um rabo-de-cavalo sobre sua orelha esquerda, um cachecol vermelho de lã ao redor do pescoço, uma camiseta que dizia: "Nirvana", um par de jeans com enormes buracos nos joelhos e meias, e um par de botas de combate, com os cadarços soltos. Para brincos, que ela tinha escolhido o que parecia ser alfinetes de gancho de três centímetros de comprimento de ouro.

— Não sabia que você e Joe se conheciam. — disse Leigh.

— Eu andei muito por aqui enquanto você estava no hospital. — Explicou Courtney— Era a única maneira de poder descobrir qualquer coisa.

Na frente do sofá, Courtney olhou para o rosto de Leigh, e era a primeira vez que Leigh a via com um aspecto solene, mas seu comentário foi típico e agradavelmente irreverente.

— Uau. — disse— Quando vi na televisão as fotos de seu automóvel sendo conduzido por um caminhão guincho, pensei que você teria o aspecto de ter estado em um acidente muito grave.

— E como estou?

— Como se estivesse sido atropelada por patins—disse com um sorriso travesso. — Em seu rosto.

Leigh riu, e o som parecia estranho e desconhecido para ela.

— Está com visitas? — Perguntou Courtney ao ouvir a voz de Jason proveniente da cozinha— Se for assim, posso voltar mais tarde.

— Não, não vá. Na verdade, você estará me fazendo um favor, se você ficar. O homem que está na cozinha é um bom amigo meu que, acredita que a conversa é justo o que eu preciso, mas neste momento tenho um pouco de dificuldade de concentração sobre os assuntos que lhe interessam.

O'Hara tinha permanecido parado por perto, esperando ela perguntar a Courtney se queria algo para beber.

— Por que não pede a Courtney que jogue gim rummy* com ele.— disse irritado— Ele ficará totalmente depenado em meia hora e terá que pedir dinheiro emprestado para o táxi.

Courtney deu-lhe um olhar aborrecido.

— Serei como uma dama. — prometeu a Leigh— Eu o escutarei com muita atenção e farei os comentários apropriados.

— Basta ser você mesma. Eu não estou preocupada com qualquer coisa que você

* Uma variedade de jogo de cartas para duas ou mais pessoas em que um jogador pode ganhar, combinando todas as suas cartas ou pode terminar o jogo pela fusão com placas ímpares, que somam dez pontos ou menos.

possa dizer. Mais me preocupa o que Jason possa dizer diante de você.

—Sério? Que mudança. Em geral meu pai sua frio cada vez que entro em uma sala com estranhos. — para O'Hara, ela disse:— Se quiser tentar recuperar seu dinheiro, mais tarde te darei a chance de revanche na cozinha.

— Enquanto isso, irei procurar uma caixa automática. Você quer que seu habitual, ou seja, uma Coca com uma cereja maraschino e uma dose de xarope de chocolate?

—Por Deus, isso sim parece repugnante! —Disse Jason ao entrar no living com um prato na mão direita e um Martini na esquerda.

Leigh os apresentou.

— Courtney está matriculada em um programa especial em Columbia para alunos superdotados do ensino médio.—disse a Jason assim que ele apoiou o prato e o copo na mesa . De uma só olhada ele se fixou nos jeans esfarrapados da adolescente e as botas de combate gastas e encolheu ombros.

—Bom. —disse, sem um pinga de interesse.

Leigh se estremeceu frente a essa grosseria.

—Courtney, este é Jason Solomon, o autor de Blind Spot .

—Essa peça teve umas críticas muito boas quando Leigh a protagonizou. —disse a moça e se sentou cuidadosamente no sofá de Leigh.

Jason franziu o sobrecenho ao ouvi-la chamar Leigh por seu nome de batismo e e depois se dirigiu a ela no tom superior de um adulto que exorta uma criança atrasada de oito anos de idade.

—A senhorita Kendall, — enfatizou — é uma excelente atriz, mas é preciso mais do que mais que boas interpretações para tornar uma obra da Broadway em um sucesso da crítica.

Em vez de responder, Courtney estalou os dedos, levantou-se de um salto e foi para a cozinha.

—Esqueci de dizer a O'Hara que não colocasse gelo em minha Coca.

Assim que Jason acreditou que Courtney estava suficientemente longe para não ouvi-lo, inclinou-se para frente e disse:

— Conhece o casal com quem ela se hospeda aqui em seu mesmo edifício?

— Não.

— Bem, acho você deveria avisá-los. Conheço um outro casal de pessoas ricas que permitiram que uma estudante pobre ficasse na casa deles enquanto duravam seus estudos. A moça seduziu o filho do casal quando ele retornou para casa de seus pais para o Natal, ela ficou grávida e lhes custou uma fortuna pagar para que desaparecesse. A garota queria que o rapaz se casasse com ela! As pessoas como Courtney têm grandes ambições sociais. Estudam graças a bolsas e tentam insinuar-se com famílias ricas e confiadas, como o casal com quem esta garota vive... —Olhou por cima do ombro, viu que Courtney se aproximava com uma Coca-Cola na mão e não terminou a frase.

Por um momento Leigh pensou em contradizê-lo, mas se sentia tão decepcionada por suas conjecturas que decidiu permitir que Courtney mesma dirigisse a situação ou deixasse que ele seguisse pensando o que quisesse. Sorriu para Courtney quando

a moça sentou-se no sofá.

—Já descobriu qual será o tema que lhe atribuirão em sua aula de jornalismo, o tema que representará a metade de suas qualificações finais?

Courtney assentiu.

— Nós temos que entrevistar o mais famoso e influente pessoa que possamos eventualmente ter acesso, e quanto mais difícil for para obter uma entrevista com essa pessoa, maior será a nossa nota. A nota também se apoiará na importância do entrevistado, a originalidade do enfoque que adotemos para a entrevista, a importância da informação nova ou insólita que obtivermos dessa pessoa e a qualidade geral de nosso trabalho. Só um será escolhido. Tenho a maior média na classe até agora, mas não por uma margem grande, então a pressão é realmente sobre mim.

— Você tem alguma ideia de quem você quer entrevistar?

Ela deu a Leigh um sorriso culpado.

— Você foi a primeira pessoa em quem pensei, mas, bom, supõe-se que devemos escavar em busca de informação nova, segredos bem ocultos, coisas que ninguém mais descobriu em suas entrevistas. Embora se você tivesse segredos sombrios e profundos, eu não gostaria traí-la ao revelá-los.

— Obrigado por isso. —disse Leigh com um suspiro de alívio— Quem mais você tem em mente?

—Ninguém ainda. Camille Bingley entrevistará o arcebispo Lindley que é amigo de seu pai. Ela acha que pode ser capaz de levá-lo a revelar novos aspectos dos problemas atuais da Igreja Católica. O pai de Brent Garner é amigo do senador Kennedy, e Brent está convencido que conseguirá entrevistá-lo. — Ela fez uma pausa para saborear a sua bebida.—Para poder superar Camille e Brent, eu teria que entrevistar o Papa ou o Presidente.

A voz de Jason soou divertida.

— E você acha que você poderia fazer isso?

— Sim se eu quisesse. O problema é que o Papa está realmente muito doente, e o presidente já dá muitas entrevistas ...

—Até no caso que isso não fosse certo, poderia ser um objetivo bastante difícil de alcançar. —assinalou Jason com tom condescendente.

Courtney o olhou, boquiaberta, como se não pudesse acreditar que alguém fosse tão obtuso.

— Eu não iria telefonar para eles. Eu ligaria para Noah e lhe pediria que ele o fizesse.

—Noah... o da arca e o dilúvio?

—Noah... meu irmão.

—Entendo. Seu irmão. Acaso Noah tem uma linha direta com o Papa e o Presidente?

— Eu não tenho certeza quanto ao papa. Nós não somos católicos, mas Noah doou os terrenos onde...

De repente, Jason relacionou o primeiro nome de seu irmão com o sobrenome de Courtney com o qual chegou no nome completo de um famoso multimilionário da

Florida.

—Seu irmão é Noah Maitland? —perguntou ele.

—Sim.

—O famoso Noah Maitland?

— Eu tenho certeza que existem outros. Eu não acho que Noé tenha direitos autorais de seu nome ainda. Embora seja provável que tenha tentado. —adicionou com um sorriso irreverente.

Leigh sabia o que estava por vir, e ela se preparou . Jason era um exímio artífice da palavra, mas tinha cometido o engano de exibir uma atitude condescendente com uma menina de dezesseis anos que tinha o QI de um gênio e nenhuma inibição social que a impedisse de dizer o que lhe cruzasse pela mente para escandalizar seu adversário e deixá-lo sem fala. Leigh tinha visto Courtney em ação em algumas outras ocasiões.

— O Noah Maitland de Palm Beach?—Insistiu Jason.

—Sim.

Jason olhou, boquiaberto, para o rosto juvenil e sardento de Courtney e sua figura ainda não muito desenvolvida.

— Como isso pode acontecer?

— Do mesmo jeito que sempre acontece: o espermatozoide se encontra com o óvulo, ocorre a fertilização...

—Quero dizer,—a interrompeu Jason— que eu tinha a impressão de que Noah Maitland estava na casa dos quarenta anos.

— Ele está. Noah e eu temos o mesmo pai, mas mães diferentes..

—Ah...— disse Jason, sua mente, inevitavelmente, focalizando a possibilidade de obter um patrocinador para uma futura peça de teatro, um financista de bolsos sem fundo. Tentando reparar seu evidente desinteresse anterior nela começou a formular o tipo de perguntas que supôs que outras pessoas deviam fazer as garotas de dezesseis anos.

—Você tem outros irmãos ou irmãs?

—Não, mas meu pai teve quatro esposas, de modo que tenho certeza que tentou.

— Sua infância deve ter sido terrivelmente solitário para você.— disse Jason, com tom pormenorizado.

— Nem um pouco. Duas das esposas de meu pai eram quase tão jovem quanto eu e estava acostumada a brincar muito com elas.

Jason a olhou com os olhos arregalados, sua boca ligeiramente aberta, e Leigh procurou a mão de Courtney e deu-lhe um aperto afetuoso.

— Courtney, acredito que você não percebeu isso, mas esta é uma ocasião especial. Normalmente, Jason é responsável por dizer o tipo de coisas que fazem as pessoas ficarem exatamente como ele está agora.

Jason chegou à mesma conclusão, e por um momento ele olhou para Courtney com o que parecia ser uma mistura de desagrado e respeito. Então ele se inclinou para trás e sorriu para ela.

—Aposto a que é uma autêntica "*malvada*".

—Não. —ela o corrigiu com orgulho— Sou uma "*malvada*" de primeira.

Desde que Jason e Courtney pareciam ter estabelecido um razoavelmente cordial trégua, Leigh encostou-se no sofá e e puxou uma manta de cachemira pêssego sobre ela.

Suas vozes oscilavam em torno dela.

Leigh fechou os olhos...

Ela acordou com um sobressalto quando Jason deu-lhe um beijo no rosto.

— Estou indo. Meu ego não pode suportar outra afronta. Não só minha anfitriã adormeceu enquanto eu falava, mas também aquela moleque irritante acaba de tirar-me cinquenta dólares em duas mãos de gin rummy na cozinha.

Quando ele saiu, Leigh escutado um pouco O'Hara e Courtney jogando cartas na cozinha, então ela se forçou a levantar. Michael Valente chegaria a qualquer momento, assim ela decidiu passar um pouco de água fria no rosto e escovar o cabelo. Durante quase uma semana a tensão a impediu de dormir e a tinha feito estremecer por dentro e por fora. Agora, ela mal conseguia colocar um pé na frente do outro.

Capítulo 24

O dia depois da localização da cabana, levou somente uma hora no tribunal do condado para Shrader e Littleton obter uma cópia dos registros de imposto sobre a propriedade com o nome do proprietário e último endereço conhecido. Depois levou dois dias para localizar o herdeiro do falecido, um neto, que estava navegando em seu iate no Caribe. No domingo, às sete da manhã, ele finalmente retornou a ligação de Shrader de seu rádio. Disse a Shrader tudo o que recordava a respeito da propriedade de seu avô em Catskills, incluindo a existência de uma estreita garagem construída na parte posterior de uma colina durante começo da década de 1950. Originalmente pensado como um refúgio contra bombas, foi escavado nas rochas, sustentado com vigas e coberto com prateleiras onde em uma época se armazenaram provisões e suprimentos de emergência.

Depois disso, demorou menos de uma hora para que um oficial do condado localizasse a entrada dessa garagem e refúgio anti-bombas. As portas abriram-se e a neve sobre a encosta tinha deslizado para baixo, criando um desvio gigante que teve de ser completamente eliminado antes de abrir as portas. Após uma hora de trabalho duro com a pá, o xerife finalmente foi capaz de abrir uma porta o suficiente para que o feixe de luz de sua lanterna perfurasse o negrume dessa cavidade na encosta da montanha.

Quatro letras cromadas brilhantes saltaram a luz: *JEEP*.

Capítulo 25

Shrader pegou Sam em seu apartamento uma hora depois que o jipe foi descoberto, mas o médico legista e CSU*, já estavam na cena quando ele e Sam chegaram. Ele deteve o veículo atrás de vários outros estacionados no caminho principal e, com Sam na liderança foram descendo por esse atalho escorregadio e pisoteado desde sexta-feira por um desfile de pés cobertos com botas.

A cabana estava construída contra uma colina alta coberta de árvores em sua parte posterior, uma posição que conferia proteção de trás, ao mesmo tempo que permitia uma visão aberta desse panorama de montanhas pela frente. A garagem e refúgio contra bombas estava na esquina e na ladeira posterior da mesma colina.

—Quem podia imaginar que lá atrás havia um buraco na maldita colina? — Shrader comentou quando passaram em frente a cabana seguindo um atalho que rodeava a colina e no qual notavam rastros frescos.

McCord estava parado junto à porta da garagem, observando como uma Unidade de Cena do Crime do NYPD revisava metodicamente o interior do refúgio, coletando amostras e tirando fotografias. Outros dois membros da unidade se encontravam de pé junto a ele, esperando entrar quando houvesse mais lugar.

—O que temos? —Perguntou- Shrader a McCord.

McCord começou a responder, mas o medico legista , um homem corpulento com as faces vermelhas transpôs nesse momento a porta e então assumiu que a pergunta foi dirigida a ele.

—Temos um cadáver, Shrader. —disse Herbert Niles com ar jovial— cadáver lindo e perfeitamente conservado, graças a este freezer clandestinamente no qual estava depositado. Ele não está tão bonito agora como em sua licença para dirigir, mas é definitivamente Logan Manning.

Enquanto falava, o médico entrou na garagem, inclinou-se para o interior do jipe e cuidadosamente levantou primeiro um pulso e depois o outro do morto e coletando amostras do dorso e os dedos de cada uma com umas almofadinhas pegajosas utilizadas para recolher rastros de nitratos encontrado em resíduos de pólvora.

—Nós também temos o que parece ser um auto-infligidos ferimento de bala na têmpora direita...

Sam moveu-se para o lado e pôde ter uma visão completa do corpo masculino caído parcialmente entre o volante e a porta do condutor em cuja janela se observavam respingos de sangue e massa encefálica; o vidro da porta do acompanhante estava parcialmente aberto e intacto.

—E a arma? —Insistiu Shrader.

— Perto dos pés da vítima há uma trinta e oito especial, recentemente disparada e dois cartuchos vazios na câmara. —Niles fez uma pausa para depositar a última almofadinha pegajosa em um saco de provas e anotar a parte da mão onde ele tinha tirado. —Um disparo penetrou o crânio e saiu pelo lado esquerdo, atravessou a janela do lado do motorista e se incrustou na parede esquerda.

* Unidade de Cena do Crime

—E o segundo disparo?

— Eu penso que nós podemos razoavelmente concluir que ele não disparou o segundo depois de explodir os miolos. Isso poderia significar que errou a sua cabeça a primeira vez ou, mais provavelmente, e esta é a teoria que mais gosto, que disparou o primeiro há um ano para derrubar uma lata de cerveja vazia em uma cerca.

Desde que a transferiram para Homicídios, Sam já havia trabalhado com apenas dois outros médicos legistas, os dois carentes de senso de humor como a tarefa a qual estavam dedicados. Herbert Niles estava encarregado do escritório de médicos legistas e, apesar de seus comentários e de sua loquacidade, dizia-se que era inclusive mais aplicado que o mais sério e formal dos médicos que tinha sob seu comando. Sam olhou para McCord, mas ele olhava nesse momento a uma das pessoas da Unidade de Cena do Crime, que tinham deixado de tirar fotografias e utilizavam uma lanterna para inspecionar as velhas latas e contêineres que havia sobre as prateleiras de aço. Procuravam esse segundo projétil.

Niles se afastou do jipe e tirou as luvas de borracha.

— A luz é péssima nesta caverna e a bateria do jipe está esgotada, assim não podemos empregar seus faróis. CSU tem mais luzes com eles, mas não há espaço para eles lá dentro até tirarmos o veículo.

— Olhou para os homens que aguardavam fora junto com McCord. —Eu já terminei. Tirem o jipe. Então vamos ensacar e etiquetar o Sr. Manning e eu vou levá-lo de volta para casa. Depois disso, este lugar é todo de vocês.

Olhou para McCord.

— Eu suponho que você vai querer saber o que há nessas amostras na primeira hora da manhã. verdade, Mack?

Em vez de responder, McCord levantou as sobrancelhas.

Niles suspirou.

—Correto... avisarei dentro de umas quatro horas. Isso me dará três horas e meia para voltar e meia hora para estudar as amostras no microscópio. Assumindo que o seu cadáver não aqueceu ali durante a última semana, qualquer resíduo de pólvora deveria estar ainda em suas mãos e as amostras deveriam tê-los recolhido. Terá que esperar até manhã para que nós possamos comparar os rastros e começar o resto dos processos. O corpo de Manning está perfeitamente conservado e não apresenta nenhum sinal aparente de deterioração.

—Nenhum problema. —disse McCord— A detetive Littleton já calculou a hora da morte de Manning. —Era a primeira vez que ele olhava para Sam desde que ela haviam chegado ali. —Não é assim?

Sam deslizou seus óculos de sol um pouco pelo nariz e o olhou com expressão de censura por cima do armação por submetê-la a esse interrogatório inesperado.

—Calculo que morreu no domingo passado, entre as três da tarde e as três da manhã seguinte... mais provavelmente perto das três da tarde de domingo.

—Como chegou a essa conclusão? —Perguntou Niles.

—Havia uns seis centímetros de neve sobre o jipe na garagem, significa que Manning entrou ali com o veículo em algum momento depois das duas da tarde,

quando a neve realmente começou a cair com força. Às três da tarde havia sobre a terra ao redor de quarenta e cinco centímetros de neve, de maneira que a neve que descia pela ladeira teria formado barricada contra a porta, e o impedindo de entrar ou sair com o veículo. As portas seguiam obstruídas pela neve esta manhã, e isso significa que ele esteve ali dentro todo este tempo.

— Parece bom para mim—disse Niles enquanto fazia notas com respeito ao cálculo de tempo de Sam.

McCord queria dar uma olhada no interior da cabana.

—Toda a última semana estive vendo as fotografias tiradas pela Unidade de Cena do Crime,—disse a Littleton— mas eu gostaria que você e Shrader me mostrassem o que viram e me apontar onde estava tudo.

Alguns minutos depois se encontravam de pé no aposento principal falando das taças na pia da cozinha e a presença de somente um saco de dormir, quando um dos integrantes do CSU enfiou a cabeça pela porta aberta.

—Encontramos o segundo projétil, tenente.

Os três viraram a cabeça em seguida.

—Aonde estava? —Perguntou McCord.

— Alojado na madeira da parede do lado direito da garagem .

Tinham tirado o jipe e o estavam revisando em busca de rastros e fibras, o qual deixava lugar dentro da garagem para as luzes de alta voltagem operadas por bateria, pertencentes ao CSU.

—O teríamos encontrado antes se tivéssemos podido colocar nossas luzes mais cedo. —aproximou-se da parede da direita e assinalou um orifício na madeira localizado a mais ou menos um metro quarenta do chão.

— Havia alguma coisa na frente dele na prateleira? —Perguntou Sam.

—"Não.. Ninguém tentou escondê-lo. Nós apenas não pudemos vê-lo até que iluminamos o lugar.

Em silêncio, Sam verificou a altura do orifício recém encontrado e a comparou com a altura da janela aberta da porta do acompanhante do jipe.

—Interessante, não? —Disse Shrader ao chegar a mesma conclusão que Sam.

— Presumo que a janela do lado do passageiro estava baixada quando vocês chegaram aqui,certo? —Perguntou Shrader a alguém da Unidade de Cena do Crime.

— Se agora estiver baixa, então também estava quando chegamos.

—O comando para subir e baixar os vidros é elétrico, e a bateria está esgotada, assim devia estar abaixada quando eles chegaram — salientou Sam em voz baixa.

—Isso já sei —disse Shrader, irritado—. Eu só não quero ouvir escutar respostas estúpidas em meu dia livre.

— Decididamente estava baixa quando chegamos, detetive. —foi a resposta mais respeitosa.

— Obrigado. —retrucou Shrader.

Uma hora depois de Niles partir com o corpo de Manning, Sam e Shrader subiram a pé o caminho principal atrás de McCord.

—São duas e meia. —disse McCord— Quando chegarmos a cidade já Niles

deveria saber se Manning estava segurando essa trinta e oito anos quando ela disparou . Uma vez que saibamos isso, podemos ir ver pessoalmente sua viúva e observar como leva a notícia.

— Deixarei vocês dois se ocuparem disso. — disse Shrader— Hoje tive que faltar à festa de aniversário de minha neta e eu gostaria de ir vê-la antes que durma. Há algum problema Sam voltar com você?

— Nenhum. —respondeu McCord.

A inesperada atração que havia sentido por McCord surpreendeu e preocupou tanto que levou Sam a fazer um esforço deliberado, —e bem-sucedido— de racionalizá-lo e eliminá-lo antes de deitar-se. Como resultado pôde passar três horas e meia no carro com ele, falando de nada em particular, sem experimentar mais que um muito leve embora inapropriada ardência de natureza sexual. Não houve mais brincadeiras entre eles na viagem de volta para a cidade, sem réplica estimulante ou comentários pessoais.

Só duas coisas incomodavam Sam nesse sentido. Uma, que sentia falta desse tipo de coisas, e dois, que não acreditava que McCord tivesse reparado sequer nessa ausência.

McCord parou em uma loja de conveniência para comprar um sanduíche e , enquanto Sam aguardava no carro Herbert Niles ligou. Ele ainda estava re-examinando ainda a última amostra sob um microscópio eletrônico de escaneio, mas ele estava ansioso em comunicar a Sam seus achados assim que ela atendeu o celular de McCord que estava na poltrona.

—Não havia nenhum resíduo de pólvora na palma da mão direita de Manning — disse Niles—, assim ele não estava levantando a mão em uma atitude defensiva quando se fez o disparo. Obtive resíduos nos dedos da mão direita, assim não há dúvidas que tinha a mão sobre a arma quando ela disparou pelo menos um desses projéteis. Mas, sabe onde mais pensei que devia encontrar resíduos se ele disparou essa arma sem nenhuma "ajuda"?

Sam nomeou então o único outro lugar aonde ele sem dúvida tinha tirado amostras.

—No dorso da mão.

—Certo. Neste momento estou examinando a mostra do dorso da mão direita, e está perfeitamente limpa. Têm em suas mãos um homicídio, não um suicídio, detetive.

Sam tentou não parecer tão surpreso como sentia quando transmitiu a McCord os achados de Niles alguns minutos depois.

— Niles ligou. A mão de outra pessoa estava cobrindo a de Manning e sustentando a trinta e oito quando ela disparou.

—Não havia resíduos de pólvora no dorso da mão? —O sorriso de McCord foi lento e satisfeito.

Sam negou com a cabeça.

—Não. O único resíduo estava nos dedos da mão direita.

—Eu sabia. — McCord disse suavemente— Sabia que as coisas iam dar este giro assim que os agentes da CSU extraíram o segundo projétil da parede. Elas nunca

deixam de me surpreender...

— Quem o faz?

— Os enganos estúpidos que cometem os assassinos

Capítulo 26

Courtney olhou o relógio da cozinha.

— São quase as seis horas e eu tenho um monte de trabalho para fazer para a aula amanhã.

— Ou seja que quer terminar? — Perguntou O'Hara com alívio enquanto contava os pontos da partida — Por que parar agora, quando eu ainda tenho algum dinheiro sobrando no meu fundo de pensão?

— Me chame de coração mole.

— Você é uma trapaceira. Também gosta de depenar as pessoas em cuja casa vive?

Ela sorriu enquanto deslizava o maço de cartas de volta no estojo.

— Os Donnelly sempre estão ausentes ou dormindo... — Nesse momento o telefone tocou soou e, posto que Hilda foi ao cinema, O'Hara levantou-se para atender. Quando um momento depois desligou, tinha o sobrececho franzido.

— Era alguma notícia do senhor Manning? — Perguntou Courtney, preocupada.

— Era Michael Valente. Está no lobby. A senhora Manning está esperando por ele.

— Como ele é?

— Tudo o que sei é que ele é um grande problema para a Sra. Manning. Já viu o que aconteceu quando os repórteres descobriram que ela esteve com ele na sexta-feira nas montanhas. Qualquer um diria que ela esteve dormindo com esse demônio ou algo assim. Eu estive com os dois em todo momento e não aconteceu nada semelhante. Nada. A senhora Manning nem sequer o chama por seu primeiro nome.

— Eu nunca tinha ouvido falar dele até que eu li todas aquelas coisas sobre ele nos jornais esta semana — reconheceu Courtney — Eu acho que ele é muito famoso.

— Sim, por um monte de coisas ruins. Devo-lhe dezesseis dólares.

Colocou a mão no bolso, tirou o dinheiro e o colocou sobre a mesa.

— O dia que você esteve com ele pareceu-lhe um cara mau?

— Deixe-me colocar desta forma, eu não gostaria de tê-lo perto se alguma vez perder a paciência. Nesse dia os policiais o alfinetaram o bastante, em especial um chamado Harwell, e Valente não gostou de nada. Mas ele ficou tranquilo, muito tranquilo... E em seus olhos apareceu uma expressão gelada, realmente gelada... Entende o que quero dizer?

Courtney estava intrigada.

— Era um olhar... o quê...? assassino?

—Sim, poderia dizer que sim.

—Talvez eu devesse ficar enquanto ele está aqui, só para ter certeza que Leigh está bem, o que acha?

A campainha da porta soou, e O'Hara indeferiu a sugestão de Courtney.

—Eu estarei aqui, muito perto dela, enquanto ele estiver aqui, mas não acredito que haja nada com que se preocupar. Pelo que eu li ao longo dos anos, ele está envolvido em uma série de negócios suspeitos, mas não tem feito nada violento em muito tempo.

—Como é tranquilizador. —Courtney disse sarcasticamente.

—Bem, talvez isto seja mais reconfortante —ele disse com uma piscadela.— Aquele dia nas montanhas, os policiais disseram a senhora Manning que ficasse na cama, na estrada, enquanto eles revisavam a cabana. Quando ninguém voltou a subir para nos informar alguma coisa, Valente levantou a senhora Manning e levou-a nos braços através da neve, até a cabana. Depois ele levou-a por todo o caminho de volta até a estrada. Ele se transforma em um verdadeiro Sir Galahad quando ele está perto da senhora Manning.

—Sério? —Disse Courtney— Muito interessante.

—Eu ligarei quando soubermos alguma coisa do senhor Manning. —prometeu O'Hara enquanto caminhava para o living.

Em lugar de sair pela porta de serviço da cozinha, Courtney se aproximou da porta que dava para a sala de jantar. Inclinando-se o ombro contra no batente da porta, ela olhou pensativa para o homem alto, de ombros largos descendo a escada do hall de entrada para a sala. De acordo com o que ela leu e ouviu sobre ele esta semana, Michael Valente era tão perito em evitar os repórteres como era para evitar as tentativas de colocá-lo na prisão.

Era, sem dúvida nenhuma, um homem de "grande visibilidade", em especial nesse momento.

Ela já teve acesso a alguns "novos e incomuns" fatos a respeito dele.

Como um entrevistado, ele poderia revelar-se muito mais intrigante do que o papa ou o presidente.

Ela estudou seu sorriso solene quando ele estendeu as duas mãos para Leigh e disse:

—Eu estive preocupado com você.

Sua voz sobressaltou Courtney. Era surpreendentemente grave e diferente. Se não tivesse escolhido ser um criminoso, ele poderia ter partido dessa voz na rádio ou na televisão.

Ela saiu do caminho de O'Hara e seu olhar se centrou na caixa branca e chata que Valente tinha entregue quando entrou. Debaixo do braço de O'Hara havia uma bolsa de papel marrom, em que Courtney supôs que havia uma garrafa de alguma coisa alcoólico.

—Você ainda está aqui? —Perguntou Joe, surpreso.

—Já vou, mas primeiro queria dar uma olhada em Valente em pessoa. — respondeu ela e o seguiu para a cozinha— O que há nessa caixa?

—Eu não sei. —respondeu ele e a colocou sobre a mesa— Mas se eu tivesse que

adivinhar, diria que é uma pizza.

—Ele trouxe uma pizza? — Exclamou Courtney reprimindo a risada— Uma pizza?

—Ele é dono de um helicóptero e blocos inteiros de edifícios em Nova Iorque... eu teria imaginado que a levaria a um jantar de sete pratos no Le Cirque, com talvez uma pulseira de diamantes como um vistoso anel de guardanapo.

— Sério? Eu acho que você sabe mais sobre ele do que eu.

—Eu não sei nada sobre ele, mas penso fazer uma investigação. —Ela levantou a tampa da caixa branca lisa e estremeceu com repulsa.. —Aghr!

Enquanto tratava de descobrir como acender um dos fornos, O'Hara olhou por cima do ombro para ver que se devia essa exclamação.

— É uma pizza crua —disse ela, apontando acusadoramente a caixa—, coberta com enormes camarões. —Voltou a estremecer-se. —Mais italiano, impossível

—Eu não sei. Eu prefiro a de pepperoni .

—Eu detesto os frutos do mar, em todas suas variedades. —Abriu a sacola de papel marrom, extraiu a garrafa de vinho tinto que continha e examinou a etiqueta.—Este tipo é bem estranho. Bebe vinho tinto que custa trezentos dólares com pizza de camarões.

O`Hará se preocupava mais com a tarefa que tinha em mãos.

—Valente disse-me para colocar isso no forno. Normalmente, eu lhe diria que se ocupe de seus próprios assuntos, mas a senhora Manning não comeu nada em dias. Você sabe como acender este forno?

—Não acredito que possa ser tão difícil. —respondeu Courtney e trocou de lugar com O'Hara, que começou a desenvolver o vinho na mesa central. Por um breve momento, ela estudou o conjunto de mostradores e botões acima dos quatro fornos em aço inoxidável embutidos na parede de tijolos enquanto sua mente ágil calculava as probabilidades. —É esta. —disse enfaticamente e mudou a hora do timer.

Capítulo 27

—Ignoro onde Logan guarda suas coisas aqui. —explicou Leigh a Michael Valente ao acender as luzes do escritório de Logan. Ela caminhou até sua mesa e se sentou em sua cadeira de couro. Esse escritório era tão intensamente de seu marido que Leigh quase sentiu culpada por estar sentada em frente sua mesa esculpido do século XVIII.

Tentando não pensar nisso ela estendeu a mão para o puxador da gaveta central. A gaveta estava trancada. Ela tentou as gavetas do lado direito, também estavam trancadas. O mesmo aconteceu com as da esquerda. Constrangida, ela olhou para cima.

—Eu... bom, sinto muito. Não sabia que estavam trancadas. Com um movimento de cabeça Leigh indicou o móvel arquivo embutido na parede com frente de carvalho e se levantou. —Talvez a pasta que você procura esteja ali.

—Tome seu tempo, eu não tenho pressa. —disse ele polidamente, mas ela podia sentir seu olhar fixo nela quando atravessou o aposento, e isso a inquietou. A voz de Valente a inquietava. Ou, talvez, o que a fazia sentir incomodada era tê-lo ali quando compreendeu, pela primeira vez, que seu marido tinha começado a manter tudo trancado em sua própria casa.

Também o móvel arquivo estava trancado.

—Acredito que Brenna, minha secretária, pode saber aonde Logan guarda as chaves. —Ela sentou-se na mesa de Logan e ligou para Brenna por seu telefone. Brenna estava em casa e sabia que Logan sempre tinha seu escritório e seus arquivos sob chave, mas ignorava aonde poderia encontrar essas chaves.

—Estou muito envergonhada que você tenha que sair daqui de mãos vazias pela segunda vez. —disse Leigh, parando para desligar as luzes do escritório.

—Não se sinta mau. Posso esperar para ter esses documentos que preciso até que você encontre as chaves.

Leigh retornou ao living e parou um instante em frente ao sofá, sem saber se o convidava a sentar-se por uns minutos ou o acompanharia a porta se ele estava pronto para sair.

—Eu não lembro se lhe agradei por me deixar usar o seu helicóptero na semana passada e por me descer e subir pelo aterro coberto de neve.

Ajeitando os lados de sua jaqueta esportiva, ele enfiou as mãos nos bolsos da calça.

—Na verdade, há uma maneira você pode me agradecer por tudo isso. Quando você comeu pela última vez?

— Eu não tenho muita fome.

— Eu tinha a sensação que poderia ser o caso. Como uma forma de me agradecer, eu gostaria que você jantasse comigo esta noite.

—Não. Eu...

—Eu não comi desde o café da manhã. —ele a interrompeu. — Eu trouxe o jantar comigo. Onde fica a cozinha?

Leigh o olhou boquiaberta, surpresa e ao mesmo tempo chateada por sua altivez. Seu corte de cabelo caro, sua jaqueta feita sob medida e sua gravata de trezentos dólares lhe conferiam um verniz de prosperidade e de refinada elegância, mas nada podia contrapesar a força granítica em suas características, o desafio severo em seu queixo duro, ou o frio, de suas feições, o severo desafio de sua forte mandíbula nem o brilho gelado e predador que ela havia percebido em seus olhos âmbar quando Harwell o insultou. tomado Logan tinha confundido Michael Valente com um homem de negócios dócil e previsível, mas ele não era. Não era absolutamente.

Por outro lado, na semana anterior se deu ao trabalho de ajudá-la muito, de modo que se dirigiu-se a cozinha seguida por Valente.

A ampla cozinha estava deserta, mas os quatro fornos estavam acesos e havia

duas taças de vinho sobre a mesada central, junto a pratos, guardanapos e uma faca grande. Valente tirou a jaqueta e colocou-a sobre as costas de uma cadeira, então ele entregou-lhe um dos copos de vinho.

—Beba um pouco. — ele ordenou quando ela sacudiu a cabeça e começou a pôr a taça sobre a mesa.— Isso vai facilitar as coisas.

Leigh não estava segura a respeito de que coisas ele acreditava que melhorariam se bebesse o vinho, mas bebeu um pequeno gole simplesmente porque estava muito esgotada para colocar muita oposição a qualquer coisa, especialmente a algo inconsequente. Um momento depois começou a sentir os efeitos desse vinho potente.

—Beba um pouco mais. Faça isso por mim.

Ela bebeu outro gole.

—Senhor Valente, isso é muito gentil de sua parte você, mas eu não estou com muita fome ou sede.

Ele a olhou em silêncio especulativo, um copo de vinho na mão direita, e a mão esquerda no mais profundo do bolso da calça.

—Dadas as circunstâncias, acho que seria mais adequado se você me chamasse pelo primeiro nome.

Fez-se um nó de tensão no estômago de Leigh. Sua voz... esses olhos... sua atitude.

—Bom, acontece que na realidade sou uma pessoa bastante formal.

Em vez de responder, ele virou e dirigiu-se para o forno. Abaixando-se um pouco, ele estudou o que estava lá dentro através do vidro de uma porta do forno.

—Estou curioso sobre uma coisa. —disse ele, de costas para ela.

—Que coisa?

—Enviei-lhe uma cesta de peras no hospital. Recebeu-as?

Perturbada e incômoda, Leigh ficou olhando suas costas.

—Sim, recebi, mas não levavam cartão. Sinto muito. Eu não sabia que foi você quem as enviou.

— Isso explica tudo.—disse ele.

—Eu adoro peras... —começou a dizer Leigh, com a intenção de agradecer agora esse presente.

—Eu já sei.

A inquietação do Leigh aumentou.

—Como você sabe disso?

—Eu conheço um monte de coisas sobre você. Tome um pouco mais de vinho, Leigh.

Os sinais de alarme começaram a soar no cérebro de Leigh. Essa voz. Ela conhecia essa voz! Mentalmente repassou essas ordens breves, junto com outras parecidas: Use isto por mim... beba isto... me ame... Faça-o por mim...

—Eu sei você que gosta das peras, que adora pizza de camarões e que detesta quase todos os vegetais. —continuou ele, de costas ainda para ela.— Eu sei que se queima facilmente e você não gosta de qualquer sabonete com um perfume forte. Também sei que você não é uma pessoa muito formal. —Fez uma pausa para pegar

dois pegadores de panela que estava do lado dos fornos atrás dele.

Leigh pegou uma faca grande que havia sobre a mesada central e sentiu que o coração pulsava com força pelo medo e a fúria. Ela podia ouvir sons fracos de um aparelho de televisão, — um programa de corridas de automóveis— vindo do quarto de O'Hara no corredor localizado ao fundo e virando em um canto. Não acreditava que Joe pudesse ouvi-la se ela começasse a gritar.

—A verdade é, —continuou Valente enquanto tirava a pizza do forno e a apoiava sobre a mesada de granito— que você é uma pessoa inatamente bondosa e espontânea. Arruma tempo para falar com qualquer pessoa com quem você acha que está solitária ou com necessidade de se animar, não tolera ferir os sentimentos de ninguém e é capaz de fazer um grande esforço para encontrar algo bom praticamente em todo mundo, incluindo a mim.

Ele se virou e a viu com a faca na mão.

—Fora daqui! —sussurrou Leigh com fúria selvagem.— Saia de minha casa antes que eu grite pedindo ajuda e chame a polícia.

—Largue essa faca! Que diabos está errado?

—Você esteve me perseguindo! Era você! Conheço sua voz. Você me envia flores e presentes...

—Eu não sou seu perseguidor...

Leigh começou a retroceder para o telefone na parede perto do corredor e ele a seguiu, passo a passo.

—Peras. — gritou Leigh com tom acusador— Peras, pizza e sabão!

—Eu estava acostumado a observá-la comprá-los.

—Você me viu comprá-los enquanto me perseguia!

—Abaxe a maldita faca! —Ordenou ele quando ela se chocou contra a parede.

—Eu vou chamar a polícia. —Ela se virou e pegou o telefone.

—Não fará nada semelhante! —Ele bateu o telefone de volta no lugar, cobriu-o com a mão e esmagou seu corpo contra o de Leigh, aprisionando ela e a faca entre a parede e seu próprio corpo. —Agora solte a maldita faca. — ordenou, em um sussurro terrível contra o seu ouvido.— Não me obrigue a machucá-la ao tirá-la de você. —Quer me escutar por um momento!

Em lugar de deixá-la cair, Leigh segurou o cabo com mais força. O destino já tinha feito todo o possível para atormentá-la. Ela não tinha medo de qualquer coisa que ele pudesse fazer com ela.

— Vá para o inferno, ao demônio — ela choramingou.

Incrivelmente, isso o fez rir baixinho.

—Alegra-me comprovar que você já não fica paralisada quando está em perigo, mas eu estou velho demais para mostrar minhas habilidades de combate para você de novo, e além disso, eu tenho medo, se deixá-la ir, você me espeta com esta maldita faca antes que eu possa dizer quem eu sou.

—Eu sei quem você é, seu canalha!

—Quer me escutar por um momento!

Leigh estava amassada contra a parede, sua face direita achatados para ele.

—Eu tenho uma escolha?

Essa pergunta foi muito divertida para Valente.

—Você é que está segurando a faca. A pessoa que tem a faca é que em geral decide o que acontece a seguir. Essas são as regras.

—Você aprendeu na prisão? —ela retrucou, mas ela estava começando a sentir quase tão tola quanto zangada.

—Não, soube muito antes disso. — respondeu ele—. E o recordei há quatorze anos, quando você saiu do Mercado Angelini tarde da noite, com algumas pêras e uma pizza de camarões. Dois valentões a ameaçaram na rua. Mais tarde, eu a acompanhei até sua casa.

Todo o corpo de Leigh todo enrijeceu.

—Falco? —Murmurou depois de um momento de sobressalto.— Você é Falco?

Ele se afastou para que ela pudesse se virar e Leigh o olhou com olhos arregalados maravilhada diante de sua face.

Ele estendeu a mão.

—Agora poderia me entregar essa faca... não pela ponta afiada. —brincou.

Leigh deu a ele, mas ela não conseguia parar de olhá-lo. Ele era parte de seu passado e sentiu uma onda de emoção porque ele tinha entrado de volta em sua vida no pior momento e tinha estado tentando "*resgatá-la*" uma vez mais da forma que podia... Inconscientemente, ela estendeu as mãos para ele, sentindo-se quase maternal quando ele a tomou.

—Não posso acreditar que seja você! Não posso acreditar que escondesse uma cara como essa debaixo daquela barba horrível. E você mudou seu nome. Como está sua mãe?

Ele sorriu diante dessa enxurrada de comentários, e foi um sorriso rápido e surpreendentemente atraente que transformou suas feições e fez com que Leigh recordasse por que estavam de mãos dadas.

— Você achava minha barba horrível?

Ela retirou as mãos rapidamente, mas não fez nenhuma tentativa de fechar o emotivo momento.

—Supus que atrás dela ocultava alguma coisa terrível.

—Um queixo fraco? —sugeriu ele. Ele pegou a pizza no balcão ao lado do forno e a levou a mesada central. Ali, começou a cortá-la com a mesma faca com que ela o ameaçou momentos antes.

Leigh se agarrou a essa breve pausa de sua angústia com respeito a Logan e tomou a taça de vinho para para ajudá-la a manter essa atitude.

—A possibilidade de que tivesse um queixo fraco nunca me passou pela cabeça. Pensei que poderiam ser cicatrizes de...

Ele a olhou, aguardando.

—Bom, de alguma briga... por estar preso.

—Está bem. —foi a resposta seca de Valente.— Assim não pensou que tinha um queixo fraco?

—Como está sua mãe?

— Ela está morta.

— Eu sinto muito. Eu gostava muito dela. Quando isso aconteceu?

Alguém que cuide de mim

— Quando eu tinha dez anos.

— O quê?

— Minha mãe e meu pai morreram quando eu tinha dez anos.

— Então... quem era a senhora Angelini?

— A irmã de minha mãe. —Ele pegou os pratos e Leigh levou os copos de vinho e guardanapos para a mesa. —Os Angelini me adotaram quando meus pais morreram e me criaram com seus próprios filhos.

—Ah. Então, como está sua tia?

—Está muito bem. Ela mesma fez esta pizza para você, e me pediu que dissesse olá em seu nome.

—Que atentos... os dois —disse Leigh.

Ele não lhe deu importância e não comentou nada. Procurou o interruptor da luz e diminuiu um pouco a potência das luzes do teto antes de sentar-se na frente dela.

—Coma. —ele ordenou, mas Leigh notou que ele pegou sua taça de vinho e não sua porção de pizza. Não era certo que tivesse apetite, como havia dito mais cedo. Não foi mais que uma estratégia para assegurar-se que ela comeria alguma coisa. Ela ficou tão tocada que tentou comer e tratou de não pensar na razão pela qual isso parecia necessário.

—Você trocou o nome de *Falco Nipote* para *Michael Valente*?

Ele balançou a cabeça.

—É ao contrário.

—Quer dizer que seu nome era Nipote Falco?

—Não. Quero dizer que eu não troquei o nome. Você o trocou.

—Mas esses são os nomes com os quais te chamava senhora Angelini.

—Nipote é a palavra italiana para "*sobrinho*". E Falco significa "*falcão*" em italiano. No antigo bairro, todos tínhamos apelidos. Meu primo Angelo era chamado de '*Dante*' porque detestava que o chamassem de Anjo e porque, decididamente, não era um anjo. Dominick era "*Sonny*" porque era... —Ele fez uma pausa para pensar sobre isso e ironicamente balançou a cabeça. —... porque ele sempre foi chamado *Sonny*, até mesmo por meu tio. —Procurou com o olhar a garrafa de vinho e percebeu que continuava na mesada e levantou-se para buscá-la.

—Por que o apelidaram Falcão? —Perguntou Leigh quando ele voltou colocar vinho nas taças.

— Angelo começou a chamar-me desse modo quando éramos crianças. Ele tinha três anos mais que eu, mas eu sempre queria acompanhá-lo em suas proezas. Para livrar-se de mim, convenceu-me que eu tinha um olhar especial, —olhos como de falcão— e que seus companheiros precisavam que eu fosse seu "*sino*". Eu cumpri esse papel até perceber que eles estavam se divertindo e eu não.

—A que tipo de diversão se refere?

—Você não quer saber...

Ela ficou séria. Ele tinha razão: ela não queria saber disso.

—Obrigada por todas as coisas bondosas que tem feito por mim, na sexta-feira e esta noite. É quase impossível acreditar que se deu semelhante trabalho por mim.

—Por que diz isso?

—Porque, há quatorze anos atrás, você nem sequer se incomodava em me responder quando eu falava com você.

—Era minha intenção me aproximar de você.

—E o que impediu isso?

Logan me impediu, pensou Michael Valente, mas não disse. Não queria romper o feitiço mencionando o marido que ela nunca voltaria a ver com vida.

—Talvez eu fosse tímido.

Ela descartou com um movimento de cabeça.

—Perguntei-me isso naquela época, mas as pessoas tímidas não são deliberadamente grosseiras. Quanto mais amável eu era com você, mais seco e grosseiro se mostrava. Depois de um tempo, foi óbvio que não me tolerava.

—Isso era perfeitamente óbvio?

Leigh percebeu a divertida ironia em seu tom, mas a preocupavam perguntas mais urgentes.

—Por que não me disse quem era no sábado passado, durante a festa? —Ante a menção dessa festa, Leigh já não pôde impedir que a macabra realidade do presente irrompesse em seus pensamentos. Esqueceu a pergunta que tinha feito e olhou pela janela ao lado dela, lutando para conter as lágrimas.

Como se ele tivesse intuído o que acabava de acontecer, evitou o tema da festa.

—Eu disse quem era na nota que foi com as peras.

Leigh tentou concentrar-se novamente só nesse tema.

—Você deve ter pensado que eu era extremamente grosseira ao não mencionar isso quando me levou as montanhas ou quando ligou ontem. Ou inclusive esta noite.

—Eu assumi que você não tinha lido a nota, ou que leu e preferia não reconhecer qualquer relação anterior comigo.

Leigh o olhou fixo.

—Eu jamais faria uma coisa assim.

Ele segurou seu olhar.

—A menos que nos últimos quatorze anos, tivesse se transformado em "*uma pessoa bastante formal*".

Ela reconheceu a "*brincadeira*" suave com um leve sorriso, depois ela teve de morder os lábios para não chorar. As lágrimas estavam tão perto da superfície cada minuto do dia que qualquer coisa —até mesmo as coisas lindas e engraçadas— podia fazê-la chorar sem aviso prévio.

Capítulo 28

Joe O'Hara entrou na cozinha justo no momento em que Michael vertia o

restante do do vinho na taça de Leigh. Em um único olhar surpreso viu a meia luz do ambiente e a intimidade da cena e tentou sair dali.

— Desculpe-me ...

— Espere, Joe... não vá — disse Leigh, ansiosa para corrigir sua impressão—. Eu quero apresentar o Sr. Valente corretamente...

— Nós já nos conhecemos, Sra. Manning. Lembra-se? Na última sexta-feira?

Apesar de todos os seus problemas graves, Leigh riu da expressão desconcertada de Joe.

— Claro que me lembro. O que estou tentando dizer é que eu não me lembrava que já conhecia senhor Valente quando o vi na sexta-feira. Muitos anos atrás, quando eu era estudante universitária e vivia no centro, ele trabalhava no armazém de sua família na esquina, e eu costumava comprar lá. Ele tinha uma barba e eu não sabia seu nome, mas sua tia, que eu achava que era sua mãe até esta noite, preparava pizzas de camarões só para mim!

O olhar acusador de O'Hara passou da garrafa de vinho vazia para o rosto de Michael Valente.

—Quanto desse vinho você deu deu a senhora Manning?

— Eu não estou bêbada, Joe. Estou tentando explicar por que eu não conheci Michael até esta noite. Ele me salvou de ser assaltada certa noite, ou algo muito pior, na rua.

— E eu devo supor que você provavelmente esqueceu de perguntar o nome dele depois? — Sugeriu Joe O'Hara, mas ao invés de soar cético, o leal motorista soava como se estivesse tentando acreditar no inacreditável.. Aproximou-se da mesa, preparado para reconhecer a apresentação formal de Leigh, em seu atual estado de espírito, sentiu que era absolutamente necessário.

—Naquela época eu conhecia seu nome —explicou Leigh—, mas na vizinhança de Michael todos tinham apelidos. Eles o chamavam Falcão —Falco em italiano—, e Falco era o único nome pelo qual eu o conhecia até esta noite.

O'Hara estendeu a mão para apertar a de Michael Valente, mas seu gesto levava uma advertência implícita ao outro homem.

—Em nosso bairro também tínhamos apelidos—disse Joe bruscamente—. Meu apelido era Bruiser*.

Leigh reprimiu a risada com a resposta grave de Michael, muito sério:

— Eu vou manter isso em mente.

Quando Hilda retornou de sua tarde livre pouco tempo depois, Joe O'Hara passou-lhe a mesma informação sobre Valente, enquanto Valente Leigh e Michael o observavam. Foi o único alívio da angústia e suspense que Leigh teve em uma semana. Mas terminou abruptamente quando o telefone tocou.

Hilda atendeu, disse umas poucas palavras e retornou lentamente para a mesa

* Uma pessoa forte, resistente, pugilista ou um valentão

da cozinha.

— A detetive Littleton e um tal tenente McCord estão a caminho daqui.

Leigh levantou-se da mesa e correu para a sala, cheia de esperança e medo.

Na cozinha, Hilda olhou para O'Hara muito preocupada e baixou a voz.

—A detetive Littleton queria ter certeza que a senhora Manning não estava sozinha. Queria ter certeza que alguém estaria aqui com ela...

— Isso não parece bom—disse O'Hara e virou-se automaticamente para Michael Valente para ouvir sua opinião—. Não é?

— Não— Valente disse firmemente.—. Não é bom. —Com a cabeça indicou a porta que dava para o living. —Vocês dois devem ir lá e ficar com ela.

O'Hara não sugeriu que Valente os acompanhasse. Ele tinha já visto como Leigh foi tratada pela polícia quando estava com ele. Em vez disso, Joe pegou o braço de Hilda e eles entraram na sala.

Michael Valente permaneceu fora da vista, escutando as vozes procedentes do living, incapaz de protegê-la, ou mesmo de estar ao lado dela, quando ela ouvisse a notícia que ele sabia ia feri-la mais profundamente que qualquer faca de assaltante

...

Leigh olhou para os detetives, sua mente tentando rejeitar o que eles estavam dizendo.

— Vocês estão errados! Ele não estava na cabana. Eu estava lá. Encontraram a outra pessoa!

— Sinto muito, Sra. Manning,—disse a detetive Littleton—. Não há dúvida. Seu corpo foi encontrado em seu carro, em uma garagem escavada na colina atrás da casa.

Seus olhos, brilhantes pelas lágrimas, abriram-se com uma expressão de angustiada acusação.

—Ele morreu de frio enquanto vocês perdiam tempo...

—Ele não morreu congelado — disse friamente o homem chamado McCord—. Seu marido morreu de um ferimento a bala na cabeça. A arma estava no chão de seu automóvel.

Descontroladamente, Leigh abanou a cabeça.

— Você está louco? Você está me dizendo que você encontrou um homem que se matou em seu carro e você acha que é meu marido? Logan jamais faria uma coisa assim! Nunca, nunca, nunca faria uma coisa assim!

Leigh não acreditava em nada do que eles diziam, nada absolutamente... só que Logan estava morto. Por mais que permanecesse ali, de pé, tentando argumentar, ela já sabia que ele estava morto. Ele teria voltado para casa dias antes se estivesse vivo. Ela sentiu que Hilda passava o braço por seus ombros e se retorceu a barra de seu suéter como uma criança desesperada tentando entender porque os adultos a estavam castigando.

— Ele... não se matou, vocês estão me ouvindo? —Exclamou—. Vocês estão mentindo. Por que vocês estão mentindo?

—Nós não acreditamos que seu marido tirou a própria vida — McCord disse-lhe secamente—. Nós saberemos mais amanhã, mas neste momento, temos razões para

crer que alguém puxou o gatilho do revólver.

A imaginação vívida de Leigh escolheu aquele momento para mostrar uma cena horrível: Logan, com uma arma apontada para sua cabeça por outra pessoa. Essa pessoa que puxa o gatilho e termina com sua vida. E também com a vida dela. . A sala começou a balançar e girar, e Leigh agarrou-se da manga de Hilda. Com lágrimas nos olhos, ela olhou para os mais gentis dos dois detectives, e ela balançou a cabeça, como se ao assentir em direção a Sam Littleton pudesse obrigá-la a assentir também, a concordar com ela.

— Ele está errado, não é? Ele está. Digamos que ele está. — Ela estendeu a mão para a dela.. — Por favor. Diga que ele está.

A voz suave da detetive Littleton foi simpática mas firme.

—Não, senhora Manning, ele não está errado. Sinto muito ...

* * *

Hilda a colocou na cama naquela noite. O'Hara preparou duas bebidas fortes e obrigou Hilda a beber uma. Ele terminou a sua e escoltou a empregada até seu quarto; depois se dirigiu ao seu quarto bebeu dois copos mais, deixando que Michael Valente saísse do apartamento por sua conta.

Às onze da noite, Joe se levantou para certificar-se que tudo estivesse trancado. Estava a metade do caminho do living silencioso quando percebeu que Valente não se foi.: ele estava sentado em uma cadeira desconfortável, de costas retas na outra extremidade das ala, junto ao corredor que levava para o quarto principal. Tinha a cabeça inclinada, os antebraços apoiados nas coxas, a mãos entrelaçadas. Escutava o pranto angustiado da mulher que ocupava o dormitório do fundo do corredor.

Ele tinha estacionado ali como um centurião.

Quando Joe ia se aproximando silenciosamente, tentando decidir o que dizer, Valente esfregou as mãos no rosto cansado.

—Pensa ficar aqui sentado a noite toda? — Joe perguntou suavemente.

Ele afastou as mãos e levantou a vista.

—Não —respondeu.

Se Joe não tivesse bebido, ele teria mantido para si a percepção sobre os motivos do outro homem para si mesmo, mas ele tinha bebido, então ele não fez isso.

Disse:

—Parece-me você pode muito bem ir para casa e dormir um pouco, Falcão. Não há nada que possa fazer para protegê-la do que ela está padecendo esta noite.

Valente não confirmou nem negou a interpretação de Joe de seus motivos para estar lá. Em vez disso, ele se levantou e lentamente colocou a jaqueta que estava no encosto de sua cadeira.

— Nesse caso, Bruiser, vou deixá-la com você.

Capítulo 29

—Sei que é um momento difícil para você, senhora Manning. — disse Sam Littleton quando ela e McCord encontravam-se sentados no living na manhã seguinte. Shrader estava na cozinha entrevistando a empregada, o chofer e a secretária. —Trataremos de que esta visita seja o mais breve possível. —continuou Sam.— Há várias perguntas que precisamos fazer, e algumas delas podem parecer ofensivas ou até mesmo cruéis, mas asseguro que são rotina. São as mesmas perguntas que fazemos a cada cônjuge depois de um homicídio.

Sam fez uma pausa, à espera de alguma resposta por parte dessa mulher pálida e destroçada sentada em sua frente.

— Senhora Manning? — chamou Sam.

Leigh afastou o olhar da grande estrela de mar, de cristal que havia sobre a mesa, junto ao cotovelo de McCord. Logan tinha se apaixonado por essa preciosa peça de cristal em Newport, no verão anterior, e ela o tinha surpreendido com esse presente quando voltaram para casa.

—Sinto muito, estava pensando em outra coisa. O que era que queria me perguntar?

—Agora que você já teve algumas horas para se ajustar a trágica notícia da morte de seu marido, você pode pensar em alguma razão para que alguém possa ter querido matá-lo?

"Algunas horas para se ajustar", pensou Leigh com incredulidade. Ela ia precisar de algumas vidas para se ajustar a essa realidade.

— Bom, eu fiquei acordada a noite inteira, pensando nisso, e a única coisa que faz sentido para mim é que se tratou de um fato hediondo mas não planejado. Talvez algum vagabundo lunático vivia ali e sentia que esse lugar lhe pertencia. Então, quando viu que Logan entrava com nossas coisas na casa e guardava o automóvel, tirou seu revólver ... E o matou.

—Infelizmente, os fatos não corroboram com essa teoria. — disse Sam —O revólver calibre trinta e oito achado no piso do veículo de seu marido estava registrado em nome dele. — Quando Leigh encarou-a, Sam disse: — Sabia que seu marido tinha uma arma?

—Não. Não tinha ideia. —Leigh não podia, não queria pensar que alguém tivesse planejado de antemão assassinar seu marido, assim ela tentou fazer os novos fatos se encaixarem em sua teoria.

—Se nessa cabana vivia um psicopata, então é possível que tenha seguido meu marido até o automóvel. Quando Logan pegou a arma, houve uma luta, uma

resistência, e o revólver disparou acidentalmente.

Era óbvio que a detetive Littleton pensava que a teoria de Leigh era muito descabelada para ser levada em conta, porque ela ignorou e fez outra pergunta.

— Você conhece algum motivo pelo qual seu marido tenha considerado necessário levar uma arma?

Leigh tentou pensar em uma explicação, por mais absurda que parecesse. Depois de um momento, disse em voz baixa:

—Nos últimos anos Logan entrou no ramo da construção comercial. Sei que envolveu alguns sindicatos e, por isso pensam que as coisas podem ficar bastante...

—Leigh calou um momento. —Não, espere estavam me perseguindo. Essa deve ter sido a razão pela qual Logan comprou um revólver.

—Quando percebeu que a seguiam?

—Faz uns dois meses. Fizemos a denúncia na polícia. Essa denúncia tem que estar registrada.

Sam fez uma anotação mental a respeito, mas já sabia que a denúncia foi registrada em setembro, seis meses depois que Logan Manning comprasse a arma.

—Como descreveria sua relação com seu marido? Era um casamento feliz?

—Sim, muito feliz.

—Ele confiava em você?

—É claro.

—Pense bem. Ele mencionou estar preocupado com qualquer problema de negócios?

—Logan ia extremamente bem nos negócios. Sobre tudo nos últimos dois ou três anos. Não tinha nenhum problema nesse sentido.

—Notou-o preocupado?

—Não mais que de costume.

— A senhora se importaria se falássemos com as pessoas de seu escritório?

—A pergunta era meramente retórica, pois McCord já tinha averiguado os nomes de todos os empregados e os tinha dividido entre Sam, Shrader e ele mesmo para interrogá-los.

—Por favor, falem com quem quiserem. —respondeu Leigh.— Façam o que considerem necessário.

—Em quem mais confiava seu marido, além de você?

—Em ninguém.

—Não tinha bons amigos?

—Cada um era o melhor amigo do outro.

—Então você não tem amigas íntimas? Pessoas em quem confia?

Disse de uma maneira que tinha como propósito fazer com que Leigh se sentisse uma pessoa anti-social e solitária se não nomeasse pelo menos uma amiga. A estratégia rendeu seus frutos.

—Eu estou no show business, e minhas amizades pertencem, em sua maior parte, ao mundo das artes e do entretenimento. Tendem a ser pessoas que apreciam mais a publicidade do que a privacidade, assim não se destacam por guardar segredos: os seus, nem meus. Aprendi a não confiar a ninguém as coisas

que não quero que apareçam na coluna da Liz Smith nem no Enquirer.

A detetive Littleton assentiu como se a entendesse perfeitamente, mas suas palavras demonstraram que era decididamente persistente.

—Segundo uma nota que li na página seis do Post a respeito de sua festa de aniversário, eram mais de trezentas pessoas que se encontravam aqui para festejá-lo com você. Seu marido não conhecia nenhuma dessas pessoas o suficiente para lhe confiar algo, em algum momento?

Leigh compreendeu que se não desse alguns nomes a Sam Littleton, o mais provável era que a detetive continuasse pressionando-a com esse assunto até a noite, assim, mentalmente repassou durante vários minutos sua festa de aniversário e deu a Sam Littleton o nome das primeiras pessoas que lhe vieram a mente.

—Jason Solomon é meu amigo.

—Pessoal?

—Sim. Sybil Haywood é outra amiga; assim como Theta Berenson...

—A pintora?

—Sim. Ah, e Sheila Winters. A doutora Winters é minha amiga e também de meu marido.

Sam fez uma anotação.

—A doutora Winters? Acaso seu marido tinha algum problema grave de saúde?

—Não. Sheila é psiquiatra.

McCord falou pela primeira vez.

— Vocês foram pacientes dela?

Essa pergunta incomodou Leigh. Teve a sensação que ela mesma se colocou em uma armadilha.

—Fomos por um período muito breve, há vários anos. Agora é simplesmente uma boa amiga.

—Quem necessitou um psiquiatra? — McCord disse sem rodeios.— Você ou seu marido?

Leigh estava a ponto de dizer-lhes que se metessem em seus próprios assuntos, e o teria feito se Sam Littleton não tivesse se apressado em dizer:

—Não tem por que responder essa pergunta, senhora Manning, se a faz sentir-se desconfortável. O tenente McCord e eu não trabalhamos juntos antes, mas a julgar pela pergunta feita, imagino que ele é um desses homens que se orgulham por preferir que um simples resfriado se transforme em pneumonia só para não se consultar com um médico. O mais provável é que ele mesmo troque o óleo de seu automóvel e arranque seu próprio dente em lugar de ir ao um dentista.

—Ela sorriu calorosamente para Leigh. — Ao contrário do tenente, eu sei que pessoas inteligentes e ativas e que podem custear, em geral preferem ganhar tempo e esforço ao se consultar com especialistas em todos os campos, trate-se de mecânica de automóveis, tecnologia de computação ou —transferiu seu sorriso ao homem que tinha ao lado— medicina.

Leigh estava tão de acordo com Sam que se sentiu impulsionada a provar a

veracidade da teoria da detetive Littleton, e para isso, explicou ao tenente McCord qual foi o motivo corriqueiro pelo qual Logan e ela tinham consultado Sheila.

—Logan não sabia como diminuir seu ritmo de trabalho e aproveitar a vida. Sheila o ajudou muito rápido a compreender que estava perdendo uma das melhores fases da vida ao exigir-se tanto.

A detetive Littleton se inclinou para frente e perguntou:

— É possível que o seu marido tenha confidenciado à doutora Winters, como amiga dele, que tinha comprado uma arma e a razão que o moveu a fazê-lo?

—Não sei. Duvido. Sheila e Logan almoçavam juntos de vez em quando, mas era algo puramente social. Ambos tinham histórias de vida similares e muitos conhecidos em comum. Eu falei por telefone com Sheila esta manhã e contei o que tinha acontecido a Logan. Estou certa que se ele tivesse mencionado alguma vez que tinha comprado uma arma, ela teria me contado.

—Talvez não acreditou que podia ou devia fazê-lo. Você se importa se falarmos de ela?

Leigh negou com a cabeça.

—Não, mas tenho certeza que Logan comprou a arma por causa do homem que me perseguiu.

A expressão da detetive Littleton se tornou sombria.

—Eu tinha a esperança de poupá-la de ter que lhe dizer isto, senhora Manning, mas seu marido comprou o revólver em março, ao seja, seis meses antes que seu perseguidor entrasse em cena. —Enquanto Leigh ficava aturdida por essa informação a detetive Littleton disse: — Agora você vê porque é importante falar com o doutora Winters? Se o seu marido tinha medo por sua vida, poderia ter, mesmo sem querer- dado alguma ideia de por que estava com medo ... ou a quem temia.

—Então, decididamente, falem com ela.

—Nós precisamos de sua permissão por escrito, e tenho certeza que a doutora também nos exigiria isso antes de sentir-se com direito de quebrar o segredo profissional. Estaria disposta a nos dar essa permissão?

—Sim, se você prometerem manter as informações confidenciais.

—Seremos muito, muito discretos. — prometeu a detetive Littleton, enquanto arrancava uma pequena folha de papel de seu bloco e entregava a Leigh, junto com sua caneta. — Só escreva algo no sentido que autoriza à doutora Winters a nos informar a respeito de seu marido. Leigh o fez automaticamente, deixando-se levar... Ou empurrar. Quando devolveu o papel a Sam Littleton, disse:

—Penso todo o tempo na pessoa que aquela noite fez com que meu automóvel se descontrolasse. Possivelmente é a mesma pessoa que assassinou meu marido.

—Estamos procurando, e redobramos nossos esforços desde que encontramos seu marido. Nós gostaríamos também de sua permissão para, não só falar com os empregados de seu marido, mas também para levar e inspecionar qualquer registro que acreditamos ser pertinente para este caso.

—Nos encarregaremos que não se percam. Você está de acordo ?

—Sim.

Sam fechou sua caderneta e olhou para McCord.

—Você tem alguma outra pergunta, tenente? —McCord sacudiu a cabeça e ficou de pé.

—Lamento minha reação à menção da doutora Winters. A detetive Littleton tem me observado bem: eu ainda faço a mudança do óleo de meu próprio veículo e o computador de casa faz dois anos que não funciona porque não permito que nenhuma outra pessoa o arrume. O único dentista que conheço é o que estou investigando neste momento.

Leigh aceitou sua desculpa, mas a surpreendeu seu tom humilde porque estava em aberta contradição com sua expressão fria e seu sorriso mecânico.

—O médico forense deve estar em condições de liberar amanhã o corpo de seu marido, — adicionou McCord— nos informe sobre os serviços fúnebres. Com sua permissão, gostaríamos que nossa gente estivesse presente no funeral.

Leigh agarrou no encosto do sofá, pois tremia pela forma insensível e crua que ele se referiu ao *"corpo de seu marido"* e aos *"serviços fúnebres"*. Logan estava morto. Nunca mais voltaria a sorrir e nem a estreitá-la forte contra seu corpo na cama enquanto dormia. Seu corpo estava no necrotério. Ela ainda não tinha pensado nos acertos fúnebres embora Brenna houvesse tocado no assunto com delicadeza essa manhã, quando Lefkowitz ligou para oferecer sua ajuda.

—Por que querem sua gente ali? —Perguntou quando pôde confiar de novo em sua voz.

—Como precaução, isso é tudo. Alguém a esteve perseguindo e seu marido foi assassinado.

—Façam o que considerem necessário.

McCord olhou para a cozinha por cima do ombro.

—Verei se o detetive Shrader já terminou.

O detetive Shrader não só tinha terminado, mas também desfrutava de uma xícara de café e um biscoito caseiro, enquanto o motorista conversava com ele sobre futebol.

Os três detetives desceram o elevador em total silêncio. Por razões de segurança, a todos os visitantes do edifício dos Manning era exigido registrar-se em enormes livros quando chegavam e também assinar quando se retiravam. O encarregado desse registro de visitantes era um porteiro uniformizado de certa idade, cujo crachá o identificava como *"Horace"*. Estava sentado em frente a um mesa negra e curva de mármore localizado no centro do lobby.

—Que pena tão grande o que aconteceu ao senhor Manning. — disse Horace enquanto entregava a Shrader uma caneta para poder assinar a saída deles três no grande livro encadernado em couro aonde tinha assinado mais cedo.

Em vez de pegar a caneta, Shrader pegou o livro e entregou-lhe uma ordem judicial.

—Esta ordem nos permite levar este livro como prova — anunciou ao mais que surpreso porteiro.— Você tem outro igual que possa usar?

—Bom, sim, mas se supõe que comecemos a usá-lo em janeiro, e estamos

apenas em dezembro.

—Comece a usar o novo agora mesmo. — ordenou Shrader.— E se alguém perguntar o que aconteceu com este livro, só diga que alguém derrubou algo em cima. Pode fazê-lo?

—Sim, mas meu chefe...

Shrader entregou-lhe seu cartão.

— Diga a seu chefe que se comunique comigo.

Capítulo 30

Shrader conduzia o automóvel, assim Sam pegou o livro de registro de visitantes e se instalou no banco de trás, deixando que McCord se sentasse na frente, na poltrona junto a Shrader. Tinha o livro aberto antes mesmo que o automóvel arrancasse, e começou a revisar os nomes a partir de primeiro de novembro.

— O que conseguiu surrupiar da empregada? — Perguntou McCord a Shrader.

—Segundo Hilda Brunner, os Manning eram um casal "perfeito". Nada de brigas, nem sequer uma rixa ocasional. Às vezes o senhor Manning retornava tarde para casa, mas nesses casos sempre telefonava para avisar e sempre estava em casa no mais tardar às onze ou doze da noite. Fez algumas viagens curtas de negócios. A senhora Manning nunca passou uma noite fora de casa sem ele nos três anos em que Brunner trabalha para eles.

Ela confirmou que Manning saiu do apartamento no domingo pela manhã por volta das oito, e que ele fez duas viagens até seu carro com itens que ele estava levando para as montanhas. Entre essas coisas estavam duas taças de cristal, a garrafa de vinho, uma garrafa de champanhe e... — Deixou a frase sem terminar, para obter maior efeito antes de acrescentar, com um sorriso triunfal —... dois sacos de dormir, que ela teve que ajudá-lo a encontrar no fundo de um armário, e ela o viu levar do apartamento.

— Alguma outra coisa? —McCord perguntou, satisfeito.

—Sim. Ela me deu um biscoito fantástico e uma advertência para não perturbar a Sra. Manning nem deixar cair farelos no chão.

— E o que me diz do chofer?

—Chama-se Joseph Xavier O'Hara e não me deu nenhuma informação. Absolutamente nada. Na realidade trabalha para outro casal, Matthew e Meredith Farrell, de Chicago. Há umas duas semanas partiram em um cruzeiro ao redor do mundo. Quando os Farrell se inteiraram que supostamente alguém perseguia Leigh Manning, "emprestaram" O'Hara aos Manning até sua volta.

— Isso é tudo?

— Não. O'Hara sabe alguma coisa, algo que ele não quer falar.

— Michael Valente?

— Poderia ser. Provavelmente seja. Você disse para não mencionar Michael Valente, de modo que não fiz a O'Hara nenhuma pergunta sobre ele, mas ele pouco comentou nada voluntariamente.

— Isso é tudo o que conseguiu de O'Hara?

—Não, também recebi uma advertência.— disse Shrader com uma careta de desagrado.— Me disse que não transtornasse a senhora Manning, e que devíamos esquecer se pensávamos que ela tinha algo a ver com a morte de seu marido. O'Hara não é ingênuo e tampouco é só um chofer. É um guarda-costas e tem permissão para levar armas.

— E o que me diz da secretária? — McCord perguntou.

—Brenna Quade.—disse Shrader.— Neste momento trabalha em forma quase exclusiva para a senhora Manning, e confirmou o que foi dito pela empregada. Assegurou que os Manning eram um casal muito feliz. Deu-me uma cópia da lista de convidados para a festa que aconteceu a uma semana. — Colocou a mão no bolso e extraiu várias folhas de papel com uma lista de nomes cuidadosamente escritos a máquina e em ordem alfabética. —Outra cópia foi entregue ao porteiro para que soubesse quem eram os convidados. Adivinha que nome não estava na lista original?

—Michael Valente.—disse McCord enquanto desdobrava a lista e revisava os nomes.

—Acertou. Seu nome foi acrescentado a lápis na tarde de festa, a pedido de Logan Manning. E você? —perguntou Shrader ao McCord.— Você descobriu alguma coisa interessante?

McCord inclinou a cabeça para o assento de trás, onde Sam examinava o registro de visitantes.

—Bom, descobri que a detetive Littleton acredita que sou um reacionário sulino de classe baixa, velho e desdentado, de cujo bolso pende um trapo cheio de óleo e que tem uma atitude nada educada para toda a classe de médicos e, em particular, psiquiatras.

Sam não se incomodou em defender-se nem em explicar seus atos, e ficou bastante surpresa quando McCord o fez por ela.

—Littleton se deu conta que eu tinha assustado a senhora Manning, assim contornou a situação, e até se mostrou agressiva comigo, na frente dela. Em consequência, conseguiu que a mulher assinasse uma permissão para que a psiquiatra dos dois falasse livremente conosco. Eu não podia acreditar que Littleton a tivesse conseguido, e com tanta facilidade.

—Sempre é fácil persuadir às pessoas inocentes e não envolvidas para que façam o correto.—murmurou Sam e passou a página.—Não estou dizendo que estou totalmente convencida de que ela seja inocente, mas há algo nessa mulher que me impede de imaginá-la sendo cúmplice do assassinato do marido. Ontem à noite, — continuou, dirigindo a explicação a Shrader— quando a informamos que tínhamos encontrado seu marido morto por tiro, Leigh Manning estendeu a mão para mim e me suplicou que dissesse que McCord estava errado. Por Deus, eu quase comecei a chorar e... —Sam calou, o olhar fixo no nome escrito no registro de visitantes da noite anterior depois fechou com força o livro. — Maldição! Não posso acreditar!

— O que é que não pode acreditar? — Perguntou Shrader e a olhou pelo espelho retrovisor.

O tom de voz de McCord foi uma mistura de diversão e cinismo.

— Acredito que a detetive Littleton acaba de descobrir que Michael Valente estava no apartamento dos Manning ontem à noite, fora de nossa vista, enquanto a viúva dedicava sua atuação a Littleton e quase a fazia chorar.

A fúria de Sam consigo mesma começou a manifestar-se, desta vez para um novo alvo: Mitchell McCord.

— Como você sabia disso? — perguntou com uma calma que não sentia.

— Ontem à noite vi o nome de Valente no registro, quando assinei nossa entrada e nossa saída.

Isso era exatamente o que Sam suspeitava que ele diria. Furiosa e chateada com McCord, colocou o pesado livro no banco ao lado dela e olhou para fora da janela enquanto obrigava suas feições a adotar uma máscara agradável e indiferente. Quando, alguns minutos depois, McCord perguntou se ela queria acompanhá-lo ao departamento médico legal para verificar as provas que tinham apurado no caso Manning, ela disse, com o melhor dos sorrisos:

— Certamente.

* * *

Sheila estava com um paciente quando Leigh telefonou, mas retornou a ligação poucos minutos mais tarde.

— Eu só tenho uma pergunta rápida. — Explicou Leigh. — Por acaso, você sabia que Logan comprou uma arma?

— Não.

— Supus que não soubesse, mas a polícia vai lhe perguntar isso de qualquer maneira. Pensam que Logan poderia ter confiado em uma pessoa amiga.

Capítulo 31

A Balística confirmou que o projétil que tinha penetrado no cérebro de Logan Manning e se alojou na parede esquerda da garagem procedia do 38 achado em seu veículo. O mesmo podia dizer do projétil recuperado na parede da direita.

O médico legista não tinha terminado o seu relatório escrito ainda, mas Herben Niles estava disposto a adiantar a Sam e a McCord as conclusões principais da autópsia.

— Logan Manning decididamente partiu deste mundo muito alegre. — anunciou, com jovialidade.

— Sim, claro. Que comentário tão encantador, Herb. — retrucou McCord com impaciência.

— Nada de encantador. O que quis dizer é que foi literalmente. A causa da morte foi uma ferida de bala de revólver na têmpora direita, que aconteceu menos

de uma hora depois de ter ingerido praticamente toda uma garrafa de vinho. Diria que foi vinho branco Chardonnay.

Capítulo 32

O serviço fúnebre de Logan Manning foi um acontecimento prodigioso, o qual assistiram quinhentos magnatas dos negócios, líderes políticos e a comunidade, assim como também integrantes eminentes do mundo do espetáculo. Duzentas pessoas participaram depois da procissão fúnebre ao cemitério e permaneceram de pé no meio do frio e névoa para oferecer uma despedida final a esse homem da sociedade assassinado e apresentar seus respeitos a sua famosa viúva.

Notadamente ausente dos serviços foi Michael Valente, e, embora a imprensa tenha comentado em sua cobertura noturna, centraram sua atenção nos rostos familiares e nos nomes conhecidos entre os presentes. Os fotógrafos que ziguezagueavam na capela logo seguiram a procissão fúnebre até o cemitério e não gastaram filme com uma mulher elegantemente vestida, de cabelo grisalho e pouco mais de setenta anos, que foi a última na fila a falar com a viúva, ao lado da sepultura. Ninguém prestou atenção quando a mulher pegou a mão de Leigh e só esta pôde ouvir o que a senhora disse:

—Meu sobrinho pensou que sua presença aqui hoje só representaria uma distração desta ocasião solene. Eu vim em troca como representante de nossa família.

Embora tinha um aspecto parecido ao das parentas ricas e de idade de Logan, seu olhar era mais compassivo e sua voz possuía um levíssimo acento italiano, que instantaneamente lembrou a Leigh a recepção calorosa que sempre recebeu no mercado Angelini anos antes.

—Senhora Angelini? —Leigh disse, apertando as mãos enluvadas.— Que amável de sua parte ter vindo! — Leigh acreditava que tinham acabado suas lágrimas, mas a bondade que viu nos olhos dessa mulher, o fato que estivesse ali de pé em meio desse frio glacial, fez com que Leigh voltasse a chorar. —Aqui fora faz muito frio e há muita umidade para você.

Nenhuma das pessoas mais velhas presentes no serviço fúnebre tinha desafiado o clima inóspito do cemitério. Voltaram para o apartamento de Leigh, onde um pessoal especializado servia comida. Leigh convidou a senhora Angelini para ir até sua casa, mas ela recusou o convite.

— Posso deixá-la em algum lugar? —perguntou Leigh, enquanto foram andando entre o mar de lápides para a fila de automóveis estacionados na rua.

—Eu tenho automóvel. — disse a senhora Angelini e assinalou com a cabeça um chofer uniformizado que mantinha aberta a porta traseira de um Bentley negro. Leigh reconheceu em seguida o chofer.

—Por favor, diga a Michael que o procurarei logo. — adicionou Leigh quando a

senhora Angelini deslizou no banco traseiro do veículo.

—Direi. —Vacilou um instante, como sobrepesando muito suas palavras. — Leigh, se você precisar de alguma coisa, você deve dizer a ele. Ele não te faltará como os outros o têm feito.

Capítulo 33

Brenna tinha arrumado para que o Payard, o bistro e pâtisserie francês, proporcionasse a comida no apartamento depois do funeral. Quando Leigh chegou, os convidados já se distribuíram nos mesmos grupos da festa de mais de uma semana antes, exceto que agora o assunto principal da conversa era a identidade do assassino de Logan.

Leigh se moveu mecanicamente de um grupo a outro, aceitando condolências e escutando as coisas banais que as pessoas diziam em uma tentativa inútil de contribuir para que a pior das experiências humanas parecesse menos trágica. As amigas e a família de Logan eram do tipo " ânimo!" e "Mantenha a compostura". O juiz Maxwell tocou-lhe o ombro e disse, solenemente:

—Talvez não pareça agora, mas há dias brilhantes pela frente. A vida continua, minha querida.

O senador Hollenbeck disse:

— Você é forte,conseguirá seguir adiante. —Sua esposa se mostrou de acordo ele, mas de uma maneira mais pessoal:

—Eu acreditei que minha vida tinha terminado quando meu primeiro marido morreu, mas segui adiante e o mesmo fará você.

A anciã tia avó de Logan, uma das sobreviventes de sua família imediata, apoiou sua mão cruzada por veias azuis sobre a manga de Leigh, olhou-a solenemente por um momento e disse:

—Qual é o seu nome, querida?

As amigas de Leigh tendiam a demonstrar sua empatia e simpatia descrevendo o efeito que a morte de Logan tinha sobre elas. A atitude do grupo era: *Esta é uma tragédia para você e para todos que conheciam Logan*. Theta Berenson tinha usado um de seus chapéus mais sombrios e conservadores negro, com uma enorme asa adornada com uma fruta, feita com seda branca e morangos negros, mas sem plumas.

—Estou simplesmente devastada por você. — disse a pintora a Leigh.— Totalmente devastada. Não faço mais que pensar na semana que passamos juntos no Maine, e decidi pintar a cena como lembrança. E quero que tenha esse quadro quando estiver terminado.

Claire Straight, que estava se libertando de uma batalha amarga de divórcio, abraçou Leigh e disse, indignada:

— Não há justiça neste mundo! Logan está morto, enquanto que Charles, esse reverendo filho da puta, continua com vida. Estou tão furiosa com o destino que não posso tirá-lo da cabeça. Comecei a ver Sheila Winters para que me ajude a

dirigir minha fúria.

Jason estava com Jane Sebring e Eric, e parecia mais perturbado do que Leigh o tinha visto.

—Querida, isto que está acontecendo está me destruindo. Tem que voltar a trabalhar logo. Logan gostaria que continuasse com sua vida.

Jane Sebring tinha chorado. Seu rosto estava pálido, a expressão de seus olhos era sombria, não estava maquiada e se sentia suficientemente transtornada para que seu aspecto não se importasse.

—Não posso acreditar que isto aconteceu. —disse a Leigh.— Tenho pesadelos sobre tudo isto e quando acordo penso que não foi mais que um sonho ruim, mas não é assim.

Sybil Haywood, que tinha distraído Michael Valente na noite da festa, estava morta de tristeza e de culpa.

—Eu sou a culpada que tenha acontecido isto. —disse a Leigh com veemência.

—Sybil, isso é ridículo...

— Não é! Se eu tivesse sido uma verdadeira amiga, que merece ter, teria terminado seu mapa astral a tempo para seu aniversário. Não teria permitido que os negócios interferissem com a amizade. Pois bem, agora terminei e estava tudo ali: a tragédia e a violência. Eu poderia tê-la prevenido...

A astróloga estava tão cheia de culpa que Leigh tentou consolá-la o máximo possível.

—Contarei um pequeno segredo. —disse e passou um braço por sua cintura.— Se tivesse terminado meu mapa astral e tivesse me dado, não teria modificado absolutamente o que aconteceu.

—O que quer dizer?

—Logan pensava que a astrologia era uma farsa. Eu acredito em você, e em sua honestidade e dedicação a seu trabalho, mas, bom... —Calou um momento para escolher com cuidado suas palavras. —Confesso que minha atitude é um pouco ambivalente com respeito a astrologia.

Em lugar de representar um consolo, Sybil se sentiu ferida e muito decepcionada.

Sheila Winters foi a única luz que brilhou durante todo esse dia. Estava com frequência junto a Leigh, intuindo quando a necessitava. Chegou justo quando Leigh terminou de falar com Jane, e ficou ali durante todos os comentários de Sybil.

—Agora necessita de alguns minutos sozinha. —disse— Acontece que você consola muito mais do que é consolada por muitas dessas pessoas.

—Descansarei mais tarde. — disse Leigh. Sentia-se esgotada, mas não queria descansar nem sequer por uns poucos minutos. As pessoas que estavam ali tinham ido movidas pelo respeito e o afeto que sentiam por Logan, e ela amou a cada uma esse dia, por terem o trabalho de fazê-lo.

Quem estavam eximidos do afeto e a benevolência de Leigh eram a meia dúzia de detetives, disfarçados de civis, incluindo Littleton, McCord e Shrader, que tinham assistido o funeral e se encontravam agora parados em diferentes

partes do apartamento. Os detetives Littleton e Shrader a tinham convencido de que o assassino de Logan poderia estar entre os presentes. Sem dizê-lo, davam a entender que também a vida de Leigh poderia estar em perigo às mãos do assassino. Para Leigh essa ideia pareceu absurda, mas ainda não tinha força suficiente para discutir com ninguém a respeito de nada. Até o dia anterior, convenceu-se que o homicídio de Logan foi um caso de identidades trocadas ou, mais provavelmente, o ato de alguém que viveu perto daquela propriedade na montanha e sentia que esta lhe pertencia.

Cada vez que se topava com um dos detetives, o saudava cortesmente com a cabeça, mas deixou que se arrumassem por conta própria. Ninguém sabia que estavam ali e ninguém sequer percebeu sua presença, exceto Courtney Maitland. Para grande surpresa de Leigh, a adolescente identificou todos, inclusive Sam Littleton, e chegou junto a Leigh como uma fonte de artigos comestíveis e uma série de observações ardilosas.

—Eu conto seis policiais. — sussurrou a Leigh. — Acertei ou me passou algum por alto? — Courtney havia encontrado Logan apenas uma vez, por alguns momentos. Não estava desolada por sua morte e era muito autêntica e direta para por cara de velório. Leigh a abraçou com força.

—Acertou. Como soube?

—Você está brincando, não? — Disse Courtney com um sorriso.

—Não, estou falando sério.

— Quem mais, senão um policial assistiria uma reunião como esta sem falar com ninguém, nem procurar ninguém com quem falar? Não comem nada, não estão tristes e não... — calou.

— Não o quê?

—Digamos que tampouco se esforçam muito por estar na moda. Esse tipo alto de cabelo grisalho é interessante — disse e indicou com um gesto McCord, e Leigh seguiu seu olhar, sobre tudo porque era um alívio falar de qualquer outra coisa. — Ele é interessante porque tem essas cicatrizes grandes e essa cara afiada e forte. A morena foi a mais difícil para identificar como polícia.

—Porque é mulher?

—Não. Porque usa sapatos Bottega Véneta, que custam setecentos dólares.

Capítulo 34

Sheila ficou depois que todos se foram, e enquanto Hilda e os fornecedores de comida limpavam tudo, as duas mulheres entraram no quarto de Leigh. Leigh se aconchegou num dos sofás que havia perto da janela e apoiou a cabeça contra o respaldo. Sheila fez o mesmo no outro.

—Jane Sebring estava realmente de causar pena por tudo isto. —comentou

Leigh depois de um momento.

—Eu não estou surpresa. Ela provavelmente pensa que é a viúva.

Leigh a olhou atentamente com severidade. Embora o traje de lã chocolate de Sheila não tivesse nenhuma ruga e seus cabelos loiros em um coque não tivesse nem um fio fora do lugar, havia manchas escuras sob os olhos azuis, e sua voz se notava esgotamento e irritação.

—Por que você diz isso?

—Porque é perfeitamente óbvio para mim que Jane Sebring quer ser você. Ela não suporta ser a segunda melhor em nada. Quando não conseguiu fazer isso na Broadway, ela foi para Hollywood, tirou a roupa para a câmera, e ganhou um Oscar. Mas isso não foi suficiente. Agora ela está de volta à Broadway para reivindicar o que ela considera como seu direito de nascimento, e você está no seu caminho. Para ela, você "roubou" o que é dela legitimamente. Ela se sente com direito de ter seu enorme talento, seu sucesso no teatro e todo o resto que você tem.

—Infelizmente, essa atitude não é incomum no meio em que vivo, Sheila.

Sheila cruzou as pernas e suspirou.

—Eu sei. Ela é tão ambiciosa e competitiva. Eu nunca vou entender o que deu em Jason para colocá-la em sua peça em primeiro lugar. Jane tem uma reputação de causar problemas com todos com quem já trabalhou.

—O dinheiro foi o motivo. — disse Leigh— Os patrocinadores de Jason a queria porque ela é uma líder de bilheterias fantásticas.

—Não como você.

—Ela atrai os fãs de cinema para o teatro, que é algo que eu não faço. Tem outra coisa: é uma apólice de seguro que os patrocinadores queriam.

Sheila não disse nada depois disso e Leigh fechou os olhos e tentou perguntar-se, não pensar, não atribuir nenhum significado especial ao que Sheila acabava de dizer. Mas foi impossível. Respirou profundamente e manteve os olhos fechados, mas sua voz era determinada.

—Sheila?

—Sim?

—Você está tentando me dizer algo que você acha que eu deveria saber ...?

—Como o quê?

—Como Logan tendo um caso com Jane Sebring?

Em seguida Sheila se desculpou.

—Eu deveria ter percebido que nós duas estamos exaustas para colocar pensamentos coerentes juntos. Eu não estava tentando lhe dizer nada neste estilo. Na verdade, eu a estive observando por um momento na noite de sua festa. Estava pendurada em Logan, mas ele fazia todo o possível para esfriá-la, exceto jogar-lhe o gelo que tinha em seu copo.

Leigh engoliu em seco e forçou as palavras transpassassem o nó que tinha na garganta.

—Deixe-me colocar a questão de uma maneira diferente: Você acha que é possível que Logan estivesse tendo um caso com ela?

—Tudo é possível. É possível que Logan decidisse se dedicar a asa delta na semana próxima ou se juntar a um circo. Por que insiste com isto, Leigh?

Leigh abriu os olhos e olhou diretamente para Sheila.

—Porque a última vez você desenvolveu uma forte antipatia por uma mulher que todos conhecíamos socialmente, verificou-se que Logan estava tendo um caso com ela e você sabia disso.

Sheila devolveu o olhar sem pestanejar.

—Essa foi uma aventura sem importância e você entendeu por que aconteceu. Vocês dois trabalharam isso juntos.

Leigh empurrou a memória dolorosa para o fundo da sua mente. Aquela aventura de Logan não havia parecido "*sem importância*" para ela.

—Eu tentei me convencer que o assassinato de Logan foi um ato fortuito cometido por algum indivíduo louco e sem teto da região, que acreditava que Logan estava invadindo seus domínios ou algo assim, —disse Leigh—mas há apenas uma coisa nessa teoria que não funciona.

—Que coisa?

—A arma que encontraram no carro de Logan estava registrada em seu nome. Ele a tinha comprado no mês de março. Por que teria que comprar um revólver e levá-lo para as montanhas? É possível que estivesse com algum problema?

Em vez de dar-lhe uma resposta, Sheila estudou-a atentamente e perguntou.

—Em que tipo de problemas poderia estar envolvido?

Leigh levantou as mãos, com as palmas para cima.

—Eu não sei. Ele estava envolvido em dezenas de empreendimentos, mas ele não parecia estar particularmente preocupado com qualquer um deles. Mesmo assim, ultimamente houve momentos em que o notei preocupado por alguma coisa.

—Você perguntou a ele sobre isso?

—Claro que sim. Ele disse que não estava preocupado. Talvez "*preocupado*" não seja a palavra mais adequada. Ele parecia muito intranquilo.

Sheila sorriu com perspicácia.

—Diria que era incomum que Logan estivesse preocupado com negócios ou dinheiro?

A intenção de Sheila era tranquilizá-la, e Leigh sabia, mas em seu estado atual de confusão mental, Leigh não poderia encontrar consolo em nada.

—Não, claro que não. Você e eu sabemos que não havia dinheiro suficiente no mundo para fazer Logan sentir absolutamente seguro.

—Por causa de sua infância. — recordou Sheila.

—Já sei. Mas, Logan alguma vez disse ou fez alguma coisa que poderia ter feito você pensar...?

—Eu sou uma psiquiatra, não médium. Deixe a polícia resolver isso. Você e eu não estamos capacitadas para fazê-lo.

—Você está certa. — disse Leigh, mas pouco depois da partida de Sheila, sentou sozinha na escuridão e se fez perguntas que não podia responder, torturada pelo medo de que nunca teria essas respostas.

Por alguma razão, Logan havia comprado uma arma e a levava consigo.

Por alguma razão, alguém o tinha assassinado a sangue frio.

Leigh queria razões. Ela queria respostas. Ela queria justiça!

Mas, mais que nada, absolutamente mais que nada, queria o mesmo que Jane Sebring. Ela queria acordar e descobrir que tudo isso era um pesadelo.

Capítulo 35

McCord deslizou uma fita de vídeo do serviço funerário de Logan Manning em um VCR* no armário, atrás de sua mesa, apertou o botão de avanço rápido e acendeu o monitor.

—Como já sabemos, Valente não estava ali ontem, mas acontece que ele enviou um emissário que passou junto a nós sem que percebêssemos. — Enquanto falava entregou três cópias de um fotomontagem a Sam, Shrader e Womack — Este é seu primo, Dominick Angelini — disse ele.

O fotomontagem continha várias fotografias de um homem entre trinta e cinco e quarenta anos, todas elas tirada a partir de ângulos diferentes e em momentos diferentes. Em uma das fotografias ele levava uma maleta e subia pela escadaria do edifício do tribunal federal. Sam não o reconheceu, e ela não só tinha participado em todas as atividades do funeral, mas também assistiu o vídeo antes de ir para casa.

—A fotografia dele na frente do edifício do tribunal federal foi tirada em Agosto, e é a mais recente, — disse McCord—. Um júri federal o intimou para depor sobre a contabilidade de Valente e práticas de negócios.

—Eu não lembro de ter visto esse cara ontem. — disse Womack. Aos cinquenta anos, Steve Womack era um homem de cerca de um metro e setenta, cabelo grisalho, esbelto, magro e musculoso e uma cara que era completamente esquecível, exceto por um par de olhos celestes de olhar inteligente que pareciam ainda mais sagazes atrás das poderosas lentes de seus óculos de aros de prata. Apesar de sua insistência de que ele estava pronto para voltar ao trabalho depois de sua recente cirurgia, Sam notou que esfregava com frequência o ombro esquerdo, como se doesse. Era retraído, mas ardiloso, e Sam estava bastante afeiçãoada.

— Eu tampouco o vi. — disse ela.

— Ele não estava lá. —afirmou enfaticamente Shrader.

— Tem razão, ele não estava. —disse McCord ao passar páginas que só continham assinaturas. — Com a gentil permissão da viúva da Manning, —explicou— ontem eu trouxe o livro do registro de convidados e o fotocopiei ontem à noite. Pareceu-me que nos seria útil fazer uma lista dos amigos e conhecidos dos

* Vídeo cassete

Manning, mas se olharem a página quatorze, acredito que encontrarão um nome que agora parece interessante.

Sam viu a assinatura ao mesmo tempo que Shrader.

—Mario Angelini? — Disse ele.

—Isso foi o que também li, assim esta manhã, eu assisti a fita de vídeo de cada pessoa que assinou o livro de visitas, enquanto ia pontuando seus nomes, e isto foi o que descobri... — Ele virou-se para o VCR no armário. A fita já tinha parado no final, e ele fez um rápido e breve retrocesso, então apertou o play enquanto dizia: — Esta é a melhor imagem que temos do emissário de Valente: a senhora Marie Angelini. —A gravação mostrava uma mulher grisalha e muito bem vestida, que apertava as mãos de Leigh Manning.

—Qual é a relação? —Shrader perguntou..

—Marie Angelini é a tia de Valente. Ela o criou junto com seus filhos Angelo e Dominick. Ângelo morreu em uma briga 25 anos atrás, quando ele estava com pouco mais de vinte anos. Dominick, cuja imagem que vocês têm, tornou-se contador público e tem sua própria empresa. Adivinha quem é o seu maior cliente ?

—Valente. — disse Womack.

McCord assentiu.

—Correto. Valente, com todas suas muitas e variadas companhias. Uma dessas companhias, entre as de menor tamanho, está um restaurante e mercado em East Village, chamado Angelini's. De acordo com os registros que existem na Secretaria estatal em Albany, Marie Rosalie Angelini é a única proprietária, mas quando o FBI investigou Valente descobriram que ele contribuiu com todo o capital para o novo restaurante e a expansão do mercado original ao lado. Ele também é o proprietário dos edifícios em que se encontram.

—Eu ouvi falar do Angelini's. — gaguejou Sam—. É um restaurante muito famoso. Leva semana para conseguir uma reserva.

—Tanto o mercado como o restaurante são negócios que trabalham em efetivo. —comentou Womack.— O que os torna um lugar muito conveniente para Valente lavar dinheiro.

—Isso é o que os procuradores da República pensam, mas não puderam provar. — McCord fez uma pausa para desligar o videocassete e, depois, olhou para as pessoas que se reuniam em torno de sua mesa. —Agora vamos falar sobre o que sabemos e o que precisamos encontrar. Neste momento, a única coisa que sabemos é que alguém sustentou o trinta e oito contra a têmpera direita de Manning e estourou seus miolos. Depois limpou suas impressões digitais da arma, colocou a mão de Manning em torno dela e atirou novamente, desta vez através da janela aberta do lado do passageiro do veículo.

O laboratório ainda está trabalhando com as fibras, os cabelos e as partículas que a CSU recolheu do veículo e da casa, mas isso levará tempo e não estou contando com alguma grande revelação do laboratório. Acredito que seja possível, até mesmo provável, que Valente e Leigh Manning estivessem juntos na cabana em algum momento, limpando tudo. Sabemos que Manning bebeu vinho com alguém antes de morrer, mas as duas taças foram lavadas —com neve, suponho— e depois

cuidadosamente limpas para eliminar todas as impressões. O piso do armário estava coberto de pó, mas o resto do piso foi varrido para que não ficasse nenhuma pegada.

Ele pegou o bloco de papel amarelo e observou suas notas antes de dizer:

—Isso é tudo o que sabemos no momento. A fim de reunir provas contra Valente precisamos demonstrar que ele está envolvido com Leigh Manning. Também precisamos descobrir se Logan Manning sabia. Se ele suspeitava que sua mulher estava deitando com Valente, então ele provavelmente disse a alguém. Temos de descobrir com quem ele falou, e o que ele disse. Eu gostaria de saber por que, de repente convidou Valente a sua casa para a festa, e também qual foi a verdadeira razão pela qual comprou a arma. Eu acho que é possível que ele tenha comprado por causa de Valente. É até possível que ele convidou Valente para a cabana nas montanhas e que o tenha ameaçado com a arma ou tenha tentado usá-la contra ele.

—Leigh Manning não vai conversar conosco sobre Valente, mas você pode apostar que confiou alguns dos detalhes românticos de sua aventura a outra pessoa, provavelmente uma mulher. Nunca conheci uma mulher capaz de manter segredo absoluto um caso extraconjugal. Precisamos descobrir com quem ela falou e o que disse.

—Por outro lado, eu posso garantir que Valente não falou com ninguém sobre qualquer coisa, assim não tem sentido procurar seus confidentes. Estou tentando conseguir o registro das ligações de Valente, mas não espero ver neles nenhuma ligação para Leigh Manning. Ele é muito ardiloso para isso. Sem dúvida usou um telefone que é impossível rastrear a chamada até ele.

Womack esfregou o ombro e disse:

—Eu só quero ter bem claro sobre o que estamos procurando, tenente. Obviamente, queremos atribuir a Valente o homicídio de Manning. Mas quando falei com o capitão Holland esta manhã, tive a impressão que também estamos tentando usar a investigação do homicídio de Manning como uma forma de investigar Valente também em outros aspectos.

—A resposta a essa pergunta tem três partes, assim me escute com muita atenção, Womack. Primeiro, queremos atribuir o assassinato de Manning em quem o matou e quem

conspirou com o assassino. Não tenho nenhuma dúvida de que Valente conspirou com Leigh Manning nesse assassinato. Segundo, queremos usar a investigação desse homicídio como um mérito para investigar Valente de todos os ângulos possíveis. Isso deve ser mais fácil para nós do que para o FBI, porque no processo de investigar um assassinato a nível local, estaremos em condições de conseguir que os juizes locais nos autorizem a intervir nas linhas telefônicas, mandados de busca, e tudo aquilo que precisarmos. Terceiro, e isto é tão importante como o primeiro e segundo ponto, o capitão Holland não é quem manda nesta investigação: sou eu. Eu devo responder diretamente ao Comissário Trumanti e, durante todo o curso desta investigação, vocês devem responder a mim, não ao capitão Holland. Está claro?

Womack parecia fascinado e agradável, mas não particularmente intimidado.

—Sim, ouvi, tenente.

— Ótimo. No futuro, se você tiver dúvidas ou comentários, traga-me e não ao capitão Holland. Eu o mantereii informado quando o considerar necessário. Isto também ficou claro?

Womack assentiu e McCord pareceu satisfeito.

—Nós já tivemos uma revés com Valente.

—Qual retrocesso é esse? — Perguntou Shrader.

—Desde que a mídia descobriu que Leigh Manning estava com Valente em seu helicóptero na semana passada, estiveram fazendo especulações e investigações por conta própria e, por conseguinte, armando um escândalo. Valente sabe e se mostrará ainda mais cuidadoso que o normal. Nosso trabalho é obter informações sobre ele através de testemunhas, sem parecer muito interessado nele.

—É uma pena que não tenhamos podido pedir a mídia que não interviessem. — disse Shrader.

McCord deu uma risada curta e sem alegria.

—Nem pense nisso. Se você pedir aos jornalistas para não interferir em uma investigação como esta, eles não só a intensificarão mas, também começarão a investigar em busca de uma conexão ou cumplicidade.

Ele caminhou até o quadro-negro e pegou um pedaço de giz amarelo.

—Muito bem, vamos começar a falar com as pessoas. Graças a senhora Manning temos carta branca para interrogar todos que ela e Manning conheciam, incluindo a sua psiquiatra e os sócios de negócios de Manning. Vamos começar com os nomes que ela mencionou. Faremos uma lista preliminar, e ver onde eles nos levam.

Escreveu quatro nomes no canto superior esquerdo. *Jason Solomon, Sheila Winters, Theta Berenson, Sybil Haywood.*

— Naturalmente, nós vamos querer falar com as pessoas no escritório de Manning. — Enquanto dizia escreveu Urbanizações Manning debaixo do nome Sybil Haywood. Calou um momento e olhou por cima do ombro. — Há uma pessoa mais com quem deveríamos falar logo. — Escreveu o nome de Jane Sebring no quadro, então voltou e disse: — Eu estava assistindo o vídeo ontem à noite, e pareceu-me que a senhorita Sebring parecia incomumente perturbada para uma deusa do sexo ambiciosa e egocêntrica, com fama de usar todos os que conhece para obter seus fins.

—De onde sabe tanto sobre ela? — Shrader perguntou, com a testa franzida.

—Na semana passada saiu no Enquirer.

Shrader soltou uma gargalhada.

—Você lê o Enquirer, tenente?

—É obvio que não. Por acaso vi a nota na capa, —ao dizer olhou para Sam e sorriu como se estivesse compartilhando uma brincadeira privada com ela — enquanto eu estava em pé na fila do supermercado.

Ao invés de compartilhar com sua piada, Sam levantou as sobrancelhas e olhou para ele com uma expressão de "*E então?*"

Ele pareceu um pouco desprezado pela atitude distante de Sam.

—Shrader, —continuou— você e Womack comecem entrevistando as pessoas no escritório de Manning hoje... —Calou para atender o telefone. —McCord, —ele disse irritado, mas sua expressão mudou um momento depois. Cortou a comunicação e olhou aos três detetives. — O bom samaritano que resgatou Leigh Manning na noite do acidente acaba de aparecer.

—Onde ele está?? —Perguntou Shrader.

—Lá embaixo, com seu advogado. Ele quer fazer um acordo antes de falar com conosco.

—Que tipo de acordo? — Perguntou em seguida Womack.

—Eu não sei, mas vamos descobrir.

Capítulo 36

Shrader e Womack observaram através do espelho unidirecional como o homem que tinha apelidado de "*Bom Samaritano*" sentou-se com sua na sala de entrevistas. McCord e Littleton se sentaram à mesa frente a eles.

— Eu sou Julie Cosgrove. — disse a advogada — E este é o senhor Roswell. — Roswell tinha aproximadamente sessenta e cinco anos, um rosto bronzeado e dissoluto, dentes ruins, e um sorriso nervoso e culpado. A jaqueta estava rasgada no cotovelo direito, e o boné que ele educadamente tirou ao sentar-se proclamava que era um aficionado dos Coor*.

— O senhor Roswell tem respostas para todas as suas dúvidas. — continuou a advogada— No entanto, queremos que a sua garantia de que se ele lhe dá uma declaração, nada do que ele disser que aqui será utilizado para processá-lo.

McCord se recostou na cadeira, braços cruzados e batendo o lápis sobre o bloco de papel amarelo que levou para a sala de entrevista, até que Roswell se contorceu na cadeira olhar inquieto para a sua advogada.

— Exatamente pelo que ele pensa que poderíamos processá-lo? —Disse finalmente McCord. — Fora reter informações e abandonar a cena de um acidente.

— Ele não abandonou a cena do acidente. Ele levou a vítima a um lugar seguro e pediu que alguém chamasse solicitando ajuda. Quanto a reter informação, a Quinta Emenda lhe outorga o direito de reter informação que poderia automaticamente incriminá-lo. Ele está aqui agora porque encontraram o senhor Manning assassinado e nos jornais dizem que você acha que poderia existir uma conexão entre o homicídio e quem quer que encontrou a senhora Manning naquela noite e depois desapareceu.

— Qual é a razão pelo qual ele teme que possamos processá-lo? — Repetiu McCord, implacável.

A advogada pigarreou.

* Marca de cerveja

— Por dirigir sem ter uma habilitação válida em Nova Iorque na noite de 25 de novembro.

Em comparação com as coisas que Sam esteve imaginando, essa era uma infração tão sem importância que esse temor era absurdo e ela apertou os lábios para esconder um sorriso rebelde. Até a voz de McCord perdeu seu tom irado.

— Visto que esse delito não se cometeu em minha jurisdição, não posso garantir isso. Entretanto, sim posso garantir que não me sentirei obrigado a informar às autoridades locais de Catskills nem a polícia estatal o que agora sei. Será que basta?

A advogada olhou para seu cliente e o tranquilizou com o olhar.

— Adiante, Wilbur, diga-lhes o que aconteceu aquela noite.

Roswell torceu nervosamente o boné entre seus dedos calejados e seu olhar passou do rosto de McCord para o de Sam porque, obviamente, era menos intimidante.

— Naquela noite eu estava dirigindo pela estrada, um pouco depois das onze, mas eu não tinha bebido nenhuma gota, eu juro. — Levantou a mão direita para dar ênfase a seu juramento. — Nevava forte e de repente vi um vulto escuro e grande ao lado da estrada, quase pendurado em um monte de neve. Me aproximei e vi que se tratava de um corpo.

Ele olhou para a mesa.

— Eu não deveria estar dirigindo porque minha licença foi suspensa por dirigir embriagado, assim no princípio decidi não parar, mas, bem, não podia deixá-la ali para morrer congelada. Assim freei e a levei para o meu carro; depois a um motel. Despertei o gerente noturno e ele me ajudou a pô-la em uma quarto. Ele disse que eu deveria ficar ali até que chegasse a polícia ou a ambulância, mas eu sabia que, se a polícia chegasse, me pediriam nome e endereço e minha carteira de motorista. Assim eu lhe disse que ficasse com ela na quarto enquanto eu ia no carro para buscar seus pertences, mas em vez disso parti.

Visto que ele tinha falado diretamente com ela e evitava McCord, Sam assumiu o interrogatório.

— Você a ajudou, mesmo sabendo que corria perigo. — resumiu ela com um sorriso. — Isso diz muito sobre o tipo de homem que você é, Sr. Roswell.

Depois de viver com seis irmãos, Sam conhecia bem a diferença entre um homem que simplesmente sentia-se envergonhado por um elogio e um que se sentia culpado porque

sabia que não o merecia. Assim que Roswell desviou o olhar, ela soube que caía na segunda categoria e que sua intuição original a respeito de sua história era correta. Sem alterar o tom de voz suave e alentador, fez-lhe uma pergunta:

— Você disse que a razão pela qual parou foi porque não podia deixá-la ao lado da estrada, para que morresse de frio?

— Sim. Quero dizer, sim, senhora.

— Estava escuro e nevava. Como você sabia que esse "vulto grande e escuro" era uma mulher e não um homem?

—Bom, não soube até estar bem perto.

—Mas quando parou o carro para ajudar, você sabia que a pessoa deitada no estrada ainda estava viva, não é? Por isso tinha que parar e ajudar, por isso não podia deixar a mulher ali para que morresse de frio, não é assim? Você tem um problema de alcoolismo e perdeu sua licença para dirigir, mas basicamente é um homem decente, até mesmo corajoso, não é?

— Não sei, visto que nunca antes ninguém me chamou de decente, nem corajoso. —disse, perturbado.— Ninguém me disse isso.

— Tenho boas razões para dizê-lo, senhor Roswell. Quando você parou para ajudar a senhora Manning e a levou ao motel, você não só estava preocupado que a polícia descobrisse que estava dirigindo sem licença. Você estava com medo que eles examinassem seu veículo, comprovassem que esteve nesse acidente e até mesmo culpá-lo por isso. Você arriscou muito naquela noite, a fim de ajudar a Sra. Manning, não é?

Seu rosto ficou pálido.

— Eu... —começou a dizer, mas sua advogada pôs uma mão sobre sua manga para detê-lo. — Não diga mais nada, Wilbur. Nenhuma palavra mais.

Para Sam, ela disse.

— O senhor Roswell disse-lhes tudo o que ele sabe sobre aquela noite.

Sam ignorou-a e olhou para Wilbur Roswell. Com voz suave e um leve sorriso continuou:

— Então me deixe dizer-lhe algo que ele não sabe. A senhora Manning nos disse que naquela noite praticamente tinha parado o seu veículo em uma curva perigosa e fechada com condições climáticas extremamente perigosas. Eu mesma vi essa curva e se eu estivesse dirigindo o carro do Sr. Roswell, naquela noite, tampouco teria podido frear a tempo. Se alguém for responsável pelo acidente, atrever-me-ia a dizer que provavelmente foi a senhora Manning.

— Entretanto. —insistiu a advogada com serenidade - Meu cliente não tem nada mais a dizer. Se ele conduzia o outro carro envolvido nesse acidente, e que não é meu entendimento, então a sua garantia de que o acidente foi culpa da Sra. Manning

não significa nada. No melhor dos casos, ela poderia discordar, poderia tentar processá-lo em tribunal civil, e você poderia tentar processá-lo por deixar a cena de um acidente, no mínimo.

Sam apoiou os cotovelos sobre a mesa e apoiou o queixo em suas mãos entrelaçadas.

— Sua advogada tem razão, senhor Roswell. Entretanto, se você não esteve bebendo aquela noite...

— Não estive bebendo e eu posso provar isso!

— Eu acredito em você. E se você pode provar isso, vou depor em seu nome, em qualquer ação civil que a senhora Manning possa iniciar, alegando que o acidente era inevitável. Além disso, conheço a senhora Manning e realmente não acredito que ela seja o tipo de pessoa que processaria o homem que salvou sua vida e se arriscou

a ir para a prisão por isso. Por outro lado, ela não precisa de dinheiro, assim não teria sentido em processá-lo. Se você pode apresentar provas que não tinha bebido, acredito que posso ratificar a promessa que tenente McCord lhe fez, há um momento no sentido de não notificar a nenhuma das outras autoridades, o que você nos disse aqui, nem processá-lo por deixar a cena ou por nenhuma outra coisa. — Sam esteve tão concentrada até esse momento que praticamente tinha praticamente esquecido que McCord estava presente, ou que ela podia precisar de sua cooperação. Ela olhou para ele então, com os olhos implorando para que não arruinasse o bolo. — Será que você concorda com isso, Tenente?

Para sua grande surpresa, McCord sorriu um pouco e seu sorriso se tornou cúmplice quando ele se transferiu para Roswell.

— Eu não sei sobre você, Wilbur, mas eu tenho dificuldade em dizer não a qualquer mulher que me olha assim, não concorda comigo?

Wilbur hesitou, então sorriu para McCord.

— Com certeza ela é bonita. — disse — E ela é muito legal também.

A única pessoa que tinha reservas nesse sentido era a advogada, o que era lógico. Ela franziu o cenho.

— Esse foi um "sim", tenente McCord? Aceita você estender sua promessa de não processar o senhor Roswell se ele admitir que esteve conduzindo o outro veículo nesse acidente?

— Sempre e quando ele possa provar que não bebeu naquela noite. Caso contrário, não há trato.

— Eu não bebi álcool nessa noite! Estive toda a noite no Ben's Place bebendo Coca Cola e jogando pool. Ben confirmará, e assim como todo mundo que estava.

— Excelente! — Exclamou Sam — Agora bem, é importante que deixe de rodeios e que nos diga se naquela noite você conduzia o outro veículo que participou do acidente. Todos estivemos pensando que a mesma pessoa que matou o senhor Manning talvez tentou também matar a senhora Manning fazendo seu carro sair da estrada. Se foi somente um acidente, então precisamos descartar essa teoria e começar a procurar em seguida outros suspeitos, antes de perder mais tempo.

Wilbur Roswell endireitou sua cadeira e bateu seu boné sobre a mesa.

— Foi somente um acidente — proclamou — Eu estava dirigindo naquela noite. Você pode olhar meu carro e ver o meu carro e ver as consequências desse choque.

Sam balançou a cabeça e se levantou.

— Procurarei alguém que venha e tome sua declaração. — Rodeou a mesa e estendeu a mão. — Não me enganei com você. — disse com um sorriso — Você é um homem bom e decente. E corajoso.

Depois apertou a mão de Julie Cosgrove.

— Obrigada por incentivar o senhor Roswell a vir aqui hoje. Foi a decisão correta.

Sam estava abrindo caminho pela sala quando McCord emergiu e se uniu a Shrader e Womack em frente ao espelho unidirecional. Shrader olhou para McCord e riu.

— Quando foi a última vez que você fascinou uma testemunha e depois estendeu

a mão para ele e seu advogado?

— Eu não acredito possuir tanto encanto. — McCord disse ironicamente.

— Ela sim que tem lábia e é convincente. — demarcou Womack — Tinha a advogada comendo na mão.

— O que não é nenhuma surpresa, — disse McCord — visto que Littleton praticamente lhe disse que a senhora Manning era mais culpada do acidente que seu cliente. E, enquanto nós estamos aqui parados, essa advogada mentalmente está redigindo uma carta a companhia de seguros de Leigh Manning exigindo-lhes dinheiro pelos danos ao veículo de seu cliente, etc.

Shrader saiu em defesa de Sam.

— Littleton é novata neste trabalho. Dá-lhe tempo para aprender que é geralmente um erro fornecer qualquer informação nas entrevistas. Ela escorregou um pouco, isso é tudo.

McCord o olhou com expressão cética.

— Littleton não escorregou. Ela fez isso em propósito.

Capítulo 37

— Você fez isso de propósito?— Perguntou-lhe McCord quando estavam no carro dele a caminho do apartamento de Jason Solomon em West Broadway, Soho.

— Roswell e sua advogada tinham direito de saber que informações a senhora Manning nos deu em sua primeira declaração sobre o acidente. Você viu como ele estava vestido. Aposto que ele não tem recursos para reparar o seu carro, e eu tenho certeza que ficou muito danificado com o acidente. Shrader e eu vimos o lugar aonde aconteceu o acidente, eu conduzi o carro por essa estrada. É uma curva cega e ela praticamente parou o veículo na estrada. O milagre é que os dois não tenha se precipitado pela encosta. Além disso, —concluiu Sam e encolheu os ombros—tenho certeza que o seguro da senhora Manning cobrirá os gastos que Roswell exigir.

McCord a olhou com curiosidade.

— Você pensou que a minha pergunta era uma espécie de crítica?

Foi exatamente o que Sam tinha pensado. Ela olhou para ele com surpresa.

—De maneira nenhuma. Por quê?

— Eu não sei. Eu só tenho a sensação que você está ... —McCord começou a dizer "*zangada comigo*", mas em seguida reprimiu esse impulso absurdo. De maneira nenhuma ia permitir que Sam pensasse que o afetava o fato dela estar zangada com ele. E o certo era que não importava, porque jamais permitiria que importasse.

O humor desenvolvido de Littleton o divertia, sua inteligência o fascinava, e seu rosto era elegante, de ossos delicados e uma boca suave eram um presente para seus olhos. Cada um destes traços lhe interessavam em um nível impessoal, quase intelectual, mas, combinados, criavam uma totalidade que, em um nível

completamente distinto, eram desconcertantemente desejável. Mesmo assim, ele era muito sábio, estava muito cansado e era muito experiente para permitir que uma mulher assim descobrisse que podia deixá-lo zozinho... Especialmente no trabalho.

Ela tinha escolhido uma carreira na aplicação da lei, que significava que ela devia levar seu próprio peso, enfrentar seus próprios problemas, tomar suas próprias iniciativas e abrir suas próprias portas. Ele sabia como fazer seu trabalho; ela precisava aprender como fazer o seu. Ela era sua companheira, - temporariamente - mas ela não era igual a ele.

Ele sabia que Littleton tinha tomado sua pergunta sobre Roswell como uma crítica, mas esse era um problema dela, não dele. Também estava seguro que Littleton estava chateada com ele por alguma coisa mais, mas embora sentisse o inapropriado impulso de esclarecer com ela, também sabia que seria um total desperdício de tempo. Sam Littleton era uma bela mulher que iria tentar empregar truques femininos. Isso significava que se perguntasse se estava zangada com ele por algum motivo, ela faria o que as mulheres fazem nessas ocasiões: negar que alguma coisa estava errada e depois seguir agindo como se algo estivesse errado, na esperança que ele fizesse o que todos os homens fazem nessas ocasiões: implorar uma explicação, atormentar-se pela resposta, pedir indícios e depois atormentar um pouco mais. Infelizmente para ela, quando se tratava dessa tipo de jogos entre os sexos, Sam Littleton tampouco era seu igual. Ele já conhecia bem todos esses jogos e já não representavam um desafio para ele: eram previsíveis e aborrecidos. Também eram perigosos e não tinham lugar no trabalho.

Havia uma vaga de estacionamento muito próximo do edifício de Solomon, e McCord conduziu o carro até ali e centrou sua atenção em estacionar.

Ao lado dele, Littleton tinha percebido que ele não terminou a frase e, ela gentilmente repetiu para ele, fazendo-o sentir como o considerasse um velho de cem anos de idade e esquecido.

— Você tem a sensação de que eu estou...o quê?

Ele olhou para seus celestiais olhos castanhos e pela primeira vez percebeu os reflexos dourados que tinham.

— Tenho a sensação que você está chateada comigo por alguma coisa. — disse ele e depois não pôde acreditar que houvesse dito. Aborrecido consigo mesmo, ele esperou a negação inevitável.

— Eu estou. —disse ela em voz baixa.

— Ah, sim? — Ele ficou tão impressionado diante do fato dela ter admitido e sem qualquer rancor, e a olhou em silêncio.

Depois de um momento, ela sorriu um pouco e o brindou com outra pergunta.

— Você gostaria que eu lhe dizer por quê?

Um sorriso se formou no rosto de McCord.

— Vamos ouvir.

— Tenho plena consciência que sou uma novata e que devo me sentir extremamente afortunada por estar trabalhando neste caso com você. Na

realidade não esperava ficar tão impressionada com você no primeiro dia, mas fiquei. Além de ser uma pessoa muito organizada, —disse com um sorriso fugaz — me deu a impressão de ser um líder que merece ser. Não só isso, mas eu também honestamente pensei que ia ser um desses raros líderes que também trabalham com sua equipe.

McCord teria se sentido mais lisonjeado com seus comentários se não tivesse instantaneamente percebido que ela estava deliberadamente inflando seu ego porque queria estar segura que ele caísse no chão com força quando ela o perfurasse. Decidiu que, pelo visto, ela era muito habilidosa nesse jogo.

— E agora, por alguma razão, deu-se conta que sou um tremendo imbecil?

— Não, absolutamente. — ela disse, com o olhar direto e desconcertantemente honesto. — Mas você é um tipo que gosta dos jogos, do mesmo modo que todos os outros tentaram jogar comigo. E eu sou apenas uma mulher que equivocadamente esperava que você fosse melhor que isso.

— Que diabos eu fiz para cair tão baixo em sua estima?

— Você sabia que Valente estava com Leigh Manning na noite em que informamos que tínhamos encontrado seu marido morto, mas não me disse. Essa era uma informação importante, mas a reteve e deixou que eu me inteirasse acidentalmente no dia seguinte.

— Eu queria que você descobrisse por si mesma.

— Por quê? —Perguntou ela. — Para que você estivesse certo e eu ingenuamente estivesse errada a respeito de Leigh Manning durante vinte e quatro anos?

— Eu queria que você descobrisse por si mesma que foi ingênua e que estava errada.

— Sério? — Disse ela — Você acha que esta é uma técnica de liderança efetiva em uma importante investigação de homicídio? Teria feito isso com Shrader?

—Não. —foi a resposta lacônica dele.

— Teria feito com Womack?

Ele balançou a cabeça.

— Então eu só posso supor que você fez isso comigo porque eu sou mulher e queria "*me ensinar uma lição*" para colocar-me no meu devido lugar.

McCord a olhou durante tanto tempo que Sam começou a pensar que não ia responder. Quando o fez, ela ficou sem fala.

— O fiz porque nunca vi um detetive mais promissor que você. Tem mais talento, intuição e... —ele hesitou, procurando a palavra apropriada, e encontrou uma que parecia inadequada para essa circunstância. — E mais coração do que eu encontrei. Eu queria que aprendesse uma lição dura mas indolor sobre envolver-se emocionalmente com alguém a quem está investigando.

Calou-se por um momento e então disse:

— Mas, isso não muda o fato que você estava certa e eu estava errado na forma em como lidei com você. Eu nunca teria feito isso para outro detetive do sexo masculino. Eu teria dito a ele, quando deixamos o edifício que ele tinha acabado de presenciar um ato convincente de uma mulher cujo amante estava escondido na sala ao lado.

Ela olhou para ele com um misto de admiração e surpresa, como se ele fosse algo assim como um herói por reconhecer que estava errado e, para desgosto de McCord, ele descobriu que gostava bastante que Sam o olhasse dessa maneira.

— Peço desculpas.— disse ele quase secamente — Não vai acontecer novamente.

— Obrigada. — ela disse simplesmente e depois lhe dedicou um sorriso repentino e envergonhado. — Na verdade, eu acho que talvez tenha dado a isto muita importância. Não esperava que você fosse tão justo e razoável.

McCord riu e pegou na maçaneta da porta do carro.

— Aceite meu pedido de desculpas, Sam, e não desista agora. Você ganhou de forma justa.

Ele saiu do carro e ela fez o mesmo. McCord estava satisfeito com o resultado da conversa e não percebeu que a tinha chamado de Sam, até que foram andando lado a lado na calçada. Ele disse a si mesmo, isso não significava nada. Agora tudo estava bem, exatamente como antes. Nada havia mudado nesses poucos minutos de conversa franca. Eram detetives, companheiros e nada mais.

Quando chegaram ao prédio de Solomon, ele se adiantou e educadamente abriu a pesada porta para ela.

Capítulo 38

Jason Solomon os recebeu com uma toalha sobre os ombros e vestígios de creme de barbear no queixo e no pescoço.

—Entrem, entrem. —disse ele, enxugando o creme de barbear com a ponta da toalha.— Dê-me dois minutos para terminar de me vestir, e depois vamos conversar.

Fez-lhes gestos que entrassem e Sam passou a vista por esse loft* espetacular que era tão teatral e interessante como o homem que o pertencia. Os pisos eram de carvalho, pontuada por grosso tapetes coloridos, móveis elegantes e modernos estofados em caramelo. Uma escada curva com corrimões de aço lustrado subia para o segundo andar à esquerda do living, ao mesmo tempo em que à direita havia uma lareira brilhante de quartzo branco no canto direito. Mas tudo isso, os pisos, paredes e móveis em cores neutras, era só uma cortina de fundo para uma das mais assombrosas coleções de arte abstrata que Sam nunca tinha visto.

Fabulosos quadros do Paul Klee, Jackson Pollock e Wassily Kandinsky pendurados em uma parede, enquanto que na outra se observava uma série de quatro grandes retratos de Jason Solomon com reminiscências do trabalho de Andy Warhol. Sam se aproximou deles para olhar a assinatura de seu autor. Pareceu-lhe familiar, mas não o suficiente para associá-lo com outras obras de arte moderna que tinha visto. Quem quer que fosse "Ingram", era um pintor excelente, mas não muito original. O quadro psicodélico a óleo que havia sobre a lareira era também de Ingram, mas esse sim era muito original e também

* Um andar convertido em um apartamento ou estúdio de artista.

representava Solomon, esta vez com brasas em lugar de olhos e fogo saindo de seu crânio.

Acima deste, pendia um óleo descontroladamente exuberante que consistia em salpicaduras de cores primárias que Sam identificou em seguida como um trabalho de Theta Berenson.

McCord entrou atrás dela e se manteve tão perto que Sam podia perceber vestígios do Irish Spring, o mesmo sabão que ela usava na ducha. A voz dele foi um sussurro quando perguntou:

—Você gosta de tudo isso?

—Sim, muito.

—O que supõe que são?

Sorrindo, ela virou a cabeça.

—Tudo o que quiser que seja.

A observação de Jason Solomon ao entrar no living a fez dar um pulo por sentir-se surpreendida e um pouco culpada.

—Estou interrompendo alguma coisa?

—Sim. —McCord disse calmamente— uma lição de arte moderna. A detetive Littleton está encantada com sua coleção. Aonde podemos conversar? —Perguntou abruptamente, pondo assim um ponto final no bate-papo social.

— Vamos à cozinha. Eric está preparando o café da manhã. — Solomon os conduziu a uma cozinha enorme, ensolarada e ultramoderna de carvalho e aço inoxidável. Eric estava de pé em frente à mesa, com uma jarra com suco de laranja em uma mão e uma garrafa de vinho branco na outra, e vertia um pouco de cada líquido em uma taça. Eric era um homem de aparência agradável de pouco mais de trinta anos, levantou a vista quando eles entraram e os saudou com uma cordial inclinação de cabeça.

—Gostariam de comer alguma coisa? —Perguntou Solomon e se sentou à mesa.

—Não, é um pouco perto demais do almoço. —respondeu McCord.

—Então, algo para beber, uma das especialidades de Eric?

Sam olhou a garrafa de vinho e recusou o oferecimento.

—Não, é um pouco perto demais do café da manhã para isso.

Satisfeito por ter cumprido com seus deveres de anfitrião, Solomon cruzou os braços sobre a mesa e olhou para McCord.

—O que você descobriu sobre a morte de Logan?

—Na verdade, estávamos esperando que você pudesse responder algumas perguntas para nós que poderiam nos colocar no caminho certo. Neste momento estamos reunindo informação, esperando que alguém diga algo que apontem a direção correta.

—Direi-lhes tudo o que souber.

—Há quanto tempo você conhece Leigh e Logan Manning?

Antes que ele pudesse responder, Eric se aproximou da mesa com uma prato com ovos mexidos, uma fatia de melão, uma torrada e um copo de suco de laranja.

—Este é Eric Ingram. —disse Jason — Eric é um cozinheiro fabuloso.

—Ingram? — Repetiu Sam— Você é o autor dos retratos de senhor Solomon que

há no living?

Eric sorriu com um pouco de desconforto e assentiu.

—Eric não fala muito, e nunca sobre si mesmo.— explicou Solomon com tom jovial— É por isso que nos damos tão bem: eu falo pelos dois.

Eric já havia recuado para a área da cozinha, mas McCord o olhou por cima do ombro e disse:

—Não hesite em unir-se ao grupo, senhor Ingram, se alguma coisa do que ouvir lembrar alguma recordação em você. Em minha experiência, a pessoa que fala menos é a que com frequência observam mais. — Para Solomon recordou: —Você ia me dizer quanto tempo você conhece Leigh e Logan Manning.

Solomon pensou enquanto comia um pouco de ovos mexidos.

—Vamos ver, deixe-me pensar. A primeira vez que eu os conheci, foi quando eles assistiram uma peça que eu tinha escrito, chamada "O tempo e uma garrafa", que se representou em um teatro independente. Foi um de meus primeiros trabalhos e, embora os críticos dissessem que representava uma grande promessa, a obra nunca prendeu o público. Ainda me pergunto se...

—Quando foi isso?

—Treze, não, talvez 14 anos atrás.

—Ótimo. Vamos focar nos últimos meses. Você sabia que a Sra. Manning acreditava que alguém a estava perseguindo?

—Sim, certamente. Leigh estava muito assustada. E Logan, mais ainda, só que não queria que ela soubesse.

—O que ela disse sobre esse perseguidor ?

—Leigh disse que ele lhe enviou alguns presentes, e que lhe telefonara algumas vezes. Logan e ela tentaram rastrear o segundo telefonema, mas foi feito de um telefone público de Manhattan.

—Ela pode ter conhecido seu perseguidor sem perceber. É possível que ele estivesse sempre perto do teatro com alguma desculpa ou a esperasse fora quando ela saía. Além de seu marido e dos integrantes do elenco e os técnicos do teatro, você viu à senhora Manning com outros homens? Não descarte nenhum,—adicionou McCord— por mais irrepreensível que lhe pareça.

McCord esperava que viesse a tona o nome de Valente. Sam sabia, e escutou enquanto Jason Solomon recitava alguns nomes sem importância, mas no fundo ela não estava convencida que Leigh Manning houvesse colaborado conscientemente com o assassinato de seu marido. Sam vira Leigh Manning no hospital, a vira na cabana quando seu marido não estava ali e, para ela, essa mulher exibira todos os sinais de uma esposa frenética, amante e aterrorizada.

No dia do funeral de Logan Manning, Sam praticamente não tirou os olhos de cima da nova viúva, e o que viu foi uma mulher valente que lutava para agir com dignidade embora estivesse emocionalmente destruída e fisicamente esgotada. Sam estava disposta a acreditar que Valente a desejava o suficiente para se livrar do marido, mas não podia acreditar que Leigh Manning soubesse nada das intenções de Valente.

Por outro lado, Sam lembrou a si mesma com severidade, ela não teria

acreditado que Leigh Manning estava tendo um caso com Valente em primeiro lugar, mas todas as evidências indicam claramente que a atriz havia mentido sobre seu relacionamento com ele e que estava tentando esconder de todos... Mas se Leigh Manning simplesmente queria se livrar de seu marido, por que matá-lo? Sam perguntou-se. Por que não pedir o divórcio, em vez disso?

O assassinato de um cônjuge geralmente era motivado por raiva, ciúmes ou vingança; entretanto, pelo que sabiam, Leigh Manning não tinha motivos para abrigar nenhum desses sentimentos contra seu marido.

Por mais absurdo que Sam soubesse que era sua atitude, não podia aceitar que Logan Manning foi assassinado por sua esposa ou por Valente simplesmente porque assassiná-lo parecia conveniente. Eles tinham que ter outras razões para cometer tal ato hediondo.

Solomon tinham acabado de recitar os nomes e McCord adotou outro enfoque com suas perguntas.

— Você diria que os Manning se davam bem e eram um casal feliz?

Solomon assentiu.

— Eles se davam asquerosamente bem e eram repugnantemente felizes. — declarou ele com uma tentativa de humor.

Nesse momento Sam olhou por acaso para Eric e viu seu rosto apertar.

— Senhor Ingram? — Interrompeu ela — Você tem a mesma opinião? Acha que o senhor Manning era dedicado a sua esposa?

— Sim, detetive, isso me pareceu.

Sam achava que sua resposta deixava margens para algumas interpretação, mas McCord não estava interessado em Logan Manning, estava interessado em sua esposa.

— E o que me diz de Leigh Manning? — Perguntou a Eric — Ela também era dedicada a seu marido?

— Decididamente.

McCord se dirigiu novamente a Solomon.

— Imagino que a senhora Manning esteve submetida a muita pressão nestas últimas semanas, com um homem que a seguia e a estreia de uma nova peça de teatro. Você notou algo incomum em sua conduta que indicaria que estava submetida a muito estresse?

— Por Deus, sim! Todos estamos terrivelmente estressados! Surpreenderia o esforço que significa lançar uma nova peça de teatro. A parte criativa não é o único aspecto envolvido. O aspecto financeiro é um verdadeiro pesadelo: os patrocinadores querem garantias, eles querem retorno sobre seus investimentos, por mais bem-sucedida que resulte a obra, ficam mal quando chega o momento de pôr dinheiro para a próxima peça e a gente tem que tentar de consegui-lo por outro lado. É exatamente isso o que estou fazendo neste momento...

— De modo que você não financia suas obras com seu próprio dinheiro? — Perguntou McCord à toa.

— Oh, sim. Eu invisto uma pilha do meu dinheiro em cada obra, mas não sou o único a arcar com esse peso financeiro. Tem alguma ideia de quanto dinheiro

cobram atrizes como Leigh Kendall e Jane Sebring? O agente de Leigh fez exigências impossíveis, como de costume, mas Logan o persuadiu a ser mais razoável, graças a Deus. Mesmo assim, antes que os patrocinadores possam recuperar seu dinheiro, "Blind Spot" terá que apresentar-se de sala cheia durante um bom tempo.

McCord olhou para o teto, claramente tentando fazer uma conexão entre o que ele estava ouvindo o que ele queria saber.

—Quem são os seus patrocinadores nesta obra? —Perguntou ele distraído.

—Isso é confidencial.

Essa atitude evasiva despertou a curiosidade de McCord, que baixou o olhar e direcionou para o dramaturgo, enquanto um leve sorriso puxava os cantos de sua boca.

—Quando podemos ter uma lista?

Em vez de se enfurecer pela altivez de McCord, Solomon sorriu e encolheu de ombros.

—Amanhã será suficientemente rápido para você?

McCord assentiu.

—Haverá nessa lista algum nome que eu reconheça?

Sam percebeu que McCord já queria levar a conversa para Valente, e a resposta de Jason Solomon a deixou em tensa expectativa.

—Decididamente reconhecerá um nome.

—Qual?

—O de Logan Manning.

—Logan Manning? —Repetiu Sam—Não é um pouco estranho?

—Em que sentido?

Ele estava brincando de gato e rato com ela, e Sam não gostou. Ela o fez pagar por isso, obrigando-o a responder.

—Você é o especialista no mundo do espetáculo. Diga-me você.

—Bom, levemente parece existir certo conflito de interesses, isso o asseguro.

—Por que razão? —Insistiu Sam.

—Porque, por um lado, Logan era responsável por Leigh aceitar receber menos dinheiro por sua atuação na peça. Ao fazer isso, os patrocinadores ganhariam mais.

—Incluindo Logan Manning. —concluiu Sam.

—Correto.

—Leigh Manning sabia que seu marido era um dos patrocinadores da peça?

—Claro que sim. O assunto veio à tona em um jantar, numa semana antes da estreia. Ela pareceu um pouco surpresa, mas não chateada. —Jason levantou a taça e Eric apareceu ao seu lado para enchê-la novamente.

Como se tardiamente, percebendo que dois detetives poderiam tirar uma conclusão errônea do que acabava de dizer, Jason Solomon acrescentou uma explicação.

—Logan disse que sua decisão de ampliar seus lucros como financista ao invés de fazer todos os lucros do salário Leigh estava relacionada com seu imposto de

renda. Os impostos sobre o salário de Leigh seriam de um trinta e nove vírgula seis por cento. Em troca, o imposto sobre os lucros de capital nos investimentos — incluindo o investimento em Blind Spot é apenas vinte por cento.

—Quanto dinheiro ele investiu?

Solomon encolheu de ombros.

—Muito pouco: duzentos mil dólares.

—Só mais uma pergunta. —disse McCord— Você é uma pessoa muito criativa, o qual me diz que é também extremamente intuitivo, e também está acostumado a trabalhar com atores. Você acaba de dizer que Leigh Manning pareceu "surpresa" quando em um jantar descobriu que o assessoramento financeiro de seu marido tinha tido como resultado um ganho maior para ele, mas não para ela. Também disse que os Manning eram um casal feliz. É possível que a senhora Manning, que é uma famosa atriz, estivesse simplesmente oferecendo uma atuação muito convincente, tanto como quando estava no palco?

Solomon espanou as migalhas de pão de seus dedos e limpou a boca com o guardanapo, em seguida, se inclinou para trás na cadeira, cruzou os braços sobre o peito e olhou para McCord por um longo momento, como se medindo-o. Com uma voz surpreendentemente fria, ele disse:

—Aonde exatamente você quer chegar? Está sugerindo por acaso que existe a remota possibilidade de que Leigh tenha matado Logan?

—Eu não estou sugerindo nada neste momento, são só hipóteses.

Mas Jason Solomon não acreditou nem por um momento.

—Isso é exatamente o que você está sugerindo. Em cujo caso, sinto-me obrigado a dar-lhe o benefício de minha opinião intuitiva e completa. O que pensa é uma merda. Você está desperdiçando seu tempo, e você está desperdiçando o meu tempo.

—Excelente. —respondeu McCord com suavidade.— Agora que deixamos de lado as formalidades de cortesia, aonde você estava no domingo 29 de novembro, das três da tarde até as três da manhã seguinte?

Jason ficou boquiaberto.

—Agora acredita que eu assassinei Logan?

—Você fez?

—Que motivo eu teria para fazer isso?

—Deixe-me pensar... Para começar, eu tenho certeza que você tem uma apólice de seguro sobre Leigh Manning. Quanto dinheiro você receberia se a declarassem mentalmente incapaz de retomar o seu papel? Quanto dinheiro economizaria se não tivesse que pagar a Leigh Manning e se Jane Sebring continuasse suprimindo-a?

—Isto é uma loucura! —Jason disse furioso. A campainha tocou e ele olhou para Eric. —Vá abrir a porta, maldição.

—Se minha hipótese parecer muito descabelada, —disse McCord quando Eric se foi— tente esta outra: você é gay e não está absolutamente interessado no pobre Eric, exceto como cozinheiro e servente. Será que gostava de Logan Manning? Por acaso ele o rejeitou quando você fez uma tentativa e isso feriu seu amor próprio?

—Filho da puta! —Disse Solomon em voz baixa.

McCord reagiu a essa calúnia sobre a moral de sua mãe com uma atitude de serena diversão.

—Sempre me surpreende a quantidade de pessoas que conheceram minha mãe.

Solomon o olhou fixo; depois jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

—Eu usarei essa frase em minha próxima peça.

—Se você fizer isso, vou dizer a todos que você é um plagiador.

—Processe-me em troca. Eu... —Calou de repente, surpreso com o som de uma voz feminina em plena histeria procedente do living.

—Saia de meu caminho, Eric! —Gritou ela—. Não me importa com quem está. E tampouco me importa que me ouçam! Esta noite, todo mundo saberá que...

Jason ficou de pé de um salto quase derrubando sua cadeira, assim que Jane Sebring irrompeu na cozinha, o rosto sem maquiagem, com lágrimas escorrendo de seus olhos.

—Um repórter me ligou há alguns minutos. —anunciou ela— Queria minha declaração antes que lançassem a notícia no jornal desta noite.

—Calma, querida. —ordenou, abrindo os braços para ela e dando tapinhas nas costas—. Do que você está falando?

—Eu estou falando de Logan! —Exclamou ela— Um repórter descarado esteve revistando meu lixo e subornou meu porteiro.

Solomon se aproximou mais e observou seu rosto molhado.

—E o que descobriu esse repórter?

—Descobriu que Logan e eu tínhamos um caso! —Exclamou ela.

Com o rosto branco com choque, horror e indignação, Solomon deixou cair os braços e retrocedeu. Sam olhou para McCord, que parecia fascinado; depois observou Eric Ingram.

Parecia aborrecido, mas nada surpreso.

* * *

—Bem, o que você acha agora? —Perguntou McCord a Sam enquanto caminhavam ao longo da calçada para seu carro. Ele estava completamente satisfeito com a chorosa revelação de Jane Sebring. —Diga-me, Leigh Manning tinha ou não motivos para assassinar seu marido?

Sam levantou a vista para o céu azul e pensou. Até poucos minutos antes, não acreditava que Leigh Kendall tivesse participado de nenhum plano com Valente para assassinar seu marido, mas a aventura de Logan Manning com Jane Sebring mudava as coisas...

—Eu quero as respostas de duas perguntas antes de me decidir.

—Que perguntas?

—Eu quero saber se Leigh Manning sabia sobre o caso do marido com Sebring. Eu também gostaria de verificar o alibi que Jane Sebring nos deu para a noite de domingo. Sabemos que Leigh Manning teve que ficar depois da peça da matinê para trabalhar alguns problemas de cenas com Solomon. Mas Jane Sebring diz que deixou o teatro após a matinê e foi diretamente para casa. Alega que se deitou,

mas que se levantou mais tarde, jantou sozinha e viu um filme na televisão. Não é um álibi muito convincente. —assinalou Sam.

—Ela nos disse que filme que ela assistiu, quanto mais provas você precisa?

—Se ela era inteligente o suficiente para fazer com que a mão de Logan Manning rodeasse sua arma depois que explodiu seus miolos, suponho que também teve a inteligência necessária para olhar um guia de televisão quando voltou para sua casa para saber que filme diria que viu. Oh... —disse Sam, ao ver o sorriso presunçoso de McCord. —Acreditei que falava sério.

—Você não quer acreditar que Leigh Manning é culpada, não é?

—Eu não tenho uma preferência.—protestou Sam— Só quero me sentir absolutamente segura.

— Confira o álibi de Sebring. Ela usou um serviço de carro para levá-la para casa após o matinê, assim eles terão um registro. Ela disse que falou com seu porteiro depois de retornar do matinê.

—O mesmo porteiro que aceitou suborno de um repórter para que revelasse seu relacionamento com Manning? Eu ficaria realmente impressionada com a sua integridade .

—Ele não funciona 24 horas por dia. Talvez tenha sido outro porteiro que a viu entrar .

—Ela poderia ter saído de novo sem que ele a visse. Se ela saiu em seguida, poderia ter chegado às montanhas antes que começasse a nevar realmente forte.

—É verdade. —disse McCord e consultou seu relógio— Vamos ao escritório de Manning e ajudar Shrader e Womack a interrogar os empregados.

Capítulo 39

O escritório de Urbanizações Manning estava no décimo quinto andar, justo ao lado do elevador, atrás de um par de imponentes portas duplas que se abriam para uma espaçosa e circular área de recepção, com escritórios e salas de conferências em torno dela. Grupos de sofás curvos e cadeiras arredondadas em tons cereja e azul estavam situadas entre colunas ornamentais de aço inoxidável.

Quando Sam e McCord chegaram, a recepção estava vazia, exceto por uma recepcionista em uma mesa semicircular à sua direita. Ela os encaminhou para um escritório no lado oposto, onde Shrader e Womack estavam entrevistando os funcionários.

— Nós tivemos uma manhã bastante esclarecedora até agora. —disse Shrader— Womack acaba de ir interrogar a secretária de Manning. Vocês conseguiram tirar alguma coisa de Solomon?

McCord rapidamente informou o que averiguaram enquanto estavam na casa de Solomon, então pediu detalhes sobre a manhã de Shrader.

—Acredito que estamos com sorte. —disse Shrader— Um dos arquitetos que trabalha para Manning, George Sokoloff, disse-me que está encarregado de um importante projeto chamado Crescent Plaza que Manning desejava desenhar e construir. Consistia em duas torres residenciais gêmeas unidas por um centro comercial. Adivinha quem era o provável "*investidor secreto*" de Manning?

—Valente. —respondeu McCord com tom satisfeito.

— Certo. Valente e Manning mantinham muitas conversações. E isto é o que faz especialmente interessante esse fato: Sokoloff disse-me que os esboços para o Crescent Lugar eram realmente únicos, realmente espetaculares, e que Valente ficou encantado quando os viu. Valente queria contratar Manning como arquiteto supervisor, mas construir o Plaza ele mesmo. Sokoloff disse que Manning se recusou e foi inflexível quanto a ser um importante parceiro na fase de construção, desenvolvimento e co-proprietário do projeto terminado.

—Valente não gosta de ter sócios. Não é um jogador de equipe.

—Correto. —disse Shrader—Mas na realidade gostou do Crescent Plaza, e Logan Manning não só era o proprietário do desenho, mas também o dono de uma opção sobre o terreno em que o construiria. Suponho que Valente pode ter liquidado Manning para poder conseguir a esposa de Manning e o projeto Crescent Plaza. Agora que Manning está morto, Valente poderá comprar os planos e o terreno, contratar seus próprios arquitetos supervisores e construí-lo ele mesmo. Tenho certeza que a viúva de Manning facilitará muito as coisas.

—Sabe? —Disse McCord com ar pensativo — Eu estou começando a me perguntar se a detetive Littleton não estava certa desde o início. Ela disse todo o tempo que não acreditava que Leigh Manning estivesse envolvida sexualmente com Valente.

— Eu não lembro de ter dito exatamente isso.— Sam interrompeu.

— Você não tem que dizer isso. Você tem esse olhar cada vez que a sugestão vem à tona. Em minha opinião, a aliança entre Valente e Leigh Manning pode ter sido simplesmente um acerto de negócios. Valente queria o projeto Crescent Plaza para ele e ela queria se livrar de seu marido porque a estava traíndo.

Womack entrou nesse momento e ouviu o final da frase.

—Como soube que Manning estava sendo infiel? —Perguntou ele.

—Jane Sebring, a co-estrela, contou esta manhã. —respondeu McCord.

—A co-estrela sabia que Manning tinha relações com sua secretária?

— O que você está falando?

Womack sacudiu o polegar em direção à porta.

— Manning estava trepando com sua secretária. Seu nome é Erin Gillroy. Ela começou a chorar e confessou toda a coisa agora. De quem você estava falando?

—De Jane Sebring.

Womack arregalou os olhos e ele parecia pronto para rir.

— Assim Manning estava trepando com ela, também? Infernos, se eu tivesse uma chance com Jane Sebring, aproveitaria. Essa mulher tem... —Levantou as mãos como se sustentasse seios do tamanho de melões; depois se deteve e olhou para Sam. —Littleton, por que não vai falar com a secretária e vê o que pode tirar dela,

além de lágrimas? Mas trate-a com delicadeza, olhe que se quebra como um ovo cru. A única coisa que perguntei a ela foi quanto tempo ela trabalhava aqui e se estava familiarizada com os hábitos pessoais de Manning. Na primeira pergunta ela começou a chorar e confessou antes que eu terminasse de fazer a segunda.

—Eu gostaria de falar com Sokoloff. — disse McCord, de pé, mas Womack o deteve com uma pergunta.

* * *

Visto que não tinha pressa em falar com uma secretária em prantos, Sam avançou muito lentamente pelo escritório, e parou quando chegou a uma porta aberta que dava para uma enorme sala para reuniões. No centro, sobre uma mesa, havia uma maquete do Crescent Plaza, com seu lugar em forma de meia lua com toques de Art Déco que adornavam as duas altas torres circulares. O modelo era de cerca de cinco metros quadrados e estava completo até em seus menores detalhes, incluindo fontes em miniatura, postes ornamentais, caminhos e paisagens exuberantes.

Um homem de aspecto estudioso e perto dos quarenta anos estava observando a maquete, os ombros levemente abaixados, as mãos cruzadas atrás das costas.

—Esse é o modelo do Crescent Plaza? —Perguntou Sam ao entrar na sala de reuniões para ver melhor a maquete.

O homem virou-se e empurrou os óculos para cima no nariz.

— Sim, é.

— Eu sou a detetive Littleton, do NYPD. — explicou ela.

— E eu sou George Sokoloff. — disse ele.

A atenção de Sam voltou-se para a maquete na frente dela.

— Isso é de tirar o fôlego.—disse ela — As torres me lembram um pouco a parte superior da Edifício Chrysler. Sr. Manning deve ter sido um homem incrivelmente talentoso e deve ter-se sentido incrivelmente orgulhoso disto.

Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, então, rapidamente fechou-a novamente.

— Estou errada?

—Em parte. —respondeu ele. Depois deu de ombros e disse, quase com amargura: —Logan estava muito orgulhoso do projeto; entretanto, agora que está morto, não vejo a necessidade de seguir fingindo que este foi um trabalho que Logan e eu fizemos em colaboração. Tanto o conceito quanto o desenho são totalmente meus. No passado, aceitei que ele assinasse e levasse todo o crédito, em vez de mim. Desta vez, Logan me prometeu que eu seria o arquiteto supervisor e que receberia parte do crédito.

A voz de McCord entrou na conversa, e ambos se voltaram para ele.

— Como você se sente sobre deixar Logan Manning levar todos os créditos, ou se trata de algo típico em empresas de arquitetura?

Sam tentou não pensar na maravilhosa sensação que experimentou ao ver Mitchell McCord entrar na sala. Seu casaco esportivos já não eram muito grande nos ombros; ele havia remediado isso uns dois dias depois que começaram a

trabalhar juntos. Agora eles se encaixam com perfeição, mas ela gostava mais dele com as camisas polo de gola aberta e a jaqueta surrada de couro que usava às vezes. Sam saiu da sala de reuniões e deixou McCord com o arquiteto.

O escritório de Logan Manning estava em um extremo do corredor curvo que se originou na uma parede com painéis decorativos atrás da mesa da recepcionista. Erin Gillroy se encontrava de pé em frente sua mesa, a cabeça inclinada, segurando um punhado de lenços de papel. Levantou a vista quando Sam entrou.

— Senhorita Gillroy, sou a detetive Littleton.

— Olá. — disse ela com voz rouca, mas serena.

— Você gostaria de sentar-se?

— Na realidade, não. Acredito que me sinto menos vulnerável e tola se estiver de pé.

Sam empoleirou-se no canto da mesa de Manning e pegou uma caneta e um caderno de sua bolsa.

— O detetive Womack achou que seria mais fácil para você conversar com uma mulher.

— Sêrio? Ele não me parece ser um tipo particularmente simpático.

Em contraste com a descrição que Womack lhe dera de Erin Gillroy, a impressão que Sam recebeu da jovem foi que não era nada fraca, nem tímida.

— Há quanto tempo você trabalha aqui?

— Quase dois anos.

Sam fez questão de escrever esse dado enquanto decidia como enfocar o seguinte tema, mas ela não precisava se incomodar, porque Erin Gillroy respondeu a pergunta sem ser perguntada.

— Meu relacionamento com Logan Manning começou, e terminou, seis meses atrás.

Sam estudou-a em silêncio, perguntando-se por que ela estava tão disposta a confessar

tudo a dois detetives que eram desconhecidos para ela.

— Quem mais sabia?

Ela apertou os punhos.

— Ninguém! A única pessoa a quem contei foi Deborah, minha companheira de quarto, mas ontem à noite um repórter telefonou e disse-lhe que sabia que eu tive um caso com Logan Manning. E minha companheira de quarto, *minha amiga*, — disse e enfatizou essa palavra com amargura — achou que não seria honesto mentir para ele, assim que contou-lhe tudo. — Olhou para Sam e disse com fúria: — Você pode me explicar como é possível que alguém que lê a Bíblia e a cita o tempo todo, como Deborah faz, pode trair uma amiga e quebrar uma promessa, sem o menor escrúpulo, e tudo isso em nome da "*justiça*". Tudo o que Deborah tinha que fazer era desligar o telefone, ou pegar uma mensagem.

Ela olhou para Sam, esperando por uma resposta, insistindo em uma, e Sam disse que a

única coisa que lhe veio à mente:

—Algumas das pessoas mais cruéis e moralistas que conheço vão à igreja todos os domingos e lêem a Bíblia. Eu não sei como algumas pessoas são capazes de dissociar a sua própria crueldade e deficiências de suas obrigações religiosas e convicções, mas muitos são capazes de fazer isso.

—Deborah é uma delas.

— Como você acha que o repórter descobriu sobre o caso?

— Eu acho que ele não sabia absolutamente nada, ele estava apenas pescando informação! Os jornalistas estiveram ligando para todas mulheres conhecidas do senhor Manning e dizendo coisas assim. Um deles ligou ontem à noite para Jacqueline Probst e disse a mesma coisa, mas Jacqueline ameaçou processá-lo se seu nome fosse mencionado e depois cortou a comunicação.

—Quem é Jacqueline Probst? — Perguntou Sam.

—Uma das arquiteta aqui. Os detetives já falaram com ela. Jacqueline Probst tem sessenta e quatro anos, ou seja que tem idade suficiente idade para ser avó de Logan.

Sam deliberadamente alterou o tópico por um momento.

—Você cuidava de toda a correspondência e as chamadas telefônicas do senhor Manning, tanto pessoais como de negócios?

—Sim.

— Você mantém um registro das chamadas?

Ela assentiu.

—Eu gostaria de ter isso e também alguns outros registros. Temos a permissão da senhora Manning.

—Conseguirei tudo o que quiser. —Distraidamente, deslizou um dedo sobre um peso de papel dourado em forma de pirâmide em sua mesa, em seguida, ela endireitou cuidadosamente a bandeja de couro para correspondência. — Eu simplesmente não posso acreditar que Logan esteja morto.

—Quem pôs fim à relação? —Perguntou Sam—.Você ou o senhor Manning?

—Na realidade, o nosso caso não foi tão importante para ser chamado de "relação". —respondeu Erin e olhou para Sam— Na primavera passada, eu estava noiva e com a expectativa de me casar em junho com uma grande festa que minha família estava planejando por um ano. Um mês antes do nosso casamento o meu noivo me deixou.

Eu fiz todo o possível para que passasse de uma vez o dia do casamento. Comecei a correr, a meditar e tentei de me manter muito ocupada, trabalhando horas extras aqui. Na noite em que deveria ter realizado o ensaio do casamento eu me dispus a trabalhar até tarde e Logan ficou, também. O jantar foi entregue, eu comecei a chorar, e Logan tentou me confortar. Ele sabia o significado do dia para mim. Nesse sentido, Logan era bastante estranho, às vezes ele podia ser completamente desconsiderado, e, entretanto, se lembrava de pequenas coisas que são importantes para as pessoas. Enfim, ele me disse que eu era boa demais para o meu noivo, e abraçou-me pelos ombros e as coisas se precipitaram e terminamos nesse sofá. Ele era tão incrivelmente bonito que meu noivo estava acostumado a

ter ciúmes dele, e suponho que isso foi um dos motivos que embarquei nessa aventura.

Quando ela se calou, Sam cutucou delicadamente.

— E então o que aconteceu?

— Um mês depois, eu atrasei um período e um teste caseiro de gravidez deu-me um falso positivo. Estava frenética. Deborah tinha se mudado para morar comigo apenas semanas antes, mas parecia tão agradável e eu estava... histérica. O certo é que nesse dia terminei contando a Deborah todo o sórdido assunto.

—E foi o que ela disse ao repórter por telefone ontem à noite? — Sam terminou a frase.

Erin assentiu. Parecia sentir-se fisicamente mal.

— Você acha que eles vão mencionar isto, quero dizer sobre mim e Logan nos jornais?

Sam hesitou e depois assentiu.

— Eu acho que é melhor você estar preparada para isso. Mas se serve de consolo, não acho que você vai ser a única mulher que eles mencionarão esta noite.

Erin inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, seu rosto uma máscara de amargura e medo.

—Pobre senhora Manning. Aposto que sei quais serão dois desses outros nomes.

Sam manteve uma expressão indiferente.

—Quais dois nomes se refere?

—Jane Sebring e Trish Lefkowitz.

—Trish Lefkowitz... a relações públicas da senhora Manning?

Primeiro, Erin assentiu e, depois, ela balançou a cabeça.

— Eu não sei. O caso de Trish Lefkowitz aconteceu há quase um ano. Talvez seu nome não virá a tona; Talvez ela saiba como evitar. Por certo que sabe muito bem como lidar com a imprensa.

Capítulo 40

McCord estava sentado em sua mesa, repassando os acontecimentos do dia com Sam, Shrader e Womack. Os três homens estavam fascinados com as aventuras sexuais de Logan Manning.

—Erin Gillroy, Jane Sebring e Trish Lefkowitz. —disse McCord— Uma loira animada, uma ruiva deslumbrante e uma beleza de cabelo negros. Manning não era apenas um homem de gosto eclético em mulheres, ele era um homem de notável coragem.

— Eu não acho que infidelidade seja admirável. — disse Sam, em seguida, ela se perguntava de onde diabos sua explosão tinha vindo. Os meninos eram meninos, e os homens também. Ela sabia disso. As aventuras clandestinas múltiplas constituíam algo assim como uma insígnia de lucro para os meninos e também para a maioria dos homens, se eles admitissem ou não.

McCord a olhou de esguelha, divertido.

— Você obviamente não sabe sobre Trish Lefkowitz, mas eu a conheço há anos. Imagino Manning oferecendo consolo sexual a uma secretária bonita e abandonada por seu noivo praticamente nas vésperas do casamento, isso o faria sentir-se poderoso. Imagino seduzindo uma deusa sexual de Hollywood, isso o faria sentir-se especial. Mas, deitar-se com Trish Lefkowitz? Para isso precisa de muita coragem. Teve sorte de que ela não o transformasse em uma soprano. Essa mulher é como uma aranha viúva negra. Eu teria medo de fechar os olhos se estivesse na cama com ela.

McCord se interrompeu para atender o telefone e Sam levantou e se aproximou da mesa que continha pilhas de arquivos codificados por cores sobre Logan e Leigh Manning, Michael Valente e os amigos e conhecidos dos Manning. Agora também havia uma quantidades de pastas e documentos que tinham trazido com eles dos escritórios de Urbanizações Manning. Shrader, Womack e ela tinham revisado sistematicamente os arquivos de cada indivíduo, tal como McCord como McCord tinha instruído.

Shrader acabava de devolver as pastas sobre Leigh Manning, então Sam pegou aquela pilha para levar para casa com ela.

McCord desligou o telefone, olhando bem satisfeito.

—Era Holland. —disse— Holland tem a ordem judicial que eu necessitava para obter os registros do imposto de renda de Manning, pessoal e empresarial. Shrader, você e Womack entreguem amanhã ao contador de Manning. Uma vez que consigam esses registros, façam cópias de cada um. Guardem uma para que nós possamos revisá-las, mas levem o outra para um auditor especializado em fraudes para que os examine. Se houver algo na declaração de rendimentos de Manning que indique que houve dinheiro que veio de qualquer uma das empresas de Valente, os nossos homens o encontrarão.

— Por que precisamos de uma ordem judicial? — Perguntou Womack— Eu pensei que já tínhamos permissão verbal da Sra. Manning *"para fazer o que achamos que precisamos fazer"*.

—Nós temos, e isso é uma razão pela qual foi tão fácil obter uma ordem judicial. Mas para proteger seu próprio traseiro, o contador de Manning pode nos exigir algo escrito antes de nos entregar qualquer registro. Eu não quero que chame a senhora Manning para lhe pedir permissão, porque sempre existe o risco de que ele vá aconselhá-la contra a carta branca que ela já nos deu. Cedo ou tarde, ela vai amadurecer e revogá-la.

É por isso que eu estou com tanta pressa para conversar com a doutora Sheila Winters. —continuou— Temos o consentimento por escrito de Leigh Manning para que Winters viole o segredo profissional em relação ao seu tratamento de Logan Manning.

Quando a senhora Manning o escreveu, ela não limitou essa permissão somente ao tratamento de seu marido, de modo que a doutora Winters deveria aceitar nos falar a respeito sobre qualquer coisa que tenha dito a senhora Manning durante suas próprias sessões com a psiquiatra.

Shrader sacudiu a cabeça, maravilhado.

— Eu ainda não posso acreditar que ela concordou com isso.

— Ela pediu especificamente para manter a informação confidencial.— recordou Sam aos três.

—Sim, é verdade, —respondeu McCord— mas você, detetive Littleton, só prometeu

que iríamos ser muito discreto. De qualquer forma, —concluiu ele — pensando que era preciso não perder tempo, eu aceitei a primeira entrevista que a doutora Winters podia nos conceder, que resultou ser amanhã. —Olhou para Shrader e Womack. —Vocês dois entreguem amanhã ao contador de Manning a ordem judicial e tragam tudo o que ele lhes der. Littleton e eu iremos ver a doutora Winters. Não sei por que, mas não acredito que ela esteja muito disposta a cooperar.

Capítulo 41

A previsão de McCord provou ser verdadeira. Sam e ele aguardaram por 45 minutos

em uma ante-sala, pequena e elegante antes de serem finalmente admitidos no consultório da doutora Winters, que era decorado como uma linda biblioteca, com tapetes orientais, piso assoalhado escuro, sofás e poltronas de orelhas estofados em couro verde jade.

Com seu cabelo loiro penteado em um elegante coque e seu tailleur Chanel rosado, Sam pensou que Sheila Winters harmonizava com perfeição com o cenário tão elegante.

— Sinto muito tê-los feito esperar.—disse a psiquiatra depois de apertar a mão de cada um deles— Esta manhã tive uma emergência e isso atrasou meus compromissos.

—Apreciamos muito que nos tenha concedido hoje parte de seu tempo. —disse McCord— O caso Manning está se tornando em uma farsa trágica, graças a mídia.

—Tem razão. —disse ela— Pensei que as coisas não podiam ser piores para Leigh, até ontem à noite, quando os jornais começaram a divulgar todas essas histórias a respeito dos supostos romances de Logan.

—Como a senhora Manning está lidando com isso? Suponho que você falou com ela, visto que são muito amigas.

Com muita cautela e muito claramente, Sheila Winters disse:

—Como sua amiga, posso dizer que ela se sente como sentiria qualquer outra mulher nestas circunstâncias. Duas semanas atrás, Leigh tinha uma carreira maravilhosa, uma vida pessoal feliz e um futuro promissor. Desde esse momento, o marido misteriosamente desapareceu, ela sofreu um acidente quase fatal, depois encontraram seu marido assassinado e ela se tornou viúva. Dois dias atrás, ela

enterrou seu marido com dignidade e iniciou o processo de luto por um homem que ela amava e respeitava. Graças a mídia, o mundo testemunhou o funeral, o mundo testemunhou o luto e sua dignidade, e as pessoas se compadeceram e a respeitou.

A fúria tinha jorrado em sua voz, e ela fez uma pausa, torcendo a caneta de ouro em seus dedos longos. Quando falou novamente, sua voz era bem modulada e cala..

—Mas desde ontem, graças a essa mesma mídia, o marido morto de Leigh está sendo descrito como um conquistador compulsivo, e ela, por inferência, como uma mulher cega, tola e patética. Isto prejudicou inclusive sua carreira, porque já não importa se Jane Sebring minta ou não. Como poderá Leigh compartilhar o palco com essa mulher?

Quando terminou de falar olhou para Sam, que sacudiu a cabeça.

—Eu não poderia fazê-lo. —disse— Eu não faria. Eu ficaria tão irritada, tão humilhada, tão ferida e assim que eu não acho que poderia escondê-lo.

Sheila Winters sorriu e ergueu as mãos em completo acordo .

—Você acaba de descrever como se sente Leigh. E como me sentiria também se estivesse em seu lugar.

— É sempre bom saber que sou normal aos olhos de uma psiquiatra.—disse Sam. Isso fez com que Sheila Winters risse.

—O que a faz pensar que os psiquiatras são "*normais*", detetive? —Brincou ela. Satisfeita por ter chegado a um acordo com Sam, ela olhou para o tenente.

— Eu já respondi à sua pergunta de forma adequada?

—Sim, mas essa foi só minha pergunta "*para quebrar o gelo*". —disse McCord— Tenho muitas outras.

—Temo que não poderei respondê-las. Eu já lhe disse tudo o que legitimamente poderia. Qualquer outra coisa está incluída no segredo profissional entre o médico e seu paciente.

McCord ignorado isso.

— Logan Manning era seu amigo, assim como o seu paciente. —disse ele.

A caneta de ouro girou lentamente entre os dedos de Sheila Winters, seu sorriso educado não se modificou. Ela não confirmou nem negou a afirmação de McCord.

—Quando foi a primeira vez que ele e a senhora Manning a consultaram, e por que motivo?

A caneta de ouro continuou a girar lentamente nos dedos Sheila Winters, seu sorriso tornou-se um pouco menos educado.

—Doutora Winters, desculpe-me esqueci de lhe dar isso. Eu deveria ter feito isso antes de qualquer pergunta. —Sam sabia que McCord não tinha esquecido. Por alguma razão, ele queria formar primeiro uma impressão de Sheila Winters. Ele enfiou a mão no bolso de seu casaco esportivo azul marinho, extraiu o papel no qual Leigh Manning escreveu sua permissão e o passou a psiquiatra por cima da mesa.

Sheila Winters lentamente deixou a caneta e pegou o papel. Olhou-o e o devolveu.

— Eu não vou cumprir.— disse ela categoricamente— Em primeiro lugar, não sei se esta é realmente a letra de Leigh.

— Você tem minha palavra de um oficial da lei que é a letra dela, e que ela deu-nos, pessoalmente, há quatro dias..

—Muito bem, aceitarei sua palavra. — disse ela, recostando-se na cadeira.

— Então você vai responder a minha pergunta?

Ela sorriu, como desculpando-se.

—Não.

Sam observava o vai-e-vem com fascínio dissimulado, porque tinha a intuição que McCord se encontrou com uma rival a sua altura, com sua mesma força de vontade e determinação.

—Por que não?

—Porque obviamente Leigh Manning se encontrava em um estado mental precário há quatro dias. Se ela não fosse assim, ela nunca teria concordado com isso.

— Você está tentando me dizer que ela não é mentalmente capaz? —Perguntou McCord.

— Claro que não, e não me atire frases como "*mentalmente capaz*", tenente. Simplesmente estou dizendo que há quatro dias Leigh estava submetida a uma coação mental extrema por motivos óbvios, normais e compreensíveis.

Sam sabia que o que McCord temia estava tornando-se realidade: há qualquer momento, Sheila Winters pegaria o telefone, ligaria para Leigh Manning e pediria que revogasse sua permissão.

— Deixa-me familiarizar-te com outra frase, doutora Winters, uma com a qual me sinto mais confortável, chama-se "*obstrução à justiça*". Você está interferindo voluntariamente com a investigação de um homicídio. Eu não pedi seus registros, mas estou preparado para fazê-lo e aguardar aqui enquanto a detetive Littleton leva este pedaço de papel a um juiz e consegue uma ordem judicial.

Mentalmente, Sam declarou a situação um impasse, mas McCord prosseguiu com sua ofensiva. Passou o papel a Sam.

—Eu esperarei aqui acompanhando a doutora Winters. Vá ver um juiz, explique a situação e me traga uma ordem judicial. De fato, traga-me também um mandado de busca, no caso do Dr. Winters quer levar esta batalha até o final. E traga também os detetives Womack e Shrader para que a ajudem a encontrar o que for que estamos procurando.

—Ofereço-lhe um acordo. —disse a doutora Winters com um leve sorriso.

—Não me interessa negociar.

—O que lhe proponho nos evitará muito tempo perdido.

— Eu gosto de perder tempo. —foi a resposta de McCord.

Ela ri alto com isso.

—Não é assim, tenente. Você é extremamente impaciente inclusive em circunstâncias normais. Entretanto, não sigo porque isso se aproximaria muito a uma análise gratuita, —brincou— e isso viola meus princípios. Isto é o que eu gostaria de sugerir. Na realidade, você não tem opção, porque Leigh Manning

chegará aqui a qualquer momento. O segredo profissional entre médico e paciente é um privilégio sagrado, um conceito que tem sido reiteradamente acolhido e protegido por tribunais de todo o país.

— Então tem o conceito de obstrução da justiça.

— Eu não obstruirei sua justiça. Quando Leigh chegar aqui, direi-lhe na sua frente que não aconselho me autorizar a violar esse privilégio. Se ela me escutar e revogar esse papel que tem na mão, estaria em seu direito, não acha?

Era assim, e todos sabiam.

— Se ela continuar querendo me autorizar a revelar a informação, então o farei. Trato feito?

Não tinha outra opção, e McCord sabia. Sorriu lentamente e a cicatriz de seu rosto se tornou mais profunda.

— Como eu posso argumentar com essa lógica impecável e razoável negociação? —disse ele— Entretanto, sinto curiosidade...

— Aposto que sim. — ela concordou, sorrindo, e Sam se perguntou se ela estava testemunhando uma espécie de flerte de alto nível entre dois intelectos muito complexos e inescrutáveis, sentiu-se um pouco excluída. Também tinha a plena segurança que Leigh Manning revogaria a permissão.

— Estou curioso sobre o porquê de Leigh Manning está vindo aqui hoje.

— Ah, isso é uma pergunta que eu possa responder. Ela está sendo perseguida pela imprensa...Se alojaram em frente seu edifício e há mais de uma semana que ela não pôde sair, exceto para o funeral de seu marido. Eu ameacei sequestrá-la se ela não almoçasse comigo hoje. Por razões compreensíveis, ela não podia ir a um restaurante, assim disse que pediria que nos trouxessem o almoço.

— Lamento a arruinar seus planos de almoço, doutora. —disse McCord.

Ela sorriu para sua tolice.

— Você não vai estragar o nosso almoço, tenente. Só levará dois minutos para Leigh revogar sua permissão.

Ela estava errada sobre isso, Sam percebeu com surpresa, poucos minutos depois.. Embora Leigh Manning parecia pálida e terrivelmente frágil, ela se recusou a seguir o conselho de Winters. Vestindo calças bege e camisa branca de seda, sentou-se em um dos sofás de couro e curvou-se sob seus pés, parecendo uma moça jovem e vulnerável, sem maquiagem ou pretensão. Seu cabelo acobreado caía sobre as faces translúcidas e seus enormes olhos eram da cor de um mar azul esverdeado em um dia ensolarado.

— Eles precisam de respostas, Sheila. Diga-lhe tudo o que sabe.

— Leigh, eu sou terminantemente contra. Você não está pensando claramente.

— Eu vim aqui hoje porque eu preciso de respostas, também. Por favor, informe os detetives o que eles querem saber sobre o meu marido, e eu vou ouvir, porque eu também não sei quem ele era. Não na realidade. Só acreditei conhecê-lo.

— Está bem. —Sheila Winters esfregou a testa por um momento, então ela olhou para Leigh. —Permita-me expressar isto com as palavras mais adequadas.

— Não se preocupe em poupar meus sentimentos. O que você não me disser, certamente eu lerei nos jornais amanhã ou depois. No apartamento eu perguntei

se acreditava que Logan estava tendo um caso com Jane Sebring e você disse que não.

McCord a interrompeu.

— Quando você perguntou isso a Dra. Winters?

Sheila Winters o fulminou com o olhar, e ela mesma respondeu em uníssono com Leigh Kendall.

— Depois do funeral.

— O que fez você perguntar isso?

Em vez de se ressentir por seu tom ou sua interrupção, ela ergueu os olhos para ele e respondeu-lhe com calma e humildade, como se ela já não percebesse, ou se preocupasse tais aborrecimentos.

— Os jornais estavam cheios do que eu achava que eram rumores maliciosos sobre isso.

— Tenente McCord! — Advertiu-lhe a psiquiatra — Pode interrogar à senhora Manning como desejar, eu não posso impedi-lo. Mas sim posso impedir que o faça em meu consultório. Agora bem, você desejava ter esta sessão de perguntas e respostas, então deixe-me dar as respostas e acabar logo com isso. Asseguro-lhe que isto é a coisa mais difícil que tive que fazer em minha vida.

Dito isto, ela olhou para Leigh Manning e sua expressão suavizou.

— Leigh, Logan era um homem muito mais complexo do que eu acreditei a princípio na primeira vez que vocês dois vieram para ver-me. Ele era mais complexo, mais problemático e, ao mesmo tempo, era mais... básico em sua lógica do que imaginei. Estou tentado dizer isto com os termos mais simples em vez de recorrer ao jargão psiquiátrico.

Relutantemente, Sheila Winters transferiu sua atenção para Sam e McCord, e explicou:

— Logan Manning provinha de uma família nova-iorquina antiga, rica e aristocrática. Infelizmente, quando Logan nasceu seu avô tinha dilapidado uma fortuna importante e a família Manning tinha ficado reduzida a um estado de pobreza decorosa. Entretanto, e graças às relações sociais da família, e um pouco de dinheiro proporcionado por uma tia avó rica, Logan foi enviado aos mesmos colégios escolas particulares prestigiados nos que tinham estudado seus antepassados. Mas houve, sim, uma diferença importante: Logan era pobre em comparação com seus pares, e todos sabiam.

"Em sua juventude, Logan não pôde sair de férias com seus companheiros de classe; nem sequer podia levá-los a sua casa. Cresceu sentindo vergonha de quem era e o que tinha. Seu pai morreu quando ele era menino e sua mãe nunca voltou a se casar, então ele não teve uma figura masculina para encorajá-lo ou endireitar suas prioridades. O que sim teve foi uma provisão interminável de histórias relatados por parentes a respeito da família Manning em sua melhor época, histórias sobre mansões fabulosas e antiguidades de valor inestimável, a respeito de homens da família Manning que se tornaram famosos por seus êxitos no jogo, com as prostitutas e nos negócios."

"Desde que era um menino muito jovem, Logan começou a sonhar acordado sobre

tornar-se um daqueles lendários homens Manning e restaurar a fortuna e o prestígio da família. Ele certamente herdou o físico atraente deles e, também, sua inteligência e ambição. Começou a conseguir tudo o que se propunha..."

Fez uma pausa e durante um bom momento olhou para Leigh com pesar.

—Mas nunca era suficiente para fazê-lo sentir-se bem consigo mesmo. Suas inseguranças eram tão profundas que precisava provar uma e outra vez em cada campo de ação. Você mesma disse que não havia no mundo dinheiro suficiente para que Logan se sentisse seguro, e você estava certa. E por ironia do destino, Leigh, você foi uma grande parte da razão pela qual ele continuou sentindo terrivelmente inseguro.

— Como eu fiz isso?

— Por ser quem você é. Por ser talentosa e admirada e famosa. Logan ajudou a colocá-la no centro das atenções, mas ele acabou sendo lançado nas sombras em comparação a você, e seu ego era muito frágil para lidar com isso às vezes. Assim precisava reforçar seu ego.

—Com outras mulheres. —admitiu Leigh, trêmula.

— Sim. A única área em que Logan se sentia verdadeiramente superior a você e a todos os outros estava em sua aparência e seu sex appeal..

Leigh disse exatamente o que Sam tinha pensado.

—Você é psiquiatra, conhecia o problema e ele veio a você em busca de conselho. Porque não pôde ajudá-lo?

—Essa é uma boa pergunta, simples e direta. Aqui está a resposta na mesma linha da pergunta: sou uma psiquiatra, eu geralmente posso corrigir o que está quebrado em um paciente, mas não posso criar qualidades que não existem e que o paciente não deseja. Para dizer sinceramente, Logan tinha um caráter fraco, Leigh. Quando os conceitos altruístas como a integridade, lealdade se opunham a seus desejos pessoais, Logan era plenamente capaz de ignorar esses conceitos. Se servir-lhe de consolo, depois ele se sentia tremendamente culpado e jurava não repetir jamais esse ato. Mas quando a oportunidade aparecia, se isso acontecia de coincidir com alguma necessidade pessoal, então as suas necessidades vinham em primeiro lugar. Nem sempre, mas muitas vezes.

Partiu o coração de Sam quando Leigh Kendall inclinou a cabeça, sentindo um desespero total e humilhante. Sua voz quebrou como ela disse:

— Logan nunca disse nada sobre ninguém ... ou coisa parecida ... que possa nos dar uma pista sobre por que ele foi assassinado?

— Não, Leigh, ele não fez.

—Você sabe por que ele sentiu a necessidade de comprar uma arma?

—Não, me desculpe, eu não sei.

A viúva de Logan Manning levantou-se, então, o seu orgulho e auto-estima devastada em frente a dois estranhos, sua confiança traída, seus sonhos desfeitos e como Sam observava, ela fez um esforço visível para endireitar os ombros e levantar o queixo trêmulo. Lutava com tanta força para manter a compostura que Sam pensou que certamente sairia do consultório,—talvez correndo— mas ao invés disso, parou em frente aos dois detetives e educadamente disse:

— Eu tenho que sair agora. Vocês têm tudo o que necessitam?

— Sim, acredito que sim. — Sam disse, olhando para os olhos verdes brilhantes pelas lágrimas.

Quando Leigh saiu, ninguém falou durante vários minutos e Sam teve a sensação que Sheila Winters lutava por controlar suas próprias emoções.

— Ela ficará bem. — disse a psiquiatra, apesar de Sam não saber se ela estava tentando convencê-los ou a si mesma.

— Você acha que ela sabia que ele a estava traindo? — Perguntou McCord.

— Ela sabia que Logan era capaz disso, porque ele fez isso há alguns anos e Leigh descobriu. Ela ficou arrasada.

— E recentemente? Você acha que ela nunca desconfiou de nada?

Sheila levantou o rosto e o olhou com profundo desgosto.

— Você a viu, o que você acha?

* * *

Mal tinham saído do escritório quando Sam disse, com fúria:

— Acredito que é uma pena que quem quer que matou Manning não o tenha torturado primeiro!

Uma risada retumbou no peito de McCord, mas ele foi inteligente o suficiente para não fazer nenhuma brincadeira.

— Você sabe o que mais eu acredito? — Perguntou Sam e o olhou nos olhos.

— Não. — disse ele, e por um segundo, Sam pareceu notar que o olhar de McCord baixava até sua boca — O que mais você acha, Sam?

— Acho que Leigh Manning não teve absolutamente nada que ver com a morte de seu marido. Nada.

— É interessante que tenha tirado essa conclusão da entrevista que tivemos agora. Sabe o que ouvi eu lá no consultório? Ouvi motivos. Muitos motivos legítimos.

— Então vá atrás deles, Tenente. Mas enquanto você tenta juntar as peças em seu quebra-cabeças, eu tentarei juntar o meu.

Capítulo 42

Courtney Maitland observou as cartas que O'Hara acabava de repartir e as descartou sobre a mesa da cozinha.

— Por que olha tanto o relógio? — Perguntou-lhe.

O'Hara soltou um suspiro tempestuoso e se levantou.

— Suponho que estou nervoso. Fiz algo que talvez não deveria ter feito.

— É assim como vivo minha vida, O'Hara. No limite. É emocionante.

— Não se trata de minha vida. Hoje intrometi na vida da Sra. Manning. Passaram-se duas semanas e meia desde o funeral do Sr. Manning, e ela não quer sair, não quer ver seus amigos nem falar ao telefone com eles. Fala com o senhor

Alguém que cuide de mim

Solomon de vez em quando, mas com exceção de Hilda, Brenna, você e eu, ela não vê ninguém. Muitas pessoas continuam ligando e querem falar com ela. Acredito que a maioria só quer ter assunto para fofocar.

Courtney ficou séria.

—Leigh já não sabe em quem pode confiar.

—Claro, e quem pode culpá-la? — Ele pegou uma cerveja na geladeira para ele e uma Coca-Cola para Courtney e voltou para a mesa.

Ele olhou para o relógio novamente.

—A senhora Manning tinha consulta com um médico que queria lhe fazer um exame geral depois do acidente. São cinco e calculava que já estaria de volta em sua casa.

—Por que você não a levou de carro?

—Eu tinha ido procurar algumas coisas para Hilda, quando a senhora Manning lembrou que tinha essa consulta e saiu antes que eu voltasse.

Courtney esperou que ele bebesse um gole de cerveja antes de dizer, com impaciência:

— O que tem isso a ver com a intromissão em sua vida?

— Porque há pouco, eu disse a alguém que a Sra. Manning estaria aqui esta noite. Esse homem chamou uma duas vezes, mas ela não quis vê-lo e eu pensei que poderia lhe fazer bem essa visita, então disse ao indivíduo que viesse.

Courtney pareceu preocupada.

—Não sei se deveria ter feito isso.

— Eu também não, mas parecia a coisa certa a fazer na hora.

— Tudo de errado que já fiz sempre me pareceu a coisa certa a fazer no momento. —Recolheu de novo suas cartas. — Agora diga-me, quem você convidou para vir?

— Michael Valente.

Ela o olhou, incrédula.

—Por que fez isso? A última vez que ele esteve aqui, ninguém ficou muito contente. Você mesmo disse que Leigh nem sequer conhece o cara.

—Fiz porque na última vez em que vi a senhora Manning sorrir foi na noite em que ele esteve aqui. Sei que tem má reputação, mas a verdadeira razão pela qual decidi que ele viesse foi...

—Não posso acreditar que descartou esse seis de copas quando há um segundo, viu-me recolher o seis de paus. — Sem esperar uma resposta, pegou a carta que ele descartou e, simultaneamente, disse: — Por que decidiu que ele poderia vir?

—Porque quando apareceu com a pizza, a senhora Manning recordou que o tinha conhecido há muito tempo. Quando ela estudava na universidade, Valente trabalhava em um armazém que ficava perto de onde ela vivia, e a tia dele estava acostumada a preparar para ela pizzas de camarões. Uma noite, ele inclusive a salvou de ser assaltada.

—Por que demorou tanto em reconhecê-lo ou, ao menos, em reconhecer seu nome?

Alguém que cuide de mim

—Bom, ele usava barba naquele tempo, e ela só conhecia seu apelido. Não recordo qual era, mas significa "falcão" em italiano.

—Sério? — Disse Courtney, tirando uma carta e a descartou.— Talvez isso provavelmente explique por que ele desceu com ela em seus braços até a cabana sobre a neve aquele dia, e por que foi em sua ajuda em seguida com seu helicóptero. Ele é algo assim como... o quê? Um antigo namorado?

— Eu diria que o mais provável é que só fossem velhos amigos, mas na noite em que Valente esteve aqui, fez algo que me deu o que pensar.

Fascinada, Courtney incitou-o a responder quando ele se calou um momento para estudar suas cartas.

—O que foi que ele fez?

—Uma duas horas depois que os policiais informaram a senhora Manning das novidades relacionadas a seu marido, eu me levantei para apagar as luzes e trancar as portas. Acreditei que Valente já havia ido embora, mas não. Estava sentado, sozinho, em uma cadeira perto do hall que conduz ao dormitório da senhora, e tinha o olhar fixo no piso, como se estivesse triste e muito cansado. Foi como se... Eu não sei... Estivesse montando guarda. —Tirou outra carta. — Gim! — Exclamou encantado, e ao mesmo tempo o telefone tocou.

Ele correu para atender e em seguida retornou à mesa.

—Valente está subindo.

—Eu o farei entrar enquanto você faz o que tem que fazer. — disse ela e já estava fora da cozinha, a caminho da porta principal, antes que ele pudesse opor-se.

Na pressa, Courtney abriu a porta com suficiente força para transformar esse ato simples em um exagerado floreio teatral, o que fez com que Valente desse um passo atrás e por um momento olhasse a porta do apartamento como se estivesse no andar errado.

—Sou Michael Valente. — explicou.

—Sei quem é você. Eu sou Courtney Maitland. — disse ela, oferecendo-lhe a mão.

Por um momento deu a impressão que ele não ia apertar a mão dela, mas em seguida mudou de opinião e o fez.

—Como vai? — Disse mecanicamente.

—Muito bem, — respondeu ela — embora não tenha a menor ideia do que é o que faço que está bem. A outra coisa que sempre me intriga é por que muitas pessoas se fazem mutuamente essa pergunta. Sempre me parece piegas e sem sentido. A você, o que acha?

Ele olhou-a por um longo momento, de pé no hall de entrada, seu casaco no braço.

— Parece-me piegas e sem sentido.

— Por que você acha que isso?

— Porque, — disse ele secamente— é piegas e sem sentido.

Courtney preparou-se para gostar ou não dele, mas não esperava achá-lo... interessante. Raramente conhecia alguém com mais de trinta anos que fosse

interessante e, segundo sua investigação preliminar, Michael Patrick Valente não só tinha mais de trinta anos, mas também tinha mais de quarenta. Era também porque tinha uma quarta parte irlandês — do lado de sua avó — uma estatura de quase um metro e noventa e preferia trajes feitos sob medida do Savile Row. Possuía um queixo proeminente, cabelo escuro e grosso, sobrancelhas retas e olhos interessantes; olhos que nesse momento a olhavam, entrecerrados.

— Você está planejando para me convidar para entrar? — Perguntou ele.

— Oh. Sim, claro. Sinto muito. Eu estava pensando em outra coisa. Você jogar gim?

— A senhora Manning está em casa? — Foi a resposta dele.

— Ainda não, mas O'Hara e eu estamos na cozinha. Por que não nos acompanha?

Ele pareceu aliviado com a menção da presença de O'Hara e, depois de lhe dar seu casaco para que o pendurasse, seguiu-a até a cozinha. Courtney parou na porta para deixá-lo precede-la; depois se recostou contra o vão da porta, como tinha feito quando ele esteve ali e ficou estudando seu perfil sem pressa. Sabia que ele esteve preso quatro anos por homicídio culposo e que passou seu tempo livre lendo livros de advocacia na biblioteca da prisão. Também sabia que passou os seis anos seguintes trabalhando e estudando administração de empresas e advocacia na Universidade Estatal de Nova Iorque em Stony Brook, onde se formou com excelentes qualificações em ambas as carreiras. E, dois anos depois, obteve seu mestrado em Harvard.

O'Hara começou a caminhar para a porta quando viu Valente entrar na cozinha, mas Valente o impedia de ver Courtney.

— Sinto muito, — disse O'Hara — mas a senhora Manning não está em casa ainda, e por isso eu não tive a chance avisá-la que você viria.

— Nenhum problema. — disse Valente. — Não planejei nada para esta tarde. — Estendeu o braço e apertou a mão de O'Hara, com um indício de sorriso nos lábios. — Está desempenhando o papel de governanta, além de guarda-costas e chofer, Bruiser?

— Você está falando de Courtney. — disse Joe. — Não, estou jogando gim rummy com ela e, pela primeira vez eu não estou perdendo. É possível que demore até que a senhora Manning voltar. Você quer um café, vinho ou alguma outra coisa?

— Um café seria muito bom. Sem leite.

Joe serviu café em uma xícara e a passou a Valente.

— Quer esperar no living?

— Não, eu gosto mais daqui.

— Sim, é um lugar realmente agradável. — concordou O'Hara. Olhou vacilante para a mesa aonde jogava cartas com Courtney, como se não pudesse decidir se era mais apropriado tirar as cartas ou convidar o visitante, — que na realidade era um cúmplice — a jogar cartas com Courtney e ele.

Courtney não tinha o menor interesse em fazer o apropriado e sim o forte desejo de tirar proveito dessa oportunidade dourada de passar algum tempo com um famoso multimilionário com antecedentes criminais e uma história de conflitos

com o sistema legal.

—Por que não nos sentamos todos? —Sugeri.

Aliviado ao ver que ela tomou a decisão por ele, O'Hara pegou sua cerveja no balcão e se aproximou da mesa. Valente sentou junto a ele e apoiou um cotovelo no respaldo de sua cadeira. Se sentou ao lado Valente e de frente para O'Hara. No silêncio constrangedor que seguiu, ela decidiu que a melhor maneira de conseguir seu objetivo imediato era, provavelmente, obrigar os dois homens a entrar em um estado agradavelmente descontraído, quisessem eles ou não. Ela pegou o baralho, embaralhou-o e deixou que as cartas caíssem em forma de cascata. Repetiu o processo duas vezes mais e repartiu as cartas para O'Hara.

—Continuem com seu jogo. — insistiu polidamente Valente ao chofer. — Não queria interrompê-los.

—Você pode jogar com aquele que ganhar. — informou Courtney a Valente, sem lhe dar oportunidade de aceitar ou não. Repartiu as cartas para O'Hara, mas toda sua conversa estava dirigida a Valente. — Joe estava me dizendo que você e Leigh são velhos amigos.

Quando Valente não respondeu, ela se viu obrigada a levantar a vista de suas próprias cartas. A única resposta de Valente foi levantar uma sobrancelha.

— Se bem me lembro,— continuou ela um momento depois — Joe disse que vocês se conheceram quando Leigh estava na universidade. — Como ele continuava sem responder, ela o olhou de esguelha e tirou uma carta do maço. Desta vez, ele levantou as duas sobrancelhas e a olhou com expressão de curiosidade. —Acredito que Joe mencionou que, em determinado momento, você salvou Leigh de um assalto. — Frustrada pelo silêncio de Valente, Courtney descartou uma carta que pensava conservar na mão. — É assim? — ela exigiu um pouco irritada, olhando-o nos olhos. A iluminação da cozinha não era intensa, mas havia suficiente luz para que Courtney pescasse um brilho divertido nos olhos de Valente. O'Hara tirou a carta seguinte do maço; depois Courtney tirou a sua, começou a descartá-la, pôs os olhos em branco e, em troca, golpeou a mesa com a mão e declarou: — Gim!

Os ombros de Valente começaram a sacudir-se da risada. A confusão e a incerteza eram sentimentos que Courtney estava acostumada a produzir em outros, mas não a experimentá-los pessoalmente. A sensação era tão nova que quase admirou Valente por inundá-la nesse estado emocional pouco comum; entretanto, não tinha a menor ideia do que era tão divertido para ele e não estava disposta a permitir que esse prestígio continuasse. Ela pegou o baralho e embaralhou as cartas.

—Façamos isto mais interessante. — disse a Valente e repartiu duas mãos de cartas com a habilidade e a velocidade de um jogador profissional.

Obrigado a jogar gim com ela, ele lentamente baixou o braço do respaldo da cadeira, levantou suas cartas e perguntou, como com indolência:

—Como mais interessante? — Nesse justo momento, seu descarte tomava contato com o centro da mesa.

Era muito rápido e tentava confundi-la e obrigá-la a jogar com demasiada velocidade.

—Vinte dólares a partida. — respondeu ela, sem prestar atenção ao gemido horrorizado de Joe e fazendo seu próprio descarte.

— Você pode perder tanto assim?

— Sim. — respondeu ela e realizou sua próxima jogada.— E você?

—O que acha?

Courtney roubou uma carta, mas fez uma pausa olhar para Valente enquanto lhe respondia:

— Eu acho que você não gosta de perder nada. — disse ela. — Nem dinheiro, nem em jogo, nem em nenhuma outra coisa. — Descartou e esperou que ele engolisse o anzol e dissesse algo informativo.

Ele olhou a carta que ela tinha descartado e disse:

—Gim.

—O que! Não acredito! — Exclamou Courtney e se inclinou para frente para olhar as cartas que ele tinha posto sobre a mesa em forma de leque para que ela as examinasse. Com incredulidade, ficou olhando uma mão que estava longe de ser ganhadora. — O que se supõe que é isso? — Perguntou com severidade.

—A vinte dólares a partida, calculo que é um automóvel usado ou um casaco de pele para você.

Courtney ficou olhando-o com uma mistura de irritação e desconcerto.

—Eu não quero um automóvel, nem um casaco de pele.

—Ah, não? — Perguntou ele com voz suave enquanto empurrava as cartas para ela para que pudesse repartir de novo se desejasse.— Então por que estamos jogando por vinte dólares a partida?

Sem tirar os olhos dele, Courtney lentamente recolheu as cartas e embaralhou. Sorriu porque não podia evitá-lo. Sorriu porque pensou que ele era muito atraente. Sorriu porque ele era misterioso, complicado, inteligente e, muito possivelmente perigoso. Sorriu porque ele era imponente e quase dava medo. Mas de repente um pensamento cruzou pela mente e ela pôs em suspense essa opinião favorável que tinha dele, pelo menos até ouvir sua resposta.

—Por acaso, — disse olhando-o com muita atenção enquanto repartia as cartas — você fez isso porque acreditava que eu não poderia pagar vinte dólares por partida se perdesse?

—Não. Suponho que a mesada que você recebe é o suficientemente grande para cobrir suas perdas de jogo.

— Por que, especificamente, que você acha isso? Não pode ser por minha forma de vestir.

—Você não é a irmã do Noah Maitland?

Courtney assentiu.

—Como soube?

—Conheço seu irmão.

Um pensamento horrível deixou Courtney gelada, um pensamento que a fez esquecer tudo sobre as cartas de jogo.

—Diga-me, por acaso Noah depôs contra você ou algo parecido?

Ele riu, e a risada teve um som profundo, mas ao mesmo tempo um pouco

rouco, como se não risse frequentemente.

—Não. Ele e eu estivemos envolvidos em um negócio há alguns anos, e eu a vi quando me encontrava com ele na casa que vocês têm em Palm Beach.

Um suspiro de alívio escapou dos lábios de Courtney, e ela acomodou-se para jogar gim com um homem que era um desafio. Um desafio difícil. Um desafio surpreendentemente difícil.

Capítulo 43

Ao entrar em seu apartamento e pendurar o casaco, Leigh ouviu a risada de Courthey procedente da cozinha. O'Hara também ria, e o som dessas vozes alegres e fortes soou estranho e fora do lugar. A risada esteve ausente de sua casa durante todo o mês, desde que Logan partiu para a cabana nas montanhas.

O Natal tinha passado dois dias antes, sem nada para marcá-lo, nem mesmo uma árvore de Natal ou as guirlandas adornadas com fitas que ela geralmente pendurava no suporte da lareira nessa época. O suporte estava agora vazio, exceto pelas pilhas de cartões de Natal não lidos. Ela havia pedido os presentes do catálogo de Natal da Neiman Marcus para a Hilda, Brenna, Courtney e O'Hara. Não se incomodara em comprar presentes para ninguém mais.

Um silêncio sombrio reinava em sua casa como um manto gigantesco ou uma mortalha, grosso e pesado, mas também protetor, pois a isolava da necessidade de falar ou de expressar seus sentimentos ou inclusive reconhecê-los. Ela já não chorava. Não ficaram lágrimas nem sentimentos capazes de subir repentinamente à superfície, explodir e feri-la. Agora estava dormente e a salvo. Serena.

Entretanto, nesse momento, essa ilha de silêncio e de quietude estava sendo quebrada por vozes e risadas na cozinha, e ela seguiu o som.

O'Hara foi o primeiro a vê-la, ficou de pé de um salto, culpado, quase derrubando sua cadeira.

—Gostaria de um café quente? — Perguntou.— Temos visita. Olhe quem está aqui...

Leigh parou bruscamente, surpresa ao ver Michael Valente, que evidentemente jogava cartas com seu chofer e sua vizinha adolescente. Levantou-se lentamente, um sorriso solene no rosto: um homem que sabia que ele não devia estar aonde estava, mas que estava determinado a estar lá de qualquer maneira. Ela leu tudo isso, e mais, em sua expressão enquanto ele caminhava em sua direção, mas sentiu-se incapaz de fazer qualquer coisa, exceto estar lá quando ele parou na frente dela.

Ele ergueu a mão, e ela começou a levantar dela para o que acreditava seria um aperto de mãos, mas a mão dele passou por sobre a dela e se instalou debaixo do seu queixo. Com os olhos entrecerrados, ele virou seu rosto levemente para a direita, depois ligeiramente à esquerda, inspecionando e ela simplesmente deixou que o fizesse, com os olhos totalmente abertos e sem sequer pestanejar.

Alguém que cuide de mim

Ele era um velho amigo e, a esta altura, ela já sabia o que os velhos amigos — os verdadeiros e os falsos— lhe diziam quando a viam. Esperava que lhe dissesse "*Como se sente?*" ou "*Você está bem?*"

Em vez disso, ele deixou cair sua mão e ficou ali parado, seus ombros largos bloqueando a vista da cozinha; sua voz grave tinha com certo tom de magia.

— Eu não a vi nas últimas semanas. Você não vai me perguntar como me sinto, Leigh?

Ela arregalou os olhos em descrença e choque arrancou dela uma comoção esquecida.

Leigh riu. Ela estendeu as mãos para ele, mas sua risada se dissolveu com a mesma rapidez com que veio, deixando um impulso repentino e imperioso de chorar. Reprimiu com força esse impulso e se obrigou a continuar sorrindo.

— Sinto muito — disse.— Como você está? — Levou um momento para perceber que ele estava trocando de papel completamente com ela.

— Eu me sinto como o inferno.— disse ele sombrio— Dói-me tudo, mas sobretudo em meu interior. Tudo aquilo em que acreditava estava errado, as pessoas em quem confiava me traíram... — Para seu espanto, Leigh sentiu que as lágrimas brotavam dos seus olhos e deslizavam pelas faces enquanto ele dizia: — Não posso dormir, porque tenho medo de começar a sonhar...

Ela levantou a mão para secar as lágrimas, mas ele a abraçou e apertou o rosto de Leigh contra seu peito.

—Chora, Leigh. — sussurrou.— Chora.

Momentos antes, ele a fazia rir, agora ela estava chorando desconsoladamente, e até seus ombros se sacudiam com a força de tanta angústia reprimida. Ela devia soltar-se e sair correndo, mas os braços dele a rodearam com mais força quando ela tentou, e sua mão rodearam seu rosto e seus dedos acariciaram suavemente a bochecha.

—Tudo ficará bem. — sussurrou quando a maré de lágrimas finalmente começou a ceder.— Eu prometo. — acrescentou ele, oferecendo-lhe um lenço.

Ela pegou e recostou-se no círculo de seus braços, e secou as lágrimas, muito envergonhada para olhá-lo.

—Não acredito que seja capaz de superar isto. — confessou ela.

Ele colocou a mão sob seu queixo e o levantou, obrigando-a a olhá-lo nos olhos.

—Você não sofre de um câncer terminal ou qualquer outra doença incurável, assim pode superar. Tem o poder de decidir durante quanto tempo e com quanta intensidade está disposta a continuar sofrendo pelas infidelidades de seu marido e por ter depositado seu amor nele.

Ela fungou e enxugou os olhos.

—Às vezes me zango muito, mas isso não me serve de nada.

—A fúria não é mais que uma tortura auto infligida.

— Então o que eu devo fazer?

— Bem, para seu próprio auto-respeito, acho que você se sentiria muito melhor se lutasse contra ele e desforrasse.

Alguém que cuide de mim

—Sim, claro! — Disse ela, chorosa.— Então pegue uma pá e o desenterraremos!

Ele riu, abraçou-a e apoiou o queixo contra a cabeça de Leigh.

—Eu gosto de seu espírito, — disse, divertido e com ternura— mas comecemos com algo um pouco menos cerimonioso.

De repente, consciente de estar ali de pé, abraçada a Valente, Leigh retrocedeu um momento e conseguiu esboçar um sorriso não muito alegre.

—O que me recomenda?

—Recomendo que jante comigo esta noite.

— Tudo bem. Vou pedir a Hilda para...

—Não aqui.

— Ah, você quer dizer em um restaurante? Eu não acho...Não, realmente...

Ele a olhou como se quisesse discutir, mas ela sacudiu a cabeça, consternada ante a ideia de ter que enfrentar o olhar curioso de desconhecidos e a inevitável matilha de repórteres que certamente apareceriam antes que eles terminassem de comer.

—Não em um restaurante. Não ainda.

—Aqui, então. — aceitou ele.

—Eu gostaria de tomar banho e trocar de roupa — disse ela.— Você se importaria de esperar por mim uma meia hora?

A pergunta pareceu diverti-lo.

—Nenhum problema. — disse com exagerada formalidade.— Por favor, leve o tempo que necessitar.

Desconcertada por esse toque de humor zombador incluído em sua resposta, Leigh se encaminhou ao dormitório, localizado no outro extremo do apartamento.

Michael a observou afastar-se. Será que ele importaria em esperar uma meia hora por ela?

Nem um pouco.

Ele a tinha esperado durante anos.

Tardamente lembrando-se que estava jogando cartas com O'Hara e Courtney Maitland quando Leigh entrou na cozinha, ele virou-se abruptamente. Courtney estava olhando para ele, fascinada; O'Hara estava em pé ao lado de sua cadeira, congelado em mesma posição que ele estava quando anunciou a Leigh que Michael estava ali. Empurrando as mãos nos bolsos, Michael levantou as sobrancelhas e voltou.

Michael meteu as mãos nos bolsos da calça, levantou as sobrancelhas e devolveu-lhes seus olhares surpreendidos em um reconhecimento implícito de que sabia o que estavam pensando.

Courtney finalmente pegou sua bolsa e levantou-se lentamente.

—Eu tenho... — Calou um momento para pigarrear. — Agora tenho que ir.

Suas palavras pareceram despertar O'Hara de sua paralisia.

—Direi a Hilda que prepare um jantar delicioso.— disse e avançou por entre a mesada central e a cozinha em direção ao hall posterior.

Courtney começou a caminhar para a porta, mas ao passar junto a Michael

parou um instante e o olhou fixo.

—Sim? — perguntou ele.

Ela pendurou a bolsa no ombro e sacudiu a cabeça como consequência do que estava pensando.

—Boa noite. — disse, em troca.

Ao chegar a porta de serviço que se abria da cozinha ao vestíbulo do elevador, olhou-o uma vez mais por cima do ombro e, quando falou, já não soou como uma adolescente petulante:

—Leigh me disse em uma vez que adorava sentar-se frente a uma lareira com um fogo crepitante.

Capítulo 44

Michael jogou mais lenha no fogo que ele havia aceso na lareira e usou o atizador para empurrá-la para trás. Na sala de jantar, Hilda estava colocando a mesa para o jantar. Endireitando, ele rebateu as mãos e levantou-se justo no momento em que Leigh entrava no living vestindo um longo vestido de lã creme com cinto e grandes botões forrados na frente, gola ampla e mangas largas. Recordou-lhe uma bata elegante, até que percebeu que era puramente ilusório pensar que fosse uma bata.

—Acendeu um fogo. — disse ela quando ele lhe ofereceu um copo de champanhe. Seus cabelos ruivos estavam soltos em seus ombros e sob a luz do fogo da lareira estava brilhoso e mais vermelho que marrom.

—Champanhe? —Perguntou ela e o olhou.

—Pareceu-me o mais apropriado para uma ocasião especial. —respondeu Michael.

—É que ocasião é essa?

Como resposta, ele tocou sua taça com a dela e fez um brinde:

—Por um novo começo. Por lutar e devolver golpe por golpe: Fase Um.

—Pela Fase Um. — declarou ela com um sorriso corajoso, e tomou um gole de champanhe.— Por favor, me recorde qual era a Fase Dois.

—É a desforra.

Ela não pediu os detalhes da Fase Dois e ele se alegrou, porque ela não estava pronta para ouvi-los, muito menos colocá-los em prática.

— Eu estive pensando.—disse ela.

Michael olhou esses olhos luminosos que o tinham hipnotizado quatorze anos antes e a viu levantar um braço e afastar o cabelo da testa com os dedos. Ele se recordava desse gesto com a mesma clareza com que recordava a luz do dia, seus olhos eram água marina, mas com qualquer outra luz, —como nesse momento— se tornavam da intensa azul esverdeada dos zircões*.

* (francês zircon)s. m. Joalh. Pedra preciosa natural, transparente, constituída por silicato de zircónio, amarela,

Recordava a atenção com que ela sempre escutava, com a cabeça levemente inclinada para um lado, como estava agora. Olhou sua boca e recordou o aspecto que tinha um mês antes, aproximando-se dele com aquele vestido vermelho, com suas pernas longas e seu andar sofisticado e cheio de graça.

—No que estive pensando?

— Eu gostaria de fazer um acordo com você.—disse ela enquanto ele levava a taça de champanhe a boca.

—Que tipo de acordo? —Perguntou ele com cautela.

— Eu gostaria que nós concordássemos que esta noite não vamos falar de Logan. Se eu começar, gostaria que me impedisse. De acordo?

A noite estava cada vez melhor.

— Concordo.

— Posso escolher o que falamos em troca?

—Certamente.

— E podemos concordar que vamos abertamente e com total franqueza?

—Sim.

—Promete?

A guarda de Michael voltou a subir, mas era tarde demais. Ele já havia concordado.

—Quando eu disse "sim", isso constituía uma promessa.

Ela tomou um gole de champanhe para esconder o sorriso.

— Você me parece muito preocupado.

—Porque estou. Exatamente do que você quer falar?

—De você.

—Era o que temia.

—Vai dá pra trás?

Ele a olhou e disse, com firmeza:

— Você sabe que não.

Ela olhou para a mesa de jantar, aonde Hilda estava acendendo uma quantidade de velas.

—O que temos para o jantar, Hilda?

— Lasanha. Está no forno. Fiz uma salada Caesar como acompanhamento.

—Nós mesmos nos serviremos. —disse Leigh— Não há nenhuma necessidade de fazer

qualquer outra coisa quando terminar a mesa. — Para Michael, ela acrescentou: —A lasanha de Hilda é divina. Ela deve ter feito em sua homenagem, porque você é italiano.

— Fiz para você, Sra. Manning,— Hilda disse sem rodeios— porque é o prato mais nutritivo que me ocorreu. Senhor Valente?

Michael virou.

—Sim?

—Por favor, certifique-se que o fogo esteja apagado quando sair.—advertisu ela— E que não haja cinzas sobre o tapete.

Michael ficou ao mesmo tempo surpreso e divertido com o seu tom, e Leigh entendeu a razão. Tão logo Hilda fez outra viagem para a cozinha, Leigh baixou a voz e disse:

—Hilda não permite sujeira sob qualquer forma, e comanda a todos nós nesse sentido. Além disso, é totalmente leal a mim.

Ela estava preocupada com seus sentimentos, Michael percebeu, ele morria de vontade de abraçá-la. Mesmo com sua vida em ruínas, ela era atenciosa e gentil e corajosa. Ele queria dizer o quão orgulhoso estava dela. Ao invés disso, ambos conversaram sobre trivialidade até que Hilda anunciou que podiam jantar quando desejassem e que ela iria para seu quarto deitar-se.

—Vamos para a cozinha? —Sugeri Leigh.

No console central, Hilda havia colocado um prato de camarão cozido sobre gelo, cercado com fatias de limão e salsinha. Leigh aproximou as duas banquetas de ferro forjado que havia debaixo da mesa e se instalou em uma.

—Hilda já não pode nos ouvir e seu tempo de descanso expirou oficialmente. —advertisu ela com um sorriso—Vamos falar sobre você agora.

O champanhe que Michael serviu a ela começava a ter o efeito que ele desejava. Seu sorriso aparecia com mais rapidez e seus olhos já não tinham aquela expressão ferida.

— Onde você quer que eu comece?

— Começar quando começaram a chamá-lo de Falcão.

—Você já sabe como recebi esse apelido — Michael disse-lhe secamente —. Foi porque eu fazia papel de "sino". Você está tentando descobrir mais sobre minha vida como delinquente?

Ela hesitou, e depois assentiu.

—Sim. — ela disse simplesmente — Eu acho que estou.

Ele caminhou até o outro lado da mesada central e apoiou o quadril contra a mesa que tinha atrás.

—Nesse caso, acrescentarei uma retificação a nosso acordo. —Indicou com a cabeça o prato de camarões diante dela e disse: —Eu falarei disso, mas você tem que comer enquanto faço isso.

Ela pegou um camarão e mergulhado em molho, e ele cumpriu com sua parte do acordo...

— Eu tinha uns oito anos e meus pais ainda viviam quando Angelo deu-me esse apelido. Ele tinha onze e era um líder nato, com um grupo de dedicados seguidores, inclusive eu, e também o meu melhor amigo, Bill, que morava ao lado. Bill e eu começamos roubando as calotas dos automóveis, mas três ou quatro anos mais tarde já ajudávamos Angelo e seu bando a roubar algo na rua, qualquer coisa que fosse mutável e vendível. Passávamos o resto do tempo ajudando-os a "*proteger nosso território*", a princípio a murros, mas, já na adolescência, a minha arma era, entre outras, a faca. Quando ele parou, Leigh se inclinou para a frente..

—Prossiga com sua história.

—E você, coma outro camarão.

Ela obedeceu automaticamente, e Michael reprimiu um sorriso ao ver o quão interessada ela estava no que contava.

—Quando eu tinha cerca de dezesseis anos, fizemos uma pequena incursão no território de um bando muito maior que o nosso, e na briga que seguiu eu terminei com muitos cortes. Angelo puxou dois caras de cima de mim, e ele quase morreu de feridas que sofreu. Nós éramos os únicos lá quando a polícia chegou, e claro, nós dois fomos presos.

—Essa foi a primeira vez que o prenderam?

— Não, mas foi a primeira vez que quase fui morto, e eu não gostei. Eu deveria ser o que se supunha o "*homem das ideias*", o cérebro das operações de Angelo, mas —reconheceu Michael— eu não estava talhado para ser um participante ativo do bando.

— Por que você diz isso?

—Porque eu odiava a visão de sangue, principalmente o meu, e me parecia insensato derramá-lo.

Leigh riu, apesar de si mesma e tomou um gole de champanhe e mordiscou outro camarão.

— Você estava vivendo com sua tia e seu tio, então. O que eles pensavam dos problema que você e Angelo estava se metendo?

— Meu tio morreu de um ataque cardíaco de um ano depois da morte de meus pais, minha tia era incapaz de nos controlar. Nem sequer acreditava que realmente fazíamos as coisas pelas quais nos prendiam. Pensava que a polícia nos perseguia injustamente.

—E os pais de Bill? O que eles fizeram quando ele foi pego?

—Chamaram o tio de Bill, que era tenente do NYPD, e ele conseguiu que soltassem Bill e também se assegurou que não ficasse nenhum registro de sua detenção. Bill era o único de nós que não tinha antecedente delitivo, graças a seu tio. O irônico disto era Bill era, provavelmente, o mais impetuoso e agressivo do bairro, mas como era muito pequeno e fraco, nem seus pais nem seu querido tio podiam acreditar que ele fosse tão ruim quanto o resto de nós.

"À medida que o tempo foi passando, Angelo começou a se enfurecer por que todos tivéssemos um prontuario policial, todos exceto Bill, assim começou a excluir Bill de tudo o que fazíamos e depois fazia correr a voz na rua que Bill era um dedo-duro.

—O que você sentiu com a exclusão de Bill do bando?

—Minha reação não foi tão hostil com ele como a de Angelo.

—Porque você foi... o quê? Mais razoável?

— Não, porque nos primeiros anos, o tio de Bill também me salvou junto com Bill em várias ocasiões. Lembre-se, antes que meus pais morressem, a família de Bill e a minha eram amigas. O tio de Bill ainda tinha lembranças afetuosas de nos ver brincando no mesmo cercadinho enquanto as duas famílias jantavam juntas.

Leigh apoiou o queixo na mão e ofereceu uma sincera explicação para justificar

o que ele era naqueles dias.

— Havia razões muito boas pelas quais segui este caminho e pelas coisas que fez.

— Não me diga. — disse ele, fascinado — Quais foram as razões?

— Bem, você perdeu seus pais muito jovem, e foi de um bairro desfavorecido. Ali havia pobreza, escolas ruins, más companhias e foram marginalizados...

— Leigh... — interrompeu-a ele.

— O que?

— Eu era um bandido. Eu era um bandido, porque foi isso que eu escolhi ser.

— Sim, mas a questão é: o que o fez escolher esse caminho?

— Eu o escolhi porque eu queria coisas para mim, mas queria consegui-las a minha maneira, não à maneira do sistema.

— Prossiga com sua história.

— Depois de meu contato próximo com a morte decidi limitar minhas incursões com a gangue de Angelo a ocasiões em que seria pouco provável que me matassem ou se preso. Também fiz algumas investigações e descobri que os professores imbecis na minha escola estava realmente dizendo a verdade: Sem educação, não tinha nenhuma possibilidade de ganhar muito dinheiro.

— Sim, mas por que você ainda fazia algumas coisas ilegais com Angelo e sua turma depois disso? Por que não abandonou esse caminho e...? — Leigh vacilou, tentando pensar no termo certo.

— E seguir pelo caminho reto e estreito? — Sugeriu ele.

— Exatamente.

Ele fingiu um olhar horrorizado.

— Eu tinha uma reputação a manter! Enfim, tudo isso terminou numa noite em junho, quando eu tinha dezessete anos..

— Como?

Michael pegou a garrafa de uísque na bandeja e serviu um pouco em um copo; em seguida, tomou um longo gole, como se para lavar o gosto do que ele estava dizendo ou estava a ponto de dizer:

— Por essa época Bill traficava drogas, mas também as consumia, e meu primo Angelo estava tão drogado como ele nessa noite. Eles travaram uma briga e Bill o matou.

— Meu Deus.

— A polícia veio informar a minha tia, que enlouqueceu de dor.

— O que você fez?

— Eu fui à procura de Bill. Encontrei-o em menos de uma hora, ainda drogado. Não tinha lavado as mãos e as levantou e mostrou-me. Estavam cobertas com o sangue de Angelo.

— E? — Perguntou ela em um sussurro.

Ele deu de ombros e tomou outro gole de sua bebida.

— E então eu o matei.

Leigh o olhou com um silêncio estupefato, incapaz de assimilar a ideia que ele

poderia ter feito isso, que ele poderia ter dito tão sem emoção, e depois dar de ombros e tomar uma bebida. Exceto, ela percebeu, ele tinha tomado a bebida antes de contar-lhe. Ele deixou sobre a mesa seu copo vazio, cruzou os braços e a olhou como esperando escutar sua conclusão e como se esta não lhe interessasse muito, não importava qual fosse. Já não era o homem civilizado e compassivo que se tornou ultimamente na imaginação de Leigh; de repente recordou a alguém mais...

Recordou-lhe o jovem frio e hostil que havia conhecido quatorze anos antes: o homem rude e indiferente que naqueles dias não daria a ela uma hora do dia. Só que ele

Evidentemente se importava o suficiente para recordar agora que adorava pêras e pizza de camarões.

Leigh o olhou, observou com atenção sua expressão inescrutável e o rosto feroz, e de repente lhe ocorreu. Hesitante, ela disse:

— Você realmente quis matá-lo?

Em vez de responder, ele fez-lhe outra pergunta, mas sua mandíbula se suavizou de maneira quase perceptível.

— Por que razão me poderia não ter querido matá-lo?

— Você disse que ele era seu melhor amigo. Você compartilhou um cercadinho. Disse que Angelo estava drogado e que Bill também estava. Não me pareceu que acreditasse que Angelo fosse inocente.

— Tem razão. — disse ele com uma expressão estranha nos olhos — Não foi minha intenção matá-lo. Mas eu não tinha a intenção de ser brando com ele. Eu provavelmente o teria espancado quase até a morte se houvesse sido capaz de pegar a arma dele.

— Mas não pôde?

— Eu deveria ter sido capaz de tirar-lhe. Eu era muito mais corpulento e forte que ele, mas Bill estava drogado e eu sentia uma fúria cega. Apontou-me a arma e eu me lancei contra ele. O revólver disparou na luta e Bill morreu em meus braços.

— E por isso foi para a prisão??

Ele balançou a cabeça e despejou mais uísque em seu copo.

— O funeral de Angelo foi no mesmo dia que o de Bill. Infelizmente, eu não pude assistir nenhum dos dois.

— Mas o que eu não entendo é porque você foi para a prisão pelo que fez. Foi em legítima defesa.

— O tio de Bill não acreditou assim, e nessa época era o delegado. Tinha um bom argumento: que eu era muito maior que Bill e quase um ano mais que ele. Considerou-me completamente responsável pela morte de seu sobrinho e do único filho de sua irmã. Disse-me que ia passar o resto da vida procurando que eu jamais aproveitasse a minha, e disse a sério. William Trumanti é um homem de palavra.

— William Trumanti! — Exclamou Leigh e se inclinou para frente — Matou o sobrinho do Comissário Trumanti?

— Assim é.

— Por Deus...

— Por essa razão fui para a prisão por quatro anos e passei cada minuto de meu

tempo livre na biblioteca, estudando.

—Estudando o quê?

—Direito. —respondeu ele— Supus que, visto que eu não fazia outra coisa a não se ter topadas com a lei, precisava descobrir como enfrentá-la. Mais adiante decidi que havia coisas mais interessantes para estudar. Quando saí da prisão entrei na universidade e, depois, fiz pós-graduação.

Leigh levantou-se e destampou a salada Caesar preparada por Hilda.

—E, depois, o quê? —Perguntou.

— Eu descobri que tinha um dom para fazer dinheiro, legitimamente, em especial na construção em primeiro lugar. Eu cresci na rua, e eu poderia lidar com trabalhadores da construção civil em seu nível, mas eu também sabia como montar um negócio rentável e mantê-la rentável.

"Durante os primeiros anos tudo correu bem, na verdade, foi ainda melhor do que isso. E então meu negócio começou a ficar grande, e Trumanti ouviu falar sobre isso. E, antes que me desse conta, prenderam-me por "*tentativa de suborno a um inspetor da cidade*". O resto é história. Quanto mais importante eu me tornava, maiores e mais lesivas eram as acusações.

Fez uma pausa e olhou as mãos. Ela tinha pegado uma colherada de salada da tigela e a sustentava no ar, cativada.

— Você está planejando colocar isso em um prato?

—O quê? Ah, sim. Continua. O que aconteceu depois?

— Você sabe o resto. Trumanti tem amigos influentes no âmbito estatal e também federal, e com a minha história de prisões, ele não tem nenhum problema em convencer um fiscal federal ou um fiscal de distrito para que inspecionem meus negócios. Gastei milhões de dólares em honorários legais somente me defendendo em diferentes tribunais. Transformou-se em um jogo no qual ele e eu intervimos, um jogo sujo. Agora ele está morrendo de câncer, mas isso não suavizou absolutamente sua atitude. Vingança é uma palavra italiana, e ele acredita nela. Agora, —disse por último— cumpra minha parte do acordo?

Leigh olhou para ele em silêncio e balançou a cabeça, tentando assimilar o que ele tinha dito. Não tinha motivos para pensar que havia dito toda a verdade, mas, sim acreditava. Por alguma razão, acreditava completamente. De repente, ela se lembrou de como

Trumanti ficou ansioso por ajudá-la, quão disposto esteve em colocar a seu dispor todo o NYPD na busca de Logan. Naquele momento, ela estava tão enlouquecida pelo medo para pensar em seus próprios direitos ou as ações de Trumanti, mas agora se perguntou se talvez ele não sabia que Logan estava se reunindo com Michael Valente, e se isso não tinha nada a ver com sua disposição para ajudá-la.

Sempre em silêncio, pegou os pratos com a salada e ele pegou a garrafa aberta de vinho tinto que Hilda deixou sobre a mesada. Quando Leigh pôs os pratos na mesa da sala de jantar, ela percebeu tardiamente, que ele não perguntou se acreditava no que acabava de lhe contar.

Observou-o servir o vinho nas taças, rosto duro e orgulhoso convertido em uma máscara inexpressiva à luz das velas. Leigh compreendeu que Valente não ia

perguntar se ela acreditava. Nunca se rebaixaria a isso ou tentaria convencê-la a acreditar

nele. Lembrou-se das coisas incríveis que ele tinha dito a ela quando retornou para casa e se dirigiu à cozinha. Quando ela não pode colocar seus próprios sentimentos em

palavras, ele percebeu isso e fez isso por ela ...

Dói-me tudo, mas sobre tudo em meu interior. Tudo aquilo em que acreditava resultou estar errado, e as pessoas em quem confiava me traíram.

Ele a obrigou a chorar, porque ela precisava chorar, e então ele a segurou em seus braços, e depois a abraçou e sustentou entre seus braços, e embalou sua rosto contra seu peito, enquanto com uma mão lhe acariciava as costas. Ele também tinha sustentado entre seus braços seu melhor amigo quando este morria, e Leigh estava segura que naquela oportunidade tinha demonstrado tanta ternura como nessa noite com ela.

Ele parou diante dela para afastar-lhe a cadeira, e Leigh o olhou abalada por uma miríades de emoções.

—Leigh? —Disse ele e suas sobrancelhas se juntaram em um gesto de severidade. — Você está chorando?

Falsamente, ela negou com a cabeça. Depois, disse, quase com ferocidade:

— Eu odeio Trumanti!

Ele deu uma gargalhada e a abraçou.

Capítulo 45

Uma semana e meia depois, Michael estava no hall de entrada do elevador privativo do apartamento de Leigh, com ela ao seu lado, esperando o elevador para levá-los para o térreo.

—Tem certeza que você não quer que faça que O'Hara levar meu carro volta para o beco lá atrás? — Perguntou ele.

—Tenho certeza. — respondeu ela.

Na semana e meia transcorrida desde que ele lhe contou sobre sua juventude desperdiçada, a polícia tinha requisitado todos os documentos de negócios de seu marido, tanto do escritório quanto de sua casa e, na véspera de Ano Novo, uma estação de televisão local divulgou a história que ela era supostamente uma suspeita no assassinato de seu marido. Michael havia testemunhado sua reação. Ela levantou-se lentamente, os braços cruzados sobre o peito, seu rosto com uma palidez mortal. Ele passou um braço pelos seus ombros e ela se aconchegou junto a ele, fechou os olhos e ocultou o rosto em seu casaco. Ela havia se sentido destroçada, mas não o suficiente zangada para defender-se nem para fazer uma ligação a seu favor. A partir de então, as especulações da mídia enlouqueceram completamente. Dependendo qual jornal, revista ou programa de notícias relatava a história, todos eram suspeitos e, desde essa manhã, também Michael era. Até

então, breve descrição de suas idas e vindas a seu apartamento havia aparecido na imprensa, mas essa manhã o Daily News publicou uma manchete que dizia:

VALENTE IMPLICADO NO ASSASSINATO DE LOGAN MANNING

Segundo a nota que acompanhava, a polícia havia "*novas provas*" para apoiar a teoria de que Michael havia matado Logan Manning para liberar Leigh de seu marido infiel, apoderar-se de seus negócios e, depois, reclamar Leigh para si.

Antes do artigo no Daily News, Michael não foi capaz de convencê-la a sair do apartamento e sair em público para o próprio bem, mas quando viu Leigh a manchete do Daily News, naquela manhã, ela ficou tão furiosa que telefonou e o convidou para jantar fora. Estava totalmente convencida que William Trumanti era o responsável por esse vazamento à imprensa.

—Isso parece exatamente como as coisas que ele fez no passado, —disse ele ao telefone — mas ele não vai se safar desta vez. Acho que a pior coisa que podemos fazer é nos esconder de todo mundo como se fosse culpado de alguma coisa, não é?

Leigh se havia sentido muito humilhada e destroçada para se levantar e lutar por si mesma, mas agora estava decidida a ser sua defensora e isto encheu Michael de ternura. Ele não deu a mínima para Trumanti ou o artigo no Daily News, e ele assegurou-lhe isso, mas ela tinha uma nova distração de suas próprias desgraças e ele estava disposto a deixá-la abraçar essa causa.

—Sim, é verdade, nos esconder pode ser um erro.

—Eu acho que devemos sair para jantar juntos esta noite. Ou seja, se você não estiver ocupado.

Ele assegurou-lhe que não estava muito ocupado e disse que passaria para buscá-la às oito e que queria escolher o restaurante.

Poucos minutos depois das oito ela saiu do quarto vestida para lutar com uma túnica negra de mangas compridas preta e saltos altos, que exibia seu belo par de pernas longas. A cor de sua tez era intensa, seu decote era baixo e seus olhos brilhavam intensamente.

— Trumanti não poderá incriminá-lo por isso. Eu não vou permitir. —acrescentou ela enquanto caminhava em linha reta até ele e deu-lhe as costas. Seu zíper estava preso e ela precisava de ajuda. Então ela levantou os cabelos pesados para mostrar-lhe o problema. A visão de sua nuca nua fez sua boca ficar seca.

—Poderia fazer algo com este zíper? Está preso.

Encantado, Michael pensou que, tal como estavam as coisas, William Trumanti estava sendo quase um aliado.

Assim que ela saiu do elevador no lobby do prédio com ele, ouviram-se gritos da rua e os fotógrafos e repórteres se amontoaram junto às portas de vidro do edifício.

—Tem certeza que quer fazer isso? — Ele perguntou preocupado.

Leigh o olhou. Sua pele de porcelana e seus maçãs do rosto estavam coradas, seus olhos verdes de cílios longos incerto e sua linda boca parecia suave e vulnerável e, ela parecia frágil demais para atravessar o saguão, e muito menos chegar perto dessa multidão de repórteres. Michael sabia que ela se sentia assim por dentro. Então ela levantou o queixo, moveu quase imperceptivelmente a cabeça e, diante dos seus olhos ela se tornou serenamente calma. Majestosa. Distante e intocável. Hipnotizado pelo inesperado privilégio de ver uma atriz incomparável se preparar para interpretar o papel importante que tinha que encarnar, ofereceu-lhe o braço, mas ela sorriu e sacudiu a cabeça. Ia sair ao palco sozinha, "sem apoio", para essa representação a favor de Michael. Menos de dois meses atrás, ela era a rainha soberana da Broadway; tinha abdicado, estava destronada, mas emergia de seu exílio auto imposto. Por ele.

Michael ficou um passo atrás dela, cheio de orgulho, enquanto Leigh avançava garbosamente após uma enxurrada de flashes cegadores dos fotógrafos e por entre a mesma turba de repórteres que ela esteve escondida durante semanas.

—Onde você está indo, senhorita Kendall? —Perguntou um deles a gritos quando Leigh começou a entrar no Bentley.

Ela ignorou todas as outras perguntas que os outros gritaram, mas ela virou-se para responder a esse.

—Sr. Valente e eu vamos sair para jantar.

—Você tem algum comentário sobre a nota do Daily News de hoje? —Perguntou o jornalista desse mesmo jornal.

—Sim. —respondeu ela com desdém— Se o Comissário Trumanti ou qualquer um de seus esbirros aprovou a calúnia que vocês publicaram hoje, então ele é responsável pelo comportamento criminoso de seu jornal.

Dito isto, ela deslizou para o banco de trás, e Michael a seguiu. Ele não podia acreditar que Leigh tivesse ousado acusar um jornal de difamação, o comissário de polícia de negligência criminoso e todo o NYPD de má conduta implícita. Michael sabia que ela ficou abalada pelo confronto, mas ela escondeu perfeitamente atrás de um cara feliz.

—Bom, acho que saiu muito bem, —disse ela — não acha?

Ele reprimiu uma gargalhada.

—Sim, não esteve mal —disse, com a cara séria.

Mas ele esqueceu tudo isso quando O'Hara falou do banco da frente.

—Alguém nos segue, senhor Valente. —disse— Um par de repórteres tentou seguir-nos em um táxi, mas consegui perdê-los na segunda quadra.

Leigh inclinou-se nervosamente.

—O perseguidor?

O'Hara balançou a cabeça.

—Esse cara está em um sedan escuro e faz cada movimento que fazemos. Ele dirige como se ele estivesse ligado ao meu pára-choque com uma corrente, mas ele acha que é invisível. Isso significa que é um policial.

No espelho retrovisor, O'Hara levantou as sobrancelhas, esperando instruções.

—Perca-o. —ordenou Michael.

—Feito.

Leigh lançou um gemido e agarrou o joelho de Michael quando O'Hara pisou fundo no acelerador e conduziu o Bentley por entre três faixas do tráfico e depois dobrou para um beco. No final do beco dobrou para a esquerda e Michael colocou o braço nas costas do

assento, curvando a mão em torno do braço Leigh para segurá-la contra ele.

—Eu adoro como dirige. — disse a O'Hara rindo.

O'Hara olhou no espelho retrovisor novamente e sorriu.

—Será melhor segurar a senhora Manning.

Dobrou a toda velocidade por outra viela, onde por pouco não se chocou com varias lixeiras, e Leigh olhou para Michael com uma mistura de risada e terror.

—A qual restaurante vamos?

—É uma surpresa. Você vai gostar... Confia em mim.

Ela assentiu.

—Eu confio.

Michael sabia que ela sim confiava nele. Apesar de todas as traições que tinha sofrido, ela confiava completamente nele, e ela gostava de tê-lo por perto, não só porque ela confiava nele, mas porque ela estava desesperada por algum tipo de continuidade em sua vida, e o conhecia mais que qualquer outra pessoa em Nova York. Algumas noites atrás, ela havia dito que confiava nele porque seu instinto foi confiar nele muitos anos antes, na época em que era mais seguro deixar levar por seus instintos.

Michael também tinha instintos, e o advertiam que não devia esperar muito para levá-la para cama, que era um engano permitir que ela criasse para ele o papel de "*amigo querido e confiável*", porque então Leigh tentaria mantê-lo encerrado nesse papel, simplesmente por uma questão de segurança e continuidade.

Ele queria levá-la para a cama antes que as infidelidades de Logan e a humilhação pública que ela estava sofrendo por causa a convencessem para sempre que, de algum jeito, ela era culpada, que era inadequada como mulher e como esposa. Leigh já tinha feito comentários que indicavam que começava a pensar exatamente isso.

Acima de tudo, ele queria levá-la para a cama... porque ele queria levá-la para cama. Porque era o que mais desejava.

A mão de Leigh estava apoiada no joelho de Michael, e ele a cobriu com a dele; depois entrelaçou os dedos com os dela e segurou a mão sobre sua coxa.

Esse gesto surpreendeu Leigh por um momento e a fez olhar para a mão masculina que cobria a sua. Um sentimento traiçoeiro de segurança veio com esse caloroso aperto de mão. Ele era seu amigo; ela sabia além de toda dúvida. Nas últimas semanas, ela aprendeu muito sobre ele. Uma e outra vez ele teve que enfrentar às autoridades, tanto locais como estaduais e inclusive federais, e não só tinha ganho mas também, enquanto o fazia, tinha prosperado além do imaginável.

Tinha tolerado a perseguição de Trumanti durante todos esses anos e, entretanto, ela tinha a sensação que ele já não toleraria nada de ninguém mais.

A violência desatada que ela havia presenciado quatorze anos antes, quando ele contra-atacou os dois assaltantes que empunhavam facas, tinha se tornado em uma força letal e silenciosa, mas ainda estava lá, reprimida mas igualmente potente.

As roupas que ele usava agora eram elegantemente discreta e esplendidamente confeccionada sob medida, mas os ombros de Michael continuavam poderosos e seus quadris, tão estreitas como quando, muito tempo antes, usava jeans ajustados e camisetas desbotadas.

Havia coisas sobre ele que ela nunca tinha notado antes, como o glamour surpreendente de seu sorriso branco ou a sensualidade flagrante de sua boca. Naquela época, sua barba escura e sua atitude hostil tinham disfarçado esses atributos em particular, e seus olhos âmbar sempre foram um olhar duro, exceto na noite da briga, quando adotaram um brilho gelado e feroz.

Leigh voltou a pensar na noite de sua festa, quando pela primeira vez o viu de pé sozinho em um extremo de seu living, com um aspecto friamente imponente e inacessível em um terno e gravata escuro como ela nunca o tinha visto com sua barba, de jeans e camiseta. Entretanto, o que a surpreendia até agora foi que ela não tivesse reconhecido instantaneamente sua voz na noite da festa. Essa voz única e plena de barítono estava acostumado a lhe provocar um estremecimento naqueles dias e seguia cativando-a quando ele falava.

Na véspera do Ano Novo estavam juntos e ele disse que se casou uma vez, brevemente, um tempo atrás, mas quando perguntou a respeito, ele imediatamente pôs um limite à conversa.

Leigh intuiu que era um solitário. Ela também era agora. Ela não queria mais maridos, mais amantes, nem mais noivos.

E, ao mesmo tempo, sentia-se incrivelmente perto de Michael Valente. Ele entrou em sua vida novamente, desta vez não para salvá-la, mas para ajudá-la a salvar sua sanidade. Se ele tivesse lhe dado um rim, não poderia ter sido mais essencial, e ela não poderia ser mais grata nem poderia sentir-se mais perto dele do que estava agora.

Ele não pronunciou nenhuma palavra em muitos minutos, e Leigh desviou o olhar das

mãos entrelaçadas e olhou para ele. Michael a observava com muita atenção.

—O que você está pensando?

—Em doadores de rim. — brincou ela. Em seguida, ela balançou a cabeça, negando a petulante resposta, e calmamente disse-lhe a verdade. — Pensava em você.— A mão dele apertou com mais força a sua.

Uma vez em East Village dobraram para Great Jones Street, e Leigh o olhou com ousada alegria.

—Eu deveria ter adivinhado que nos traria de volta a casa. Eu sabia que este lugar havia mudado e pensava vir vê-lo por mim mesma às vezes, quando estivesse no centro, mas nunca cheguei a fazê-lo. Em minhas lembranças, era um lugar feio e em ruínas, mas olha agora! — Ela se inclinou para frente, olhando para o extravagante bairro de maravilhosamente restaurado, edifícios do século XIX, alguns deles convertidos em boutique de moda e outros, em elegantes lofts e

apartamentos.

O mercado Angelini ainda estava na esquina, mas já não era um lugar escuro e decrepito; uma ampliação e uma modernização o transformou em um atrativo mercado. Próximo a ele e estendendo-se ao longo da quadra havia um moderno restaurante, com abajures a gás e o resplendor suave de faróis que iluminava as janelas de dentro. Acima da porta, uma placa de bronze discreto indicava "Angelini's" e quando Leigh o viu, parou em seco.

— Eu sabia que havia um restaurante famoso que se chamava Angelini's, mas como é um sobrenome bastante comum, e eu pensei que o local estava em algum lugar ao sul daqui.

Ela colocou a mão na manga dele quando começaram a caminhar após o mercado.

— Espera, entremos em um minuto. Passou tanto tempo.

Algumas pessoas aguardavam na fila em frente à caixa registradora para pagar suas compras, mas ninguém olhou para eles. Aliviada ao comprovar que não ia ser reconhecidos, Leigh percorreu o primeiro corredor, depois o seguinte e, por último o outro, recordando as viagens que tinha feito até ali quando o dinheiro era curto, mas a vida não era tão complicada. Em algum lugar atrás dela, ela ouviu que Michael comentava, com um sorriso na voz:

— Você estava exatamente aí a primeira vez que a vi.

Ela se virou, surpresa que ele se lembrasse de tal coisa.

— Sêrio? Você se lembra disso? Sêrio?

— Muito bem. — Ele enfiou as mãos nos bolsos de seu sobretudo de caxemira. — Você usava jeans e uma camiseta sem mangas, e estava fazendo malabarismos com uma braçada de latas e laranjas. Uma laranja caiu do topo da pilha, e quando você se abaixou para pegá-la, caiu a outra e depois outra.

— Onde você estava?

— Bem aqui, atrás de você.

— Será que você nem se ofereceu para ajudar?

Ele deu um sorriso perverso.

— E estragar o maravilhoso espetáculo? Você tem que estar brincando.

Alegremente inconscientes do solo novo e perigoso que estava pisando, Leigh riu e revirou os olhos.

— Eu deveria ter sabido que não era meu rosto que você admirava. Você foi bastante degenerado naquela época.

— Não completamente. Finalmente eu dei a volta e fiquei na sua frente quando toda a pilha caiu no chão.

— Que galante de sua parte.

— Não foi por galanteria. Queria ver qual era sua aparência de frente.

— O que você viu?

— Cabelo.

Ela se engasgou da risada.

— Cabelo?

Ele assentiu.

— Você tinha começado apoiar-se nos joelhos e nas mãos para procurar as

laranjas que rolaram para debaixo da prateleira, e quando você olhou para mim, seu cabelo também tinha caído para frente e cobria uma parte de seu rosto. Assim que a única coisa que vi foi uma cortina de brilhantes cabelos acobreado e dois grandes olhos verdes caribe cheios de malícia. —Ele sacudiu a cabeça e disse, como se para si mesmo: —Esses olhos travessos me provocaram uma reação incrível.

—Que tipo de reação?

—Bom, seria um pouco difícil de explicar. —disse Michael, com velada diversão, então ele olhou para o relógio. —Vamos ao edifício do lado. —Ela caminhou com ele até o final do corredor, depois parou de repente, olhando para no exibidor de jornais e revistas em frente deles.

VALENTE IMPLICADO NO ASSASSINATO DE LOGAN MANNING

Abaixo da hedionda manchete do Daily News havia grandes fotografia de Leigh e Michael de perfil, como se estivessem olhando um para o outro.

Impactada por essa coincidência, Leigh olhou por cima do ombro para o corredor em que ele a viu pela primeira com as laranjas.

—Pensa, — disse com tom sombrio— há quatorze anos estávamos lá. E agora, — disse e indicou com a cabeça para as fotografias de ambos na capa sensacionalista do jornal— e agora estamos ali.

—Juntos por fim. —brincou ele, deslizando o braço ao redor de seus ombros.

A piada absurda de Michael provocou uma gargalhada de Leigh, e ela enterrou o rosto contra seu peito, enquanto seus ombros se sacudiam com uma alegria culpada e suas mãos se agarrando a suas lapelas.

Michael apertou o braço ao redor dela e sorriu à cabeça inclinada Leigh. Ele finalmente, viu seu maravilhosos olhos azul esverdeado acender de novo com a risada, e ele estava tendo a mesma reação.

Capítulo 47

Leigh deslizou para o banco de trás do Bentley junto a Michael, era o mesmo lugar que tinha ocupado na viagem até ali, mas desta vez ele estendeu um braço no respaldo do assento, o gesto seria possessivo se ele a tocasse, mas não a tocou. Isso produziu um profundo alívio em Leigh, tão profundo como a confusão que sentia com respeito a quais seriam as intenções de Michael mais tarde.

—Como estava o jantar? — Perguntou O'Hara.

—Excelente. — respondeu Michael depois de uma pausa que indicou a Leigh que ele esperava que ela dissesse algo.

Mas Leigh não percebeu. Ela não conseguia entender todas as implicações dos últimos dez minutos no restaurante. Não foi capaz de adaptar totalmente às coisas

que a tia de Michael havia dito, e tampouco sabia como lidar com a forma que Michael agiu depois disso. No começo ele ficou em silêncio a olhando fixamente, sem desculpar-se ou esclarecer o que tinha feito. Mas quando ela tentou fingir que não entendia o significado de seu comportamento, ele deixou claro que não toleraria evasivas. Por um lado, ele não hesitou em pôr um muro no meio do restaurante para protegê-la e agora também estava disposto a demonstrar uma bondade surpreendente, mas não a tolerar um engano, por pequeno que fosse.

Ela não o entendia absolutamente. Honestamente não podia acreditar que sua intenção fosse de seduzi-la essa noite; nem sequer podia imaginar por que ele gostaria de tentar. E, entretanto... havia algo na forma decidida em que disse: "*A noite não terminou ainda*" e "*Eu gostaria que conhecesse o lugar onde eu moro*", que seguia alarmando-a. Michael era um homem magnífico em muitos aspectos, e ela não queria que nada arruinasse a maravilhosa relação que tinha com ele. Não sabia se essa relação era forte o suficientemente para suportar um conflito sobre sexo, e tampouco queria testar.

Leigh deu um suspiro instável e olhou pela janela. Como se ele sentisse a confusão em sua mente, colocou o braço sobre seus ombros puxando-a para um abraço breve mas reconfortante. Ele a soltou quase que instantaneamente, mas sua mão ficou em seu braço, e foi a massageando para acalmá-la.

O'Hara parou o veículo em frente o edifício onde Michael morava, localizado no em Central Park West.

—Devo esperar aqui? — Perguntou a Michael enquanto este ajudava Leigh a descer do automóvel —Ou devo voltar mais tarde?

—Não tem uma noite de folga? — Brincou Michael.

Todo o corpo de Leigh pareceu se inclinar para o local da conversa.

—Não, nunca. Estou de plantão vinte e quatro horas do dia. É parte do trabalho.

—Então esta é sua noite de sorte. — disse Michael e fechou a porta do carro encerrando a discussão — Eu levarei Leigh para casa de táxi e pegarei o meu carro

Capítulo 48

Ele era dono da cobertura, Leigh percebeu quando ele introduziu a chave em uma ranhura no interior do elevador. Muito nervosa para iniciar uma conversa trivial, subiu com ele em silêncio até vigésimo oitavo andar. Dentro do apartamento reinava uma escuridão total, mas ao invés de acender as luzes, ele parou logo atrás dela e colocou as mãos em seus ombros.

—Posso pegar seu casaco?

Seus dedos roçaram a pele nua de seus ombros quando ele começou a tirar-lhe e Leigh estremeceu e puxando-o novamente ela voltou a vestir. —Eu acho que vou mantê-lo por enquanto. Está um pouco frio aqui dentro.

—Subirei a temperatura do termostato. — respondeu ele com firmeza.

Leigh finalmente tirou o casaco tentando adaptar os olhos à escuridão enquanto ele abria a porta de um armário e pendurava seu casaco e o sobretudo dele.

—Pronta? — Perguntou ele.

—Para quê? — perguntou ela, inquieta.

—Para sua primeira olhada. — Ele deu um passo para um lado, e um momento depois, uma série de luzes se acenderam, iluminando o que parecia ser como meio hectare vazio de pisos de mármore negro que estavam divididos em duas áreas circulares, cada um estava localizado sobre uma graciosa plataforma elevada com colunas brancas e arcos.

Não havia móveis! Sem mobília ... sem cama. Nenhuma cama ... sem perigo para essa

relação extraordinária que ela entesourava mais cada dia que passava.

—Eu ainda não mudei.

A tensão que Leigh sentia sobre suas intenções evaporou em uma onda de alívio feliz.

—Isto é... simplesmente glorioso. — conseguiu dizer ela enquanto descia pelos degraus do hall— Você pode ver a Hudson de lá. —Ela apontou para a plataforma enorme do lado esquerdo e olhou para Michael por cima do ombro.

—Essa é a sala de jantar. —explicou ele— A plataforma da direita é o living.

Ela virou-se para ele, e observou a ampla escadaria curva que havia perto da porta da frente e com a vista foi seguindo a intrincada balaustrada de ferro forjado que em algum tempo tinha adornado alguma mansão palaciana da antiga Nova Iorque e que conduzia ao balcão que havia acima.

—É excelente.

De lá, ele a guiou em direção a um corredor amplo que havia junto a sala de jantar e os seus passos ecoando nesse espaço de teto alto.

—Pelo visto você não gosta de espaços fechados. —disse Leigh, sorrindo.— Eu também não. — Uma cozinha grande e acolhedora estava aberta para uma salinha que, com duas paredes de vidro, uma em cada extremo, tinha uma vista do rio Hudson para o oeste e Central Park, para o leste.

A parede sul havia uma lareira de alabastro rodeada por deslumbrantes painéis de madeira e amplas molduras esculpidas, tudo isto tão único que Leigh o reconheceu em seguida.

—Isto veio da mansão Sealy*. — Entrelaçou as mãos nas costas, e lançou a Michael um olhar de conhecedora. — Você foi o comprador anônimo no arremate, que pagou uma fortuna para obtê-lo. — aproximou-se das janelas que davam para o leste. — A vista que tem de seu apartamento são de tirar o fôlego. Até posso ver meu apartamento do outro lado do parque.

Enquanto ela falava, Michael se aproximou do bar que estava embutido na parede que a salinha compartilhava com a sala de jantar. Tirou o paletó e a

* A mansão de George Sealy foi projetado pelo renomado arquiteto de Nova Iorque, de Stanford White. Ele a chamou de "Portões Abertos", e inspirou outros empresários a demonstrar sua riqueza através da arquitetura. O estilo é conhecido como neo-renascentista.

gravata, para jogá-los sobre uma banqueta do bar, depois soltou o botão de cima da camisa. Ela se juntou a ele no bar, caminhando em direção com a mesma graça inconsciente que ele sempre tinha admirado nela. Leigh relaxou no momento em que percebeu que seu apartamento não estava mobiliado, de modo que Michael pretendia dar a ela um copo de conhaque para ajudá-la a relaxar antes que descobrisse que a suíte do dormitório estava mobiliada.

Ela deslizou sobre uma banqueta, cruzou as mãos, e pousou o queixo sobre elas.

—Eu tive uma noite encantadora hoje. Eu amo sua tia. Deve ser bom de viver onde

a gente passou a infância e poder conversar com pessoas como Frank Morrissey, que conheceu toda a vida.

—E cuja vida pessoal foi e continua sendo sempre assaltada em sua dignidade cada vez que apresenta uma oportunidade. — brincou Michael ao pegar a garrafa de conhaque— A noite que acompanhei até sua casa você disse que era de Ohio. Foi ali onde nasceu?

—Não. Eu nasci em Chicago. Minha mãe era enfermeira e eu vivi com ela até os quatro anos.

—E o seu pai?

—Ele a deixou assim que ela ficou grávida de mim. Eles não eram casados.

—E como foi que você terminou em Ohio? — Michael abaixou-se e localizou alguns copos de conhaque nas caixas de mudança que havia atrás do bar; depois se endireitou, mas o que ela disse a seguir o fez esquecer os copos que tinha nas mãos.

—Quando eu tinha quatro anos, mamãe foi diagnosticada com o que naquela época era uma doença incurável, um câncer de rápida propagação, assim ela me mandou viver com minha avó em Ohio. Ela pensou que seria fácil para mim adaptar a viver permanentemente sem ela se fizesse dessa maneira, em etapas. Ela veio ver-nos muitas vezes, sobre tudo no princípio, enquanto se submetia a um tratamento experimental no hospital, e continuou trabalhando até quando a enfermidade permitiu.

—Então o que aconteceu depois?

Leigh deixou cair as mãos e as apoiou com as palmas para baixo e os dedos bem abertos sobre o mostrador do bar, como se preparasse para a narração.

—Certo dia, quando eu tinha cinco anos, ela se despediu de mim com um abraço e um beijo e me disse que voltaríamos a nos ver muito em breve. Ela não sabia que não ia ter outra oportunidade para isso.

Os olhos de Leigh, seu rosto, seus gestos eram tão expressivos que fizeram com que Michael revivesse essa história junto com ela, tal como esses mesmos olhos fascinavam e atraíam um público que pagava para vê-la atuar. Mas agora ela não estava atuando, o que dizia não era um script, e ele estava muito longe de ser um observador indiferente. Teve que olhar para baixo e concentrar-se em servir o conhaque para romper o feitiço.

—Vocês se lembram dela bem?

—Sim e não. Lembro-me de amá-la e estar animada para vê-la. Lembro-me que

lia histórias para mim antes dormir, por estranho que pareça nessas circunstâncias, eu realmente me lembro dela feliz e alegre quando estávamos juntas. E, entretanto, ela sabia que estava morrendo, que sua vida terminava antes de ter uma chance de começar.

Desta vez, ele encontrou seu olhar.

— Você deve ter herdado o seu talento.

— Qual talento?

— Seu talento para atuar.

— Isso nunca tinha me ocorrido. Obrigada — disse ela baixinho. — Eu nunca vou esquecer. A próxima vez que eu caminhar para um palco, eu vou me lembrar que uma parte dela está ali, comigo.

Um minuto atrás, Leigh o fez sentir a dor com ela, agora sorria para ele e o fazia sentir-se um rei. Amar Leigh Kendall sempre foi para ele como viajar em uma montanha russa. Há muito tempo atrás, ele se viu obrigado a afastar-se dela e isso foi dolorosamente difícil. Agora estava com ela, e o maravilhava tanto o vínculo que estava estabelecendo entre os dois que era capaz de sentir o que ela sentia.

— Você cresceu em Ohio, então?

Ela assentiu.

— Em uma cidade minúscula que você nunca ouviu falar.

— Você sentia-se sozinha?

— Não, na realidade, não. Todos na cidade conheciam minha avó e tinham conhecido a minha mãe quando garota. Eu era quase uma "*orfãzinha*", assim praticamente a metade da cidade me adotou.

— Uma bela orfãzinha. — comentou ele.

— Eu nunca estive sequer perto de ser bela, especialmente, naqueles dias. Tinha sardas e um cabelo da cor dos caminhões de bombeiros. Há uma foto minha quando eu tinha uns três, sentada em um sofá segurando minha boneca Raggedy Ann* junto ao rosto. — Rindo, ela confidenciou: — até parecíamos gêmeas!

Sua risada era tão contagiosa que ele sorriu.

— E como foi que você terminou em Nova Iorque?

— Minha professora da escola secundária descobriu que eu tinha talento para atuar e converteu em sua missão na vida e conseguir uma bolsa para mim na Universidade de Nova Iorque. Quando eu parti para Nova York, metade da cidade foi até a estação de ônibus para se despedir. Eles nunca duvidaram que eu triunfaria e, durante muito tempo, confesso que eu me esforçava em fazê-lo mais por eles que por mim mesma. Minha avó morreu há dois anos e eu parei de ir lá.

Michael entregou-lhe um copo de conhaque e pegou o dele.

— Veem comigo, — ele disse — e eu vou lhe mostrar o que os arquitetos chamam de o "*refúgio do dono*". — Ele esperou que ela se levantar e tomar um gole de conhaque, em seguida, apoiou uma mão em suas costas. Tinha esperado muito tempo para provar os lábios suaves de Leigh.

* Raggedy Ann é uma boneca de pano com o fio vermelho para o cabelo e tem um nariz triângulo. Criada de uma personagem fictício criado pelo escritor norte-americano Johnny Gruelle (1880-1938) numa série de livros que ele escreveu e ilustrou para crianças pequenas.

Ela estremeceu e disse:

- O primeiro gole de conhaque sempre tem gosto de gasolina.
- Leigh viu que na boca de Michael desenhava um meio sorriso.
- Eu disse algo engraçado?
- O meio-sorriso tornou-se um sorriso preguiçoso.
- Não.
- Então, por que você está sorrindo?
- Eu vou te dizer mais tarde.

Capítulo 49

Ansiosa para ver o que ele queria mostrar, Leigh caminhou com ele ao longo do hall. Escondido da vista do living pela curva da escada havia um par de portas que se abriam para uma bela e pequena sala de estar em desnível, com grupos que pareciam ser confortáveis sofás dispostos em frente a uma lareira.

Mais cedo, a ausência de móveis a tinha tranquilizado, mas depois do agradável tempo eles passaram conversando na sala, ela percebeu que suas preocupações eram infundada. Michael não tinha feito nenhuma insinuação e ela se perguntou o que a tinha feito supor que ele planejava uma coisa assim. Depois da morte de Logan, suas emoções não eram nada estáveis e era óbvio que tampouco era seu critério para julgar as coisas.

Enquanto descia os degraus, ela olhou ao redor e disse:

- Você tem um pedaço de céu aqui.
- Você gosta?
- Eu adoro.

Sobre a direita, do outro lado de uma grande arcada, estava o que supôs que era um quarto, mas como através do aposento tinha uma visão clara além das grandes janelas para o Central Park, não estava tão segura. Entretanto, à esquerda, por outra abertura similar mostrou um relance de madeira e vidro com iluminação embutida, de modo que ela assumiu que devia ser o estúdio de Michael.

— Eu pensei que você disse que não tinha de mudado ainda. — disse.

— Eu não quis insinuar com isso que não morava aqui ainda. Fiz mobiliar esta suíte há duas semanas para que eu pudesse habitar este apartamento. O resto das minhas coisas chegarão na próxima semana, mas não são muitas coisas. Vendi quase tudo o que havia junto com minha outra moradia. — explicou enquanto se dirigia para o estúdio. Leigh pôs seu copo de conhaque sobre a mesa baixa e o seguiu. — As únicas coisas significativas que conservei são minha mesa, porque eu mesmo a desenhei, meus livros e algumas obras de arte e esculturas que têm um valor especial para mim.

Ele tocou um interruptor de luz e iluminação oculta procedente do teto raso aumentou. No estúdio, tudo estava coberto com painéis de madeira mogno claro, incluindo o forro esculpido do teto raso.

Sua mesa era uma peça magnífica, grande sem ser pesada, com cantos arredondados. Estava posicionada na extremidade esquerda da sala, de frente aos armários com portas de vidro e os nichos com obras de arte. Leigh se aproximou para admirá-la.

— Você tem muitos talentos. — disse ela ao deslizar um dedo pela madeira suave.

Quando ele não respondeu, ela olhou por cima do ombro e o viu ainda de pé na entrada do aposento, com a mão esquerda no bolso e copo de conhaque na direita... Observando-a com expressão solene e, ao mesmo tempo, divertida. Intrigada, Leigh virou-se e olhou para os livros na estante que se alinhavam na parede à direita, caminhando com lentidão e fixando-se nos títulos dos livros.

— Há alguma coisa no mundo que não se interesse? — Ela perguntou com um sorriso rápido.

— Algumas coisas.

Uma resposta estranha e lacônica, pensou Leigh. Talvez ele estivesse cansado. Michael parecia ter uma fonte inesgotável de energia que lhe permitia trabalhar todo o dia e ficar até tarde no apartamento dela quando jantavam juntos.

— Vocês está cansado?

— Absolutamente.

Ela seguiu movendo-se entre as prateleiras com livros até chegar até onde ele estava; então se virou e se encaminhou à parede de armários com porta de vidro e os nichos em frente a mesa.

— Vejamos agora que obras de arte e esculturas você gosta particularmente. — Seu gosto era eclético e refinado: um fabuloso vaso etrusco, um esplêndido busto de mármore, um taça lápis-lazúli, magnificamente incrustada com ouro. Leigh chegou a um pintura a óleo emoldurada e localizada em um suporte de livro atrás do vidro com iluminação posterior. — Por favor, que esse Renoir não esteve aqui enquanto havia operários por toda parte.

— Até hoje esteve em um cofre, e o sistema de segurança deste aposento é muito mais elaborado do que parece.

Leigh olhou no próximo nicho muito pequeno, e ficou atônita ao ver o que continha: uma figura diminuta e barata de estanho, que representava um cavaleiro de armadura. Ela virou-se e olhou para Michael.

Em resposta, ele ergueu as sobrancelhas, esperando e aguardou a que ela expressasse sua opinião. Interiormente, Leigh estava desconcertada, mas decidiu firmemente que desta vez deixaria que ele desse sua explicação voluntariamente.

Michael sabia que ela se sentia realmente comovida, mas em um abrir e fechar de olhos Leigh se transformou na atriz que era e caminhou com indiferença para o próximo nicho, as mãos entrelaçadas atrás das costas.

— Esta escultura de cristal é obra de Bill Meeks?

— Sim. — disse ele, tentando não rir. Ela não poderia ter feito sua atitude mais eloquente, a menos que tivesse começado a cantarolar uma melodia, e tampouco poderia estar mais atraente do que estava com essa túnica negra de mangas compridas que acentuava as mesmas curvas provocantes que ocultavam de sua

vista... temporariamente. Muito temporariamente.

— Eu adoro o trabalho de Bill Meeks. É tão edificante, quase espiritual.

Michael decidiu desmascará-la.

— O que você achou do cavaleiro de estanho que viu antes? — Educadamente, ela retornou para re-examiná-lo e disse, como se estivesse realmente procurando alguma coisa para elogiar:

— Tem uma excelente iluminação.

Michael sentiu uma onda de ternura por ela.

— Eu sempre admirei a sutileza de sua mensagem.

— Quanto diria que vale essa peça? — Perguntou ela, fingindo interesse.

— Essa peça em particular não tem preço.

— Ah!. — Leigh se dirigiu a outro nicho e ele observou a forma em que o cabelo dela brilhava à luz quando se inclinava um pouco para estudar a escultura mais de perto. — Sabe? — disse Leigh como se acabasse de recordar o incidente— há muito tempo atrás, eu dei de presente a um homem um pequeno cavaleiro de estanho parecido com esse.

— Sério? Como ele reagiu?

— Ele não queria aceitá-lo. Na verdade, ele não queria nada comigo. Nunca falava comigo menos que se visse obrigado a fazê-lo e, quando o fazia era descortês ou cáustico.

— Que imbecil.

Ela abaixou um pouco para ver o nicho que estava debaixo.

— Sim, era. Mas por razões que eu não conseguia entender, sempre me incomodou que ele não gostasse de mim. E todo o tempo continuei tentando fazer amizade com ele.

— É provável que ele tenha percebido.

— Talvez. Mas isto é o realmente estranho. Anos mais tarde, descobri que ele gastou todas suas economias para comprar peras especiais que não me dava pessoalmente... e que também foi ver-me atuar em uma peça de teatro. — Leigh passou para a próxima vitrine, seguiu para a seguinte e parou, depois chegou até o final e lentamente começou a retroceder refazendo seus passos. — Uma noite, ele arriscou a vida para salvar a minha. Você não acha tudo isso um pouco estranho?

— A primeira vista, sim.

— O que você acha que eu deveria fazer?

— Em seu lugar. — disse Michael com um tom divertido e solene, colocou seu copo sobre uma prateleira e caminhou para Leigh— Eu insistiria em uma explicação.

Ela enviou-lhe um olhar de soslaio sob seus cílios.

— Você tem uma explicação?

— Sim. — Colocando a mão no seu braço, ele a virou para encará-lo enquanto ele lhe dizia a verdade. — Há quatorze anos atrás eu queria que tivesse as peras mais formosas do estado de Nova York, e eu queria ser o único que as conseguia. Queria que me falasse e queria falar com você. Queria conservar o presente que me deu e queria dar-lhe presentes. Em suma. — disse finalmente. — Eu queria você.

Ela o olhou fingindo que se esforçava para entendê-lo.

—E você pensou que poderia me fazer querê-lo sendo uma pessoa odiosa?

—Não. — disse ele, sacudindo a cabeça com firmeza pela negativa— Eu tinha um passado escuro e um futuro cinzento pela frente, não queria que você tivesse nada a ver comigo. Queria algo muito melhor para você, do que eu. — Em tom de recriminação, acrescentou: —Também queria para você alguém muito melhor do que o mauricinho imbecil e farsante que você se apaixonou. Fiquei furioso quando você contou a minha tia que estava comprometida com ele. Eu não podia acreditar que eu realmente a salvei de mim, só para que terminasse com Logan Manning.

Durante vários minutos, Leigh lutou contra o impulso simultâneo de rir, chorar e inclinar-se e beijar seu rosto.

—Essa é a história mais bizarra que já ouvi em minha vida. — disse ela, finalmente, com um sorriso encantador — E, possivelmente, a mais doce.

Sorrindo de volta para ela, ele colocou o braço sobre seus ombros e começou a andar em direção a porta enquanto dizia algo tão comovedor que ela apoiou a cabeça no ombro dele.

—Eu conservei esse cavalheiro de estanho à vista em todos os escritórios que eu tive. Era o meu guia. Nos primeiros anos, se eu duvidava com respeito a uma escolha, olhava para esse pequeno cavalheiro de estanho e me lembrava que eu era 'galante' em seus olhos, e que era capaz de tomar a decisão mais correta e ética. — Em tom de brincadeira, explicou: —Eu não tive muitas oportunidades para ser "galante", então me contentei na ética em seu lugar. — Ele parou na sala e pousou seu quadril na parte de trás de um sofá, em seguida, ele a puxou para perto contra suas pernas e colocou as mãos na sua cintura.

Leigh intuiu que o que ele queria dizer a seguir era muito importante, porque ele parecia levar uma quantidade incomum de tempo pensando sobre isso. Ou isso, ou ele não sabia o que ele queria dizer. Leigh estendeu um braço, pegou o copo de conhaque da mesa, bebeu um gole e notou o quão atraente Michael estava com a camisa branca com o colarinho aberto. Seu rosto era severamente bonito, mais severo do que bonito, às vezes, mais infinitamente mais "masculino" do que o de Logan. Michael tinha força esculpida em sua mandíbula e orgulho estampado em suas feições. E ele tinha olhos maravilhosos, olhos que poderiam ter um olhar severo ou terno, mas que sempre esbanjavam conhecimento e sabedoria. Em geral a mente de Logan estava em outra coisa além da pessoa com quem estava falando; seu olhar sempre se perdia junto com seus pensamentos.

Michael não percebeu que ela estava analisando seu rosto; estava tentando decidir o que dizer a seguir. Sabia com exatidão o que queria dizer: *Eu estou apaixonado com você. Venha para cama comigo, e eu vou fazer você esquecer o quanto ele te machucou.* O problema era que a traição de seu marido iria impedi-la de acreditar nele se dissesse o que sentia por ela, tal como impediria de querer deitar-se com ele nesse momento.

Estava tão seguro disso como que o que Leigh sentia por ele era muito mais profundo do que ela queria admitir. Sempre havia existido um vínculo inexplicável entre os dois; uma compreensão essencial que se manifestava assim que estavam

juntos. Anos antes, ela tinha visto algo de bom nele e instintivamente o obrigou a sair à superfície. Mesmo agora, quando o mundo compreensivelmente acreditava no pior dele, quando um jornal lançava a teoria de que ele tinha assassinado o marido de Leigh, ela, - que precisamente deveria suspeitar mais — era sua defensora mais tenaz.

Infelizmente, essas eram todas as questões emocionais, e ele não acreditava que Leigh estivesse pronta para falar delas, pois suas emoções já estavam sobrecarregadas. Mas ele decidiu tentar a primeira abordagem. Deslizou as mãos para cima nos braços de Leigh e em voz baixa perguntou:

—Você acredita no destino?

Ela riu, e havia um leve tremor em sua voz.

—Não mais. — Depois de uma pausa ela franziu o nariz e disse:— E você?

Esse tremor na voz de Leigh o fez detestar Logan Manning o dobro do que já o odiava.

—Eu sou italiano e irlandês. — brincou— Meus antepassados inventaram a superstição e o folclore. É claro que acredito no destino. —Ela sorriu para ouvi-lo, assim que ele continuou com um tom superficial: — Acredito que estava destinada a dar-me de presente esse cavaleiro. Que estava destinada a ser meu guia.

Michael percebeu a incerteza e incredulidade obscurecendo os olhos de Leigh, mas ele continuou de qualquer forma para testar seus limites emocionais.

—Eu estava destinado a protegê-la. Estava destinado estar lá para você quando os dois valentões tentaram atacá-la. Também estava destinado a tê-la, — acrescentou sem rodeios,— mas falhei irremediavelmente e permiti que Logan Manning a tivesse. Sabe que outra coisa acredito?

— Estou quase com medo de perguntar.

Maldito Logan Manning.

— Eu acredito que o destino está me dando outra chance para cumprir minha tarefa.

— E... qual é sua tarefa? — Ela perguntou com diversão cautelosa.

— Eu disse a você, — Michael disse, tentando não soar tão solene como sentia — minha tarefa é protegê-la. E neste momento parte desta tarefa é ajudá-la a esquecer de Logan. É hora de acertar as contas com ele por ele ser infiel e trair sua confiança. Não vai poder sentir você mesma até que recupere seu orgulho.

— E como faria para acertar as contas com ele?

Ele a olhou com um sorriso lento, malandro.

—Olho por olho... — disse— Ele te traiu, então você tem que traí-lo agora em sua memória.

Seus olhos estavam nadando com alegria, e ela mordeu o lábio para parar de rir, mas em sua voz existia um afeto inequívoco.

—Alguma vez pensou em alegar insanidade quando a polícia o incomoda? — Perguntou Leigh — Porque realmente acredito que nós poderíamos obter sua liberdade com...

—Nós? — Repetiu ele, interrompendo-a. —Reparou com que naturalidade formou uma equipe comigo? Você não lutaria por você, mas quando esse jornal disse

algo feio sobre mim, ficou furiosa com todos os envolvidos. —Ele riu e sacudiu a cabeça. — Há quatorze anos teríamos formado uma equipe incrível.

Com esforço, ele separou de sua mente esse pensamento e se preparou para uma breve escaramuça.

—Mas isso então e isto é agora, e aqui me tem... Pronto para cumprir com minha tarefa e ajudá-la a acertar as contas com Logan esta noite. Me oferecendo voluntariamente. Venha para cama comigo.

Pela primeira vez Leigh percebeu, que apesar de seu tom de brincadeira, ele falava sério, muito sério.

—Não! Absolutamente não! É uma loucura. Mudaria tudo. Depois não seríamos os mesmos. Eu adoro a relação que temos neste momento. E, além disso, ele não seria certo, não seria justo.

— Para quem?

— Para você! Como pôde pensar que eu poderia... te usar... dessa maneira? Nem em sonhos!

Ele riu .

—Eu quero ser usado.

Ele ria, mas não só dizia sério, mas também estava absolutamente decidido. Leigh percebia em sua voz. O simples pensamento de ir para a cama com ele, de expor-se tanto emocional como fisicamente, encheu-a de pânico. Ela o perderia, junto com o pouco auto respeito que restava.

— Por favor,— disse Leigh dolorosamente —por favor, não faça isso comigo. Deixe as coisas continuarem do jeito que estão. Eu não quero ... fazer isso. Com ninguém.

Ela se afastou o suficiente para colocar o copo na mesa, mas suas mãos apertaram e ele levantou-se quando ela tentou sair de seu alcance.

—Você vai ter que me dizer por quê ... —Uma fúria cega contra Logan Manning percorreu as veias de Michael como ácido, mas ele manteve sua voz neutra—... Ou eu não vou levar um não como resposta.

A voz do Leigh se quebrou.

—Maldito! Por que você está fazendo isso comigo!? — Apoiou a testa contra o peito de Michael e seus olhos se encheram de lágrimas de humilhação e desespero.

—Não pode me deixar um pouco de orgulho?

Ele olhou por sobre a cabeça de Leigh e suas mãos pressionaram com mais força suas costas com gesto de proteção, enquanto ele propositalmente punha a prova suas feridas.

— Eu quero que você me diga porque não quer deitar-se comigo. E quero que me diga a verdade.

— Muito bem! — Exclamou ela—. Aqui está a sua verdade! O mundo inteiro sabe 'a verdade'. Meu marido não me desejava. Não sei o que acha que ganharia indo para cama comigo, mas se não fui o suficiente para ele, não será suficiente para você. Eu o amava, —disse e teve que calar por um instante—e ele nem sequer se importou o suficiente o bastante para manter as mãos longe de minhas amigas ou de minhas colegas. Solte-me. Eu quero ir casa! —Lutou com mais intensidade e

quando os braços dele a aprisionaram mais contra seu peito, Leigh se afrouxou contra Michael entre soluços. — Os nomes de suas amantes saíram publicados em todos os jornais...

—Eu sei. — sussurrou ele, intensificou seu abraço, apoiou a bochecha contra o alto da cabeça de Leigh, engolindo dificilmente o carço dolorido de emoção em sua garganta, e suas mãos a acariciaram enquanto os ombros dela se sacudiam pelo angustiante pranto. Michael recordou a primeira vez que esses olhos verdes o olharam cheios de riso, emoldurados por uma cortina de cabelo acobreado, e então fechou forte seus próprios olhos. Esperou até que o pranto de Leigh começou a diminuir; depois sacudiu com firmeza seu próprio pesar e resolveu fazê-la rir.

—Não a culpo por chorar. Quero dizer, aonde encontrará outra vez outro homem com tanta integridade, lealdade e ego? — Com um suspiro divertido, acrescentou: — você vai ter que saltar por cima de campos cheios de estrume antes de poder encontrar uma pilha tão grande como a que teve.

Seu corpo enrijeceu como se uma faísca de eletricidade a tivesse atravessado e, depois de um momento de imobilidade, seus ombros começaram a tremer de novo, só que com mais força. Sorrindo, Michael levantou a cabeça. Ele sabia que ela estava rindo, mesmo antes dela arrastar o rosto de sua camisa e erguer os olhos gloriosos para ele.

Leigh enxugou os olhos com os dedos e assentiu.

—Você está certo. — Sentiu-se tão alegre e despreocupada que a experiência quase a aturdiu.

Ele deslizou os dedos pela suave face de Leigh e secou uma lágrima que ainda restava ali.

—Eu dei a Logan minha garota, —disse com fúria— e olha o que ele fez com ela. —Ele

ergueu as sobrancelhas e acrescentou significativamente. — Eu preciso acertar as contas com ele, também.

Com um sorriso interior de rendição, Leigh percebeu que ele ainda estava inflexivelmente determinado a levá-la para o quarto, e também compreendeu que ela queria ir com ele. Desejava-o muito. A rapidez desse anseio a surpreendeu, mas não tanto como seu fervente desejo que não se tratasse de uma brincadeira de Michael. Por outro lado, sabia que ele se preocupava com ela, e era isso que importava. Ela decidiu ir com ele.

No instante em que Michael viu um brilho especial nos olhos de Leigh soube que tinha vencido e todo seu corpo ficou tenso com o desejo premente de tomá-la em seus braços, mas tinha medo de fazer um único movimento.

— Sabe? — Ela apontou para ele muito gentilmente, como se tentasse não ferir seus sentimentos—. Na realidade, eu nunca fui sua garota. Eu era a garota de Logan.

Michael sorriu porque ela estava flertando com ele, e cruzou de braços

— Eu poderia tê-la afastado dele de qualquer jeito... — disse e estalou os dedos.

—Você parece muito seguro de si mesmo!

Ele levantou as sobrancelhas e declarou, com arrogância:

— Eu sou.

— E, me diga, como você faria isso?

A voz grave de Michael de repente ficou rouca e Leigh a sentiu como uma carícia sensual.

— Eu teria feito amor com você, exatamente como eu vou fazer hoje, e depois você poderia ter comparado o desempenho dos dois.

Despreparados para qualquer menção a uma comparação, Leigh sentiu que, por um instante, sua altivez se quebrava, e que a realidade aparecia por essa rachadura. Logan foi um amante maravilhoso... quando se incomodava em ser amante dela.

Para seu horror, Michael não só adivinhou o que ela tinha estado pensando, mas também decidiu tocar no assunto em voz alta. Sorrindo, estudou sua expressão.

— Ele era tão bom assim?

Ela tentou fazê-lo mudar de assunto, dando-lhe um olhar de censura e virou a cabeça.

Mas isso não funcionou. Ele se afastou um pouco e ficou estudando o rubor que começava a tingir suas faces.

— Sério? — Ele brincou—Ele era realmente tão bom assim?

—Eu não posso acreditar que esteja tendo esta conversa — ela advertiu sombriamente.

Tampouco Michael podia acreditar, mas as coisas tinham chegado ao ponto aonde ele queria, assim ele levantou-se, rodeou a cintura dela com um braço e a guiou firmemente para o quarto.

—Que comecem as comparações. — disse.

Capítulo 50

Uma vez no quarto, Leigh se separou de Michael mal ele retirou o braço de sua cintura, e depois ela deu a volta até o outro lado de sua cama. Virando as costas para ele, tirou um brinco e o colocou na mesa de cabeceira.

Apesar de seu sorriso audacioso de alguns minutos atrás, era evidente, que ainda se sentia desconfortável em relação ao que estavam fazendo. Michael percebeu, então ele permitiu a ela a ilusão de privacidade. Contudo, uma vez que ela não pediu que não a olhasse, ele se instalou aos pés da cama — onde poderia detê-la se ela perdesse coragem e quisesse ir embora— e, depois, rendeu-se ao delicioso prazer de observar a mulher que amava preparando-se para deitar-se com ele.

Ela tirou o outro brinco, colocando-o no criado-mudo e, depois fez o mesmo com o colar, enquanto ele desabotoava a camisa.

Leigh tirou a pulseira e a colocou também sobre o criado-mudo, Michael

desabotoou os botões dos punhos da camisa.

Ela levou as mãos ao zíper de seu vestido, ele começou a desabotoar o cinto.

Leigh vacilou, as mãos atrás das costas, perto do fecho, ele teve medo que houvesse problemas, mas manteve seu tom amistoso e informal.

—Precisa de ajuda?

—Não.

Leigh finalmente deslizou o zíper para baixo, ele soltou seu cinto.

O vestido de Leigh saiu pela cabeça e ao mesmo tempo sua pulsação também subiu; o olhar de Michael percorreu-lhe as costas, a roçou apenas, acariciou-a. Ela o sentiu e estremeceu. Michael notou e sorriu.

As meias e a calcinha negras eram a última barreira entre os dois, o último refúgio seguro de Leigh. Michael terminou de despir-se e conteve o fôlego quando Leigh hesitou um momento com as mãos no elástico da cintura, incapaz de respirar sequer quando ela começou a enrolá-las para baixo.

Ela se sentou na cama para terminar a tarefa e uma perna longa e torneada emergiu, brilhante e nua. Ele estava quase lá. Só mais uma perna, e ela seria dele. Já não adiantava fingir que fazer amor era somente o plano dele para desfrutar de uma feliz diversão.

Pensativa, Leigh terminou lentamente de tirar a outra perna das meias e ficou de pé para colocá-las sobre uma cadeira, junto a seu vestido. Não podia acreditar que ia permitir que isso acontecesse; não podia acreditar na influência que Michael Valente sempre exerceu sobre ela. Ele tinha levado como uma brincadeira e ela aceitou entrar no jogo, mas já não parecia divertido. Parecia-lhe, algo solitário . . . Impessoal. Ela deixou a meia-calça na cadeira, ficou sem fôlego, quando as mãos dele agarrou seus braços e fizeram-na girar e a pressionou quase com rudeza contra seu peito. Sobressaltada, Leigh abriu a boca; a boca de Michael se apoderou da sua num beijo possessivo, descontroladamente erótico que foi surpreendentemente ... pessoal.

Ela aterrissou de costas sobre a cama e Michael a seguiu. Ele esticou seus braços acima da cabeça, entrelaçou os dedos com firmeza com os seus e os sustentou ali enquanto ele abaixava a cabeça, e saqueava sua boca e a atormentava com sua língua. Ele a fez derreter; ela o acendeu.

Michael levantou a cabeça e a olhou nos olhos, os dele estavam entrecerrados pelo desejo; os dela estavam arregalados de espanto. Michael voltou a inclinar a cabeça e Leigh se preparou para outro beijo turbulento como os anteriores, mas a boca dele mal roçou a sua. Incapaz de tocá-lo, com as mãos aprisionadas nas dele, ela seguiu o seu exemplo, esfregando os lábios contra os dele e logo pediu mais. Ele deu e ela tomou. Ela ofereceu, e ele provou. E então a boca de Michael se abriu sobre a sua, uma vez mais ferozmente, insistente e faminta, sua língua acariciando a dela, seus lábios ásperos e macios. Ele a transformou num corpo macio e maleável; mas ela não teve absolutamente o mesmo efeito sobre ele.

Michael ergueu a boca da dela, beijou com suavidade na face e continuou baixando até um de seus seios e, depois, ao outro. Os acariciou com o nariz e ela

ofegou. Ele a fez doer, e doer muito mais, até que ela gemeu . Ele a fazia desesperar-se; ela fazia com que seu desejo fosse ainda mais intenso.

Ele parou e, gentilmente colocou sua bochecha contra seu coração trovejando, enquanto lentamente foi soltando as mãos e abrindo-as, roçou seus polegares contra as palmas das mãos dela num toque exploratório que foi extremamente excitante; depois ele foi baixando os dedos para os punhos e os antebraços de Leigh e depois voltou a subi-los e baixá-los em uma carícia sábia. Fascinada, Leigh aprendeu o que era ser desejada como um todo.

Ela levantou os braços e massageou seus ombros largos enquanto a cabeça de Michael continuava descendo beijando-lhe a cintura e depois o umbigo.

Ele fazia cócegas, ela riu. Sem aviso prévio, ele abaixou a cabeça ainda mais e ela gemeu, primeiro pela surpresa e depois de puro prazer.

Ela cravou as unhas em suas costas e enfiou os dedos em seus cabelos. Desesperada, ela o puxou de volta até a sua boca e o virou de costas e beijou-o até ficar sem fôlego.

Esqueceu tudo o que Logan tinha ensinado e mudou as técnicas por um desejo ardente. Esmagou sua boca contra os lábios de Michael, esmagou-lhe as mãos com as suas e foi seguindo os músculos dos braços como ele fez com ela. Com grande deleite, descobriu que os braços de Michael eram duros como o aço e que sua boca era um veludo ardente. Beijou-lhe os olhos e o fez sorrir. Acariciou-lhe o peito com o nariz e abaixou inclusive mais. Ela o fez ofegar. Ele a fez parar.

Ele a rolou de costas, sem separar sua boca da dela e abriu-lhe as pernas. Com seus quadris sobre os de Leigh e seu corpo rígido, preparado para penetrá-la... Michael parou...

Leigh esperou, respiração acelerada, seu corpo febril. Abriu os olhos e o olhou. Os olhos de Michael estavam em chamas. Ela levantou as mãos e, com certo temor, tocou-lhe no rosto e com a ponta dos dedos percorreu os planos firmes da mandíbula e da face. Ele a penetrou alguns centímetros. Ela o desejou mais que nunca e levantou os quadris. Ele abaixou a cabeça e beijou seu lábios e a penetrou com uma força repentina que fez com que o corpo de Leigh se esticasse como um arco.

O corpo de Leigh era o violino de Michael; um violino que ele executou sem pausa e com maestria até que os gemidos dela se transformaram na canção dele. Michael tocou essa melodia a seu ritmo. Ela se retorceu e se agarrou a ele com toda a sua alma; então Leigh se rendeu a sua vontade selvagem e se juntou a ele como se fossem um só.

Consternada, Leigh se aconchegou nos braços de Michael e pousou o rosto em seu peito. Sua mente não fez nenhuma comparação, mas seu coração já conhecia a resposta. Logan podia fazê-la gemer. Mas Michael a fazia chorar de prazer.

Ele falou, e sua voz profunda soou como de veludo e cobriu o corpo nu de Leigh. Serena e solenemente, ele disse:

—Estou apaixonado por você .

Palavras dolorosamente pungentes. Cedo demais para ouvir dos lábios de outro homem; muito cedo para pronunciá-las também. Ele queria que ela acreditasse nele, ela

sabia, e depois quis que ela as repetisse. Leigh sentia as palavras, mas não podia pronunciá-las. Em troca, deu-lhe a metade do que ele queria.

— Eu sei já sei —. E no longo silêncio de espera que seguiu a essa resposta inadequada, ela o olhou com o coração no olhar.

Michael viu a admiração e ternura neles. Ele amava esses olhos, e entendeu. Eles estavam dizendo a ele tudo o que ele queria que ela dissesse, pedindo-lhe para esperar, apenas um pouco mais. E então esse olhar desceu até a boca de Michael e os lábios dela roçaram suavemente os dele lenta e insistentemente. Leigh já era dele.

* * *

De pé junto a janela e rodeada pelos braços de Michael, Leigh viu como a luz do amanhecer iluminava o céu sobre o Central Park. Menos de doze horas antes, ele tinha tomado sua mão e a segurara assim pela primeira vez. Desde então, ele a levou para a cama, fez amor com ela duas vezes, e roubou seu coração. Ela se inclinou para trás, encostou-se em seu comprimento sólido, e a mão dele deslizou sobre um seio numa carícia possessiva. A Leigh pareceu errado, tolice, negar-lhe a verdade.

— Eu te amo. — disse ela baixinho.

Como resposta, os braços de Michael se fecharam com ferocidade ao redor dela; então com o braço esquerdo pegou o quadril dela puxando-a mais perto, como se quisesse unir os dois corpos num só.

— Eu sei. — sussurrou ele ao seu ouvido.

Leigh suspirou, satisfeita; no final, tudo havia se resolvido com serenidade. Ele permitiu que ela desfrutasse um minuto desse pensamento antes de dizer com ternura, mas implacavelmente:

— Case comigo.

Leigh não poderia concordar com isso. No espaço de meio-dia, não podia passar de estar de mão com ele a aceitar um compromisso permanente. Ele não podia esperar uma coisa assim. Nem sequer Michael Valente podia esperar uma coisa assim, por outro lado, ela não queria viver sem ele, assim que ofereceu um compromisso.

— Eu acho que viver juntos pode ser uma boa ideia.

— Antes ou depois de nos casar?

— Antes.

— Depois. — insistiu ele.

Leigh olhou por cima do ombro para ele, incrédula.

— Está me dizendo que não podemos estar juntos se não estivermos casados?

Ele a olhou, sorrindo.

— Você quer que estejamos juntos?

Ela assentiu enfaticamente.

— Quer muito, muito, que estejamos juntos?

— Sim, — disse ela, sem hesitar— eu quero.

— Então essas duas últimas palavras serão as últimas que poderá dizer.

Leigh deixou cair a cabeça para frente e a deixou assim, pendurada, para indicar sua derrota.

— Uma inclinação de cabeça não me basta. — disse ele — Supõe-se que é um sim?

Leigh deu uma gargalhada e obstinadamente assentiu.

— Posso aceitar duas inclinações de cabeça. — disse ele— Nos negócios duas inclinações de cabeça equivalem a um aperto de mãos, e um aperto de mão é contratual. Você quer escolher uma data ou prefere que eu escolha?

— Eu escolherei. — prometeu Leigh.

— Esplêndido. — disse ele, sorrindo contra seu rosto.— Que data escolheu?

— De alguma forma.— disse ela em uma mistura de risada e suspiro— Eu sabia que você ia dizer algo como isso.

— Nós sempre tivemos uma ligação psíquica. Agora, este é um teste, o que você acha que vou dizer a seguir?

— Quando? — Adivinhou ela, com total convicção.

—Esperava que me perguntasse isso. Eu diria que... dentro de um mês a partir de hoje.

Leigh ficou horrorizada. Ela não queria começar seu casamento enquanto eles eram suspeitos do assassinato de Logan. Mesmo sem isso, ela estava tão sonolenta no momento que mal podia em pé, e muito menos pensar em uma data do casamento. Fechou os olhos e apoiou o rosto contra o peito de Michael, e a mão dele subiu de seu seio para apoiar seu rosto contra seu coração.

—Suponho que poderíamos fazê-lo dentro de seis meses. — sussurrou ela, fascinada pela forma como ele a tocava quando não estavam fazendo amor.

A palma da mão de Michael, que estava embalando a face de Leigh, deslocou-se um pouco, deixando o calcanhar da mão em contato com seu queixo. Leigh percebeu esse movimento, mas estava mais concentrada em escutar sua resposta. Quanto mais pensava, mais parecia que seis meses era tempo demais para esperar, sobretudo se não estivessem vivendo juntos. Surpreendeu-a e a decepcionou um pouco, que ele se mostrasse disposto a esperar tanto tempo. Leigh suspirou.

— Muito tempo? — Sugeriu ele em tom de brincadeira.

Leigh riu impotente.

— Sim.

— Quer mudar de ideia?

— Sim.

— Abra os olhos.

Ela abriu os olhos e viu a contraproposta que ele esteve fazendo desde que moveu a mão. Em frente aos olhos dela ele sustentava dois dedos. Dois meses.

Com um sorriso de derrota, Leigh virou o rosto e beijou sua palma.

Ele levantou-lhe o rosto enquanto, por sua parte, baixava a cabeça.

— Um beijo na mão, — alertou ternamente contra sua boca— equivale a duas inclinações de cabeça. É algo muito, muito comprometedor.

Capítulo 51

Michael levantou a vista de sua mesa quando sua secretária entrou na sala às nove e quinze da manhã. Ele tinha tomado banho e barbeado no apartamento, depois levou Leigh para sua casa e ido ao escritório de sua empresa para uma reunião de nove e meia.

— O senhor Buchanan está aqui.— anunciou Linda— Ele disse que chegou um pouco mais cedo.

— Mande-o entrar .

Um momento depois, Gordon Buchanan entrou carregando sua pasta. Buchanan, o sócio sênior da Buchanan, Powell e Lynch, um dos mais prestigiados escritórios de advogados de Nova York, Buchanan estava impecavelmente vestido e com roupa muito cara. Tinha cabelo grisalho, maneiras elegantes e um rosto agradável e aristocrático. Socialmente, era um autêntico cavalheiro, profissionalmente, era tão sigiloso e perigoso como uma cobra.

— Bom dia. — disse Buchanan. Apesar de sua empresa representar Michael Valente com sucesso em cada ação judicial movida contra ele ao longo da última década, eles não eram amigos, Valente não era um homem de muitos amigos. Mas possuía duas qualidades pouco frequentes que fez dele um cliente exclusivo na experiência de Buchanan, nunca mentia a seus advogados e nunca os fazia perder tempo. Em troca, exigia que eles tampouco o fizessem perder tempo.

Por essa razão, Gordon entrou totalmente no assunto sem a habitual conversa trivial preliminar.

— Eu organizei uma reunião no Interquest esta manhã. —disse enquanto se sentava em frente a mesa de Valente— Eles têm algumas informações para nós . Você disse à senhora Manning que não falasse de novo com a polícia sem comunicar-se comigo antes?

— Eu disse a ela há alguns dias.— respondeu Michael— Eles não fizeram qualquer tentativa de falar com ela, desde que, com uma ordem judicial, levaram os registros pessoais de seu marido do apartamento... — Interrompeu-se e descarregou com impaciência no intercomunicador que tinha sobre a mesa.

— Lamento interrompê-lo, mas Leigh Kendall está em sua linha privada...

— Kendall? — Repetiu Michael e notou com satisfação que Leigh tinha decidido usar seu sobrenome de solteira depois da noite anterior.

— É a senhora Manning. — esclareceu Linda, simulando com seu irreprovável tom de negócios que não tinha idéia que ele estivesse intimamente associado em algum sentido com a pessoa que chamava.— Mas especificamente empregou o sobrenome Kendall, e por isso pensei que eu deveria fazer o mesmo.

— Você tem razão. —disse Michael, que já pressionava o botão de sua linha

privada e fazia girar sua cadeira para falar com um pouco mais de privacidade. Quando ela respondeu, falou com a mesma voz que utilizaria com qualquer outra pessoa.

— Senhorita Kendall, aqui é Michael Valente.

Ela riu pela surpresa.

— Você soa terrivelmente frio e abrupto.

Ele mudou e empregou a voz que usava com ela.

— Estou numa reunião com seu novo advogado. Em sua opinião, frio e abrupto são dois de meus traços mais sinceros.

Do outro lado da mesa, Gordon Buchanan olhou, boquiaberto, o respaldo da poltrona de Valente. Surpreendeu-lhe ouvir Valente numa conversa superficial com alguém, mas ficou atônito quando ele o incluiu indiretamente nessa conversa.

— Eu não quero intr...— disse Leigh rapidamente.

— Sim que o queria. —disse Michael com um sorriso na voz— Além disso assinou um contrato válido e não negociável nesse sentido faz umas poucas horas, porque não está dormindo?

— Porque Jason Solomon acaba de me ligar e insistiu com Brenna que me acordasse.

— O que ele queria?

— Ele quis me convidar para um coquetel hoje em St. Regis. E não permitiu que eu recusasse. Sei que ele se propõe a insistir até o cansaço para que eu volte para o teatro. Mas eu não posso contracenar com Jane Sebring, sabendo que parecerei estar atuando numa espécie de espetáculo sórdido para o público. Jason não entende. Seja como for, você mencionou algo de jantar juntos esta noite, e queria pedir-lhe que passasse para me buscar lá em vez de em minha casa.

— A que hora?

— Poderia ser às sete? Isso limitará Jason a uma hora de discussões e perseguição.

— Gostaria que eu juntasse a vocês às seis, e ser o seu reforço?

Michael percebeu alívio e alegria na voz de Leigh.

— Ser meu reforço faz parte de seu "trabalho" também?

— Certamente. Verifique o contrato que negociou comigo esta manhã, e olhe na Cláusula 1, Inciso C, sob o título: "*Alguém que me proteja*", verá que lhe concederam plenos direitos a meus serviços diligentes em tal sentido.

— Michael .— disse ela com tom solene.

— O quê?

— Eu te amo.

Ainda sorrindo, depois de terem se despedido, Michael desligou e girou a poltrona.

— Aonde estávamos? —Perguntou abruptamente a Buchanan.

Buchanan recuperou a compostura.

— Eu estava prestes a lhe perguntar se a polícia fez qualquer tentativa de interrogá-lo sobre o seu paradeiro, no momento do assassinato de Manning.

Michael sacudiu a cabeça.

— Eles não têm ideia se eu posso ou não provar que não pude fazê-lo.

—Então, a resposta óbvia é que eles não querem nenhuma prova que você não pôde tê-lo feito. O mais provável é que persuadiram um juiz que você é um suspeito provável do assassinato e conseguiram que ele autorizasse “as escutas” telefônicas ou que eles desejam muito, poderem assim procurar qualquer outro delito que possam encontrar.

Permaneceu calado um momento, deixando que seu cliente assimilasse suas palavras. Depois, disse:

—Antes de recomendar uma estratégia, preciso conhecer suas prioridades.

— Eu quero que a polícia descubra quem matou o filho da puta. Em vez disso, eles estão desperdiçando tempo e recursos em mim.

— Eu posso forçá-los a cessar e desistir.—Gordon respirou fundo e se preparou para uma reação espetacularmente desagradável ao que estava para dizer. — Entretanto, para que eu o faça, primeiro você teria que oferecer-lhes voluntariamente um detalhe de seu paradeiro na hora do homicídio. Uma vez que eles claramente não querem uma prova da sua inocência, eles vão resistir a um pedido para uma reunião informal, mas eu posso ameaçá-los com um dilúvio de ações legais se negarem. Uma vez que tenham em suas mãos provas de seu paradeiro, se não o deixarem tranquilo podemos fazer com que as coisas se tornem muito desagradáveis para eles no tribunal.

A reação negativa que Gordon antecipava não foi vocal, —como ele esperava— mas a mandíbula de Valente se fechou com fúria face à sugestão de oferecer voluntariamente qualquer informação a polícia. Para Valente, fazê-lo equivalia a tentar apaziguar seu inimigo, e isso era algo que ele não faria em nenhuma circunstância. Uma e outra vez ele tinha escolhido travar uma batalha difícil no tribunal, em vez de tentar evitar a batalha, oferecendo esclarecimentos e provas aos promotores com antecedência.

Em todos outros aspectos, Michael Valente era o homem mais frio e racional que Gordon tinha representado, mas não quando se tratava de apaziguar o sistema judicial. Por essa razão, Gordon se surpreendeu um pouco ao ver que Valente assentia e dizia, em voz baixa e veemente:

— Organize uma reunião. —Inclinou a cabeça para a porta de seu escritório e acrescentou:

— Pode usar a sala de reuniões para fazer a chamada, e que minha secretária digite a lista que dei a você de minhas atividades nesse domingo.

Gordon se levantou, e deu-lhe outra notícia que ele tinha certeza que o enfureceria ainda mais.

— Tentarei fazer com que os detetives venham aqui, mas certamente eles o farão ir até a delegacia de polícia. Dá-lhes a vantagem de ser locais. E — acrescentou— sem dúvida, uma pequena satisfação.

— Não tenho nenhuma dúvida. — disse Michael com tom glacial, pegou num documento que estava sobre a mesa e procurou uma caneta.

— Há mais uma coisa ...

Dois gelados olhos âmbar levantaram o olhar do documento e se focaram nele.

— Se nessa reunião não conseguimos persuadir os policiais que não tem sentido que continuem dirigindo a artilharia para você, então eu terei que ir à justiça para solicitar uma ordem de cessar e abster-se. Isso levará tempo é o que você não quer perder. Há uma outra questão que precisa estar atento...

— Qual? — Michael retrucou.

— A Sra. Manning é, sem dúvida, a principal suspeita. Seu marido era infiel, de modo que ela tinha um motivo; tinha também a maneira —a arma— e também a oportunidade. Não duvido que a polícia tem a teoria de que você e ela estavam envolvidos e planejaram juntos o homicídio para livrá-la do marido. Se perguntarem sobre seu relacionamento com ela, agora ou no passado, eu recomendo que responda. Não diga nada voluntariamente, mas não se recuse a responder. Tenho a sensação que a polícia suspeita de sua relação com ela, embora nenhum dos dois escondeu isto, visto que você a levou no helicóptero ao lugar do acidente.

— Por que você acha disso?

— Porque você disse que eles nunca a interrogaram oficialmente sobre seu relacionamento com você. Quando a polícia se abstém de perguntar o óbvio, é porque acredita saber algo e não quer que se saiba.

Quando Buchanan saiu, Michael esperou alguns minutos enquanto assimilava o que tinha decidido fazer; depois pegou o telefone e teclou o número de Leigh, mas não o de sua linha privada. Quando Brenna respondeu Michael pediu-lhe os números de telefone de Jason Solomon e solicitou que não mencionasse a Leigh essa ligação.

Demorou menos de trinta segundos para persuadir Solomon a reunir-se com ele às cinco e meia no St. Regis nessa mesma tarde para uma conversa privada antes da chegada de Leigh. Os primeiros vinte segundos desse tempo passaram evitando as ansiosas perguntas de Solomon a respeito da relação de Michael com Leigh.

Capítulo 52

Com os cotovelos sobre a mesa e pescoço entre as palmas das mãos, Sam massageou a nuca com os dedos enquanto lia o último relatório contido no registro de Leigh Manning: uma aborrecida impressão de computação com listas de nomes, direções e números de telefone de cada vizinho que Leigh Manning teve em cada endereço que ela já viveu em Nova York.

Sam já tinha revisado todos os arquivos uma vez, mas em seus momentos livres examinava de novo os de Leigh Manning e Michael Valente, em busca de alguma coisa que os conectasse antes do homicídio de Logan Manning. A nota manuscrita que Valente tinha enviado com a cesta de frutas era uma prova disso, mas o promotor queria ter provas concretas contra Valente por homicídio em primeiro grau ou cumplicidade para cometer um assassinato em primeiro grau. Após uma investigação de cinco semanas, no entanto, eles ainda seguiam sem provas que indicassem que os supostos conspiradores haviam pelo menos falado por telefone

antes do fim de semana em que morreu Manning.

Shrader passou junto a mesa de Sam levando seu lanche de todas as manhãs: e dois donuts e uma xícara de café.

— Ei, Littleton. —disse ele quando ele se sentou ao lado dela em sua própria mesa —, por acaso não viu sua viúva de luto no jornal ontem à noite? Estava muito elegante e saía para jantar com seu noivo.

—Sim a vi.—respondeu Sam. Ela já tinha passado por essa mesma rotina, com Womack, esta manhã, e ela estava disposta a admitir que Leigh Manning no consultório da doutora Winters podia não ter sido outra coisa que uma atuação extremamente convincente.

— Agora se comporta como uma descarada, não acha? — Ladrrou Shrader alegremente.

— Nenhum dos dois mantém sua relação em segredo — murmurou Sam e o olhou.

Shrader comeu uma parte do donut e bebeu um gole de café; então ele pegou um pedaço de papel apoiado em seu telefone.

— Tenho aqui uma nota de McCord que diz que quer nos ver em seu escritório quinze para as dez. Tem alguma ideia a respeito do que se trata?

Sam assentiu e passou a última página do arquivo mais recente sobre Leigh Manning.

— O cara de fraudes especiais vai vir nos dizer o que eles descobriram quando fizeram uma auditoria dos livros e registros contáveis de Manning. O Departamento dos legistas nos enviou seu relatório final sobre tudo que recolheram na cabana, mas evidentemente não haverá nele nada que nós não saibamos pelos relatórios preliminares. Depois disso, McCord quer fazer conosco uma revisão completa e uma atualização do caso.

Depois de ter terminado de ler a *"história de vida"* de Leigh Manning, Sam arrastou o grosso arquivo de resumo sobre Michael Valente em sua mesa e o abriu. Era difícil imaginar duas pessoas mais opostas que Valente e Leigh Manning. Leigh Manning nunca teve sequer de pagar uma multa por infrações no trânsito, e era membro da comissão do prefeito para a luta contra o crime. Michael Valente foi acusado de uma série de delitos e estava na lista pessoal do comissário de polícia de criminosos conhecidos cujas atividades ele desejava monitorar com atenção.

Ao lado dela, Shrader fez uma ligação telefônica para um assistente da promotoria que queria prepará-lo para um julgamento de um caso de homicídio que Shrader tinha dirigido. Sam pegou uma caneta e começou a fazer uma lista contendo com a data de cada caso iniciado contra Valente, as acusações principais lhe fizeram e o resultado de cada um: um caso por linha. Ela começou trabalhando retrospectivamente, começando com o caso mais recente, ocasionalmente anotando os dados adicionais sobre as folhas de resumo para esclarecer os detalhes dos crimes que ele supostamente cometeu contra cidade, o estado e as leis federais. Uma das coisas que Sam notou foi que os procuradores tinham recorrido frequentemente ao grande júri para obter uma condenação, e que normalmente significava que eles não tinham provas suficientes para que um juiz assinasse uma

ordem de prisão.

Quando terminou, Sam tinha uma impressionante lista de prisões, acusação do juri ao longo dos últimos dez anos por delitos não violentos que incluíam tentativa de suborno, fraude, tentativa de fraude, apropriação indébita, abuso de informação privilegiada e evasão de imposto de renda, junto com muitas variações sobre esses mesmos temas.

A coluna da direita, indicava o resultado de cada caso apresentado, só exibia três resultados: "*Caso encerrado*", "*Acusações retiradas*" e "*Inocente*".

Em cada um desses casos, Valente foi representado pelo indiscutivelmente melhor escritório de advocacia de defesa criminal, em Nova York, mas era difícil acreditar que mesmo Buchanan e Powell fossem capazes de obter liberdade para um homem evidentemente culpado em cada caso em particular.

Houve também acusações ocasionais contra ele por delitos menores, que incluíam posse de uma substância controlada, conduzir um veículo em forma descuidada e perturbar a paz. Sam já havia lido os arquivos individuais para cada caso; e, em sua opinião, o caso da substância controlada foi particularmente ridículo. De acordo com o que ela tinha lido, a prisão foi evidentemente com base no fato que Valente levava uma prescrição médica de um analgésico quando o prenderam por excesso de velocidade... a menos de dez quilômetros acima do limite permitido.

"Uma vez mais, a coluna da direita exibia só três resultados pelos casos menos graves: "*Caso encerrado*", "*Acusações retiradas*" e "*Inocente*".

A única exceção a tudo que foi o último termo de sua lista, uma acusação de homicídio em primeiro grau, contra Valente, quando ele tinha dezessete anos, pela morte a tiros de William T. Holmes. A diferença dos outros crimes, esse foi violento e Valente se declarou culpado: a primeira e última vez que o fez em lugar de lutar contra as acusações e vencê-las. Ele foi condenado a oito anos de prisão, com possibilidade de sair em liberdade condicional depois de quatro.

Sam revisou as pastas que tinha sobre a mesa em busca da que continha o arquivo da condenação por homicídio culposo, interessada na razão pela qual ele tinha cometido esse crime e se perguntando se talvez, naquela oportunidade, uma mulher foi a responsável de alguma maneira por esse único ato de violência.

Como não pôde encontrar a pasta se inclinou para a mesa de Shrader, mas nenhuma de suas pastas tinha etiquetas vermelhas. A mesa de Wotack estava diretamente atrás da Shrader e ela girou a cadeira para aproximar-se

—O que procura? — Perguntou Womack ao retornar do escritório de McCord com uma pilha de pastas nas mãos.

—O arquivo da condenação de Valente por homicídio culposo — respondeu Sam.

—Eu não o tenho. — disse Womack.

Sam se levantou e se dirigiu para o escritório McCord. Ele não estava lá, assim que ela se aproximou da mesa onde o resto das pastas de Valente estavam empilhadas, mas ao passar junto a mesa de McCord notou sobre ela a presença de uma pasta com etiqueta vermelha que claramente estava fora da ordem geométrica que reinava nas demais. Em vez de estar colocada ordenadamente em um canto ou

em centro de mesa, parecia como se tivesse sido derrubada. Na verdade, não só não estava no centro, mas também vários papéis apareciam de seu interior. Seguindo uma intuição, Sam verificou a etiqueta da pasta e comprovou que era justamente a que estava procurando. Escreveu a McCord em seu bloco de papel amarelo que estava pegando emprestada e retornou para sua mesa.

No interior da pasta, encontrou o relatório oficial de apreensão, mas tudo o que ele disse foi que Valente havia brigado com Holmes e tinha lhe disparado um projétil com uma arma semi-automática, calibre quarenta e cinco, sem registro, que pertencia a Valente. Não houve testemunhas do real tiro, mas o policial responsável pela prisão por acaso conduzia o patrulheiro perto, ouviu o disparo e chegou à cena antes que Valente tivesse tempo de fugir. McCord tinha esboçado um amplo círculo ao redor do nome do agente em questão e então escreveu depois escreveu um endereço debaixo.

A julgar pela informação que figurava no arquivo, William Holmes era um bom moço com excelentes antecedentes. Valente, ao contrário, tinha cometido algumas outras infrações juvenis que o juiz levou em conta, junto com a idade de Valente, quando ditou a sentença.

Sam fechou a pasta e pensou que, aos dezessete anos, Valente tirou uma vida, o qual significava que era capaz de cometer esse ato, mas apoiando-se nos detalhes que figuravam no arquivo, ele tinha feito isso no calor da raiva. Um homicídio premeditado era um crime completamente diferente.

Absorta em seus pensamentos, Sam rabiscou na mesa, tentando obter uma ideia de quem era na realidade Valente, que coisas o moviam, o que o fazia torna-se violento... E por que Leigh Manning o preferia mais que um marido infiel, mas de outra forma respeitável.

Ela ainda estava ponderando sobre tudo isso quando Shrader ficou de pé.

— São nove e quarenta. — disse ele meio a sério e, em seguida acrescentou: — Não vamos demorar e dar ao tenente uma razão para começar o dia de mau humor novamente.

— Deus me livre. — disse Sam com tom afetado, mas não perdeu tempo em pegar a pasta de Valente que pegou emprestada, um bloco e um lápis e a seguir ficou de pé. O aspecto sombrio de McCord do dia anterior tinha coincidido com uma reunião que teve no escritório do capitão Holland. Quando retornou, fechou a porta na cara de um escrivão. E, quando saiu, fez dando uma portada.

—Normalmente, este lugar é uma geladeira. Hoje está quente. —Shrader se queixou, tirou o casaco e o jogou perto de um guardanapo coberto de miolos. Sam, vestindo uma camisa ferrugem, cinto de camurça, e calças do mesmo tom, deixou seu blazer sobre o respaldo da cadeira e se dirigiu ao escritório de McCord.

Pensou que o estado de ânimo tenso de McCord do dia anterior podia ter sido o resultado de uma reprimenda de parte de algum superior porque a investigação não estava se movendo com a rapidez esperada, mas cinco semanas não era muito tempo para uma investigação de homicídio, particularmente uma investigação que exigia uma documentação e investigação meticulosa. Para McCord, todas as pessoas interrogadas eram ou importantes testemunhas potenciais que podiam

ajudá-los ou testemunhas com um potencial muito perigoso que podiam ajudar à defesa... e, seja o que for, ele queria saber tudo o que era possível saber.

Algumas semanas antes, quando Womack mostrou ao porteiro do edifício de Valente uma foto de Leigh Manning e perguntou-lhe se alguma vez viu essa mulher no edifício, o porteiro negou com veemência. Quando Womack informou os resultados desse interrogatório em uma reunião vários dias mais tarde, McCord o repreendeu por não ter perguntado ao porteiro quanta gorjeta Valente lhe dava.

Womack voltou a interrogar o porteiro, retornou com o dado e passou o montante a McCord. McCord ordenou então a Womack que revisasse os antecedentes e as finanças do porteiro a fim de conhecer seu estilo de vida, se por acaso vários milhares de dólares, em lugar de vários bilhetes de cem, tinham passado das mãos de Valente para esse homem de setenta e dois anos.

Capítulo 53

Quando McCord irrompeu em seu escritório exatamente as nove e quarenta e cinco, seu humor não parecia ter melhorado muito. Saudou com a cabeça bruscamente os três detetives sentado em seu escritório.

— Vamos ter alguns hóspedes não convidados. — começou a dizer, mas parou quando o auditor da Brigada Especial de Fraudes, um homem calvo e suarento em seu quarenta anos, entrou no escritório, fazendo malabarismos com uma alta pilha de grandes envelopes pardos.

— O que foi que descobriu? — Perguntou McCord enquanto o homem procurava um lugar para depositar sua carga. Imprudentemente escolheu deixá-la cair sobre a mesa de McCord, mas McCord estava muito interessado em escutar o que ele tinha a dizer para notá-lo.

— Várias coisas. — respondeu o auditor— Em primeiro lugar, a vítima estava gastando mais dinheiro do que ganhava. Em segundo lugar, ou tinha um contador incompetente ou estava morto de medo que lhe fizessem uma auditoria, porque há muitas deduções que poderia ter tentado fazer e não fez. Terceiro, seus hábitos quanto a gastos mudaram há uns dois anos. Quarto, —terminou o auditor levantando as sobrancelhas com irreprimível alegria — ele tem um cartão de crédito da platina de um banco Banco internacional!

— Você poderia amplificar o primeiro item um pouco? — McCord agarrou impacientemente.

— Sinto muito, tenente. — disse o homem, surpreso— Quero dizer que, até dois anos atrás, Manning ia extraordinariamente bem: vários de seus projetos comerciais significaram um bom ganho e também estava recebendo caminhões de dinheiro no mercado de valores. Mas o mercado começou a baixar quase ao mesmo tempo em que os negócios de Manning estancaram, mas ele seguiu em frente e

mudou seus escritórios para um novo local. O aluguel do espaço para o qual mudou seus escritórios é impressionante, mas Manning não pareceu se importar. Então ele investiu mais de um milhão de dólares em destruir o lugar, redesenhá-lo e redecorar-lo.

Ele fez uma pausa para abrir um envelope que estava no topo da pilha, extraiu dele um relatório escrito e o olhou para confirmar o que estava por dizer.

— Nesse momento, Manning começou a dirigir seu escritório de arquitetura como se fosse um "hobby" que não precisava de rendimentos. Estava-lhe custando muito manter as portas abertas e decididamente estava gastando mais dinheiro do que entrava. Agora, aqui está o que torna tudo isso tão interessante ...

Olhou em silêncio para sua audiência para reforçar a magnitude de anúncio seu seguinte :

—Até dois anos atrás, Manning ganhava muito dinheiro e se mostrava muito conservador em seus gastos. De repente, sua atitude foi contrária. Começou a gastar dinheiro como se tivesse uma provisão ilimitada de ganhos. Seus hábitos quanto aos gastos mudaram, e isso é precisamente o que eu procuro!

Sam esteve a ponto de perguntar por que o fato de ter um cartão de crédito de um Banco internacional era tão significativo, mas Womack evitou a necessidade de fazê-lo e o auditor respondeu a pergunta.

—Digamos que você tem várias centenas de dólares em efetivo que obteve ilegalmente. —propôs o auditor— Se for a qualquer Banco dos Estados Unidos e deposita mais de dez mil dólares em efetivo, o Banco está obrigado a informar seu nome e seu número de seguro social ao imposto de renda. Mas você não pode correr o risco que o imposto de Renda investigue como esse dinheiro chegou a suas mãos, o que deixa você com muito poucas escolhas. Você pode enterrá-lo no quintal e gastar centenas de dólares em um momento, ou pode levá-lo a uma instituição bancária legitimada de um país cujas leis não exigem que seus Bancos informem a nossas autoridades de imposto de renda. Os Bancos de Nassau, nas Ilhas Cayman, e Belize tem sido muito popular para essa finalidade.

Ele olhou para sua plateia, percebeu que ele ainda não estava dizendo nada que eles não soubessem, mas ele seguiu em frente, com um entusiasmo crescente.

— Agora você tem o dinheiro depositado em um lindo e seguro Banco internacional que paga juros, mas não pode gastá-lo aqui, porque não pode passar um cheque de um Banco estrangeiro para comprar coisas nos Estados Unidos. Mas —disse como se fosse algo de grande significado— se esse Banco internacional lhe der um cartão de crédito de platina com um limite alto ou sem nenhum limite, você pode usá-lo para comprar praticamente tudo o que quiser aqui. Logan Manning — terminou o auditor com ar triunfal— comprou dois automóveis de luxo em dois anos pagando-os com seu cartão de crédito e várias semanas depois os vendeu, pegou o cheque com qual lhe pagaram e o depositou na conta de um Banco local.

É lavagem de dinheiro com um toque engenhoso. O único problema é que o imposto de renda acaba de anunciar que vai começar a realizar auditorias nos contribuintes que possuem cartões de crédito de Bancos internacionais, de modo que Manning vai aparecer nas telas de seus radares.

— Encontrou você alguma irregularidade nas finanças de Leigh Manning?

— Não, mas as estrelas da Broadway não ganham tanto como eu acreditava. Segundo o contrato que assinado com Solomon, ela recebe doze mil dólares por semana ou cinco por cento da arrecadação da bilheteria, o que for maior. Com base em meus cálculos, Blind Spot recebe cerca de quinhentos mil dólares por semana, o qual significa que Leigh Manning deveria ganhar cerca de vinte e cinco mil dólares por semana, ou seja um milhão e trezentos mil dólares por ano. Verifiquei com um representante e ele me disse que essas cifras são as habituais para uma estrela da Broadway em uma obra não musical, embora lhe pareceu que cinco por cento era uma cifra um pouco baixa para alguém como Leigh Manning. Agora bem, se ela tivesse fama como estrela de Hollywood, então a percentagem das entradas de bilheteria seria maior.

Todos permaneceram vários minutos em silêncio, processando o inesperado descobrimento de que um "*cidadão probo*" e socialmente destacado como Manning, evidentemente esteve colocando as mãos em dinheiro ilegal em alguma parte. Como estava fazendo era todo uma interrogação, e com quem o fez era um ponto igualmente interessante. Valente, com sua desonrosa história de acusações e encargos relacionados com dinheiro, era o primeiro sócio de Manning em quem Sam pensou. Era óbvio que McCord também pensava, porque a seguinte pergunta que fez ao auditor foi:

— Encontrou alguma conexão entre Manning e Valente?

— Nenhuma. — respondeu o homem—. Mas sim descobri algo que pode ser inclusive mais interessante. Na verdade, reservei-me o melhor achado para o final. Você me deu alguns documentos e correspondência de Manning que pediu que revisasse, junto com suas notas a respeito de cada tema.

— Correto. — disse McCord quando o auditor fez uma pausa.

— Verifiquei tudo, exceto uma coisa: segundo suas notas, Manning investiu duzentos mil dólares na peça de teatro de Solomon. Os registros que você me deu contêm o contrato entre Manning e Solomon que indica que esses duzentos mil dólares realmente trocaram de mão. Mas, sabe o que foi que não pude encontrar?

McCord assentiu com lentidão e veemência, e seus lábios se tornaram uma linha dura.

— Não pôde encontrar um cheque de duzentos mil dólares.

— Acertou. Manning deve ter dado a Solomon dinheiro em efetivo em troca de uma ação sobre os lucros da peça.

— E, — McCord terminou a frase por ele— Solomon indubitavelmente recebe uma boa quantidade de efetivo enquanto a peça está em cartaz e o deposita em seu próprio Banco sem levantar suspeitas do imposto de renda.

O auditor assentiu.

— Em minha opinião, sabendo ou não, Solomon lavou os duzentos mil dólares de Manning.

McCord olhou para Sam, suas sobrancelhas arqueadas em uma pergunta silenciosa. Você esteve ali quando interrogamos Solomon. O que acha?

Após um momento, Sam respondeu em voz alta:

— Suponho que é possível. Aparentemente, Solomon é um tolo brilhante e talentoso, mas acredito que apresenta uma fachada atrás da qual há algo mais. Ficou bastante agressivo com você quando percebeu que pensávamos em Leigh Manning como possível suspeita.

— Solomon não é nenhum tolo. Ele tem tino comercial suficiente para produzir as peças que ele escreve, conseguir patrocinadores e manter o controle sobre a produção. De acordo com o que eu ouvi, que não é a norma.

Distraidamente, Sam passou a mão em torno de sua nuca, pensando, em seguida, ela balançou a cabeça.

— Solomon se considera um renegado e duvido muito que lavar um pouco de dinheiro para um amigo represente para ele um dilema moral, mas, ao mesmo tempo, não sei se faria algo por alguém que o colocaria em perigo de ir para a prisão.

Em vez de concordar ou discordar, McCord olhou para Shrader e Womack.

— Vocês já fizeram uma investigação sobre os antecedentes de Solomon, mas agora quero que os três comecem a reunir dados concretos sobre ele e seu amante. Não se detenham até que possam me contar a história de vida de ambos em detalhe, inclusive até qual deles usa as calças do pijama e qual a parte de cima.

Um silêncio prolongado seguiu à partida do auditor, enquanto os quatro automaticamente se centravam na questão urgente a respeito da procedência do dinheiro efetivo de Manning.

McCord andou em torno de sua mesa e se sentou em frente a Sam. Ela perdeu sua concentração no tema do dinheiro e sua mente se enfocou nele. Ele parecia preocupado e distante: tinha suas sobrancelhas franzida e sua mandíbula apertada como com decisão enquanto refletia sobre o jogo de xadrez humano em que todos estavam participando.

Ele tinha convidado Sam para sair para jantar na semana anterior e, de algum jeito, ela tinha reunido força suficiente para recusar esse convite.

Até então, sua atração por ele se tornou tão poderosa que ela realmente tinha de se concentrar para respirar uniformemente quando ele estava por perto. Se olhasse para sua boca, ela se perguntava como seria a sensação de ter aqueles lábios masculinos esculpidos sobre os seus. Se ele estava a poucos centímetros dela, Sam experimentava o insano impulso de deslizar a ponta de um dedo sobre a cicatriz que ele tinha na face bronzeada; e, depois, inclinar-se para frente e beijar-lhe. Se não estava perto, ela desejava que estivesse.

O dia em que ele a convidou para jantar, eles estavam em seu escritório, vasculhando as caixas de arquivos e registros do apartamento dos Manning. Antes que Sam tivesse terminado de dizer em voz baixa "*Acredito que seria um engano para os dois*", já estava desejando apagar essas palavras. Sentiu-se muito melhor quando ele disse, com um leve sorriso:

—Eu tenho certeza que teria sido. —E então, inexplicavelmente, Sam se sentiu muito pior. McCord tinha um encanto cauteloso e sardônico que cativava e desarmava Sam e, para complicar mais as coisas, gostava realmente dele e admirava cada uma das coisas sobre dele. McCord não se parecia com nenhum dos

homens que ela conhecia; era mais inteligente que ela e isso era em grau supremo. Ele era mais forte, mais rude e mais inteligente que ela... E Sam adorava que fosse assim. E, sobre tudo, a fascinava que, —a diferença do que acontecia com seus irmãos— McCord nunca sentia a necessidade de demonstrar que era mais forte, mais rude e mais inteligente.

O telefone em sua mesa tocou, e Sam observava seus dedos longos pegar o receptor. Ele tinha umas mãos bonitas e fortes, com dedos bem formados, mãos que certamente procurariam cada ponto vulnerável do corpo de Sam, se ela lhe desse uma chance. Mas não ia dar.

Ele não tinha repetido o convite para jantar ou se referiu a ele novamente. Era como se nunca o tivesse feito. McCord tratava Sam exatamente como estava acostumado a fazer antes do convite que ela recusou. Nenhum sinal de amor próprio masculino ferido. Nenhuma forma de vingança sutil. Ele continuava sorrindo para ela quando a ocasião o permitia e seguia franzindo o sobrecenho com impaciência.

Sam achava que ele era um homem esplêndido em todos os sentidos, um expoente perfeito que significava o termo "viril". Ele era o que os homens deveriam ser e raramente eram. Ele tinha princípios e ética. Dominava sem ser jamais dominante, ensinava sem dar sermões, guiava, mas nunca empurrou, embora às vezes ele dava pequenos empurrõezinhos.

Era um líder nato, um líder natural e talentoso. Mas Sam não era mais que ajudante, nunca se permitiria ter semelhante dependência.

Ele era duro como o granito e suave como um suspiro... Ou seria, disso Sam estava certa, se formasse casal com a mulher adequada.

Mas ela não era essa mulher.

Permitir que entre eles florescesse uma relação teria sido uma loucura para os dois.

Ela pulou, quando ela percebeu que ele desligou o telefone e estava falando .

— Quando comecei a explicar alguns minutos atrás. —disse com a vista fixa em Sam, aguilhoando-a em silêncio para que saísse de seu devaneio e prestasse atenção, — esta manhã iremos receber uma visita que não foi convidada. Na realidade, trata-se de uma ocasião histórica, porque este visitante em particular converteu em seu hábito jogar todos nossos convites no lixo cada vez que pedimos para conversar conosco.

— O que? — Perguntou Sam rindo pela insólita metáfora de McCord, quando sempre estava acostumado a ser tão direto e franco.

— Esta manhã, o advogado de Valente me ligou e nos propôs participar de uma conversa no escritório de seu cliente. — esclareceu McCord e Sam compreendeu que o que fazia com que McCord evitasse dizer a verdade pura e simples era a frustração que sentia—Como é natural, eu recusei o convite, Buchanan sugeriu então que, em troca, reuníssemos aqui. Eu voltei a recusar a proposta. Entretanto, depois que ele me advertiu dos cansativos documentos legais que ele apresentaria se eu não o convidasse a vir aqui, terminei por aceitar. —Consultou seu relógio e disse abruptamente e com desgosto. — Estarão aqui muito em breve.

— Será que Buchanan disse que diabos ele quer? — Perguntou de repente Womack enquanto limpava as lentes de seus bifocais. Às vezes estava tão quieto e silencioso que Sam quase esquecia que estava ali, mas quando falava, o fazia com surpreendente intensidade e, frequentemente, de maneira cáustica.

—Disse — respondeu sardonicamente McCord— que, em sua opinião, seu cliente estava sendo objeto de nossa investigação de assassinato e ele pretendia poupar a todos nós aqui a inconvenientes e gastos desnecessários em uma teoria absurda.

— Pergunto-me o que provocou tudo isto. — disse Womack com as sobrancelhas juntas.

— Por um lado, Valente sabe que está sendo seguido. Ontem à noite fez com que perdêssemos o rastro depois que a senhora Manning terminou de "*conversar*" com os repórteres e entrou em seu carro. Entretanto, —continuou— um de nossos patrulheiros viu por acaso o Bentley de Valente em frente a um restaurante que há na Great Jones Street . Adivinhe qual restaurante ele a levou para jantar ?

— No de sua tia. — respondeu Shrader.

— Sim, Angelini's. — confirmou McCord e assentiu com a cabeça— Além disso, ela passou depois a noite com ele. — McCord recostou em sua poltrona, pegou um lápis e revisou seu anotador. — Não posso acreditar que não tenhamos podido relacionar Valente com Leigh Manning antes da festa da noite da estreia da peça de teatro.

Leu suas notas e foi pontuando cada um dos pontos à medida que foi cobrindo-os.

—Verificamos cada um dos chamados telefônicos de Valente e também os do número dos Manning. Os únicos chamados feitos a Valente foram alguns do escritório de Logan Manning durante o mês anterior a sua morte. O único chamado feito a Valente da residência Manning foi no dia anterior que ele desapareceu, quando a senhora Manning estava no teatro preparando-se para a estreia.

Levantou o olhar apenas para comprovar se alguém tinha algo a acrescentar.

—Verificamos com os porteiros das duas residências e também com os garçons de cada restaurante e bar que Valente pagou com cartão de crédito durante o último ano. Ninguém os viu jamais juntos, exceto em uma festa oferecida na noite anterior ao desaparecimento de Manning. Agora, certamente, são inseparáveis e se telefonam regularmente. Depois de jogar o lápis sobre a mesa, McCord se recostou na cadeira.

— Pela nota de Valente sabemos que os dois fingiam não se conhecer aquela outra noite, mas como demônios fizeram para se manterem em contato? Como podem duas pessoas viver um caso e muito menos planejar um assassinato sem deixar rastros de sua vinculação? Quando foi a primeira vez que estiveram juntos, quanto tempo faz que dura essa relação?

De repente, Sam ficou tensa.

— Em que rua você disse que está o Angelini's?

— Na Great Jones Street. Você era a que sabia tudo referente a esse restaurante — recordou ele, intrigado por sua pergunta e seu repentino interesse.

— Sim, mas nunca estive ali. Qual é a direção exata na Great Jones Street?

— A rua só tem poucas quadras de comprimento. Que importância tem isso?

Sam explodiu em gargalhadas e se levantou.

— Eles se conhecem desde sempre! — Sem outra palavra, ela se virou e se dirigiu para sua mesa, onde tinha deixado a pasta de Leigh Manning.

Capítulo 54

Vários minutos depois com expressão triunfal, Sam colocou a pasta aberta de Leigh Manning em frente a McCord e apontou para um endereço antigo na cidade de Nova Iorque. Para que Shrader e Womack ouvissem bem, disse em voz alta:

— Leigh Manning se mudou para Great Jones Street quando ainda estudava na Universidade de Nova Iorque.

McCord olhou para o endereço na pasta enquanto colocava uma mão na gaveta da mesa e tirava uma lista telefônica.

— Eu já verifiquei. — disse Sam ao voltar para sua cadeira— Ali existe um restaurante Angelini e um mercado Angelini, e eu liguei para eles. O mercado está no mesmo endereço há quarenta e cinco anos, e fica apenas a uma quadra do endereço anterior de Leigh Manning. Também verifiquei os registros anteriores de emprego na pasta de Valente: ele trabalhou ali durante o mesmo período em que Leigh Manning vivia nessa rua.

Shrader dedicou a Sam um aceno de aprovação paternal por sua descoberta e, depois, sua atitude foi mais profissional.

— Exatamente quanto tempo faz que ela viveu perto do mercado?

Quando Sam lhe disse, ele inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto, o seu olhos se estreitaram em pensamento.

— Assim, quando ela conheceu Valente, ele já havia estado preso por homicídio culposo... — Na pausa que se seguiu, ninguém tentou confirmar sua declaração, porque eles estavam todos tão familiarizados com a história de vida de Valente que qualquer um deles poderia ter escrito sua biografia.

— Vamos considerar uma hipótese diferente para Valente e Leigh Manning e vejamos se tudo encaixa. — disse Shrader— Valente conhece Leigh Kendall quando ela vive na mesma rua do mercado onde ele trabalha, e têm um caso. Naturalmente, ele diz a ela a história de sua vida, posto que Valente é um valentão e se sente orgulhoso de seu passado, ele inclui no relato sua temporada na prisão por homicídio. Quando o caso termina, ela segue seu caminho e se casa com Manning, e Valente segue o seu. Depois disso, Valente e Leigh Manning não voltam a se ver. Quero dizer, na realidade nunca tiveram nada em comum, em primeiro lugar, certo?

— Correto. — disse Womack— Continua. Eu estou com você.

— Transcorre quatorze anos, — prosseguiu Shrader— e, certo dia, Leigh Manning descobre que seu marido a está traindo, ou a lavagem de dinheiro ilegal ou

algo do estilo

e ela decide que quer se livrar dele, permanentemente. Agora bem, a quem recorreria em busca de conselho para fazer algo assim? E quem ela conhece que tenha experiência de primeira mão com um assassinato?

— Ela poderia chamar seu velho amigo da Great Jones Street.— concordou Womack em voz alta.

— Exatamente. Ela liga para ele de um telefone público, ele a pega em seu carro os dois conversam no veículo. Reúnem-se da mesma maneira uma ou duas vezes para fazer seus planos, mas isso é tudo o que fazem. Isso explicaria por que não podemos encontrar nenhuma prova de que estavam tendo um caso... Porque não estavam.

Ele fez uma pausa, franziu a testa novamente.

— Quando penso sobre isso, é bem provável que ela não tenha ligado para Valente inesperadamente com seu problema. A secretária de Manning disse que seu chefe esteve fazendo algumas propostas de negócio a Valente nas semanas anteriores a sua morte. Possivelmente Manning tenha apresentado Valente a sua esposa, e foi então quando ela percebeu que seu velho amigo a ajudaria a livrar-se de seu marido. Mas isso não tem importância. — disse Shrader e sacudiu a cabeça— Seja como for, na noite anterior prevista para liquidar Logan, este de repente decide que podia ganhar alguns pontos com seu investidor em potencial nos negócios convidando-o para a festa de Leigh. A secretária da senhora Manning — Brenna não sei o quê — especificamente me disse que Manning acrescentou ele mesmo no último momento o nome de Valente à lista de convidados.

Womack parecia impressionado.

— Então, Valente vai para a festa, mas por razões óbvias, ele e a Sra. Manning cuidadosamente não se conhecer. —Olhou ao Sam, que estava absorta em seus pensamentos. —Você tem problemas com esta hipótese?

— Eu estava pensando sobre as peras que ele enviou ao hospital. —respondeu Sam—. Sempre supus que ele sabia que ela gostava de peras no café da manhã porque tinham compartilhado muitos cafés da manhã juntos, mas é perfeitamente possível que Valente simplesmente recordasse os hábitos de compras dela no mercado de sua tia e, em um momento de nostalgia, enviou-lhe as peras ao hospital.

Satisfeito, Shrader voltou-se para McCord:

—Como lhe soa isto, tenente?

O telefone na mesa McCord começou a tocar antes que Shrader terminasse de formular a pergunta. McCord atendeu, escutou durante um momento e então disse, secamente:

—Leve-os para uma sala de entrevista e diga-lhes que esperem ali.

Quando desligou, disse:

—Valente e Buchanan estão aqui. — então sem pressa respondeu a questão de Shrader. — Eu tenho um grande problema com a sua teoria, e é este: O FBI chama Valente de *o Homem de Gelo*, porque ele é o filho de puta mais calculista e impassível que conheceram. A julgar pelo que ouvi, ele não se mostraria disposto a ajudar uma antiga amante, —ou a qualquer outra pessoa— a menos que recebesse

algo em troca. Para que ele aceitasse liquidar Logan Manning, arriscando-se assim a receber uma injeção letal por esse trabalho, Leigh Manning tinha que ter algo a oferecer que ele queria muito.

Womack em seguida ofereceu uma possibilidade viável:

— Talvez ela ofereceu o dinheiro sujo de seu marido. Ela não me parece o tipo de mulher capaz de ocupar-se ela mesma dessa tarefa.

— Isso é um incentivo que seria atraente para Valente, sempre e quando houvesse um vagão de dinheiro envolvido. —disse McCord— Evidentemente, a senhora Manning adotou bastante o acordo oferecendo-se ela mesma, porque não há dúvida que agora existe entre os dois uma relação do tipo sexual.

No silêncio que se seguiu, relutantemente Sam balançou a cabeça.

— Me desculpe, mas eu não concordo com nada disto.

— O que quer dizer com "*não concordo com nada disto*"? —Disse McCord e a olhou com severidade. — Isso explica as coisas que me incomodou durante semanas sobre o relacionamento deles. Faz todo o sentido.

— Mas só até certo ponto. Explica por que e como dois conspiradores culpados mantiveram em segredo que se conheciam enquanto planejavam assassinar Manning. Mas o que não explica é por que abandonaram toda cautela, mesmo antes que o corpo de Manning fosse encontrado. Por que Valente teria que ser tão estúpido para levá-la em seu helicóptero a um lugar que sabia que estaria repleto de policiais? Por que agora nenhum dos dois se preocupa em esconder a relação, quando é tão importante que pareçam inocentes?

Sam tinha falado com os três homens, mas ela dirigiu-lhe a última pergunta especificamente para McCord.

— Você disse Valente é um homem "calculista", mas ele foi visitá-la abertamente em seu apartamento. Ontem à noite a levou para jantar, publicamente, e depois passou a noite com ela, embora seja evidente que sabe que está sendo vigiado. —Levantou as mãos, com as palmas para cima. —Por que razão um homem frio e calculista teria que ter uma conduta tão imprudente?

— Baseado em meus conhecimentos em primeira mão a respeito da mais vil natureza do homem,—disse McCord com um sorriso zombeteiro — teria que supor que Leigh Manning se ofereceu a Valente como parte do acordo, e que ele se sente extremamente impaciente por começar a receber os pagamentos.

— Ou seja,— perguntou Sam com um sorriso— você quer dizer que ele tem uma queda por ela?

— Obviamente.

—Ah vejo. — Sam disse ironicamente— Então, aparentemente, o "*Homem de Gelo*" sente-se tão "quente" que está disposto a arriscar-se a uma sentença de morte só para estar com ela?

McCord suspirou, mas não continuou discutindo. Ele não podia.

— Eu não estou dizendo que Valente não matou Logan Manning,— Sam acrescentou—mas eu o conheci, e eu não acho que ele é tão desumanamente frio e sem emoção como você disse. Eu o estava observando quando ele teve oportunidade de ver pela primeira vez o Mercedes da senhora Manning sendo resgatado. Ele

parecia completamente abalado e quase doente, quando viu o estado do carro. Também o vi levá-la em seus braços , por uma encosta e através de uma neve profunda até a cabana. Interessa-me ouvir o que acha você dele. —concluiu Sam.

McCord olhou para o relógio.

— Então vamos ter uma conversa com ele, para que eu possa decidir por mim mesmo. —comunicou-se com o empregado de Holland e avisou que a entrevista estava para começar, em seguida, ele empurrou sua cadeira para trás.

— Se querem saber minha opinião,— Womack disse que todos eles se levantaram para dirigir-se à sala de entrevistas— para a detetive Littleton o *Homem de Gelo* é muito atraente .

Sam o converteu em uma brincadeira pegar seu o bloco de notas e seu lápis, embora disse o que pensava:

—Sim, eu acho que ele é muito atraente, mas de uma maneira perigosa e hostil.

Ao terminar de falar, olhou de esguelha para McCord, que estava rodeando a mesa, e ela encontrou-se momentaneamente empalada por um par de olhos azuis tão intensos como punhais.

— É mesmo? — Perguntou em um tom deliberadamente informal que contradizia completamente a expressão de seus olhos.

— Bom, não são realmente.— Sam disse sem hesitar ... mentindo ... e completamente involuntariamente. Surpresa por sua própria resposta, atravessou a sala da brigada em direção as salas de entrevistas atrás de Shrader e Womack, enquanto se esforçava para entender o que acabava de acontecer. Aquele olhar no rosto de McCord estava lá ou porque ele achava que ela estava a favor de um suspeito acusado de assassinato, ou porque ele tinha ficado com ciúmes . Sam decidiu que não, que não podia ter sido por ciúmes. De maneira nenhuma. Não McCord. Isso não era possível.

Depois de examinar por um momento as razões de sua própria reação, Sam chegou à conclusão que ela tinha negado a opinião sobre Valente momentos antes porque não queria que McCord acreditasse que suas próprias opiniões profissionais podiam parecer influenciadas por qualquer homem, por mais atraente que fosse, ou — e não gostava nada desta segunda possibilidade,— porque o ciúmes era uma sensação desconfortável e desagradável, e ela não queria fazer nada, jamais, que fizesse com que esse homem surpreendente sentisse um inútil momento de aborrecimento por algo. Se fosse assim, isso indicaria que o que ela sentia por ele era um grande afeto e que McCord já significava para ela muito mais do que acreditava. Mas não era assim. Ela nunca seria tão tola para permitir que acontecesse uma coisa assim.

Ao lado dela, McCord dirigiu-lhe um sorriso cínico e baixou a voz.

—Parece-me que superamos muito bem nossa primeira briga de amantes, não lhe parece?

Sam virou a esquina com demasiada força, e quase bateu contra a parede.

Ele poupou-lhe a necessidade de responder pela abrupta mudança de assunto à medida que se aproximavam das salas de entrevistas que se localizadas ao fundo do próximo corredor.

— Shrader, quer participar da reunião ou prefere vê-la do outro lado do espelho?

— Visto que não vou participar, preferiria observá-la de fora. Acredito que dali terei uma visão total da sala.

Quando Womack respondeu o mesmo, McCord olhou para Sam.

— Eu gostaria de participar. —disse ela instantaneamente— Eu gostaria que já que está aqui, perguntasse a ele sobre sua relação com a senhora Manning.

— Se ele veio para me apresentar um álibi sólido, então não tem sentido perguntar nada sobre ela nem a respeito de nenhuma outra coisa, porque ele nos mandará a merda. Ao Sr. Valente —prosseguiu McCord com sarcasmo— não gosta que coloquemos o nariz em seus assuntos. Lembro-me que em uma oportunidade fez com que procuradores do Estado passassem meses tentando obrigá-lo a entregar alguns registros que eles queriam ver em relação a uma acusação de fraude que tinham contra ele. Os advogados de Valente primeiro deram voltas ao assunto, depois discutiram, e depois seguiram brigando até chegar a Corte Suprema. E sabe o que aconteceu quando a Corte Suprema finalmente o obrigou a entregar aos procuradores os registros que eles queriam?

— Não. O que aconteceu?

— Os registros o exoneravam completamente, coisa que Valente sabia. Se ele chegar a ter um álibi irrefutável, então não vai dar nenhuma molécula de informação adicional. Na verdade, ainda não posso acreditar que queira nos dar alguma coisa voluntariamente. Acredito que em seu caso é uma novidade.

Capítulo 55

Anteriormente chamadas de "*salas de interrogatório*", as salas de entrevista, estavam localizadas no fundo do segundo andar, diagonalmente opostas ao escritório de McCord, entre dois corredores curtos que havia na parte posterior do edifício. O corredor da frente tinha portas para as salas e grandes janelas de vidro onde os transeuntes podiam ver e ser visto. O corredor do fundo tinha espelhos unidirecionais que permitiam aos detetives e policiais se reunir para observar e ouvir o que estava acontecendo em cada sala, sem ser observados.

Em vez de esperar dentro da sala de entrevista, como eles foram instruídos a fazer, Michael Valente e seu advogado se encontravam de pé fora da sala, no hall, bebendo café. Sam decidiu que era uma atitude de desafio, pequena, mas deliberada, que tinha como objetivo estabelecer sutilmente uma luta pelo controle com McCord.

McCord tomou como tal e se vingou passando junto a eles sem sequer olhá-los. Abriu a porta da sala de entrevistas e, com um movimento nada cortês da cabeça, ordenou-lhes:

—Dentro!

Shrader e Womack já se encaminhavam para a sala de atrás quando o capitão Holland passou em frente a Sam com outros quatro homens, todos na mesma direção. Sam compreendeu que a aparição voluntária de Valente na delegacia de polícia já estava atraindo uma multidão, e se perguntou quantas pessoas mais estariam reunidas para observar o desenvolvimento da entrevista pelo espelho unidirecional.

Sam aguardou que Buchanan e Valente a precedessem, em seguida entrou na sala atrás deles e fechou a porta.

McCord se dirigiu ao lado direito da mesa retangular no centro da sala.

— Sente-se.— ele ordenou a seus adversários e indicou com a cabeça as cadeiras que havia à esquerda da mesa.

Valente se sentou com lentidão, depois desabotoou o sobretudo, recostou-se na cadeira, e casualmente apoiou no tornozelo direito em cima de seu joelho esquerdo, uma postura deliberadamente indolente, que transmitiu a sua total falta de respeito pela ocasião, e para os detetives presentes.

McCord moveu sua cadeira a um lado, colocou o bloco de papel amarelo sobre os joelhos, olhou para Valente por sobre o ombro direito e com impaciência começou a golpear o extremo do lápis sobre a mesa. Aguardando.

Sam fez um retrato mental dos dois homens silenciosos e pensou: "Se eu não posso ganhar, não vou jogar..."

Buchanan se sentou, abriu sua maleta e quebrou esse silêncio eletrizado dizendo:

—Temos entendido que o senhor Valente é suspeito do assassinato de Logan Manning.

O olhar de McCord passou para Buchanan e encolheu de ombros.

— Ninguém o acusou disso.

— É verdade. De fato, ninguém ainda o questionou . Porque será, tenente?

— Eu sou o único que faz as perguntas,—explicou McCord como se estivesse repreendendo um aluno grosseiro de quarto ano — e você é que me dá as respostas. Agora bem, você solicitou esta reunião. Se tiver algo a dizer, diga. Do contrário, — McCord adicionou acidamente— ali está a porta. Use-a.

O rosto aristocrático de Gordon Buchanan não perdeu a compostura, mas Sam notou que um músculo começou a pulsar de um lado da mandíbula fechada de Valente.

— Para que conste, — Buchanan disse suavemente e sem emoção— o senhor Valente não poderia ser o assassino. Aqui está um cronograma de seu paradeiro naquele domingo, junto com nomes e números de telefone de testemunhas que podem confirmar sua presença. Como você descobrirá quando você ler isso, meu cliente esteve em um almoço e logo em um jogo dos Knock junto a três sócios de negócios. Depois da partida os quatro foram ao Century Clube, onde estiveram conversando de negócios até as seis. Às nove da noite meu cliente jantou em um

restaurante público no qual é conhecido e reconhecido, junto a uma mulher cujo nome está nessa lista. À uma da madrugada voltou para sua casa, onde fez várias prolongadas ligações a sócios de negócios da Ásia. Os registros de seu chofer, do porteiro de seu apartamento e os da companhia telefônica estão nesta última parte.

McCord pegou o papel e em seguida deliberadamente não prestou atenção quando o teve na mão.

— Disseram-me que o Sr. Valente não gosta de oferecer informação voluntariamente. Poderíamos até dizer que ele empenha para não cooperar. Sinto curiosidade com respeito a seus motivos para vir hoje aqui e oferecer informação para nos ajudar neste caso em particular.

Buchanan fechou sua maleta.

— Os motivos de meu cliente não são assunto seus. Seu negócio é, presumivelmente encontrar o verdadeiro assassino de Logan Manning.

— Suponha que eu lhe dissesse que a Sra. Manning é a nossa principal suspeita.— disse McCord— O que me diria então?

A voz selvagem de Valente foi como o estalo de uma chicotada.

— Então eu diria que você está completamente louco.

McCord girou a cabeça para Valente e Sam teve oportunidade de observar como dois adversários se enfrentavam e se mediam com os olhos: um caçador ardiloso e um predador perigoso. Permaneceram em silêncio durante um momento, mentalmente circulando um ao outro, então o caçador sorriu.

— Eu tinha a impressão que você e a senhora Manning eram perfeitos desconhecidos até a noite em que você a conheceu na festa. Você tem um interesse mais que casual nela?

— Corta essa merda! — Estalou Valente e ficou de pé com a graça repentina e letal que recordou a Sam uma pantera— Você nos tem sob vigilância há semanas. Sabe perfeitamente bem que ontem à noite ela e eu passamos a noite juntos.

Buchanan se apressou levantar também e a Sam deu a impressão que o advogado estava se preocupando com que seu cliente podia fazer a seguir, mas McCord se preparava para um novo ataque.

— Você a conhecia há muito tempo, não é? Quatorze anos atrás, para ser exato.

— Você só descobriu isso?— Valente balançou a cabeça como se ele não pudesse acreditar na estupidez com que ele tinha que lidar, em seguida, ele saiu com Buchanan em seus calcanhares.

Durante um momento McCord os seguiu com o olhar, a mandíbula apertada com uma fúria inexplicável, em seguida disse, baixinho, como se para si mesmo: Filho da puta! Ele estava preparado para começar a falar...

Ele olhou para Sam e disse furioso consigo mesmo:

— Eu deveria ter aferido eu mesmo, mas acreditei saber tudo o que podia saber sobre ele por seus registros, assim que o esmaguei contra a parede desde o começo. Mostrei-lhe

o quão duro eu sou, então ele tinha que me mostrar que não dava a mínima. Você estava certa, Sam. *O Homem de Gelo* é um esquentado, bom, não, tem um fraco por

Leigh Manning. Se eu não tivesse tentado intimidá-lo, se tivesse jogado limpo com ele, acredito que teria me dado algo que eu precisava saber. Ele nunca nos dará outra oportunidade...

Saltando para os pés dela, Sam correu para a porta.

— Onde você vai?

— Tentar jogar limpo com ele! —Gritou por cima do ombro enquanto voava para o hall posterior e vão da escada. Passou quase roçando no surpreso capitão Holland e seu grupo, que continuava de pé junto ao espelho unidirecional, conversando a respeito da visita de Valente. Rezando que os elevadores fossem tão lentos e estivessem tão lotados como sempre, Sam quase se chocou contra a pesada porta que conduzia a escada e desceu correndo dois lances, enquanto suas pegadas ressonavam com força e os batimentos de seu coração faziam quase com a mesma intensidade.

Capítulo 56

O primeiro andar estava lotado com a habitual mistura de policiais uniformizados,

cidadãos comuns, e advogados que se dirigiam em diferentes direções, mas Valente e

Buchanan não estavam à vista. Sam correu para as portas principais, abriu uma e viu os dois homens descendo depressa pelos degraus para uma limusine Mercedes preta que se aproximava do meio fio.

—Senhor Valente! ! —Gritou Sam.

Os dois homens viraram a cabeça e a viram correr para eles. Buchanan, com uma expressão de surpresa, Valente, com uma expressão de descrença mordaz.

Partículas de neve estavam girando no vento quando Sam se abraçou e tentou controlar uma situação para a qual não estava preparada e nem sequer vestida.

—Senhor Valente,—começou a dizer Sam— há algumas pergunta que eu...

Buchanan a interrompeu, e seu tom foi tão gelado como o vento que grudava sua camisa fina contra a pele.

— Você já teve sua oportunidade lá dentro para fazer as perguntas que quisesse, detetive. Este não é o lugar apropriado para o que tem em mente.

Sam ignorou o advogado irado e focou toda a força do seu recurso em seu cliente cínico.. Tentando "*jogar limpo*" disse-lhe, sinceramente:

— Senhor Valente, eu sou uma minoria, mas eu nunca estive convencido que você ou a Sra. Manning assassinaram seu marido.

— Se esta for um estratagema de polícia-bom, polícia-ruim ,— Valente disse desdenhosamente— você está para ruim.

— Deem-me tempo, eu ainda sou nova no meu trabalho. —disse Sam, tremendo, e pareceu notar uma leve e momentânea rachadura em sua expressão glacial. Recorrendo a um tom de inocente sinceridade que beirava embaraçosamente a

ingenuidade, Sam tentou penetrar por essa rachadura da resistência de Valente.

— Só sou detetive há apenas algumas semanas, talvez por isso eu esteja fazendo tudo errado, mas se você pudesse apenas explicar uma coisa, então talvez eu pudesse ajudar...

— Repito, detetive, que a calçada não é este o lugar para você interrogar meu cliente. —adverteu Buchanan, muito zangado. A Valente ele disse: — Nós vamos chegar atrasados.. —O chofer se encontrava de pé junto à parte detrás da limusine e abriu a porta assim que Buchanan se voltou para ele.

O advogado subiu ao veículo e Valente deu meia volta para segui-lo, mas Sam o seguiu de perto.

— Senhor Valente, por que você e a senhora Manning fingiram não se conhecerem?

— Eu nunca fingi nada do tipo.— Valente disse secamente, deslizando para o banco de trás do seu carro.

Isso era verdade, Sam percebeu, recordando o seu comportamento com Leigh Manning quando Sam os viu juntos. Ela colocou a cabeça no automóvel para que o chofer não pudesse fechar a porta e, tremendo convulsivamente, ela tentou argumentar com um Valente uma última vez.

— É verdade, não fez... mas a senhora Manning sim fingiu, e isso é o que está criando em nós dúvidas e suspeitas. Se você realmente quiser que olhemos em outra direção em busca de suspeitos, então tem que responder a minha pergunta. Quer que olhemos em outra direção, — começou a dizer "*que não seja para você e a senhora Manning*", mas decidiu, em vez disso, pôr o acento em Leigh Manning— que não seja para a senhora Manning?

Ele hesitou, e então, para surpresa de Sam, disse:

— Suba no carro.

Sam entrou, e o motorista fechou a porta.

—Obrigada. — disse ela, esfregando os braços e tentando parar de bater os dentes. Abriu a boca para fazer uma pergunta, mas calou, sobressaltada, ao ver que a limusine se afastou do meio-fio.

— Estou atrasado para um compromisso no centro. —disse Valente com tom seco— Você quer sair?— ele desafiou — Ou prefere me acompanhar?

Sam pensou na velada ironia contida nessa pergunta e descartou várias respostas engenhosas que lhe cruzaram pela mente. Seus instintos avisaram para não brigar com ele em qualquer nível, porque tinha a sensação que Michael Valente era um oponente muito mais temível do que sua reputação dava a entender. Duvidou por um momento enquanto se perguntava se ela se atreveria a revelar algo a respeito da nota que ele escreveu a Leigh Manning junto com as peras; depois decidiu correr esse risco. Se ele tinha um álibi, essa nota não ia servir absolutamente a McCord. E embora se esse álibi não fosse confirmado, Buchanan descobriria a existência dessa nota pelas regras que obrigavam às partes de um litígio a compartilhar informação e provas relativas ao dito litígio.

— Eu estou esperando, detetive.—disse Valente com impaciência.

Sam decidiu optar por uma sinceridade absoluta se ele permitisse... e por uma

nova carreira se a decisão que acabava de tomar fosse a equivocada.

— Quando a senhora Manning ainda estava no hospital, — explicou— o detetive Shrader encontrou uma mensagem de telefone sua, e então perguntou a ela se o conhecia. A senhora Manning mentiu e disse que o tinha visto pela primeira vez em sua festa. Você sabe por que ela mentiu?

— Ela não estava mentindo.—replicou Valente.

Sam começou a perder fé no julgamento de McCord no sentido de que Valente estava "preparado para soltar a língua". Sam o olhou com atenção.

— Quanto faz que conhece a senhora Manning?

— Quatorze anos.

Sam soltou um quase imperceptível suspiro de alívio. Essa era, pelo menos, uma resposta sincera, mas não gostou do que teve que fazer para surrupiar-lhe. Com muita cautela para evitar que em sua voz houvesse algum tom de confronto, disse, com muita serenidade:

— Se você tentar superar seu ressentimento compreensível de ter que responder as minhas perguntas de ordem muito pessoal e as resposta de maneira íntegra, eu tentarei fazer a menor quantidade possível. E até responderei as suas. De acordo?

Embora ele se recusou a fazer qualquer "acordo", com ela, pelos menos esclareceu sua última resposta.

— Ela não me reconheceu quando me viu em sua festa, porque não nos tínhamos visto em quatorze anos. Quando nos conhecíamos, eu usava barba.

— Está me dizendo que nem sequer reconheceu seu nome? — Perguntou Sam com ceticismo.

— Ela me conheceu por outro nome.

— Qual? Por acaso "*Falco*" ou "*Nipote*"? — ela incitou, observando a sua reação.

Sua reação foi uma risada curta e sarcástica.

—Vocês pegaram a nota que eu enviei a ela junto com as peras. — disse ele, balançando a cabeça em desgosto— Vocês são incríveis.

Nada disposta a reconhecer que ela tinha a nota se não era necessário, Sam disse:

— Como você chegou a uma conclusão sobre uma nota a partir do que eu perguntei?

— Você descobriu isso, detetive.

— Não, isso não vai funcionar.—disse Sam, resignada mas com firmeza— Vamos trocar as explicações em vez disso?—Aguardou que ele aceitasse a proposta. Ele, em troca, levantou as sobrancelhas e a olhou com expressão evasiva, de modo que Sam se aventurou e decidiu oferecer-lhe assim mesmo suas explicações. Explicou-lhe por que a cesta com as peras a tinha preocupado e relatou com exatidão como foi que terminou encontrando e lendo sua nota. Quando ela terminou, Sam parou deliberadamente, a fim de dar maior importância à sua observação seguinte.: — Senhor Valente, você se lembrar o que você escreveu nessa nota?

Ele assentiu com rosto impassível, mas registrou as implicações de suas palavras escritas ,—e o que a polícia deduziria naturalmente delas— porque sua

expressão mudou: estava um pouco menos na defensiva e distante do que ela tinha visto.

Sam sorriu um pouco sem perceber.

—Como chegou à conclusão que eu tinha encontrado a nota quando mencionei esses dois nomes?

Ele hesitou por um momento, então ele respondeu com relutância.

—Especificamente escrevi esses nomes em minha nota porque eram os únicos nomes pelos quais Leigh me conhecia muitos anos antes. Agora lhe peço que se pergunte algo. — ele instruiu em breve — Você acha que eu teria necessidade de me identificar com esses outros nomes se ela já soubesse quem era Michael Valente?

Sam sacudiu a cabeça.

— Não. — respondeu, e logo continuou com sua investigação— Quando a Sra. Manning finalmente percebeu que você era seu velho amigo *'Falco nipote'*?

Um sorriso repentino e fugaz brilhou em seus olhos dourados, e tocou os cantos da sua boca, momentaneamente suavizando suas feições de uma forma que fez Sam conter o fôlego com essa transformação.

— Eu, evidentemente, disse algo muito engraçado.—aventurou, tentando manter seu tom calmo e indiferente.

Ele inclinou a cabeça num gesto lento, os traços do sorriso ainda persistente em seus olhos, mas ele permaneceu em um silêncio frustrante.

—OH, vamos!... — brincou ela antes que ela pudesse se conter.

Ele se abrandou um pouco mais a esse pedido meio de brincadeira e deu-lhe a resposta esperada:

—Falco é a palavra italiana que quer dizer "falcão", que era meu apelido nos velhos tempos. Era assim que Leigh estava acostumada a ouvir me chamarem.

— E Nipote? —Insistiu Sam— É uma palavra italiana que significa...

— Sobrinho.

Os olhos de Sam se arregalaram pela surpresa.

— Isso foi o que nos disseram quando verificamos com pessoas que falavam italiano com fluência, mas pensamos que devia ter outro significado entre você e a senhora Manning. Por que haveria ela de conhecê-lo como "*sobrinho*"? —Sam soube a resposta antes de formular a pergunta, mas igual esperou que ele confirmasse.

— Leigh ouvia minha tia me chamar assim, e ela assumiu que era meu sobrenome.

— Vocês não se conheciam bem naquela época?

— Raramente nos falávamos.

— Ah Vejo. —Sam recordou a pergunta importante que tinha feito transitar por esse caminho surpreendente, mas que ainda não foi respondida. — Quando a Sra. Manning finalmente percebeu que você era seu velho amigo da Great Jones street? — Perguntou no momento em que o carro se aproximava da calçada a poucos metros da esquina da Park Avenue e a rua Quarenta e Oito.

— Na mesma noite em que descobriu que seu marido estava morto. Eu fui expressamente vê-la para lhe dizer quem eu era na realidade e para ver como se sentia.

— Você ainda estava com ela quando falamos com ela naquela noite? — Sam perguntou como o motorista saiu do carro e abriu a porta de trás da limusine. A frágil trégua que Sam tinha estabelecido com ele se quebrou no instante em que fez essa pergunta, porque ele percebeu que já não era sincera.

— Você sabe perfeitamente bem que eu estava ali. — ele respondeu, então ele apontou com a cabeça a porta do carro aberta e disse bruscamente: —Aqui é onde descemos.

Com nenhuma escolha a não ser para sair também, Sam desceu, e os dois homens seguiram-na para a calçada, deixando-a lá. Valente parou um momento para dizer algo a seu motorista e depois se afastou com Buchanan, cada um com sua mala na mão. Sam andou para trás da limusine, os braços cruzados ao redor dela, esticando seu pescoço em busca de um táxi, em seguida, ela se virou para ver aonde Valente e Buchanan foram. Ela estava sem casaco e bolsa, logo, não há dinheiro para um táxi, mas poderia pagá-lo quando chegasse à delegacia de polícia.

Valente e Buchanan entraram no enorme edifício que ocupava todo o bloco, e, num impulso, Sam decidiu segui-los.

— Aonde vai, senhorita? — gritou o chofer de Valente quando ela passou junto a ele.— O senhor Valente disse para levá-la de volta para a delegacia...

— Espere aqui, ou dê a volta no quarteirão. —gritou Sam por sua vez— Esqueci de perguntar a ele uma coisa — ela mentiu.

Entrou correndo no edifício justo quando as portas do elevador se fechavam atrás de Valente e seu advogado. Sam deu um passo atrás e observou que as luzes que estavam sobre a porta do elevador foram acendendo ao passar pelos diferentes andares, e depois pararam e ficaram verdes no décimo sexto andar.

A lista dos moradores do edifício estava localizada entre os elevadores, e ela foi olhando os nomes listados nas suítes do décimo sexto andar. Havia apenas quatro

os nomes, que indicavam que eram suítes muito grandes. "*Obstetrícia e Ginecologia Knightsbridge*"; "*Truman e Horn, Contadores Públicos*"; "*Aldenberry, Smith e Cromwell*", uma firma de advocacia muito conhecida. Sam descartou os obstetras com um riso interior. Quando Valente e McCord estiveram juntos mais cedo na sala de entrevistas, a atmosfera ficou infestada de virilidade e atitudes de "*macho*". Definitivamente não ia ver os ginecologistas. O primo de Valente tratava das suas questões financeiras, e Valente já era representado por um dos mais prestigiados escritórios de advocacia em Nova York, de modo que também descartou as outras duas empresas. A quarta suíte de escritórios do décimo sexto andar pertencia a uma empresa chamada Interquest Inc.

Sam se aproximou do escritório de recepção, mostrou o crachá de identificação pendurado em uma corrente em volta do pescoço disse ao guarda:

— O que você pode me dizer sobre Interquest?

— Não muito, detetive. Tudo que eu sei é que eles são uma empresa de investigação privada do décimo sexto andar, e deve ser caro como o inferno, porque eles tem um conjunto de escritórios lá que você não acreditaria.

—Muito obrigada, — respondeu ela, olhando para o crachá dele— Leon.

Perdido em pensamentos, Sam olhou para fora da janela da limusine de Valente a multidão de pedestres que caminhava depressa pela calçada, a cabeça inclinada contra o vento, enquanto eles avançavam por entre o trânsito da hora do almoço.

Posto que Valente e Buchanan havia solicitado uma reunião na delegacia de polícia para discutir o assassinato de Manning, e em seguida foram diretamente para uma empresa de investigação privada, Sam tinha um forte pressentimento que Valente havia contratado seus próprios investigadores para tentar encontrar o assassino de Logan Manning. Uma coisa muito estranha para um homem fazer se ele achava que a mulher que ele estava apaixonado tinha perpetrado o homicídio. Ou isso ou o advogado de Valente procurava suspeitos viáveis e alternativas para jogar agora a McCord como chamarizes, ou para levá-los mais adiante ao tribunal a fim de confundir um jurado e fazer acreditar que havia outras pessoas, além da senhora Manning, com motivos e oportunidades para matar Logan Manning.

Isso, é claro, caso o álibi de Valente o eliminasse da lista de suspeitos. Houve também a possibilidade que Valente tivesse pago alguém para eliminar Manning.

Sam suspirou. Isso era algo perfeitamente possível e até plausível. O que não era

verossímil é que Valente tinha realmente se preocupado em mandá-la de volta em sua limusine quente e agradável.

No décimo sexto andar, Michael estava na janela, de braços cruzados vendo seu carro avançando no trânsito com Sam Littleton dentro.

— Littleton nos seguiu ao interior do edifício. — ele comentou com Buchanan.

O fundador da Interquest, Stephen Wallbrecht, entrou em seu escritório e Ouviu o comentário de Michael.

— Samantha K. Littleton, —disse— a integrante mais jovem e mais inexperiente da equipe que investiga o assassinato de Manning.

Capítulo 57

Wallbrecht, um homem sutilmente dinâmico, era alto e magro, com uma calvície incipiente, olhos cinzentos, e uma aura de competência absoluta e energia inesgotável.

— Desculpe fazer você esperar, Michael.— disse ele, estreitando sua mão, e em seguida a de Buchanan. Sentou-se atrás de sua mesa e tirou algumas pastas da gaveta de abaixo à direita. — Como de costume, eu gosto de começar avaliando rapidamente nossos adversários. — Enquanto falava entregou a cada um dos homens uma pasta e apoiou a terceira sobre a mesa para a referência, se necessário. — Provavelmente já sabem que a equipe de investigação sobre o caso

Manning está formado por quatro membros.

Para Michael, ele disse:

— Você mencionou Samantha Littleton, então vamos começar com ela primeiro. Ela tem trinta e três anos, e recebeu seu escudo dourado há apenas um mês. Pelo que pude perceber, o que lhe falta em experiência, ela evidentemente compensa em inteligência inata e instinto. Se você decidir irritá-la,— acrescentou com humor— verifique se você está sob cobertura. Ela é brava e obteve sua faixa preta em karatê quando ainda era adolescente. O pai dela — acrescentou significativo— era Ethan Littleton.

— O treinador de futebol? — Perguntou Buchanan. Quando Wallbrecht assentiu, Buchanan disse: — Ou seja que é irmã de Brian e Tom Littleton?

— Correto novamente: dois ganhadores do Troféus Heisman e um lendário treinador na família. Dos quatro restantes irmãos, dois são treinadores de futebol de escola secundária, um ainda joga beisebol em ligas menores, e o último é dono de uma academia aqui em Nova York. Samantha é a caçula de sete filhos, e de acordo com alguns amigos da família, os meninos ficaram com todos os músculos, mas ela recebeu muito mais cérebro. Quando o pai morreu, a mãe voltou a se casar.

Depois que seu pai morreu, sua mãe casou novamente. Fez outra pausa para o efeito, e depois deixou cair uma pequena bomba verbal.

— O senador Hollenbeck é o padrasto da detetive Littleton.

— Eu gostaria de ter sabido que um pouco mais cedo.— disse Buchanan pesarosamente — Teria sido um pouco menos ofensivo com ela. Hollenbeck e eu estamos em uma mesma comissão e temos amigos em comum.

O telefone de Wallbrecht tocou, e ele estendeu o braço em sua mesa e apertou um botão para silenciá-lo. Sem comentar as observações de Buchanan, ele disse:

— Quando Samantha se tornou detetive e disse que queria trabalhar em Homicídios, o senador puxou os fios necessários para levá-la para a delegacia mais segura em Manhattan, que é a Dezoito. Disseram-me que houve um "*pacto especial*" entre o senador e o capitão Holland, e que a detetive Littleton não sabe nada a respeito. Não tem uma relação muito estreita com seu padrasto, possivelmente porque ele é um homem tão dominante como eram seu pai e seus irmãos. A propósito, este último é um rumor sem confirmação que recolhi para vocês, mas que não necessariamente é um fato.

Buchanan tinha aberto a pasta de Sam, e Wallbrecht esperou educadamente até que o advogado terminasse de examinar seu conteúdo; depois passou ao próximo membro da equipe policial de investigação.

— Malcolm Shrader é um detetive experiente com uma das percentagens mais elevadas de "*prisão terminando em condenação*" em todo o departamento. É muito mais inteligente do que parece, de modo que nunca devem subestimá-lo. Dizem que ficou furioso quando impuseram Littleton como sua companheira temporária, mas agora ele a apóia muito, então o meu conselho para vocês dois é: não subestime Littleton também.

Uma vez que nenhum dos dois homens abriu a pasta de Shrader, Wallbrecht passou para Womack.

— O detetive Womack não é tão esperto quanto Shrader, mas ele é bom em seu trabalho.

É um trabalhador perseverante mas também meticuloso. Isso é tudo que vocês precisam saber sobre ele para agora.

Ele fez uma pausa, esperando perguntas, mas como não fizeram nenhuma, disse:

— Chegamos agora a Mitchell McCord e ali; senhores, reside nosso desafio mais interessante. — Recostado na cadeira, ele desviou o olhar para Michael e disse sem rodeios: — Segundo minhas fontes, o comissário Trumanti escolheu McCord a dedo e deu-lhe uma missão única: atribuir a você o assassinato de Manning ou em qualquer outra coisa que pudesse vir à luz durante investigação.

— Trumanti deveria ter escolhido alguém que entendesse mais sua missão, — Michael disse com raiva— porque o muito filho de puta que escolheu não se limita a minha pessoa: também está tentando incriminar Leigh Manning.

Wallbrecht revirou a caneta entre os dedos, estudando o rosto de Michael Valente curiosamente, depois ofereceu sua própria avaliação de McCord.

—Mitchell McCord é um míssil humano do tipo serpente cascavel, com um intelecto em pleno funcionamento e um doutorado em psicologia criminal. — argumentou — Se Mack decidir que você é culpado, ele irá se agarrar em você, e ele vai ficar com você, e nada que faça conseguirá tirá-lo de cima. Ele vai continuar diminuindo a distância... até te derrubar.

Wallbrecht esperou por algum tipo de, mas não houve nenhum. Sorrindo um pouco, ele admitiu:

—Entretanto, acredito que tem razão no que disse; Trumanti escolheu o homem errado para este trabalho. Não se pode enviar Mack atrás do alvo errado e obrigá-lo a seguir esse alvo por alguma razão egoísta. Se tentar fazer isso, o que se obtém é um fracasso embaraçoso, porque Mack não só irá atrás do alvo correto por sua conta, e o abaterá e depois ele vai atrás de você. E essa —terminou sorrindo para Buchanan— é a razão pela qual Mitchell McCord não é o próximo na lista de substitutos de Trumanti. Ele é o melhor detetive que a polícia de Nova York já teve, mas não se meterá em política nem beijará o traseiro de ninguém.

" Eu estive tentando atrair Mack, oferecendo sociedade e um salário gigantesco, mas toda vez que ele está pronto para pedir demissão, alguém do departamento lhe atribui um caso que ele não pode resistir. — Wallbrecht inclinou o queixo e olhou para Michael. — Desta vez, o caso irresistível foi... o seu.

Uma vez terminado o repasse dos principais intervenientes no caso, Wallbrecht disse:

—Fora disso, tudo o que posso dizer agora é que seus telefones estão grampeados e que alguém o segue, mas isso você já sabia. À senhora Manning também está sendo seguida, mas ainda não grampearam seus telefones. Agora bem, diga-me o que quer que eu faça agora.

— Quero que encontre quem matou Logan Manning. Quem fez isso está caminhando em liberdade, enquanto sua viúva não pode nem comer em um

restaurante sem ter pessoas falando dela. Além disso, ela tinha perseguidor. Gordon lhe dará todos os detalhes. Se ele está envolvido com o assassinato de Manning ou não, quero que o encontre e o tire de cena para que ela já não tenha que continuar se preocupando com ele.

Wallbrecht se recostou na cadeira e olhou para ele com espanto.

— É assim que estão as coisas? — disse ele em voz baixa— Você não está interessado em proteger a si mesmo, é a Sra. Manning você quer proteger?

— Exatamente assim estão as coisas. — Michael disse categoricamente. Abrindo sua maleta, ele jogou as pastas dentro, e a seguir trancou.

Wallbrecht puxou uma folha de papel de uma bandeja que tinha sobre a mesa e segurou a caneta preparado para tomar notas.

— Muito bem, o que pode nos dizer sobre Manning que nos possa ser útil?

— Muito pouco, mas você já tem um registro sobre ele. Manning queria fazer negócios comigo e no decurso normal desse tipo de operações, não só pedi detalhe de sua ficha financeira, eu pedi a seu pessoal a verificasse. Revisa o relatório que vocês me deram e procure algo irregular em suas finanças.

A caneta de Wallbrecht se deteve.

— Eu teria começado procurando o marido ou noivo furioso de alguma de suas companheiras de cama. Por suas finanças em seu lugar?

— Por várias razões. — respondeu Michael e ficou de pé— Eu olhei as cópias de suas declarações financeiras, mas lembro-me de ter pensado que ele não era tão solvente como esperava, considerando o que eu sabia de seu estilo de vida.

Wallbrecht fez uma anotação.

— O que mais?

— A noite antes de seu desaparecimento, ele deu a sua esposa um colar de rubis e diamantes de duzentos e cinquenta mil dólares, em um estojo da Tiffany's. Por razões óbvias, mais tarde ela decidiu que não o queria, mas quando sua secretária tentou devolvê-lo à Tiffany's, ela foi informada que não havia comprado ali. As duas mulheres procuraram um registro de quem o tinha comprado então, mas não encontraram nada... Nenhum registro de um cheque de sua compra, nenhum recibo de cartão de crédito, nenhuma fatura... Nada.

A expressão do Wallbrecht se tornou receosa.

— Ele pagou em dinheiro?

— Evidentemente. Há mais uma coisa, durante uma de nossas reuniões. Ele se gabava de conhecer uma maneira inteligente de gastar nos Estados Unidos dinheiro depositado em um Banco internacional sem atrair a atenção da Receita Federal. Ele não chegou a dizer que estava fazendo isso, mas é possível que fizesse. Se estivesse lavando dinheiro sujo, então quem quer que o tenha matado pode ter querido um pouco desse dinheiro. — Ele balançou a cabeça em desgosto enquanto encolhia os ombros. — Eu sabia que quando Manning não apareceu depois de alguns dias, ele nunca seria encontrado vivo. Além do que ele me contou sobre o dinheiro, ele também mencionou que havia comprado uma arma.

Wallbrecht apoiou a caneta na mesa e olhou para Michael, perplexo.

— Por que ele iria dizer a um estranho, que possuía uma arma e sabia um

esquema fraudulento para gastar dinheiro do exterior?

— Porque ele achava que eu ficaria interessado e impressionado. — disse Michael e pegou sua pasta executiva da cadeira.— Afinal, eu sou o ex-presidiário duro que não faz mais que ganhar do sistema nos tribunais. — Pronto para sair, ele acenou para Buchanan, que ia tomar um táxi para retornar a seu escritório, então olhou para Wallbrecht e disse: — Eu não me importo com quantas pessoas você tem que colocar neste caso ou quanto vai custar, descubra quem matou aquele filho da puta inútil.

Ele caminhou até a porta, então ele parou e virou-se, com a mão na maçaneta.

— Há mais uma coisa. —informou a Wallbrecht— Eu quero que você diga a McCord que se usar o nome de Leigh Manning na minha frente de novo em conexão com esse assassinato, farei-o em pedaços, e não há policiais suficientes na cidade de Nova York para me impedir.

Quando ele saiu, Wallbrecht e Buchanan se entreolharam atônitos e em silêncio.

— Eu não posso acreditar nisso.— Wallbrecht finalmente disse— Que esse é o mesmo homem que apenas encolheu os ombros quando o estado de Nova York apresentou seis acusações de fraude contra ele.

Buchanan não sorriu.

— Faça um favor a todos nós: encontre uma pista do verdadeiro assassino, e faça-o logo. Porque se seu amigo McCord tentar implicar Leigh Manning, eu garanto-lhe que Michael Valente não será controlável.

Capítulo 58

Shrader e Womack desciam a escada da delegacia de polícia quando Sam saia da limusine de Valente enquanto o chofer segurava a porta aberta. Ignorando seus sorrisos depreciativos, Sam passou correndo por eles com os braços apertados contra o corpo para se proteger do frio.

— Por que não disse a Valente que queria um casaco de pele em vez de um carro? — Brincou Womack, seguindo-a para dentro acompanhado por Shrader.

—Conseguiu alguma coisa sobre Valente? — Perguntou Shrader. Sam assentiu, mas fez um gesto para os elevadores.

—Vamos lá para cima aonde está mais quente e eu contarei McCord e a vocês dois ao mesmo tempo.

—McCord já saiu. — disse Shrader — Tinha compromissos.

—Com quem? — Perguntou Sam, muito decepcionada escondê-lo..

—Não sei, mas sua agenda ficou sobre sua mesa, aonde sempre está. Deixou uma nota junto ao telefone. O que descobriu de Valente?

Sam disse, mas a informação perdeu grande parte de sua importância no meio do ruidoso e movimentado primeiro andar cheio de gente, onde não foi possível pôr em contexto os fatos e os tempos, e muito menos analisá-los e avaliá-

los a fundo.

Como é natural, a reação de Shrader foi descompromissada.

—Não sei o que pensar. Talvez ele tenha pago para alguém para fazer isso?
—Distraído, consultou seu relógio. — Womack e eu vamos começar a verificar Solomon e seu namorado. Vejo você pela manhã.

Frustrada por ter que esperar para falar com McCord, Sam subiu as escadas até o segundo andar e se dirigiu até sua mesa. McCord tinha se zangado tanto consigo mesmo por ter dirigido mal a entrevista com Valente que Sam não podia acreditar que não tivesse esperado para saber o que ela tinha averiguado. Por outro lado, McCord sempre cumpria com seus compromissos e esperava que os outros fizessem o mesmo.

Apoiado em seu telefone havia um papel dobrado com seu nome escrito com a letra familiar de McCord. Tinha uma letra notavelmente legível para um homem, pensou Sam com carinho, e nesse momento lembrou algo surpreendente que tinha dito a ela no caminho para a sala de entrevistas, essa manhã. No tumulto, ela tinha esquecido completamente que ele estava com ciúmes de Valente e que tinha sido incapaz de suportar isso. Entretanto, recordou a cena com todos os detalhes, até o meio sorriso que ele tinha nos lábios quando disse que acabavam de superar muito bem a primeira briga de apaixonados.

Seu coração deu um tombo com a lembrança, assim com firmeza empurrou esses pensamentos da mente. Não pensava percorrer esse caminho com Mitchel McCord... a menos não desejava embrenhar ainda mais nesse caminho.

Com muita calma, abriu a nota.

Sam:

Na gaveta do meio de minha mesa há uma pasta com anotações que fiz esta manhã durante a entrevista com Valente. Como ainda não voltou, imagino que falou com ele. Adicione suas próprias anotações as minhas, enquanto estão frescas em sua mente. Estarei de volta por volta das cinco e meia. Falaremos então se eu não o fizer antes por telefone.

Mack

Pela primeira vez ele assinou a nota com seu apelido e todo o sistema nervoso de Sam sofreu um colapso momentâneo. Pelo que sabia, poucas pessoas tinham o direito de usar esse apelido. O prefeito o tinha chamado "Mack" certo dia ao passar por ali durante uma reunião de estratégia, o doutor Niles, chefe dos médicos legistas, chamava-o "Mack", e também o tinha feito sua irmã, quando deu a Sam uma mensagem para ele um dia. Todos outros o chamavam "tenente" que era uma forma respeitosa e apropriada.

Sam não era parente dele, nem uma amiga antiga ou sequer líder político. Se ela usasse esse apelido para dirigir-se a ele, daria a entender uma familiaridade fácil e distendida que não tinham. Sam não sabia bem se, ao assinar com seu apelido, ele estaria sutilmente dizendo que ela podia ter essa proximidade com ele. Ou... que deveria tê-la? Ou que... já a tinha?

Sam sacudiu a cabeça para limpá-la e se dirigiu para o escritório dele. Esse homem a estava voltando louca. Pressupunha a existência de uma relação que não existia, e depois a fazia reagir como se realmente existisse. Naquela manhã ele tinha olhado com uma expressão de raiva em seus olhos azuis porque estava com ciúmes, mas não tinha nenhum direito de sentir ciúmes, e ela não tinha necessidade de se derreter e se arrepender por ter feito ele ficar com ciúmes.

O problema era que McCord era tão enganosamente sutil, tão brilhantemente imperturbável e tão brandamente indomável, que Sam em nenhum momento se precaveu que estivesse se conduzindo a um terreno muito incerto, até que de repente ela se encontrou ali.

Sam estava tendo essa mesma visão de si mesma sendo conduzida suavemente ao longo do caminho entre os bosques, unida a McCord por um fio delicado que não podia ver ou sentir e, enquanto caminhava olhava os arredores, admirando as flores — e as costas musculosa de McCord e seus quadris estreitos, — esteve a ponto de cair de um penhasco.

Uma vez dentro do escritório de McCord, Sam estudou sua agenda, que era, na verdade, um diário espiral de vinte centímetros por trinta, com uma página para cada dia. Pensando que ele poderia voltar antes do previsto, Sam olhou somente o que tinha escrito no espaço reservado para essa tarde.

Suas manhãs geralmente estavam ocupadas pelas tarefas que podia cumprir em seu escritório, seja por telefone ou através do computador, e pelas reuniões intensas que mantinha com o Sam, Womack e Shrader.

As tardes eram reservadas para os compromissos, as entrevistas e os trabalhos na rua que tinha de realizar. McCord resolvia por telefone todas as questões departamentais e administrativas, mas quase todo o resto fazia cara a cara, e isto requeria uma quantidade surpreendente de tempo e de saídas.

No dia anterior ele mencionou que iria procurar reunir com todos os agentes da lei que pudesse encontrar que já tivera contato pessoal com Valente e, ao examinar sua lista de entrevistas, Sam comprovou que McCord já tinha iniciado esse processo. Quatro tardes consecutivas estavam marcadas com essas reuniões, começando ao meio-dia de hoje com Duane Kraits, o agente que tinha detido Valente acusado por homicídio culposos.

McCord estava particularmente interessado nesse caso pela mesma razão que a Sam era importante: porque envolvia o único crime violento de Valente e era o único caso em que as acusações contra ele não foram negadas. Enquanto olhava os muitos compromissos que McCord tinha durante a tarde, Sam percebeu que de maneira nenhuma ele poderia terminar e retornar antes das cinco e meia.

Decepcionada, sentou-se na poltrona giratória que havia atrás da mesa, abriu a gaveta do centro e tirou a pasta com o arquivo de Valente. Escreveu algumas notas apropriadas nele, mas quando terminou e voltou a pôr a pasta na gaveta, sentiu-se estranhamente deprimida.

De pé, ela olhou ao redor pelo escritório limpo e arrumado enquanto deslizava as pontas dos dedos sobre a mesa a sua frente na qual ele se sentava e escrevia suas anotações. Tinha feito várias brincadeiras a respeito de sua

compulsão pela ordem, mas o certo era que gostava desse escritório arrumado e seus hábitos organizados.

Sam tinha crescido junto a seis irmãos e, até sua adolescência, não podia andar pela sala de sua casa sem receber um almofadada... bom, geralmente, um verdadeiro ataque de almofadões eram lançados nela ela de diferentes direções.

Seus irmãos organizavam competições para ver qual deles podia ser mais repugnante. Se os pais de Sam não estivessem em casa, disputavam quem arrotava mais forte durante o jantar. E... Santo Deus!... O que eram os concursos de peidos!

Tiravam os sapatos com uma sacudida assim que entravam no hall, e nenhum ginásio do mundo poderia ter um aroma mais asqueroso como aquela sala. E não tinha como acreditar que eram suas meias para ginástica.

Quando se sentavam em círculo com meias para ver televisão, o fedor fazia com que os olhos de Sam ardessem e escorressem lágrimas. Ela se queixou desse cheiro nauseante somente uma vez, quando tinha oito anos. Na manhã seguinte, quando despertou, comprovou que seus travesseiros estavam cobertos com meias fedidas.

Sam aprendeu cedo a fingir não perceber as coisas, porque se os homens descobriam que algo a desagradava, em seguida encontravam a maneira de torturá-la precisamente com isso.

Quando era pequena, eles pareciam considerá-la um brinquedo animado e falante com múltiplos usos. Se jogavam beisebol no terreno baldio ao lado de casa, punham-na nos perímetros do campo de jogo, com sua boneca nas mãos e a nomeavam "*Linha do Home Run*". Quando praticavam futebol no terreno do fundo, Brian e Tom a obrigavam a ficar com os braços levantados como o poste de um arco enquanto eles chutavam a bola nela para fazer um gol.

Eram capazes de matar a qualquer um que tentasse feri-la, mas, ao mesmo tempo, a torturavam incessantemente e faziam brincadeiras que nem sempre eram divertidas.

O pai de Sam, pensava que por eles serem atletas podia permitir que fossem incrivelmente desleixados e indisciplinados, mas bem, o que se podia esperar de um homem cujos filhos o chamavam "*treinador*" em lugar de "*papai*"? As empregadas da família, das quais houve todo um exército, nunca duravam mais de um ano.

A mãe de Sam discordava do marido a respeito de muitas coisas que ele permitia que os garotos fizessem, mas acabava vencida por ser minoria e, ainda por cima, era acusada de caduquice por seu marido e por todos seus filhos.

Ao deixar o escritório parou no batente da porta e voltou a cabeça para olhar com ternura, Sam compreendeu que gostava da ordem e a limpeza de McCord. O certo era que tudo que se referia a Mitchell McCord a agradava. Inclusive seu apelido tinha um som agradável.

Quando finalmente chegou a seu próprio escritório descobriu que estava faminta e inquieta e que realmente precisava se afastar por um momento.

O horário normal de trabalho dos detetives no turno do dia era das oito da manhã às quatro da tarde, mas Shrader, Womack e ela estavam trabalhando até tarde quase todas as noites incluindo também os fins de semana. Sam sabia que

essa noite trabalharia de novo, posto que McCord não retornaria até as cinco e meia. Assim aproveitaria para tirar algumas horas livres para "jogar tempo ford".

Pegou a bolsa, vestiu o casaco e decidiu ir à liquidação da Bergdorf's*. Se assegurou que seu celular estivesse ligado e o guardou de novo na bolsa que tinha pendurada no ombro. McCord era previsível e cumpria à perfeição com os horários previstos, assim não se preocuparia em voltar até as cinco e meia.

* * *

Às três da tarde, Sam estava a caminho do provador para experimentar um fabuloso vestido e casaco de cor amora quando seu celular tocou. O pegou da bolsa e se surpreendeu ao comprovar que na tela do identificador de chamadas aparecesse o número do escritório de Mack. Surpreendeu-a inclusive mais com o som detestável e lacônico de sua voz.

—Onde diabos está você?

—Decidi tirar algumas horas livres. Estou no centro, exatamente na rua Cinquenta e Sete e a Quinta Avenida — disse ela.

—Está novamente a serviço. Venha logo para cá.

—O que aconteceu? — Sam perguntou ao jogar o conjunto amora nos braços de uma vendedora sobressaltada, que passava por ela justo nesse momento.

—Vou dizer quando chegar aqui. Aonde está o resumo que fez esta manhã de todas as acusações apresentadas contra Valente?

—Está em meu escritório. — disse Sam, pronta para sair correndo— Já vou para lá.

Capítulo 59

Sam parou em sua mesa apenas o suficiente para jogar a bolsa em uma gaveta, fechá-la com chave e tirar o casaco, depois se dirigiu rapidamente para escritório McCord, e parou incerta junto à porta aberta.

McCord estava de pé atrás da mesa, olhando para a parede, com as mãos metidas nos bolsos da calça e a cabeça inclinada, como se estivesse olhando para o computador que tinha sobre a prateleira, salvo que a tela do monitor estava apagada e o torso de McCord estava tão tenso que a correia de couro marrom do coldre que levava no ombro enrugava o tecido da camisa nas costas.

* Bergdorf Goodman é uma luxuosa loja de departamento com base na Fifth Avenue, em Midtown Manhattan, em Nova York.

A pasta com o resumo feito por ela das prisões de Valente se encontrava, aberta, sobre sua mesa, e a jaqueta de couro estava atirada com descuido sobre uma cadeira, outro sinal que algo estava alarmantemente fora de ordem.

Sam decidiu interrompê-lo e disse em voz baixa:

—O que aconteceu?

—Feche a porta. — respondeu ele.

Sam fechou a porta e sua ansiedade aumentou. McCord jamais fechava a porta do escritório quando os dois estavam sozinhos. Todos no segundo andar podiam ver o interior de seu escritório porque a metade superior das paredes, que dava à sala do esquadrão, era de vidro e desde o começo Sam intuiu que McCord era suficientemente inteligente para perceber que as frequentes reuniões com portas fechadas entre Sam e ele seriam notadas e mal interpretadas, em detrimento da relação futura dela com seus companheiros.

Ainda de costas, McCord disse:

—O nome William Holmes significa alguma coisa para você?

—Certamente. Foi a vítima na condenação de Valente por homicídio culposo.

—O que recorda desse caso, com base na informação oficial que existe em nosso arquivo?

O pressentimento de Sam começou a aumentar quando ele não se virou enquanto ela respondia:

—A vítima, William Holmes, era um jovem de dezesseis anos, não armado, sem antecedentes policiais, que participou de uma briga com Michael Valente em um beco por um assunto desconhecido. — respondeu Sam — Durante a briga, Michael Valente, um jovem de dezessete anos com registros de antecedentes policiais, disparou em Holmes com uma arma semi-automática calibre quarenta e cinco, de sua propriedade. Um policial, Duane Kraits, ouviu o disparo e um momento depois estava na cena, mas Holmes morreu antes que chegassem os paramédicos. O agente Kraits prendeu Valente na cena do crime.

—Prossiga. — disse sarcasticamente, quando ela parou — Eu quero ter certeza que você leu o mesmo que eu nesse registro.

—O relatório do médico legista assinalava como causa de morte um projétil calibre quarenta e cinco que rompeu a aorta da vítima. A balística confirmou que a bala provinha de uma semi-automática calibre quarenta e cinco, não registrada, propriedade de Valente. As impressões digitais de Valente estavam na arma. Informes de toxicologia não exibiram nenhum sinal de drogas nem de álcool em Holmes ou em Michael Valente.

Sam fez uma pausa, tentando imaginar que outros pontos importantes ele queria que ela detalhasse, e mencionou só os que cruzaram sua mente.

— Michael Valente foi representado por um advogado designado pela corte e ele se declarou culpado. O juiz do caso levou em conta a idade de Valente, mas o mandou para a cadeia por seus antecedentes e a crueldade do ato de Valente sem que existisse provocação alguma.

McCord virou-se sobre seus pés e Sam mentalmente retrocedeu diante o brilho ameaçador que viu em seus olhos azuis de aço.

Alguém que cuide de mim

— Gostaria de saber o que realmente aconteceu?

— O que quer dizer 'Como, realmente aconteceu'?

— Passei meia hora com Kraits hoje. Ele está aposentado e vive sozinho com na companhia de uma garrafa de Jack Daniel's* e suas lembranças de "*os velhos e bons tempos na força policial*". Já tinha o tanque cheio até a metade quando cheguei, e se mostrou especialmente contente em falar comigo a respeito de sua participação na prisão de Valente por homicídio culposo porque — em suas próprias palavras — ele é um grande fã meu. Parece que o relatório que apresentou sobre a morte de Holmes estava um pouco distorcido porque seu capitão precisava que estivesse assim, e "*nos bons e velhos tempos*" os policiais se mantinham unidos e faziam favores mutuamente. Adivinha quem era o capitão de Kraits?

Sam sacudiu a cabeça.

— William Trumanti. — disse —. Agora, adivinhe quem era a vítima.

— William Holmes. — respondeu Sam sem vacilar.

— William Trumanti Holmes. — McCord a corrigiu acidamente. Muito alterado para se sentar, passou a mão pela nuca e se encostou contra a prateleira. — Holmes era o único filho da irmã do capitão Trumanti. Uma vez que Trumanti não tem mais irmãos, William era o último ramo possível de sua pequena árvore genealógica. Começa a ver o quadro?

— Ainda não.

— Não, claro que não. — ele disse, sua mandíbula se apertou com tanta força que a cicatriz fina em seu rosto se destacou. — Você não pertencia à polícia nos "*velhos e bons tempos*". Deixe-me preencher os espaços em branco para você. Já verifiquei por telefone os pontos importantes com outro oficial de polícia aposentado que pertencia à antiga delegacia de polícia de Trumanti. Aqui está o que o arquivo não incluiu: William Holmes era um valentão, que estava acostumado a ser preso junto com seu amigo, Michael Valente. Cada vez que isso acontecia, seu tio fazia com que fosse posto em liberdade e eliminava o fato de seu registro. De tempos em tempos, o capitão Trumanti — que na época era tenente Trumanti — salvava também o traseiro do jovem senhor Valente.

Sam se inclinou para frente em sua cadeira.

— Michael Valente e Holmes eram amigos?

— Eram amigos íntimos. De fato, eram amigos de infância. Infelizmente, Holmes não era amigo do primo mais velho de Valente, Angelo. Na noite em que Valente brigou com seu amigo e o matou, foi porque William acabava de matar Angelo a facadas. Valente foi atrás do jovem William que estava esperando, totalmente drogado, ainda coberto com o sangue de Angelo e armado com uma semi-automática calibre quarenta e cinco. Essa arma não pertencia a Valente: era de Holmes, e as impressões digitais de Valente estavam no canhão, não na culatra. Agora vê o quadro completo?

Sam intuiu que McCord precisava desabafar sua fúria.

* Jack Daniel's é um uísque fabricado pela Jack Daniel Distillery, fundada em 1866 pelo destilador norte-americano Jack Daniel.

—Eu prefiro ouvir de seus lábios.

— Trumanti queria vingança por sua irmã, de modo que arrumou as coisas para que um jovem de dezessete anos fosse enviado a prisão. Valente não era nenhum anjo, mas também não era um assassino, não consumia drogas e fazia bastante tempo que não se metia em confusões. E — adicionou enfaticamente McCord — não era absolutamente culpado pelo homicídio culposo.

Voltou a passar a mão pela nuca e flexionou os ombros largos como se tentasse diminuir a tensão de seu corpo.

—Se ele tivesse tido um advogado decente, o veredito seria de auto defesa e se esse argumento não tivesse convencido o juiz, teria recebido um veredito de homicídio não premeditado em segundo grau com liberdade condicional. Em vez disso, Trumanti, Kraits e os rapazes dos bons tempos da delegacia de polícia local incriminaram Valente; depois o apagaram do mapa por quatro anos. Mas isso foi só o princípio — acrescentou com tom mordaz.

—O que quer dizer? — Perguntou Sam, mas já tinha uma desagradável premonição a respeito do que se referia McCord.

—O que recorda das prisões seguintes de Valente? — Ele inclinou para frente e empurrou a pasta com o resumo que estava sobre a mesa. —Tome e refresque a memória.

Sam automaticamente levou a mão para tomar a pasta porque ele ordenou, depois a retraiu porque não precisava olhar o que havia nessa pasta.

—Durante os primeiros anos após sair da prisão, seu registro ficou limpo. Houve um numero significativo de prisões por pequenos problemas: excesso de velocidade e posse de uma substância que resultou ser uma prescrição de um analgésico.

—E depois disso? — Insistiu McCord.

—Cerca de dez anos atrás, as acusações tornaram-se sérias. O primeiro foi uma tentativa de suborno a um funcionário público. Valente tentou subornar um inspetor que o acusava pela violação de alguns códigos de construção. Houve várias outras situações semelhantes de tentativa de suborno depois disso e, logo, a gravidade e o número de acusações aumentaram à medida que passava o tempo.

A expressão de escárnio de McCord indicou que não dava importância a essa informação.

—A segunda reunião que tive hoje foi com esse inspetor que Valente supostamente tentou subornar. O senhor Franz está agora em um asilo e está um pouco preocupado com o que Deus pensará de algumas das coisas que ele fez ao longo de sua vida. Bastaram cinco minutos para que se desabafasse completamente.

—O que foi que disse?

—Que Valente nunca tentou suborná-lo e tampouco tentou subornar os outros dois indivíduos em casos posteriores que foram arquivados. Trumanti os obrigou a acusá-lo.

McCord se endireitou, aproximou-se da mesa, coberta com enormes pilhas de pastas cheias de informações a respeito dos outros casos judiciais apresentadas contra Valente. Pegou uma e a deixou cair com repugnância.

—Já posso dizer por que todos estes casos terminaram com 'acusações retiradas', "Caso encerrado por insuficiência de provas" ou "Inocente", de acordo com seu resumo. Porque é um monte de merda. Felizmente, naquele momento Valente podia pagar seu próprio advogado para que o defendessem em vez de depender de defensores públicos que o deixaram se declarar culpado de homicídio não premeditado em primeiro grau. Eu também apostaria que Trumanti foi direta ou indiretamente responsável do pelo menos a metade dessas acusações.

—O que quer dizer com "*indiretamente responsável*"?

—Trumanti construiu algumas pequenas fogueiras com as primeiras acusações falsas, mas também criou muita fumaça, e os fiscais tendem a acreditar naquele velho ditado de que "*onde há fumaça, há fogo*". E então se lançaram à caça desses fogos que tinham escapado da última vez. — McCord pegou outra pasta e a jogou em um lado com gesto de desprezo. — Depois de alguns anos, Valente realmente se transformou em um grande alvo do Ministério Público.

Sam levantou as mãos, confusa.

—Como ele fez isso?

—Ao tornar-se um hábito aniquilar sua oposição no tribunal, e não apenas bater. Quando li as definições e transcrições que estão nesses arquivos se tornaram óbvio que o batalhão de advogados de Valente tem duas tarefas a cumprir quando estão em um tribunal. A primeira é derrubar as acusações, porém a segunda é desprestigiar quem quer que esteja no comando da acusação no caso. Quando li os arquivos, não podia acreditar em alguns comentários que os advogados de Valente haviam registrado. Em cada caso, seus advogados começaram por propiciar uma surra nos fiscais, — os menosprezando por coisas como enganos de ortografia, enganos gramaticais, enganos tipográficos, chegar dois minutos tarde — equívocos mínimos que, em suas mãos, começaram a adquirir o aspecto de incompetência. Em várias das anotações os próprios juizes se juntaram a eles repreendendo os fiscais. Uma vez que os advogados de Valente envergonhavam seus oponentes e os faziam ficar como completos idiotas, então ficavam cada vez mais agressivos e importunáveis até chegar a utilizar termos como "*uma estupidez incurável*", "*uma negligência imperdoável*" e "*uma total incompetência*".

Aproximou-se de novo de sua mesa e se sentou.

—Os advogados como os de Valente, que cobram dois mil dólares por hora ou inclusive mais, fazem o que for necessário para ganhar uma causa e ponto. Não perdem tempo nem o dinheiro de seus clientes levando adiante uma vingança, mas para Valente sim, fazem todas as vezes, e obviamente estão cumprindo suas ordens. Valente não dispensa seus serviços até que as caras dos fiscais estejam enterradas no barro e ele tem o pé apoiado em suas cabeças. Então, só então, os deixa se levantar.

—Eu não o culpo por querer se vingar um pouco.

—Em sua vingança não há nada de "*pouco*". Os fiscais que são feitos de idiotas no caso importante como o de Valente podem se despedir das ambições que tinham com respeito a sua carreira. Mas os fiscais também têm boa memória e podem sentir uma grande animosidade. Mais ainda, cada vez que Valente obriga a

alguns a sair correndo em busca de refúgio, com o rabo entre as pernas, há pelo menos doze mais que morrem por substituí-los e demonstrar seu próprio valor ao ser os primeiros e únicos em derrubar Valente com sucesso.

McCord pegou um lápis que havia sobre a mesa e depois o jogou para um lado com a mesma impaciência com que já tinha jogado as pastas.

—Quando eu peguei este caso, pensei que Michael Valente não era mais que um grande tubarão que com dentes vinha escapando de nossas redes durante anos. Eu queria o arpão pela mesma razão que os fiscais. Não sou muito diferente deles.

—Isso não é verdade! — Saltou Sam e disse com tanta veemência que a surpresa apagou um pouco da fúria do rosto dele.

—Como estou diferente?

—Quando pegou este caso você acreditava que ele era culpado de tudo o que o acusava. Alguns desses fiscais tinham que saber que estavam fazendo uma montanha de nada.

Em vez de responder, ele balançou a cabeça por outra coisa que estava se lembrando:

—O dia que Trumanti me convocou no One Police Plaza e disse que queria que eu dirigisse esta investigação como "*um favor pessoal*", eu senti que havia algo quase obsessivamente vingativo em sua atitude para com Valente. Além de amaldiçoá-lo em todo momento, Trumanti não fazia mais que me dizer que prender Valente era algo assim como o desejo de um moribundo. Acredito que o velho se convenceu que Valente é culpado de tudo, começando com o homicídio de Holmes. — Olhou com fúria para o topo da sua mesa. — Quando eu informei que estava a ponto de pedir a aposentadoria, ele me disse que se eu prendesse a Valente por assassinato em primeiro grau, eu me aposentaria como capitão.

—Isso tem alguma coisa a ver com o fato de ter aceito o caso?

—Se eu tivesse desejado realmente ser capitão, — assinalou ele com um sorriso de desprezo — eu simplesmente teria gerido minha carreira de maneira um pouco diferente. — apontando para a mesa novamente, ele acrescentou: — Quando comecei a examinar essa pilha de merda que está ali notei que os fiscais se descontrolavam com alguns desses encargos. Até eu perceber que não podiam fazer que o prendessem. Michael Valente não é um chefe da máfia com uma rede de homens encarregados de fazer seu trabalho sujo de modo que ninguém possa rastreá-los até ele. Valente dirige uma empresa multinacional legítima. Com o tipo de escrutínio intenso que sempre está submetida, sua empresa tem que ser perfeitamente limpa, pois do contrário algum fiscal poderia acusá-lo de algo. O mais grave que encontraram alguma vez foram algumas irregularidades menores na contabilidade interna, como as que se encontram em qualquer corporação.

McCord permaneceu em silêncio por um momento e olhou para o quadro-negro que tinha à esquerda no qual anotava as provas circunstanciais que tinham estado reunindo contra Valente, então, ele balançou a cabeça e deu uma risada curta e sombria.

— Eu acho que é seguro concluir que Valente não matou Logan Manning, nem contratou alguém para fazer isso por ele.

— O que o faz estar tão seguro? — Perguntou Sam e teve que reprimir um sorriso satisfeito.

— Porque, se Valente estivesse disposto a cometer um homicídio, o alvo teria sido Trumanti a muito tempo. — Então se levantou, ainda olhando para o quadro-negro, disse sobre Valente: — Ou seja que agora temos um homem que vive seguindo o princípio de "*não queixar-se nunca, não explicar nunca*". Não admira você simpatizar com ele.

Sam levantou-se, também.

— O que você vai fazer agora?

— Entre outras coisas, eu vou descobrir quem realmente matou Manning. Começaremos de novo amanhã pela manhã, em busca de suspeitos alternativos e teorias alternativas. — Contornou a mesa, pegou seu casaco e o pôs. — Pegue seu casaco. — disse a ela. — Eu vou te levar pra casa.

Ele nunca se ofereceu para fazer isso antes. McCord tinha um carro, mas quando o clima estava bom Sam voltava caminhando para sua casa, do contrário, pegava o metrô. Ela começou a declinar a princípio, mas logo não fez isso. Ela disse a si mesma que era porque ele teve um dia bastante difícil para ainda somar a recusa de um oferecimento agradável. A verdade era que ele parecia tão cansado e desanimado que ela sofria por ele.

Capítulo 60

Uma pequena multidão estava esperando os elevadores, assim McCord se dirigiu à escada e Sam o seguiu. Estavam dois degraus adiante dela, o que lhe dava tempo para observar o cabelo curto de sua nuca onde tocava o pescoço. A mente de McCord seguia centrada no papel que inadvertidamente ele tinha desempenhado em tentar atribuir o crime ao homem errado.

— Estou tão contente de ter dado a Michael Valente o benefício da dúvida quando o interroguei esta manhã. —disse McCord a Sam sarcasticamente— Há anos que eles procuram prendê-lo, mas eu ia ajuda-los a cravar uma agulha em seu braço por algo que ele não fez. Até que ponto pode o abuso do poder e autoridade pode chegar?

— Acredito que, na realidade, ele é um homem de muita sorte — respondeu Sam atrás do McCord.

— Por diz isso? — Perguntou McCord ironicamente quando se aproximavam do descanso do primeiro andar.

Sam levantou a mão direita em direção ao ombro de McCord, mas em seguida a retirou. Foi de resistir seu magnetismo quando ele se sentia forte e seguro de si mesmo, mas não quando Mitchell McCord estava aflito.

— Porque você nunca permitiria que isso acontecesse. Você não é capanga de ninguém. Isso é o que o torna tão incrível...

McCord parou e virou-se com tanta rapidez que Sam não pôde evitar a rápida descida ao degrau abaixo, nem o choque de suas mãos no corrimão. Seu coração começou a pulsar freneticamente quando ficou com o rosto apenas uma polegada do dele, e que os dedos de ambos pareciam ter-se fundido no corrimão da escada.

Sam engoliu seco e tentou liberar-se do feitiço momentâneo e subir um degrau. Ele subiu o que ela tinha desocupado e deu assim uma visão de primeiro plano de seu pescoço pela camisa aberta. O medo de que alguém que viesse pela escada os visse fez com que seu peito se elevasse e baixasse com rapidez e o olhar dele se fixou em seus seios. O que ele disse, no entanto, foi exatamente o oposto de tudo o que ela poderia ter imaginado:

— Não.— ele disse em uma risada áspera, como se não pudesse acreditar que tivesse subido esse último degrau— Não. — Deu meia volta e começou a descer pela escada com rapidez seguido por Sam, completamente mortificada e decidida a não demonstrar. O exterior da porta se abria para uma pequena área do estacionamento mal iluminado atrás do edifício.

— É uma linda noite. — ela mentiu com uma voz animada ao sair para o ar gelado.—Na realidade, eu gostaria de tomar o metrô e parar no caminho de casa para fazer umas compras.

Ela se virou com um sorriso brilhante e depois fez uma careta quando a mão dele a agarrou pelo cotovelo.

— Entre no meu carro. — ordenou ele.

Sam liberou o cotovelo, mas não com rudeza, não de uma maneira que revelasse quanto se sentia mal. Demonstrar a um homem que alguém se sente mal o faz chegar a uma série de conclusões, nenhuma das quais queria que soubesse. Entretanto, rir de um homem na mesma situação equivalia baixar a guarda. Sam soltou uma gargalhada.

— Eu aprecio a sua oferta, mas eu realmente prefiro pegar metrô e fazer umas compras.

— Entre no carro. — ordenou ele e colocou a mão nas suas costas para assegurar-se que entrasse.

Sam sabia que o seguinte e grave engano que se podia cometer com um homem com uma atitude tão dominante como a que tinha McCord nesse momento, era dar muita importância a coisas que não tinham. O que o faria chegar à conclusão que, para ela, "nada" era "importante".

Sam entrou no carro de McCord e ele fechou a porta atrás dela, em seguida, trancou-a.

Ela esteve a ponto de rir por isso.

— Nós dois estamos armados, você sabe. — disse ela quando ele deslizou para trás do volante.

— Um de nós está mais bem armado do que o outro. — foi a resposta brusca de McCord.

Sam enviou-lhe um sorriso especulativo.

— Qual de nós é esse?

Ele virou-se lentamente e colocou o braço no encosto do assento de Sam, e por uma fração segundo, ela quase pensou que ia curvar a mão ao redor de seu ombro e abraçá-la. Contudo, ele tirou o braço e ligou o motor do carro.

—Você. — respondeu, um momento depois.

Quando Sam terminou de dizer-lhe o pouco que havia tirado de Valente na limusine, fizeram o resto do trajeto em completo silêncio, um silêncio que nunca esteve presente antes entre eles, porque eles sempre tinham coisas para falar.

Sam não gostou nada disso. McCord não estava se comportando como ela havia previsto. Tampouco ela se comportou de forma previsível na escada. Não deveria ter dito as coisas que disse, não deveria ter deixado que sua voz soasse tão suave, não deveria ter ficado no degrau com a mão tocando a sua por aqueles segundos.

— Obrigada pela carona. — disse ela quando se aproximavam de seu edifício. Sam quase esperava que ele fizesse algum comentário a respeito do fato dela viver em um bairro muito elegante para ser uma detetive da polícia de Nova York, mas ele não fez. Ela estendeu a mão para a maçaneta da porta, para sua surpresa, ele desligou o motor. — Não se incomode em descer. —disse ela e desceu do carro.

Ele a ignorou e saiu de qualquer maneira.

O nervosismo foi tomando o lugar da habitual calma racional de Sam com membros do sexo masculino.

— O que você está fazendo? — Perguntou Sam quando ele se juntou a ela na calçada e começou a acompanhá-la a seu edifício.

— Acompanhá-la até sua porta.

— Você não pode estar falando sério!— Respondeu ela, rindo.

— Eu sou um homem muito sério. — disse ele, e seguiu acompanhando-a depois de passar pelo porteiro.

Sam apertou o botão do elevador e decidiu que era melhor abordar o problema de frente.

— Espero que não esteja aborrecido pelo que aconteceu na escada durante aquele momento tolo.

Ele lhe lançou um olhar tão dominante que o coração de Sam perdeu uma batida.

— Nós vamos discutir isso lá em cima.

Sam lhe dedicou um sorriso divertido e um pouco de lado, exatamente o mesmo que estava acostumada dar a seus irmãos para enlouquecê-los e que sempre desconcertava até aos homens adultos mais seguros de si mesmos.

— Por acaso supõe que o convidarei para entrar?

—Não só suponho mas também sei.

A julgar pelo tom e a atitude de McCord, Sam chegou à única conclusão que podia chegar. Era óbvio que ele ia repreendê-la por sua conduta inapropriada. Dizer a um colega do sexo masculino —e, em especial, a um superior imediato— que ele era "incrível" e tocar a mão demonstrava um julgamento equivocado que quase podia considerar uma conduta imprópria, visto sob a luz de uma interpretação estrita das regras, mas, realmente, isso era ir muito longe!

Sam abriu a porta do apartamento, entrou e acendeu a luz. Ele a seguiu, mas parou assim que entrou. Cruzou os braços sobre o peito e ficou parado com os ombros apoiados na porta.

Movida pela necessidade apreensiva de mover-se, Sam nervosamente levantou as mãos e acomodou a faixa que segurava o cabelo em um coque. Ele ficou onde estava e a observou em silêncio. Depois, disse:

—Não vai haver nenhum beijo roubado em uma escada nem carícias torpes em um carro estacionado em um beco escuro.

Fez uma pausa para dar tempo a ela a digerir essas palavras, e os lábios de Sam se entreabriram por não poder acreditar que ele se atrevesse a exagerar e atribuir um instante na escada e no carro, onde na realidade nada aconteceu, a uma tentativa dela de seduzi-lo. McCord não só tinha um ego gigantesco, mas também Sam compreendeu de repente que também tinha uma pequena "estratégia" própria para empregar com as mulheres com as quais trabalhava: primeiro um convite para jantar; depois, mencionar uma "*briga de amantes*" e depois assinar uma nota com seu apelido.

E funcionava! Até teve sucesso com ela, e ela nunca foi reduzida a um estado de adoração a um herói em toda sua vida. Tudo o que até esse momento a fascinava sobre McCord desapareceu ao descobrir essa estratégia.

—Não só trabalhamos juntos, eu sou seu superior. —recordou ele sem necessidade— De modo que quero que entenda que isto nunca afetará nossa relação de trabalho nem sua carreira. Está claro?

—Muito amável de sua parte. — mentiu Sam enquanto mantinha um perfeito sorriso gelado enquanto cruzava os braços. — Entendo. Obrigada, tenente.

Os olhos dele se entrecerraram.

— Estou tentando assegurar que não tem por que temer nenhuma

repercussão pelo que estou por fazer.

Sam estava perdendo o controle de sua fúria, e isso nunca lhe passava.

— Você importaria em me dizer o que é que você vai fazer?

—Esse era meu plano. — disse ele, um pouco divertido pelo tom de Sam.

—Então, qual é o plano?

—Primeiro, vou tirar essa faixa que tem no cabelo e deixar que fique solto para que eu possa passar meus dedos por ele e descobrir se parece cetim ou seda. Eu estou morrendo de vontade de fazer isso há semanas.

Sam descruzou os braços, que ficaram ao lado de seu corpo, enquanto olhava boquiaberta para McCord.

—Pouco depois de fazer isso, —continuou ele com uma voz rouca que ela nunca tinha ouvido — vou começar a beijá-la e, em algum momento antes de ir, vou a esmagar contra esta parede, — disse e moveu a cabeça para a parede que estava junto à porta— e então farei todo o possível por colar meu corpo ao seu.

O sangue começava a fluir a toda velocidade pelas veias de Sam, mas seu cérebro parecia privado de oxigênio, porque não conseguia harmonizar essa última parte com seus comentários iniciais.

—Por quê? — Perguntou e franziu a testa.

Evidentemente ele não entendeu o alcance dessa pergunta, mas a resposta que deu fez com que Sam literalmente se derretesse:

— Porque amanhã vamos fingir que isto nunca aconteceu e vamos continuar fingindo até que o caso Manning tenha terminado. Se não esperarmos, se permitirmos que isto comece antes desse momento tudo terminará como aconteceu naquela escada suja e em outros lugares parecidos, tratando de roubar alguns momentos juntos e nos preocupando com a possibilidade que alguém nos pegue em flagrante. Isto não vai ser uma aventura sórdida e eu não penso em tratá-la como se fosse.

Sam observou suas feições fortemente viris e implacáveis enquanto tentava adaptar-se à nova realidade de que Mitchell McCord a desejava e a tinha desejado desde o começo e, ao mesmo tempo, tentava proteger sua carreira e de assegurar quais eram seus sentimentos para com ela. Para Sam, ele antes foi algo assim como um herói, mas agora, tudo o que ela tinha imaginado parecia muito menos do que na realidade ele era.

— Enquanto fingimos, — continuou ele depois de dar-lhe suficiente tempo para seguir seu raciocínio— terá tempo de decidir se quer ou não estar comigo quando este caso terminar. Se, durante esse tempo, decidir que a resposta é não, eu saberei e nem sequer falaremos disso. Separaremos-nos no melhor dos termos quando este caso chegar ao fim, e você poderá simplesmente fingir que as coisas

que estou por fazer nunca aconteceram. — Ele fez uma pausa novamente para avaliar sua reação. — Como é que soa isto até agora?

Era tão típico dele isso de planejar e organizar tudo à perfeição até o final. Incapaz de controlar o sorriso trêmulo de seu coração e o brilho de seus olhos, Sam sussurrou:

— Parece ... exatamente como você, Mack.

Ele rejeitou essa resposta nada convincente e levantou as sobrancelhas à espera de uma resposta autêntica, e seus olhos azuis fixos nos dela.

Como resposta, Sam levantou as mãos e soltou a faixa e as fivelas do cabelo, depois sacudiu o cabelo, que caiu como uma cascata castanha sobre seus ombros.

Ele pegou o rosto dela com as mãos e lentamente foi enfiando os dedos em seu cabelo, levando sua boca até a dela.

— Sam... — ele sussurrou com ternura, como se reverenciasse de maneira especial esse nome. Abaixando a cabeça, tocou nos lábios dela. — Sam... — disse ele novamente em um sussurro dolorido.

Quando ele saiu, Sam fechou a porta, trancou-a, em seguida, virou-se e encostou-se na mesma parede que aonde ele a tinha esmagado. Sorrindo, foi deslizando lentamente para o chão, depois flexionou os joelhos, pressionou as pernas contra o peito e as rodeou com os braços. Com uma face sobre os joelhos, Sam fechou os olhos e saboreou as sensações que persistiam nela, a das mãos e a boca dele sobre sua pele, a da excitação do corpo de Mack contra o seu. Seu cabelo comprido e bem penteado uma hora antes, cobria a outra face e em toda sua perna em um emaranhado, espremido e penteado pelas mãos de Mack.

Ela tinha seguido Mitchell McCord por esse caminho imaginário, sabendo perfeitamente o que estava fazendo.

E tinha saltado no ar nesse precipício.

Oh, mas que queda maravilhosa!

Capítulo 61

A sala do King Cole no St. Regis, localizado na rua Cinquenta e Cinco não era a ideia que Michael tinha de um bom lugar para o tipo de conversa que pensava ter com Solomon. Ampla, pouco profunda e mal iluminada, tinha um revestimento de madeira escura. Por toda a sua extensão havia um bar com banquetas, todas já ocupadas com a clientela habitual de Manhattan que passava por ali para beber depois do trabalho.

O único outro lugar para sentar se encontrava a poucos metros do bar e consistia em uma fileira de pequenas mesas para coquetel alinhadas ao longo da parede com cadeiras apertadas ao redor. Nesse lugar não só havia uma escuridão quase total mas também era tremendamente barulhento, e com um sorriso, Michael pensou que essa era provavelmente a razão pela qual Leigh o escolheu para sua reunião obrigatória com Jason. Com essa má iluminação ela não seria reconhecida, e Jason teria que levantar a voz para importuná-la por não ter retomado ainda a seu trabalho no teatro.

Junto a esse recinto havia um discreto e pequeno "salão" com mesas para coquetel, melhor iluminação e só uns poucos clientes. Michael escolheu uma mesa que ao menos lhe permitisse ver Leigh se ela usasse a entrada lateral, que se encontrava no outro extremo da sala e ao fundo de uma ampla e prolongada rampa, então ele pediu uma bebida e impaciente consultou seu relógio.

Solomon chegou quinze minutos atrasado, pedindo desculpas e desafogando fúria sobre a razão pela qual se atrasou.

—Não sei como me desculpar! — Disse, apertou a mão de Michael e sentou. Posto que não se conheciam pessoalmente, Michael supôs que começaria a falar em seguida de Leigh, desde que ela era a única coisa que tinham em comum. Entretanto, como Michael compreendeu em seguida, Solomon sentia agora outra coisa, um pouco mais significativa, em comum com Michael.

—Cheguei tarde por culpa dos policiais! — Exclamou Solomon muito zangado— Dois detetives se apresentaram no teatro, sem uma entrevista prévia, e me fizeram muitas perguntas a respeito de minha relação com Logan Manning. E não pude me livrar deles! São uns desgraçados muito tenazes, não acha?

—Isso não discutirei. — respondeu Michael.

— Você tem que lidar com essas pessoas o tempo todo. —recordou Solomon.— Como lida com policiais quando chegam sem aviso e começam a colocar o nariz em seus assuntos?

— Normalmente costumo suborná-los para ir embora.

— E consegue?

— Se isso não acontecer, eu mato-os.

Ao compreender tardiamente que ele estava informando educadamente que seus comentários eram de mau gosto, Jason se recostou na cadeira e fechou os olhos brevemente.

—Você se importaria muito —disse sem rodeios— se começarmos tudo de novo?

Michael consultou seu relógio.

— Vamos continuar como estávamos.

—Interessa-lhe saber o que esteve me perguntando a polícia?

— Deveria me interessar?

— Eles queriam saber como Logan me pagou por sua participação na peça de teatro.

Isso interessava muito a Michael, assim arqueou as sobrancelhas para demonstrar sua curiosidade e o nervoso dramaturgo deu-lhe todos os detalhes.

—Disse-lhes que Logan tinha duzentos mil dólares em dinheiro que queria usar como pagamento de sua participação na peça. Assim que os recebi assinamos um contrato, eu lhe dei um recibo e deposei o dinheiro na conta bancária principal da peça. Qual é o problema? Nós depositamos nessa conta quinhentos ou seiscientos mil dólares por semana pelas entradas de bilheteria.

Michael levou o copo aos lábios para parecer menos intrigado do que estava.

—Quantas dessas entradas são em dinheiro?

—Normalmente uma quantidade bastante grande.

—Mas os duzentos mil dólares de Manning não provinham da bilheteria. Por que não depositou então o dinheiro de Manning em uma conta geral em lugar de considerá-lo proveniente da venda de entradas e depositá-lo na conta reservada aos ganhos de bilheteria?

Solomon levantou as mãos.

—Isso foi o que me perguntaram os policiais.

—E você o que lhes disse?

—Disse-lhes a verdade. Que eu não sou contador. Logan me deu o dinheiro e sugeriu que o depositasse na conta atribuída às entradas por bilheteria, e eu o fiz. Disse a contadora que era o pagamento de um acionista e ela fez os acertos internos apropriados, quaisquer que sejam. Detesto contadores.

Jason levantou a vista para chamar uma garçonete e pedir uma bebida. Michael notou com impaciência que Solomon era muito suscetível com respeito à maneira em que deviam lhe preparar os martinis, assim que esse processo levou outros dois minutos de tempo que Michael não tinha para perder.

—Manning deu-lhe alguma ideia a respeito de onde conseguiu esse dinheiro?

—perguntou Michael quando Jason terminou seu pedido à garçonete.

—Logan me disse —explicou Jason— que alguém lhe pagou em dinheiro e que ele ficou com o dinheiro porque não queria depositá-lo em sua própria conta.

—Disse-lhe por que não queria?

—Os policiais me fizeram a mesma pergunta.

—E o que você lhes respondeu ?

Antes de responder, Solomon fez uma pausa para procurar uma noz em particular no recipiente que havia na mesa.

Alguém que cuide de mim

—Logan disse que não queria depositar esse dinheiro em sua conta bancária porque teriam que fazer algo como vinte viagens diferentes a seu Banco. Sabia que se alguém deposita ou retira mais de dez mil em dinheiro, o Banco notifica à Receita Federal? Quero dizer, —comentou muito sério— quem demônios quer que os fiscais da Receita Federal colando os narizes em seu dinheiro?

—Eu não, por certo. —disse Michael.

— Eles são a Gestapo americana.

—Não posso estar mais de acordo com você.

—Entretanto, em meu caso, —explicou Jason enquanto procurava outra noz na tigela— temos um negócio com dinheiro legítimo, devido a nossas entradas de bilheteria, por isso a Receita Federal não nos considera da mesma maneira. — Observou a garçonete que trazia sua bebida e, enquanto ela aguardava, ele provou a bebida para ter certeza que foi "*agitada, não batida*", e de que continha "*uma gota e não duas*" de vermut. — Está muito bem. — disse, em seguida bebeu um bom gole, relaxando na sua cadeira e pareceu recordar de repente que Michael tinha solicitado ter essa reunião privada com ele antes da chegada de Leigh. —Agora bem, —disse com tom cordial— o que posso fazer por você, senhor Valente? Ou posso chamá-lo de Michael, posto que Leigh diz que você é na realidade um velho amigo dela?

Absurdamente, Michael se sentiu uma pontada de mágoa ao saber que Leigh não tinha contado a Solomon que ele era algo mais que um velho amigo. Por outro lado, raciocinou que uma coisa era amá-lo em privado, mas que seria difícil para ela explicar a seus amigos que considerava a possibilidade de unir seu nome ao de Valente, o usasse ela ou não. Nem Michael nem seu nome seriam bem recebidos pelo público. Na realidade, justamente o contrário.

—Me chame como quiser. —disse Michael— Não há nada que você possa fazer por mim, mas sim há algo que talvez eu possa fazer por você.

Se havia uma maneira de manter a atenção de Solomon — notou Michael— era lhe oferecer algo que ele queria, embora não soubesse do que se tratava.

—Leigh me disse que você quer que ela volte a atuar. —disse.

—Deus, sim!

— Ela não o fará enquanto tiver que compartilhar o palco com Jane Sebring.

— Mas Leigh não tem opção! É uma profissional...

—Sim tem opção e a tomou. — disse Michael friamente. —Como é compreensível, ela tem a sensação que estaria convertendo, sua vida privada, em um espetáculo público.

Frente ao tom implacável de Valente, Jason deixou de discutir e durante vários segundos pareceu ficar absorto na contemplação das azeitonas que havia no

fundo de sua taça.

—Direi-lhe a verdade nua. —disse por último, olhando Michael nos olhos.— Jane Sebring está um pouco louca, e conste que não o digo levemente. Tem a obsessão doentia de tornar-se em Leigh. Leigh terá algo que Jane deseja mais que tudo na vida.

—O que?

—Imortalidade teatral.

—O que?

—Os Barrymore e os Sebring, com exceção de Jane, foram imortalizados por sua atuação na Broadway. Só três atrizes chegaram alguma vez ao pináculo: Ethel Barrymore, Marianna Sebring e Delores Sebring. Leigh Kendall será a quarta, mas se voluntariamente se afasta do teatro neste ponto de sua carreira, e por culpa somente de um marido infiel, perderá seu lugar no firmamento. Os atores atuam! —disse Jason com veemência, e de repente Michael teve a sensação que estava ouvindo o discurso que Solomon tinha preparado para Leigh.— Atuam quando estão doentes, quando seu pai agoniza, quando estão tão bêbados que não veem bem e quando estão quase catatônicos e com depressão clínica. Quando se levanta o pano de fundo, eles entram no palco e atuam!

Michael estava por interromper o discurso de Solomon sobre os costumes teatrais, mas as seguintes palavras do dramaturgo o cativaram no ato.

—Você tem ideia do quão incrivelmente talentosa é Leigh de verdade? — E levantou uma mão sem esperar a resposta. —Não tente me responder porque você não sabe. Ninguém sabe. Na Universidade de Nova Iorque a consideravam um prodígio porque não sabiam que outra maneira descrever tudo o que ela é capaz de fazer. Os críticos a chamam "mágica" porque tampouco podem explicar. — cruzou-se os braços, apoiou-os sobre a mesa, inclinou-se para frente e disse: —A noite da estreia de Blind Spot, no segundo ato, quando Leigh se inclina para o público e diz que conhece um segredo, vi que no maldito público todos se inclinaram para frente nas poltronas para escutá-lo.

Michael levantou a vista e, ao ver que várias pessoas do lobby se dirigiam ao bar, a contra gosto decidiu que era hora de encerrar o assunto, muito embora ele poderia escutar aquelas histórias por horas.

—Falemos de Jane Sebring.

Jason se estremeceu e voltou a se recostar em sua cadeira.

— Ela se mudou para o camarim de Leigh. No dia seguinte do caso dela com Logan sair nos jornais, ela me disse que Leigh jamais voltaria a atuar na peça e que queria usar o camarim de Leigh. Neguei com firmeza. Quero dizer, pelo amor de Deus, os dois camarins são idênticos, mas ela queria usar o de Leigh. Literal e

figurativamente, a morte de Logan se transformou para ela em uma autêntica bênção. Leigh não pode voltar para cena e Jane obtém o papel principal. Eu não sei o que fazer.

—Tire-a.

—Por Deus, não há nada que eu gostaria mais, mas seus agentes redigiram um contrato que me tem com as mãos atadas.

—Pague para que vá embora.

—Gostaria se pudesse, mas não tenho essa quantidade de dinheiro. Já investi uma grande parte dos lucros de Blind Spot em minha próxima peça. Se não estivesse preocupado a respeito de como farei para financiar essa obra, juro que pagaria a Sebring para ir embora. Sua suplente pode fazer esse papel, e me custaria apenas uma fração do que Sebring recebe.

—Quanto dinheiro precisa para financiar sua próxima peça?

Solomon o disse.

Michael colocou a mão em um bolso do casaco e extraiu o talão de cheques.

— Você está falando sério?— Perguntou Solomon com incredulidade ao olhar a soma escrita no cheque e logo o rosto de Michael.

—A prova de que é sério você tem na mão. —disse Michael e inclinou a cabeça para o cheque— Amanhã, envie por mensageiro os documentos pertinentes ao meu escritório. Registre-o em nome de Leigh.

— Em nome de Leigh?

Michael assentiu.

—Acredito que me viria bem outra bebida. — declarou Solomon, confuso, rindo.— E você? —Sem esperar uma resposta, fez gestos à garçonete para que servisse outra rodada de bebidas. Depois, viu que seu companheiro olhava fixo algo do outro lado da vidraça.

Michael olhava Leigh desembarcar da limusine dos Farrell, com um vestido e casaco azul safira intensa. Sorria para O'Hara, que lhe abria a porta. Um homem desceu de um táxi justo atrás dela. A princípio permaneceu afastado, mas depois a seguiu lentamente pela calçada até a entrada lateral. Michael não o percebeu porque estava concentrado em Leigh.

— Algo está acontecendo lá fora? —Perguntou Jason e virou a cabeça.

—Sim. —respondeu Michael e sorriu.— Acaba de chegar sua nova sócia.

Perdido na emoção do momento, Michael observou a mulher que amava, sabendo que finalmente era dele. Leigh era puro glamour e graça, e vinha para se juntar com ele no St. Regis com um conjunto azul safira.

Ela era uma moça sorridente de jeans e com os braços cheios de laranjas.

Era uma moça solene que tentava dar um presente a um cínico grosseiro que estava

louco por ela. *Eu queria lhe agradecer como é devido... por ser tão galante, tinha explicado ela.*

—Galante? É isso o que você acha que eu sou?

—Sim.

—Quando a deixaram sair do jardim de infância?

—Estou decidida. Não tente de mudar, porque não pode. Tome... isto é para você.

Ela era a moça ingênua que o tinha resgatado e tinha caminhado com ele até sua casa lhe dando um sermão a respeito dos deveres cívicos. Como espera que a polícia nos proteja se os cidadãos não cooperam? Entre outras coisas, é dever de todo cidadão...

Ela era a moça encantadora que tinha avançado por entre uma fileira de repórteres que lhe falavam a gritos, armada só com sua coragem e sua lealdade para com ele, e simultaneamente tinha desferido um ataque contra todo NYPD e o Daily News. *Se o Comissário Trumanti ou qualquer um de seu esbirros aprovou a infâmia que vocês publicaram hoje, então ele é tão irresponsável como seu jornal e deveria ser castigado pela lei.*

Ela era o anjo embriagador que tinha rido em seus braços na noite anterior, em um supermercado onde as fotografias de ambos eram exibidas na primeira página dos exemplares do Daily News. *Juntos enfim*, tinha brincado ele.

Michael a viu transpor as portas da entrada e começar a caminhar pela longa rampa de mármore. Sorrindo com um prazer possessivo, ficou de pé para esperá-la. *Juntos enfim*, pensou.

Leigh se sentia excitada, ansiosa e estranhamente nervosa por ver Michael depois da noite que tinham passado juntos e as promessas que haviam feito. Tudo tinha acontecido tão rápido. Se alguém tivesse contado essa mesma história, ela teria recomendado a essa pessoa iniciar uma terapia.

Leigh o viu assim que entrou pela entrada lateral, e o observou ficar de pé: um homem de quase um metro noventa, uma masculinidade imponente, uma força incrível e uma doçura maravilhosa. Observava-a cruzar o lobby, e as coisas ternas que havia lhe dito a noite anterior começaram a desfilar por sua mente: *Eu desejava para você alguém melhor que eu... Estou convencido que estava destinada a ser minha guia... e que eu estava destinado a protegê-la e cuidar de você.*

Ela pensava nele, naquela manhã, sorrindo em seus olhos quando ela silenciosamente concordou em casar com ele. *Um beijo na mão equivale a dois assentimentos de cabeça. Algo muito, muito comprometedor.*

E depois recordou o que a tia dele havia dito durante o jantar uma noite antes: *Todas as semanas, Michael ia ao Dean e DeLuca para comprar peras... Ele ia*

ao colégio e não tinha dinheiro, assim economizava cada centavo... mas, para você, só queria o melhor.

Michael sabe como te fazer feliz e você sabe como fazê-lo feliz ...

Ele estava de pé a poucos metros dela, sorrindo para ela, atraindo-a para si. Leigh começou a caminhar mais depressa e, de repente, descobriu que corria para seus braços. Ele tomou-a em um abraço feroz e, rindo, ela rodeou-lhe o pescoço com os braços pressionando o rosto contra seu peito. Depois se afastou um pouco, olhou-o e alegremente disse:

—Olá.

—Olá. — respondeu Michael com um sorriso.

Ignorando completamente Jason Solomon, ela continuou abraçada ao pescoço de Michael e em brincadeira fez a pergunta que as mulheres fazem rotineiramente a seus maridos.

—Como foi seu dia?

Michael pensou antes de responder. Seu dia tinha começado fazendo amor e propondo casamento a Leigh; depois tinha se reunido com seu advogado e voluntariamente foram à delegacia de polícia, onde um tenente detestável e imbecil os interrogou. Depois foi seguido por uma detetive que terminou viajando com ele em seu carro e logo o seguiu ao interior de um edifício onde ele se reuniria com investigadores particulares. Ele tinha contratado os investigadores e os tinha encarregado que transmitissem uma ameaça verbal ao tenente, agora acabava de arrumar que demitissem a co-estrela de Leigh da peça de teatro e Leigh seria sócia de Solomon na peça seguinte.

—O de sempre. — respondeu com um sorriso— Mas vai melhorando muito rápido.

—Jason, —disse Leigh sem olhar para o dramaturgo boquiaberto— pode guardar um segredo?

Ele pareceu surpreso pela pergunta.

—Não! —Respondeu sem duvidá-lo.

—Bem. Eu só queria ter certeza que você não tinha mudado tanto. — Satisfeita, Leigh contou qual era o "segredo" que não queria que guardasse. Olhando para Michael Valente nos olhos, disse: —Eu te amo.

Numa mesa próxima, um novo cliente sentou-se e assistiu à cena, escandalizado, essa cena cheia de ternura. E depois, com fúria ficou ali até que o casal começou a ir embora; depois jogou um bilhete amassado sobre a mesa e lentamente os seguiu.

Joe O'Hara os esperava com o automóvel junto à calçada.

—Aonde vamos agora? — Perguntou enquanto se misturava no tráfego e cruzava a frente de outro chofer de limusine, que o amaldiçoou com a buzina.— Querem comprar alguma coisa para o jantar? —Perguntou, olhando Michael pelo espelho retrovisor.

Em vez de responder, Michael passou um braço ao redor de Leigh, seus dedos subiram até suas faces suaves e seu olhar se fixou em seus lábios.

—Sabe o que é o que realmente quero? — Sussurrou.

Leigh observou esses olhos âmbar quase incandescentes e riu baixo.

—Aposto que posso adivinhar.

—Já adivinhou a primeira metade. A segunda metade está diretamente relacionada com a primeira, mas é um "quero" mais a longo prazo. Já sabe do que se trata?

Leigh pensou no fato de que ele tinha passado de uma amizade platônica ao casamento em um espaço de doze horas. Depois de vinte e quatro, parecia óbvio por onde andariam a essa altura seus pensamentos. Com absoluta segurança, sorriu e disse:

—Netos.

Ele jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Depois disse, com um sorriso quase adolescente:

—Eu adoro sua forma de pensar.

Capítulo 62

Sam apertou de novo o botão e olhou para seu relógio enquanto aguardava nervosamente que o velho elevador iniciasse sua viagem chacoalhante para o primeiro andar. Tinha tomado um táxi em vez de caminhar para o metrô porque caía um temporal de neve e chuva, mas o carro ficou preso em meio de um tráfego intenso. Ela já estava cinco minutos atrasada para o trabalho e detestava atrasar-se, sobretudo nesse dia, em que seria lógico que Mack pensasse que ela estava tentando de aproveitar-se da nova situação que existia entre ambos.

Como se isso fosse pouco, supunha-se que encontraria com sua mãe e seu padrasto para um pequeno coquetel, para levantar fundos, que ocorreria no *Four Seasons* imediatamente depois do trabalho. Como resultado, ela estava vestida para a ocasião com uma saia de camurça cinza pálido e uma jaqueta com cinto e

aplicações de camurça e saltos altos combinando. Estava a ponto de dirigir-se para a escada e subir os dois lances com seus saltos altos e saia justa, quando o elevador finalmente chegou.

Quando Sam entrou correndo em seu escritório às 8:08, Mack estava de pé junto ao quadro-negro, segurando uma prancheta na mão esquerda, e escrevia no quadro uma nova lista de possíveis suspeitos.

A reunião não tinha começado ainda e Shrader e Womack estavam parados perto das cadeiras em frente a mesa de Mack, bebendo café. Shrader anunciou a chegada de Sam de um jeito que fez com que ela tivesse vontade de estrangulá-lo.

— Por Deus, Littleton! — Exclamou—. Realmente é você? Caramba! — Ele deu uma cotovelada Womack. — Você já viu um par de pernas melhores que as de Littleton?

— Bom, eu teria que ver um pouco mais delas antes que pudesse ter certeza. — respondeu Womack com um olhar exageradamente lascivo. — O que me diz, Littleton?

Sam revirou os olhos e foi até sua cadeira habitual, a que estava mais perto do quadro negro. Infelizmente, Shrader estava realmente fascinado com seu "*novo look*".

— E a que se deve isto? — Perguntou. — Por acaso tem um encontro para o almoço?

— Não, um coquetel depois do trabalho. — respondeu Sam, distraidamente. Detestava sentir-se desconfortável e desejou que Mack dissesse alguma coisa.

Ele o fez, e em um tom brusco e muito frio.

— Está atrasada, Littleton. — disse enquanto continuava escrevendo no quadro negro.

— Sim, eu sei. Me desculpe.

— Que não volte a acontecer.

Aquilo era injusto, era levar as coisas muito longe. Sam esteve chegando mais cedo durante semanas, ia embora mais tarde e havia trabalhado durante os fins de semana. Sentiu o calor do rubor subir à face e, infelizmente, Shrader não só o percebeu mas também achou atraente e, além disso, comentou.

— Não é só pela forma como está vestida, Littleton. Esta manhã há em você algo diferente. Tem... Não sei... Um brilho especial.

Muito desconfortável e frustrada para pensar, Sam se vingou do segundo aviso de Mack por ter chegado atrasada.

— Hoje estou apenas me sentindo mais relaxada que de costume. — disse a Shrader em tom frívolo. — Ontem à noite meu corpo recebeu uma massagem total.

O giz de Mack se partiu.

Sam reprimiu um sorriso de satisfação ao inclinar-se para recolher o pedaço do giz que tinha rolado pelo piso até chegar perto de seus pés. Nesse momento, Mack se virou e caminhou em direção a ela. Com o pedaço de giz na mão, Sam levantou a vista, olhou-o e levantou-se lentamente.

Ele estendeu uma mão com expressão impassível, mas ela percebeu uma advertência em seus olhos, e também algo mais... Algo parecido a uma acusação.

Deixou cair o giz na palma de sua mão, a mesma palma que ele tinha introduzido sob seu sutiã na noite anterior e tinha acariciado seus seios. Seus dedos longos se fecharam no giz, os mesmos dedos largos que...

Sam afastou esse pensamento e o observou retornar ao quadro-negro. Usava uma camisa de malha negra que ressaltava seus ombros e sua cintura estreita, e os pensamentos de Sam rapidamente se deslocou para o que ela tinha sentido ao percorrer seus músculos fortes com a ponta dos dedos. Mack era tão bonito...

Sam voltou a sentar-se e se obrigou a conversar com Shrader e Womack, que estavam apoiados contra a escrivaninha de McCord.

McCord sacudiu o pó de giz das mãos, voltou-se abruptamente e disse:

— Valente está eliminado definitivamente da lista de suspeitos.

— O que? — Exclamou Womack ao tempo que se erguia.

— Por que? — Perguntou Shrader.

— Não posso lhes dar o motivo porque tem relação com alguns assuntos do departamento de polícia que preciso cuidar de forma separada e mais adiante. Por agora, quero que aceitem minha palavra que tenho suficientes razões para descartá-lo completamente como suspeito. Se algum de vocês tem problemas com isso, diga agora.

Shrader e Womack titubearam apenas um segundo, logo Womack sacudiu a cabeça e Shrader disse:

— Nenhum problema. Eu não tenho inconveniente, se você não tem. _ Sam sabia que eles não vacilariam em aceitar a palavra de McCord, que ele tinha fascinado a ambos tanto como a Sam.

— Segundo, — disse McCord de maneira implacável— quero que fique bem claro que ninguém além dos que estão nesta sala, deve saber que estamos descartando Valente. Absolutamente ninguém. — repetiu.

Shrader e Womack assentiram.

McCord olhou para Sam, mas era só uma formalidade, e ela também assentiu.

— Posso fazer apenas uma pergunta? —disse Shrader.—A decisão de eliminar Valente dessa lista tem algo que ver com o que Littleton averiguou ontem quando o perseguiu até o centro?

McCord negou com a cabeça.

— Não, mas depois ela poderá lhes informar o que descobriu. Neste momento temos um assassino solto. — Olhou para os nomes escritos no quadro negro. — Littleton disse todo o tempo que acreditava que foi uma mulher que lavou aquelas taças, obviamente na neve, visto que na cabana não tinha água corrente, e depois as colocou com muito cuidado na pia, onde era menos provável que se quebrassem.

Dado o amor de Manning pelas damas, essa teoria se encaixa. Se for assim, então o saco de dormir perdido poderia indicar que ele teve relações sexuais com alguém que conhecia o suficiente a respeito dos métodos da polícia para saber que nós revistaríamos o saco de dormir em busca de rastros de cabelo e de fluidos.

— Qualquer um que tenha assistido algum episódio de '*Law and Order*' sabe. —apontou Shrader.

— Exatamente. E a partir de qualquer filme ou programa de televisão semelhante, o assassino poderia ter se informado que checaríamos as mãos de Manning em busca de resíduos de pólvora, de modo que ela — ou ele — fez um dos disparos com a mão de Manning ao redor da culatra da arma.

McCord fez uma pausa e moveu a cabeça em direção à lista de nomes que havia no quadro-negro.

— Começamos com as mulheres com as quais sabemos Manning entrou em contato através de sua esposa, já que ele tinha predileção por deitar-se com as amigas e conhecidas dela. Vocês verificaram seus álibis, mas não tão a fundo como teríamos feito se não estivéssemos tão convencidos que Valente era nosso homem.

Shrader e Womack se instalaram em suas respectivas cadeiras e Sam moveu um pouco a sua para que eles pudessem ver bem o quadro-negro. Normalmente, estas reuniões no escritório de Mack eram intensas e com bom ritmo, mas o fato de desqualificar Valente como suspeito tinha deixado todos um pouco desconcertados e o ambiente do escritório se tornou notavelmente desinteressado. Não só estavam agora sem suspeito; também deviam aceitar a inesperada realidade de ter dedicado uma enorme energia e muito tempo a algo que parecia "*seguro*", mas que não era absolutamente.

— E Leigh Manning? — Perguntou por último Shrader. — Ela não está no quadro negro .

Pela primeira vez, o olhar de McCord se fixou especificamente em Sam, mas o sorriso torto que aparecia em seus lábios era de diversão impessoal.

— Acredito que Littleton teve razão todo o tempo a respeito da inocência de Leigh Manning. Hoje quero falar pessoalmente com a senhora Manning, mas me apoiando no que Littleton soube ontem de Valente na limusine, parece-me razoável acreditar que a senhora Manning não tinha ideia que seu velho amigo "*Falco Nipote*" era na realidade Michael Valente e que soube somente depois da morte de seu marido.

— Eu custo a acreditar nisso. — disse Womack.

Em lugar de dizer com impaciência a Womack que confiasse em sua palavra, McCord mudou sua decisão anterior e pediu a Sam que relatasse o que tinha averiguado no dia anterior sobre Valente. Sam o admirou por isso. Mack não só era um extraordinário líder de grupo; era também um decidido membro da equipe que percebia quando seus companheiros não podiam seguir adiante sem informação adicional.

— Tem bastante sentido. —disse Shrader quando Sam terminou seu relato a respeito da nota que tinham confiscado. — Quero dizer, por que haveria alguém de assinar "Nipote" e "Falco" em uma nota que já tinha seu nome impresso na parte superior do papel?

—Também explica por que não podíamos vinculá-lo a Leigh Manning antes do homicídio, por mais que tentássemos.— disse McCord — Eles não estavam vinculados. Se tiverem alguma dúvida a respeito de por que ela não o reconheceu em sua festa, é só dar uma olhada a esta fotografia policial de quando o prenderam por homicídio. Usava uma barba negra.

— Demônios, eu tampouco o teria reconhecido.— Disse Shrader.

Sam pensou na voz de Valente dentro da limusine, no timbre suave de sua voz de barítono, e McCord notou que tinha a testa franzida.

— Discorda de algo? —Perguntou ele.

— Não. — disse Sam enfaticamente e levou uma mão para sua nuca para ajustar o clipe que sustentava o cabelo penteado para trás. — Eu vi essa foto antiga no arquivo de Valente. A única coisa que Leigh Manning poderia ter reconhecido quando o viu na festa era sua voz. Valente tem uma voz surpreendente. É muito grave e ao mesmo tempo muito suave e melodiosa...

Womack golpeou seu joelho com uma mão.

— Eu sabia! Eu falei pra vocês: Littleton tem algo com Valente. Vamos, Littleton, se justifique conosco: seu encontro quente desta noite é com Valente? Não contaremos a ninguém. — ele mentiu — Pode confiar em nós. —voltou a mentir, sem notar que McCord apertava cada vez mais a mandíbula.

Sam começava a perder a paciência. Olhou para Womack atônita e chateada e disse:

— Meu "*encontro*" é com minha mãe e meu padrasto! Agora, parem com isso, sim?

— Qual o quê seu padrasto faz, afinal? — Perguntou de repente Shrader.

Sem notar como o olhar de McCord foi se suavizando de maneira quase imperceptível quando ela mencionou a identidade de seu "*encontro*", Sam pegou um bloco de papel que havia sobre a mesa dele e tirou um lápis de sua bolsa.

— Trabalha para o governo e é pago pelos contribuintes, assim como nós.

— Podemos voltar para o trabalho? — Perguntou McCord, mas parecia menos tenso que antes e, vários segundos mais tarde, Sam tardiamente se deu conta que talvez ele tivesse suposto que ela estava tão elegante para sair com outro homem. Mack era um detetive que instintivamente procurava outras razões, mais sutis, para as coisas que as pessoas fazem; o que poderia significar que ele se perguntou se ela vestiu-se dessa maneira e mencionou um compromisso apenas para provocá-lo, mantê-lo for si, e fazer com que a espera fosse mais difícil.

Depois de afastar esses pensamentos, Sam olhou o quadro-negro no momento em que McCord assinalava o primeiro nome da lista e dizia:

— O que pensam de Jane Sebring, a co-estrela? Ela disse que havia retornado para sua casa depois do teatro, que deitou-se e mais tarde se levantou e assistiu um filme na televisão. Realmente verificaram a fundo seu álibi?— Perguntou a Shrader e Womack.

— O porteiro de seu edifício confirmou que ela tinha voltado pela última hora da tarde, depois da apresentação da matinê. —disse Womack — O serviço de carros confirmou sua corrida do teatro ao edifício de apartamentos a essa hora. Entretanto, isso não quer dizer que ela não escapuliu depois pela porta traseira, alugou um carro ou algo do estilo e se dirigiu às montanhas.

— Comecem a verificar nas agências de aluguel de automóveis, e também nos recibos de seu cartão de crédito, além do registro de suas ligações telefônicas.

Shrader assentiu.

Alguém que cuide de mim

— Também verificarei os outros serviços de automóveis...

Womack gargalhou.

— O que? Como se ela tivesse feito com que um motorista a levasse às montanhas e a esperasse ali enquanto descia até a cabana e liquidava Manning?

Shrader realmente corou. Em Seu rosto, de aspecto feroz apareceu uma expressão envergonhada; baixou a vista e sacudiu a cabeça com incredulidade.

— Antes de terminar a frase já havia percebido que isso não poderia ter acontecido.

— Vamos prosseguir. —disse McCord, mas seus lábios repuxavam com um sorriso frente a esse estranho lapso de Shrader em uma lógica equivocada. — O que me dizem de Trish Lefkowitz, a publicitária?

— Seu álibi é irrebatível. — respondeu Womack.

— Que pena. —disse secamente McCord e tachou seu nome no quadro. — Trish tem coragem suficiente para atirar na cabeça de um cara e recordar depois de lavar os pratos na cozinha.

— Fala por experiência própria, tenente? —Perguntou Shrader.

Sam se alegrou de que Shrader fizesse essa pergunta, mas manteve uma expressão indiferente enquanto aguardava a resposta de McCord. A resposta dele foi rir e um eloquente estremecimento.

— Não.

Sam acreditou. Só desejou não ter feito essa brincadeira sugestiva a respeito de ter recebido uma massagem na noite anterior. Ela não era apenas novata no amor, ela estava completamente despreparada para lidar com essa experiência avassaladora com alguém, e com quem trabalhava.

Ela tinha feito um acordo com Mack sobre como seria a conduta de ambos até que o caso Manning se resolvesse, e ela tinha quebrado esse acordo minutos depois de entrar em seu escritório. E o que fez tudo muito pior, é que ela havia realmente ficado tocada pelas razões para fazerem o acordo. Infelizmente, não acreditava que Mack deixasse passar essa traição sem fazer um comentário a respeito, que era a razão pela qual ela se propunha a sair voando de seu escritório assim que a reunião chegasse a seu fim.

— E Sybil Haywood, a astróloga? — Perguntou Mack .— É suficientemente atraente para ter interessado Manning.

— Que pessoa mais maluca! —Disse Shrader e bateu em seu joelho para dar mais ênfase a suas palavras.— Quando fui vê-la tive que lhe dar minha data de nascimento antes que ela conversasse comigo; depois executou um programa de computação com respeito a meus planetas ou algo parecido. Chamou-o de meu mapa astral.

— E o que ela falou? — Perguntou McCord, referindo-se ao alibi da mulher.

Shrader não entendeu assim e acreditou que se referia ao mapa astrológico.

— Disse-me que uma moça que está próxima de mim, mas que não é membro de minha família, está em grave perigo, mas não podia ser salva. Disse que eu devia recordar que esta vida é só um lugar de passagem para a seguinte, e que ali voltaremos a estar juntos.

— Ela tem um alibi e era sólido?— McCord perguntou ironicamente.

— Sim as duas perguntas. Acabo de recordar algo que me disse Haywood. — acrescentou Shrader quando McCord girou para riscar também o nome dessa mulher. — Esqueci antes, mas ela comentou que na noite da festa, Leigh Manning pediu-lhe que entretivesse Valente. Disse que a senhora Manning estava aborrecida que o houvessem convidado, sabem, devido sua má reputação.

McCord assentiu.

— O que não faz senão confirmar a ideia de que essa noite, Leigh Manning não fazia ideia de quem era Valente na realidade. — Olhou para o próximo nome da lista. — E Theta Berenson? É a pintora.

— Ela tem um alibi irrefutável. —disse Shrader— De todos os modos, tenho certeza que nunca teria ocorrido a Manning tentar seduzi-la. Se feiúra fosse um crime, todos estariam empenhados em caçar essa mulher com helicópteros e cães de caça .

— Shrader. — disse McCord com um leve sorriso e se voltou para riscar também seu nome. — "Detesto ser o primeiro em dizer-lhe, mas você não é precisamente um Adonis."

Sam olhou para seu bloco de papel para ocultar seu sorriso. Quando voltou a levantar a vista McCord cruzou os braços e virou-se para olhar os nomes que ficavam no quadro.

— O que acham de Claire Straight? —Perguntou ele.

— Ela também tem um alibi sólido. — disse Womack. — E detesta os homens. Seu marido a abandonou por uma juvenzinha doce que tinha metade de sua idade, e a mulher está obcecada. Se quiser saber minha opinião, esse divórcio a está convertendo em uma lésbica.

— Isso pode acontecer? —Perguntou Shrader e olhou para Sam em busca de uma resposta. — Você acha que uma mulher anteriormente heterossexual pode se transformar em lésbica porque um homem foi infiel?

Sem perceber que McCord a estava olhando por cima do ombro, Sam se inclinou para frente, sorriu para Shrader e disse:

— Sim, definitivamente. Foi assim que aconteceu comigo.

Voltou a recostar-se, virou a cabeça e viu que McCord a olhava. Tinha no rosto uma expressão de penosa risada, depois sacudiu um pouco a cabeça e olhou novamente para o quadro-negro. Sam também era detetive e pescou esse leve movimento da cabeça e o identificou. Era o mesmo que ela tinha feito um momento antes, tentando concentrar-se no trabalho em vez de pensar nele.

— Erin Gillroy, a secretária de Manning. — disse Mack batendo com o giz junto ao nome.

— Eu não lhe perguntei se tinha alibi. — reconheceu Womack — Você perguntou, Littleton?

— Não, embora deveria tê-lo feito. Naquele momento não acreditei que fosse candidata. Sigo pensando o mesmo, mas nunca se sabe.

— Ocupe-se disso, Womack. — disse McCord e depois assinalou o novo nome que havia no quadro. — Muito bem, esta é a última mulher da lista de hoje. Sheila

Winters.

— A psiquiatra? —Disse Shrader e franziu o nariz.— Por Deus, imaginem fazer amor com uma psiquiatra enquanto ela analisa o significado subjacente de cada um de nossos gemidos?

— Poderíamos esquecer esse comentário sugestivo e parar com as referências de caráter sexual? —Disse Mack, irritado.— Que diabos está acontecendo aqui esta manhã?

Shrader e Womack trocaram um olhar de surpresa. McCord mesmo tinha feito um comentário a respeito de Trish Lefkowitz. As forças da ordem eram um campo dominado por homens forte, e nada era tabu entre os "rapazes". Sempre e quando o alvo não fosse Sam, estavam acostumados a ter liberdade para se expressar como quisessem mesmo sob as normas do departamento.

— Littleton e eu entrevistamos à doutora Winters, —continuou Mack— mas não como uma suspeita em potencial, assim não lhe pedimos um álibi. É uma mulher loira e atraente, e Manning gostava das loiras atraentes. Em minha opinião, é uma probabilidade remota que seja suspeita, mas, assim mesmo, voltaremos a visitá-la. Isso nos leva aos três homens que estão na lista. — disse — O primeiro nome é George Sokoloff, o arquiteto. Littleton verificou seu álibi e é plausível mas não totalmente sólido.

— Motivo? — Perguntou Womack.

McCord estava calado, pensando.

— Teremos que verificar a veracidade de suas alegações, mas se disse a verdade, ele era o verdadeiro talento atrás de vários dos projetos mais bem-sucedidos de Manning. Manning tinha prometido crédito total e uma responsabilidade maior no projeto Crescent Plaza. Talvez Manning tenha dito que não pensava cumprir essas promessas.

Assinalando os dois últimos nomes, Mack disse:

— Isso nos leva a Jason Solomon e seu namorado, Eric Ingram.

— Um é o álibi do outro. — disse Womack e então ele contou que tardiamente o que descobriram a respeito dos duzentos mil dólares em espécie que Manning tinha empregado para comprar ações na peça de Solomon.

— Vamos continuar a cavar ali.—disse Mack— Acredito que o caminho para nosso assassino provavelmente estará pavimentado com bilhetes verdes. Precisamos averiguar de onde diabos Manning tirava todo esse dinheiro ilegal para cobrir os gastos não só de seu escritório adicional e de seu modo de vida, mas também para comprar automóveis e ações em uma peça teatral da Broadway, para mencionar só algumas das coisas que já sabemos. A julgar pela forma em que ele estava gastando, parecia estar seguro que continuaria recebendo muito mais.

Womack bebeu um gole de café frio e depois voltou a colocar a caneca sobre a mesa.

— Ele poderia estar traficando drogas?

Mack encolheu de ombros.

— É possível, mas não o vejo arriscando sua pele em algo tão perigoso e trabalhoso. Eu o associaria com algo um pouco mais furtivo.

— Roubo? Receptação de mercadoria roubada? — Propôs Womack.

Mack sacudiu a cabeça.

— A mesma resposta que as drogas.

— Chantagem? — Sugeriu Shrader. — Extorsão?

— Esta seria minha aposta, mas farei com que nossos encarregados de traçar perfis psicológicos o examinem e veremos o que dizem. Leigh Manning provavelmente tem a resposta, quer ela saiba ou não. — concluiu Mack e se afastou do quadro. — Quero interrogá-la hoje, mas tentarei ser educado e de fazê-lo com a aprovação de Valente. Isso é tudo por esta manhã. — disse.

Sam estava aguardando essas palavras. Pegou sua bolsa do chão, ficou de pé e colocou a cadeira em seu lugar.

— Começemos a trabalhar com as pistas que temos... — adicionou McCord e Sam correu para a porta, com Womack e Shrader entre McCord e ela, confiando que eles lhe bloqueariam a vista. Já quase tinha chegado à porta quando uma ordem implacável de McCord a deteve.

— Detetive Littleton, eu gostaria de falar um momento com você.

Capítulo 63

Sam amaldiçoou em silêncio, virou-se e deu um passo de lado para permitir que Shrader e Womack saíssem. Com a bolsa pendurada sobre o braço direito e o bloco de notas contra o peito, a contra gosto, Sam se aproximou do homem que havia se sentado atrás de sua mesa e a olhava com um silêncio especulativo.

— Por quê? — perguntou ele sem rodeios.

Várias reações possíveis desfilaram em um instante pela mente de Sam, todas excelentes táticas de distração e métodos extremamente eficazes para revogar o poder de um homem que o detinha e que se propunha a demonstrá-lo. Sam decidiu não usá-los e optou pela sinceridade.

— Está se referindo ao comentário sobre a "massagem"?

Ele assentiu em silêncio.

— Eu gostaria de poder lhe dizer o porquê—reconheceu ela—, mas não estou completamente segura da razão. Acredito que me sentia um pouco desequilibrada. Você provavelmente esteve em situações como a nossa antes, mas para mim é algo novo.

— Por acaso seu comentário a respeito das massagens estava relacionado com o fato de que eu a tivesse repreendido por chegar alguns minutos tarde?

Ela pensou e assentiu.

— Sim. Sinto muito. Não voltarei a reagir dessa maneira.

Nesse momento ela o viu: um brilho de afetuosa diversão nos olhos dele.

— Nem eu. — prometeu Mack.

Pensativa e em silêncio, Sam considerou a confusa resposta de Mack e sua expressão divertida.

— Por acaso, —perguntou ela— o fez porque acreditou que eu estava vestida assim porque ia ter um encontro importante com alguém?

Ele lançou um olhar de incredulidade, como se a pergunta que ela fez fosse risível.

— É óbvio.

Sam reprimiu um sorriso e por um momento se perdeu nos olhos de Mack. Então virou-se para sair.

Atrás dela, Mack pegou um lápis e disse:

— Eu não retirei a vigilância sobre Valente. Quando souber que está em seu escritório, quero ir vê-lo e persuadi-lo que permita Leigh Manning falar conosco... abertamente, sem nenhum advogado que ponha obstáculo à resposta a cada pergunta que eu lhe faça. Se for necessário, farei que a tragam aqui para interrogá-la, mas, para variar, eu gostaria de fazer isto de modo mais civilizado. Você é minha melhor esperança para conseguir falar com Valente.

— Não coloque tantas esperanças em mim.—disse Sam.—Eu cruzei a linha com ele ao perguntar se estava na casa da senhora Manning na noite em que fomos comunicar-lhe que seu marido estava morto. Ele sabia que certamente nós já sabíamos, de modo que quando lhe fiz a pergunta, ele em seguida me rebaixou ao papel de outro policial mentiroso e conspirador.

— Por curiosidade, o que a fez perguntar isso a ele? —Perguntou Mack enquanto rabiscava no bloco de papel amarelo.

— Queria verificar se tentaria mentir.

Recostado para trás em sua cadeira, Mack a olhou do outro extremo do escritório.

— Convém a ele nos deixar falar com Leigh Manning. Se eu conseguir entrar para vê-lo, acredito que posso convencê-lo disso. Se fizer com que o tragam aqui, ele virá com um advogado e teremos uma multidão de curiosos. O que eu tenho que dizer a ele, não o posso dizer diante de nenhuma outra pessoa.

Enquanto meditava, Sam passou o bloco de papel para sua mão direita e o sustentou contra sua bolsa.

— A fim de persuadi-lo de que o receba, sobretudo sem a presença de seu advogado, precisará convencê-lo de que você mudou completamente de ideia depois de ontem e que o que pensa agora é autêntico e definitivo.

Os lábios de McCord se contorceram em um sorriso sardônico.

— Ele me enviou um aviso muito claro ontem através de um amigo meu na Interquest. E meu amigo diz que o senhor Valente é '*mortalmente sério*'.

Sam revirou os olhos.

— Fantástico. — disse e de repente seu rosto se iluminou. —Eu conheço uma maneira em que isto poderia funcionar, mas você não gostará nada.

— Tenta.

— Devolva-lhe a única prova incriminatória que temos sobre ele. Devolva-lhe seu bilhete.

— Tem razão, eu não gosto nada. Seria violar completamente as regras em matéria de provas.

Sam inclinou a cabeça e disse:

— Essa é sua posição. A posição dele será a de que eu confisquei algo que não nos pertencia, e que o conservamos com a esperança de poder atribuir a ele ou a Leigh Manning outra acusação criminal. Ele sabe que essa nota é muito valiosa para nós, se pretendermos continuar acossando-os. Também deve saber tudo referente a "*nossas regras*" em matéria de provas, porque é indubitável que muitas vezes teve que esperar para que lhe devolvessem coisas de sua propriedade. — Devolva-lhe a nota, — disse Sam — e terá conseguido uma grande vantagem.

Por um momento, Mack vacilou, depois capitulou.

— Está bem, mas manda fazer meia dúzia de cópias e que elas sejam autenticadas. Depois liga para o senador, —acrescentou— e diga-lhe que é possível que chegue atrasada para o coquetel.

Ele sabia! Sam percebeu. Mas então, certamente que ele a tinha investigado a fundo antes de permitir fazer parte da equipe. Mack era muito minucioso com respeito a tudo o que fazia. Incluindo beijar.

— Muito bem, tenente. —brincou ela.— Farei isso.

Atrás dela, Mack falou de novo, com voz solene e rouca.

— Sam...

Ela voltou a cabeça.

— Sim?

— Está linda.

Sam sentiu o coração bater no peito.

— Não é estranho? — Disse e soltou uma risadinha. — Eu estava pensando o mesmo de você.

McCord a observou afastar-se, depois pegou o telefone e por acaso viu os rabiscos que esteve fazendo no bloco de papel amarelo. A página só continha uma palavra, escrita várias vezes com diferentes tipos de letras. *Minha*.

Capítulo 64

Às três em ponto, o automóvel policial de vigilância que seguia Michael Valente informou que ele tinha retornado aos escritórios centrais de sua empresa localizada na Sexta Avenida, em pleno centro de Manhattan.

Às três e trinta e cinco, McCord e Sam abriram as portas altas que ostentavam o letreiro "*Alliance-Crossing Corporation. Escritórios Executivos*", no quadragésimo oitavo andar.

A mesa da recepcionista era feito de vidro grossa e situada no centro de uma vasta área ampla e atapetada, rodeado por grupos de cadeiras dispostas a uma distância discreta umas das outras. Preciosas esculturas de vidro, algumas delas grandes e abstratas, brilhavam sob spots que iluminavam diferentes lugares do ambiente.

Várias portas de escritórios, todas elas fechadas nesse momento, davam

para a área de recepção. Dois homens e uma mulher estavam sentados perto de uma delas, falando em voz baixa, outro homem estava folheando uma revista perto das janelas, e tinha sua mala apoiada no chão, perto de seus pés.

McCord mostrou seu cartão à recepcionista e pediu para ver o senhor Valente. Em geral, ao ver um "*cartão de visita*" oficial de um detetive do NYPD, o empregado de um escritório respondia com alarme, com curiosidade, com susto ou, ocasionalmente, com cautela. Eles não respondiam com escárnio. A recepcionista dos escritórios centrais de Valente foi uma notável exceção. Era uma mulher atraente com um pouco mais de trinta anos e olhou o cartão de McCord, depois para McCord e literalmente revirou olhos com uma careta de aversão antes de ficar de pé e desaparecer por um comprido corredor.

— Não me parece que tenha ficado muito impressionada. — brincou Sam.

— Já percebi. — disse McCord e depois baixou a voz até convertê-la em apenas um sussurro. — Se chegarmos a ver Valente, ele tentará gravar a reunião para sua própria segurança, se por acaso isto for uma espécie de armadilha. Não é nenhum novato nos ardis empregados pela polícia. Não diga nada importante até que eu o tenha persuadido que não registre o que falarmos. Se ele não acreditar no que eu estou dizendo, ou se optar pela revanche em lugar da cautela, eu não quero que ele tenha uma fita gravada para dar a seus advogados.

A recepcionista voltou em seguida, seguida por uma mulher quarentona e impecavelmente vestida com um traje de lã rosa pálida. Tinha cabelo escuro e curto e o porte de uma rainha... Ou de uma diretora de colégio. Sua voz era belamente modulada, mas impessoal.

— Sou a senhora Evanston, a assistente do senhor Valente. — enunciou. — Por favor, me sigam.

McCord e Sam a seguiram por um comprido corredor, transpuseram uma porta e logo outro hall até uma porta sem marcas, no fundo. Quando ela abriu a porta e deu um passo atrás, dedicou a McCord um fugaz e eficiente sorriso e disse, com sua dicção perfeita:

— O senhor Valente sugere que o senhor vá a merda.

A porta aberta dava os elevadores principais.

— Eu sabia que era bom demais para ser verdade — disse McCord pouco depois, eles caminharam novamente pelo corredor para as portas principais que conduziam à suíte executiva do Alliance-Crossing. — Tenta você desta vez.

— Terei que devolver o bilhete que ele enviou a senhora Manning ou isto será uma perda de tempo.

McCord vacilou, mas depois assentiu.

A recepcionista os fulminou com o olhar quando eles se aproximaram de novo de seu escritório, mas Sam lhe sorriu. De sua bolsa tirou uma caneta e a nota de Valente, que ainda estava dentro de um dos envelopes de provas do NYPD. Nesse envelope escreveu: "*No interior do envelope vai nosso ingresso de entrada. É seu para que o mantenha, aceite ou não nos ver. Por favor, nos conceda alguns minutos. Tem ligação com L.M. e é urgente.*"

Sam entregou o envelope a recepcionista, junto com um de seus cartões

peçoais e disse:

— Por favor, leve isto à assistente do senhor Valente e se for preciso sustente-o diante de seus olhos para assegurar-se que ela o leia.

Era óbvio que a recepcionista sabia que a assistente de Valente os tinha despachado pela porta detrás e tomou uma atitude parecida, encolheu os ombros, empurrou o envelope e o cartão para um extremo da mesa e voltou a cabeça para o monitor de seu computador.

— Nenhum problema. —disse Sam com tom agradável e esticou o braço para pegar os itens descartados.— Vou presumir que está muito ocupada e prefere que eu leve estas coisas diretamente até a senhora Evanston.

A recepcionista se virou em seguida, pegou o envelope e o cartão, olhou para Sam com fúria e se afastou na mesma direção em que o tinha feito momentos antes.

— Valente parece inspirar muita lealdade em seu pessoal. — comentou Sam enquanto ambos se sentavam para esperar.

McCord não disse nada, estava analisando a nota que Sam tinha escrito no envelope e sorria um pouco. Ela tinha escrito quatro frases curtas, mas cada uma transmitia uma significativa carga explosiva de psicologia:

"No interior do envelope vai nosso ingresso de entrada"... Se você for um homem razoável, compreenderá que o fato de que nós tenhamos devolvido esta nota representa um significativo gesto de boa fé de nossa parte.

"É seu para que o mantenha, aceite ou não nos ver"... Não há segundas intenções nisto. Não estamos tentando obrigá-lo a nada, e desde já reconhecemos que não poderíamos fazê-lo embora tentássemos.

"Por favor, nos conceda uns minutos"... *"Por favor"*. Essa é uma palavra que você nunca ouviu dos lábios de alguém do NYPD, mas agora compreendemos quais são seus direitos.

"Tem que ver com L.M. e é urgente"... Usamos somente as iniciais de Leigh Manning porque também nós queremos proteger sua privacidade dos olhos de qualquer um que possa ver esta nota.

* * *

Michael desligou o telefone e olhou para a senhora Evanston, que lhe entregou um envelope e um cartão que ostentava o nome da detetive Littleton.

— Estão de volta. — disse ela com o sobrececho franzido.

Impaciente, Michael pegou o envelope de provas do NYPD, logo olhou a mensagem manuscrita de Littleton. Abriu o envelope, extraiu o envelope branco que havia dentro e desdobrou a nota que tinha escrito para Leigh junto com as peras que tinha enviado ao hospital.

No sábado a noite foi mais difícil do que imaginei que seria fingir que não nos conhecíamos.

Se sua intenção fosse incriminar a si mesmo e Leigh no homicídio de Logan, não poderia ter escolhido melhores palavras, pensou Michael com desgosto.

Olhou novamente para as palavras Littleton, e as mensagens subjacentes, mas a frase que mais o impactou foi a referência a Leigh e a palavra "urgente". Se Littleton era o suficientemente inteligente para jogar mão do que ele sentia por Leigh, então era também o suficientemente inteligente para ter guardado cópias dessa nota. Por outro lado, as cópias nunca têm o mesmo efeito sobre um jurado que um original, de modo que ela estava se arriscando ao devolver-lhe, obviamente com o consentimento de McCord.

Michael hesitou, e tamborilava uma ponta do envelope contra a mesa. A ideia de permitir que McCord entrasse em seu escritório o fazia apertar os dentes. De repente lhe cruzou pela mente o comentário de Wallbrecht... *Trumanti escolheu o homem errado para este trabalho. Não se pode enviar Mack atrás do alvo errado e ordenar que siga por esse caminho por alguma razão egoísta ... porque Mack não só irá atrás do alvo por sua conta, mas também o abaterá e depois irá atrás de você... É o melhor detetive que a Polícia de Nova York já teve, mas não se meterá em política nem beijará o traseiro de ninguém.*

Pessoalmente, Michael não suportava a esse patife arrogante, mas Wallbrecht o tinha na mais alta estima, e Wallbrecht era o melhor em seu campo.

— Quer que eu chame Bill Kovack, da segurança, e diga que venha aqui e recorde aos detetives as implicações de estar aqui sem uma ordem judicial?

— Não. — respondeu secamente Michael. — Faça-os entrar, mas primeiro me traga um gravador.

Ela assentiu.

— Entendido.

Capítulo 65

Embora Valente havia consentido para vê-los, Sam não esperava uma recepção calorosa tampouco a recebeu. Ele estava em pé atrás de sua mesa, sua expressão era fria e ameaçadora.

Sam sorriu e o saudou com um sorriso de qualquer maneira.

— Obrigada por nos receber. — disse ela, e depois tentou, sem sucesso, para injetar um pouco de humor nesse momento de tanta tensão fazendo um gesto para McCord, que estava à esquerda dela, e dizendo: — Infelizmente, vocês dois já se conhecem.

O olhar de Valente passou sobre McCord como uma navalha.

— O "ingresso de entrada" de vocês significa três minutos de meu tempo — advertiu ele, então acrescentou: — Suponho que você sabe, é claro, que está infringindo a lei ao tentar me interrogar sem meu advogado presente.

Nesse momento, o que mais importava a McCord era o gravador que via sobre a mesa de Valente.

— Eu vou desligar isto por um momento. — disse com muita calma. — Se você quiser ligá-lo novamente depois que eu começar a falar, você pode, e então iremos.

Valente deu de ombros.

— Enquanto seja você que fale, não tenho nenhum problema.

McCord pressionou a tecla off e recuou.

— Agora bem, a situação é a seguinte: não estamos violando nenhuma lei ao estar aqui, porque eu o eliminei como suspeito do assassinato de Manning. No momento, você está sob vigilância, algo que tenho certeza que sabe, e seus telefones estão grampeados, mas eu vou deixar tudo continuem dessa maneira...

Valente riu, um riso áspero desprezo.

— É claro que você sim, filho da puta.

— Acredito que sabe, — disse McCord — que da minha parte gostaria de rodear essa mesa e dar-lhe um bom chute por fazer que isto seja tão difícil.

Valente olhou para o chão, perto dele e disse em uma voz suave e letal:

— Considere-se convidado.

Sam realmente ficou tensa durante essa troca de palavras, mas McCord, uma vez que disparou seu tiro de advertência, voltou-se e se aproximou das janelas. Olhando para fora na linha do horizonte, ele disse calmamente:

— Mas depois há outra parte de mim que tem resposta para como eu me sentiria se estivesse em seu lugar. Como me sentiria se tivesse passado quatro anos na prisão pagando por um crime que a polícia sabia que eu não tinha cometido, tudo porque o valentão drogado que matei em legítima defesa, com a arma dele e não a minha se chamava William Trumanti Holmes.

McCord enfiou as mãos nos bolsos e estudou o reflexo de Valente no vidro ao prosseguir:

— Como me sentiria se eu, depois de sair da prisão e começar a construir um negócio honesto, Trumanti enviasse três de seus esbirros para me seguir, e cada um jurasse em falso que em três ocasiões consecutivas que eu tentei suborná-lo?

Pela extremidade do olho Sam viu que Valente apoiava o quadril direita no armário, atrás de sua mesa e cruzou os braços sobre o peito, sua expressão friamente especulativa, ao invés de amistosa.

— Os casos de tentativa de suborno foram apenas o começo. — disse McCord e passou do seu próprio ponto de vista em vez de continuar a falar do de Valente. — À medida que passavam os anos, quanto mais idade tinha, maior era o arsenal que Trumanti reunia para derrubá-lo. A cidade envolveu o estado e então os Federais entraram em ação. Você se tornou o alvo de todas as agências de aplicação da lei ao redor e, que eu saiba, você não violou nenhuma maldita lei.

Com um sorriso sombrio, acrescentou:

— Mas você não é nenhum mártir. Os procuradores que o perseguiram terminaram ensanguentados em seu campo de batalha, com suas carreiras e reputações destruídas. Esta é a sua vingança. Naturalmente, custam milhões em honorários legais, apesar de que você não consegue recuperar a reputação que eles lhe roubaram.

McCord virou-se lentamente da janela e o olhou, ainda sem tirar as mãos dos bolsos.

— Entendi bem a história?

— Não pude conter as lágrimas.— zombou Valente.

McCord não disse nada, e Sam estudou o quadro masculino com fascinação. Ainda eram caçador e predador, ainda antagonistas instintivos, — ardilosos, cautelosos e agressivos— mas, no momento, cada um mantinha uma atitude deliberadamente casual e não combativa: Mack com as mãos nos bolsos; Valente com os braços cruzados sobre o peito e o quadril apoiado no armário.

Separados por algum silencioso acordo em uma zona neutra de cerca de dois metros e meio, Valente não estava mais na ofensiva, mas ele se recusava a participar. McCord estava calculando a melhor maneira de comprometê-lo, mas não através do ataque.

Passando a um tom informal e quase cordial, disse:

— Tenho um quadro muito claro do que aconteceu em todos esses outros casos, mas agora chegamos ao caso Manning - meu caso - e em algumas zonas esse quadro é um pouco vago. Esta é a forma em que acredito que você se envolveu, mas eu gostaria que me corrigisse se estiver enganado.

Em resposta a esse pedido, Valente evasivamente ergueu as sobrancelhas, mas ao menos ele estava ouvindo e os três minutos que ele tinha concedido já tinham passado.

— Eu acho que você se envolveu no caso em 28 de novembro, — McCord começou,—quando participou de uma festa na casa de uma moça que você conhecia. Eu acredito que a última vez que falou com ela, ela ainda era uma jovem universitária comum e você era um cara com uma barba e sem dinheiro, que trabalhava no mercado de sua tia e ia ao colégio. Mas a noite dessa festa as coisas eram muito diferentes para vocês dois. Ela já era uma estrela da Broadway e você, um homem muito rico, um magnata na realidade, mas um magnata com uma feia história. Também acredito, e aqui é onde eu estou supondo e, que você gostava muito dela já por aqueles dias. Tenho razão?

Sam conteve a respiração à espera da resposta de Valente: que aceitasse participar.

— Sim, foi uma boa época. — finalmente confirmou Valente.

Enquanto Sam lançava vivas mentais, McCord continuou com sua trama.

— Agora bem, na festa ela não o reconhece. Toma pelo que parece: um notório bilionário com uma péssima reputação, e ela não é muito amigável. Mesmo assim, você está ansioso para passar um tempinho com ela. Infelizmente, ela não vai lhe dar muito tempo. Enquanto você ainda está tentando decidir se e quando, vai dizer quem você realmente é, ela se afasta e o deixa nas mãos de uma amiga, uma astróloga, e sua oportunidade desaparece. E eis aqui o que realmente acontece, — Mack especulado ironicamente—embora você só tenha passado alguns minutos com ela na festa, você ficou caído por ela novamente, não é?

Sam viu um leve sorriso aprofundar o canto da boca de Valente, e ela assumiu que Valente descartava a presunção de McCord por ser ridícula... até que ele lentamente assentiu e Sam tirou a única outra conclusão possível: que Valente ficou impressionado, muito a contragosto, que um "tipo durão" como McCord fizesse

semelhante presunção a respeito de outro homem, sobre tudo um homem com a reputação de Valente.

— Dois dias mais tarde, — continuou Mack— Você fica sabendo que ela sofreu um acidente automobilístico e que está no hospital. Você sabe que ela adora peras, porque ela costumava comprá-las no mercado de sua tia. Então, você envia a ela uma cesta delas com uma nota sobre seu papel timbrado e o assina com os únicos nomes pelos quais ela estava acostumada conhecê-lo. Mas ela não recebe a nota porque nós impedimos isso. Alguns dias mais tarde, quando ela volta para casa do hospital, você vai a seu apartamento para ver como ela está passando...

McCord parou lá e fez outra pergunta:

— Como fez para que ela lhe permitisse subir a seu apartamento se ainda não sabia quem você realmente era?

— Eu disse a ela que seu marido tinha alguns documentos que me pertencia e eu precisava deles.

McCord assentiu.

— Isso era verdade?

— Não.

— Mas o estratagema funcionou. —continuou McCord.— Como resultado, você estava ali quando ligamos para lhe avisar que tínhamos encontrado o carro dela, e você se ofereceu para levá-la ao lugar em seu helicóptero. Diabos, por que não teria que fazê-lo? — Perguntou Mack e encolheu de ombros. Era uma pergunta retórica, uma pergunta que ele mesmo respondeu em benefício de Valente. —Você a amava, não sabia que seu marido estava morto e não tinha nada que esconder. De fato, aterrissou seu helicóptero, junto com ela, na rodovia, diante de uma fileira de policiais.

Inclusive depois de descobrir que Manning estava morto, você continuou indo vê-la e você fez isso sabendo perfeitamente bem que o NYPD iria tentar encontrar provas contra você com a desculpa mais corriqueira que lhes desse. Mas a você isso não preocupava porque não sabia que nós tínhamos uma desculpa... e que não era nada corriqueira. Tínhamos a nota que você enviou a Leigh Manning; uma nota tão concludente que qualquer um que a tivesse escrito se tornaria no suspeito número um em um caso de conspiração de assassinato.

Quando McCord chegou ao ponto em que ele entrava em cena, aproximou-se da mesa de Valente e pegou um peso de papel e o examinou enquanto falava.

—Mas você não é "qualquer um" .—disse.— Você é o alvo da vingança de Trumanti e, no momento em que ele se inteirou da existência da nota que você escreveu para Leigh Manning, sua única meta foi viver o tempo suficiente para e sentar-se na frente da janela quando você recebe uma injeção letal. É ali aonde eu entro —acrescentou sem rodeios McCord, colocando o peso de papel em seu lugar e olhou para Valente nos olhos.— Eu sou o assistente de verdugo escolhido expressamente por Trumanti, cuja missão é ajudá-lo a cravar-lhe a agulha no braço.

Sam não conseguia ver o rosto McCord porque estava de costas para ela, mas sim via o rosto de Valente, e ele esquadrihava com muita atenção McCord quando

este concluía.

—Não vou cancelar a vigilância que temos sobre você e a senhora Manning nem interromperei a intervenção sobre sua linha telefônica. Não posso me arriscar a dar motivos a Trumanti para me substituir por outra pessoa que cumpra sua missão. O melhor que posso fazer neste momento é lhe devolver a nota que escreveu a Leigh Manning como sinal de trégua... De boa vontade.

— Com quantas cópias ficaram vocês? — Valente perguntou suavemente.

— Seis. —McCord respondeu sem rodeios.— No entanto, eles estão sob minha custódia e permanecerão em meu poder a menos que descubra que estou engado e que você matou Manning. Isso é tudo o que posso fazer agora. Desculpe-me, mas você vai ter que viver com isso.

Como resposta, Valente pressionou um botão em seu armário, e um painel de vidro escuro deslizou, detrás dele brilhavam pequenas luzes vermelhas de um elaborado sistema de som.

— Eu posso viver com isso. — disse ele, retirando uma fita cassete do gravador,— contanto que você possa viver com isso.

McCord olhos se estreitaram na fita e em seguida, ergueu o rosto para Valente.

— Apenas por curiosidade, o que você pretende fazer com isso?

— Permanecerá em minha custódia, —Valente respondeu, repetindo as palavras pronunciadas um momento antes por McCord.— a menos que você mude de ideia e diga que Leigh Manning ou eu matamos seu marido.

No dia anterior, McCord não teria acreditado em uma única palavra que saiu da boca de Michael Valente. Agora, ele aceitou sua palavra sobre uma fita muito prejudicial e olhou seu antigo inimigo com uma relutante admiração.

—Excelente truque. — comentou.

Sam se mordeu o lábio inferior para não rir e simulou estar procurando algo em sua bolsa.

— Precisamos conversar com a Sra. Manning agora, — explicou McCord—porque eu acho que o assassinato pode estar relacionada às transações financeiras de seu marido. Naturalmente, você pode estar presente quando falarmos com ela.

— Naturalmente — Valente concordou secamente,abriu uma gaveta da mesa e extraiu um telefone celular. Olhou-o por um momento como se fosse desconhecido e depois o ligou.

— Um novo telefone? — Especulou McCord com um leve sorriso.

Valente olhou para ele como se a resposta fosse óbvia.

— Um de vários. — afirmou e pressionou vários números no teclado.

— Suponho que provavelmente é também um dos novos modelos digitais, muito difícil para monitorar? E imagino que estão registrados em nome de outra pessoa, não é assim?

— Começo a entender como chegou a ser tenente. — disse Valente em tom de divertida brincadeira, e depois calou um momento quando atenderam a ligação do outro lado. —O'Hara, —disse—Leigh pode atender o telefone neste momento?

Enquanto esperava que O'Hara levasse o telefone a ela,Valente explicou:

— Leigh está no teatro, ensaiando, mas calculo que deve estar terminando. Voltará ao palco esta noite...

Sam percebeu um orgulho inequívoco em sua voz ao fazer esse anúncio, mas um momento mais tarde, quando Leigh Manning atendeu, a voz grave de Valente se adoeceu e suas feições se suavizaram tanto que Sam ficou impressionada pela mudança.

— McCord e Littleton estão em meu escritório. — disse Valente a Leigh. Ele riu com sua resposta, então ele olhou para Sam e McCord quando: —Eu fiz essa mesma sugestão quando eles chegaram, mas eles foram muito persistentes... —Em tom de brincadeira adicionou: —Não foi você que disse uma vez que era dever cívico de cada cidadão cooperar com a polícia?

Quando desligou, sua atitude voltou a ser brusca e formal.

— Leigh estará aqui dentro de meia hora. Eu já perguntei a ela sobre as finanças de Logan, mas ela não sabe nada de anormal, além do fato de que ele parece ter pago em dinheiro uma jóia muito cara que lhe deu de presente na noite da festa.

— Talvez lhe ocorrerá alguma coisa quando falarmos com ela.—disse McCord e ficou de pé.— Vamos esperar na sala de recepção, até que ela chegue.

Valente olhou para McCord por um longo momento.

— Por que não está tentando atribuir o assassinato a Leigh?

— Sempre existe a possibilidade de que ela o tenha matado, — disse McCord— mas a única suspeita de que ela tem feito foi parecer estar tendo um relacionamento extraconjugal clandestino com você, um homem que tem antecedentes por um crime violento. E uma vez que eu o eliminei completamente dessa equação, ela me parece uma viúva como qualquer outra.

* * *

Enquanto aguardavam a chegada de Leigh Manning, McCord pediu a Sam que arrumasse uma entrevista com Sheila Winters nesse mesmo dia, se fosse possível. Sam ligou para a psiquiatra e, depois de outra discussão, a doutora Winters aceitou recebê-los as quatro e quarenta e cinco tarde, depois de seu último paciente.

Capítulo 66

A recepcionista de Sheila Winters já tinha ido para casa, e a elegante sala de espera estava vazia quando Sam e McCord chegaram alguns minutos antes da hora prevista.

Como a porta que dava para o consultório da doutora Winters estava fechada, sentaram-se num par de poltronas de couro verde para esperar que Winters terminasse com quem quer que estivesse com ela. McCord pegou uma revista da

pilha que havia na mesa baixa com abajur que estava entre os dois, apoiou um tornozelo sobre o joelho e começou a folheá-la.

Sam pegou um exemplar da revista Vanity Fair e abriu-a, mas sua mente estava na entrevista que acabavam de ter com Leigh Manning. A atriz esteve tão desiludida com a polícia nas últimas semanas que ficou de pé, atrás da cadeira de Valente, com a mão sobre seu ombro, durante todo o tempo em que respondeu às primeiras perguntas de McCord.

Ao princípio, Sam pensou que, de maneira sutil, ela procurava proteção de Valente. Mas passaram apenas dez minutos para que Sam compreendesse que o que acontecia era justamente o contrário: Leigh Manning tinha medo por Valente, e se aliava a ele contra McCord e Sam.

McCord também pensou o mesmo e comentou isso quando já estavam no carro a caminho do consultório de Winters.

— Você notou Leigh Manning não se afastou do lado de Valente até que compreendeu que nossas perguntas seriam exclusivamente para ela?

— Ela me fez lembrar de um lindo setter irlandês tentando proteger uma perigosa pantera. — confidenciou Sam e McCord riu dessa analogia. — Eu estou acostumado a equiparar às pessoas com seu equivalente animal. — confessou Sam — Por exemplo, Shrader recorda-me um rottweiler. Apelidei-o de "tritador"...

A gargalhada de McCord ressoou como o disparo de uma pistola.

O telefone na mesa da recepcionista da Dr. Winters tocou e a secretária eletrônica atendeu a chamada. McCord levantou-se e nervosamente começou a examinar um quadro que havia na parede, atrás de sua cadeira.

— Estou surpreso que a Dr. Winters não usa um serviço de atendimento — comentou Sam em voz baixa.

— O mais provável é que derive os chamados para um desses serviços eletrônicos quando sai do consultório. — respondeu McCord, também em voz baixa. — Pelo menos, isso é o que costumam fazer meus cunhados.

— Eles são médicos?

— Dois deles são.

— Dois deles? Quantas irmãs você tem?

Divertido, ele a olhou de esguelha e silenciosamente levantou uma mão com o polegar dobrado contra a palma.

— Você tem quatro irmãs?

Ele assentiu, meteu as mãos nos bolsos, olhou para o quadro, com o olhar levemente nela.

— Até os dez anos, eu pensava que as cortinas do chuveiro sempre pareciam pernas com pés.

Sam sorriu. "*Meia-calças*", concluiu ela, então disse:

— Esse casaco marrom que usava no primeiro dia realmente era de seu cunhado?

Ele assentiu de novo e disse:

— O apartamento acima do meu pegou fogo enquanto eu estava em férias. Quando cheguei em casa, tudo cheirava a fumaça e foi preciso lavá-las. A roupa

que tinha na mala era a única que podia usar.

O telefone tocou novamente, e McCord se virou, olhando impacientemente para o relógio e em seguida olhou para a secretária eletrônica.

— A doutora Winters está atrasada quase dez minutos. Os psiquiatras costumam ser muito pontuais e estar muito conscientes do relógio ... — Enquanto dizia, aproximou-se da porta do consultório.

Ele bateu na porta.

Não houve resposta.

Ele estendeu a mão para a maçaneta e girou-a enquanto Sam baixava sua revista.

— Não há ninguém... — começou ele, em pé no centro do consultório, então ele se virou

a direita e desapareceu da linha de visão de Sam.— Merda! Chame uma ambulância! —Gritou.

Sam pegou seu telefone celular e correu para o consultório, mas o que viu primeiro foi as costas de McCord, que estava abaixado perto do canto da mesa do escritório da psiquiatra.

— Esqueça da ambulância! — Disse a Sam com tom sombrio por cima do ombro— Chama à central e diga-lhes que enviem aqui a CSU .

Inclinada sobre ele, com o telefone celular contra o ouvido, Sam fez o que lhe pedia e de repente viu o cadáver da mulher com a qual falara apenas horas antes. Sheila Winters estava de bruços sobre o piso, seu corpo oculto pela mesa, seu rosto aparecendo por uma esquina com os olhos totalmente abertos, como se estivesse olhando para a porta. Seu vestido, amarela vivo, tinha manchas vermelhas nas costas, ali aonde o sangue fluíra por uma ferida aberta.

Procurando não alterar a posição do corpo, McCord levantou o ombro esquerdo de Winters de maneira a poder ver a ferida de frente; depois o soltou e se levantou.

— O das costas é o orifício de saída — disse a Sam. Depois apontou para o sangue que espirrou na parede atrás da mesa.— Ela provavelmente estava de pé perto de sua cadeira quando levou o tiro, e o impacto dela bateu contra essa parede, e o impacto a esmagou contra a parede. Depois caiu para frente.

Sam estava prestes a responder-lhe quando o telefone celular de McCord tocou. Ele pegou, abriu-o e logo escutou por um momento e em seu rosto apareceu uma expressão estranha.

— Qual é seu endereço? — Perguntou. Depois disse:

—Eu estou no consultório da Sheila Winters, e ela está morta. Venham e fiquem aqui até que a CSU chegar. Eu não quero que homens de uniforme pisem no lugar e destruam as provas.

Fechou com raiva o telefone e olhou para Sam com seus olhos azuis inquietos e intensos.

— Shrader obteve uma pista sobre Jane Sebring. Ela alugou um automóvel no domingo e o devolveu na segunda-feira. Adivinhe quantos quilômetros andou?

— Suficiente para chegar a Catskills e voltar? — Especulou Sam e seu coração

começou a pulsar com força.

Ele balançou a cabeça, olhou impaciente para o corpo de Sheila Winters, e mudou sua decisão de esperar até Shrader chegar. Abriu seu telefone e ordenou que o carro patrulha mais próximo fosse enviado para este endereço..

Dois oficiais entraram correndo na ante-sala poucos minutos depois, e McCord os fez sair para o hall.

— Fiquem do outro lado desta porta, — ordenou ele— e não abram para ninguém, exceto para o detetive Shrader ou a CSU. Você entendeu?

— Sim, tenente.

— E não toque na maçaneta!— ele advertiu sobre o ombro.

Sam tentou acompanhá-lo, mas mesmo com seus passos compridos e pernas longas, não foi fácil por causa dos saltos altos, e se amaldiçoou por tê-los posto justamente nesse dia.

Uma vez no automóvel, McCord acendeu a luz de emergência no painel de instrumentos e arrancou o veículo.

Capítulo 67

Uma vez que Leigh tinha anunciado publicamente há duas noites que ela ia jantar com Michael, o número de repórteres que montavam guarda no exterior de seu edifício com a esperança de conseguir alguma manchete para publicar decresceu em forma abrupta. Ela mesma lhes tinha entregue uma manchete e eles correram para publicá-la.

Havia apenas dois repórteres enfiados em seus casacos do lado de fora, quando Joe O'Hara deteve a limusine às cinco da tarde, mas ele a escoltou até ao interior do edifício.

— Olá, Leigh! — Gritou Courtney Maitland correndo atrás dela. Quando Leigh voltou-se para falar com ela, O'Hara tocou o cotovelo Leigh e disse:

— Hilda tem algumas coisas que ela precisa eu vá recolher. Eu vou lá em cima, pegue a sua lista, e executar seus pedidos para que eu possa voltar a tempo de levá-la para o teatro às seis e meia. O Sr. Valente vai com a gente?

—Não, ele virá mais tarde de sua casa. Eu tenho que estar no teatro às sete, e não tem sentido que ele ficar lá de plantão até que se levante o pano. Jason Solomon nos deixaria loucos os dois. Hoje está muito estranho. Ah, Joe... —disse Leigh um momento depois quando ele cruzava o hall em direção aos elevadores, tenho uma entrada também para você esta noite.

Ele sorriu e a saudou, e Leigh voltou-se para falar com Courtney, que estava vestindo um casaco de tamanho grande que parecia que veio de um brechó e um longo cachecol de lã vermelha que chegava até mais abaixo da bainha da saia.

— Decididamente eu vou usar Michael Valente como o tema da minha entrevista —explicou Courtney, muito excitada— Você acha que poderia convencê-

lo a falar comigo a respeito de coisas realmente importantes? Quero dizer, eu já tenho algumas histórias pessoais dele, mas na sua maior parte são de coisas que ouvi furtivamente ou da noite que joguei cartas com ele. Eu gostaria de escrever sobre o homem que ele é, ao invés da forma como outras pessoas o veem...

Lá em cima, Joe virou a chave na fechadura da porta do apartamento e entrou na cozinha.

—Hilda? — Disse, surpreso ao ver que o apartamento estava às escuras— Hilda? —Repetiu, enquanto caminhava pelo corredor que conduzia ao quarto dela. Ele bateu em sua porta.— Se você quer que eu cumpra seus recados, é melhor você me dar sua lista.

Quando ela não respondeu, O'Hara se dirigiu para a cozinha, acendendo as luzes enquanto passava. Ele viu Hilda caída no chão, perto da mesa, com o sangue saindo da cabeça e manchando o tapete.

— Hilda, oh, não! — Joe se abaixou, tomou o pulso; em seguida se levantou e correu para a cozinha, pegou o telefone pressionado nove-um...De repente todo seu corpo pareceu explodir numa dor que lhe irradiava do peito. Com um gemido, Joe O'Hara deslizou pela parede, com o telefone ainda na mão, enquanto o mundo sumia na escuridão.

* * *

Leigh introduziu sua chave na porta principal, abriu-a, entrou na sala e parou para pendurar seu casaco no armário. Desejando se deitar alguns minutos antes de tomar banho e preparar-se para sair para o teatro, foi diretamente para o quarto.

Ao entrar notou que a cama já estava preparada. Com um sorriso, pensou que Hilda jamais esquecia nada, incluindo o costume de Leigh dormir uma pequena sesta pela tarde quando tinha teatro. Com a intenção de despir-se e vestir um pijama, passou junto à cama e observou sua imagem no grande espelho que tinha sobre a penteadeira. Uma mulher vinha em sua direção no espelho, uma mulher que estava usando o mesmo vestido vermelho e o mesmo colar de rubis que Leigh tinha usado na sua festa. Exceto a mulher estava em pé atrás dela, levantando um vaso de pedra pesado ...

Capítulo 68

McCord se dirigiu ao porteiro do edifício onde vivia Jane Sebring.

— Você viu hoje a senhorita Sebring? — Perguntou ele.

— Sim, senhor. Saiu há poucas horas ,

— Poderia ter voltado sem que você a visse?

— Não é provável.

—"*Provável*" não me serve. — disse McCord enquanto entrava no edifício.

Um guarda de uniforme granada parecida com o do porteiro, estava no hall, sentado em frente a uma mesa. McCord lhe mostrou seu distintivo.

— Preciso subir ao apartamento da senhorita Sebring.

— É o apartamento vinte e quatro A. — o segurança disse, levantando-se rapidamente e caminhando para o elevador com eles. Pôs sua chave na fechadura e as portas se abriram.

— Envie em seguida alguém com uma chave ao apartamento vinte e quatro A. — adicionou McCord enquanto as portas do elevador se abriam.

Sam entrou no elevador com ele e seu nível de adrenalina começou a aumentar à medida que o elevador subia, mas nada em suas feições revelava seu estado de ânimo. Ela conhecia bem essa rotina; ela tinha feito isso antes. Ela reconheceu o medo que oprimia seu estômago; teve plena consciência dele e o aproveitou para manter-se focada em seu trabalho. Colocou a mão em sua bolsa, abriu o coldre que continha a sua Glock de nove milímetros e apoiou apenas a mão na culatra.

Ninguém respondeu as repetidas pancadas de McCord na porta do apartamento 24A.

Ele estava apertando a campainha mais uma vez quando o encarregado do edifício saiu do elevador com uma chave na mão.

— Tem certeza que isso está bem... quero dizer, que eu o deixe entrar no apartamento? — Perguntou o homem corpulento.

— Acaso eu mentiria? — Disse McCord, pegou o cotovelo do indivíduo e moveu o braço para a fechadura da porta.

A fechadura se abriu com um "clique" e McCord afastou o homem da porta com um empurrão.

— Você fique aqui. — advertiu McCord, colocou a mão no interior do casaco, desabotoou o coldre que levava preso no ombro e extraiu uma Glock calibre quarenta.

— Deus santo! — Balbuciou o homem— O que está fazendo? — Seu olhar passou para Sam, como se esperasse que uma moça bem vestida, com um caro traje de camurça, contribuísse com prudência à situação. Em silêncio, ela tirou os sapatos de salto alto, extraiu a Glock de sua bolsa e a sustentou com as duas mãos.

— Pronta? — Disse McCord em voz baixa, de pé ao lado da porta e pegou a maçaneta com a mão esquerda. Ele olhou para ela sem um traço de hesitação, como se soubesse que sua vida estava nas mãos dela.

Sam assentiu, apertou-se contra a parede e se preparou para agir enquanto McCord empurrava a porta com tanta força que a fez golpear a parede oposta.

Uma escuridão e um silêncio total os receberam.

Mantendo seu corpo fora da linha de fogo, McCord tocou a parede em busca de um interruptor de luz.

As luzes do teto se acenderam e revelando uma sala de estar diretamente à frente e uma sala de jantar à esquerda. Ninguém, vivo ou morto, estava em evidência.

Em silêncio, fez gestos a Sam para que o seguisse para a direita.

Quarto por quarto, foram revistando apartamento de ponta a ponta.

— Ela deve estar no teatro. — disse McCord e guardou sua arma no coldre— Vamos.

— Primeiro veja isto. —disse Sam e o conduziu a um dos quartos que tinha revistado enquanto ele revistava outro. Com um pé afastou uma camisa longa, com a qual ficou à vista um vulto cor verde escuro, bem enrolado e amarrado —O saco de dormir que faltava —disse.

McCord dava instruções ao encarregado do edifício enquanto Sam calçava os sapatos de salto.

— Fique no hall durante quinze minutos e se a senhorita Sebring chegar a aparecer, não mencione que estivemos aqui, mas me chame imediatamente. Depois disso, colocarei um automóvel na frente do edifício e então você poderá continuar com sua tarefa.

—Sim, muito bem. De acordo, tenente. — disse ansiosamente o homem e pegou o cartão que McCord lhe entregava. Igualmente à maioria dos civis em circunstâncias semelhantes, o encarregado tinha reagido primeiro com horror à vista de armas em punho e, em seguida, com fascínio quando o perigo tinha passado. — Olhe, não é minha intenção lhes dizer como fazer seu trabalho. —disse enquanto esperavam o elevador— Vocês dois não esqueceram algo quando extraíram as armas?

—Como o quê? —Perguntou secamente McCord, mas tanto Sam como ele sabiam perfeitamente bem o que queria esse indivíduo.

—Já sabe, algo assim. —disse, e fez um movimento como alguém que pega a parte superior de uma arma semi-automática e introduz um projétil na antecâmara.

— Isso só acontece nos filmes. — disse McCord quando chegou o elevador e eles entraram.

— Fica muito bem. — disse o homem.

— Por isso o fazem. — disse Sam.

Ele a olhou com certa incredulidade e então ela lhe disse com um sorriso

— Esse movimento que você fez envia uma bala à antecâmara. —Como se estivesse revelando um segredo, baixou um pouco a voz e lhe disse: — Na vida real, preferimos já ter uma bala na antecâmara quando extraímos uma arma.

— Sério? —Exclamou ele.

Junto à recepção McCord parou o tempo suficiente para transmitir ao guarda as mesmas ordens que tinha dado ao encarregado.

Já estava falando ao telefone antes de transpor as portas que davam para a rua, e fazia os acertos necessários para que a entrada do edifício fosse vigiada imediatamente.

Capítulo 69

Jason Solomon estava repreendendo um maquinista* quando viu Sam e McCord avançando rapidamente pelo corredor da sala até ele, e então despejou sua ira sobre eles.

—Que diabos esta acontecendo? — Explodiu enquanto se aproximava da beira do palco.— Vocês nunca ouviram falar de agendar uma hora? É uma atitude educada, é...

— Aonde está Jane Sebring? —Perguntou-lhe McCord com severidade.

— Como diabos quer que eu saiba? Provavelmente está na sua casa.

— Não está em sua casa. Viemos de lá. A que hora está acostumada a chegar aqui?

— Mais ou menos a esta hora, mas esta manhã a despedi. Deus, que dia está se tornando! Tenho problemas no som e a cortina se levantará dentro de uma hora e meia.

— Cale-se e escute. —interrompeu McCord.— Onde está o camarim de Sebring?

— Por ali... — disse Solomon, surpreso e furioso.

As coisas de Sebring permaneciam ali, mas ela não estava.

— Ela se aborreceu quando você a despediu? — Perguntou Sam.— Quero dizer, era algo que ela esperava ou a surpreendeu?

— Se se aborreceu? — Jason repetiu com sarcasmo.— Enlouqueceu por completo. Essa mulher é uma louca.— acrescentou ele, andando em direção a um pequeno escritório a no final do corredor, acompanhado por McCord e Sam.

— Por que a demitiu? —Insistiu Sam.—As críticas foram favoráveis para ela.

—Eu a demiti porque Leigh Kendall se negou a ficar no mesmo palco que ela. E quem poderia culpar Leigh por isso?

— Jane Sebring sabia por qual razão você a despediu? —Perguntou McCord com impaciência.

— Sim, certamente. Esta manhã expliquei a situação ao seu agente por telefone quando comecei a negociar a compra de seu contrato. O tipo é um abutre; ele...

—Você a despediu através de seu agente, —interrompeu Sam— como sabe que a notícia a deixou louca?

— Porque ela apareceu aqui hoje, logo após Leigh sair para ir ao escritório de Valente, e depois, a sua casa para descansar por um momento. —Solomon parou na frente de sua escrivaninha e virou-se para enfrentá-los ao acrescentar: —Disse a Jane que tirasse suas coisas do camarim de Leigh, mas ela deixou tudo como estava e saiu correndo daqui. Essa mulher está louca.

— A que hora foi isso? —Perguntou McCord.

— Que diabos importa...? —Solomon não terminou a frase e deu a volta na sua escrivaninha no momento em que McCord dava um tranco nele. —Acredito que entre as três e quatro.

— Ligue para Leigh Kendall. — disse McCord— Ligue para o número que está acostumado a usar para falar com ela.

* Trabalhador que muda o cenário, ajusta a iluminação, e executa outras tarefas necessárias em uma produção teatral

— Vocês não podem esperar aqui até que...?

McCord se inclinou sobre sua mesa, pegou o telefone e empurrou-o para ele .

— Ligue!

No primeiro número que Solomon discou não houve resposta, assim tentou os outros dois.

—Que estranho. — disse, preocupado, ao desligar.— Ninguém responde nos telefones particulares de Leigh e ela tampouco o fez com seu celular.

— Por acaso, hoje ela não deu a você um número do telefone celular de Valente?

— Sim. Como soube que...?

— Qual é o número?

Solomon procurou entre seus papéis espalhados na superfície da mesa e finalmente encontrou o que procurava.

— Leigh me disse que não devia dar este número a ninguém... —começou a dizer, mas viu a expressão ameaçadora de McCord e ditou o número para que Sam o anotasse—. Aonde vão? —Perguntou, seguindo os dois detetives que corriam pelo hall.— O mais provável é que Leigh esteja com Valente. Não sei se souberam que estão apaixonados...

Capítulo 70

Lá fora na rua, McCord jogou as chaves do carro para Sam e deslizou para o banco do passageiro. Pegou o rádio e chamou o carro de vigilância atribuído a Leigh Manning enquanto Sam ligava o motor, a luz de emergência e a sirene.

— Onde estão? — Perguntou McCord quando o agente de vigilância respondeu o rádio.

— Em frente ao edifício de apartamentos dos Manning. Ela chegou em casa um pouco antes das cinco, esteve um momento no saguão falando com uma adolescente e depois subiu para o apartamento.

— Sabe onde está Jane Sebring aí?

— A estrela de cinema que fez a cena nua em...

— Sim, essa. — interrompeu McCord.—Entrou no edifício dos Manning desde que a senhora Manning subiu?

— Não, e não a vi passar. Tenho uma boa linha de visão até as portas principais do edifício.

— Se chegar ver Sebring, prenda-a. Está armada e é perigosa.

O agente de vigilância levou muito a sério a advertência, mas ao mesmo tempo o fascinou essa tarefa.

— Então terei que a revistar duas vezes, já sabe, uma vez para comprovar se esta armada, e a outra para comprovar se é perigosa.

— Só mantenha os olhos bem abertos. — McCord voltou a advertir.

Alguém que cuide de mim

— Falando nisso, há um cara que aparece todo o tempo num táxi aonde quer que vá a senhora Manning. Neste momento anda dando voltas no redor do edifício com um buquê de flores.

— Prenda-o. Alguém a esteve seguindo, e talvez esse seja o indivíduo. O que é mais importante, mantenha-se perto de Leigh Manning aonde quer que ela vá.

— Sim, senhor. Mas esta noite ela não irá a nenhuma lugar. Pelo menos, não com seu chofer louco ao volante.

— Por que isso?

— Porque há um momento um guincho levou a limusine.

Sam sentiu o mesmo tremor de alarme que fez com que McCord apertasse os maxilares ante a notícia que um guincho levou a limusine. Porém, ela não podia lhe dar mais do que um olhada de soslaio quando ele baixou o rádio. O tráfego era intenso e os veículos iam para o lado para permitir que Sam avançasse com seu carro, mas ela o fazia passando com apenas poucos centímetros livres de cada lado.

— Eu pedir para Shrader e Womack nos encontrar lá.—disse McCord e pegou seu celular.

Soou em sua mão quando o tirou do bolso do casaco e ele aumentou o volume para que também Sam pudesse ouvir por sobre o ulular da sirene. A voz grave e tensa de Michael Valente vibrou com suficiente fúria para chegar até os ouvidos de Sam.

— Solomon acaba de me ligar e me disse que vocês estiveram no teatro procurando Sebring e tentando localizar Leigh. Ela tampouco responde minhas ligações. O que está acontecendo?

McCord inspirou profundamente e hesitou um momento.

— Aonde você esta?

— Me responda a pergunta. O que está acontecendo?

— Neste momento nos dirigimos ao apartamento da senhora Manning — explicou McCord com voz calma e profissional.— Esta tarde Sheila Winters levou um tiro em seu consultório e morreu. Acreditamos que Jane Sebring a matou e também a Manning. Estamos tentando localizá-la. Sebring sabe que Solomon a demitiu da peça porque a senhora Manning se negou a trabalhar com ela, e isso a deixou em um terrível estado de agitação.

— Santo Deus! —Explodiu Valente, interpretando corretamente "*o estado de terrível agitação*" por "*totalmente louca e provavelmente violenta*".—Vou agora mesmo ao encontro de Leigh. Aonde vocês estão?

McCord disse e Valente disse:

— Eu estou mais perto. Chegarei lá antes de vocês.

— Você não pode passar pelo tráfego tão rápido quanto nós, mas se chegar antes, nos espere no saguão . —advertiu McCord.

Valente não se incomodou em responder.

— O'Hara está com ela e está armado... —disse, em um tom de esperança.

— Um momento atrás um guincho levou a limusine.—disse McCord.— Repetindo: não suba ao apartamento até que nós cheguemos. —Tirou o telefone da orelha e começou a discar o número de Shrader.

— Valente desligou.— disse ele a Sam.

Sam assentiu, pisou fundo no acelerador e depois apertou o freio, cruzou em diagonal uma travessa e patinou ao redor da esquina em uma manobra tão perfeitamente executada que fez com que McCord risse enquanto esperava que Shrader respondesse a ligação.

—Aonde estão? —Perguntou a Shrader e a seguir lhe informou o que estava acontecendo. Quando McCord desligou, disse:

— Shrader e Womack chegarão uns dez minutos depois que nós.

Capítulo 71

No limite da consciência um estranho zumbido se fundiu como se martelando no crânio de Leigh, era o som da campainha do telefone, e a sensação de estar paralisada. Sentiu náuseas que lhe subiram do estômago à garganta, assim engoliu em seco, obrigou suas pálpebras a se abrirem e automaticamente procurou algo para se concentrar para estabilizar seus sentidos.

As pálpebras pareceram obedecê-la, mas o que Leigh viu na frente de seus olhos abertos não tinha nenhum significado para ela. Seu campo visual inteiro foi obstruída por duas tonalidades semelhantes de creme: uma parecia ser chata e a outra, vertical e ondulante.

Ela piscou várias vezes, tentando reorientar, e no processo tornou-se consciente das diferentes texturas desses dois tons. A cor creme horizontal contra seu rosto era o tapete ... áspero... A vertical, creme e ondulante... era um tecido... como... os babados da colcha de sua cama? Era óbvio que estava deitada no chão, junto à cama, com as mãos atrás das costas. Tentou move-las, mas pareciam estar amarradas nos pulsos, e também parecia ter as pernas amarradas na altura dos tornozelos.

Com esforço levantou a cabeça e moveu o rosto em direção oposta, e o que viu a enevou. Jane Sebring estava sentada em frente a penteadeira, com o vestido vermelho que Leigh usou na festa posterior à estreia da peça de teatro. A atriz cantarolava e aplicava o batom de Leigh, mas se manchava grotescamente ao redor da boca e, parcialmente nas faces. Espalhados pelo piso perto de seus pés, estavam os restos de vários outros vestidos de Leigh cortados.

Sobre a mesa, perto do cotovelo esquerdo de Jane, havia um revólver.

Sebring olhou para baixo e viu o rosto de Leigh refletido no amplo espelho iluminado da penteadeira.

— Está acordada! —Exclamou ela.— Está acordada. Meu público está acordado... Leigh fechou em seguida os olhos.

— Não, não, não, não finja que estar dormindo...

Leigh manteve os olhos fechados e ouviu o ranger da banquetta estofada que

havia em frente a penteadeira quando Sebring a girou e se levantou.

—Acorda, filha da puta! —Disse com fúria junto ao ouvido de Leigh. Logo pegou uma mecha do cabelo de Leigh e quase a arrancou da raiz. —Assim está muito melhor .— exclamou ela, sua boca vermelha berrante se separara em um sorriso em frente aos olhos aterrorizados de Leigh. Na outra mão Sebring empunhava uma tesoura grande e afiada.

— Deixe-me ajudá-la a sentar na cama. Eu não gosto que meu público durma — ela

disse, sacudindo os cabelos de Leigh num puxão para "*ajudá-la*" a deslizar-se desajeitadamente em cima da cama.. No processo, as tesouras de Sebring abriram um doloroso caminho no braço de Leigh, mas ela quase não sentiu. O medo, o maior anestésico natural, estava bombeando freneticamente através de suas veias. Seus pés estavam amarrados com um dos seus lenços de seda; e o que prendia os pulsos parecia ser também outra echarpe, mas esta estava bem justa.

— Seu sangue combina com meu vestido — disse Sebring ao ver o sangue que brotava do corte que havia feito em Leigh. Esfregou os dedos na ferida de Leigh e com esse sangue manchou seu próprio braço.

Cada terminação nervosa do corpo de Leigh dava gritos de terror, mas sua mente começava a ficar em foco e a procurar desesperadamente explicações e soluções. De algum jeito tinha que ganhar tempo até que Joe ou Hilda ou alguém fosse procurá-la. Mantendo uma voz serena, disse:

— O que está fazendo, Jane?

— Estou me preparando para ir ao teatro, é claro. — respondeu Sebring e observou com atenção o rosto de Leigh.— Parece pálida. Precisa pintar os lábios. — Aproximou-se da penteadeira, pegou um batom e voltou-se para Leigh, que afastou o rosto, mas isso não pareceu intimidar Sebring. Com o batom preso firmemente em seu punho, esmagou-o contra um lado do rosto de Leigh e começou a esfregar-lhe com força, enquanto prometia entre dentes: —Antes que passe muito tempo vou te cortar em pedacinhos. O que faço agora é só marcar o lugar pelo qual começarei.

Ela recuou e avaliou seu trabalho, em seguida, voltou para a penteadeira e se sentou na banquetta. Com a tesoura na mão direita, observou Leigh com atenção pelo espelho, logo pegou um punhado de seu próprio cabelo avermelhado e o cortou na altura do ombro... como o de Leigh.

— Logan me amava. —informou a Leigh.— Descobrimos a cabana da montanha juntos um dia. Ele queria se separar de você, mas a desgraçada da psiquiatra o convenceu de que não o fizesse. — Inclinou a cabeça para um lado, depois para o outro, e estudou o efeito de seu extravagante penteado enquanto perguntava a Leigh em tom informal: —Você gostaria de saber o que seu marido estava fazendo antes de morrer?

Sua pergunta enviou um arrepio pelo corpo inteiro Leigh. Depois de engolir a bílis que tinha subido à garganta, ela forçou-se a responder:

— Sim.

— Estávamos fazendo amor em seu saco de dormir, em frente a lareira. Eu o

surpreendi ao chegar na cabana com uma garrafa de vinho, bebemos juntos e fizemos amor. E então... —Pegou a tesoura e cortou outra mecha de cabelo. —... Então aquele maldito filho da puta me disse que tinha terminado comigo para sempre. Disse que tinha que me deixar porque ela estava indo para a cabana.

— Quem ia? — Perguntou Leigh em um sussurro trêmulo.

Sebring deixou a tesoura e abriu um pequeno estojo de sombra para os olhos. Pôs sombra em um pequeno pincel, inclinou-se para o espelho e pintou uma pálpebra com sombra verde jade.

— Sheila Winters. — ela disse como se Leigh devesse ter sido capaz de descobrir isso. —E depois de me dizer isso, pensou que podia me levar até a estrada em seu carro e me despachar de volta no meu. —Rindo, aplicou sombra verde na outra pálpebra. —Deveria ter visto sua cara quando peguei seu revólver debaixo do assento e apontei para ele.

O corpo de Leigh se moveu quando ela começou a trabalhar freneticamente no nó apertado no lenço que prendia suas mãos.

— Como... como sabia que a arma estava ali?

— Ele me mostrou uma vez. — respondeu Sebring, que deixou a sombra e ficou examinando outras cores que tinha espalhado pela superfície da penteadeira.—Ele nunca pensou que eu soubesse usá-la. Se ele tivesse sido realmente um grande fã dos meus filmes, como ele disse que era , teria me visto usar revólveres neles. Ele era um mentiroso.— ela assobiou furiosamente.

O nó da echarpe não cedia e Leigh começava a não poder controlar o terror que sentia. A primeira vez que viu a arma sobre a penteadeira não tinha acreditado que Jane Sebring fosse capaz de usá-la... Não queria acreditar, mas agora sabia que sim. Olhou por cima do ombro a porta que estava a sua direita. Muito em breve Joe ou Hilda viriam procurá-la, mas se algum deles desse um ou dois passos no quarto, Sebring os veria pelo espelho da penteadeira.

—Por acaso espera ser resgatada? —Disse Sebring enquanto a olhava pelo espelho.

Leigh olhou para frente.

— Não virá ninguém. — disse Jane com outro sorriso grotesco—. Estão mortos. Sua empregada gorda está morta, igual a seu chofer.

As lágrimas saltaram aos olhos de Leigh, e ela piscou com força enfiando as unhas contra o nó em seus pulsos.

— E também sua amiga Sheila.

— Sheila está morta? —Repetiu Leigh com voz rouca, fazendo com que Sebring continuasse falando.

— Logan e ela estavam chantageando seus pacientes. — disse Sebring com total certeza.

— Logan disse isso?

— Não, Sheila me disse antes que eu atirasse nela. As pessoas dizem tudo o que queremos saber se apontamos uma arma para elas.— disse com desprezo— Embora ela dissesse que não estava tendo um caso com Logan, mentiu para salvar a pele.

— Como v-você sabe que ela estava mentindo?

Sebring percebeu o crescente temor na voz de Leigh e sorriu ao inclinar-se para frente para aplicar um pouco de sombra azul sobre a verde.

— Então agora você começa a se assustar? Deveria ter medo, sabe? Vou matá-la também. E então, —adicionou com um sorriso enquanto pegava as tesouras e cortava um pouco mais uma mecha do lado direito— então irei ao teatro e pegarei seu lugar.

— Como sabe que Sheila mentia quando assegurou que não tinha um caso com Logan? —insistiu Leigh com desespero.

—Porque, —afirmou ela suavemente— Logan reconheceu que tinha sim um caso com ela. E então, —terminou ela — eu estourei seus miolos!

Capítulo 72

A três quadras do apartamento de Leigh Manning, McCord ordenou pelo rádio os policiais que estavam no carro de vigilância se reunissem com ele junto à entrada principal e que tivessem um elevador esperando. Sam encontrou um espaço no tráfego, desligou a sirene e pisou nos freios em frente ao edifício.

Enquanto corriam pela calçada, um Bentley escuro também freou e Valente saltou do carro e pôs-se a correr.

Estava muito perto quando eles irromperam no edifício. McCord gritou ao segurança que chamasse os paramédicos que permanecessem de pé no saguão, e Valente chegou ao elevador no momento em que as portas começavam a fechar, seu rosto branco e tenso.

— Espere aqui embaixo. — ordenou McCord.

— Nem em seus sonhos. —respondeu Valente, passou pelas portas e tirou uma chave do bolso.

Em vez de discutir, McCord deu instruções aos dois agentes de vigilância enquanto soltava a trava do coldre e tirava sua Glock.

— Há um saguão privado para o elevador no andar dos Manning. Não permitam que ninguém entre nem saia. Há dois empregados, um homem e uma mulher, que não atendem o telefone do apartamento. Após darmos uma olhada no interior e verificarmos o que estamos enfrentamos, vocês podem começar a procurar os empregados, mas mantenham-se fora de nosso caminho.

Então olhou para Valente.

— Você conhece o apartamento. Descreva-me

— O living e a sala de jantar podem ser vistos ao abrir a porta— respondeu Valente—. A cozinha e os aposentos de serviço estão na extremidade esquerda. O quarto principal, à direita, ao fundo de um corredor comprido.

— Dê-me a chave do apartamento. — disse McCord com firmeza quando o elevador parou.

Valente pediu um preço pela chave e a sustentou em cima da palma aberta de

McCord.

—Me deixe entrar atrás de você.

Sam esperava que McCord discutisse, mas era óbvio que deve ter pensado que seria inútil. Assentiu.

—Mas mantenha-se fora do nosso caminho.

Valente deixou cair a chave em sua mão.

Junto à porta do apartamento, McCord inseriu a chave na fechadura e apoiou a orelha contra a porta tentando ouvir vozes, enquanto Sam se apertava contra a parede, descalça e empunhando a arma.

—Pronta? — Perguntou em voz baixa.

Sam assentiu.

A porta se abriu silenciosamente no vestíbulo. Mais à frente, o living se estendia na escuridão, salvo pela luz proveniente do candelabro da sala de jantar à esquerda e da cozinha, um pouco mais à frente.

Moveram-se para o hall de entrada, usando a parede à direita como proteção enquanto mantinham o ouvido alerta a qualquer ruído que indicasse que direção ir. Sam viu o corpo da empregada estendido perto da mesa de jantar e deu uma cotovelada em McCord chamando-lhe atenção a ela, então ele levantou o braço, sinalizando para o agente de vigilância em pé na porta que se dirigisse a esse local tão logo eles o abandonassem.

McCord avançou em silêncio pelos degraus do hall e começou a caminhar para a esquerda, em direção a sala de jantar e a cozinha, mas Valente agarrou o braço de Sam com força e apontou para a direita. Ele conhecia os sons e as sombras do apartamento muito melhor que eles e à luz quase imperceptível no canto direito foram significativos. Sam não discutiu. Aproximou-se de McCord e fez-lhe um gesto por cima do ombro.

Valente já estava na metade do corredor quando eles o detiveram e tomaram a dianteira. Dessa forma, Sam também ouviu a voz de uma mulher, muito suave e sussurrada, proveniente de uma porta aberta à esquerda, no final do corredor.

McCord deslizou ao longo da parede e se achatou contra ela até estar suficientemente perto para espiar lá dentro; então se moveu rapidamente para o outro lado. Fez gestos a Sam e a Michael de que Leigh o tinha visto e Sam ficou em posição no centro da porta, mas o suficientemente atrás para cobrir McCord quando entrasse no quarto. Mais que ver, ela percebeu a presença de Valente a sua esquerda e um pouco mais adiante, mas estava concentrada em manter as mãos firmes e em escutar a voz de Sebring para poder julgar a localização precisa do alvo e calcular o ângulo de seu disparo se fosse preciso fazê-lo.

McCord levantou três dedos para indicar entrar correndo no quarto à contar do três; então ele começou a contagem regressiva. Um dedo levantado... dois dedos levantados.

— Chegou a hora de ir para o teatro. —disse Sebring a Leigh ao sair do closet usando um dos casacos de Leigh. Parou próximo a penteadeira, pegou a arma e a apontou para Leigh.

McCord deteve a contagem por pensar que o alvo estava a ponto de sair de seu

alcance.

Leigh tinha visto McCord, mas não sabia se ele poderia salvá-la, assim tentou desesperadamente salvar Michael enquanto era possível.

—Jane, por favor, — implorou trêmula—diga-me outra vez que você matou Logan. Isso é tudo que peço. Eu quero morrer ouvindo você me dizer isso!

Michael entendeu perfeitamente o que Leigh estava fazendo e o que estava a ponto de acontecer nesse quarto. Enquanto Littleton se movia para a porta aberta, Michael deu um uivo de fúria e se lançou para frente, tornando-se alvo enquanto voava horizontalmente para a cama, golpeava Leigh até fazê-la cair de costas e a cobria com seu corpo enquanto em seus ouvidos explodiam disparos, gritos e um uivo.

Permaneceu nessa posição até ouvir McCord gritar outros policiais:

— Terminou! Aqui dentro tudo esta fora de perigo!

Então ele se apoiou nos cotovelos, enquanto um dos policiais gritava:

—Temos sinais vitais no homem e na mulher aqui fora, e os paramédicos já estão a caminho!

A cabeça de Leigh estava dobrada para um lado , e seu rosto pálido estava manchado de vermelho. Tinha os olhos fechados e não se movia. O medo tornou a voz de Michael num sussurro áspero.

—Leigh?

Os olhos dela se abriram e se enfocaram no rosto de Michael, olhos úmidos parecidos com zircões, que brilhavam com lágrimas. Michael estava tão aliviado, tão absoluta e esmagadoramente aliviado, que não podia pensar em nada para dizer, assim que se aproximou e desatou os punhos, depois a deixou cair de novo de costas e olhou nesses olhos que tinha amado no primeiro momento em que os viu.

Leigh olhou para seu rosto devastado e deslizou seus braços ao redor de seu pescoço, e seus dedos acariciaram o cabelo curto de sua nuca.

—Olá. — sussurrou ela com um sorriso choroso.— Como foi seu dia hoje?

Michael deixou cair sua testa na dela, seus ombros se sacudiram com a risada e seus olhos se nublaram com lágrimas de alívio.

— Como sempre. —conseguiu resmungar depois de algum tempo.— Mas está parecendo melhor.

Perto da porta, Sam se apoiou na parede com a arma pendurada frouxamente na mão e seu rosto olhava para longe do corpo de Jane Sebring. Olhar cadáveres e depois tentar caçar os assassinos era seu trabalho. Era um serviço que efetuou ... mas, oh, Deus, era algo completamente diferente saber que ela é quem tinha tirado a vida. McCord entrou no quarto em ângulo, mas Sam tinha uma linha de disparo reta, e a tinha aproveitado no instante em que Sebring disparou.

A sua direita McCord terminou de verificar o corpo de Sebring em busca de sinais vitais, levantou-se e se aproximou de Sam.

— A senhorita Sebring não fará mais apresentações em nenhum lugar. —disse em voz baixa.— Bom disparo, Sam.

—Teria sido muito difícil errar o tiro. — disse Sam e o olhou nos olhos.—Ela

estava a só três metros.

Ele entendeu o olhar confuso que existia neles e deslizou uma mão na nuca, levou o rosto de Sam a seu peito e lhe rodeou a cintura com um braço.

— Só me ocorre uma coisa de bom senso e tranquilizadora para dizer neste momento. — sussurrou.

— Qual?

— Antes ela do que eu.

Sam sorriu um pouco.

— Todo mundo sente isso a primeira vez. — adicionou ele com tom sombrio. — Com um pouco de sorte, será também sua última vez.

Foi nesse momento que Shrader entrou trotando no quarto e freou, sorriu desconcertado ao ver a cena que tinha diante de si.

— O que houve aqui: um tiroteio ou uma orgia? — Perguntou, passando o olhar dos tornozelos de Leigh amarrados, ao braço de McCord ao redor das costas de Littleton. — Vejo algumas prova de sadomasoquismo, mas o que não vejo é uma vítima. Alguém viu uma vítima em alguma parte?

— Lá. — disse humildemente McCord.

Shrader percebeu seu tom e entendeu corretamente que Sam tinha dado o tiro fatal. Deu a volta pelo canto, aproximou-se do corpo de Sebring e assobiou baixinho ao olhar o rosto da vítima.

— Deus! E depois falam de penteados extravagantes!

Voltou-se para Sam, que agora estava de pé sozinha, bateu em seu ombro e lhe ofereceu o único tipo de consolo que conhecia o que ela estava sentindo.

— Escuta, Littleton, você fez um favor a ela. Essa mulher não ia querer viver com esse horrível corte de cabelo.

Quando Sam sorriu, ele voltou-se para a cama, onde Michael Valente estava desamarrando os tornozelos de Leigh.

— Boa tarde, senhor Valente. — disse ele educadamente. — Boa tarde, senhora Manning.

Valente ignorou, mas Leigh estava ansiosa em estabelecer boas relações com a polícia pensando no futuro de Michael.

— Boa tarde, detetive Shrader. — disse. — Como vai você?

— Muito bem. Você ficará feliz em saber os rapazes lá em abaixo capturaram o homem que a esteve seguindo. Ele se ofereceu para submeter-se a um tratamento, mas vamos examinar bem antes de deixá-lo em liberdade.

Satisfeito com sua visita à cena do crime, Shrader transpôs a porta com as mãos nos bolsos; logo virou-se e disse:

— A propósito, o chofer teve uma ferida e um ataque cardíaco, mas os paramédicos dizem que se encontra muito bem. A empregada sem dúvida teve uma concussão e perdeu muito sangue, mas já estão fazendo uma transfusão a caminho do hospital.

Leigh saiu da cama e ficou de pé com dificuldade, procurando afastar a todo momento o rosto do corpo de Jane Sebring.

— Eu irei com eles ao hospital — disse a Michael.

— Sim você vai. —disse Michael enfaticamente e a rodeou com um braço quando se encaminharam para o hall.— e enquanto estiver lá, quero que tirem também algumas radiografias.

— As mulheres que suspeitam que estão grávidas devem ter muito cuidado com os raios X. — disse Leigh.

Michael sorriu, mas sacudiu a cabeça.

—Não é um pouco cedo para saber?

— Seria um pouco cedo para outras mulheres, mas não para mim.

— Por quê?

Ela sacudiu a cabeça e sorriu.

— Porque você é: você.

— Nesse caso, — disse ele depois de pensar numa fração de segundos— teremos que adiantar a data do casamento.

Ela riu com ternura.

—Deveria saber que você iria direto ao ponto.

Michael parou e a puxou fortemente em seus braços, seu queixo apoiado na sua cabeça; sua mente centrada na maneira em que ela havia tentado fazer com que Sebring confessasse ter matado Logan enquanto esperava receber ela mesma um tiro. Sua voz, rouca pela ternura, disse:

— É que você entrou diretamente em meu coração.

Capítulo 73

De pé no living, esperando a chegada da CSU, McCord colocou Womack e Shrader em dia com os acontecimentos da última hora. A porta do apartamento estava aberta e no saguão havia policiais uniformizados, assim que ele manteve sua voz baixa, mas Sam ainda podia ouvi-lo do sofá em que estava sentada, tomando notas para o relatório que teria que apresentar.

No meio de uma frase, McCord, de repente parou de falar, e Sam ergueu os olhos a tempo de vê-lo puxar o celular do bolso do casaco. Vibrava e ele olhou com impaciência o nome do autor da chamada; depois amaldiçoou entre dentes e pegou o controle remoto do televisor que estava na mesinha perto do joelho de Sam. Ao passar pelos diferentes canais, ele sacudiu a cabeça para as janelas da sala e disse para Shrader:

— Que aspecto tem a rua lá abaixo?

Shrader se aproximou das janelas e olhou para baixo.

—Um zoológico. —respondeu.— Há ambulâncias, patrulheiros e dúzias de...

—... vans da imprensa.— concluiu McCord em desgosto.— Já devem estar transmitindo a notícia, e Trumanti acaba de me ligar por esse motivo. —Enquanto dizia, o canal de televisão que tinha sintonizado interrompeu seu programa habitual e um locutor anunciou:

— Temos novidades de último momento sobre o assassinato de Logan Manning.

Nosso repórter, Jeff Corbitt, encontra-se agora na cena, onde as ambulâncias abandonaram pouco antes o edifício do apartamento da Quinta Avenida aonde Logan Manning residia com sua esposa, a atriz Leigh Kendall. Jeff, o que está acontecendo por ali?

— Isto é um verdadeiro caos. — respondeu o repórter, de pé em frente ao edifício e com um microfone na mão. — A polícia isolou o lobby e a calçada. Três ambulâncias partiram daqui a um minuto e a rua está cheia de veículos de emergência. Michael Valente esteve aqui e saiu em uma das ambulâncias.

— Ele estava sob custódia da polícia? — Perguntou com ansiedade o apresentador.

— Não, ele entrou em uma ambulância com a Sra. Manning. Dá a sensação que Valente pode ter escapado mais uma vez da rede policial, esta vez com Mitchell McCord encarregado do caso. McCord se encontra neste momento, no apartamento dos Manning.

A âncora parecia surpreso e revoltado com a notícia de que Valente evidentemente havia sido deixado em liberdade.

— Acabamos de entrar em contato com o escritório do Comissário de polícia, — disse — e eles nos asseguram que Comissário Trumanti vai dar uma declaração oficial para nós em breve.

O telefone celular de Sam tocou antes do final do anúncio da notícia, e assim como o Shrader e Womack.

— Não atendam essas chamadas. — disse McCord com severidade quando Shrader começava a fazer.

Shrader obedeceu em seguida, mas pareceu preocupado.

— Minha ligação é do capitão Holland.

— A minha também. — disse Womack.

O telefone de Sam vibrava pela segunda vez.

— E a minha também. — disse ela.

— Quem a chama agora? — Perguntou McCord.

— Meu padrasto. — Sam disse ironicamente depois de olhar em seu telefone novamente.

— Eu vou retornar a sua chamada em um minuto. — disse McCord. — Ele tem um número de telefone que eu preciso. — Ele estendeu a mão para seu telefone celular, e Sam se levantou e deu a ele, então ele falou para todos os três e com tom autoritário: — Eu não quero nenhum de vocês para retornem qualquer chamada telefônica referente a este caso. Dentro de um minuto ligarei para o prefeito Edelman e tentarei de persuadi-lo a presidir a conferência de imprensa desta noite e que trate de impedir que Trumanti participe. Independentemente do que Edelman disser, vou fazer uma breve declaração para a imprensa lá embaixo inocentando Valente de qualquer envolvimento no assassinato de Manning. Isso deve desencorajar Trumanti temporariamente a dirigir esta noite à imprensa por sua conta e tentar incriminar Valente de algum jeito.

Sam entendeu em seguida que o que Mack precisava de seu padrasto era o número de telefone de Edelman, e ela ficaria feliz em ligar para ele na frente de

Shrader e Womack, mas era óbvio que Mack estava decidido a proteger nesse momento sua equipe. Ele colocou as mãos nos bolsos e disse-lhes:

— De agora em diante, somente eu me ocuparei deste caso. Quero que vocês três permaneçam à margem. Amanhã, escrevam seus relatórios, mas procurem limitar-se aos fatos essenciais e evitar toda menção do raciocínio lógico que vocês podem ter seguido durante a investigação. Eu dirigi as atividades de vocês, de modo que, quando os interrogarem a respeito de por que fizeram determinada coisa, joguem a culpa em mim.

— Por que diabos deveríamos nos preocupar em culpar alguém?— Perguntou Shrader. —Nós trabalhamos segundo as regras, resolvemos o caso e, ao ocupar-se dessa mulher louca que matou Manning, Sam economizou uma fortuna ao estado em gastos com processo e prisão.

Na tela do televisor, o canal voltou a passar o mesmo boletim de notícias e McCord pegou o controle remoto e desligou-o. Inclinou a cabeça para trás e Sam viu como ele escolhia com cuidado as palavras que ia pronunciar.

— No curso da investigação do assassinato de Manning, eu pessoalmente descobri uma quantidade de provas irrefutáveis que incriminam os membros da Polícia de Nova York em uma vingança altamente eficaz travada contra Michael Valente, Valente usando uma variedade de medidas ilegais. — Ele olhou para eles, então, e disse sem rodeios: — Eu pretendo levar estas provas ao prefeito e, se ele não fizer nada a respeito publicamente, então eu mesmo as tornarei públicas.

Shrader e Womack trocaram olhares infelizes e, em seguida Shrader falou pelos dois:

— Eu não gosto de ver a roupa suja do departamento pendurada em público, tenente. Por que não deixa que a polícia se ocupe de limpar tudo isto de forma privada? Em todo caso, entregá-lo para Assuntos Internos, ou...

— Essa não é uma opção. —informou secamente McCord—. Valente foi publicamente vitimado por décadas por um membro do alto escalão da polícia de Nova York e alguns de seus comparsas. Quando um cidadão se torna vítima intencional do Departamento, então isso já não é um assunto para os Assuntos Internos... nem a mim. Neste caso eu desejo que haja um pouco de justiça pública, e logo quero um pouco de vingança pública. Valente tem direito às duas coisas.

— Quem é o membro do alto escalão? — Womack perguntou, inquieto.

—Trumanti. —disse McCord sem vacilar, depois de uma pausa.

— Merda. —resmungou Womack em voz baixa.— Tinha medo que dissesse precisamente isso.

Para Sam, o alarme de Womack só fez com que Mack estivesse mais friamente decidido que nunca. Ele encolheu de ombros e disse:

— O prefeito Edelman herdou Trumanti como comissário de polícia, de modo que não está politicamente preso a ele, mas depois de meu relatório por telefone do que sei, é possível que nosso novo prefeito pode querer evitar um escândalo público envolvendo a Polícia de Nova York. Talvez ele prefira tratar das ações de Trumanti como questões internas do Departamento de Polícia que devem ser dirigidas de forma privada. Estou bastante certo que ele vai exigir a demissão

imediate de Trumanti, mas eu quero mais que isso.

Quando ele parou por aí, Womack disse:

—Exatamente o que é que você quer?

Mack o olhou como se a resposta devesse ser óbvia.

— Eu quero o traseiro nu de Trumanti pendurado em público, juntamente com todos aqueles que conscientemente colaboraram com esse filho de puta louco e vingativo.

— O que foi, exatamente, que Trumanti fez?

— Você não precisa saber disso. — Ele parou porque CSU estava chegando, e ele deixou Sam com Womack e Shrader, enquanto se dirigia para falar com o chefe da equipe.

— Muito bem, Littleton, vamos ouvi-la.—disse Shrader— Womack e eu temos direito de saber o que acontece. Temos direito de saber o que enfrentamos.

Sam vacilou e olhou pela janela para as luzes cintilantes da cidade no horizonte majestoso. Entendia a razão pela qual Mack queria proteger Womack e Shrader dos detalhes, mas também entendia por que eles sentiam que tinham direito de saber. A única coisa a respeito da qual ela não estava segura era se sua decisão de confiar-lhes esses detalhes nascia mais que nada de sua convicção de que Shrader e Womack tinham razão... ou se ela não podia suportar que eles pensassem que a decisão de Mack de levar o assunto a público era desleal, antiético, ou caprichosa. Desde que Mack não tinha especificamente ordenado para não revelar os detalhes, ela disse a Womack e Shrader muito rapidamente da condenação injusta a Valente por homicídio culposo e tudo o que Trumanti forjou depois contra ele. Quando terminou, os dois pareciam surpresos e zangados.

Infelizmente, quando Mack retornou ao grupo bastou olhar para os rostos de Shrader e Womack. Em seguida olhou para Sam e disse:

—Contou-lhes. — ele disse, olhando desgostoso e decepcionado com ela.

Interiormente, Sam estremeceu ao ver essa expressão de condenação no rosto de Mack, mas assentiu.

—Eles precisavam entender.

Em vez de responder, ele olhou aos três com severidade.

— Agora que conhecem os detalhes, nada muda. O que eu disse antes, ainda vale. Eu não preciso ou quero lealdade de vocês, o que eu preciso é saber que vocês estão fora do caminho quando a batalha começar. Quero que amanhã se dedique a suas coisas e que guardem para si suas opiniões com respeito a mim, a este caso e a tudo o que tenha que ver com este caso. Entendido? —Perguntou.

Shrader concordou com relutância e assim o fez Womack, em seguida. Então o olhar penetrante de Mack se centrou em Sam.

— O que acabo de dar é uma ordem. Não o confunda com um pedido. —ele advertiu com a mandíbula apertada.

Sam não pensava de maneira nenhuma obedecer essa ordem se ela chegasse a um ponto onde tivesse que escolher entre a lealdade a Mack e seu trabalho. De repente percebeu que sua carreira era muito menos importante que a ética envolvida nela... E, por certo, muito menos importante que o homem ético por quem

estava apaixonada e por quem estava disposta a apostar tudo naquilo que ele acreditava.

— Eu não confundirei. — foi sua resposta.

Ele assentiu com frieza e acreditando erroneamente que, depois de ter entendido sua ordem, Sam a obedeceria. Então disse:

— Eu vou ligar para o prefeito. Quando vocês três saírem daqui, não façam nenhum comentário à imprensa.

Ele encaminhou-se à cozinha e os três ficaram ali durante dez minutos, mas Mack permaneceu na cozinha, fora da vista e sem poder ouvir o que dizia. Por último, Shrader disse:

—Tenho a impressão que ele queria que fôssemos.

Sam tinha a mesma impressão, mas teria gostado de ficar para ouvir o que Edelman dizia a Mack.

— Vamos, Littleton, ele pode levar uma hora só para localizar. —disse Womack quando ela hesitou um pouco no hall e olhou em direção à porta aberta que dava para a cozinha.—Ele já está zangado com você. Será melhor partimos antes que decida nos enviar de novo para patrulhar as ruas.

— Não me pareceu que estivesse terrivelmente zangado. —murmurou Sam, ansiosa, enquanto fazia uma pausa junto à porta do apartamento e colocava seus sapatos de camurça cinza. Fulminou com o olhar um jovem agente que estava no saguão do elevador e que estava dando uma cotovelada no outro agente apontando para suas pernas.

Womack a viu, mas seguia pensando na fúria de McCord.

— Eu diria que estava furioso sim. Diria que a única coisa que nos salvou o traseiro foi o fato que com os disparos desta noite você salvou o dele.

— Nada disso. — argumentou Shrader como eles entraram no elevador.— Ele não estava tão zangado, ele está apenas focado. McCord é como um trem de carga, que desce a toda velocidade por uma montanha e sem freios, e Littleton por um momento esteve muito perto dos trilhos.

Com Womack de um lado dela e Shrader, do outro, abriram caminho a cotoveladas por entre a multidão de repórteres que os interrogavam a gritos e através da cegadora luz das câmaras dirigidas para eles no exterior do edifício.

Estivesse ou não Mack furioso com ela, Sam gostaria de encontrar uma maneira de esperar ali e vê-lo falar com a imprensa. Mas, acima de tudo, gostaria de permanecer em algum lugar nas sombras, e silenciosamente prestando-lhe seu apoio. Mas se Mack estava simplesmente "*centrado*" ou "*terrivelmente zangado*" com ela, Sam decidiu que provavelmente o mais sensato era fazer o que ele havia ordenado e ir para casa. Qualquer que seja o que acontecesse, ela poderia vê-lo na televisão.

Capítulo 74

Enrodilhada no sofá com um suave robe azul com gola de cetim dado por sua mãe no Natal, Sam distraidamente penteava os cabelos úmidos enquanto assistia mais uma vez o vídeo que tinha gravado das declarações de Mack a imprensa, fora do prédio, e das declarações do prefeito Edelman, feitas uma hora depois.

Mack obviamente, conseguiu convencer o prefeito que Michael Valente era inocente e que o prefeito precisava se distanciar de Trumanti imediatamente. Sorrindo, ela assistiu o prefeito fazer sua declaração de novo:

"A investigação sobre a morte de Logan Manning chegou a uma triste e final conclusão esta noite, quando o tenente Mitchell McCord e sua equipe interromperam Jane Sebring na sua tentativa de assassinar a Sra. Manning em seu apartamento. — disse Edelman. — Antes de a senhorita Sebring disparar sua arma contra os policiais que haviam entrado no apartamento, ela aparentemente confessou ter assassinado Logan Manning como também a psiquiatra Dra. Sheila Winters, cujo corpo foi encontrado hoje a tarde em seu consultório. Segundo a polícia, eles revidaram os disparos da senhorita Sebring e ela morreu instantaneamente.

A primeira e única pergunta respondida pelo prefeito depois de sua breve declaração, foi inevitavelmente, sobre a participação de Michael Valente no caso. Sobre isso o prefeito respondeu enfaticamente:

"Michael Valente não teve nada a ver com a morte de Logan Manning. Ele foi, no entanto, responsável por ajudar a equipe do tenente McCord na investigação, e é claro que no meu entendimento, esta noite, o Sr. Valente arriscou a própria vida para salvar a da Sra. Manning quando os tiros estavam sendo disparados. — Amanhã pela manhã, o meu gabinete vai iniciar uma investigação em todas as acusações feitas contra Michael Valente pela cidade de Nova York. Pedi ao Tenente McCord para chefiar o inquérito, e estou esperando sua resposta. Ao mesmo tempo, eu pedi - e já recebi - a renúncia do Comissário William Trumanti, com efeito imediato. Meu gabinete não terá outras declarações a fazer sobre este assunto até que a investigação seja concluída. No entanto, neste momento, já estou de posse de informações suficientes para saber que um pedido de desculpas é devido a Michael Valente por algumas graves injustiças graves que fizeram a ele em nome da "*justiça*". Quando eu fiz campanha para este cargo, eu prometi os cidadãos de Nova York que seria linha dura contra os abusos de poder e privilégios por oficiais da cidade em todos os níveis, e esta noite, estou cumprindo bem a promessa que fiz.

Sam apertou o botão para rebobinar e voltou todo o vídeo, e então assistiu Mack fazendo uma declaração muito mais curta e tipicamente mais direta a imprensa, no lado de fora do prédio do apartamento de Manning. Ele foi rude e tão letal com aquela beleza viril que ela pensou que o prefeito parecia insignificante e fraco em comparação.

Vestido com sua jaqueta de couro e com o colarinho da camisa negra aberta no pescoço, Mack olhou diretamente para a câmera e disse o que ele tinha para dizer:

"—Jane Sebring foi baleada e morta no apartamento de Manning hoje a noite

quando tentava assassinar a Senhora Leigh Manning. Antes de morrer, a senhorita Sebring se declarou culpada dos homicídios de Logan Manning e Dra. Sheila Winters. Dois empregados da Sra. Manning tiveram mais sorte. Joseph O'Hara e Hilda Brunner foram levados para o hospital há pouco tempo e espera-se uma completa recuperação."

Ele fez uma pausa, esperando os repórteres agitados retornarem ao completo silêncio. Então ele disse:

"—Durante nossa investigação, Michael Valente foi tratado incorretamente como alvo e principal suspeito. Apesar disso, hoje a noite ele nos ajudou na investigação e arriscou sua própria vida para salvar a da Sra. Manning, e, ao fazer isso ele pode muito bem ter salvado a vida de alguns de nós durante a troca de tiros. Entendi que o prefeito está preparando uma declaração a respeito do Sr. Valente, que fará dentro em breve. Entretanto, eu gostaria de expressar minha gratidão pela assistência do Sr. Valente...E minha admiração por sua inacreditável tolerância."

Terminado, ele olhou para a multidão e disse: -

"—Eu tenho tempo para três perguntas e nada a mais."

—Tenente McCord - um repórter gritou - você está tentando nos dizer que Michael Valente nunca deveria ter sido suspeito no assassinato de Logan Manning?

Sam riu com a resposta de Mack, rápida e incisiva. Em vez de responder, Mack olhou para a plateia e disse com um divertido desgosto:

—Alguém tem uma pergunta inteligente?

—Qual foi exatamente o envolvimento de Michael Valente no assassinato de Logan Manning? — outro reporter gritou.

—Alguém aqui sabe a definição de inteligente? — Mack respondeu. — Última pergunta — ele advertiu.

—Tenente Mc Cord, — uma voz feminina chamou : — Você se importaria em nos esclarecer sobre o relacionamento atual entre Michael Valente e Leigh Manning?

O sorriso de Mack foi lento, perplexo e zombeteiro.

— Você pode pensar em qualquer razão pela qual *me importaria* em fazer isso?

Com isso, ele se afastou do microfone e passou através da multidão, seus ombros largos abrindo caminho através da aglomeração de repórteres, fotógrafos e curiosos.

Sam apertou o botão de rebobinar novamente enquanto ela admirava a recente prova de que Mack não se passou por idiota nem de leve. Seu sorriso desapareceu um pouco quando ela perguntou se ele era talvez, igualmente intolerante e implacável com um subordinado, - ou seja, ela - que conscientemente ignorou seus desejos esta noite contando a Shrader e Womack os detalhes do caso Trumanti-Valente. Ela ainda estava inquieta se perguntando sobre isso quando a campainha de seu apartamento tocou. Devia ser Mack, pensou ela enquanto corria pela sala. Seu porteiro teria parado qualquer um sem crachá ou insistido em ligar primeiro para ela antes de deixar alguém subir para seu apartamento.

Esquecendo-se que estava de robe, olhou para fora pela janelinha enquanto destrancava a porta do apartamento, abrindo-a a seguir.

Mack estava ali de pé, sua mão direita apoiada no alto do batente da porta, sua expressão tão enigmática quanto a sua observação inicial.

— Normalmente você não confere para ver quem está do lado de fora antes de abrir a porta?

— Eu sabia que era você. — Sam explicou.

— Bom, porque eu odiaria pensar que você abre sua porta para qualquer um vestindo, — seu olhar caiu para a extensão da pele nua acima das lapelas de cetim — isso.

Sam conscientemente puxou as lapelas para cobrir melhor os seios e apertou o cinto. — É um robe. — ela explicou bobamente e na defensiva. Então ela sorriu de seu próprio absurdo e deu um passo pra trás. — Gostaria de entrar? — Ela perguntou, certa de que a resposta seria sim.

— Não. — ele disse.

Sam olhou para ele com surpresa.

— Então porque você está aqui?

Ele abaixou sua mão do batente da porta e ela viu seu celular na palma da mão dele.

— Eu vim para devolver isso. — Ele disse calmamente. — E também para ter certeza de que você realmente está bem depois do que aconteceu esta noite.

Sam não tinha certeza se estava se referindo ao que aconteceu com Jane Sebring ou a sua atitude para com ela depois que ela contou a Shrader e Womack sobre Trumanti. Ela o estudou em silêncio, desejando saber por que todo seu conhecimento sobre homens nunca funcionou quando Marck estava envolvido. O caso Manning terminou, portanto eles poderiam começar, mas, evidentemente, Mack quis repensar o assunto ou então ele queria alimentar um rancor pelo que ela tinha feito. Ou então ele estava simplesmente exausto de um dia incrivelmente longo e estressante. Seja qual for o caso, ela deu a ele a resposta que achou mais apropriada:

— Estou bem. — Assegurou a ele pegando seu celular da mão estendida. Mas ela deu uma última chance a conversa. — Eu vi sua entrevista e a declaração do prefeito. — ela disse sorrindo suavemente. — Parece que você já ganhou sua batalha com a prefeitura.

Ele balançou a cabeça, seu olhar deslocando rapidamente para o cabelo dela espalhado sobre o ombro. Então ele se afastou da porta.

— Isso é o que parece. — Ele concordou.

Mentalmente, Sam decidiu deixar o homem imprevisível no seu salão ir embora e para o inferno se estava apaixonada por ele. Ela estava compreensivelmente assustada quando se ouviu dizendo:

— Você está com raiva de mim por ter dito a Shrader e Womack o que Trumanti fez?

— Eu estava, — ele admitiu — mais cedo.

Ela fez aquilo. Sam nunca perdia o controle, a não ser com ele. Cruzando os braços sobre o peito ela se encostou no batente da porta.

— Fique feliz que não tenhamos começado uma relação, Mack, porque há uma

coisa sobre mim que não sabe.

— O quê?

—Eu tenho um cérebro. — ela informou a ele. — Toda manhã quando eu acordo, ele acorda também e começa a trabalhar. Não sei por que, mas simplesmente acontece. Desde que você não deu nenhuma ordem específica para proibir-me de contar a Shrader e Womack sobre Trumanti, meu cérebro decidiu esta noite, com ou sem razão, que era a coisa correta a se fazer. Sinto muito. — Ela disse, se sentindo subitamente doente e ansiosa pra entrar no apartamento. — Eu realmente sinto. Obrigada por ter vindo e me devolvido isso. —Ela balançou o celular na mão e sorriu para lhe mostrar que não estava chateada.

Então ela voltou para dentro do apartamento e começou a fechar a porta.

Ele parou com a mão.

— Agora, deixe-me lhe fazer uma pergunta. Na verdade, eu tenho duas perguntas para fazer a você. Primeiro: Por acaso você está chateada porque eu não quis entrar?

— Não. —Sam mentiu enfaticamente.

— Bom. —ele retrucou. —Porque estou fazendo tudo o possível para cumprir com o trato que fizemos ontem. Eu dei a você até o fim do caso Manning para decidir se queria ficar comigo, mas nunca imaginei que o caso acabaria tão cedo. E enquanto estou no assunto, acho que depois do que aconteceu entre nós na noite passada, seu comentário '*Fique feliz que não tenhamos começado uma relação*' foi impiedosamente leviano ou é sua decisão final. Qual das duas coisas foi? — Perguntou ele.

Sam sentiu uma vontade incontrolável de rir histericamente porque não conseguia entender o que estava acontecendo.

—Estou esperando sua resposta, Sam.

— Nesse caso, — ela replicou. — fico com '*impiedosamente leviano*'.

Seu maxilar relaxou um pouco.

— Não faça isso de novo. — Advertiu Mack.

—Não me dê ordens, tenente. —retrucou ela. —Não em questões pessoais. Você disse que tinha duas perguntas. Qual era a segunda?

—Você está nua sob esse robe?

Sam piscou, mais desconcertada e divertida que nunca.

— Sim. E que diferença isso faz?

Ele balançou a cabeça e recuou um passo.

— Eu não posso acreditar que você pode me perguntar isso. Ontem a noite eu mal conseguia manter as coisas sob o controle quando tinha várias razões importantes para parar. Agora não tenho nenhuma dessas razões, exceto o acordo que fizemos e tenho a intenção de cumpri-lo. Leve seu tempo para decidir sobre nós, Sam, e quando decidir, você pode me convidar para entrar.

—Isso é tudo? — perguntou Sam secamente. — Ou tem outras ordens para me dar?

—Uma, —ele disse — a próxima vez que me convidar para entrar, usando um robe, é melhor que você esteja muito certa de querer que eu fique. —Seu olhar

baixou para os lábios dela e caiu para a fenda que havia entre as lapelas e a pele. Depois levantou a vista, olhou-a e sacudiu a cabeça. —Estou indo para casa agora, enquanto ainda tenho condições de dirigir.

Finalmente Sam entendeu tudo o que ele estava dizendo...e fazendo. O olhar que lhe devolveu foi tão caloroso e íntimo como foi o dele, igualmente intencionado.

—Boa noite. —disse ela baixinho, mordendo o lábio inferior para prender o sorriso. —Vou te avisar quando decidir e estiver pronta para convidá-lo a entrar, Mack. —Prometeu a ele com doçura e fechou a porta.

Segurando o celular na mão, Sam pressionou os números do celular de Mack, mas não a tecla que faria a chamada e o telefone dele vibrar. Ela esperou mais de um minuto para fazer isso... tempo suficiente para ele pegar o elevador até o lobby... então ela apertou a tecla para fazer a chamada. Ele respondeu quase imediatamente com o seu nome, sua voz profunda e recortada de homem de negócios.

McCord.

—Mack?

—Sim?

—Já decidi.

—Abra sua porta.

Sam virou a maçaneta e, depois, ficou chocada. Ele estava de pé exatamente como esteve quando ela abriu a porta pela última vez, com sua mão apoiada no alto do batente da porta, só que desta vez ele estava segurando seu próprio celular na mão. Ele não estava rindo, ele estava olhando para ela com atenção, e Sam sentiu sua própria voz tremer frente a enormidade do que ele estava dizendo solenemente com os olhos.

— Você gostaria de entrar?— Perguntou ela vacilante.

Ele baixou o braço do marco da porta e assentiu, lentamente, duas vezes.

Sam deu um passo para atrás e ele deu um passo para frente.

Ele fechou a porta. Ela abriu seu robe e deixou que caísse no chão.

O olhar ardente de Mack seguiu-a por todo corpo até em baixo, em seguida, ele puxou-a fortemente para seus braços.

—Seu tempo acabou Sam. —advertiu, os lábios lentamente desciam sobre os dela.

—Tempo para quê? — Ela sussurrou, deslizando as mãos sobre os ombros de Mack e em torno do seu pescoço.

— Para mudar de ideia sobre nós.

—Nunca irei mudar. —Ela prometeu, apenas um instante antes de perder a capacidade de pensar.

* * *

Na sala de espera do hospital, Michael estava parado em frente da televisão, as mãos dentro dos bolsos da calça, assistia a reprise da breve conferencia de imprensa de McCord no noticiário da meia-noite:

— Entendi que o prefeito está preparando uma declaração a respeito do Sr. Valente, que fará dentro em breve. — disse McCord — Entretanto, eu gostaria de expressar minha gratidão pela assistência do Sr. Valente...e minha admiração por sua inacreditável tolerância."

Ao lado dele, Leigh escorregou a mão pelo seu braço e sorrindo disse:

—Acho que deveríamos enviar a ele e a Samantha Littleton ingressos para a peça da próxima semana e depois levá-los para jantar, não acha?

—Em Paris. — Michael concordou com uma risada.

Capítulo 75

—Que lugar fantástico! —Exclamou Courtney quando O'Hara a deixou entrar na sala de estar do apartamento de luxo de Michael, no Oeste do Central Park. Depois da morte de Jane Sebring, três semanas atrás, Leigh se mudou, saiu do seu antigo apartamento e insistiu que O'Hara e Hilda viessem juntos para que ela acompanhasse a recuperação deles. - Eu liguei para Leigh essa manhã e perguntei se poderia vir. Ela está aqui?

—Está na cozinha tentando convencer Hilda a deixar o pé no alto dos batentes das portas até que se sinta melhor. —respondeu Joe irritado.

—O Sr. Valente não tem sua própria governanta?

— Claro, mas Hilda a botou para correr a uma semana. Essa mulher é capaz de achar poeira onde não tem.

—Como você está se sentindo? —Perguntou Courtney a ele.

— Um idiota. — replicou Joe. _ A bala passou de raspão e eu infartei por isso.

—Não foi assim. —argumentou Courtney e com uma rara demonstração de carinho passou a mão pelo braço dele enquanto caminhava em direção a sala de jantar. —Você teve um infarte porque pensou que Hilda estava morta. Acho você é um doce com ela.

—Não sou não. Ela é a mulher mais mandona que já conheci. Mas pelo menos ela me deixa cortar as cartas quando jogamos gim.

—Você nunca se preocupou em cortá-las quando jogávamos. Parei até de perguntar se queria.

—Isso porque eu estava com pressa de perder todo meu dinheiro para você e acabar logo com aquilo. - brincou ele. _Pelo menos com Hilda eu tenho alguma chance de ganhar.

Courtney assentiu, mas já tinha outra coisa na cabeça e ficou séria.

— Eu recebi o convite para o casamento de Leigh e Michael. Ainda faltam três semanas mas eu já trouxe um dos presentes de casamento. Eles irão gostar ou me odiar para o resto da vida.

Joe parou.

— O que você quer dizer? Que tipo de presente é?

— É um jornal. —Courtney respondeu vagamente. Então ela pôs uma cara feliz

no rosto e entrou na cozinha, onde disse a Hilda: — O' Hara me disse que achou um jeito de trapacear quando corta as cartas no gim.

Hilda se voltou devagar com as mãos nos quadris e sobrancelhas juntas e arqueadas com uma expressão irada que não chegou a atingir os olhos.

— Vou ficar de olho nele depois disso.

— Boa ideia. Courtney falou, sentando na cadeira da mesa da cozinha onde estava Leigh revisando a correspondência. — Onde está Brenna? Por que não é ela quem está fazendo isso?

Leigh afastou as cartas e deu um rápido abraço em Courtney.

— Ela tinha um encontro no almoço.

— Como estão os planos para o casamento?

Leigh riu.

— Nós enviamos cem convites e parece que temos cento e oito convidados. O prefeito Eldeman e sua esposa e o senador Hollenbeck e sua esposa estarão lá. O gerente do hotel Plaza está determinado a providenciar uma segurança especial que o prefeito e o senador não querem. O mestre de cerimônias está convencido de que devemos passar para um salão maior. O *chef* está arrancado os cabelos por causa dos meus pedidos especiais e a tia de Michael ameaçando fazer ela mesma o buffet. — Quando Courtney não riu de volta, Leigh a estudou por um momento e disse: — O que foi?

— Nada. Bem...é uma coisa. — Procurando dentro de sua grande mochila, Courtney tirou várias folhas de papel datilografadas e uma cópia do jornal *USA today*. Ela deu as folhas a Leigh mas manteve o jornal dobrado em seu colo. — Duas semanas atrás — explicou — depois de entrevistar o Tenente McCord, terminei meu artigo sobre Michael para minha aula de investigação jornalística. Eu pensei que você gostaria de vê-lo.

— Eu adoraria vê-lo. — Leigh disse, intrigada com a apreensão incomum da adolescente. Recostada na cadeira, Leigh lê o artigo escrito por uma estudante adolescente de uma classe especial de jornalismo para superdotados intelectualmente:

Entre os cidadãos dos Estados Unidos, há uma crença amplamente difundida de que o sistema da justiça criminal existe para proteger os cidadãos os cidadãos cumpridores da lei, e quando o sistema falha, o erro está em deixar impune o culpado, não em perseguir deliberadamente um inocente.

A maioria de nós acredita nisso, como também acredita que uma pessoa deve ser considerada inocente até que se prove em contrário, além de toda dúvida razoável; essa "dupla penalização" impede que alguém seja julgado mais de uma vez pelo mesmo crime cuja dívida já foi paga à sociedade. A dívida é... paga na íntegra.

Mas há alguns de nós que tem razão em duvidar de todos esses conceitos, dúvidas baseadas em uma amarga experiência, não em pseudo-intelectualismo ou filosofia melancólica. Michael Valente é um desses.

Michael Valente não é um homem fácil de se conhecer. E até conhecê-lo, não é um homem fácil de se gostar. Mas como qualquer pessoa que lê jornal ou assiste

Alguém que cuide de mim

os noticiários eu pensava que sabia tudo sobre ele muito antes de conhecê-lo. E assim, não gostava dele.

Gosto dele agora.

Mais do que isso, eu o admiro e respeito. Gostaria que ele fosse meu amigo, meu irmão ou meu tio. Gostaria de ser mais velha ou ele mais novo, porque, como tenho visto por mim mesma, quando Michael Valente ama a uma mulher, ele ama de forma generosa, galante e incondicionalmente. É permanente, para sempre.

É claro, há uma desvantagem em ser amada por ele: Aparentemente se permite que o sistema da justiça criminal tenha uma licença para espionar, difamar, deturpar e perseguir não só a ele como a você também. Permite que sejam violados todos os direitos civis garantidos pela Constituição e que o sistema prometeu defender.

Daquela parte em diante, o artigo de Courtney era mais objetivo do que emotivo e documentava várias causas apresentadas contra Michael. Quando Leigh terminou de ler o artigo, Courtney já tinha pegado uma maçã e a comia, olhando preocupada para Leigh.

Leigh estava tão tocada pelo artigo que esticou a mão para cobrir a de Courtney.

— O que você achou disso? — Perguntou Courtney.

— Achei maravilhoso. — disse Leigh suavemente. — E acho que você é maravilhosa também.

— Não diga isso ainda. — disse Courtney de forma evasiva.

— Por quê?

Quando Courtney hesitou, Leigh pensou que talvez o professor de jornalismo não tivesse gostado do trabalho. Ela perguntou a adolescente o que ele tinha achado.

Antes de responder, Courtney deu uma mordida na maçã.

— Bem, ele não ficou tão entusiasmado como você. Acusou-me de ter sido flagrantemente parcial em prol do meu entrevistado e utilizado um estilo de escrita que estava “*tão emotivamente sentimental que não poderia ser digerido em um estômago vazio*”. Ele disse que a única ligação entre o jornalismo investigativo e o que eu escrevi era o papel que usei para isso.

— Não acho isso justo. — exclamou lealmente Leigh.

— Por quê não? Tinha toda razão do mundo. Eu sabia que ele diria alguma coisa assim.

— Então por que escreveu o artigo dessa maneira?

Courtney deu outra mordida na maçã e mastigou por um tempo enquanto ela pensava na resposta.

— Eu queria esclarecer bem as coisas sobre Michael Valente.

— Eu sei que você quis e a aprecio por isso, mas eu também me lembro que seu professor iria dar só um A na classe e eu sabia o quanto você queria conseguir isso.

— Eu consegui.

— Conseguiu? Como?

— Recebi uma excelente pontuação por “*difícil grau de acesso ao entrevistado*” e por “*novo ponto de vista*”.

—Eu acredito nisso. —disse Leigh com um sorriso.

— Mas teve outra coisa que me garantiu o “A”

—O que foi? —Leigh perguntou tentando entender a expressão hesitante de Courtney.

Em resposta, Courtney pegou do seu colo a nova edição do jornal *USA Today*, que tinha sobre a saia, abriu-o em uma página interna, dobrou e deslizou-o sobre a mesa para Leigh. —Até consegui assinar o artigo.

Os olhos de Leigh se arregalaram com uma mistura de alarme e horror divertido ao passar o olhar pelo jornal aberto. —Ah, meu Deus.

—Honestamente, eu não sabia que nosso professor ia submeter os artigos aos serviços de notícias só para ver o que poderia acontecer, — Courtney explicou — mas quando eu soube que meu artigo foi escolhido, realmente senti que como Michael era difamado pela mídia nacional, ali era o lugar para que essa situação fosse corrigida. Quero dizer, ele já é uma espécie de herói em Nova Iorque para qualquer um que já tenha sido tratado rudemente por um policial em uma multa de trânsito. Mas eu queria esclarecer a situação em qualquer outro lugar que eu pudesse fazê-lo.

Ela pareceu ficar sem palavras em sua defesa e seus ombos caíram.

— O que você acha que o Michael vai dizer? Quero dizer, é um tipo de invasão de privacidade quando eu na verdade nunca o entrevistei, formalmente, quero dizer.

Sem saber que O’Hara e Hilda também estavam olhando preocupados para ela, Leigh tentou imaginar como Michael se sentiria sobre o artigo.

— Ele nunca se importou com o que as outras pessoas pensavam dele. — ela disse depois de um momento. — Ele não se importava quando os jornais denegriam sua reputação, então duvido muito que ele vai estar mais preocupado do que você, por ter abrilhantado tudo por ele.

Capítulo 76

Com seu rosto descansando sobre o peito musculoso de Michael, Leigh olhou para o relógio em sua mesa de cabeceira e percebeu que já era hora de começar a se vestir para o casamento. Mas primeiro tinha algo a dizer a Michael e decidiu fazer uma abordagem indireta no assunto.

—Há alguma coisa muito hedonista em fazer amor justo antes de ir para seu próprio casamento.— comentou ela com suavidade.

Michael sorriu, completamente satisfeito, enquanto deslizava os dedos pela curva do ombro e braço de Leigh.

— Palavra legal, “*hedonista*”.

—Na realidade, há uma cláusula em nosso contrato que se refere a esse

assunto.

—A busca do prazer?

Ela assentiu, esfregando a face contra o peito dele.

—Eu não me lembro dessa cláusula. —brincou Michael.— O que ela diz?

—Ela diz que em sua busca diligente de prazer, podem ocorrer certos resultados que implicará uma alteração de outras cláusulas.

—Qual cláusula precisa ser modificada?

—Acho que você disse que era a Cláusula 1, Inciso C, cujo título era: "*Alguém que me proteja*". —Mmm —respondeu Michael.— Eu falhei em cumprir essa cláusula?

— De maneira alguma. —se apressou em dizer Leigh.— Mas é necessário alterar a cláusula porque o pronome já não é mais o correto.

— Sério? —Perguntou Michael enquanto seu sorriso ia aumentando em antecipação a resposta dela. — O que essa cláusula deveria dizer agora?

— Deveria dizer "*Alguém que nos proteja*".

Leigh estava dizendo a ele que estava grávida, e a felicidade de Michael fez com que sua voz ficasse rouca.

—Renegociar um contrato antes de ele ser validado pode ser um trâmite longo e complicado. Quando será preciso mudar essa cláusula em particular?

—Dentro de mais ou menos sete meses.

Ele olhou o céu por um momento, calculando as datas, e seu sorriso se tornou em satisfação.

— Sério? Na primeira noite?

—É provável.

—Um bebê. —disse ele e suspirou.— Que presente perfeito de casamento!

Leigh afundou seu rosto sorridente no peito de Michael.

—Sabia que você veria desse jeito.

—Já tem alguns nomes?

Ela riu mais ainda.

—Não. E você?

—Não, —reconheceu ele— mas em antecipação a esse momento. —Fez uma pausa para esticar o braço em direção a cabeceira e abrir a gaveta,— comprei um desses, poucos dias atrás. —E pôs na mão de Leigh um delicado sapatinho de crochê, pequenininho. Era amarelo com lacinhos azuis na frente e círculos entrelaçados em verde e rosa na lateral.

—Você só comprou um desses? —Perguntou Leigh, com os olhos cheios de lágrimas de felicidade.

Ele assentiu.

—Não pensou que deveria ter comprado dois?

—Tem alguma coisa dentro dele.— explicou Michael.

Então Leigh o apalpou, era um objeto duro.

—Por favor, não me diga que é um brinquedo. —brincou.

Sob seu rosto, o peito de Michael tremia de riso quando ela virou o sapatinho de cabeça para baixo.

Uma réplica exata do sapatinho caiu, perfeita em cada detalhe e cor. Era feita de diamantes.

Capítulo 77

Com o paletó do smoking pendurado no ombro, Michael encaminhou-se para o bar com a intenção de abrir uma garrafa de champanhe enquanto Leigh se vestia para o casamento deles. Ainda faltavam duas horas e o Plaza ficava a poucas quadras dali, mas Jason Solomon tinha telefonado um momento antes, para dizer que precisava de uma carona, do teatro na Broadway, ao Plaza. Por alguma razão, Leigh tinha concordado em fazer o desvio até o distrito dos teatros para pegá-lo em vez de dizer a ele que tomasse um táxi ou pedisse um carro por telefone.

Michael estava a ponto de abrir uma garrafa de Dom Pérignon quando ouviu O'Hara atender o telefone na cozinha. Um momento depois, O'Hara apareceu e disse:

— O tenente McCord está lá embaixo no lobby com a detetive Littleton. Tudo bem se eles subirem?

— Sim, está bem. — Respondeu Michael, mas como é natural, ficou intrigado que dois dos convidados para seu casamento, a quem esperava ver mais tarde no Plaza, viessem até sua casa.

Tal como Leigh tinha sugerido no hospital, tinham enviado a McCord duas entradas na primeira fila, para a peça de teatro que ela atuava, e McCord tinha levado Samantha Littleton como companheira. Depois da apresentação, Michael levou todos ao Essex House para jantar no Alain Ducasse, e durante a refeição de três horas, criou uma repentina amizade entre as duas mulheres. Na superfície, elas pareciam ter muito pouco em comum, com exceção de duas coisas: ambas tinham aproximadamente a mesma idade e as duas estavam apaixonadas por homens que claramente estavam apaixonados por elas. Minutos depois de sentarem-se para jantar Michael tinha notado que McCord foi realmente fisgado pela linda detetive morena, e quando Michael fez um comentário de brincadeira sobre esse assunto, McCord não negou.

Pelo menos isso deu a Michael algo em comum com McCord, o que foi bom, porque Michael tinha a clara impressão que Leigh e Sam queriam que McCord e ele fossem amigos, embora, nesse momento, ele não podia imaginar por que razão duas mulheres inteligentes e bonitas podiam pensar que ele e McCord tivessem sequer algo em comum. Entretanto, Michael seguiu a corrente porque intuía que Leigh queria forjar novas amizades como parte de sua vida com ele, em vez de integrá-la a todas suas amizades antigas, muitas das quais estavam maculadas com

lembranças de Logan.

Posto que McCord dirigia a investigação do prefeito em todas as acusações apresentadas contra Michael pela cidade de Nova York, McCord e ele estavam obrigados a ver-se periodicamente para falar do assunto, de modo que na realidade se viram muito nas últimas três semanas. Para sua grande surpresa, Michael começava a sentir um afeto cauteloso por seu antigo inimigo, e ele sabia que McCord se sentiu da mesma maneira sobre ele.

Enquanto pensava nesse fato, ouviu que O'Hara os fazia entrar e então ele serviu quatro taças de champanhe. Entregou a primeira a Sam Littleton, que lhe brindou com um sorriso e um rápido abraço.

— Está muito bonito. — ela disse. — Não sei como, mas você e Mack conseguem ter um aspecto bem rude e varonil de smoking, em vez de parecer um par de pinguins.

— Obrigado. — respondeu Michael com um sorriso preguiçoso. — E me permita que diga que você está muito feminina com esse traje, embora saiba que o vulto que se nota em sua bolsa de mão provavelmente é uma arma automática carregada.

— Tem razão, é. — disse ela e começou a rir. — Aonde está Leigh? — Perguntou e aceitou a taça de champanhe que ele entregava.

— Está se vestindo. — respondeu Michael.

— Eu vou ver se ela precisa de ajuda. — disse Sam e Michael deu-lhe outra taça para que levasse a Leigh.

Deu a última taça a McCord com um olhar inquisitivo, que McCord entendeu.

— Estou aqui para entregar um presente de casamento da parte do prefeito. — explicou.

Posto que McCord tinha uma taça de champanhe na mão direita e a esquerda estava no bolso das calças negras do smoking, Michael perguntou:

— Que presente?

— Para vê-lo tem que olhar pela janela — respondeu McCord e se aproximou da parede de vidro que dava para o Central Park Oeste. — Olhe lá embaixo, na rua.

Michael o fez e o que viu, vinte e oito andares abaixo, foi uma limusine cercada por um bando de policiais uniformizados em motocicletas.

— Oh, Deus. — disse secamente. — Policiais. Justo o que sempre quis.

— É uma escolta policial. — esclareceu McCord sorrindo. — Com os cumprimentos de Sua Excelência, o prefeito.

— Sério? Daqui de cima, com os capacetes colocados, pensei que eram alvos de argila e estava quase pedindo sua arma emprestada.

Juntos voltaram a aproximar-se do bar. O balcão de granito era suficientemente alto para que Michael apoiasse comodamente o antebraço direito, coisa que fez enquanto seu campo visual incluía o living, já que esperava ver, a qualquer momento, Leigh com seu vestido de noiva.

— Temos que sair cedo. — disse Michael e bebeu um gole de champanhe. — Passaremos primeiro pelo teatro para pegar Solomon e Eric Ingram e levá-los ao hotel.

McCord se aproximou do outro extremo do bar e apoiou o antebraço esquerdo na superfície de granito.

— Por quê? — Perguntou enquanto levava a taça a boca.

Michael sacudiu a cabeça, sua voz cheia de diversão tolerante.

— Não tenho a menor ideia de por que Leigh aceitou passar lá para buscá-los, mas o certo é que o fez. Vocês querem nos acompanhar?

— Não, obrigado. — respondeu McCord. — Solomon está furioso porque a Receita Federal o colocou sob auditoria. Ele acredita que isso ocorreu porque nós o interrogamos sobre o depósito em efetivo de duzentos mil dólares feito por Manning, e que o entregamos à Receita depois. Inclusive ele escreveu uma severa carta de protesto ao governador.

Michael riu e disse, sardonicamente:

— Isso fará um bem enorme a ele.

— Sam e eu vamos nos casar. — disse McCord calmamente.

Michael o olhou por cima do ombro e franziu a sobrancelha para simular surpresa.

— Que tipo de droga você deu a ela para que aceitasse fazer uma coisa assim?

— Suponho que um pouco menos potente que a que você usou com sua futura esposa. — respondeu McCord.

— Eu tenho um château na França. Se realmente conseguir que essa moça preciosa se case contigo em lugar de derrubá-lo com um tiro, poderiam usá-lo para a lua de mel.

— Sam tem uma excelente pontaria. — comentou McCord com orgulho e bebeu outro gole de champanhe.

— Nesse caso, procure se assegurar de nunca levá-la para cama quando estiver zangada. — disse Michael gargalhando e também bebeu um gole de champanhe.

— Ela ficaria encantada de passar a lua de mel em um château francês, eu acho. E eu também.

Michael assentiu.

— Me avisem as datas em que o querem e eu me assegurarei de que esteja preparado e com todo o pessoal de serviço a disposição de vocês.

Sam e Leigh emergiram do quarto, avançaram para o living e se detiveram com divertida surpresa ao ver os dois homens junto ao bar. Os dois se apoiavam no antebraço, bebiam champanhe e se observavam por cima do ombro.

— São tão parecidos! — Sussurrou Sam entre risadas. — Percebi isso muito tempo atrás.

— Eu também notei. — disse Leigh. — Mas eles não acreditam que são nada parecidos.

Sam permaneceu calada por um momento, tentando encontrar uma analogia que os descrevesse.

— Um par de leões. — disse em voz alta.

Leigh assentiu e olhou para Michael.

—Teriam sido inimigos terríveis.

Ao ouvir o som de suas vozes, Michael levantou a vista e ficou sem fala ao ver Leigh caminhando para ele em um vestido justo, creme, longo e sem alças, coberto com renda francesa. No pescoço usava a gargantilha de diamantes e pérolas que ele tinha dado a ela. E, no mais profundo de seu corpo esbelto, ela abrigava seu filho.

Ela entregou a ele a capa de veludo água-marinha que levava nos braços e se virou. Michael a colocou sobre seus ombros e depois deslizou a mão em atitude protetora sobre o abdômen chato de Leigh.

— Obrigado. — ele sussurrou.

Ela cobriu as mãos dele com as suas e lhe dedicou um sorriso derretido por cima do ombro.

— Eu ia te dizer o mesmo.

Capítulo 78

O crepúsculo caía quando a caravana de automóveis desviou para a Broadway e O'Hara reduziu a velocidade da limusine. Na rua, os pedestres viravam a cabeça para vê-los passar e tentavam espiar o lado de dentro, pelas janelas escurecidas da longa Mercedes.

No assento de atrás, Michael olhou pela janela e automaticamente esperou ver o nome "*Leigh Kendall*" iluminado, na marquise do teatro de Solomon. Tinha feito isso durante anos, consciente ou inconscientemente, cada vez que estava na Broadway. Invariavelmente, o fato de ver seu nome ali lhe provocava uma explosão de nostalgia seguida de um mergulho fatalista na realidade, por ter perdido, muito tempo antes, a oportunidade de aproximar-se dela.

Mas o destino tinha dado a ele uma segunda oportunidade, pensou Michael com um sorriso interno, e desta vez não a tinha deixado passar, nem tinha perdido um instante. Três meses antes Leigh era a esposa de Logan Manning. Desde então, Michael a tinha feito passar de viúva a noiva, com tempo para fazê-la mãe, entre as duas coisas.

Apenas doze semanas antes ela esteve de pé, na frente dele em uma festa, usando um vestido vermelho e escondendo com uma máscara de cortesia o desprezo que sentia por ele. Esta noite, Leigh estava sentada junto dele em seu carro, usando um precioso vestido de noiva e com sua mão entrelaçada com a dele. Dentro de pouco mais de uma hora ia estar de pé, junto a ele, em frente a um juiz da suprema corte e voluntariamente uniria sua vida à dele. E dentro de sete meses e meio, ia dar a ele seu primeiro filho.

Ele tinha, certamente, sido ajudado, em tudo aquilo, pela atração que surgiu entre ambos, que era tão intensa e tão vital, que tinha brotado à vida depois de permanecer em estado latente durante quatorze anos.

— No que você está pensando? — Leigh perguntou a ele.

— Em segundas oportunidades. — respondeu ele com um sorriso para seu rosto enlevado. — Pensava no destino e segundas oportunidades. Também pensava que se Solomon não estiver pronto e nos esperando na porta do teatro, arrastarei-o a este automóvel qualquer que seja a etapa de vestir-se — ou de despir-se — em que esteja quando o encontrar.

Leigh riu diante dessa ameaça e olhou pela janela do automóvel.

— Estamos quase chegando ao teatro e vejo Jason na calçada, mas parece que está tendo problemas com a iluminação novamente.

Michael olhou pela janela e viu que na marquise brilhava o nome da peça de teatro mas que o nome de Leigh estava às escuras. Solomon se encontrava de pé na calçada, de smoking, a cabeça arremessada para trás, a vista fixa na marquise e um telefone celular contra sua orelha. Eric Ingram se encontrava parado alguns metros atrás, também de smoking, e olhava a marquise. Em frente à bilheteria, as pessoas começavam a formar fila com a esperança de comprar ingressos não reclamados para a apresentação, se algum se tornasse disponível no último minuto.

— Pobre Jason. — explicou Leigh com um pequeno suspiro de compreensão. — Não tem feito mais que ter problemas com as luzes desde a noite da estreia.

A mente de Michael estava na cerimônia de casamento, e não nas marquises, assim ele não percebeu o tom estranho e terno de Leigh quando disse a ele:

— Poderíamos descer por um minuto? Do contrário ele ficará ali parado para sempre, frustrando-se e gritando por telefone com o supervisor da iluminação.

Michael assentiu, resignado e quase divertido ao pensar que, quando se tratava do mundo do *show business*, pelo visto os problemas com as luzes tinham mais importância que qualquer outra coisa, incluindo um casamento iminente. Elevando um pouco a voz, disse a O'Hara:

— Estacione em frente ao teatro, o mais perto possível do meio-fio. Vamos descer um momento. Solomon tem problemas com as luzes.

— Você está brincando? — Exclamou O'Hara e olhou, boquiaberto, para Michael pelo espelho retrovisor. — Vocês já estão vestidos para a cerimônia e tenho quatro policiais de motocicleta diante de mim e outros quatro atrás. Acaso Solomon não pode chamar um eletricista como faria qualquer outra pessoa?

— Evidentemente, não. — foi a resposta irônica de Michael.

Um momento depois, oito policiais em motocicletas e uma limusine que conduzia uma noiva e um noivo em roupas formais para o casamento estacionaram junto ao meio fio - porque Jason Solomon tinha problemas com as luzes.

A manobra produziu um engarrafamento no tráfego quando os outros veículos tentaram desviar dessa caravana e, ao mesmo tempo, olhar quem eram os protagonistas do fato e por que em frente a um teatro, duas horas antes que comessem a maioria das apresentações na Broadway.

Michael ajudou Leigh a descer; logo os dois se aproximaram de Solomon e permaneceram junto a ele na calçada, os três olhando a marquise no alto.

— O problema estará solucionado em um minuto, eu acredito — assegurou Solomon.

Na rua, os policiais em suas motocicletas começaram a olhar também para a marquise, assim como os pedestres, que começaram a agrupar-se. As pessoas na fila em frente à bilheteria não podiam ver para o que olhavam todas essas pessoas, assim começaram a observar o espetáculo que acontecia na calçada.

De repente, uma das mulheres da fila reconheceu Leigh e gritou seu nome:

— Senhorita Kendall! — Gritou, muito excitada. — Poderia dar um autógrafo a mim e a minha filha?

— Volto logo. — disse Leigh a Michael com um olhar de desculpa, e se aproximou da mulher para assinar os autógrafos.

Ele consultou seu relógio. Ainda tinham bastante tempo, graças à escolta dos policiais de motocicleta, mas ele estava perdendo a paciência com Solomon.

— O que há de errado com as luzes? — perguntou ele.

Solomon deu um sorriso distraído para ele, olhou para a marquise e retrocedeu uns passos para vê-la melhor.

— Nós conseguimos agora. — disse a quem quer que estivesse do outro lado da linha telefônica. Jason adicionou: — Acenda. Uma letra de cada vez.

Um momento depois, Michael viu que o nome de Leigh começava a acender com intensas luzes brancas.

L-E-I-G-H V-A-L-E-N-T-E

Michael baixou a vista da marquise e sentiu que formava um nó pouco familiar na garganta.

A seu lado, Solomon disse:

— Há algo que precisa saber... Algo que faz a decisão de Leigh de levar seu sobrenome muito significativo.

— Não posso imaginar nada que a faça parecer mais significativa que o que estou vendo neste momento. — disse ele com tom áspero.

— Já mudará de ideia, — predisse Solomon — quando te disser que Leigh tomou essa decisão na noite que nos conhecemos no St. Regis. Você se afastou para fazer uma ligação e ela insistiu em que eu estivesse pronto para trocar o sobrenome dela pelo seu.

O nó na garganta de Michael se tornou mais intolerável.

— Naquele momento, — Solomon recordou a ele desnecessariamente — seu sobrenome não era algo que pudesse orgulhar a ninguém, mas ela estava orgulhosa dele, mesmo assim.

Michael não ouviu que outra pessoa gritava e perguntava se podia tirar uma fotografia dele com Leigh, e tampouco viu a mulher levantar a câmara. A única coisa que viu foi Leigh, que caminhava para ele, sorrindo e com os olhos brilhantes de amor.

Ele a puxou para seus braços, quase rudemente, e pressionou a face dela contra seu coração.

— Eu adoro você. — sussurrou com voz rouca pela emoção.

FIM

Alguém que cuide de mim

Revisão: Ana Raquel, Carla, Mônica, Miriam, Pamela, Marcia, Nathy, Ana P., Roseli, Maria José, Rita, Sandra, Juliana, Martha, Suany, Patricia, Alcione, Rosangela, Maria, Nayara .Se faltou sorry.

Revisão final: Maria Celeste, Paloma e Lilith